



Presidentes da Igreja

MANUAL DO ALUNO

Religião 345

Presidentes da Igreja

Manual do Aluno

Religião 345

Preparado pelo
Sistema Educacional da Igreja
Publicado por
A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias
Salt Lake City, Utah

AGRADECIMENTOS

Apresentamos nossos agradecimentos pelo uso dos auxílios visuais deste manual. Os que não estiverem identificados especificamente foram concedidos pelos Arquivos da Igreja, o Museu de História e Arte da Igreja, o Currículo Universitário do Sistema Educacional da Igreja e a Biblioteca de Recursos Visuais da Igreja.

Envie seus comentários e correções, incluindo erros tipográficos, para
CES Editing, 50 E. North Temple Street, Floor 8, Salt Lake City, UT 84150-2722 USA.
E-mail: ces-manuals@ldschurch.org

© 2003 Intellectual Reserve, Inc.
Todos os direitos reservados
Atualizado em 2004
Impresso no Brasil

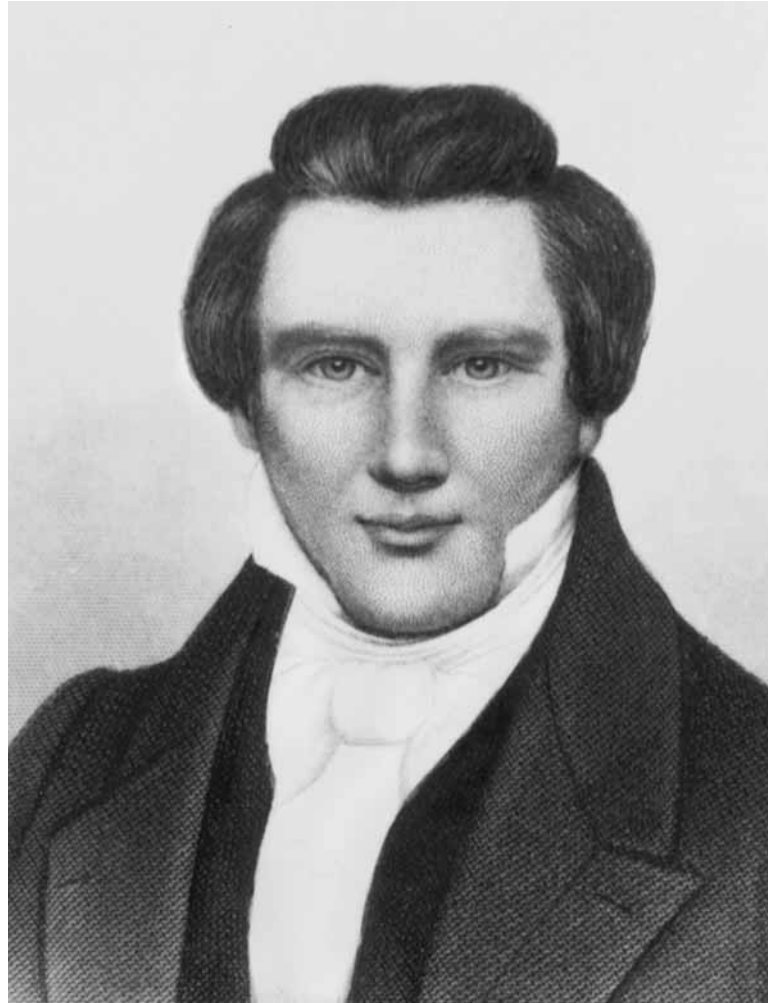
Aprovação do inglês: 10/04
Aprovação da tradução: 10/04
Tradução de *Presidents of the Church Student Manual: Religion 345*
Portuguese

Sumário

Capítulo 1	Joseph Smith — Primeiro Presidente da Igreja	1
Capítulo 2	Brigham Young — Segundo Presidente da Igreja	20
Capítulo 3	John Taylor — Terceiro Presidente da Igreja	40
Capítulo 4	Wilford Woodruff — Quarto Presidente da Igreja	57
Capítulo 5	Lorenzo Snow — Quinto Presidente da Igreja	76
Capítulo 6	Joseph F. Smith — Sexto Presidente da Igreja	94
Capítulo 7	Heber J. Grant — Sétimo Presidente da Igreja	111
Capítulo 8	George Albert Smith — Oitavo Presidente da Igreja	130
Capítulo 9	David O. McKay — Nono Presidente da Igreja	146
Capítulo 10	Joseph Fielding Smith — Décimo Presidente da Igreja	163
Capítulo 11	Harold B. Lee — Décimo Primeiro Presidente da Igreja	179
Capítulo 12	Spencer W. Kimball — Décimo Segundo Presidente da Igreja	196
Capítulo 13	Ezra Taft Benson — Décimo Terceiro Presidente da Igreja	215
Capítulo 14	Howard W. Hunter — Décimo Quarto Presidente da Igreja	236
Capítulo 15	Gordon B. Hinckley — Décimo Quinto Presidente da Igreja	258
Apêndice	Presidentes da Igreja Quadro Cronológico	285

Joseph Smith

PRIMEIRO PRESIDENTE DA IGREJA



Gravura de Frederick Hawkins Piercy

EVENTOS MARCANTES DA VIDA DE JOSEPH SMITH

Idade Acontecimentos

Nasce em 23 de dezembro de 1805 em Sharon, Condado de Windsor, Vermont, filho de Joseph e Lucy Mack Smith.

- 7 É submetido a uma cirurgia na perna e parte de um osso infeccionado é removido (inverno de 1812—1813).
- 14 Vê Deus, o Pai, e Seu Filho Jesus Cristo e fala com Eles (primavera de 1820).
- 17 Recebe a visita de Morôni, que lhe fala do registro nefita (21—22 de setembro de 1823; a partir de então, Morôni visita-o anualmente entre 1824 e 1827).
- 21 Casa-se com Emma Hale (18 de janeiro de 1827), recebe as placas de ouro (22 de setembro de 1827) e inicia a tradução (dezembro de 1827).
- 22 Perda de 116 páginas manuscritas do Livro de Mórmon (junho de 1828).
- 23 Ele e Oliver Cowdery recebem o Sacerdócio Aarônico de João Batista (15 de maio de 1829); recebem o Sacerdócio de Melquisedeque de Pedro, Tiago e João (provavelmente entre 16 e 28 de maio de 1829); as placas são mostradas às Três Testemunhas (junho de 1829).
- 24 Publicação do Livro de Mórmon (os primeiros exemplares são postos em circulação em 26 de março de 1830); organização da Igreja (6 de abril de 1830).
- 25 Muda-se com a família para Kirtland, Ohio (1831); dedica o terreno do templo em Independence, Missouri (3 de agosto de 1831).
- 26 Apoiado como presidente do sumo sacerdócio (25 de janeiro de 1832).
- 27 Organização da Primeira Presidência (18 de março de 1833).
- 28 Conduz o Acampamento de Sião de Ohio ao Missouri (de maio a junho de 1834).
- 29 Os membros do Quórum dos Doze Apóstolos (14 de fevereiro de 1835) e dos Setenta (28 de fevereiro de 1835) são chamados e ordenados; o livro de Doutrina e Convênios é aceito como escritura (17 de agosto de 1835).
- 30 Dedicar o Templo de Kirtland (27 de março de 1836); Jesus Cristo, Moisés, Elias e Elias, o profeta, aparecem para ele e Oliver Cowdery e restauram as chaves do sacerdócio (3 de abril de 1836).
- 32 É preso na Cadeia de Liberty (1838).
- 35 Início da construção do Templo de Nauvoo; planejamento da imigração de membros da Igreja europeus (1841).
- 36 Publicação do livro de Abraão (1º de março de 1842); organização da Sociedade de Socorro (17 de março de 1842); profetiza a partida dos santos para as Montanhas Rochosas (6 de agosto de 1842).
- 37 Registra a revelação relativa ao casamento eterno (12 de julho de 1843).
- 38 Candidata-se à presidência dos Estados Unidos da América (janeiro de 1844); ele e seu irmão Hyrum são martirizados na Cadeia de Carthage (27 de junho de 1844).

O Presidente Spencer W. Kimball, quando era presidente do Quórum dos Doze Apóstolos, escreveu:

“Quando as brumas do erro precisam ser dissipadas, as trevas espirituais necessitam ser penetradas e os céus abertos, nasce um bebê. Os poucos vizinhos que viviam por perto na montanhosa região interiorana [de Vermont] mal sabiam que Lucy [Mack Smith] estava grávida. Não havia acompanhamento pré-natal nem enfermeiras; não existiam hospitais, ambulâncias nem sala de parto. Os bebês viviam e morriam nesse ambiente difícil e poucos se davam conta.

Outro filho para Lucy! Não houve toque de clarins nem o envio de arautos; ninguém tirou fotografias nem deu muita atenção ao evento; apenas algumas pessoas amigáveis da comunidade passaram a notícia adiante. É menino! Seus irmãos mal podiam imaginar que um profeta acabava de nascer na família” (*Faith Precedes the Miracle* [1972], pp. 324–325).

Joseph Smith Júnior nasceu em 23 de dezembro de 1805, filho de Joseph e Lucy Mack Smith. Esses pais fiéis ensinaram verdades religiosas aos filhos. Lucy incentivava-os sobretudo a estudarem a Bíblia. Joseph Sênior, embora reticente quanto às igrejas tradicionais, tinha forte crença em Deus. Ambos os pais descendiam de várias gerações de antepassados que haviam procurado viver de acordo com princípios religiosos corretos.



Joseph Smith Sênior, pai do Profeta Joseph Smith, nasceu em 12 de julho de 1771 em Topsfield, Massachussets.



Lucy Mack Smith, mãe do Profeta Joseph Smith, nasceu em 8 de julho de 1776 em Gilsun, New Hampshire.

Joseph Smith Júnior era um espírito nobre, preordenado e instruído antes mesmo de nascer. Foi criado numa fazenda. Ao longo de sua infância, sua família mudou-se várias vezes na tentativa de encontrar um local mais propício à sobrevivência. Joseph trabalhava com a família e passou por muitas dificuldades. Eles sofreram perdas agrícolas, foram vítimas de fraudes imobiliárias e traições em investimentos. Em meio a tudo isso, a família Smith desempenhou um papel fundamental na restauração do evangelho nestes últimos dias.

JOSEPH SMITH ERA UM MENINO CORAJOSO E DETERMINADO



Joseph Smith quando jovem

Pintura de Theodore S. Gorka

Lucy Mack Smith escreveu acerca da luta de Joseph com uma infecção particularmente grave na perna esquerda, que o afligiu pouco depois de ele recuperar-se da febre tifóide:

“Sua perna começou a inchar subitamente e, durante duas semanas, ele sentiu dores excruciantes. Nesse período, carreguei-o nos braços quase continuamente, tentando aliviar-lhe as dores e fazendo tudo a meu alcance para amenizar seu sofrimento, até que minhas próprias forças se exauriram e eu mesma fiquei gravemente enferma.

Então Hyrum, que sempre mostrava extraordinária ternura e solidariedade, desejou assumir meu lugar. Como era um menino bondoso e digno de confiança, deixamos que o fizesse. Colocamos Joseph numa cama baixa e Hyrum sentou-se a seu lado, quase incessantemente, dia e noite, massageando a parte mais afetada da perna e ajudando assim o pequeno enfermo a suportar melhor a dor, que do contrário parecia prestes a tirar-lhe a vida” (*History of Joseph Smith by His Mother*, eds. Scot Facer Proctor e Maurine Jensen Proctor [1996], p. 73).



Em 1811, os Smith alugaram uma fazenda em West Lebanon, New Hampshire. Essa casa foi identificada como a residência da família. Foi demolida em 1967.

Fotografia cedida gentilmente por Russell R. Rich

Depois de várias semanas e duas tentativas infrutíferas de reduzir o inchaço e estancar a infecção, a família consultou uma junta de cirurgiões. A recomendação deles foi amputar a perna, mas a mãe de Joseph recusou-se a permiti-lo antes de eles tentarem outra operação. Ela escreveu:

“O cirurgião-chefe, depois de alguns instantes de conversa, pediu cordas para imobilizar Joseph na cama, mas Joseph opôs-se. Quando o médico insistiu, Joseph disse com determinação: ‘Não, doutor. Não vou ficar atado. Posso suportar a operação melhor se ficar solto.’

‘Então’, propôs o médico, ‘quer beber um pouco de vinho? Precisa tomar algo ou nunca suportará a intervenção dolorosa a que será submetido’.

‘Não’, respondeu o menino, ‘não vou tomar nenhuma gota de álcool nem serei amarrado, mas vou dizer-lhe o que farei. Vou pedir a meu pai que se sente na cama a meu lado e então farei o que for necessário para a remoção do osso. Mas, mãe, quero que saia da sala. Sei que não suporta ver-me sofrer tanto. Meu pai será capaz. Mas a senhora carregou-me tanto e velou por mim por tanto tempo que está exausta.’ Então, fitando-me nos olhos e com o rosto banhado de lágrimas, suplicou: ‘Mãe, promete que não vai ficar? O Senhor me ajudará. Vou agüentar tudo, então saia e vá para longe, até o fim da cirurgia’.

Os cirurgiões começaram a operação perfurando a perna até chegarem ao osso afetado, primeiro de um lado do osso e depois do outro. Em seguida, soltaram o osso com fórceps. Assim, removeram nove grandes pedaços do osso. Quando arrancaram o primeiro, Joseph gritou de dor tão alto que não pude conter-me e corri até ele, mas assim que entrei no quarto, ele exclamou: ‘Não, mãe! Saia! Saia! Não quero que entre. Vou suportar, mas saia!’” (Smith, *History of Joseph Smith by His Mother*, pp. 74–75).

A recuperação foi lenta, mas a perna do jovem Joseph terminou por sarar, e a única seqüela foi uma leve coxeadura.



Em 1816, Palmyra, Nova York, era um vilarejo agrícola. Quando o canal Erie foi construído na área em 1822, a cidade tornou-se um próspero centro comercial. Este cruzamento chama-se Quatro Esquinas e tem uma igreja diferente em cada extremidade: Metodista, Presbiteriana, Episcopal e Batista. A capela presbiteriana foi a primeira a ser construída, em 1832, um ano depois de os Smith se mudarem para Ohio. As outras foram concluídas em 1870.



1) Floresta conhecida como Bosque Sagrado, (2) local da casa de madeira inicialmente construída pela família Smith e restaurada posteriormente, (3) casa iniciada por Alvin Smith, (4) vista da Cidade de Palmyra. A Igreja comprou a fazenda inteira dos Smith, incluindo o Bosque Sagrado, em 1907.

DEUS, O PAI, E SEU FILHO, JESUS CRISTO, APARECERAM AO MENINO-PROFETA



Uma típica reunião ao ar livre por volta de 1830—1835; desenho de A. Rider

Havia grande agitação religiosa no oeste de Nova York no início do século XIX (ver *História da Igreja na Plenitude dos Tempos*, 2ª ed. [2000], pp. 30—32). O jovem Joseph Smith, influenciado por esse fervor e preocupado com sua condição espiritual, estava confuso com os ensinamentos conflitantes. Existiam inúmeras igrejas e seitas opostas, e cada uma se indispunha contra as demais. Quem estava com a razão? Joseph encontrou respostas a essas perguntas na primavera de 1820 quando foi visitado por Deus, o Pai, e Seu Filho, Jesus Cristo (ver Joseph Smith — História 1:5–20).



O Bosque Sagrado, perto de Palmyra, Nova York

Quando o Presidente Harold B. Lee visitou o local que chamamos de Bosque Sagrado em 28 de julho de 1973, testificou: “Sei que este é o lugar onde apareceram o Pai e o Filho” (em Dell Van Orden, “Pres. Lee Visits Hill Cumorah”, *Church News*, 4 de agosto de 1973, p. 3).

DETALHES ADICIONAIS DO RELATO DE 1832 DE JOSEPH SMITH DA PRIMEIRA VISÃO

Ao longo de seu ministério, o Profeta Joseph Smith relatou sua experiência da Primeira Visão diversas vezes. Redigiu em 1838 o relato em Joseph Smith — História, em Pérola de Grande Valor (ver Joseph Smith — História 1:2).

Num relato anterior, ele deu alguns detalhes adicionais sobre sua preocupação com qual igreja era verdadeira e com as perguntas desconcertantes que



Pintura de John Scott

“Quando a luz pousou sobre mim, vi dois Personagens cujo esplendor e glória desafiam qualquer descrição, pairando no ar, acima de mim” (Joseph Smith — História 1:17).

terminaram por levá-lo a consultar a Deus: “Quando eu tinha cerca de 12 anos de idade, minha mente começou a preocupar-se seriamente com as questões cruciais relativas ao bem-estar de minha alma imortal, o que me levou a examinar as escrituras, pois eu acreditava, como me fora ensinado, que elas continham a palavra de Deus. Assim, meu estudo das escrituras e meu contato íntimo com as diferentes denominações conduziram-me a um estado de

grande perplexidade, pois observei que suas obras e palavras não estavam à altura de suas declarações de fé, conforme eu esperaria ao ler as santas escrituras. Isso me trouxe grande angústia à alma. Assim, dos doze aos quinze anos de idade, ponderei muitas coisas em meu coração no tocante à situação da humanidade no mundo, as contendas e divisões, a iniquidade e as abominações e as trevas que encobriam a mente da humanidade. Minha mente ficou profundamente aflita, pois convenci-me de meus pecados e, ao examinar as escrituras, constatei que a humanidade não buscava o Senhor, mas apostataria da fé verdadeira e viva. Não havia nenhuma sociedade ou denominação edificada sobre o evangelho de Jesus Cristo conforme os preceitos do Novo Testamento. Senti-me impelido a lamentar meus próprios pecados e os pecados do mundo, pois eu aprendera nas escrituras que Deus era o mesmo ontem, hoje e para sempre e não fazia acepção de pessoas, pois era Deus. Eu contemplava o sol, o glorioso luminar da Terra; a lua, fazendo com esplendor sua trajetória pelo céu; as estrelas que brilham em sua órbita e a Terra em que eu estava. Via igualmente as bestas do campo, as aves do céu e os peixes das águas, bem como o homem que andava na face da Terra com majestade e beleza. (...) E quando eu pensava em todas essas coisas, meu coração exclamava: ‘Razão tinha o sábio ao dizer que néscio é aquele que diz em seu coração que não há Deus’. Meu coração bradava: ‘Tudo isso dá testemunho e evidência de um poder onipotente e onipresente, um Ser que cria leis e decretos e que tudo controla com Seus estatutos, que preenche a eternidade, que era e é de toda a eternidade para toda a eternidade. E ao refletir sobre tudo isso e sobre esse Ser que convida os homens a adorarem-No em

espírito e em verdade, dirigi-me ao Senhor e supliquei-Lhe clemência, pois não havia ninguém mais a quem eu pudesse buscar para receber misericórdia. E o Senhor ouviu meus clamores no deserto e, ao invocá-Lo, no [15º] ano de minha vida, vi um pilar de luz acima de minha cabeça, mais brilhante que o sol ao meio-dia, que desceu do céu e repousou sobre mim, e fiquei cheio do Espírito de Deus. E o Senhor abriu os céus para mim; vi-O e Ele falou-me, dizendo:

‘Joseph, Meu filho, teus pecados te são perdoados. Segue teu caminho, anda em Meus estatutos e guarda Meus mandamentos. Eis que sou o Senhor da glória. Fui crucificado pelo mundo a fim de que todos os que crerem em Meu nome tenham a vida eterna. Eis que o mundo se acha em pecado nesta época, e não há sequer um homem que faça o bem. Desviaram-se todos



Estrada rural para Cumora

Fotografia de Don O. Thorpe

do evangelho e não guardam Meus mandamentos. Aproximam-se de Mim com os lábios, mas seu coração está longe de Mim. E Minha ira está acesa contra os habitantes da Terra para visitá-los segundo sua iniquidade e cumprir o que foi anunciado pela boca dos profetas e apóstolos. E eis que depressa venho, como foi escrito a Meu respeito, nas nuvens do céu, revestido da glória de meu Pai’. E minha alma encheu-se de amor e por muitos dias regoziquei-me com grande alegria, e o Senhor permaneceu comigo, mas não encontrei ninguém que acreditasse em minha visão celeste” (Joseph Smith, “Kirtland Letter Book” [Manuscrito, LDS Historian’s Library], 1829–1835, pp. 1–6, citado em Dean C. Jessee, “The Early Accounts of Joseph Smith’s First Vision”, *BYU Studies*, vol. 9, nº. 3, primavera de 1969, pp. 279–280; a ortografia, a pontuação, o uso de iniciais maiúsculas e outros aspectos gramaticais foram alterados de acordo com o uso moderno).

JOSEPH SMITH FOI PERSEGUIDO E RIDICULARIZADO POR SEU TESTEMUNHO DE QUE DEUS LHE FALARA

A revelação, ausente por tanto tempo, voltara ao mundo, mas por afirmar ter recebido novas revelações, Joseph Smith foi vítima de uma ira imediata e generalizada (ver Joseph Smith — História 1:21–26). Lucy Mack Smith, a mãe do Profeta, escreveu que da época da Primeira Visão na primavera de 1820 “até 21 de

setembro de 1823, Joseph continuou, como de costume, a trabalhar com seu pai, e não aconteceu nada de importância transcendental durante esse período — embora ele tenha sofrido toda sorte de oposição e perseguição dos diferentes grupos religiosos” (*History of Joseph Smith by His Mother*, p. 101).

JOSEPH SMITH PERMANECEU HUMILDE



Pintura de Dale Kibbourn

“Eu tivera uma visão; eu sabia-o e sabia que Deus o sabia e não podia negá-la nem ousaria fazê-lo” (Joseph Smith — História 1:25).

Os céus tinham-se aberto e Joseph Smith vira o Pai e o Filho. Em vez de gabar-se de possuir um grau superior de santidade e de incentivar a adulação das pessoas a sua volta, ele escreveu:

“Continuei minhas ocupações comuns na vida (...), sofrendo todo o tempo severa perseguição nas mãos de todos os tipos de homens, tanto religiosos como irreligiosos, porque eu continuava a afirmar que tivera uma visão.

(...) Tendo sido proibido de unir-me a qualquer das seitas religiosas da época e sendo ainda muito jovem e perseguido por aqueles que deveriam ter sido meus amigos e me tratado com bondade — e se supunham eles que eu estava iludido, deveriam ter procurado, de maneira apropriada e afetuosa, reconquistar-me — fui abandonado a toda sorte de tentações; e, misturando-me a todo tipo de gente, caí freqüentemente em muitos erros tolos, exibindo as fraquezas da juventude e as debilidades da natureza humana; o que, sinto dizer, levou-me a tentações diversas, ofensivas à vista de Deus. Ao fazer esta confissão, ninguém deve crer-me culpado de quaisquer pecados grandes ou malignos. Jamais existiu em minha natureza disposição para tal. Mas fui culpado de leviandades e, às vezes, andava com companhias joviais etc., o que não condizia com a conduta que devia ser mantida por uma pessoa que fora chamada por Deus, como eu. Isso, porém, não parecerá estranho para quem se recorda de minha juventude e conhece meu temperamento naturalmente alegre” (Joseph Smith — História 1:27–28).

Alguns inimigos do Profeta Joseph Smith e da Igreja tentaram inferir, a partir dessa auto-avaliação honesta de Joseph, que ele não era digno de seu chamado. Ele deu a seguinte resposta aos críticos:

“Durante esse período, como costuma acontecer com a maioria dos jovens, senão todos, deixei-me levar por muitos vícios e tolices, mas como meus acusadores estão sempre prontos a acusar-me de violações graves e ultrajantes da paz e ordem da comunidade, aproveito esta oportunidade para ressaltar que, embora eu tenha dito antes ‘como costuma acontecer com a maioria dos jovens, senão todos, deixei-me levar por muitos vícios e tolices’, não cometi delitos graves (e ninguém pode provar o contrário) nem prejudiquei nenhum homem ou grupo de homens. E essas imperfeições às quais me refiro e que com freqüência lamento são decorrentes de uma mente frívola e não raro fútil, quando me envolvi em conversas tolas e superficiais.

(...) Não alego nem nunca aleguei ser nada além de um homem ‘sujeito a paixões’ e propenso, sem a graça e o auxílio do Salvador, a desviar-me do caminho perfeito que todos os homens receberam o mandamento de trilhar” (*History of the Church*, volume 1, p. 10).

MUITOS ANJOS VISITARAM JOSEPH SMITH

Em 1823, o anjo Morôni visitou Joseph Smith e começou a ensinar sobre a Restauração e o papel que ele viria a desempenhar nela (ver Joseph Smith — História 1:29—50). Com o desenrolar da Restauração, o Profeta foi instruído por vários anjos e antigos portadores das chaves do sacerdócio, “todos anunciando sua dispensação, seus direitos, suas chaves, suas honras, sua majestade e glória e o poder de seu sacerdócio” (D&C 128:21).



O mensageiro celestial Morôni apareceu a Joseph Smith quando ele tinha 17 anos, na noite de 21 de setembro de 1823.

Pintura de Tom Lovell

JOSEPH CONTOU A SEU PAI A VISITA DE MORÔNI

A mãe do Profeta Joseph Smith, Lucy Mack Smith, escreveu o que aconteceu após a visita de Morôni:

“No dia seguinte, Joseph, seu pai e seu irmão Alvin estavam trabalhando na lavoura. De repente,

Joseph parou e por alguns instantes parecia mergulhado em meditação profunda. Alvin apressou-o, dizendo: ‘Joseph, continue a trabalhar ou não vamos terminar nossa tarefa.’ Joseph recomeçou a lida com diligência, mas em seguida fez outra pausa semelhante. Quando o pai viu a palidez de Joseph, instou-o a voltar para casa e dizer a sua mãe que estava doente. Ele caminhou certa distância até chegar a um belo pasto verdejante com uma macieira. Ali, deitou-se, pois estava tão fraco que não tinha forças para seguir adiante.

Pouco depois, o mensageiro que o visitara na noite anterior apareceu novamente e disse: ‘Por que não contaste a teu pai o que eu te disse?’ Joseph respondeu que temia que seu pai não acreditasse. ‘Ele crerá em todas as palavras que lhe disseres’, garantiu o anjo.

Então, Joseph prometeu seguir as instruções do anjo, levantou-se e voltou ao campo onde tinham ficado meu marido e Alvin. (...) Joseph contou tudo o que acontecera entre ele e o anjo na noite anterior. Ao ouvir esse relato, seu pai orientou-o a obedecer fielmente às instruções recebidas desse mensageiro celeste” (*History of Joseph Smith by His Mother*, pp. 108–109; ver também Joseph Smith — História 1:48—54).

ELE RECEBEU UMA BÊNÇÃO PATERNA



Pintura de William Whitaker

Joseph Smith Sênior apoiou e incentivou seu filho Joseph a cumprir todas as designações dadas pelos mensageiros celestiais.

Joseph Smith Sênior apoiou incondicionalmente seu filho ao ouvi-lo narrar as visões e designações recebidas de mensageiros celestiais. Parte do apoio ao jovem Joseph veio na forma de advertências paternas para que tivesse cuidado a fim de não fracassar em sua importante missão. O pai do Profeta aprendeu por revelação que Joseph continuaria fiel e viveria

para cumprir integralmente sua missão. Em seu leito de morte, abençoou Joseph dizendo: “Joseph, meu filho, foste chamado para uma missão sublime e santa. Foste chamado para fazer a obra do Senhor. Permanece fiel e serás abençoado, bem como tua família e os filhos que virão. Viverás para concluir tua obra.’

Ao ouvir isso, Joseph exclamou: ‘Ah, pai, viverei mesmo?’

‘Sim’, respondeu o pai, ‘viverás. Viverás para levar a efeito todo o plano de toda a obra que Deus lhe designar. Sê fiel até o fim. Esta é a bênção que, antes de morrer, selo sobre tua cabeça em nome de Jesus. Confirmo também tua bênção anterior, para que se

cumpra. Assim seja. Amém” (citado em Smith, *History of Joseph Smith by His Mother*, p. 434).

JOSEPH FOI INSTRUÍDO POR MENSAGEIROS CELESTES

O Presidente Joseph F. Smith escreveu: “Joseph Smith era um jovem sem estudos no que diz respeito ao conhecimento do mundo. Ele foi instruído pelo anjo Morôni. Recebeu sua instrução do alto, do Deus Todo-Poderoso e não de instituições humanas. Contudo, tachá-lo de ignorante seria tanto injusto quanto falso; nenhum homem ou grupo de homens possuía mais inteligência do que ele. Nem a sabedoria e a astúcia de todos de sua época poderiam produzir algo equivalente ao que ele realizou. Ele não era ignorante, pois foi ensinado por Aquele que é a fonte de toda a inteligência. Ele tinha conhecimento de Deus e de Sua lei e da eternidade” (*Gospel Doctrine* [1939], p. 484).



Pinura de Joseph Brickey

Muitos mensageiros celestiais foram enviados para instruir Joseph Smith.

ELE CASOU-SE COM EMMA HALE



Pinura de Lee Richards

Emma Hale nasceu em 10 de julho de 1804, filha de Isaac e Elizabeth Hale. Tinha vinte e dois anos quando se casou com Joseph Smith. Era culta, costurava e cantava muito bem.

zaram um com o outro, e ele pediu a mão dela em casamento a seu pai. O Senhor Hale opôs-se à idéia por algum tempo, pois era abastado, ao passo que a família de Joseph perdera suas propriedades. E foi no dia 18 de janeiro de 1827, o último ano de espera pelas placas, que Joseph e Emma conseguiram selar a tão desejada união. Nesse dia, foram casados por um

Enquanto esperava o tempo designado para receber as placas e começar a tradução do Livro de Mórmon, Joseph trabalhou para um homem chamado Josiah Stowell. Durante esse período, ficou hospedado na casa de Isaac Hale, em Harmony, Pensilvânia. “Isaac Hale tinha uma filha, Emma, uma boa moça de espírito nobre e sentimentos devotos. Essa jovem digna e Joseph simpati-

homem chamado Squire [Tarbell], na residência dele, em South Bainbridge, Condado de Chenango, Nova York. Imediatamente depois do casamento, Joseph deixou o emprego do Senhor [Stowell] e viajou com a esposa para a casa de seus pais em Manchester, onde, no verão seguinte, trabalhou para angariar recursos para sua família e sua missão. Estava chegando o momento do cumprimento da promessa grandiosa e para que sua paciência e fidelidade fossem recompensadas” (George Q. Cannon, *Life of Joseph Smith the Prophet*, série Classics in Mormon Literature [1986], p. 43).



Fotografia de George E. Anderson

Fotografia antiga do monte Cumora, 1906

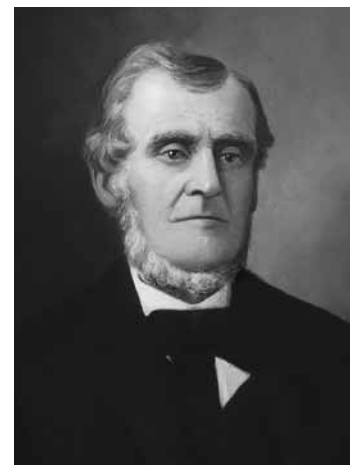


Fotografia de Don O. Thorpe

Visão mais recente do monte Cumora coberto de árvores que não são nativas do monte.

AS PLACAS FORAM TRADUZIDAS

Em 22 de setembro de 1827, o Profeta Joseph Smith recebeu as placas nas quais estava escrito o Livro de Mórmon. Em meio a uma oposição feroz, essas placas ficaram sob sua custódia durante cerca de dezoito meses. Ao traduzir o Livro de Mórmon, ele foi auxiliado por vários escreventes: Martin Harris, Emma, o irmão de Emma, Jesse Hale e Oliver Cowdery.



Pinura de Lewis A. Ramsey

Martin Harris

A PERDA DAS 116 PRIMEIRAS PÁGINAS

A tradução das placas trouxe muitas lições e desafios a Joseph Smith. No início do trabalho de tradução, Joseph permitiu que seu escrevente Martin Harris levasse 116 páginas manuscritas que continham a tradução das placas até aquele ponto. O Profeta escreveu o seguinte sobre o ocorrido: “Algum tempo depois de começar a trabalhar para mim, o Senhor Harris passou a importunar-me para que eu lhe permitisse levar os escritos para casa a fim de mostrá-los a sua família. Ele queria que eu perguntasse ao Senhor, por meio do Urim e Tumim, se ele poderia fazê-lo. Consultei o Senhor, e a resposta foi negativa. Entretanto, ele não ficou contente e quis que eu repetisse o pedido. Assim o fiz, e o resultado foi o mesmo. Mais uma vez, ele não se deu por satisfeito e insistiu que eu invocasse o Senhor novamente. Depois de muita insistência, voltei a consultar o Senhor e recebi permissão para confiar-lhe os escritos, mas com certas condições: ele só poderia mostrá-los a seu irmão, Preserved Harris, sua esposa, seu pai e sua mãe e um certo senhor Cobb, irmão de sua esposa. Com base nessa última resposta, exigi que ele fizesse convênio solene comigo de que obedeceria estritamente às instruções recebidas. Ele concordou. Fez convênio, conforme exigi, levou os escritos e partiu. Todavia, apesar das grandes restrições impostas e do caráter solene da aliança que ele [Martin Harris] contraíra comigo, mostrou os escritos a outras pessoas e, por meio de um estratagemas, eles lhe foram roubados, e jamais foram recuperados” (*History of the Church*, 1:21).



Fotografia de Don O. Thorpe

Em 1822, o irmão mais velho de Joseph, Alvin, começou a construir uma casa de madeira de nove quartos, a fim de dar conforto a seus pais. Adoeceu e morreu em novembro de 1823. A casa foi concluída no segundo semestre de 1825, e os Smith residiram nela até abril de 1829. Foi para lá que Joseph levou as placas e as escondeu na lareira.

Lucy Mack Smith escreveu o seguinte sobre o que aconteceu depois de Martin Harris levar as 116 páginas traduzidas do Livro de Mórmon:

“Imediatamente depois da partida do Senhor Harris, Emma deu à luz um filho, mas desfrutou bem pouco a companhia do pequenino, pois logo lhe foi tirado dos

braços e partiu para o mundo dos espíritos, antes mesmo de ter tempo de aprender a distinguir o certo do errado. Por alguns dias, parecia que a mãe seria consumida pelo mesmo abismo que levara seu filho. Durante certo tempo, seu destino mostrava-se tão incerto que, ao longo de duas semanas, Joseph não dormiu sequer uma hora, preocupado e em silêncio. Ao fim desse período, ela começou a recuperar-se, mas à medida que a ansiedade de Joseph começou a diminuir, outro motivo de preocupação passou a ocupar-lhe a mente. O Senhor Harris ausentara-se por quase três semanas, sem dar nenhuma notícia, o que ia totalmente de encontro ao acordo inicial. Ele decidiu que, assim que sua esposa recobrasse as forças, ele viajaria para Nova York e veria pessoalmente o que acontecera com os manuscritos. Ele não tocou no assunto com Emma a fim de não a perturbar e comprometer seu estado de saúde delicado.

Contudo, alguns dias depois, ela indicou que não parara de pensar no assunto. (...)

Depois de muita insistência, ele resolveu deixar a esposa aos cuidados da mãe dela por alguns dias e seguiu viagem conforme planejara” (*History of Joseph Smith by His Mother*, pp. 161–162).

Martin Harris perdera as 116 páginas manuscritas, que continham a tradução do livro de Leí. O Profeta ficou profundamente angustiado. Num curto espaço de tempo, ele perdera seu filho recém-nascido, quase perdera a esposa e agora as 116 páginas. Sua mãe descreveu sua reação quando Martin Harris lhe relatou a perda:

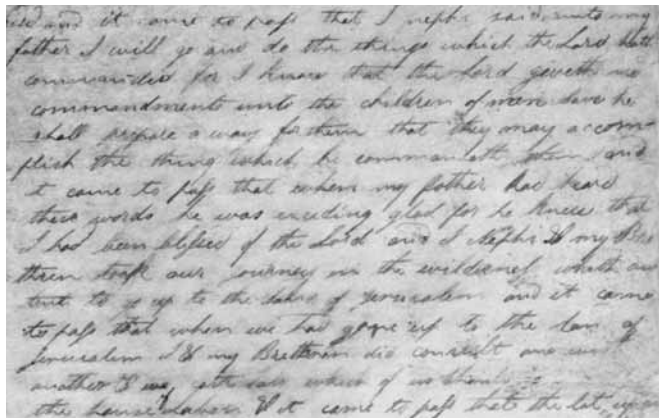
“‘Ó meu Deus, meu Deus!’ exclamou Joseph, serrando os punhos. ‘Tudo está perdido! Tudo está perdido! O que farei? Pequei. Fui eu que trouxe sobre mim a ira de Deus ao solicitar-lhe algo que eu não tinha o direito de pedir, pois o anjo me dera instruções contrárias.’ E andando continuamente, chorou e lamentou-se.

Por fim, pediu a Martin que voltasse para casa e procurasse os manuscritos de novo. ‘Não’, disse Harris, ‘é inútil, já revirei toda a casa. Até rasguei colchões e travesseiros para ver se não estavam lá dentro. Sei que os manuscritos não estão em minha casa’.

‘Então’, disse Joseph, ‘tereí que voltar para minha esposa com essa história para contar? Não me atrevo a fazê-lo, pois temo matá-la de uma vez. E como me apresentarei ao Senhor? Que repreensão não mereço do anjo do Altíssimo?’ (...)

Lembro-me bem daquele dia fatídico, dominado pelas trevas tanto em nosso coração como no exterior. Para nós, pelo menos, os céus pareciam revestidos de negror e a Terra envolta de escuridão. Sempre disse a mim mesma que, se uma punição contínua com semelhante grau de severidade fosse imposta ao mais iníquo dos homens sob o escabelo do Todo-Poderoso — mesmo que tal castigo não fosse pior do que aquela situação

que estávamos passando — ainda assim eu sentiria pena de sua condição” (Smith, *History of Joseph Smith by His Mother*, pp. 165–166, 171).



O manuscrito do Livro de Mórmon que continha 1 Néfi 2:23–3:18. A primeira parte da página foi escrita por Oliver Cowdery e o restante possivelmente por John Whitmer. Fazia parte das placas menores, traduzidas para substituir as 116 páginas manuscritas perdidas.

A PERDA FOI UM APRENDIZADO

O Profeta Joseph Smith ficou com seus pais “por certo tempo” depois de tomar conhecimento da perda das 116 páginas. Escreveu: “Então voltei para casa, na Pensilvânia. Imediatamente após meu retorno, ao percorrer a pé uma pequena distância, eis que o mesmo mensageiro celeste apareceu e me entregou o Urim e Tumim novamente — pois havia-me sido retirado por ter importunado o Senhor pedindo o privilégio de emprestar os escritos a Martin Harris, que ele acabou perdendo por transgressão — e consultei o Senhor com esse instrumento” (*History of the Church*, volume 1, pp. 21–22).

O Profeta recebeu a revelação contida em Doutrina e Convênios 3, que trazia a seguinte censura do Senhor: “Pois embora um homem tenha muitas revelações e tenha poder para realizar muitas obras grandiosas, contudo, se ele se vangloriar da própria força e ignorar os conselhos de Deus e seguir os ditames da própria vontade e de seus desejos carnis, cairá e trará sobre si a vingança de um Deus justo” (D&C 3:4). No entanto, mesmo na repreensão, havia esperança. O Senhor disse a Joseph que seus privilégios seriam retirados apenas “por certo tempo” (vers. 14).

O arrependimento de Joseph Smith foi profundo e sincero, e seus privilégios foram logo restaurados. Depois de receber a revelação citada acima, escreveu: “Tanto as placas quanto o Urim e Tumim foram retirados novamente; porém, dentro de poucos dias, foram-me devolvidos, quando consultei o Senhor, e Ele comunicou-Se comigo” (*History of the Church*, volume 1, p.23). Então, ele recebeu a revelação que se encontra em Doutrina e Convênios 10. Nela, o Senhor deixou

claro que Satanás desempenhou um papel preponderante na perda dos manuscritos, mas a “sabedoria [de Deus] é maior do que a astúcia do diabo” (D&C 10:43).

FOI CONCEDIDO UM NOVO ESCRIVENTE

No final de 1828 e início de 1829, o Profeta Joseph Smith trabalhou periodicamente na tradução do Livro de Mórmon com o auxílio de Emma e do irmão dela, mas o trabalho para a subsistência deixava pouco tempo livre para a tradução. Em março de 1829, o Profeta orou sinceramente pedindo ajuda para concluir a tradução. O Senhor orientou Joseph a parar de traduzir até que Ele lhe concedesse auxílio (ver D&C 5:30, 34).



Pintura de Lewis A. Ramsey

Oliver Cowdery

Oliver Cowdery era professor numa pequena escola no município de Manchester e estava hospedado na casa de Joseph Smith Sênior. Durante sua estada em Manchester, ouviu muito falar de Joseph Smith Júnior e das placas de ouro. Depois de conquistar a confiança da família Smith, Oliver conversou com Joseph Smith Sênior, que lhe falou das placas. Em suas orações pessoais, Oliver perguntou sobre o assunto e meditou a respeito. Comentou com Joseph Smith Sênior que “lhe fora colocado no coração que ele teria o privilégio de escrever para Joseph”, que ele ainda não conhecera pessoalmente. Anunciou à família Smith que visitaria Joseph no meio do ano, ao fim do semestre escolar. Ele disse: “Creio firmemente que se for da vontade do Senhor que eu vá e que se houver trabalho para eu realizar nesta causa, estou determinado a obedecer” (Smith, *History of Joseph Smith by His Mother*, pp. 181–182).

Samuel Smith e Oliver Cowdery chegaram a Harmony, Pensilvânia, em 5 de abril de 1829, e o Profeta Joseph Smith reconheceu Oliver como o auxílio que o Senhor prometera. No dia 7 de abril, uma terça-feira, eles iniciaram o trabalho de tradução e continuaram ao longo de todo o mês de abril. Com



João Batista restaurou o Sacerdócio Aarônico perto do rio Susquehanna.

a ajuda de Oliver, Joseph trabalhou mais rápido do que nunca antes. Nos três meses seguintes, traduziram cerca de quinhentas páginas do Livro de Mórmon.

OS SACERDÓCIOS AARÔNICO E DE MELQUISEDEQUE FORAM RESTAURADOS



Pintura de Ken Riley

Pedro, Tiago e João restauraram o Sacerdócio de Melquisedeque.

Em 15 de maio de 1829, o Profeta Joseph Smith e Oliver Cowdery foram a um bosque orar para pedir esclarecimentos sobre o batismo, um assunto com o qual se depararam durante a tradução do Livro de Mórmon. Enquanto oravam, João Batista “desceu em uma nuvem de luz” (Joseph Smith — História 1:68; ver os vers. 66—75).

Ele conferiu o Sacerdócio Aarônico a Joseph e Oliver. Posteriormente, Pedro, Tiago e João conferiram o Sacerdócio de Melquisedeque a Joseph e Oliver, restaurando o poder para o restabelecimento do reino de Deus na Terra (ver D&C 128:20). “O dia, mês e ano que identificam com tanta precisão a restauração do Sacerdócio Aarônico (15 de maio de 1829) estão ausentes no caso do Sacerdócio de Melquisedeque. Da mesma forma, nosso conhecimento das circunstâncias dessa restauração é limitado. Mesmo assim, há elementos suficientes no quebra-cabeça histórico para termos uma aproximação da seqüência dos eventos. As evidências indicam uma data num período de 13 dias entre 16 de maio e 28 de maio de 1829” (Larry C. Porter, “The Restoration of the Aaronic and Melchizedek Priesthoods”, *Ensign*, dezembro de 1996, p. 33).

FORAM CONFERIDAS AS CHAVES DO REINO

O Élder Bruce R. McConkie, na época membro do Primeiro Conselho dos Setenta, disse: “Pedro, Tiago e João visitaram Joseph Smith e Oliver Cowdery. Nessa ocasião, fizeram três coisas. Conferiram a Joseph e Oliver o Sacerdócio de Melquisedeque. Trata-se de poder e autoridade. Deram-lhes as chaves do Reino de Deus. Em outras palavras, concederam-lhes o direito de presidir no Sacerdócio de Melquisedeque e no reino de Deus na Terra, que é a Igreja de Jesus Cristo. Ela ainda não existia, mas eles receberam o direito de presidi-la. Então, Pedro, Tiago e João deram a Joseph Smith e Oliver Cowdery o que chamamos de chaves da dispensação da plenitude dos tempos. Isso significa o direito

de presidir a dispensação e dirigir todo o trabalho nos assuntos espirituais de todas as pessoas que já viveram nesta dispensação da história do mundo” (“The Keys of the Kingdom” [discurso na reunião do sacerdócio da Estaca Wilford, 21 de fevereiro de 1955], p. 3).



REPRODUÇÃO PROIBIDA

A casa reconstruída de Peter Whitmer na Cidade de Fayette, Nova York. Nesse local, foi concluída a tradução do Livro de Mórmon, bem como assinado o depoimento das Três Testemunhas e organizada a Igreja. Além disso, vinte das revelações contidas em Doutrina e Convênios foram recebidas aqui.

FOI ORGANIZADA A IGREJA

Em 6 de abril de 1830, depois da restauração do Sacerdócio Aarônico e de Melquisedeque, o reino de Deus foi restabelecido na Terra quando a Igreja foi legalmente organizada na casa de Peter Whitmer em Fayette, Nova York. Iniciou-se a obra da Igreja, sob a direção de um profeta com poder para dirigir o reino de Deus em seus primeiros anos. Nos anos que se seguiram, o Profeta Joseph Smith recebeu mais revelações, chamou mais missionários e reuniu os conversos. Foram criados jornais, adquiridas propriedades, feitas plantações e iniciados negócios e manufaturas.

OS SANTOS RECEBERAM O MANDAMENTO DE CONSTRUIR UM TEMPLO



Fotografia de Don O. Thorpe

O Templo de Kirtland tem 24 metros de comprimento, 18 metros de largura e 15 metros de altura. A torre eleva-se a 33 metros acima do solo.

Os membros da Igreja atraíram conversos levando a mensagem do evangelho a parentes e amigos. Muitos tinham sido reunidos em Fayette, Palmyra, Colesville, e outras localidades do oeste de Nova York. Posteriormente, os santos receberam o mandamento de seguirem rumo ao oeste e estabelecerem-se em Kirtland, Ohio. Os recursos dos membros da Igreja estavam quase esgotados ao cuidarem da população crescente da Igreja em Kirtland e nos condados vizinhos. Na maioria dos casos, estavam sem dinheiro, na mais absoluta pobreza. Em meio a essas dificuldades, o Senhor ordenou-lhes que construíssem um templo: “Organizai-vos; preparai todas as coisas necessárias e estabeleci uma casa, sim, uma casa de oração, uma casa de jejum, uma casa de fé, uma casa de aprendizado, uma casa de glória, uma casa de ordem, uma casa de Deus” (D&C 88:119).



Uma fotografia antiga do Templo de Kirtland

Foi designado um comitê para angariar fundos para a construção do templo. O Profeta Joseph Smith sabia que a sobrevivência espiritual da última dispensação do evangelho dependia da investidura espiritual que Deus prometera derramar sobre os santos quando o templo fosse concluído. Posteriormente, o Presidente Brigham Young declarou o

seguinte sobre a fidelidade de Joseph nesse assunto:

“A Igreja, por meio de nosso amado Profeta Joseph, recebeu o mandamento de edificar um templo para o Altíssimo em Kirtland, Ohio. Joseph não só recebeu a revelação e o mandamento de construir um templo, mas também um modelo. (...)”

Sem revelação, Joseph não poderia saber o que se desejava dele; seria como qualquer outro homem e, sem o mandamento divino, a Igreja tinha pouquíssimos números, estava fraca demais na fé e demasiado pobre para tentar tal empreendimento grandioso. Porém, com todos esses estímulos, um mero punhado de homens pôs mãos à obra, quase sem recursos, alimentando-se com um pouco de angu de milho e leite, e às vezes sal, quando não havia leite. O grande Profeta Joseph trabalhou numa pedreira, extraindo rochas com as próprias mãos, e os poucos membros da Igreja da época seguiram seu exemplo de obediência e diligência, auxiliando no que era necessário. Trabalharam para erguer paredes e seguravam a espada numa mão para protegerem-se das turbas, enquanto a outra assentava

tijolos e misturava argamassa. Assim, o Templo de Kirtland — a segunda casa do Senhor da qual temos notícia na Terra — foi terminado e estava pronto para a dedicação. E os primeiros élderes que ajudaram a edificá-lo receberam uma porção de sua primeira investidura ou, para ser mais preciso, das primeiras ordenanças, as ordenanças introdutórias ou iniciatórias, em preparação para a investidura propriamente dita” (*Discourses of Brigham Young*, sel. John A. Widtsoe [1954], p. 415).

MANIFESTAÇÕES MIRACULOSAS ACOMPANHARAM A CONSTRUÇÃO E DEDICAÇÃO DO TEMPLO DE KIRTLAND

Foram derramadas bênçãos espirituais sobre os santos à medida que as obras do Templo de Kirtland se aproximavam do fim. O Profeta Joseph Smith escreveu sobre as grandiosas manifestações espirituais ocorridas em 21 de janeiro de 1836:



Pintura de Robert A. Barrett

Muitas experiências espirituais, revelações e manifestações celestiais foram recebidas no Templo de Kirtland.

“Ao cair da noite, reuni-me com a Presidência na sala de aula oeste, no Templo, para participar da ordenança de unção de nossa cabeça com óleo consagrado; os Conselhos de Kirtland e Sião também se reuniram nas duas salas adjacentes e esperaram em espírito de oração enquanto recebíamos a ordenança. (...)”

Muitos dos irmãos que receberam a unção comigo também tiveram visões gloriosas. Anjos ministraram a eles e a mim, e o poder do Altíssimo repousou sobre nós, e a casa encheu-se da glória de Deus, e bradamos hosanas a Deus e ao Cordeiro. Meu escrevente também recebeu sua unção conosco e contemplou, em visão, as hostes celestiais protegendo os santos em seu regresso para Sião e muitas outras coisas que também vi. (...)”

Visões celestes descortinaram-se igualmente perante [os sumos conselheiros de Kirtland e Sião, que tinham sido convidados]. Alguns deles contemplaram a face do Salvador, e outros receberam o ministério de santos anjos, e o espírito de profecia e revelação foi derramado com grande poder; e altos brados de hosana e glória a Deus nas alturas chegaram ao céu, pois todos entramos em comunhão com as hostes celestes. E vi em minha visão todos os membros da Presidência no reino celeste de Deus, e muitos outros igualmente presentes” (*History of the Church*, volume 2, pp.379, 381–382).

O Templo de Kirtland foi dedicado em 27 de março de 1836. Em sua nota final sobre os eventos maravilhosos que ocorreram nesse dia, o Profeta escreveu o seguinte a respeito de uma reunião noturna realizada no templo recém-dedicado: “O irmão George Albert Smith levantou-se e começou a profetizar quando se ouviu um ruído como o som de ventos impetuosos, que encheu o templo, e toda a congregação levantou-se simultaneamente, tocada por um poder invisível; muitos começaram a falar em línguas e a profetizar; outros tiveram visões gloriosas; e vi o templo cheio de anjos, e anunciei esse fato à congregação. As pessoas que moravam nas redondezas vieram correndo até o local (ao ouvirem sons incomuns no templo e verem uma luz resplandecente, como um pilar de fogo, a pairar sobre o edifício) e ficaram perplexos com o que presenciaram. Isso continuou até o fim da reunião às 23h” (*History of the Church*, volume 2, p. 428).

Em 3 de abril de 1836, o Salvador apareceu a Joseph Smith e Oliver Cowdery no Templo de Kirtland e o aceitou como Sua casa; Moisés, Elias e Elias, o profeta, também os visitaram e restauraram as chaves do sacerdócio (ver D&C 110).

ÀS VOLTAS COM A POBREZA E A APOSTASIA EM KIRTLAND

Os membros da Igreja desfrutaram um grandioso derramamento do Espírito na dedicação do Templo de Kirtland. Contudo, no espaço de dois anos, foram forçados a abandonar seu templo e a bela comunidade que tinham criado. O motivo foram as dificuldades que enfrentaram como membros novos que se fixaram em Kirtland, Ohio. Muitos conversos estavam ansiosos para iniciar uma nova vida em Kirtland e tinham poucos recursos depois de os esgotarem na mudança para a área. A despeito desses problemas, um espírito de otimismo prevaleceu em Kirtland depois da dedicação do templo, quando membros dedicados da Igreja se empenharam para corrigir a situação de pobreza.

Durante esse período, de 1836 a 1838, vários bancos estavam sendo criados nos Estados Unidos. Os

líderes da Igreja solicitaram ao Estado de Ohio permissão para iniciar um banco, mas isso lhes foi negado. Decidiram que seria benéfico formar uma sociedade bancária que viesse ao auxílio da comunidade em suas dificuldades financeiras. Chamaram-na Kirtland Safety Society Anti-Banking Company. O Profeta Joseph Smith serviu como tesoureiro da organização.

Essa instituição emitia suas próprias notas bancárias e iniciou suas atividades em janeiro de 1837. Logo surgiram problemas, pois os outros bancos se recusaram a aceitar esses documentos. Isso, aliado à situação econômica em Kirtland, aos especuladores imprudentes, aos próprios problemas bancários do país (conhecidos como o Pânico de 1837) e ao fato de os credores não terem investido na sociedade conforme o prometido provocaram a falência do empreendimento.

Muitos culpavam Joseph Smith e vários membros apostataram, considerando-o um profeta decaído. Posteriormente, o Profeta sofreu ameaças de morte e ele e outros líderes da Igreja foram obrigados a fugir para o Missouri. O Profeta saiu de Kirtland em janeiro de 1838 rumo a Far West, Missouri. A maioria dos membros da Igreja deixou para trás suas propriedades em Kirtland a fim de seguir o Profeta. O principal centro da Igreja mudou de Kirtland, Ohio, para o Missouri, para onde muitos membros já tinham começado a mudar desde 1831.



A casa da fazenda de John Johnson. Em setembro de 1831, Joseph e Emma aceitaram o convite de John e Mary Johnson para morar em sua fazenda de 40 hectares em Hyrum, Ohio. A fazenda ficava a cerca de 50 quilômetros de Kirtland. Enquanto viveu com os Johnson, o Profeta registrou 15 revelações, entre as quais as visões agora contidas em Doutrina e Convênios 76. Foi aqui que Joseph e Sidney Rigdon realizaram boa parte de sua obra relacionada à revisão inspirada da Bíblia.

ELE FOI JULGADO EM RICHMOND E PRESO NA CADEIA DE LIBERTY

Em novembro de 1838, o Profeta Joseph Smith e outros líderes da Igreja foram presos devido a acusações falsas e julgados em Richmond, Missouri. Várias pessoas que se tinham tornado amargas testemunharam

contra eles, mas quando foram identificadas testemunhas de defesa, elas foram presas ou expulsas da área, a fim de não poderem prestar depoimento. Durante duas semanas, os prisioneiros sofreram terríveis maus-tratos. O Élder Parley P. Pratt, que era membro do Quórum dos Doze Apóstolos, relatou que, certa noite, eles ouviram durante horas as inenarráveis perseguições que os guardas afirmavam ter infligido aos santos:

“Ouvi até ficar enojado, chocado, horrorizado e tão cheio de indignação que mal pude conter-me — meu desejo era levantar-me e censurar os guardas; porém, nada disse a Joseph ou a ninguém mais, embora eu estivesse deitado ao lado dele e soubesse que estava acordado. De repente, ele levantou-se e falou com voz de trovão, como um leão que rugiu, e bradou, conforme consigo lembrar, as seguintes palavras:

‘SILÊNCIO, demônios das profundezas do inferno. Em nome de Jesus Cristo, repreendo-os e ordeno que se calem; não viverei mais um único minuto para suportar tais palavras. Parem com esse linguajar ou morrerei eu ou vocês NESTE INSTANTE!’



Pintura de Danquart Anthon Weggeland

Joseph Smith repreende os guardas na Cadeia de Richmond

Então, nada mais disse. Ficou de pé em temível majestade. Acorrentado e desarmado, calmo, sereno e digno como um anjo, olhou para os guardas aterrorizados, que baixaram as armas ou as depuseram no chão, com os joelhos trêmulos. Recolhendo-se num canto ou curvando-se aos pés de Joseph, suplicaram perdão e permaneceram em silêncio até a troca de guardas” (*Autobiography of Parley P. Pratt*, ed. Parley P. Pratt, série Classics in Mormon Literature [1985], pp. 179–180).

Depois do julgamento em Richmond, Joseph Smith e vários outros líderes da Igreja foram mandados para a Cadeia de Liberty, no Condado de Clay, Missouri. Passaram o inverno encarcerados lá, de dezembro de 1838 a abril de 1839. Em 16 de abril de 1839, receberam permissão para partir e uniram-se aos santos que tinham sido expulsos do Missouri para Quincy, Illinois.



Fotografia de J. T. Hicks. REPRODUÇÃO PROIBIDA

Cadeia de Liberty. O Profeta Joseph e vários líderes da Igreja ficaram confinados numa cela fria, escura e imunda de 16 metros quadrados, chamada de “masmorra”. As paredes externas da cadeia eram de pedra calcária cinza e tinham 60 centímetros de espessura, com um revestimento interno de madeira de carvalho. A prisão foi construída em 1833 e usada durante vinte e três anos.

Enquanto estava na prisão, o Profeta Joseph ouviu histórias das perseguições e sofrimentos dos santos. Isso o perturbou terrivelmente. Ele orava por eles com fervor e freqüência. Em março de 1839, suplicou ao Senhor com profunda preocupação:

“Ó Deus, onde estás? E onde está o pavilhão que cobre teu esconderijo?

Até quando tua mão será retida e teu olho, sim, teu olho puro, contemplará dos eternos céus os agravos contra teu povo e contra teus servos e teu ouvido será penetrado por seus lamentos?” (D&C 121:1–2).

A resposta do Senhor veio a partir de Doutrina e Convênios 121:7 (ver também D&C 122).



© 1975 Gary E. Smith. REPRODUÇÃO PROIBIDA

Em fevereiro de 1841, iniciou-se a construção do Templo de Nauvoo. Foi edificado quase que exclusivamente com mão-de-obra doada — voluntários que ofereciam, como dízimo, um dia de trabalho em cada dez. Por ocasião do martírio de Joseph, o templo ainda não estava pronto. Foi dedicado em cerimônias públicas e privadas no primeiro semestre de 1846. Antes de partirem para o Oeste, 5.629 santos receberam sua investidura no templo.

OS SANTOS ENCONTRAM REFÚGIO EM NAUVOO

Kirtland, Ohio, foi a sede da Igreja de fevereiro de 1831 até janeiro de 1838, quando o Profeta Joseph Smith se mudou para Far West, Missouri. Em 1838—1839, os santos foram forçados a sair do Missouri e buscaram refúgio em Illinois. Lá, compraram terras e fundaram a Cidade de Nauvoo. Milhares de pessoas mudaram-se para lá, e Nauvoo era uma das cidades que mais cresciam em Illinois naquela época. Em 1844, como nenhum dos outros candidatos apoiava adequadamente a causa dos santos dos últimos dias, que buscavam compensações por suas perdas durante as perseguições sofridas no Missouri, Joseph Smith anunciou sua candidatura à presidência dos Estados Unidos da América.

O PROFETA SABIA MAIS DO QUE TINHA PERMISSÃO PARA ENSINAR



Pintura de Dale Kirkbourn

O Profeta Joseph Smith

O Profeta Joseph Smith não tinha autorização para ensinar tudo o que o Senhor lhe revelava. Explicou que recebemos conhecimento quando estamos preparados para isso:

“[O Apóstolo] Paulo foi arrebatado ao terceiro céu e conseguiu compreender os três principais degraus da escada de Jacó — as glórias ou reinos teleste, terrestre e celeste — e viu e ouviu coisas que não lhe era lícito pronunciar. Eu poderia explicar cem vezes mais do que já expliquei sobre a glória dos reinos manifestados a mim em visão, caso eu tivesse permissão e as pessoas estivessem preparadas para receber tais verdades.

O Senhor age com este povo como um pai amoroso com seus filhos, comunicando luz, inteligência e conhecimento de Seus caminhos à medida que eles são capazes de suportar. Os habitantes da Terra estão adormecidos; desconhecem o dia em que o Senhor os visitará” (*Teachings of the Prophet Joseph Smith*, sel. Joseph Fielding Smith [1976], p. 305).

“É muito difícil ensinar algo a esta geração. (...) Até mesmo os santos são lentos para compreender.

Venho tentando ao longo dos anos preparar a mente dos santos para receberem as coisas de Deus; mas com frequência vemos alguns deles, depois de tudo

o que sofreram pela obra de Deus, perderem totalmente a fé assim que algo vai de encontro a suas tradições: são incapazes de suportar os testes. Quantos conseguirão suportar a lei celeste e receber sua exaltação? Não tenho resposta para isso, pois muitos são chamados, mas poucos escolhidos” (*Teachings of the Prophet Joseph Smith*, p. 331).

O Profeta também explicou que “Deus não revelou nada a Joseph que não revelaria aos Doze, e até mesmo o menor dos santos pode conhecer todas as coisas tão logo as consiga suportar” (*Teachings of the Prophet Joseph Smith*, p. 149).

MUITOS DOS SANTOS NÃO COMPREENDIAM A MAGNITUDE DO CHAMADO DE JOSEPH SMITH

Por meio do Profeta Joseph Smith, o Senhor restaurou verdades que se tinham perdido. Não obstante, como Joseph Smith explicou, nem todas as pessoas compreenderão e aceitarão essas verdades:



Pintura de John Falter

Brigham Young disse: “Que deleite foi ouvir o irmão Joseph falar dos grandiosos princípios da eternidade” (*Journal of Discourses*, volume 4, p.54).

“Muitos homens garantem: ‘Nunca te abandonarei, mas permanecerei a teu lado em todos os momentos.’ Contudo, assim que lhes ensinamos alguns dos mistérios do reino de Deus que estão retidos no céu e são

revelados aos filhos dos homens à medida que estiverem preparados, são os primeiros a apedrejar-nos e executar-nos. Foi esse mesmo princípio que provocou a crucificação do Senhor Jesus Cristo e que levará as pessoas a matarem os profetas desta geração. (...)

Há muitos homens e mulheres sábios em nosso meio que crêem possuir conhecimento demais para serem ensinados; portanto, morrerão em sua ignorância e na ressurreição verão seu erro. Muitos fecham para si mesmos as portas do céu dizendo: Acreditarei no que Deus revelar só até certo ponto” (*Teachings of the Prophet Joseph Smith*, p. 309).

O Profeta Joseph Smith procurou com diligência ensinar as verdades da Restauração e estabeleceu firmemente o reino de Deus na Terra. Enquanto estava preso na Cadeia de Liberty, o Senhor disse-lhe:

“Os confins da Terra indagarão a respeito de teu nome e tolos zombarão de ti e o inferno se enfurecerá contra ti;

Enquanto os puros de coração e os prudentes e os nobres e os virtuosos procurarão conselho e autoridade e bênçãos sob tuas mãos constantemente” (D&C 122:1–2).

Ao dirigir-se a uma congregação de milhares de santos poucos meses antes de sua morte, Joseph Smith declarou:

“Vocês não me conhecem, jamais conhecerão meu coração. Ninguém conhece minha história. Não posso contá-la, nunca o farei. Não culpo ninguém por não crer em minha história. Se eu mesmo não tivesse vivenciado o que vivenciei, tampouco eu acreditaria. Nunca fiz mal a homem algum desde que nasci no mundo. Minha voz é sempre pela paz.

Não posso descansar até o fim de minha obra. Nunca penso maldades nem faço coisa alguma para prejudicar meu próximo. Quando eu for chamado pela trombeta do arcanjo e for pesado na balança, todos me conhecerão. Nada mais tenho a dizer” (*Teachings of the Prophet Joseph Smith*, pp. 361–362).

JOSEPH SMITH ADORAVA COMPETIÇÕES ESPORTIVAS

“Há poucos esportes masculinos que [o Profeta Joseph Smith] não tenha experimentado, e ele destacava-se em vários deles. Por exemplo, lutava muito bem. Gostava também do jogo de saltos. Nessa atividade, fazia-se uma marca no chão e então a pessoa saltava e marcava onde tinha parado. Em seguida, desafiava alguém a pular tão longe quanto ela ou mais. Apreciava igualmente o seguinte jogo: dois homens sentavam-se frente a frente, com os pés unidos; então, um tentava levantar o outro, empurrando-o com os braços — o mais forte continuava no chão. Havia outra versão desse jogo

na qual, face a face, dois homens seguravam um bastão, como um cabo de vassoura, e então cada um o puxava para junto de si. O vencedor era aquele que continuasse a segurar o bastão, enquanto o outro o deixava deslizar.

Com outros rapazes, Joseph jogava muito beisebol, bem como variantes do arremesso de discos, com os mais diversos materiais. Ele era conhecido por criar jogos com prêmios, incluindo os de consolação. Às vezes, principalmente quando derrotava um oponente, dizia algo do tipo: ‘Espero que não se importe. Quando estou com a rapaziada, faço

tudo para diverti-los ao máximo’ [ver o relato de Calvin W. Moore em *The Juvenile Instructor*, 15 de abril de 1892, p. 255]” (Truman G. Madsen, *Joseph Smith the Prophet* [1989], pp. 20–21).



Jogo do bastão

Pintura de Del Parson

O PROFETA JOSEPH SMITH DETÉM AS CHAVES DESTA DISPENSAÇÃO



O Profeta apreciava o convívio com os santos.

Pintura de Douglas M. Fryer

O Presidente George Q. Cannon, quando era conselheiro na Primeira Presidência, declarou: “O Profeta Joseph informou-nos em sua carta, destinada aos santos por ocasião de sua fuga de Nauvoo para escapar das mãos de seus inimigos, que ‘é necessário, na introdução da dispensação da plenitude dos tempos, dispensação essa que está começando a se introduzir, que uma total, completa e perfeita união e fusão de dispensações e chaves e poderes e glórias ocorram e sejam reveladas desde os dias de Adão até o tempo atual’ [ver D&C 128:18]. Assim, ele recebeu o ministério de diversos anjos que estavam à frente das outras dispensações:

de Miguel ou Adão até o presente; todos os homens em sua própria época e estação vieram a ele e todos declararam sua dispensação, seus direitos, suas chaves, suas honras, sua majestade e glória e o poder de seu sacerdócio. Assim, Joseph, o cabeça desta dispensação, Profeta, Vidente e Revelador chamado por Deus recebeu de todas essas fontes diferentes, de acordo com a mente e vontade de Deus e segundo Seus desígnios no tocante a ele; recebeu de todas essas fontes diferentes todo o poder e toda a autoridade e todas as chaves necessárias para a edificação da obra de Deus nos últimos dias e para o cumprimento de Seus propósitos ligados a esta dispensação. Ele está à frente. É um homem único, diferente de todos os demais homens nesse aspecto e que está acima de todos os outros. Como ele era o líder escolhido por Deus, enquanto fosse leal nenhum homem poderia tomar seu lugar e posição. Ele permaneceu fiel e morreu fiel. *Portanto, está à frente desta dispensação e assim permanecerá por toda a eternidade, e nenhum homem pode retirar-lhe este poder.* Se qualquer homem possuir essas *chaves*, possui-as em subordinação a ele. Nunca ouvimos o Presidente Young ensinar nenhuma outra doutrina; sempre disse que Joseph estava à frente desta dispensação; que Joseph detém as *chaves*; que embora Joseph tenha passado para o outro lado do véu, permanece à frente desta dispensação e que ele mesmo é portador das *chaves* em subordinação a Joseph. O Presidente Taylor ensina a mesma doutrina, e nunca ouviremos qualquer outra doutrina de qualquer um dos apóstolos ou servos fiéis de Deus, que compreendem a ordem do Santo Sacerdócio. *Se alcançarmos nossa salvação, teremos de passar por ele; se entrarmos em nossa glória, será por meio da autoridade que ele recebeu. Não podemos fazê-lo sem ele*” (*Journal of Discourses*, volume 23, pp.360–361; grifo do autor).



Fotografia de Don O. Thorpe

A Mansion House, Nauvoo, Illinois. Joseph e Emma Smith mudaram-se para lá em 31 de agosto de 1843. A casa foi projetada para servir de moradia para a família do Profeta, receber hóspedes e sediar atividades civis e da Igreja. Esta estrutura de vinte e dois aposentos contava ainda ao sul com uma ala que servia de hotel. Essa parte da casa, demolida em 1890, tinha no térreo uma grande sala de estar e uma cozinha, bem como quartos no andar superior.

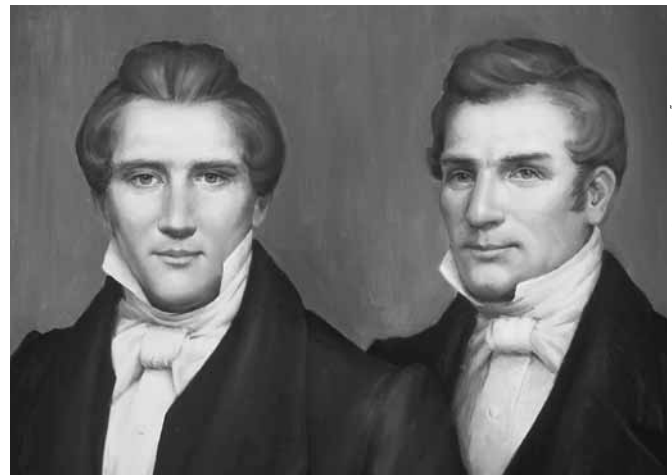
A IGREJA ENCHERÁ O MUNDO



Joseph e Hyrum Smith de perfil

Em 6 de abril de 1830, dia da organização da Igreja em Fayette, Nova York, poucas pessoas poderiam entender o quanto ela cresceria. O Presidente Wilford Woodruff relatou a profecia do Profeta Joseph Smith sobre como a Igreja se expandiria até encher o mundo inteiro:

“Eu acabara de ser batizado. (...) Cheguei a Kirtland no sábado e lá vi Joseph e Hyrum Smith na rua. Fui apresentado a Joseph Smith. Foi a primeira vez que o vi em minha vida. Convidou-me a ir a sua casa para passar o Dia do Senhor com ele, e aceitei. Eles tinham reuniões no domingo.



O Profeta Joseph e seu irmão Hyrum. “Em vida não foram divididos e na morte não foram separados!” (D&C 135:3.)

Pintura cedida gentilmente por Kenneth A. Corbett. REPRODUÇÃO PROIBIDA

No domingo à noite, o Profeta pediu a todos os portadores do sacerdócio que se reunissem na pequena escola de madeira da localidade. Era um prédio pequeno, de talvez 16 metros quadrados. Mas ali estava presente todo o sacerdócio de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias que estava naquele momento na Cidade de Kirtland e que se tinha reunido para seguir viagem com o Acampamento de São. Foi a primeira vez que vi Oliver Cowdery ou o ouvi falar; a primeira vez que vi Brigham Young e Heber C. Kimball, os dois Pratt, Orson Hyde e muitos outros. Não havia apóstolos na Igreja naquele momento, exceto Joseph Smith e Oliver Cowdery. Quando nos reunimos, o Profeta pediu aos élderes de Israel que prestassem com ele testemunho desta obra. Os homens que citei testificaram, bem como muitos outros que não mencionei. Quando terminaram, o Profeta disse: ‘Irmãos, fui muito edificado e instruído

por seu testemunho hoje à noite, mas desejo dizer-lhes perante o Senhor que vocês sabem tanto sobre o destino desta Igreja quanto um infante no regaço materno. Não o compreendem'. Fiquei bastante surpreso. Ele prosseguiu: 'Há apenas um punhado de portadores do sacerdócio aqui nesta noite, mas esta Igreja encherá a América do Norte e do Sul — encherá toda a terra'" (Conference Report, abril de 1898, p. 57).

ELE FOI UM PROFETA, VIDENTE, REVELADOR, RESTAURADOR, TESTEMUNHA E MÁRTIR

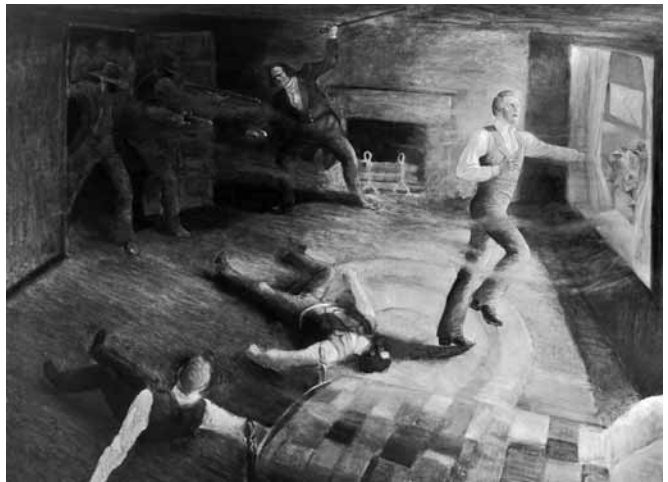


Fotografia de Wayne R. Doman

Cadeia de Carthage, Carthage, Illinois

Com autoridade de Deus, o Profeta Joseph Smith lançou o alicerce para uma restauração grandiosa nos últimos dias, em preparação para a Segunda Vinda de Jesus Cristo. Entretanto, como muitos profetas que o antecederam, ele enfrentou violenta oposição e deu a própria vida pelo reino de Deus. Foi ridicularizado, atacado e espancado — levou as cicatrizes da perseguição até o túmulo. Seis dos onze filhos que teve com Emma, dois dos quais adotivos, morreram ainda na infância. Muitos que tinham sido amigos se voltaram contra ele. Foi vítima de mais de quarenta e seis processos judiciais.

Ele passou meses na cadeia com base em acusações falsas. "Quando Joseph foi a Carthage para entregar-se às pretensas exigências da lei, dois ou três dias antes de seu assassinato, disse: 'Vou como um cordeiro para o matadouro; mas estou calmo como uma manhã de verão; tenho a consciência limpa em relação a Deus e em relação a todos os homens. Morrerei inocente e ainda se dirá de mim: foi assassinado a sangue frio'" (D&C 135:4). Em 27 de junho de 1844, uma turba armada entrou abruptamente na cadeia e matou o Profeta e seu irmão Hyrum. Sua obra na mortalidade chegara ao fim. Suas últimas palavras foram: "Ó Senhor meu Deus!" (D&C 135:1).



Pintura de Gary E. Smith

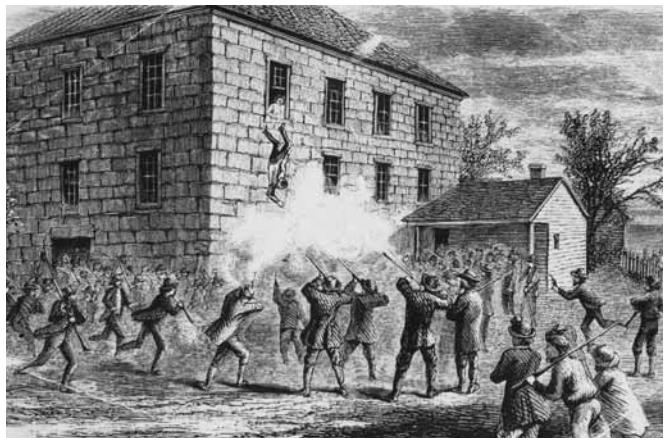
Mártires

O Presidente Joseph Fielding Smith testemunhou:

"Joseph Smith foi um profeta, chamado nestes últimos dias para receber por revelação as verdades salvadoras do evangelho e servir de administrador legal, com poder do alto, para ministrar as ordenanças do evangelho.

Uma vez que as verdades reveladas por intermédio dele são as mesmas que serão levadas a todas as nações antes da Segunda Vinda, não é de admirar que Morôni tenha dito a Joseph Smith que seu 'nome seria considerado bom e mau entre todas as nações, tribos e línguas, ou que entre todos os povos sealaria bem e mal de [seu] nome' [Joseph Smith — História 1:33].

Não é de causar espanto que o Senhor tenha dito depois ao Profeta: 'Os confins da Terra indagarão a respeito de teu nome e tolos zombarão de ti e o inferno se enfurecerá contra ti;



A turba na Cadeia de Carthage

Enquanto os puros de coração e os prudentes e os nobres e os virtuosos procurarão conselho e autoridade e bênçãos sob tuas mãos constantemente' (D&C 122:1–2).

Os confins da Terra agora estão começando a indagar a respeito do nome de Joseph Smith, e muitas

peças em diversas nações estão regozijando-se no evangelho restaurado por intermédio dele” (Conference Report, outubro de 1970, p. 6).

Pouco depois do martírio do Profeta, o Élder John Taylor, na época membro do Quórum dos Doze Apóstolos, testificou: “Joseph Smith, o Profeta e Vidente do Senhor, com exceção apenas de Jesus, fez mais pela salvação dos homens neste mundo do que qualquer outro homem que jamais viveu nele” (D&C 135:3). As pessoas de todas as dispensações são afetadas pela obra da Restauração que o Senhor realizou por meio desse admirável profeta desta última dispensação. Todos os que buscarem, sincera e honestamente, podem saber que Joseph Smith foi de fato um profeta do Deus vivo.

O Élder Gordon B. Hinckley, na época membro do Quórum dos Doze Apóstolos, explicou: “Não adoramos o Profeta. Adoramos a Deus nosso Pai Eterno e o Senhor ressurreto Jesus Cristo. Contudo, nós o reconhecemos, proclamamos, respeitamos e reverenciamos como instrumento nas mãos do Todo-Poderoso para restaurar à Terra as antigas verdades do evangelho divino, assim como o sacerdócio por meio do qual a autoridade de Deus é exercida nos assuntos de Sua Igreja e para as bênçãos de Seu povo” (Conference Report, abril de 1977, p. 95; ou *Ensign*, maio de 1977, p. 65).



Máscaras mortuárias do Profeta Joseph e seu irmão Hyrum. Em 28 de junho de 1844, o corpo dos mártires foi levado para a Mansion House de Nauvoo, acompanhados de Willard Richards, Samuel Smith e oito guardas. Foi realizado um velório naquela noite. Na época, era comum fazer máscaras mortuárias de gesso de pessoas proeminentes. O Departamento Histórico da Igreja possui os moldes originais.

Fotografia de Don O. Thorpe, cedida gentilmente pela Fundação Willford C. Wood

“ELE É O GRANDE PROFETA DESTA DISPENSAÇÃO”



Pinura de Dan Weggeland

O Profeta Joseph Smith

O Presidente Gordon B. Hinckley externou gratidão pelo Profeta Joseph Smith:

“Como é grande nossa dívida para com ele! Sua vida começou em Vermont e terminou em Illinois. Maravilhosos foram os acontecimentos entre aquele humilde nascimento e o trágico fim. Foi ele que nos proporcionou o verdadeiro conhecimento de Deus, o Pai Eterno, e de Seu

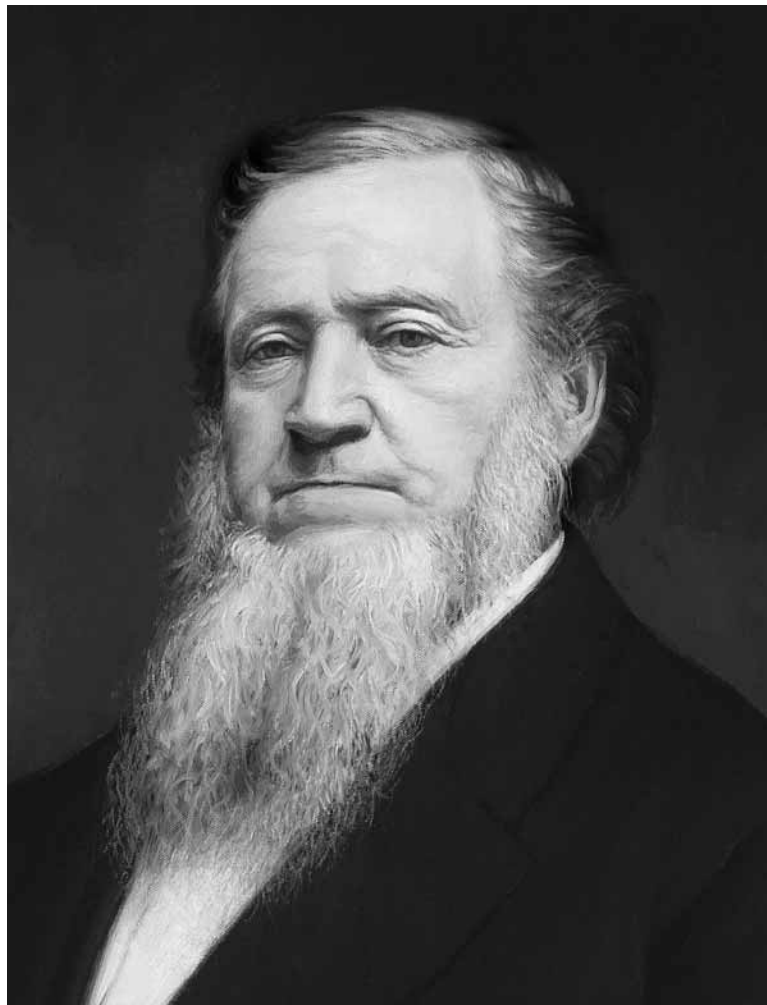
Filho Ressurreto, o Senhor Jesus Cristo. Na curta duração de sua grandiosa visão, ele aprendeu mais a respeito da natureza da Deidade do que todas as pessoas instruídas que, ao longo dos séculos, abordaram esse tema em conselhos e reuniões. Ele deu-nos o maravilhoso Livro de Mórmon, outra testemunha da realidade viva do Filho de Deus. A ele, pelos antigos, foi passado o sacerdócio, o poder, o dom, a autoridade e as chaves para falar e agir em nome de Deus. Ele nos deu a organização da Igreja e sua grandiosa e sagrada missão. Por meio dele foram restauradas as chaves dos templos sagrados, para que homens e mulheres pudessem fazer convênios eternos com Deus e para que fosse cumprida a grande obra pelos mortos, abrindo-lhes o caminho para bênçãos eternas. (...)

Ele foi o instrumento nas mãos do Todo-Poderoso. Foi o servo que, sob a direção do Senhor Jesus Cristo, iniciou esta grande obra dos últimos dias.

Nós o homenageamos com reverência. Ele é o grande profeta desta dispensação. Está à frente desta grandiosa e influente obra que se espalha por toda a Terra. É nosso profeta, nosso revelador, nosso vidente, nosso amigo. Que jamais o esqueçamos. (...) Agradecemos a Deus pelo Profeta Joseph” (“Uma Época de Gratidão”, *A Liabona*, dezembro de 1997, p. 2).

Brigham Young

SEGUNDO PRESIDENTE DA IGREJA



Pintura de John W. Clawson

EVENTOS MARCANTES DA VIDA DE BRIGHAM YOUNG

Idade Acontecimentos

- Nasce em 1º de junho de 1801 em Whittingham, Condado de Windham, Vermont, filho de John e Abigail Howe Young.
- 14 Sua mãe falece; começa a ganhar seu próprio sustento e torna-se carpinteiro (1815).
- 23 Casa-se com Miriam Works (8 de outubro de 1824).
- 30 É batizado na Igreja (14 de abril de 1832) e ordenado élder (1832).
- 31 Morre sua esposa, Miriam (8 de setembro de 1832), deixando duas filhas pequenas a seus cuidados.
- 32 Casa-se com Mary Ann Angell (18 de fevereiro de 1834).
- 32–33 Atua como capitão na marcha do Acampamento de Sião (Maio a julho de 1834).
- 33 É ordenado como um dos membros originais do Quórum dos Doze Apóstolos pelas Três Testemunhas (14 de fevereiro de 1835).
- 37 Conduz os santos do Missouri para Illinois (1838–1839).
- 38–40 Serve como missionário na Grã-Bretanha (setembro de 1839 a julho de 1841).
- 38 Apoiado como presidente do Quórum dos Doze (14 de abril de 1840).
- 43–46 Como apóstolo sênior, assume a liderança da Igreja após o martírio do Profeta Joseph Smith (1844–1847).
- 45 Recebe a revelação registrada em Doutrina e Convênios 136; tem uma visão do Profeta Joseph Smith (14 de janeiro de 1847).
- 45–47 Lidera o êxodo dos santos para o Vale do Lago Salgado (abril de 1847 a setembro de 1848).
- 46 Retorna para Winter Quarters (segundo semestre de 1847); a Primeira Presidência é reorganizada (5 de dezembro de 1847); é apoiado presidente da Igreja em 27 de dezembro de 1847 em Kanesville (hoje Council Bluffs), Iowa.
- 48 Funda a Universidade de Deseret (28 de fevereiro de 1850), que se torna posteriormente a Universidade de Utah.
- 49 Torna-se governador do território de Utah (20 de setembro de 1850).
- 51 Assenta a pedra fundamental do Templo de Salt Lake (6 de abril de 1853).
- 56–57 Guerra de Utah; encerra seu mandato de oito anos como governador (1857–1858).
- 66 Fim da construção do Tabernáculo de Salt Lake; é organizada a União de Escolas Dominicais Locais (1867).
- 67 A estrada de ferro chega até Utah (10 de maio de 1869).
- 68 É organizada a Associação de Moderação das Moças (28 de novembro de 1869).
- 75 Dedica o Templo de St. George Utah (6 de abril de 1877).
- 76 Morre em Salt Lake City, Utah (29 de agosto de 1877).



Whittingham, Vermont

Fotografia de Don O. Thorpe

Brigham Young nasceu quatro anos antes que o Profeta Joseph Smith. Foi batizado na Igreja em 14 de abril de 1832, perto de sua casa em Mendon, Nova York. Em setembro do mesmo ano, pouco depois da morte de sua esposa, viajou para Kirtland, Ohio, a fim de conhecer o Profeta. Escreveu o seguinte acerca desse encontro:

“Fomos à casa de seu pai e foi-nos dito que Joseph estava no bosque, cortando madeira. Imediatamente seguimos para lá, onde encontramos o Profeta com dois ou três de seus irmãos, cortando e carregando lenha. Senti enorme alegria ao ter o privilégio de apertar a mão do Profeta de Deus e recebi um testemunho seguro, pelo Espírito de profecia, de que ele era tudo o que qualquer homem poderia crer que fosse, um Profeta verdadeiro. Ele ficou feliz ao ver-nos e deu-nos as boas-vindas. Logo voltamos para sua casa em sua companhia.

Naquela noite, recebemos a visita de alguns irmãos e conversamos sobre as coisas do reino. Ele pediu que eu orasse; em minha oração, falei em línguas. Assim que nos levantamos de nossos joelhos, os irmãos aglomeraram-se à volta de Joseph e perguntaram sua opinião sobre o dom das línguas que se manifestara em mim. Ele respondeu-lhes que era o idioma adâmico puro. Alguns lhe disseram que esperavam vê-lo condenar o dom do irmão Brigham, mas ele retrucou: ‘Não, é algo que provém de Deus, e tempo virá em que o irmão Brigham Young presidirá esta Igreja’. A última parte desta conversa desenrolou-se em minha ausência” (*Manuscript History of Brigham Young, 1801–1844*, comp. Elden Jay Watson [1968], pp. 4–5).

Posteriormente, Brigham Young disse: “Sinto vontade de bradar aleluia continuamente ao lembrar que conheci Joseph Smith, o Profeta que o Senhor levantou e ordenou e a quem conferiu as chaves e o poder de edificar o reino de Deus na Terra e sustê-lo” (*Discourses of Brigham Young*, sel. John A. Widtsoe [1954], p. 458).

Os tempos e circunstâncias raramente levam um homem à posição na qual se encontrou Brigham Young após o martírio do Profeta Joseph Smith em 27 de junho

de 1844, quando o Senhor revelou Sua vontade relativa à sucessão da liderança na jovem Igreja e ao êxodo dos santos para o Oeste.



Pintura de Larry Winberg

Brigham Young amava o Profeta Joseph Smith. Desde os primeiros contatos, tornaram-se amigos leais.

BRIGHAM YOUNG CONHECIA BEM OS RIGORES DA VIDA E O TRABALHO ÁRDUO

Brigham Young conhecia bem o trabalho, a pobreza e as privações. Fez os seguintes comentários sobre sua infância:

“Desde muito pequeno trabalhei com meu pai, ajudando-o a desmatar terrenos e cultivar sua fazenda, passando pelas muitas privações e dificuldades ligadas ao povoamento de uma região desabitada” (*Manuscript History of Brigham Young*, p. 1).

“O irmão Heber e eu nunca fomos à escola até conhecermos o ‘mormonismo’: esses foram nossos primeiros estudos. Nunca tivemos a oportunidade de receber instrução formal na juventude, mas o privilégio de empunhar foices, cortar árvores, carregar troncos, trabalhar entre os tocos e sair com as canelas, pés e dedos feridos. O tio do irmão Merrell, que hoje está sentado na congregação, fez o primeiro chapéu que meu pai comprou para mim; e nessa época eu já tinha cerca de onze anos de idade. Mas eu não andava com a cabeça descoberta antes disso, tampouco pedia a meu pai que comprasse um chapéu novo de cinco dólares depois de alguns meses de uso, como fazem alguns de meus meninos. Minhas irmãs faziam para mim um gorro para o inverno, e no verão eu usava chapéus de palha que em geral eu mesmo trançava. Aprendi a fazer pão, lavar a louça, ordenhar vacas e fabricar manteiga, o que até hoje sei fazer. Faço manteiga e cuido da casa melhor do que a maioria das mulheres desta comunidade. Essas são as vantagens que adquiri em minha mocidade. Aprendi a economizar, pois meu pai tinha de fazê-lo” (*Journal of Discourses*, 5:97).



Gravura em aço de W. H. Gibbs

Brigham Young

“Em vez de chorar por causa de nossos sofrimentos, como fariam alguns, prefiro contar histórias positivas e deixar o pranto para outras pessoas. Não sei se sofri; não me dou conta disso. Passei fome e frio? Sim, mas isso não foi padecimento. Habituei-me a isso em minha juventude. Trabalhava cortando madeira na floresta e cuidando de animais, no verão e no inverno, sem roupas adequadas para o frio e sem comer o bastante, até o estômago doer. Assim, estava acostumado a tudo isso e não sofri. Como eu disse aos irmãos recentemente, a única dificuldade que tive nesta Igreja foi conservar a calma perante meus inimigos. Mas praticamente já superei isso” (*Journal of Discourses*, 12:287).

ELE FOI UM EXÍMIO ARTESÃO



A moldura desta lareira foi feita por Brigham Young.

Aos quatorze anos de idade, Brigham Young começou a trabalhar como aprendiz de marceneiro e pintor de casas. E destacou-se nessas atividades. Durante seu período de aprendizado, estabeleceu-se como “o hábil artesão famoso na cidade [de Auburn, Nova York] pela beleza de suas decorações de poço de escada, clarabóias, caixilhos de porta, corrimões, janelas de sótão e sobretudo cornijas de lareira” (Mary Van Sickle Wait, *Brigham Young in Cayuga County, 1813–1829* [1964], p. 24).

ELE ERA UM MARIDO E PAI DEDICADO

“Brigham conheceu Miriam Angeline Works, na época com dezoito anos de idade, cuja família morava perto da fábrica de baldes (onde trabalhava Brigham) e tinha amizade com Charles Parks [o patrão de Brigham]. Segunda filha de Asa e Abigail Works, nascida em Aurelius em 6 (ou 7) de junho de 1806, Miriam (às vezes chamada de Angeline) era ‘uma bela loira de olhos azuis e cabelos ondulados; dócil e adorável’. [Susa Young Gates e Leah D. Widtsoe, *The Life Story of Brigham Young* (1930), p. 19] Seu pai, assim como o de Brigham, era veterano da Revolução Americana. Mudara-se para o oeste de Nova York, mas era natural de Worcester, Massachussets, não muito longe de onde residira John Young. Brigham e Miriam travaram conhecimento; ele acompanhou-a a pé até a casa dela, cantaram juntos e conversaram sobre a vida. Aos vinte e três anos de idade, Brigham Young tomou emprestado um cavalo e uma carruagem do pai de William Hayden, alugou uma casa no alto da rua e casou-se com Miriam.



Fotografia de Longin Loneyzyna Jr.

Depois de casarem-se, Brigham e Miriam Young mudaram-se de Aurelius, Nova York, para a cidade vizinha de Haydenville, onde Brigham trabalhava na agricultura no verão e numa fábrica de tintas no inverno. Acredita-se que Brigham e Miriam tenham morado na casa mostrada nesta fotografia.

Lá, nasceu sua segunda filha e sua esposa contraiu tuberculose, que a enfraqueceu gradualmente. Brigham era amoroso, atencioso e afável. Todos os dias antes do trabalho, assegurava-se do conforto da esposa e dos cuidados com as filhas.

Brigham Young certa vez comentou que, depois do casamento, trabalhava para receber meia coroa por dia quando não conseguia ganhar mais; preparava o desjejum para a esposa, ele e as filhas, vestia as crianças, limpava a casa, carregava a esposa até a cadeira de balanço perto da lareira e deixava-a lá até regressar à noite. Ao voltar para casa, fazia o jantar para ele e a família, colocava a esposa de volta na cama e terminava

as tarefas domésticas do dia” (Gates and Widtsoe, *The Life Story of Brigham Young*, p. 5).

Em 8 de setembro de 1832, sua esposa, Miriam, morreu. Foi enterrada em Mendon.

Posteriormente, Brigham casou-se com Mary Ann Angell. Ela vira-o discursar e ficara muito admirada. Ela ouviu também o evangelho pregado por Phineas e Lorenzo Young, irmãos de Brigham, e foi batizada por John P. Green, cunhado de Brigham. Algum tempo depois, no primeiro semestre de 1833, ela mudou-se para Kirtland. Brigham, pouco depois de chegar a Kirtland, ouviu-a prestar testemunho e ficou impressionado. Casaram-se em 18 de fevereiro de 1834. Ele tinha trinta e dois anos e ela, trinta.



Fotografia de Longin Lunoyzns Jr.

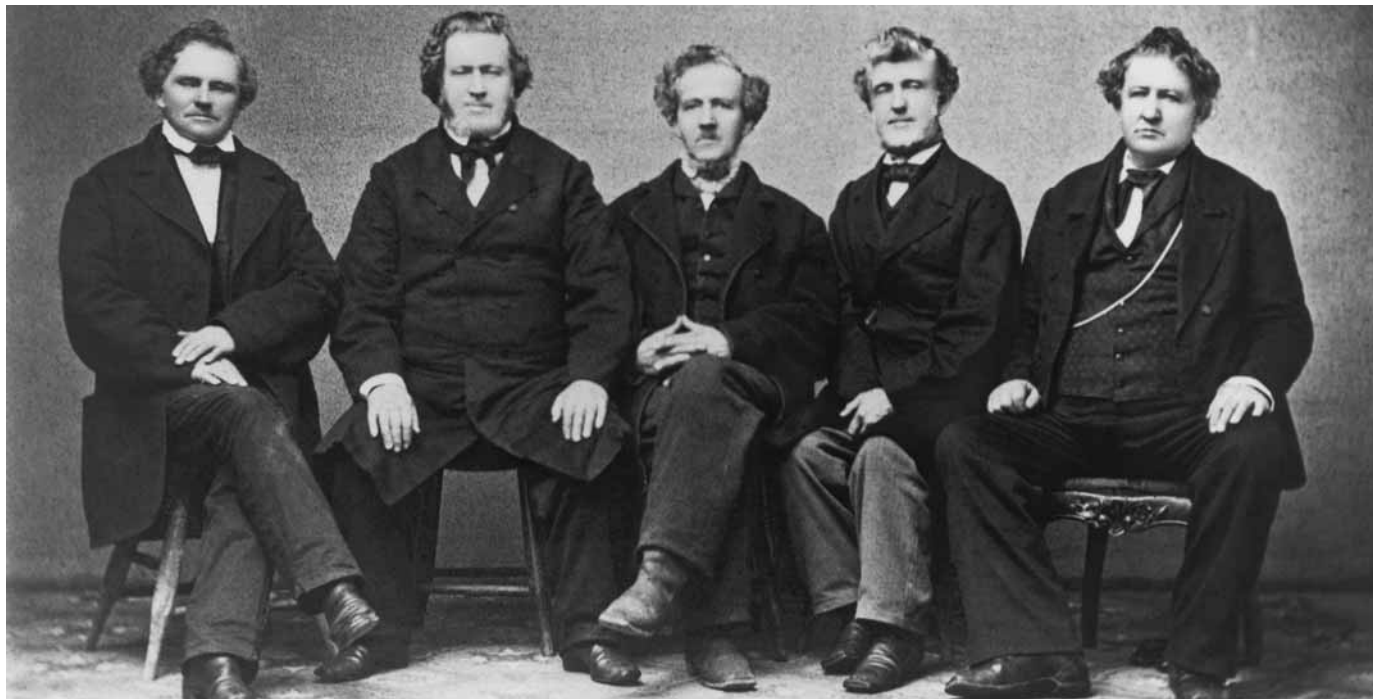
A casa de Phineas Young, perto de Victor, Nova York

ELE BUSCAVA REALIZAÇÃO ESPIRITUAL

O Presidente Brigham Young disse certa vez: “Religiosos tinham-me exortado a orar antes mesmo de eu ter oito anos de idade. Em relação a isso, apenas um sentimento dominava-me o espírito: ‘Senhor, preserva-me até eu atingir a idade suficiente para ter juízos sensatos e uma mente circunspecta e amadurecida, com uma sólida base de bom senso’” (*Journal of Discourses*, 8:37).

Ele tinha fortes valores morais, era trabalhador e honesto. Contou que, com sua mãe, aprendeu a amar e reverenciar a Bíblia: “Sobre minha mãe, que me gerou, posso dizer que jamais houve no mundo mulher melhor do que ela. (...) Em vida, ensinou os filhos em todos os momentos a honrarem o nome do Pai e do Filho e a respeitarem o Livro Santo. Ela dizia: ‘Leiam-no, sigam seus preceitos e apliquem-nos em sua vida o máximo que puderem. Façam tudo o que for bom; nada façam de ruim; e caso vejam alguém em dificuldades, procurem aliviar seu fardo; jamais permitam que a ira se acenda em seu peito, pois se o fizerem, serão vencidos pelo mal’” (citado por Preston Nibley, *Brigham Young: The Man and His Work* [1936], p. 2).

“Antes de abraçar o evangelho, eu compreendia muito bem os ensinamentos das diferentes denominações, mas era chamado de infiel por não aceitar seus dogmas. (...) Eu acreditava em algumas coisas que eles professavam, mas não em outras. (...) Quando seus preceitos estavam em harmonia com a Bíblia, eu conseguia crer neles; do contrário, não” (Brigham Young, *Journal of Discourses*, 18:247).



© Sociedade Histórica do Estado de Utah

Brigham Young e seus irmãos, numa fotografia tirada por Charles R. Savage em 13 de setembro de 1866 (da esquerda para a direita: Lorenzo, Brigham, Phineas, Joseph e John)

“Lembro-me, quando jovem, de ouvir as pregações de Lorenzo Dow. Ele era considerado um grande homem pelas pessoas religiosas. Embora jovem e sem grande experiência, eu muito ansiava por ouvir alguém que me dissesse algo, ao abrir a Bíblia, sobre o Filho de Deus, a vontade de Deus, sobre o que os homens na antigüidade tinham feito, recebido, visto e ouvido no tocante a Deus e ao céu. Assim, fui ouvir Lorenzo Dow. Ele ora ficava de pé, ora sentado; sempre trocava de posição e falou por duas ou três horas. Quando terminou, perguntei a mim mesmo; ‘O que aprendi com Lorenzo Dow?’ E a resposta foi: ‘Nada, nada além de princípios morais’. Ele era capaz de dizer às pessoas que não deveriam trabalhar no Dia do Senhor, mentir, dizer profanidades, roubar, cometer adultério e assim por diante. No entanto, quanto aos ensinamentos relativos às coisas de Deus, tudo era escuro como a meia-noite. (...) Eu preferiria ir a um pântano na madrugada para aprender a pintar quadros e então definir as cores, sem lua nem estrelas visíveis e em meio ao breu total, a buscar no mundo religioso conhecimento sobre Deus, o céu, o inferno ou a fé de um cristão. Porém, esses homens são capazes de explicar nossos deveres como seres racionais e morais, e isso é bom e louvável, mesmo com suas limitações” (Brigham Young, *Journal of Discourses*, 14:197–198).

ELE EXAMINOU COM CAUTELA AS AFIRMAÇÕES DO “MORMONISMO”

Durante sua missão no início de 1830, Samuel Smith vendeu um exemplar do Livro de Mórmon a Phineas Young, irmão de Brigham Young. Algum tempo depois, Phineas ofereceu-o a seu pai e sua irmã Fanny. Por fim, o livro foi dado a Brigham. Ele examinou-o com cuidado, como era de seu feitio. Por ser muito honesto e prático, Brigham não se deixaria levar precipitadamente por nada. Estudou o livro durante dois anos e então o aceitou de todo o coração. Brigham e sua esposa, Miriam, filiaram-se à Igreja. Ele sentiu o desejo de aprender mais, assim quis informar-se a fundo sobre os santos e o Profeta Joseph Smith o mais rápido possível.



Rio Cayuga. Em 14 de abril de 1832, Eleazer Miller batizou Brigham Young neste riacho perto de Mendon, Nova York.

Brigham Young era um homem sincero que buscava a verdade. Seus critérios para julgar a Igreja eram diretos e sólidos. “Observei”, disse ele, “para ver se eles tinham senso; em caso afirmativo, eu queria vê-los apresentá-lo de acordo com as escrituras” (*Journal of Discourses*, 8:38). Ele contou que, ao

receber o Livro de Mórmon, seus sentimentos foram: “Espere; qual é a doutrina do livro e das revelações que o Senhor concedeu? Deixe-me examiná-las com o coração”; e depois de fazê-lo, achei que tinha o direito de saber por mim mesmo, como qualquer outro homem na Terra.

Estudei o assunto com cuidado durante dois anos antes de decidir-me por aceitar o livro. Eu sabia que era verdadeiro, tanto quanto era capaz de enxergar o que estava diante de meus olhos, sentir meus dedos ou perceber a manifestação de qualquer outro sentido. Se não fosse assim, até hoje nunca o teria aceitado; seria algo sem forma nem formosura para mim. Eu queria tempo suficiente para provar tudo por mim mesmo” (*Journal of Discourses*, 3:91).

Não se tratava de procrastinação, mas da cautela de um homem que, depois de encontrar a verdade, dedicaria sua vida a ela. Ele declarou: “Eu não poderia ter-me preparado de modo mais honesto e sincero para a eternidade do que ao entrar para esta Igreja; e quando tudo estava amadurecido em minha mente, aceitei-a sem reservas, mas não antes” (*Journal of Discourses*, 8:38).

SUA CONVERSÃO VEIO PELO TESTEMUNHO DIVINO DO ESPÍRITO SANTO

Em 1852, o Presidente Brigham Young contou o seguinte sobre sua conversão: “Se todo o talento, tato, sabedoria e refinamento do mundo me tivessem sido enviados com o Livro de Mórmon e declarado sua veracidade na mais exaltada eloquência do mundo, propondo-se a prová-lo pela sapiência e conhecimento humanos, tudo isso teria sido para mim como o vapor que se forma e em seguida se dissipa. Mas quando ouvi um homem sem eloquência nem talentos de oratória dizer que era capaz de testificar apenas: ‘Sei, pelo poder do Espírito Santo, que o Livro de Mórmon é verdadeiro, que Joseph Smith é um Profeta do Senhor’, o Espírito Santo que emanava daquele homem iluminou meu entendimento e vi-me diante de luz, glória e imortalidade. Isso me envolveu e preencheu, e soube por mim mesmo que o testemunho daquele homem era verdadeiro” (*Journal of Discourses*, 1:90).



Brigham Young, por volta de 1846; daguerreótipo de Lucian R. Foster

Depois de seu batismo, escreveu: “Voltamos para casa, a cerca de três quilômetros; estava frio e nevava. Antes de minhas roupas secarem-se, [o irmão Eleazer Miller] impôs suas mãos sobre mim e ordenou-me élder, e fiquei maravilhado. De acordo com as palavras do Salvador, senti um espírito humilde, como o de uma criança, testificando-me que meus pecados tinham sido perdoados” (*Manuscript History, 1801–1844*, p. 3).

SUA CONVERSÃO TROUXE OS DONS DO ESPÍRITO

Por causa de sua grande fé, Brigham Young desfrutou muitos dons do Espírito, como a revelação, a profecia e o dom das línguas. Escreveu: “Algumas semanas depois de meu batismo, eu estava na casa do irmão Kimball certa manhã e, enquanto a família orava, o irmão Alpheus Gifford começou a falar em línguas. Logo fui tomado pelo Espírito e falei em línguas, e pensamos apenas no dia de Pentecostes, quando os apóstolos foram visitados por línguas repartidas de fogo” (*Manuscript History, 1801–1844*, 3).

O ESPÍRITO DO SENHOR AJUDOU-O A PREGAR E ENSINAR

Uma das maiores dificuldades de Brigham Young era falar em público, mas o efeito do Espírito sobre ele era tão forte que ele não podia conter-se. Fez as seguintes observações sobre seus sentimentos:

“Quando comecei a falar em público, minha habilidade era mínima. (...) Eu sentia dor de cabeça quando tinha idéias para expor às pessoas, mas não achava palavras para exprimi-las. Contudo, sempre fui determinado e empenhei-me ao máximo” (*Journal of Discourses*, 5:97).

“Quando comecei a pregar, decidi que declararia as coisas que compreendia, sem temer os amigos e as ameaças nem atentar para bajulações. Tudo isso não representava nada para mim, pois eu tinha o dever de apresentar-me a uma congregação de estranhos e testificar



Templo de Kirtland. Kirtland, Ohio, foi tanto uma bênção como um local de duras provas para Brigham Young. Sua fé e lealdade ao Profeta Joseph Smith foram testados na difícil marcha de 1.900 quilômetros do Acampamento de Sião, ao longo de quatro estados. Boa parte da construção do Templo de Kirtland foi supervisionada por Artemius Millett, um canadense cuja família fora convertida por Brigham Young.

que o Senhor vive, que Se revelou em nossos dias, nos deu um Profeta e trouxe o novo e eterno convênio para a restauração de Israel. E se isso fosse tudo o que eu conseguisse dizer, ficaria satisfeito como se me erguesse e falasse durante horas. (...) Se não fosse por esse sentimento, nada me teria induzido a tornar-me um orador” (*Journal of Discourses*, 4:21).

“Uma semana [depois de meu batismo], tive o prazer de visitar uma grande congregação para pregar. Acho que estavam presentes naquela ocasião quatro élderes experientes, que antes tinham sido metodistas e batistas e que haviam aceitado o evangelho e agora eram membros da Igreja. Eu esperava ouvi-los pregar os princípios que acabáramos de receber por meio dos servos do Senhor. Eles disseram que o Espírito do Senhor não estava com eles, embora fossem pregadores de longa data. Eu era apenas um menino no tocante à oratória e ao conhecimento do mundo, mas o Espírito do Senhor repousava sobre mim, e senti que meus ossos se consumiriam a menos que eu me dirigisse à congregação e lhes declarasse o que eu vira, ouvira e aprendera — o que eu vivera e no que me regozijara; e o primeiro discurso que fiz durou mais de uma hora. Abri a boca, e o Senhor preencheu-a” (*Journal of Discourses*, volume 13, p.211).

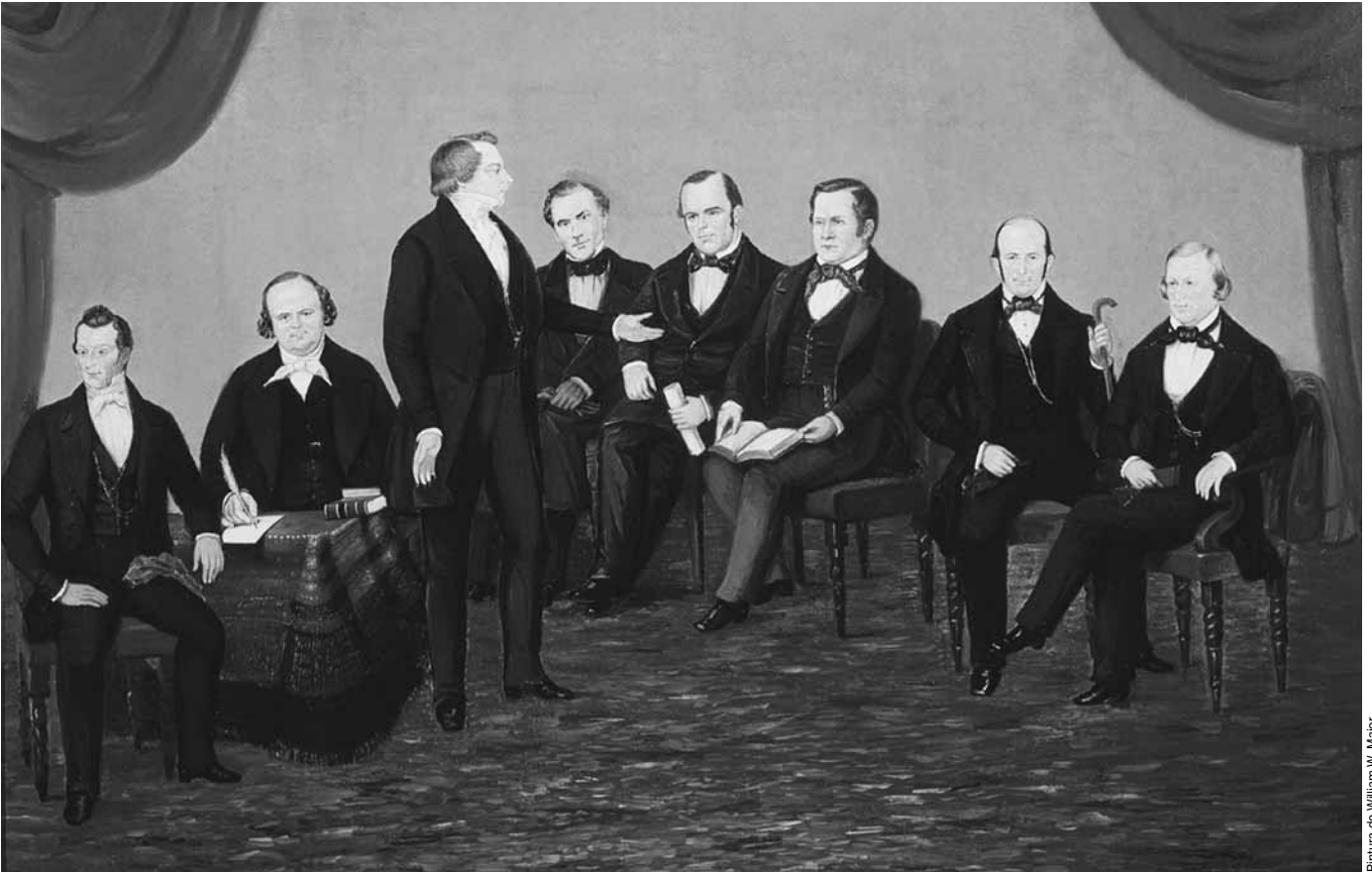
ELE INTEGROU O ACAMPAMENTO DE SIÃO

Em 1834, Brigham Young serviu no Acampamento de Sião, um grupo de voluntários liderados pelo Profeta Joseph Smith para ir ao Missouri ajudar os membros oprimidos que lá estavam. Os sacrifícios que fizeram e as dificuldades que enfrentaram durante essa marcha deram a oportunidade a homens como Brigham Young de mostrar sua devoção e dedicação ao evangelho de Jesus Cristo. A maioria dos homens posteriormente escolhidos para os conselhos de liderança na Igreja serviram no Acampamento de Sião.

ELE ERA UM DISCÍPULO DEDICADO DO SENHOR E DE SEU PROFETA

Em 1836, reinava um espírito de apostasia entre vários santos em Kirtland, mas Brigham Young demonstrou lealdade ao Profeta Joseph Smith, algo característico de todo o seu ministério. Escreveu:

“Nessa época, o espírito de especulação, inimizade e apostasia dominava muitos dos Doze e todos os quóruns da Igreja. Era algo tão generalizado que era difícil para qualquer pessoa enxergar claramente o caminho a seguir.



Pintura de William W. Major

Líderes da Igreja: Hyrum Smith, Willard Richards, Joseph Smith, Orson A. Pratt, Parley P. Pratt, Orson Hyde, Heber C. Kimball e Brigham Young

Em certa ocasião, vários dos Doze, as testemunhas do Livro de Mórmon e outras autoridades da Igreja realizaram um conselho na sala superior do Templo. Seu objetivo era determinar como destituir o Profeta Joseph e nomear David Whitmer presidente da Igreja. John Smith, Heber C. Kimball e outros presentes opunham-se a tais medidas. Levantei-me e, de modo claro e enérgico, disse-lhes que Joseph era um profeta e que eu o sabia. Eles poderiam injuriá-lo e caluniá-lo o quanto quisessem, mas jamais seriam capazes de destruir sua designação como Profeta de Deus; conseguiriam apenas destruir a própria autoridade deles, cortar os laços que os uniam ao Profeta e a Deus e afundar rumo ao inferno. Muitos se enfureceram com minha oposição firme a suas intenções, e Jacob Bump (um ex-pugilista) ficou tão exasperado que não foi capaz de conter-se. Alguns dos irmãos perto dele o seguraram e pediram que se acalmasse, mas ele resistiu e afastou seus braços exclamando: ‘Como posso deixar de pôr as mãos nesse homem?’ Eu disse-lhe que caso isso o aliviasse, poderia agredir-me. A reunião terminou sem que os apóstatas chegassem a um consenso sobre as medidas de oposição a tomar. Foi uma crise na qual Terra e inferno pareciam mancomunados para derrubar o Profeta e a Igreja de Deus. Os joelhos de muitos dos homens mais fortes da Igreja fraquejaram.

“Durante esse ataque das trevas, permaneci fiel a Joseph e, com toda a sabedoria e poder de Deus investidos sobre mim, usei todas as minhas energias para apoiar o servo de Deus e unir os quóruns da Igreja” (*Manuscript History, 1801–1844*, pp. 15–17).

A CONDIÇÃO DE DISCÍPULO RESULTOU EM PERSEGUIÇÕES



Fotografia de Don O. Thorpe

Cadeira que Brigham Young fez para seu pai e a bolsa missionária de Brigham

Brigham Young escreveu: “Na manhã de 22 de dezembro de 1837, saí de Kirtland devido à fúria das turbas e do espírito que reinava entre os apóstatas, que tinham ameaçado destruir-me porque eu proclamava, em público e em particular, saber pelo poder do Espírito Santo que Joseph Smith era um Profeta do Deus Altíssimo e que não transgredira ou

caíra como os apóstatas alegavam” (*Manuscript History, 1801–1844*, p. 23).

O preço a ser pago pela condição de discípulo costuma ser elevado, mas as recompensas são igualmente grandiosas. Vejamos a seguinte declaração do Presidente Brigham Young, na época Presidente do Quórum dos Doze Apóstolos:

“[Em 10 de dezembro de 1843], participei de uma reunião de oração na sala de assembléias. Devido à ausência do Presidente Joseph Smith, presidi e instruí os irmãos sobre a necessidade de seguirmos nosso líder e nosso Salvador em todas as Suas leis e mandamentos sem questionar-lhes a natureza” (*Manuscript History, 1801–1844*, p. 156).

JOSEPH SMITH ERA UM PROFETA QUE DEVERIA SER SEGUIDO, NÃO CONDENADO

Ao falar da importância de termos fé e confiança em nossos líderes da Igreja, o Presidente Brigham Young disse:

“Embora eu admitisse em meus sentimentos e soubesse o tempo todo que Joseph era um ser humano e sujeito a erros, ainda assim não cabia a mim procurar defeitos nele.

Arrependi-me de minha descrença — fiz isso sem demora; arrependi-me tão rápido quanto errara. Não competia a mim questionar se Joseph era dirigido pelo Senhor em todos os momentos e circunstâncias ou não. Nunca, em nenhum instante, acreditei que homem algum ou grupo algum de homens ou seres na face de toda a Terra tivessem algo de que o acusar, pois ele era superior a todos eles e tinha as chaves da salvação para eles. Se eu não compreendesse isso e não acreditasse nisso, duvido muito que teria aceitado o que se chama ‘mormonismo’. (...)

Não era minha prerrogativa questionar o Profeta em nenhum ato de sua vida. Ele era um servo de Deus, não meu. Não pertencia ao povo, mas ao Senhor, e iria realizar a obra Dele. (...) Essa era minha fé e ainda o é.

Se não confiamos naqueles que o Senhor designou para liderar o povo, como podemos ter confiança num Ser do qual nada conhecemos? (...)

Como teremos confiança plena em todas as palavras e atos de Joseph? Por meio de apenas um princípio, a saber, viver de modo que a voz do Espírito testifique a nós constantemente que ele é o servo do Altíssimo; a fim de sentirmos como se o próprio Senhor declarasse: ‘Joseph é meu servo, guio-o por onde desejo que vá e ordeno-lhe que faça tudo o que me aprouver; ele é meu porta-voz para o povo.’ (...)

(...) Este é o ensinamento que ouvirão o tempo todo: vivam de modo a terem sempre consigo a voz do

Espírito de Deus e assim saberão que o que ouvirem dos líderes do povo é correto” (*Journal of Discourses*, volume 4, pp. 297–298).

APLICAR AS PALAVRAS DO PROFETA TORNOU-SE A CHAVE DE SEU SUCESSO

O Profeta Joseph Smith reconheceu cedo a grandeza de Brigham Young e, ao longo dos anos, o coração desses dois gigantes da Restauração uniu-se por laços duradouros. Brigham Young ouviu o Profeta pregar e ensinar, não só em público, mas também em particular. O futuro presidente da Igreja recebeu ensinamentos sobre os mistérios



Mary Ann Angell, esposa de Brigham Young

da divindade, recebeu chaves e poderes para ministrar e a ele foram confiados princípios sagrados inicialmente destinados a pouquíssimos outros. Ele sabia como receber a mente e a vontade do Senhor, foi instruído verdade após verdade e recebeu revelação após revelação e ordenança após ordenança até alcançar todo o necessário para presidir os irmãos e posteriormente a Igreja.



Brigham e Mary Ann Angell Young e seus filhos

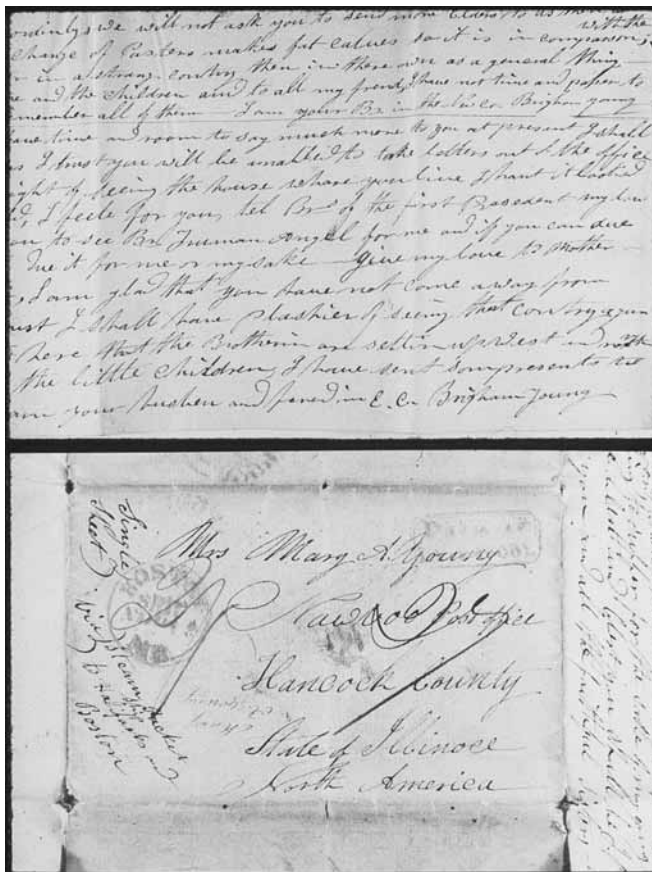
Em 1868, o Presidente Brigham Young disse: “Ao longo dos anos, nunca perdi uma oportunidade de reunir-me com o Profeta Joseph e ouvi-lo em público ou em particular a fim de ganhar conhecimento da fonte da qual ele pregava, para ter acesso a ela e dela fazer uso quando necessário. Minha própria experiência mostra-me que o grande sucesso com o qual o Senhor coroou meu trabalho deve-se ao fato de aplicar meu coração à sabedoria. (...) Nos dias do Profeta Joseph, esses momentos eram mais preciosos para mim do que todas as riquezas do mundo. Por maior que fosse minha

pobreza — mesmo que eu tivesse que pegar farinha emprestado para alimentar minha esposa e filhos, nunca perderia a oportunidade de aprender o que o Profeta tinha a transmitir. Esse é o segredo do sucesso de seu humilde servo” (*Journal of Discourses*, volume 12, pp.269–270).

ELE AJUDOU OS SANTOS A SAÍREM DO MISSOURI E IREM PARA ILLINOIS

Brigham Young e Heber C. Kimball tiraram os santos do ambiente hostil criado pelos habitantes do Missouri e conduziram-nos para Commerce, Illinois. Muitas das circunstâncias ligadas ao êxodo do Missouri repetiram-se em 4 de fevereiro de 1846 quando os santos deixaram Nauvoo, Illinois. Assim como o Profeta Joseph Smith, Brigham Young foi instruído pelo Senhor para tornar-se uma grande influência para o bem no fortalecimento do reino de Deus na Terra.

ELE FOI UM MISSIONÁRIO FIEL



Ao servir na Inglaterra, Brigham Young escrevia para sua amada esposa Mary Ann sempre que podia.

Brigham Young serviu dez vezes como missionário entre o dia de sua conversão e a morte do Profeta Joseph Smith. Em setembro de 1839, Brigham Young, tão doente que mal podia andar sem ajuda, deixou sua

família para servir numa missão de dois anos na Inglaterra. Ao embarcar num navio a vapor no lago Erie em Fairport, Ohio, para Buffalo, Nova York, caiu uma tempestade que prejudicou o andamento da viagem. Ele registrou: “Os ventos intensificaram-se por volta de 1h da manhã. Subi ao convés e fui inspirado pelo Espírito a orar ao Pai, em nome de Jesus, pedindo o perdão de meus pecados. Em seguida, senti que deveria ordenar aos ventos que cessassem e nos deixassem seguir viagem em segurança. Os ventos diminuíram, e tive vontade de dar glória, honra e louvor ao Deus que reina sobre todas as coisas” (*Manuscript History, 1801–1844*, pp. 58–59).

Para ele, a maior alegria era sempre estar em casa com a família. Em julho de 1841, reencontrou por fim sua esposa, Mary Ann, e os filhos em Nauvoo depois de sua longa missão na Inglaterra. Em 18 de janeiro de 1842, fez a seguinte confidência carinhosa em eu diário: “Hoje à noite, estou sozinho com minha esposa perto da lareira pela primeira vez em muitos anos. Apreciamos este momento e louvamos ao Senhor por isso” (Diário de 1837—1845 de Brigham Young; grafia atualizada).

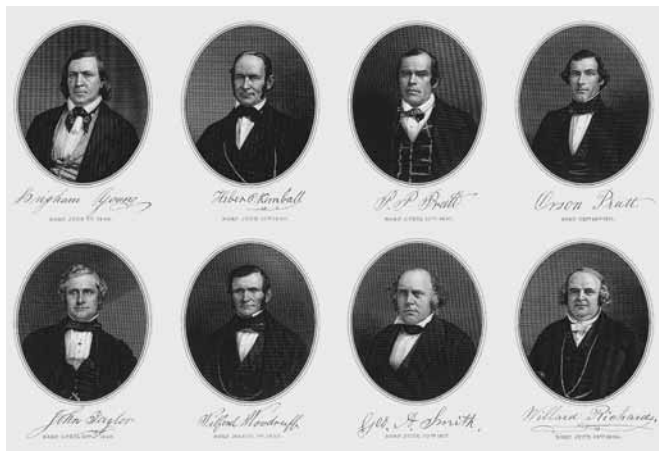
ELE PREPAROU-SE PARA A LIDERANÇA

Forte, inteligente e dinâmico, Brigham Young recebeu cedo responsabilidades de liderança. Foi capitão no Acampamento de Sião, confidente do Profeta Joseph Smith, um dos primeiros apóstolos a serem chamados nesta dispensação, organizador do êxodo do Missouri, presidente do Quórum dos Doze Apóstolos e élder presidente da Missão Inglesa. Dedicado e confiável, sua lealdade ao Profeta foi constante. As dificuldades e tribulações foram uma escola que o ajudou a amadurecer e o transformou no profeta compassivo que veio a tornar-se.

Nos dias negros de Kirtland, quando a apostasia era quase generalizada entre os líderes da Igreja, foi a firmeza inquebrantável de Brigham Young que se tornou uma força para os santos leais. Sua liderança firme levou a Igreja adiante durante as perseguições do Missouri enquanto o Profeta Joseph e Hyrum Smith definhavam na Cadeia de Liberty. Guiou os Doze Apóstolos por mais de 300 quilômetros no Missouri hostil a fim de poderem partir em missão para a Inglaterra do local indicado pelo servo do Senhor.

Na Inglaterra, os Doze Apóstolos debateram-se contra contínuas pressões dos homens, da natureza e do próprio Satanás. Em meio a tudo isso, Brigham Young demonstrou sua grande capacidade de liderança e sua dedicação ao evangelho restaurado. Auxiliou Wilford Woodruff e Willard Richards nas conversões em massa em Herefordshire, pregou em Londres, falou em línguas, curou os enfermos e coxos, compilou um hinário,

publicou o Livro de Mórmon e preparou um índice para ele, estabeleceu em bases sólidas a primeira missão no exterior e organizou um sistema para transportar milhares de conversos para a América, ao mesmo tempo em que ajudou o Quórum dos Doze a tornar-se um grupo unido e harmonioso.



Os oito apóstolos que serviram na Inglaterra de 1840 a 1841

Posteriormente, em Nauvoo, sob a direção da Primeira Presidência, ele presidiu reuniões e conselhos. Não havia nesse homem nenhuma motivação egoísta, vanglória ou autopromoção. Estava dedicado a apoiar de todo o coração o Profeta a quem amava.



Fotografias de Don O. Thorpe

A casa de Brigham Young em Nauvoo foi restaurada e remobiliada por arquitetos e especialistas de restauração de Nauvoo.

O MANTO DO PROFETA REPOUSOU SOBRE ELE

Depois da morte do Profeta Joseph Smith, vários homens apresentaram-se na esperança de tornar-se o novo líder da Igreja. Alguns membros ficaram confusos, sem saber a quem seguir. Contudo, numa reunião crucial realizada em 8 de agosto de 1844, o poder de Deus estava sobre o Presidente Brigham Young, o presidente do Quórum dos Doze Apóstolos. Ele registrou em seu



Brigham Young, por volta de 1850

Daguerreótipo de Mairsena Cannon

diário: “Levantei-me e dirigi a palavra ao povo. Meu coração estava cheio de compaixão por eles e repleto do poder do Espírito Santo, sim, o espírito dos profetas. Consegui consolar o coração dos santos” (Brigham Young’s journal 1837–1845, 8 de agosto de 1844; ortografia e pontuação atualizadas).

Naquele dia, muitos tiveram uma visão. Um testemunho representativo de inúmeros dos presentes é o do Élder George Q. Cannon, que tinha quinze anos de idade na época e posteriormente se tornou apóstolo e conselheiro na Primeira Presidência: “Era a voz do próprio Joseph; e não só era a voz de Joseph que ouvíamos, mas parecia aos olhos das pessoas que era a própria pessoa de Joseph que estava diante deles. Era o acontecimento mais maravilhoso e miraculoso que aquela congregação jamais presenciara. O Senhor deu a Seu povo um testemunho que não deixou espaço para dúvidas quanto a qual homem Ele escolhera para guiá-los. Eles tanto viram como ouviram com seus olhos e ouvidos naturais, e então as palavras proferidas, acompanhadas do poder convincente de Deus, foram levadas a seu coração, e eles ficaram cheios do Espírito e sentiram grande alegria” (“Joseph Smith, the Prophet”, *Juvenile Instructor*, 29 de outubro de 1870, pp. 174–175).

O Presidente Wilford Woodruff, que também testemunhou esse acontecimento, disse: “Se eu não tivesse visto Brigham com meus próprios olhos, ninguém poderia convencer-me de que não era Joseph Smith que estava falando. Era a voz e o rosto de Joseph Smith; e qualquer pessoa que conheceu esses dois homens pode testificar disso” (citado em J.M. Whitaker, “Priesthood and the Right of Succession”, *Deseret Evening News*, 12 de março de 1892).



Brigham Young, por volta de 1853–1854

Daguerreótipo atribuído a Mairsena Cannon

O irmão Benjamin F. Johnson escreveu o seguinte sobre sua experiência: “O Presidente Rigdon foi chamado para apresentar suas pretensões ao povo. Assim o fez, e depois de suas palavras, que foram vazias e sem nenhum poder ou influência, o Presidente Brigham Young levantou-se para falar. Vi-o erguer-se, mas assim que abriu a boca, dei um salto, pois de todas as formas era a voz de Joseph, sua pessoa, sua aparência, sua atitude, sua maneira de vestir-se e portar-se, tudo era do próprio Joseph, personificado. Naquele momento, eu soube que o espírito e o manto de Joseph estavam sobre Brigham Young” (*My Life’s Review* [n.d.], p. 104).

SUA CORAGEM, FÉ E SENSO DE HUMOR FORAM UM EXEMPLO PARA OS SANTOS

Depois da morte do Profeta Joseph Smith, o Presidente Brigham Young tornou-se alvo constante de processos judiciais arbitrários e prisões. Ele enfrentou tais dificuldades com autocontrole e humor.



O Templo de Nauvoo

Em novembro de 1845, o Presidente Young escreveu que quando estava no Templo de Nauvoo com alguns irmãos, “Hans C. Hanson, o porteiro, comunicou que havia dois policiais esperando por mim aos pés da escada. Comentei com os irmãos que suportaria facilmente ficar lá dentro no calor enquanto os oficiais esperavam por mim no frio” (*History of the Church*, volume 7, pp.535).

Em outra ocasião, o Presidente Young foi informado de que oficiais federais estavam esperando às portas do templo para prendê-lo. Ele pediu a seus cocheiros que levassem sua carruagem para a frente do templo. Em seguida, William Miller colocou o chapéu de Brigham e a capa de Heber C. Kimball, saiu do templo e agiu como se fosse entrar na carruagem. Os policiais foram até ele e detiveram-no. Ele protestou com estardalhaço, dizendo que eles tinham capturado o homem errado e que não era culpado das acusações feitas contra ele. Crendo terem pegado Brigham Young, levaram-no para Carthage; durante todo o trajeto, William continuou a esbravejar e afirmar sua inocência.

Tão logo chegaram a Carthage espalhou-se a notícia de que o delegado prendera Brigham Young. Houve grande agitação até que um homem reconheceu William Miller. Chamou o delegado para conversar em particular e depois de voltar, o delegado perguntou a Miller se seu nome era Young.

“Ele respondeu: ‘Eu nunca lhe disse que meu nome era Young, disse?’ ‘Não’, respondeu o delegado, ‘mas um de meus homens afirmou conhecer o Senhor Young, e apontou para você como se fosse ele.’ William Backenstos voltou a falar com seus superiores e disse-lhes que William Miller de fato não era Brigham Young. Outro homem disse poder jurar que Miller não era Brigham Young. O delegado desculpou-se e perguntou a Miller seu nome. Ele respondeu: ‘William Miller’.

O delegado deixou o recinto e logo voltou acompanhado de Edmonds [um advogado], que estava rindo

dele com gosto. Edmonds perguntou se ele tinha algo mais a fazer com o ‘Senhor Young’. Ele admitiu que nada mais tinha a fazer com o Senhor Miller” (Brigham Young, *History of the Church*, volume 7, pp. 550–551).

FOI ORGANIZADO O BATALHÃO MÓRMON



Monumento em Winter Quarters dedicado aos santos enterrados no Cemitério de Pioneiros Mórmons. O verão, outono e inverno de 1846–1847 foram difíceis para os santos que viviam em assentamentos espalhados pelo Iowa. As condições precárias de vida, a falta de comida e o inverno rigoroso tiveram um efeito devastador sobre os membros da Igreja. Foi em Winter Quarters que Brigham Young recebeu a revelação sobre a maneira de organizar os santos para a viagem para o Oeste (ver D&C 136).

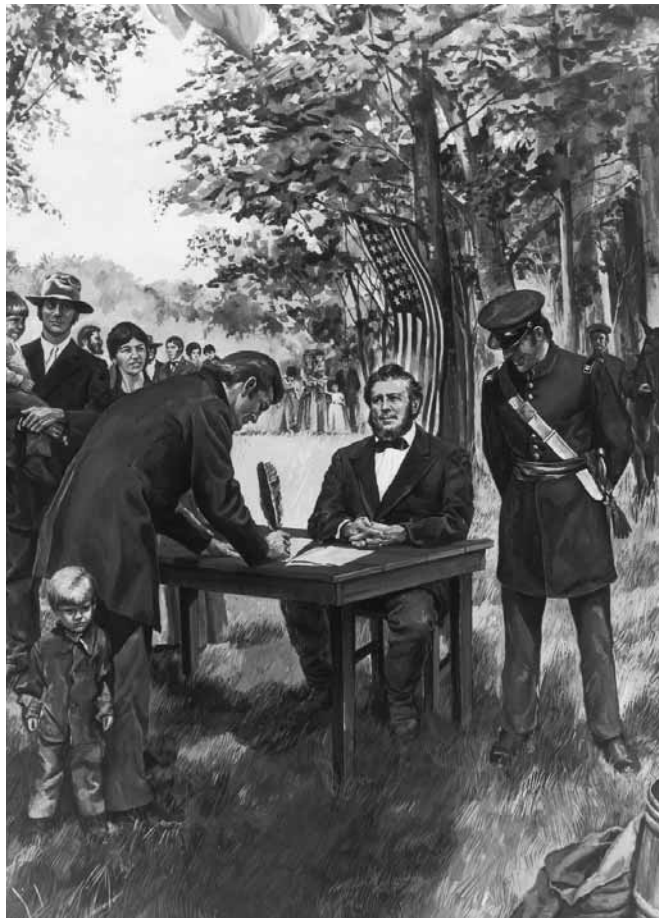
Em 1845, os Estados Unidos anexaram o Texas. Isso foi considerado uma declaração de guerra pelo México, que reivindicava a maior parte do território do Texas. James K. Polk, presidente dos Estados Unidos, favorecia visões expansionistas e sentia que a aquisição do território do Texas, juntamente com a posterior conquista do Novo México e do norte da Califórnia, era importante para o desenvolvimento do país. O Congresso dos Estados Unidos declarou guerra ao México em 12 de maio de 1846. Pouco

depois dessa declaração, o exército dos Estados Unidos recebeu a missão de conquistar todos esses territórios ocidentais.

Polk não queria que os santos dos últimos dias, em suas migrações, se aliassem aos britânicos no território do Oregon ou desempenhassem um papel antagonístico qualquer na expansão dos Estados Unidos. Assim, o governo determinou que os santos enviassem 500 voluntários para servir na guerra contra o México. Isso ajudaria a manter os santos do lado dos Estados Unidos. Contudo, os sentimentos dos santos não eram tão negativos quanto supunha o governo americano. O Presidente Brigham Young reconheceu nessa situação a oportunidade de mostrar lealdade aos Estados Unidos e ganhar capital tão necessário para o êxodo. Também foi uma oportunidade para estabelecer colônias temporárias. O Presidente Young dirigiu-se aos santos e tentou desfazer de sua mente os preconceitos contra o governo federal e disse-lhes que aquela era a primeira oferta recebida do governo que poderia beneficiá-los. Muitos santos dos últimos dias logo reconheceram a oportunidade e apresentaram-se como voluntários para o batalhão.

Sob a direção do Capitão James Allen do exército dos Estados Unidos, cerca de 500 soldados e quase 80

mulheres e crianças começaram sua marcha para Fort Leavenworth em 21 de julho de 1846. Depois de muitas tribulações, o grupo chegou a Mission San Diego, na Califórnia, em 29 de janeiro de 1847. Eles marcharam 3.250 quilômetros. Depois de alcançar a Califórnia, o batalhão serviu como tropa de ocupação na área de San Diego e de Los Angeles.



Pintura de Dale Kilbourn

Brigham Young recruta o Batalhão Mórmon

Quando os integrantes do batalhão foram equipados, cada um recebeu suprimentos que incluíam uma arma e \$42,00 para roupas para o ano. Parte do pagamento e do auxílio para roupas foi coletado por Parley P. Pratt e entregue a familiares dos soldados do batalhão em Iowa e a outros membros da Igreja que estavam saindo de Nauvoo. Depois de serem dispensados na Califórnia, muitos integrantes do batalhão continuaram a mandar para a família dinheiro que ganharam em outras atividades.

ELE VIU O LAGO DO VALE SALGADO NUMA VISÃO

Em 1869, o Presidente George A. Smith, que era conselheiro do Presidente Brigham Young, falou de como os santos acabaram por fixar-se no Vale do Lago Salgado: “Uma pergunta feita com frequência é: ‘Como vocês

acharam este lugar?’ Respondo que fomos conduzidos a ele pela inspiração de Deus. Após a morte de Joseph Smith, quando parecia que todos os problemas e calamidades possíveis já tinham sobrevivido aos santos, Brigham Young, que era o presidente dos Doze, na época o quórum presidente da Igreja, consultou o Senhor para saber para onde eles deveriam

ir e levar o povo, a fim de terem segurança. E enquanto jejuavam e oravam diariamente sobre isso, o Presidente Young teve uma visão de Joseph Smith, que lhe mostrou o monte que hoje chamamos de Ensign Peak, ao norte de Salt Lake City. Havia um estandarte a tremular naquela colina, e Joseph disse: ‘Construam logo abaixo do local onde está a bandeira, e prosperarão e viverão em paz’. Os pioneiros não tinham piloto nem guia e nenhum deles já visitara aquela parte do país ou conhecia nada a respeito. Não obstante, viajaram sob a direção do Presidente Young até atingirem este vale” (*Journal of Discourses*, volume 13, pp. 85).



Brigham Young, por volta de 1851–1852

© 1997 Kenneth A. Corbett. REPRODUÇÃO PROIBIDA

FOI ORGANIZADA A PRIMEIRA COMPANHIA DE PIONEIROS

Em janeiro de 1847, o Presidente Brigham Young teve um sonho no qual ele falou com o Profeta Joseph Smith sobre a melhor maneira de ajudar os santos a atravessarem as planícies. (Ver Bruce A. VanOrden, “Revelation Clarifies Role of Twelve”, *Church News*, 11 de janeiro de 1997, p. 7.) Três dias depois, ele apresentou à Igreja “a Palavra e Vontade do Senhor quanto ao Acampamento de Israel em suas viagens para o oeste” (D&C 136:1). Foi decidido que uma companhia de pioneiros formada por 144 homens escolhidos a dedo iria viajar para a bacia do Grande Lago Salgado. Esse grupo incluiria mecânicos, cocheiros, caçadores, desbravadores, carpinteiros, marinheiros, soldados, contadores, pedreiros, ferreiros, construtores de carroções e assim por diante. Por fim, a companhia tinha 143 homens, 3 mulheres e 2 crianças. Esse grupo estava preparado para traçar uma rota que os demais santos usariam para chegar ao Oeste. Oito homens dessa companhia eram apóstolos e vários deles tinham servido no Acampamento de Sião. Alguns homens da companhia partiram de Winter Quarters em 5 de abril de 1847, mas a maior parte do grupo saiu em 16 de abril de 1847.



Brigham Young, por volta de 1855

Essa companhia de pioneiros atravessou mais de 1.700 quilômetros de Winter Quarters, perto da atual cidade de Omaha, Nebraska, até o Vale do Lago Salgado. Sempre que possível, tomavam estradas e trilhas já existentes. Seguiram o vale aprazível e amplo do rio Platte ao longo de quase 1.000 quilômetros até chegarem a Fort Laramie, Wyoming. Nesse ponto, passaram para o lado sul do rio Platte e seguiram a trilha do Oregon por mais de 600 quilômetros até Fort Bridger; então, continuaram rumo ao sul na trilha Reid-Donner até alcançarem o Vale do Lago Salgado. Durante a última fase da viagem, que foi a mais difícil, o Presidente Young contraiu uma febre comum nas montanhas, e a companhia dividiu-se em três grupos: a vanguarda, a companhia principal e a retaguarda, que incluía o Presidente Young.



A viagem de Nauvoo ao Vale do Lago Salgado

“A companhia de vanguarda dos pioneiros entrou no vale do Lago Salgado em 22 de julho de 1847 e imediatamente estabeleceu um tosco sistema de irrigação para preparar a terra para o plantio. Em 24 de julho, Brigham Young e a companhia de retaguarda chegou à entrada do atual Emigration Canyon. Wilford Woodruff conduzia o Presidente Young em sua carruagem. Eles olharam para o futuro ao fitarem o vale. Wilford Woodruff escreveu: ‘Pensamentos agradáveis cruzaram rapidamente nossa mente, enquanto imaginávamos que em poucos anos a casa de Deus seria edificada no alto dos montes, enquanto os vales se transformariam em pomares, vinhas, hortas e campos pelos habitantes de Sião e o estandarte seria desfraldado para as nações se reunirem naquele local’. Brigham Young disse estar satisfeito com a aparência do vale como ‘local de descanso para os santos e sentia-se amplamente recompensado pela viagem que fizera’. [Diários de Wilford Woodruff, 24 de julho de 1847; ortografia e uso de iniciais maiúsculas atualizados.]

Mais tarde, Wilford Woodruff explicou que quando saíram do cânion, ele virou a carruagem para que o Presidente Young tivesse uma visão de todo o vale. ‘Enquanto admirava a paisagem a nossa frente, ele foi envolto por uma visão por vários minutos. Ele havia visto o vale antes em uma visão e naquele momento, tinha visto a futura glória de Sião e de Israel, como viria a acontecer, plantada nos vales dessas montanhas. Quando a visão terminou, ele disse: ‘É o bastante. Este é o lugar certo. Siga em frente.’ [Em “Pioneers’ Day”, *Deseret Evening News*, 26 de julho de 1880, p. 2].

(...) Em 28 de julho, a decisão de Brigham Young sobre o local em que seria construída a cidade estava tomada. Entre duas bifurcações do riacho City Creek, ele designou o lote onde o templo seria construído. A cidade seria estendida de modo ordeiro e em ângulo reto com relação àquele ponto” (*História da Igreja na Plenitude dos Tempos*, p. 333). O Presidente Young chamou a região de “Deseret”, que, no Livro de Mórmon, significa abelha de mel (ver Éter 2:3).

ELE FOI UM GRANDE LÍDER E COLONIZADOR

Com autoridade de Deus, o Presidente Brigham Young conduziu os santos para o Oeste, dirigiu a exploração e colonização de vastas áreas, fundou cidades pequenas e médias e fez as pazes com os índios. Criou escolas, estradas, sistemas de transporte, linhas de telégrafo, mecanismos de irrigação, empreendimentos agrícolas, indústrias e instituições mercantis. Dirigiu um programa missionário em franca expansão e foi o primeiro governador do território de Utah. No decorrer de sua vida, agia com tanta confiança que muitos observaram com admiração que o “irmão Brigham” parecia saber exatamente o que estava fazendo desde o início. E de fato sabia! Esse hábil artífice e construtor recebera projetos perfeitos para guiarem-no — nada menos do que a ordem celeste do reino de Deus.

Não foi apenas sua capacidade executiva que o tornou tão querido por sua família e os santos. Ele era um pai exemplar e sempre demonstrava bondade e atenção. Trabalhava ao lado da família e dos santos, cortando lenha, trabalhando madeira, construindo pontes, desmatando terrenos ou abrindo estradas. Durante o êxodo, ele era o primeiro a levantar-se de manhã e o último a deitar-se à noite, sempre andando entre os irmãos para verificar que todos tivessem o máximo de conforto possível. Porém, acima de tudo, ele era um profeta de Deus. Podia repreender e ao mesmo tempo amar e inspirar; exigir e dar; liderar e seguir. A coragem e o humor com os quais enfrentava as tribulações serviram de âncora e modelo para os santos perseguidos e enfraquecidos.

FOI REORGANIZADA A PRIMEIRA PRESIDÊNCIA



A Primeira Presidência: Heber C. Kimball, Brigham Young e Willard Richards

Por mais de três anos depois da morte do Profeta Joseph Smith, a Igreja foi dirigida pelo Quórum dos Doze Apóstolos. Depois de muita discussão e oração, finalmente decidiram de comum acordo que Brigham Young fosse designado presidente da Igreja e indicasse dois conselheiros para servir com ele na Primeira Presidência. Em 7 de dezembro de 1847, durante a conferência geral em Kanesville, Iowa, Brigham Young foi apoiado prontamente como o segundo presidente da Igreja, com Heber C. Kimball e Willard Richards como seus conselheiros.

ELE COMEÇOU A CONSTRUIR O TEMPLO DE SALT LAKE



Em 28 de julho de 1847, Brigham Young e alguns outros líderes da Igreja caminharam rumo ao norte, fora de seu acampamento, até um lugar que o Presidente Young enxergara em visão quatro dias antes. Ele fincou sua bengala no solo e declarou: "Aqui construiremos o templo de nosso Deus" (fotografia tirada por volta de 1870-1873 por um fotógrafo desconhecido).

O Presidente Brigham Young identificara o local do Templo de Salt Lake em 1847, pouco depois da chegada ao vale. Sob sua direção, a pedra fundamental do Templo de Salt Lake foi assentada em 6 de abril de 1853. No mesmo dia, durante a conferência geral, ele disse: "Há cinco anos, no dia 1º de julho, estive aqui e vi em espírito o templo a menos de três metros de onde colocamos a pedra fundamental. Não perguntei que

tipo de templo deveríamos construir. Por quê? Porque ele me foi mostrado. Nunca olhei esse terreno sem ter nele a visão do templo. Vejo-o tão nítido como se estivesse verdadeiramente diante de mim" (*Journal of Discourses*, volume 1, p. 133).



O alicerce do Templo de Salt Lake



Fotografia que mostra o Templo de Salt Lake parcialmente concluído

A construção do templo atrasou-se durante o período em que o exército de Johnston estava aproximando-se do Vale do Lago Salgado, e as obras foram muito prejudicadas durante os muitos anos em que a Igreja sofreu grandes perseguições devido à prática do casamento plural. O Presidente Young insistiu que só fossem usados na construção os melhores materiais e técnicas e sentia que não viveria o bastante para dedicá-lo. Essa responsabilidade recaiu sobre o Presidente Wilford Woodruff, quarto presidente da Igreja, exatamente quarenta anos depois de assentada a pedra fundamental.

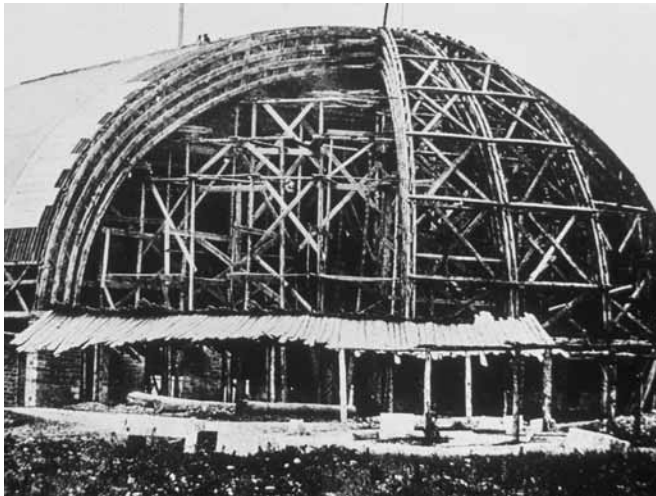
O Presidente Woodruff dirigiu a colocação da pedra angular do Templo de Salt Lake em abril de 1892. Cinquenta mil santos dos últimos dias encheram a Praça do Templo e as ruas adjacentes naquela ocasião. Em 6 de abril de 1893, com a conclusão das obras do interior do templo,



Pintura de Brigham Young, 1866

começaram as cerimônias de dedicação. “O Presidente Woodruff viu nos acontecimentos daquele dia o cumprimento de um sonho profético. Ele contou aos santos que muitos anos antes, em uma visita noturna, Brigham Young havia-lhe entregado as chaves do templo e pedido que ele o dedicasse ao Senhor. Em seu discurso de abertura, o Presidente Woodruff profetizou que daquele momento em diante o poder de Satanás seria quebrado e sua influência sobre os santos diminuiria, e haveria maior interesse pela mensagem do evangelho. [Ver Matthias F. Cowley, *Wilford Woodruff* (1964), pp. 582–583.]” (*História da Igreja na Plenitude dos Tempos*, p. 445.) Verdadeiramente, “o monte da casa do Senhor” estava firmemente estabelecido no cume das montanhas (ver Isaías 2:2).

FOI CONSTRUÍDO O TABERNÁCULO DE SALT LAKE



Construção do Tabernáculo de Salt Lake, por volta de 1867

O Presidente Brigham Young acreditava que seria necessário construir uma grande estrutura para receber um número significativo de santos ao mesmo tempo. Ele tinha nítido na mente o modelo de um prédio espaçoso e em forma de domo. O Presidente Young chamou a seu escritório Henry Grow, que era um exímio mecânico e construtor de moinhos. O Presidente Young vira-o terminar recentemente uma ponte de arcos de madeira, sem pontos centrais de apoio, sobre o rio Jordan. Com o auxílio do arquiteto da Igreja, William H. Folsom, a construção do Tabernáculo iniciou-se no primeiro semestre de 1863.

O Tabernáculo viria a tornar-se um dos maiores edifícios desse tipo do mundo, com 45 metros de largura, 76 metros de comprimento e 24 metros de altura na parte externa. No segundo semestre de 1867, o Tabernáculo e seu órgão estavam quase prontos, a ponto de serem usados na conferência de outubro.

No começo de 1870, o órgão e muitas das instalações internas já estavam concluídos. O mezanino foi iniciado nesse mesmo ano. O Presidente John Taylor, que era o presidente do Quórum dos Doze Apóstolos, dedicou o Tabernáculo na conferência de outubro de 1875.



Estátua de Brigham Young no Capitólio dos Estados Unidos, Washington, D.C.



Brigham Young, 5 de junho de 1869

Fotografia de Charles R. Savage. © Daughters of the Utah Pioneers

ELE ALIAVA COM MAESTRIA O PRÁTICO E O ESPIRITUAL

Fala-se muito da natureza prática do Presidente Brigham Young. Essa característica estava firmemente alicerçada nas raízes espirituais da Restauração, do reino de Deus, de Sião e da glória celestial. Ele escreveu o seguinte sobre sua juventude: “Eu queria proclamar o evangelho a todas as nações em alta voz, como um trovão ensurdecedor. Esse desejo ardia em meus ossos como uma fogueira. (...) Nada me satisfaria a não ser anunciar a todo o mundo o que o Senhor estava realizando nos últimos dias” (*Journal of Discourses*, volume 1, p. 313).

Como profeta, vidente e revelador, esse desejo continuou ardente, talvez em intensidade ainda maior. Ele estava determinado a fazer o possível para levar a efeito tudo o que o Senhor pretendia realizar nos últimos dias. Ele disse:

“O Profeta Joseph Smith lançou as bases do reino de Deus nos últimos dias; outros erguerão a superestrutura. (...)”

(...) Sei que ele foi chamado por Deus, e esse conhecimento veio pelas revelações de Jesus Cristo para mim e pelo testemunho do Espírito Santo. Se eu não tivesse aprendido a verdade dessa forma, nunca seria o



Brigham Young, por volta de 1870

Fotografia de Charles R. Savage

Usado com permissão. Sociedade Histórica do Estado de Utah. Todos os direitos reservados.

que se chama ‘mórmon’ nem estaria aqui hoje” (*Journal of Discourses*, volume 9, pp. 364–365).

O Presidente Young insistiu para que os santos continuassem a empenhar tempo e dinheiro na conclusão do Templo de Nauvoo. Alguns achavam isso pouco prático, pois parecia evidente que os santos não conseguiriam usar o templo por muito tempo. Contudo, o Presidente Young sabia que daquele templo, embora viesse a ser usado apenas brevemente, viria o poder necessário aos santos para fazer os sacrifícios e suportar as tribulações que lhes sobreviriam no êxodo. Ao concluir o templo, ele demonstrou um equilíbrio entre o prático, o espiritual e a perspectiva eterna, aliando com harmonia todos esses aspectos.



A Beehive House, em Salt Lake City, foi ocupada inicialmente por Brigham e Mary Ann Angell Young em 1854. O Presidente Young residiu lá nos últimos vinte e três anos de sua vida.

“Houve, é claro, quem criticasse o envolvimento pessoal de Brigham Young em questões seculares e temporais — sua preocupação para construir cercas ao redor das fazendas, negociar contratos para a venda de grãos, mobilizar trabalhadores para construir a ferrovia transcontinental — mas ele acreditava que as questões temporais e espirituais eram indissociáveis. Ao assumir várias responsabilidades diferentes — profeta, homem de negócios, governador e patriarca de sua família — ele acreditava que sua tarefa e meta era promover o bem-estar temporal e espiritual de seu povo. A seu ver, ele era um mordomo do Senhor ao usar todos os recursos humanos — públicos e privados, da Igreja e do Estado — para criar uma ordem econômica e social na qual os filhos de Deus sob seus cuidados pudessem viver em paz e prosperidade. (...)”

Observadores contemporâneos que merecem nosso respeito — pessoas instruídas, experientes e de boa posição que viajaram a Utah para observá-lo — salientaram três características: sua autoconfiança, sua sinceridade e seu bom senso. Fitz Hugh Ludlow, um escritor e crítico de arte nacionalmente conhecido, teve a impressão de que Brigham Young era um homem ‘absolutamente seguro de si mesmo e de suas opiniões’. [*The*



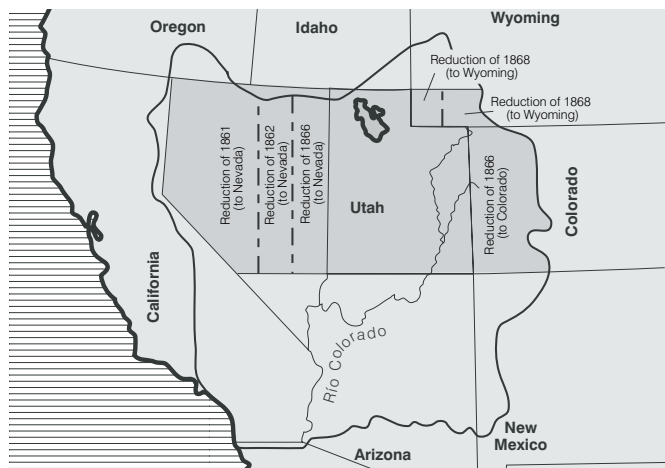
Fotografia de Charles R. Savage

Brigham Young, por volta de 1876

Heart of a Continent (1870), 368] O Governador Young, escreveu ele, estava convencido de realizar a obra de Deus e de que, se ele e os demais mortais fizessem tudo a seu alcance para estabelecer o reino, Deus cuidaria do restante. Isso nos ajuda a compreender a firmeza do governador, sua serenidade e seu otimismo inabalável em face de circunstâncias

aparentemente insustentáveis” (Leonard J. Arrington e Ronald K. Esplin, “Building a Commonwealth: The Secular Leadership of Brigham Young”, *Utah Historical Quarterly*, verão de 1977, pp. 219–220).

COMO COLONIZADOR, NÃO HÁ NINGUÉM COMO ELE NA HISTÓRIA AMERICANA



O estado proposto de Deseret

“Ao mesmo tempo em que se estabeleciam assentamentos mórmons em diferentes regiões, surgiam numerosas cidades em locais favoráveis do Vale do Lago Salgado, à beira de riachos de cânions. Pouco a pouco, um vale após o outro recebeu sua porção de colonizadores. No início, o crescimento dirigia-se principalmente ao sul, pois o clima era considerado mais propício para a agricultura do que no norte. (...) Nos primeiros dez anos na região, foram estabelecidas 100 cidades. Os assentamentos aglomeravam-se principalmente a leste e sul do Grande Lago Salgado, do rio Jordan e do lago Utah, com uma sucessão de comunidades que se estendia na direção sudoeste do condado

de Juab [no centro-oeste do estado] até a extremidade sudoeste de Utah. Além desses grupos de colônias principais, alguns mórmons estavam residindo no condado de Sanpete [no centro do estado] e em [outras] localidades. (...)

Assim, menos de dez anos depois de chegarem ao Grande Oeste, os santos já tinham iniciado atividades de colonização numa região fronteiriça que se estendia por 1.600 quilômetros de norte a sul e 1.200 quilômetros de leste a oeste. O plano de Brigham Young de preempção do Oeste estava tornado-se realidade. (...)

Durante os trinta anos em que residiu na bacia do Lago Salgado, o líder mórmon Brigham Young fundou com sucesso comunidades em quase todos os vales do atual estado de Utah, bem como no sul de Idaho, Arizona e Nevada, e viu-as desenvolverem-se. A maioria das cidades construídas pelos mórmons estava dentro de um distrito retangular de 800 quilômetros de comprimento por 600 quilômetros de largura, excetuando-se as colônias do Arizona. Contudo, algumas estavam a até 1.600 quilômetros a leste de Salt Lake City, no Iowa e no Nebraska; San Bernardino [Califórnia], estava a cerca de 1.200 quilômetros a sudoeste da colônia-mãe, ao passo que Fort Lemhi estava situada no norte de Idaho. A população mórmon total na época da morte de Brigham era de aproximadamente 140.000 pessoas” (Milton R. Hunter, *Brigham Young, the Colonizer* [1940], pp. 354–355, p. 357).

FOI ESTABELECIDO O FUNDO PERPÉTUO DE EMIGRAÇÃO

O Fundo Perpétuo de Emigração foi estabelecido em 1849 com o intuito de ajudar os santos que necessitassem de apoio financeiro para mudarem-se para o Oeste de muitas partes do mundo inteiro. Numa carta de 1853 dirigida a toda a Igreja, a Primeira Presidência declarou: “Com as bênçãos da Providência, esses fundos serão usados em sua maior parte — ou na totalidade — para auxiliar a emigração dos pobres a partir do próximo ano. Portanto, que os santos sejam generosos e façam doações aos presidentes das diferentes missões dos santos dos últimos dias de toda a Terra, a fim de contribuírem para o Fundo Perpétuo de Emigração e ajudarem os santos a irem para casa. E todos os que puderem vir devem fazê-lo sem demora, em vez de esperar ajuda desses fundos; devem deixá-los para auxiliar quem não tiver condições de emigrar por conta própria” (James R. Clark, comp., *Messages of the First Presidency of the Church of Jesus Christ of Latter-day Saints*, 6 vols. [1965–1975], 2:116).



Dos 57 filhos de Brigham Young, 17 filhos e 25 filhas chegaram à idade adulta. As dez filhas mais velhas tinham quase a mesma idade. Elas apresentam uma fisionomia austera porque naquela época não era comum sorrir em fotografias.

Usado com permissão Sociedade Histórica do Estado de Utah. Todos os direitos reservados.

OS SANTOS COLONIZARAM MUITAS COMUNIDADES NO OESTE



Fotografia de Charles R. Savage

Brigham Young, por volta de 1864

“[Brigham Young] enviava expedições para selecionar locais favoráveis para novas colônias e, muitas vezes, ele próprio escolhia os lugares. Mandava grupos com um equilíbrio de trabalhadores industriais e agricultores para fundar essas novas comunidades. Brigham supervisionava pessoalmente o estabelecimento de muitas dessas cidades, de modo a serem formadas por quarteirões quadrados com ruas amplas e preverem a concessão de terrenos agrícolas e urbanos para os santos.

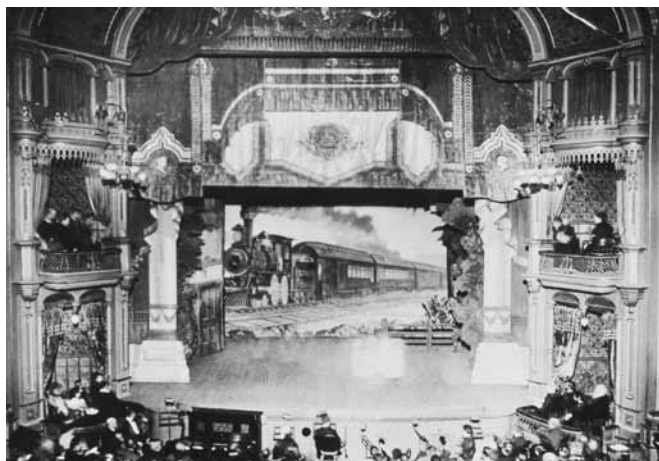
Ao fundar colônias, ele também dotava seus seguidores de um governo civil, instituições sociais para a educação e o entretenimento e todos os recursos necessários para a independência e prosperidade econômicas. Em 12 de março de 1849, foi eleito governador provisório do ‘Estado de Deseret’. No ano seguinte, no dia 28 de setembro de 1850, Utah foi transformado em território, com Brigham Young como governador. Ele ocupou essa posição até 1858, quando foi substituído por Alfred Cumming. Em seu mandato de governador, bem como no decorrer de toda a sua atuação em Utah como presidente da Igreja Mórmon, Brigham Young foi responsável direta ou indiretamente pelo sucesso dos

agentes federais em seu trabalho com os índios, dos estudos federais realizados na região, da construção da ferrovia transcontinental e da implantação do telégrafo.

Todas as realizações da colonização mórmon foram possíveis em parte devido ao influxo constante de milhares de novos povoadores. Isso se deu porque Brigham Young enviou missionários a várias partes dos Estados Unidos, bem como da Europa, Canadá, América Latina, Índia, Austrália e ilhas do Pacífico. Ele conseguiu unir essa massa heterogênea de pessoas que representavam várias raças diferentes e formar uma unidade social harmoniosa” (Hunter, *Brigham Young, the Colonizer*, pp. 358–359).

ELE APOIAVA A EDUCAÇÃO, AS ARTES E A CULTURA

“Ao construírem casas, estabelecerem fazendas e instituírem um governo, os colonizadores mórmons não negligenciavam o lado mais refinado da vida. Promoviam a educação, a religião, as artes, o teatro e a música, a fim de propiciar o desenvolvimento social das pessoas. Os santos construíam seus próprios teatros e treinavam seus filhos nas várias ciências e na música. Em paralelo à construção de prédios particulares, cada grupo de colonizadores, por meio de esforço conjunto, erigia um edifício público usado como local de reuniões da Igreja, escola e espaço para bailes e peças teatrais. Em outubro de 1847, o primeiro grupo de pioneiros abriu uma escola numa velha barraca militar. Mesmo enquanto esses homens se esforçavam para construir as primeiras casas do Vale do Lago Salgado, as aulas na escola aconteciam diariamente. Passaram-se apenas dois anos antes de o Governador Young assinar um decreto, aprovado pela primeira assembléia legislativa do Estado de Deseret, que criava uma universidade, mais tarde conhecida como Universidade de Utah.



Interior do Teatro de Salt Lake, por volta de 1900

Já em 1850 foi formada a Associação Musical e Teatral de Salt Lake, que realizou suas primeiras apresentações no caramanchão construído no quarteirão do Templo. Posteriormente, em 1852, foi erguido o Salão Social. Foi um dos primeiros teatros erigidos a oeste do rio Missouri. Dez anos depois, o Teatro de Salt Lake substituiu o Salão Social” (Hunter, *Brigham Young, the Colonizer*, pp. 359–360).

Uma das filhas de Brigham Young escreveu: “Nosso pai tinha consciência de que este povo, quase totalmente isolado do mundo exterior, precisava criar suas próprias formas de expressão cultural e entretenimento. Ele devia sentir que essa árdua tarefa era plenamente justificável, pois anos depois da construção do teatro de [Salt Lake], ele comentou: ‘Se fôssemos colocados numa ilha cheia de canibais e recebêssemos a missão de civilizá-los, eu imediatamente construiria um teatro com esse propósito’” (Clarissa Young Spencer with Mabel Harmer, *Brigham Young at Home* [1940], p. 147).



Brigham Young, 1º de junho de 1871

Fotografia de Charles R. Savage

ELE ERA APRECIADO POR SEU HUMOR E AMOR

O senso de humor do Presidente Brigham Young tornava-o querido por seus seguidores e mostrava que ele não levava a si mesmo a sério demais. Quando seus filhos foram pegos distribuindo acessórios (sem permissão) para uma peça escrita por seus amigos, o Presidente Young disse ao gerente do teatro: “Esses rapazes estão envolvidos numa peça chamada ‘Os Ladrões das Montanhas Rochosas’. Quanto às montanhas, não tenho bem certeza. Mas sei muito bem que eles esvaziaram meu velho celeiro. Marque uma data para eles no teatro” (citado em Spencer and Harmer, *Brigham Young at Home*, p. 160).

A qualidade do Presidente Young que os santos mais honravam e reverenciavam era o amor que ele demonstrava em sua preocupação com cada um deles, desde os primeiros dias de sua liderança. Durante a travessia das planícies, numa localidade chamada Hickory Grove, onde eles fizeram uma parada, Brigham Young passou um dia inteiro na chuva arrumando os carroções,



Brigham Young, por volta de 1876

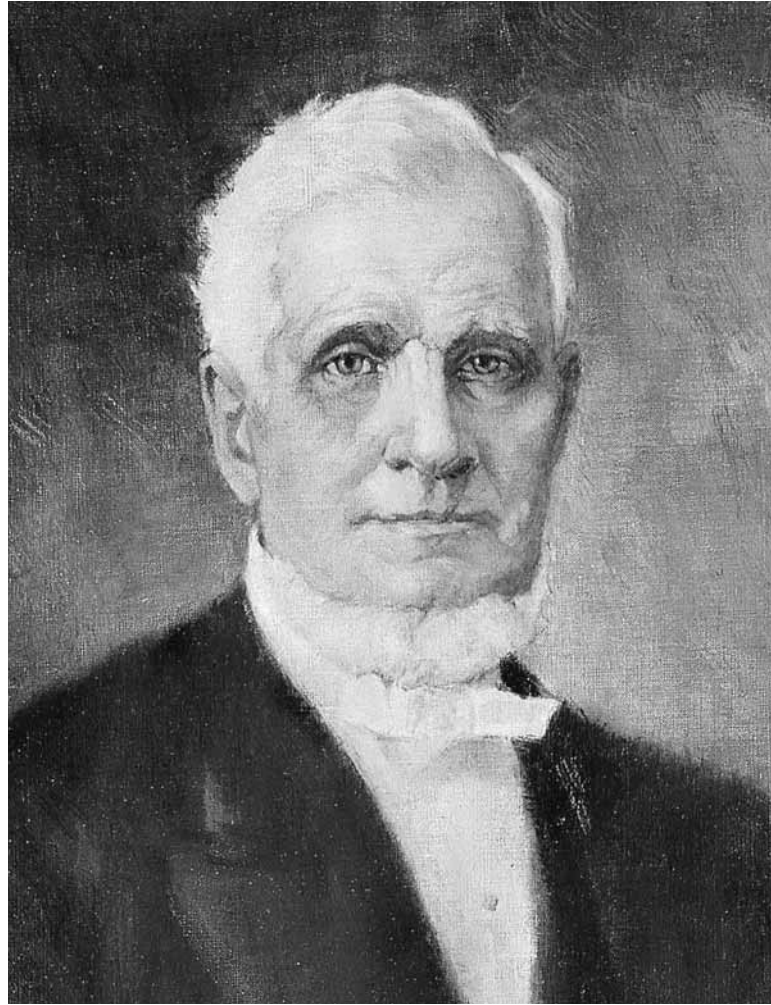
Fotografia de Charles R. Savage

ajudando a armar barracas, cortando lenha e verificando de todas as formas que todos tivessem conforto. Posteriormente, em Utah, insistia para recepcionar cada grupo de carroções ou companhia de carrinhos de mão que chegava e só ia embora depois de assegurar-se de que cada pessoa tivesse um lugar para ficar e um trabalho para garantir a sobrevivência.

O Presidente Brigham Young dirigiu a Igreja durante 33 anos. Ele conhecia a divindade e o destino desta obra. Levou a Igreja para o Oeste e ajudou a lançar um ali-cerce a partir do qual o reino de Deus continuaria a crescer e encher a Terra.

John Taylor

TERCEIRO PRESIDENTE DA IGREJA



Pintura de John W. Clawson

EVENTOS MARCANTES DA VIDA DE JOHN TAYLOR

Idade Acontecimentos

Nasce em 1º de novembro de 1808 em Milnthorpe, Westmoreland, Inglaterra, filho de James e Agnes Taylor.

- 23 Imigra para Toronto, Canadá (1832).
- 24 Casa-se com Leonora Cannon (28 de janeiro de 1833).
- 27 É batizado na Igreja por Parley P. Pratt (9 de maio de 1836); pouco depois, é chamado para presidir a Igreja na parte leste do Canadá (1836).
- 30 Ordenado apóstolo por Brigham Young e Heber C. Kimball (19 de dezembro de 1838).
- 31–32 Serve em sua primeira missão nas Ilhas Britânicas (dezembro de 1839 a abril de 1841).
- 33–37 Serve como editor dos jornais *Times and Seasons* e *Nauvoo Neighbor* (fevereiro de 1842 a meados de 1846).
- 35 É ferido por uma turba na Cadeia de Carthage (27 de junho de 1844).
- 37–38 Serve numa segunda missão na Grã-Bretanha (1846–1847).
- 40–43 Serve como missionário na França e na Alemanha (outubro de 1849 a agosto de 1852).
- 42–43 Escreve *The Government of God* (O Governo de Deus) (1851–1852).
- 46–48 Publica o jornal *The Mormon* na Cidade de Nova York (fevereiro de 1855 a setembro de 1857).
- 49–68 Serve como membro da Assembléia Legislativa do Território de Utah (1857–1876).
- 63 É aprovada a lei antibigamia Morrill, que restringe os direitos de propriedade da Igreja (3 de junho de 1862).
- 68 Dirige a Igreja como presidente do Quórum dos Doze Apóstolos após a morte de Brigham Young (29 de agosto de 1877).
- 71 Torna-se o presidente da Igreja (10 de outubro de 1880); o livro Pérola de Grande Valor é aceito como escritura (10 de outubro de 1880).
- 73 Publica *An Examination into and an Elucidation of the Great Principle of the Mediation and Atonement of Our Lord and Savior Jesus Christ* (1882) (Exame e Elucidação do Grande Princípio da Mediação e Expição de Nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo); o Congresso dos Estados Unidos aprova a lei Edmunds, que torna o casamento plural ilegal (16 de fevereiro de 1882).
- 75 Dedica o Templo de Logan (17 de maio de 1884).
- 76 Profere seu último sermão em público; em seguida, parte para o exílio devido às perseguições ao casamento plural (1º de fevereiro de 1885).
- 78 Entra em vigor a lei Edmunds-Tucker, que destituía a Igreja de seus direitos (17 de fevereiro de 1887); morre em Kaysville, Utah (25 de julho de 1887).



A propriedade dos Taylor em Milnthorpe, Westmoreland, Inglaterra

John Taylor foi o primeiro e único presidente da Igreja que não nasceu nos Estados Unidos. Nasceu em Milnthorpe, Westmoreland, Inglaterra, em 1808, filho de James e Agnes Taylor; o nome de solteira de sua mãe era também Taylor. John era um de dez filhos; tinha sete irmãos e duas irmãs. Três de seus irmãos morreram na infância, e seu irmão mais velho morreu aos 22 anos. Embora não fosse abastada, a família Taylor era unida e religiosa e ensinou aos filhos o valor do trabalho árduo. John trabalhava na fazenda da família e depois aprendeu o ofício de torneiro.

Seus pais eram membros da Igreja Anglicana, mas John Taylor, embora batizado quando bebê, não se sentia atraído pelas crenças da religião de sua família. Ainda jovem, recebeu sonhos e visões.

“Com freqüência, quando estava sozinho’, escreveu ele, ‘e às vezes acompanhado, eu ouvia música doce, amena e melodiosa, como que tocada por seres angélicos ou sobrenaturais’. Quando era apenas um menininho, ele teve a visão de um anjo no céu segurando uma trombeta na altura da boca e transmitindo uma mensagem às nações. Só veio a compreender o significado dessa visão muitos anos depois” (B. H. Roberts, *The Life of John Taylor* [1963], pp. 27–28).



A Escola Beetham. A família de John Taylor mudou-se para Hale, Westmoreland, quando ele tinha dez ou onze anos. Ele freqüentou esta escola, cerca de um quilômetro e meio ao norte de sua casa.

EM SUA INFÂNCIA E JUVENTUDE DEMONSTROU PROFUNDA INCLINAÇÃO RELIGIOSA

A família de John Taylor mudou-se várias vezes durante sua infância. Aos quatorze anos de idade, ele tornou-se aprendiz de tanoeiro. Em seguida, John saiu de casa para aprender o ofício de torneiro. Persistiu nesse ramo e dominou-o da idade dos quinze aos vinte anos.



Pintura de Frederick H. Piercy

John Taylor quando jovem.

No meio da adolescência, John Taylor filiou-se à Igreja Metodista e empenhou-se ativamente para envolver seus amigos em orações e outras atividades religiosas. Seu zelo e talento inato de expressão impressionaram tanto os líderes de sua igreja que ele foi designado pregador leigo aos 17 anos de idade.

Certa vez, a caminho de uma reunião, foi dominado por uma influência arrebatadora. Virou-se para seu companheiro e disse: “Recebi na mente a forte impressão de que devo ir para a América pregar o evangelho!” (Citado em Roberts, *Life of John Taylor*, p. 28.)

Os pais de John Taylor mudaram-se para Toronto, Canadá, em 1830. Em 1832, surgiu a oportunidade de John unir-se a eles. Enquanto ainda estava no Canal da Mancha, seu navio deparou-se com condições climáticas tão desfavoráveis que vários barcos a sua volta naufragaram na tempestade. Os comandantes e a tripulação esperavam que o navio afundasse a qualquer momento, mas a fé demonstrada por John permaneceu inabalável.

“A voz do Espírito continuava a dizer-lhe: ‘Você precisa ir à América para pregar o evangelho’. ‘Eu estava tão confiante de meu destino’, conta ele, ‘que fui ao convés à meia-noite e, em meio aos elementos enfurecidos, senti-me tão calmo quanto se estivesse sentado na sala de minha casa. Eu acreditava que deveria chegar à América e realizar meu trabalho” (Roberts, *Life of John Taylor*, p. 29).

O ESTUDO DAS ESCRITURAS AJUDOU-O A ACHAR A IGREJA DE JESUS CRISTO E SUA ESPOSA

John Taylor fixou residência no Canadá perto de seus pais. Lá, exerceu sua profissão. Continuou a participar da Igreja Metodista e logo foi designado professor numa classe e pregador itinerante. Foi durante o período em que estava engajado nesse trabalho que conheceu Leonora Cannon. Leonora, doze anos mais velha do que

John, recusou sua primeira proposta de casamento, mas depois, devido a um sonho, convenceu-se de que deveria tornar-se sua esposa.

John Taylor e alguns amigos próximos descobriram em seus estudos que sua fé divergia de modo significativo da igreja do Novo Testamento e dos ensinamentos de Jesus Cristo. A respeito dessa experiência, ele disse posteriormente: “Não conhecíamos esta Igreja [A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos



Leonora Cannon Taylor (1796-1868), esposa de John Taylor

Últimos Dias], então alguns de nós nos reuníamos com o intuito de examinar as escrituras; e verificamos que certas doutrinas ensinadas por Jesus e os apóstolos não eram ensinadas pelos metodistas, batistas, presbiterianos, episcopais nem nenhuma outra denominação religiosa. Concluímos que se a Bíblia fosse verdadeira, as doutrinas da cristandade moderna não eram verdadeiras; ou se elas fossem verdadeiras, a Bíblia era falsa. Conduzimos nossas pesquisas com imparcialidade e aprofundamos nossa busca da verdade. Examinamos todos os princípios religiosos que vieram parar em nossas mãos e esquadrihamos os vários sistemas defendidos pelas denominações, a fim de nos certificarmos de haver alguma delas em harmonia com a palavra de Deus. No entanto, não achamos nenhuma. Além de nossas pesquisas e estudos, oramos e jejuamos perante Deus, e nossas súplicas eram para que, caso Ele tivesse um povo na Terra em algum lugar, com ministros autorizados a pregar o evangelho, que nos enviasse um. Essa era a situação na qual estávamos” (*Journal of Discourses*, volume 23, p. 30).

PARLEY P. PRATT TROUXE RESPOSTAS A SÚPLICAS FERVOROSAS



Parley P. Pratt

O Élder Parley P. Pratt, membro do Quórum dos Doze Apóstolos, foi ao Canadá para proclamar a restauração da antiga Igreja de Cristo. Conheceu John Taylor, que estudara, comparara, refletira, desafiara princípios e então procurara a inspiração do céu. A busca da Igreja de Cristo iniciada por John chegara ao fim.

John Taylor disse: “Por volta dessa época [maio de 1836], Parley P. Pratt visitou-me com uma carta de apresentação de um comerciante conhecido meu. Tive sentimentos inusitados ao vê-lo. Eu já ouvira muitas histórias semelhantes e devo dizer que achei que meu amigo abusara de minha boa vontade ao enviar-me um homem de tal persuasão. Contudo, recebi-o com cortesia, como era minha obrigação. Expus-lhe, porém, meus sentimentos com clareza; disse-lhe que, em minhas buscas, não estava interessado em fábulas; queria que ele se ativesse às escrituras. Conversamos por três horas ou mais, e ele ficou tão perto das escrituras quanto eu desejava, provando por meio delas tudo o que me dizia. Posteriormente, transcrevi oito sermões proferidos por ele, a fim de compará-los com a palavra de Deus. Não achei nada conflitante. Em seguida, examinei o Livro de Mórmon e as profecias relativas a ele; e isso também estava correto. Então, li o livro de ‘Doutrina e Convênios’ e nada encontrei nele que se contrapusesse às escrituras. Ele exortou-nos a arrepender-nos e batizar-nos para a remissão dos pecados e assim receberíamos o Espírito Santo. Perguntamos o que era aquilo, e ele respondeu que eram os mesmos princípios dos dias dos primeiros apóstolos, ou nada. Eu e vários outros fomos batizados [em 9 de maio de 1836]” (“Three Nights’ Public Discussion...”, em *A Series of Pamphlets, by Orson Pratt* [1851], pp. 17-18).



Pintura de Paul Mann

Pouco depois de seu batismo, John Taylor foi designado élder presidente da Igreja no Canadá. O chamado inspirado do Élder Pratt para pregar o evangelho ao povo de Toronto, Canadá, não só trouxe à Igreja o homem que viria a tornar-se seu terceiro presidente; levou também à conversão de Mary Fielding, que se casou com Hyrum Smith e foi a mãe do Presidente Joseph F. Smith e avó do Presidente Joseph Fielding Smith.

ELE FOI UM DEFENSOR DO PROFETA JOSEPH SMITH

Quase um ano depois de sua conversão, John Taylor conheceu o Profeta Joseph Smith em Kirtland, Ohio. Ao

se apertarem as mãos e passarem um pouco de tempo juntos, o espírito que emanava do Profeta, bem como seus ensinamentos e explicações sobre o evangelho, muito fortaleceram o testemunho de John da Igreja restaurada.



O Templo de Kirtland

Ele esteve em Kirtland durante os negros dias da apostasia que lá reinava e defendeu o Profeta Joseph Smith com seu testemunho diante de aglomerações de apóstatas que ameaçavam matar qualquer pessoa que se mostrasse favorável ao Profeta. Também se reuniu com membros da Igreja cuja fé estava vacilando e que tinham começado a criticar o Profeta. Entre eles estava o Élder Parley P. Pratt, que não perdeu a oportunidade de expressar suas queixas e críticas. A esse apóstolo e missionário cujos ensinamentos e testemunho o tinham levado para a Igreja apenas um pouco de tempo antes, John Taylor respondeu: “Muito me surpreende ouvi-lo falar dessa forma, irmão Parley. Antes de sair do Canadá, prestou forte testemunho de Joseph Smith como Profeta de Deus e da veracidade da obra por ele iniciada; e disse saber essas coisas por revelação e pelo dom do Espírito Santo. Ordenou-me solenemente que ainda que você ou um anjo do céu declarassem algo diferente, eu não deveria acreditar. Irmão Parley, não são os homens que estou seguindo, mas o Senhor. Os princípios que você me ensinou levaram-me a Ele, e agora tenho o mesmo testemunho que você desfrutava antes. Se a obra era verdadeira seis meses atrás, ainda é verdadeira hoje; se Joseph Smith era um profeta naquela época, é um profeta hoje” (Citado em Roberts, *Life of John Taylor*, p. 40).

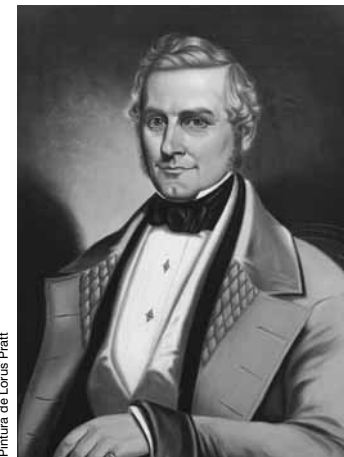
O Élder Pratt “não procurou mais desencaminhar o Élder Taylor nem usou muitos argumentos. ‘Ele, assim como muitos outros’, disse o Élder Taylor, ‘estavam passando por brumas negras; pouco depois ele fez as pazes com o Profeta Joseph e voltou à sua condição normal de membro da Igreja’” (Roberts, *Life of John Taylor*, p. 40).

Durante esse período negro em Kirtland, os apóstatas tentaram ser ouvidos. Certo dia, um homem vociferou inúmeras calúnias com grande virulência contra o caráter do Profeta Joseph Smith, que não estava presente. John Taylor suportou o quanto pôde, mas então

pediu e recebeu permissão para dirigir a palavra ao grupo. Começou recordando a revolta da antiga Israel contra o Senhor e Seu profeta Moisés. Então, pediu aos ouvintes que identificassem a fonte de seu atual conhecimento do reino de Deus e todas as questões espirituais. Ele respondeu à sua própria pergunta: “Foi Joseph Smith, sob o Todo-Poderoso, que desenvolveu os primeiros princípios e é a ele que devemos consultar para receber mais instruções. Se o espírito emanado por ele não trouxer bênçãos, o manifestado por aqueles que acabaram de falar tampouco o fará. No passado, os filhos de Israel, depois de verem o poder de Deus mostrar-se em seu meio, caíram em rebelião e idolatria, e certamente há um grande risco de fazermos o mesmo hoje” (citado em Roberts, *Life of John Taylor*, p. 41).

Esses incidentes em Kirtland deram a John Taylor a reputação de um homem de grande coragem e eloquência ao defender o evangelho. Contudo, foi em circunstâncias diferentes que ele se tornou conhecido como o “Campeão da Liberdade”. Quando o irmão Taylor foi chamado para defender os direitos da Igreja e seus membros contra seus inimigos, esse inglês logo aprendeu a apreciar as liberdades constitucionais garantidas pela lei a todos os habitantes dos Estados Unidos.

ELE FOI CHAMADO AO APOSTOLADO E COMO MISSIONÁRIO NA EUROPA



Pintura de Lorus Pratt

Com a idade de vinte e nove anos, John Taylor recebeu do Profeta Joseph Smith a ordem de ir com os santos no Missouri. Era uma época difícil; os fiéis tinham sido expulsos do Ohio e pouco depois de ele chegar ao Missouri após uma viagem penosa de mais de três mil quilômetros, os santos foram expulsos do Missouri também.

O Élder Taylor foi chamado e ordenado ao apostolado no dia 19 de dezembro de 1838, alguns dias depois de seu aniversário de trinta anos. O Quórum dos Doze Apóstolos tinha sido dirigido por revelação para sair de Far West, Missouri, em 26 de abril de 1839 e partir para a Inglaterra (ver D&C 118).

Os irmãos que partiram nessa missão deixaram para trás sua família na pobreza e enfermidade. O Élder Taylor escreveu sobre os sentimentos antagônicos que teve ao ir para a Inglaterra: “A lembrança das dificuldades que eles tinham acabado de sofrer, (...) o fato de não terem certeza de continuar na casa que estavam

ocupando no momento — que na verdade era apenas um pequeno quarto — as muitas doenças, a pobreza dos irmãos, sua insegurança diante das turbas, assim como a incerteza quanto ao que viria a acontecer durante a ausência, tudo isso despertou sentimentos inusitados. (...) Porém, ao recordar que eu estava partindo sob as ordens do Deus de Israel para visitar minha terra natal a fim de proclamar os princípios da verdade eterna e tornar conhecidas as coisas que Deus revelara para a salvação do mundo, venci todos os outros sentimentos” (citado em Roberts, *Life of John Taylor*, pp. 67—68).

O próprio Élder Taylor estava sem dinheiro e em más condições de saúde. Entretanto, como seus companheiros, sentia que suas tribulações eram apenas por um momento e sabia que o Senhor atenderia a suas necessidades. Com Brigham Young e outros, voltou ao Missouri a fim de sair em missão para a Inglaterra no dia e lugar que o Senhor indicara (ver D&C 118:4–5).

ELE PRESTOU TESTEMUNHO EM LIVERPOOL, INGLATERRA



Gravura de John Taylor feita por Frederick Piercy

Depois de uma viagem difícil, o Élder John Taylor e seu companheiro missionário chegaram à Inglaterra e foram designados para trabalhar na cidade portuária de Liverpool. Lá, conheceram os membros de uma congregação protestante que estavam buscando a restauração do Espírito Santo e a vinda do reino de Cristo. Ao falar com alguns líderes do grupo, o Élder Taylor prestou um testemunho contundente da restauração dos dons e bênçãos que eles buscavam:

“Irmãos e amigos, somos os humildes seguidores de Jesus Cristo e viemos da América. Cheguei aqui há pouco tempo e viajei oito mil quilômetros sem bolsa nem alforje e testifico-lhes, meus irmãos, que o Senhor Se revelou do céu e concedeu-nos as coisas a que vocês tanto aspiram e que oram para receber (‘Glória a Deus’, exclamaram muitos dos presentes, e houve muitas demonstrações de emoção).

A seguinte profecia de João no livro de Apocalipse foi cumprida: ‘E vi outro anjo voar pelo meio do céu, e tinha o evangelho eterno, para o proclamar aos que habitam sobre a terra, e a toda a nação, e tribo, e língua, e povo, dizendo com grande voz: Temei a Deus, e dai-lhe glória; porque é vinda a hora do seu juízo.’ Irmãos, somos os servos de Deus que vieram a este lugar para

advertir os habitantes dos perigos que se aproximam e para chamá-los ao arrependimento e batizá-los em nome de Jesus Cristo, para que recebam o dom do Espírito Santo.

Anseio por prestar-lhes este testemunho. Sinto a palavra do Senhor como fogo em meus ossos e desejo ter a oportunidade de proclamar-lhes as bênçãos que vocês buscam, a fim de que se regozijem conosco nas coisas gloriosas que Deus revelou para a salvação do mundo nos últimos dias” (citado por Roberts, *Life of John Taylor*, pp. 77–78).



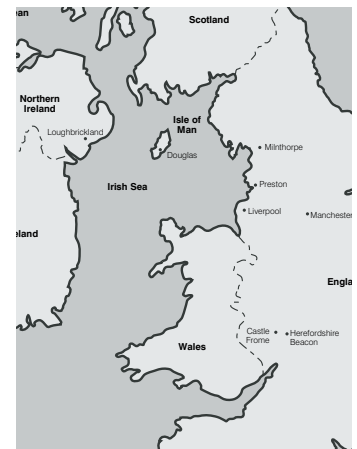
Fotografia gentilmente cedida por James R. Moss

Durante sua estada nas Ilhas Britânicas, o Élder Taylor visitou brevemente a Irlanda. Lá, conheceu Thomas Tait. Enquanto andavam perto do lago Brickland, o senhor Tait pediu para ser batizado. Foi a primeira pessoa que os missionários batizaram na Irlanda.

Nada mais adequado que, num de seus primeiros sermões na Inglaterra, o Élder John Taylor tenha prestado testemunho da visão de um anjo com a trombeta que ele recebera muitos anos antes de se filiar à Igreja. Essa visão se cumprira; o anjo viera e o evangelho fora restaurado. Por meio do esforço contínuo do Élder Taylor, dez pessoas daquela congregação logo foram batizadas. Após esse início, a obra avançou rapidamente e foi organizado um grande ramo da Igreja em Liverpool.

ELE ENFRENTOU OPOSIÇÃO NA ILHA DE MAN

Ao servir como missionário nas Ilhas Britânicas, o Élder John Taylor trabalhou durante certo período na bela Ilha de Man, no Mar da Irlanda, onde sua esposa, Leonora, nascera e passara a infância. Em quase todas as áreas de sua missão, ele foi desafiado pelos líderes religiosos locais a defender o evangelho restaurado. Na Ilha de Man, quatro ministros



interpelaram-no. O Reverendo Robert Heys opôs-se tenazmente à afirmação de a Igreja de ter sido fundada com base em novas revelações. O Reverendo Heys baseou suas assertivas em três passagens da Bíblia que pareciam proibir o acréscimo de novas revelações às escrituras.

O Élder Taylor respondeu da seguinte forma: “Isso [o argumento do Reverendo Heys de que ‘Deus decretou e declarou que *nada será acrescentado (...) nem retirado*’ da Bíblia] certamente deve ser *nova revelação*, pois tal *decreto* ou *declaração* não se encontra em nenhum trecho das escrituras sagradas! É verdade, ele cita três passagens — uma de Deuteronômio [ver Deuteronômio 4:2], uma de Provérbios [ver Provérbios 30:5–6] e outra de Apocalipse [ver Apocalipse 22:18–19]; mas nenhuma dessas passagens contém tal ordem! A passagem de Deuteronômio refere-se exclusivamente ao Livro da Lei. Se ela afirmasse que a revelação de Deus estava *completa*, as outras escrituras jamais poderiam ter sido redigidas. O trecho de Provérbios diz respeito à porção das escrituras sagradas que existia na época. Caso declarasse que as santas escrituras estavam *completas*, não teria havido depois outras revelações escritas. E a passagem de Apocalipse refere-se apenas ao Apocalipse, que, ao ser redigido, era um livro à parte, sem ligação com os demais escritos do Novo Testamento, que na época não tinham sido reunidos numa seqüência; assim, não havia referência a nenhum outro livro nem livros das Santas Escrituras. De acordo com sua própria interpretação das passagens mencionadas, ao citar Provérbios, rejeitaríamos o Novo Testamento e todos os profetas que se pronunciaram depois da época de Salomão; com base em Deuteronômio, ignoraríamos toda a Bíblia exceto os cinco livros de Moisés. Mas que o senhor [Heys] tenha cuidado para que ele mesmo não incorra no erro de alterar o significado das palavras dos próprios livros aos quais a proibição se refere de modo direto e específico!” (Citado por Roberts, *Life of John Taylor*, pp. 94—95.)



Nauvoo, Illinois

Fotografia de Don O. Thorpe

A adversidade e a oposição podem contribuir para a edificação do reino de Deus. A oposição que o Élder Taylor enfrentou na Ilha de Man atraiu muitas pessoas aos debates, e elas acharam que a mensagem dele continha respostas a seus questionamentos. O Élder Taylor e seu companheiro missionário fundaram um ramo próspero da Igreja na ilha antes de voltarem à Inglaterra.



Fotografia de Don O. Thorpe

John Taylor saiu da Inglaterra vários anos antes afirmando ter a forte sensação de que deveria ir para a América pregar o evangelho. Ironicamente, foi para a América e *encontrou* o evangelho; então foi chamado de volta à Inglaterra a fim de *pregá-lo*.

OS SANTOS IMBUÍRAM-SE DO ESPÍRITO DE COLIGAÇÃO



A casa de John Taylor em Nauvoo

“Quando os apóstolos começaram sua missão, o Profeta Joseph instruíra-os a inicialmente não dizerem nada sobre a coligação dos santos. Sem dúvida, era a situação instável da Igreja na época que o levou a dar esse conselho. É claro que os apóstolos seguiram essas instruções; mas logo que as pessoas eram batizadas,

eram tomadas pelo desejo de reunir-se ao corpo principal da Igreja. ‘Acho difícil omitir informações aos santos’ escreveu John Taylor, ‘pois o Espírito de Deus revela-as a eles. (...) Há algum tempo, a irmã Mitchel sonhou que ela, seu marido e vários outros estavam num navio e que havia outras embarcações cheias de santos que iam para algum lugar. Ela estava muito feliz e regozijava-se no Senhor’” (Roberts, *Life of John Taylor*, p. 96).

Após o fim das dificuldades no Missouri com o êxodo da Igreja para o Illinois e depois do anúncio do Profeta aos apóstolos na Inglaterra que a emigração deveria começar, o Élder John Taylor auxiliou na criação de uma agência permanente de emigração em Liverpool e ajudou mais de oitocentos conversos a partirem para a América.



O interior da casa de John Taylor

ELE FEZ UM RELATÓRIO DA MISSÃO PARA OS SANTOS BRITÂNICOS

Antes de partir para Nauvoo com os outros apóstolos no início de 1841, o élder John Taylor fez um relato de seu trabalho entre os santos da Inglaterra. Escreveu: “Regozijo-me diante de Deus por ter abençoado meus humildes esforços para promover Sua causa e reino e por todas as bênçãos que recebi nesta ilha. Embora eu tenha viajado oito mil quilômetros sem bolsa nem alforje, percorrendo todo este país em trens, carruagens, barcos a vapor, carroções, cavalos e quase todos os meios de transporte existentes e tenha convivido com estranhos e andado em terras desconhecidas, nunca me vi sem dinheiro, roupas, amigos ou abrigo desde o primeiro dia até hoje, tampouco precisei pedir uma moeda que fosse a alguém. Assim, pus à prova o Senhor e sei que Ele cumpre Sua palavra. E agora que vou embora, testifico que esta obra é de Deus, que Ele falou do céu, que Joseph Smith é um profeta do Senhor, que o Livro de Mórmon é verdadeiro; e sei que esta obra avançará até que ‘os reinos deste mundo venham a ser de nosso Deus e de Seu Cristo’” (“Communications”, *Millennial Star*, maio de 1841, pp. 15–16).

Ao longo de sua missão na Inglaterra, o Élder Taylor soou uma voz de advertência. Milhares reuniram-se em volta do estandarte da liberdade que ele ajudou a erguer. Ele publicou materiais sobre a fé e defendeu-a na Inglaterra antes de voltar para Nauvoo.

ELE ENCAMINHOU PETIÇÕES AO CONGRESSO

Já em 1831, os membros da Igreja tinham começado a fixar-se no oeste do Missouri. Em abril de 1832, surgiram atritos entre os membros e os vizinhos. Os santos começaram a ser expulsos de um condado para o outro e, por fim, no segundo semestre de 1838, foram expulsos do Estado do Missouri para o Illinois. Em 1839, os membros da Igreja começaram a redigir petições documentando legalmente as injustiças a fim de receberem indenizações.

Depois de serem expulsos de seus assentamentos no Missouri, os membros da Igreja tentaram pelo menos três vezes solicitar reparações ao Congresso dos Estados Unidos. O Élder John Taylor foi um dos líderes designados para encaminhar as petições ao Congresso para as compensações relativas às injustiças cometidas contra os santos dos últimos dias nos Estados Unidos. Todos os pedidos de indenização foram rejeitados ou ignorados pelo governo.

ELE SERVIU EM DIVERSAS POSIÇÕES EM NAUVOO

John Taylor foi auditor de guerra e coronel na Legião de Nauvoo e membro da Câmara Municipal de Nauvoo e do conselho da Universidade de Nauvoo. Serviu como editor do *Times and Seasons*, o jornal oficial da Igreja, e do *Nauvoo Neighbor*. O *Nauvoo Neighbor* foi publicado de maio de 1843 a outubro de 1845 e acompanhava as notícias ligadas à Câmara Municipal de Nauvoo, aos tribunais locais, à Assembléia Legislativa estadual e outros eventos nacionais e internacionais. O jornal trazia artigos regulares sobre assuntos de interesse local como agricultura, literatura, ciências e religião. Em tudo o que escrevia, John Taylor era destemido em seu empenho para defender a Igreja e o Profeta Joseph Smith.

FOI REVELADA UMA NOVA ORDEM MATRIMONIAL



Os filhos de John Taylor

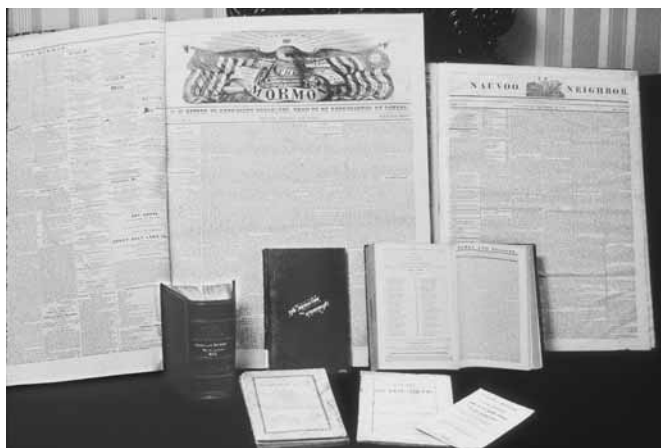
De volta a Nauvoo, os Doze Apóstolos viram-se diante de uma prova diferente de todas as outras que já haviam enfrentado em seu trabalho missionário. O Profeta ensinou-lhes a necessidade da restauração do casamento celestial, incluindo a doutrina das esposas plurais. Foi algo difícil para eles.

Acerca de seus sentimentos, o Élder John Taylor escreveu: “Eu sempre tivera idéias rígidas sobre a virtude e achava, fora do contexto desse princípio, aquilo chocante, na condição de homem casado. Era-me difícil conceber a idéia de pedir uma jovem em matrimônio quando eu já tinha uma esposa! Tratava-se de algo que certamente despertava sentimentos contraditórios no mais profundo da alma humana. Eu sempre respeitara da maneira mais estrita a castidade. (...) Assim, devido a minhas convicções, apenas o conhecimento proveniente de Deus e Suas revelações, e a verdade neles contidos, poderia levar-me a aceitar um princípio como esse” (citado em Roberts, *Life of John Taylor*, p. 100).

Obediente aos conselhos do Profeta e com o consentimento de sua esposa Leonora, o Élder Taylor fez o convênio do casamento plural e tornou-se um dos principais porta-vozes da Igreja em sua defesa no decorrer do restante de sua vida.

O casamento plural era talvez a mais difícil das leis de Deus que alguns dos santos tinham recebido o mandamento de seguir. Mas ela servia aos propósitos do Senhor e era um teste oportuno da fé dos membros da Igreja no Senhor e de sua obediência a Seu porta-voz na Terra.

JOSEPH SMITH FOI CANDIDATO À PRESIDÊNCIA DOS ESTADOS UNIDOS



Exemplos de jornais, livros e panfletos publicados por John Taylor

Em fevereiro de 1842, o Élder John Taylor tornou-se o editor adjunto (e posteriormente editor-chefe) da publicação da Igreja chamada *Times and Seasons*. Um ano depois, assumiu o posto editorial do *Nauvoo Neighbor*, um jornal semanal. As colunas do Élder

Taylor logo se tornaram conhecidas por seu espírito direto e incisivo.

O ano de 1844 era um ano de eleições presidenciais. Os santos tinham fortes objeções aos candidatos de ambos os partidos nacionais. Os dois grandes partidos foram contactados, mas nenhum se comprometeu de forma alguma a ajudar a defender os direitos constitucionais dos santos. Havia até mesmo fortes indícios de que as perseguições aos santos se intensificariam depois do escrutínio.

Em Illinois, os santos constituíam uma parte considerável do eleitorado. Num editorial do *Nauvoo Neighbor*, o Élder Taylor apresentou o Profeta Joseph Smith como candidato à presidência dos Estados Unidos. Entre as razões para isso, declarou: “Nas atuais circunstâncias, não temos outra alternativa. E se conseguirmos alcançar nosso objetivo, tanto melhor. Caso contrário, teremos a satisfação de saber que agimos de modo consciente e segundo nosso melhor julgamento; e mesmo que apoiemos um candidato perdedor, é melhor dar nosso voto a um candidato digno do que a um indigno, que poderá vir a usar contra nós a munição que lhe fornecermos” (“Who Shall Be Our Next President!”, *Nauvoo Neighbor*, 14 de fevereiro de 1844).

ELE HONROU AS LEIS DO PAÍS

Hoje em dia, a Igreja procura manter-se politicamente neutra, mas os santos são incentivados a desempenhar um papel ativo na escolha de seus governantes. São aconselhados a eleger pessoas responsáveis e com valores morais sólidos que se empenharão na defesa dos direitos e liberdades inalienáveis da humanidade e ouvirão a vontade justa do povo. Os santos dos últimos dias são instados a seguir o exemplo do Élder John Taylor e erguer-se em defesa de questões que envolvam diretamente o bem-estar da nação e de seus cidadãos. Em outro editorial, o Élder Taylor explicou por que é essencial fazermos ouvir nossa voz:

“Certamente, se alguém deve interferir em assuntos políticos, que seja alguém cuja mente e julgamentos sejam influenciados por princípios corretos — tanto religiosos como políticos; do contrário, as pessoas com princípios religiosos teriam de ser governadas por líderes que não os possuem e estariam sujeitas a seu domínio; assim, veriam a lei e a palavra de Deus serem pisoteadas e se tornariam tão iníquas quanto Sodoma e corruptas quanto Gomorra e estariam prontas para a destruição final. Foi-nos dito que ‘quando os iníquos governam, o povo pranteia’ [D&C 98:9]. Tivemos provas abundantes disso no Estado do Missouri, assim recai-mos dificuldades no futuro. A causa da humanidade, da justiça, da liberdade, do patriotismo e de Deus exige que nos empenhemos ao máximo para eleger governantes

justos. Nossas revelações orientam-nos a buscar diligentemente o bem e homens sábios. [Ver D&C 98:4—10.] (...)

Que todo homem que odeie a opressão e ame a causa da justiça não apenas vote, mas use também sua influência para incentivar os outros a votarem, a fim de podermos por todos os meios legais apoiar o homem cuja eleição garantirá mais benefícios para a nação como um todo” (“Religion and Politics”, *Times and Seasons*, 15 de março de 1844, p. 471).

ELE FOI FERIDO NA CADEIA DE CARTHAGE



Cadeia de Carthage, Carthage, Illinois

Quando o Profeta Joseph Smith foi para a Cadeia de Carthage, o Élder John Taylor estava junto. Ele dormiu na mesma cela que o Profeta, ofereceu-lhe apoio e consolo, recusou-se a sair da prisão quando teve a oportunidade de reconquistar a liberdade e preservar sua vida, cantou um hino que continha os princípios mais sublimes de seu próprio sacrifício e o do Profeta (“Um Pobre e Aflito Viajor”), tentou afastar as armas apontadas na porta da cela e, ao falhar, foi ferido. Embora parecesse impossível escapar, ele sobreviveu depois de atingido por quatro tiros.



A sala superior da Cadeia de Carthage, onde o Profeta Joseph Smith e seu irmão Hyrum foram assassinados e John Taylor foi ferido.

Era pouco mais de 17 h na tarde quente de 27 de junho de 1844. A turba partira enlouquecida depois de realizar seus propósitos iníquos. Joseph Smith, o profeta chamado para encabeçar a última e mais grandiosa das dispensações do evangelho jazia morto fora da prisão, perto do poço, no local onde caíra da janela do primeiro andar. Seu amado irmão mais velho Hyrum estava morto no chão da cela onde eles tinham sido encarcerados. John Taylor, gravemente ferido, estava estirado sobre palha e embaixo de um colchão velho e imundo na

cela ao lado, para onde tinha sido arrastado apressadamente por Willard Richards a fim de não ser visto pelos assassinos. Ele poderia haver sofrido o mesmo fim de Joseph e Hyrum, mas o Senhor tinha outros planos para ele. Ele ainda tinha missões a cumprir e chamados a desempenhar.



Pintura de Gary E. Smith

Quarenta anos depois, referindo-se a sua experiência no martírio, o Presidente Taylor disse: “Haveria algo de surpreendente em tudo isso? Não. Se mataram Jesus na antiguidade, os mesmos sentimentos e influência não trariam resultados semelhantes em nossa época? Eu tinha consciência dos sacrifícios a minha frente quando entrei para o reino, assim estava preparado para enfrentá-los” (*Journal of Discourses*, volume 25, p. 92).



Fotografia de Don O. Thorpe

O relógio de John Taylor, que ele estava usando na Cadeia de Carthage. Acredita-se que o relógio tenha salvado sua vida ao receber o impacto de uma das balas.

ELE REPREENDEU AQUELES QUE ACREDITAVAM QUE A IGREJA RUIRIA COM A MORTE DE JOSEPH SMITH

A morte do Profeta Joseph e de Hyrum Smith fez muitos inimigos da Igreja — e até mesmo alguns de seus membros — acharem que a Igreja desmoronaria. Num editorial de *Times and Seasons*, o Élder John Taylor defendeu um ponto de vista contrário. Como ele ressaltou, a Igreja era do Senhor, não dos homens.

“Supor que a Igreja se desorganizaria e se desfaria por causa da morte do Profeta e do Patriarca é um absurdo. A Igreja traz consigo o poder da imortalidade. Ela não é dos homens, mas é uma criação da Deidade:

foi organizada segundo o padrão de coisas celestiais, pelos princípios da revelação, pela abertura dos céus, pelo ministério de anjos e as revelações de Jeová. Ela não será afetada pela morte de uma, duas ou cinquenta pessoas; ela possui o sacerdócio segundo a ordem de Melquisedeque, com o poder da vida eterna, sem ‘princípio de dias nem fim de anos’. É organizada com o propósito de salvar esta geração e as gerações passadas; existe no tempo e existirá na eternidade. Esta Igreja falhará? Não! As épocas e estações podem mudar, as revoluções podem suceder-se, tronos podem ruir e impérios dissolver-se, terremotos podem fender a Terra do centro à superfície, montanhas podem ser removidas e o oceano grandioso pode mudar de lugar; porém, em meio ao choque dos mundos e à colisão dos elementos, a verdade eterna seguirá inalterada, e os princípios revelados por Deus aos santos permanecerão intactos diante da fúria dos elementos e firmes como o trono de Jeová” (“The City of Nauvoo”, *Times and Seasons*, 15 de dezembro de 1844, p. 744).

ELE DEFENDEU OS DIREITOS DOS SANTOS EM NAUVOO

Depois do martírio, os inimigos da Igreja começaram a circular calúnias sobre a Igreja e seus membros como pretexto para expulsar os santos de Nauvoo. Turbas queimaram casas, roubaram animais, mataram homens e expulsaram mulheres e crianças de casa.

As autoridades locais não ofereceram proteção, assim uma milícia estadual foi enviada para manter a ordem a fim de que os santos tivessem paz para preparar-se para o êxodo rumo ao Oeste. Essa milícia não defendeu os direitos dos santos e não tomou nenhuma providência quando as turbas continuaram a violar a privacidade e as propriedades dos santos. Indignado diante do desrespeito e insensibilidade aos direitos dos santos, o Élder John Taylor reuniu-se com o comandante da milícia, o Major Warren, para protestar contra sua falta de medidas concretas. Por sua vez, o Major Warren censurou os santos por resistirem à lei. O Élder Taylor respondeu:

“Major Warren, apresento-me ao senhor como um homem que foi terrivelmente prejudicado pelos cidadãos deste estado e assim tenho alguns sentimentos. O senhor fala da ‘majestade da lei’ e da ‘manutenção da lei’: para nós, senhor, a lei não passa de uma farsa. Durante anos, ela tem sido usada apenas como instrumento de opressão. Não recebemos proteção alguma dela. (...)

(...) O senhor fala da majestade da lei! Qual foi o destino dos assassinos [do Profeta e seu irmão]? Foram enforcados, fuzilados ou punidos de alguma forma? Não, o senhor sabe que não. (...) As turbas continuam a incendiar casas sob sua supervisão; o senhor não foi

capaz de detê-los nem se mostrou disposto a fazê-lo. Casas foram queimadas desde sua chegada aqui; homens foram seqüestrados, cabeças de gado extraviadas, nossos irmãos sofreram toda sorte de maus-tratos e foram roubados ao cultivarem seu milho. Devemos permanecer inertes e permitir que saqueadores e incendiários entrem em nossa cidade (...) sem oferecer a menor resistência a seus atos nefandos? Haveremos de ser detidos pelo senhor enquanto eles nos atacam de modo tão cruel? Digo-lhe claramente que pelo menos eu não o farei. Assumo a responsabilidade por meus próprios atos ao dizer-lhe que não suportarei mais tais agressões. (...) [Meus irmãos] não serão mais maltratados com o pretexto da lei ou o que quer que seja; e não há nenhum patriota no mundo que não me apoiaria nisso” (citado em Roberts, *Life of John Taylor*, pp. 163—165).

ELE FOI UM “CAMPEÃO DA LIBERDADE”



O Batalhão Mórmon

Meses depois, os santos estavam acampados em Council Bluffs, Iowa, quando foram abordados pelo Capitão Allen, oficial do Exército dos Estados Unidos. Ele viera pedir o alistamento de quinhentos homens para lutar na Guerra do México. Os sentimentos de lealdade e patriotismo dos pioneiros estavam um tanto abalados.

Num discurso, o Élder John Taylor reconheceu esse estado de espírito ao dizer: “Muitos falaram em rebelar-se contra o governo dos Estados Unidos. Eu mesmo já me irei contra as autoridades pelo tratamento que nos dispensaram, embora não tenha vociferado muito. É compreensível que nos sintamos assim, e qualquer pessoa com um mínimo de amor à liberdade se sentiria da mesma forma” (citado por Roberts, *Life of John Taylor*, p. 173).

Apesar desses sentimentos legítimos, o Élder Taylor fez então um apelo para que os santos confiassem no governo e organizassem o que hoje conhecemos como Batalhão Mórmon. Seu pedido foi ouvido. Este “Campeão da Liberdade” estava tão preocupado em apoiar seu país quanto em lutar pelos direitos constitucionais dos santos.

ELE AUXILIOU NA MIGRAÇÃO PARA O OESTE E NO TRABALHO MISSIONÁRIO CONTÍNUO

O Élder John Taylor apoiou o Presidente Brigham Young como líder da Igreja e ajudou-o no êxodo dos santos dos últimos dias para o Oeste. Serviu em outra missão na Inglaterra e depois, com o Élder Parley P. Pratt, foi à frente do segundo grupo que partiu para o Oeste, formado por 1.500 pessoas, e chegou ao Vale do Lago Salgado em 5 de outubro de 1847.

Os pioneiros estavam na Grande Bacia havia apenas dois anos quando o Presidente Young chamou quatro apóstolos para pregar o evangelho na Europa novamente. Franklin D. Richards foi enviado à Grã-Bretanha, Lorenzo Snow à Itália, Erastus Snow à Dinamarca e John Taylor à França e Alemanha. Na França, o Élder Taylor estabeleceu quatro ramos da Igreja, com cerca de quatrocentos membros. Uma das maiores realizações dessa missão foi a publicação do Livro de Mórmon em francês e alemão.

ELE DEFENDEU O CARÁTER DE JOSEPH SMITH



Fotografia de Don O. Thorpe

Um exemplar bilingüe do Livro de Mórmon. A primeira tradução em francês e alemão do Livro de Mórmon foi publicada num único volume, com as páginas da esquerda em alemão e as da direita em francês.

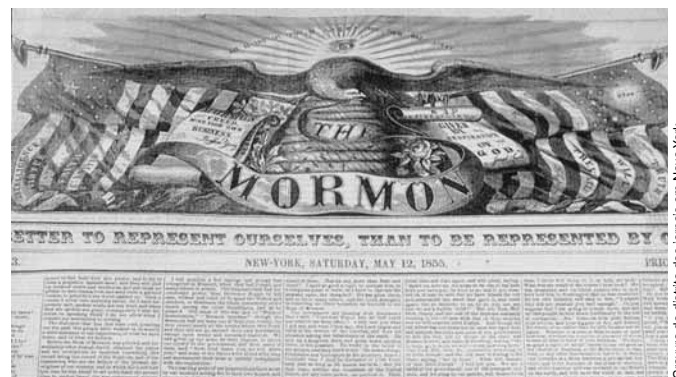
ouvi centenas de vezes seus ensinamentos públicos, bem como seus conselhos de caráter mais íntimo a seus amigos e companheiros. Estive em sua casa e vi sua conduta em família. Vi-o ser convocado perante os tribunais de seu país e ser absolvido honrosamente, provando sua inocência em face das calúnias perniciosas e as maquinações e falsidades de homens iníquos e corruptos. Estive com ele na vida e na morte, quando ele foi assassinado na Cadeia de Carthage por uma turba impiedosa liderada por um ministro metodista chamado Williams, todos com o rosto pintado. Eu estava presente, e eu mesmo fui ferido; naquela ocasião, levei

Ao trabalhar em sua missão em Boulogne, França, o Élder John Taylor foi desafiado por três ministros para um debate. No decorrer da discussão, esses religiosos atacaram o caráter do Profeta Joseph Smith. Em defesa do Profeta, o Élder Taylor disse:

“Testifico que convivi com Joseph Smith durante anos. Viajei com ele; estive com ele em particular e em público; estive a seu lado em conselhos de todos os tipos;

quatro tiros. Portanto, vi o Profeta em todas essas circunstâncias diferentes e testifico perante Deus, anjos e homens que ele era um homem de bem, honrado e virtuoso; que suas doutrinas eram boas, salutares e se harmonizavam com as escrituras; que seus preceitos eram condizentes com os de um homem de Deus; que seu caráter em público e em particular era irrepreensível e que ele viveu e morreu como um homem de Deus e um cavalheiro. Esse é meu testemunho; se alguém quiser contestá-lo que traga uma pessoa autorizada para receber meu testemunho por escrito, e o assinarei” (“Three Nights’ Public Discussion”, em *A Series of Pamphlets, by Orson Pratt*, pp. 23—24).

ELE FOI CUMPRIR UMA MISSÃO DE IMPRESSÃO NA CIDADE DE NOVA YORK



Gravura do distrito dos jornais em Nova York

Em 1852, foi anunciada publicamente a doutrina do casamento plural. Contudo, com base nos relatos de apóstatas corruptos, a imprensa nacional começou a circular artigos com informações grosseiramente distorcidas sobre essa prática. A fim de fazer frente à onda de preconceitos, o Élder John Taylor e quatro outros irmãos foram chamados para publicar jornais em todos os Estados Unidos em defesa da Igreja. Na Cidade de Nova York, o Élder Taylor abriu o escritório do jornal *The Mormon* precisamente entre o escritório do *New York Herald* e do *New York Tribune*, os dois jornais que mais criticavam a Igreja.

Na primeira edição de *The Mormon*, o Élder Taylor explicou o ponto de vista editorial do jornal: “Não temos critérios específicos, exceto a ampla plataforma da verdade: religiosa, política, social, moral e filosófica. Não estamos ligados a nenhum partido nem credo — religioso ou político. É verdade que somos mórmons, por dentro e por fora, aqui e no exterior, em público e em particular, em todas as circunstâncias. Todavia, somos mórmons por princípio. Somos mórmons não por acharmos que esse seja o caminho mais popular, lucrativo ou ilustre (segundo os padrões do mundo); mas por crermos ser a maneira mais verdadeira, razoável, fiel às escrituras, moral e filosófica; porque acreditamos

sinceramente que é mais propício à felicidade e ao bem-estar da humanidade no tempo e em toda a eternidade do que qualquer outro sistema conhecido” (“Introductory Address”, *The Mormon*, 17 de fevereiro de 1855, p. 2).

Foi preciso coragem para defender a Igreja de maneira tão audaciosa e direta como fez o Élder Taylor. O Presidente Brigham Young afirmou: “No tocante ao trabalho do Irmão Taylor na edição do *The Mormon*, publicado na Cidade de Nova York, ouvi muitos comentários sobre os editoriais desse jornal, não apenas dos santos, mas também de pessoas que não professam nossa religião. Trata-se talvez de um dos jornais mais influentes em circulação” (citado em Roberts, *Life of John Taylor*, p. 271).

ELE FEZ UM APELO AO PRESIDENTE BUCHANAN



James Buchanan, presidente dos Estados Unidos

Num passo rumo à transformação em estado, Utah foi elevado à condição de território em 1850. Brigham Young foi apontado como seu primeiro governador pelo Presidente Millard Fillmore, mas muitos outros cargos foram ocupados por pessoas hostis de outras partes do país nomeadas pelo governo. Algumas dessas

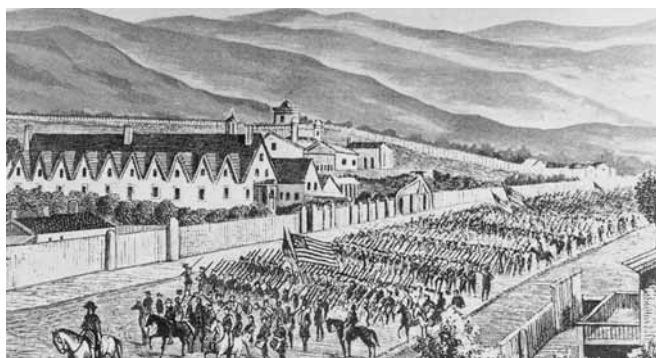
autoridades não eram honradas. Quase nenhuma delas tinha conhecimento dos padrões, ideais e metas da Igreja nem eram sensíveis a eles.

Em 1857, o Presidente James Buchanan recebeu relatórios de um juiz territorial corrupto que acusava os mórmons de destruírem registros jurídicos federais, resistirem a todas as leis federais, serem desleais ao país e obedecerem apenas a Brigham Young. As acusações eram ridículas, mas sem maiores investigações, Buchanan nomeou Alfred Cumming, da Geórgia, como o novo governador de Utah e enviou um contingente de dois mil e quinhentos soldados para escoltar Cumming para Utah e pôr fim à chamada “rebelião de Utah”. Além disso, não se deu ao trabalho de avisar o governador Young de seus planos. Assim, quando boatos desencontrados da “Expedição de Utah” chegaram aos santos, eles esperaram o pior e prepararam-se para a guerra.

Chamado de volta para Utah de sua missão em Nova York, o Élder John Taylor preparou um memorando endereçado ao presidente do Congresso dos Estados Unidos que dizia, em parte:

“Dirigimo-nos a Vossa Excelência como cidadãos que foram injustiçados, insultados, maltratados e perseguidos; enxotados de cidade em cidade e de estado em estado por nossos inimigos implacáveis, até sermos finalmente expulsos para os confins da civilização em busca de refúgio num clima estéril e inóspito, em meio às tribos selvagens e bárbaras das planícies desertas. Fazemos parte do povo e como tal, temos direitos a serem respeitados, bem como o direito de reivindicá-los. Afirmamos que na forma republicana de governo, conforme o estabelecido pelos fundadores da nação e conforme nosso governo ainda professa ser, as autoridades são e devem ser servos do povo — não seus mestres, ditadores ou tiranos.

Somos inocentes das numerosas acusações de nossos inimigos e desafiamos o mundo a provar o contrário em qualquer tribunal justo. (...) Solicitamos que nos tratem com amizade e honradez, não com vis agressões e ataques. Tratem-nos como companheiros, como cidadãos com direitos iguais e não como forasteiros inimigos, a fim de não virmos a nos tornarmos justamente isso. (...) Tudo o que desejamos é verdade e justiça. As autoridades foram enganadas por homens falsos e insidiosos; seus atos foram mal-avisados e precipitados, talvez devido à ausência da reflexão necessária. Pedimos que nos informe o que deseja de nós antes de preparar cordas para enforcar-nos ou ‘usar a faca para extirpar a úlcera repugnante e asquerosa’. Deseja que neguemos a nosso Deus e renunciemos a nossa religião? Não faremos isso. (...) Retirem suas tropas, concedam-nos nossos deveres constitucionais e estaremos bem em nosso lar” (citado em Roberts, *Life of John Taylor*, pp. 294—295).



O Exército de Johnston

JOHN TAYLOR VIU A MÃO DO SENHOR PRESERVAR OS SANTOS

Embora os santos estivessem preparados para resistir, se necessário, ao exército que se aproximava, fizeram tudo a seu alcance para evitar tal confronto. Negociações começaram a resolver com êxito os mal-entendidos. O exército dos Estados Unidos enviou em missão a Salt Lake City o Capitão Stewart Van Vliet, que

não achou o que esperava. Ao voltar às tropas acampadas para relatar os resultados de sua investigação, ele alterara radicalmente suas visões e defendia uma reconciliação pacífica.

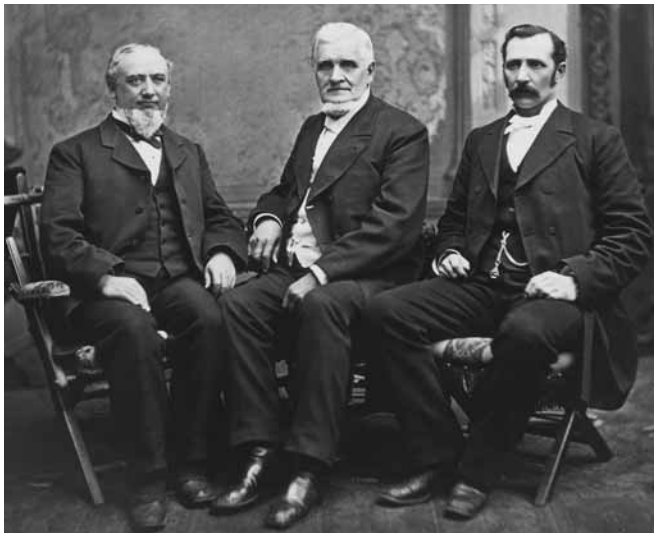
Os santos conseguiram evitar a entrada das tropas no Vale do Lago Salgado até a primavera de 1858.

Quando o exército recebeu permissão para entrar, com a promessa de bom comportamento, encontrou os santos dispostos a atear fogo à própria casa em vez de submeterem-se à opressão ilegal. Num discurso no Tabernáculo de Salt Lake em dezembro de 1857, o Élder John Taylor disse:

“Não me lembro de ler em nenhum episódio da história nem ouvir falar em circunstância alguma de um exército que tenha sido subjugado tão facilmente e cujo poder tenha sido desfeito de modo tão eficaz e sem derramamento de sangue como foi o caso em nossas fronteiras. Se isso não é uma manifestação do poder de Deus para nós, não sei o que é. A vida de um único homem se perdeu? Não, nenhuma. (...)

Suponhamos que o governo dos Estados Unidos, num acesso de ira, envie para cá 50.000 homens. (...) Quem de nós pode prever o resultado? Falo dessas coisas a fim de refletirmos. Quem é capaz de adivinhar o que acontecerá no futuro? Quem conhece o futuro? Vocês vêm a posição em que estamos — somos dependentes do Senhor e de Seus conselhos e tudo o que venhamos a fazer ou dizer será de acordo com isso de agora em diante e para todo o sempre. Sião começa a erguer-se, sua luz chegou. A glória do Senhor está sobre nós. (...)

E se formos expulsos para as montanhas? Que o sejamos. E se tivermos que incendiar nossa casa? Então que o façamos com alegria e dancemos enquanto ela é consumida pelas chamas. Que importância têm essas coisas? Estamos nas mãos de Deus, e tudo terminará bem” (*Journal of Discourses*, volume 6, pp. 112–113).



A Primeira Presidência em 10 de outubro de 1880: George Q. Cannon, John Taylor e Joseph F. Smith

OS APÓSTOLOS GUIARAM A IGREJA DE 1877 A 1880

Com a morte do Presidente Brigham Young em 29 de agosto de 1877, o Quórum dos Doze Apóstolos tornou-se o quórum presidente da Igreja. Formalmente apoiados em 4 de setembro de 1877, os Doze, com John Taylor como presidente do Quórum, assumiram as funções da Primeira Presidência até ela ser reorganizada em 10 de outubro de 1880. (O Quórum dos Doze Apóstolos também tinha presidido desde a morte do Profeta Joseph Smith em 27 de junho de 1844 até Brigham Young ser apoiado presidente da Igreja em 27 de dezembro de 1847.)

O SENHOR PRESERVOU A VIDA DE JOHN TAYLOR



A vida de John Taylor foi preservada durante o martírio do Profeta Joseph e Hyrum Smith na Cadeia de Carthage. O Senhor confirmou isso numa revelação concedida em 26 de janeiro de 1880 ao Élder Wilford Woodruff, na época membro do Quórum dos Doze Apóstolos: “Eu o Senhor levantei para vós meu servo, John Taylor, para presidir sobre vós e ser um legislador para minha

Igreja. Seu sangue misturou-se ao dos profetas mártires. Entretanto, ao passo que chamei meus servos Joseph e Hyrum para junto de mim, preservei meu servo John Taylor para um sábio propósito meu” (*Wilford Woodruff’s Journal, 1833–1898 Typescript*, ed. Scott G. Kenney, 9 volumes [1983–1985], volume 7, p. 620; pontuação, uso de iniciais maiúsculas e ortografia atualizados).

O Presidente Taylor tinha uma missão especial a cumprir e dirigiu a Igreja numa década de graves crises. Durante a comemoração do Dia do Pioneiro em 24 de julho de 1880, declarou profeticamente: “Há eventos num futuro não muito distante que exigirão toda a nossa fé, toda a nossa energia, toda a nossa confiança, toda a nossa crença em Deus, a fim de resistirmos às forças do mal que se oporão a nós. (...) Não podemos fiar-nos em nossa inteligência; não podemos confiar em nossas riquezas; não podemos confiar em quaisquer circunstâncias nas quais nos encontrarmos; devemos confiar somente no Deus vivo para guiar-nos, dirigir-nos, conduzir-nos, ensinar-nos e instruir-nos. E nunca houve uma época em que precisássemos ser mais humildes e ter mais fé;

nunca houve uma época em que necessitássemos de mais fidelidade, abnegação e obediência aos princípios da verdade do que hoje” (citado em Joseph Fielding Smith, *Essentials in Church History* [1950], p. 479).

FOI CELEBRADO UM ANO DE JUBILEU

Embora se anunciassem tempos difíceis, havia um sentimento de júbilo generalizado entre os santos em 1880. Era o cinquentenário da restauração da Igreja. Na antiga Israel, a cada cinquenta anos se comemorava um jubileu — o momento de perdoar dívidas e abençoar os pobres. O Presidente John Taylor decidiu que o tema deveria ser o seguinte:



O Presidente John Taylor dedicou o Templo de Logan Utah em 17 de maio de 1884.

“Ocorreu-me que devemos fazer algo, como era costume na antiguidade, para aliviar as pessoas oprimidas pelas dívidas, auxiliar os necessitados, retirar o fardo dos sobrecarregados e criar uma época de regozijo geral” (Conference Report, abril de 1880, p. 61).

A Igreja cancelou as dívidas dos pobres dignos que tinham recebido dinheiro do Fundo

Perpétuo de Emigração a fim de mudarem-se para Utah e que, depois de chegarem, haviam passado por dificuldades financeiras e não conseguiam saldar sua dívida.

O Presidente Taylor deu os seguintes conselhos aos membros abastados: “Os ricos (...) têm a oportunidade de lembrar-se dos pobres do Senhor. Se eles tiverem dívidas para com vocês que forem incapazes de saldar, perdoem os juros e a quantia principal ou o valor que vocês desejariam que eles perdoassem caso a situação se invertesse, fazendo assim ao próximo o que vocês gostariam que lhes fizessem. Disso dependem toda a lei e os profetas. Se vocês tiverem hipotecas a receber pela casa de seus irmãos da Igreja que sejam pobres, dignos e honestos e que desejarem pagar, mas não puderem, perdoem-lhes em parte ou na totalidade. Estendam-lhes o jubileu, se lhes for possível. Vocês terão a fé, as orações e a confiança deles, o que vale muito mais do que dinheiro” (citado em Roberts, *Life of John Taylor*, pp. 336—337).

O CUMPRIMENTO DE UMA PROFECIA SOMBRIA

Nuvens densas e chuvas torrenciais marcaram a conferência geral de abril de 1882. O tempo parecia refletir os dias difíceis à frente. Dezenove meses tinham-se

passado desde que o Presidente John Taylor advertira sobre as influências que se reuniam contra a Igreja. Agora elas começavam a ganhar contornos mais definidos. No segundo semestre de 1881, ministros de várias denominações começaram a exigir leis mais rígidas relativas à prática do casamento plural. Em 22 de março de 1882, o presidente dos Estados Unidos assinou a lei Edmunds, que privava a Igreja de seus direitos legais e previa multas e prisão para todos os membros do sexo masculino que acreditassem no casamento plural ou o praticassem. O Presidente Taylor aconselhou os membros da Igreja a prepararem-se para enfrentar tempos difíceis:



Fotografia de Hansen e Savage

“Não queremos assumir uma posição de antagonismo nem agir de modo insolente para com este governo. Cumpriremos as exigências, dentro do limite do praticável, desta lei injusta, desumana, opressiva e inconstitucional, contanto que o façamos sem violar princípios. Contudo, não podemos sacrificar todas as bases dos direitos humanos

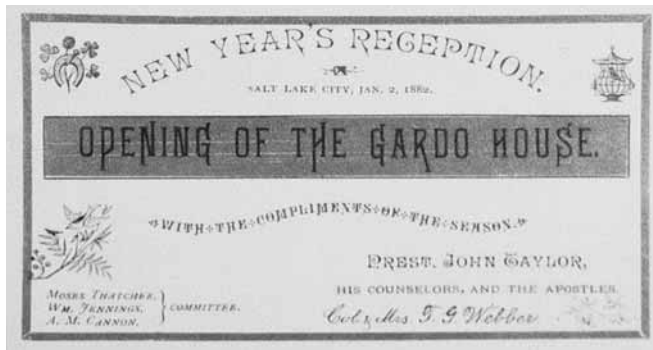
a fim de acatar os desmandos de homens corruptos, desarrazoados e inescrupulosos; não podemos infringir os princípios mais elevados e nobres da natureza humana e transformar mulheres distintas, virtuosas e honradas em párias e proscritas; tampouco podemos sacrificar no altar do clamor popular os princípios mais sublimes e transcendentais da humanidade!



A Gardo House, residência do Presidente Taylor

Obedeceremos a todas as leis constitucionais, como sempre o fizemos; mas embora sejamos homens e autoridades honrados, não somos servos covardes e não aprendemos a ser subservientes aos opressores nem a curvar-nos em vil submissão a clamores arbitrários.

Lutaremos, com toda a persistência, de modo legal e constitucional, por nossos privilégios como cidadãos americanos e pelos direitos universais do ser humano. Orgulhamo-nos da consciência de nossos direitos como cidadãos americanos e confiamos plenamente nas garantias sagradas da constituição. E esse instrumento, além de definir as prerrogativas e privilégios dos poderes executivo, legislativo e judiciário, estipula também diretamente que ‘os poderes não delegados aos Estados Unidos pela constituição nem proibidos por ela aos estados são reservados aos respectivos estados ou ao povo’” (*Journal of Discourses*, volume 23, p. 67).



AS PERSEGUIÇÕES ABATEM-SE COM TODA A FÚRIA SOBRE OS SANTOS

As perseguições aos membros da Igreja começaram e eles não estavam mais em segurança no Oeste. Durante a década das perseguições (1877—1887), casas foram arrombadas e saqueadas, pessoas inocentes levadas por tropas federais para serem interrogadas e homens multados e punidos muito além dos limites legais. No sul dos Estados Unidos, muitos missionários foram atacados e espancados, e alguns foram mortos.

Ao tomar conhecimento dos grandes abusos cometidos contra os membros da Igreja por autoridades governamentais no Arizona, o Presidente John Taylor fez-lhes uma visita e recomendou que fixassem moradia temporariamente no México. Atendendo aos conselhos do profeta, mais de três mil membros da Igreja mudaram-se para o Estado de Chihuahua, México, e fundaram as comunidades mórmons de Colonia Juárez, Colonia Dublan e Colonia Diaz (ver Roberts, *Life of John Taylor*, pp. 380—383).

Algum tempo depois, o Presidente Taylor aconselhou os membros residentes no vale do rio Cache, Utah, a emigrarem para o Canadá por motivos semelhantes. Muitas partes da província de Alberta foram povoadas por membros da Igreja.

ELE RETIROU-SE VOLUNTARIAMENTE DO PÚBLICO

Os membros da Primeira Presidência, ao tomarem conhecimento de que as autoridades governamentais

pretendiam prendê-los, preferiram afastar-se do público para continuar seu trabalho sagrado, pois sabiam que seu encarceramento poderia levar os membros da Igreja a revidarem, o que daria ao governo um pretexto para destruir a Igreja.

Em seu último discurso público, o Presidente John Taylor disse: “Devemos fazer o que é certo, temer a Deus, observar Suas leis e guardar Seus mandamentos, e Ele cuidará de tudo o mais. Contudo, não devemos criar conflitos, derramar sangue nem o pagar o mal com o mal. Empenhemo-nos para cultivar o espírito do evangelho e seguir os preceitos da verdade. Honremos nosso Deus e sejamos fiéis aos princípios eternos que Ele ordenou que santificássemos. Que eles sejam para nós o que há de mais sagrado no mundo. E enquanto outros homens tentarem desrespeitar a constituição, procuraremos segui-la” (*Journal of Discourses*, volume 26, p. 156).

\$800 REWARD!

JOHN TAYLOR. **GEORGE Q. CANNON.**

To be Paid for the Arrest of John Taylor and George Q. Cannon.

The above Reward will be paid for the delivery to me, or for information that will lead to the arrest of

JOHN TAYLOR,
President of the Mormon Church, and

George Q. Cannon,
His Counselor; or

\$500 will be paid for Cannon alone, and \$300 for Taylor.

All Conferences or Letters kept strictly secret.

S. H. GILSON,
22 and 23 Wasatch Building, Salt Lake City.

O Presidente Taylor retirou-se da vida pública e foi anunciada uma recompensa para sua captura.

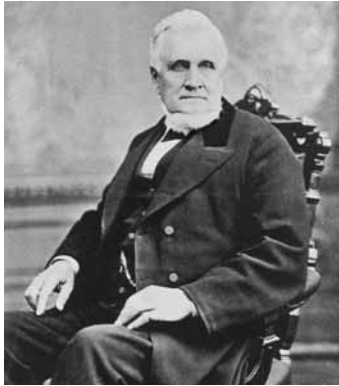
“QUE TUDO ACONTEÇA CONFORME A VONTADE DE DEUS”

Quando John Taylor era jovem e fez a viagem marítima para um destino desconhecido na América, seu navio enfrentou uma tempestade tão terrível que o

capitão achou que iria naufragar. Contudo, John sentiu-se em paz e não temeu; nem sequer prestou atenção aos ventos e ondas. Sabia que sua vida estava nas mãos de Deus e estava preparado para fazer tudo o que Ele lhe pedisse. Outras tempestades vieram no decorrer de sua missão — provocados pela natureza e pelos homens. Todavia, ele não perdeu a calma, mas permaneceu tranqüilo e sereno.

Certa vez, ele disse:

“No que me diz respeito, que tudo aconteça conforme a vontade de Deus. Não desejo tribulações nem aflições: oro a Deus para que ‘não me induza à tentação, mas me livre do mal; pois Dele é o reino, o poder e a glória’. Entretanto, se vierem terremotos, relâmpagos e trovões, se forem soltos os poderes das trevas, se o espírito do mal tiver liberdade para espalhar sua ira e se as influências malignas se voltarem contra os santos, pondo em perigo minha vida e a deles, digo que estamos prontos para tudo isso, pois somos os santos do Deus Altíssimo, e tudo está bem, tudo está em paz, tudo está certo e assim permanecerá, tanto no tempo quanto na eternidade” (*Journal of Discourses*, volume 5, pp. 114–115)



ELE MORREU NO EXÍLIO



Fotografia de Don O. Thorpe

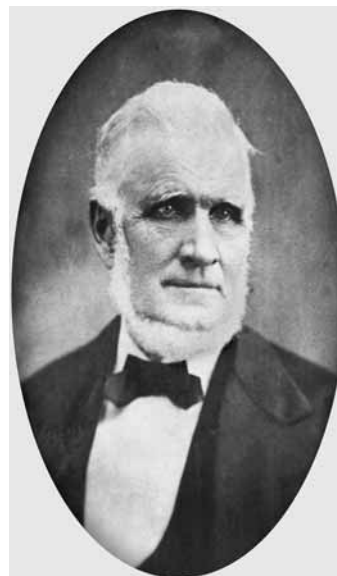
O Presidente Taylor morreu na casa de Thomas F. Rouche, perto de Kaysville, Utah.

Como lhe foi negado acesso regular a seus entes queridos e ele ficou separado deles, além de extenuar-se na luta da Igreja por seus direitos constitucionais, o Presidente John Taylor viu sua saúde declinar e faleceu aos setenta e oito anos de idade em Kaysville, Utah, em 25 de julho de 1887. Quando morreu, ainda levava no corpo algumas das balas que o atingiram por ocasião do martírio do Profeta Joseph e Hyrum Smith. Depois de seu falecimento, seus conselheiros, George Q. Cannon e Joseph F. Smith, fizeram um tributo que dizia em parte:

“Firme e inabalável na verdade, poucos homens deste mundo demonstraram tanta integridade, valores morais tão inamovíveis e tanta coragem quanto nosso presidente amado que acaba de deixar-nos. Ele jamais conheceu a sensação de temor no tocante à obra de Deus. Na verdade, diante de turbas enfurecidas e em outros momentos em que riscos iminentes de violência pessoal ameaçavam sua vida e em que o povo se viu diante de perigos públicos, ele nunca recuou; seus joelhos nunca fraquejaram, suas mãos nunca tremeram. Todos os santos dos últimos dias sabiam de antemão, em ocasiões em que era preciso firmeza e coragem, onde encontrariam o Presidente John Taylor e qual seria sua atitude. Ele enfrentou cada situação com valentia e destemor, despertando a admiração de todos os que o viam e ouviam. Bravura, intrepidez, firmeza e resolução estavam entre suas características mais notáveis, o que o levava a destacar-se mesmo no meio de homens conhecidos por essas mesmas qualidades. Além de tudo isso, havia ainda um intenso amor pela liberdade e ódio à opressão. Ele era um homem em que todos podiam confiar e, ao longo de toda a sua vida, contou de modo inigualado por ninguém com a confiança irrestrita do Profeta Joseph, Hyrum, Brigham e todos os demais líderes e membros da Igreja. O título de ‘Campeão da Liberdade’, que ele recebeu em Nauvoo, caía-lhe como uma luva. (...)”

Pelo poder miraculoso de Deus, o Presidente Taylor escapou à morte que os assassinos da Cadeia de Carthage haviam previsto para ele. Seu sangue misturou-se então ao do Profeta e do Patriarca, que sofreram o martírio. Desde esse momento, ele foi um mártir vivo na causa da verdade” (“Announcement of the Death of President John Taylor”, *Deseret Evening News*, 26 de julho de 1887, p. 2).

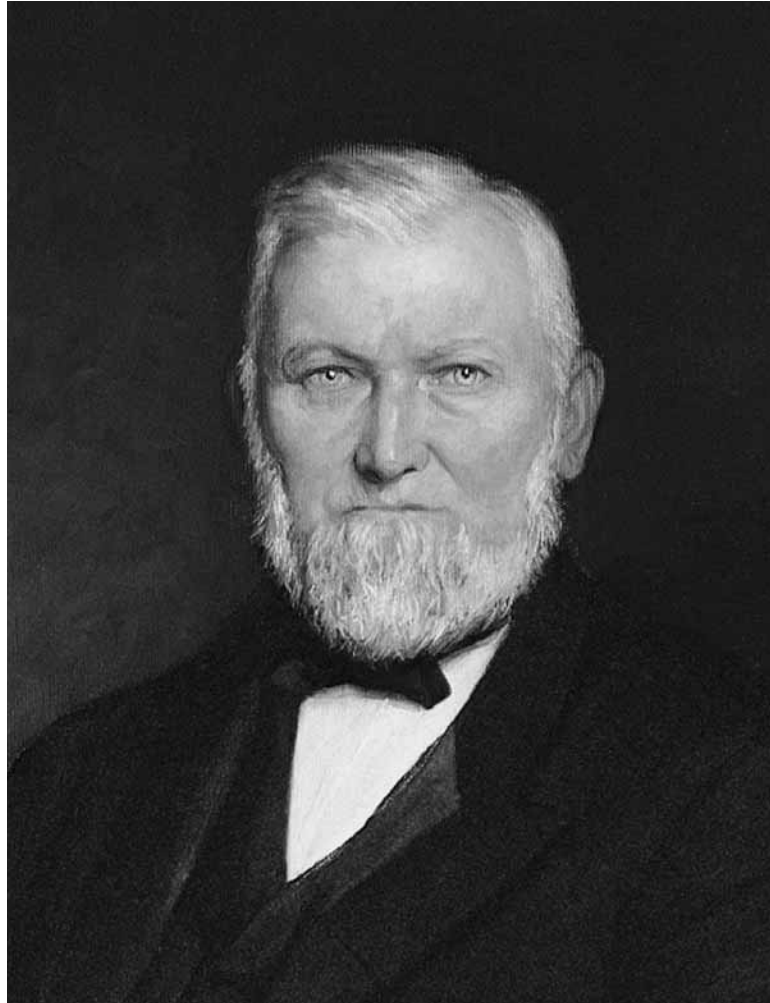
SUA VIDA FOI MARCADA PELO SERVIÇO E O MARTÍRIO



O Presidente John Taylor morreu no exílio, talvez no momento mais sombrio da luta pela sobrevivência da Igreja, como mártir pelos princípios da lealdade e integridade, como mártir pela liberdade de religião, como mártir pela divindade e testemunho inerentes a seu chamado apostólico, como mártir pela restauração da verdadeira Igreja de Jesus Cristo, como mártir pela realidade do próprio Jesus, a quem servia.

Wilford Woodruff

QUARTO PRESIDENTE DA IGREJA



EVENTOS MARCANTES DA VIDA DE WILFORD WOODRUFF

Idade Acontecimentos

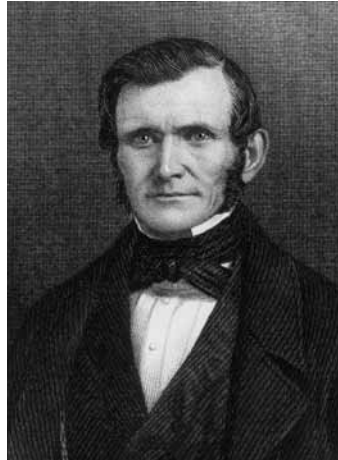
Nasce em 1º de março de 1807 em Farmington, Condado de Hartford, Connecticut, filho de Aphek e Beulah Thompson Woodruff.

- 14 Aprende o ofício de moleiro (1821).
- 26 É batizado na Igreja perto de Richmond, Nova York (31 de dezembro de 1833).
- 27 Participa da marcha do Acampamento de Sião (maio—julho de 1834).
- 27–29 Serve como missionário no sul dos Estados Unidos (1834–1836).
- 30 Casa-se com Phoebe Carter (13 de abril de 1837).
- 30–31 Serve como missionário no leste dos Estados Unidos e nas ilhas Fox (na costa do Maine; 1837–1838).
- 32 É ordenado apóstolo por Brigham Young (26 de abril de 1839).
- 32–34 Serve como missionário na Grã-Bretanha (1839–1841).
- 36 Serve numa missão de levantamento de fundos no leste dos Estados Unidos (1844).
- 36–39 Preside a Missão Européia (1844–1846).
- 40 Entra no Vale do Lago Salgado com Brigham Young (24 de julho de 1847).
- 41 Preside a Igreja no leste dos Estados Unidos (1848–1850).
- 44 É nomeado para a Assembléia Legislativa Territorial (1850).
- 49 É designado historiador da Igreja (1856).
- 60 Participa do restabelecimento da Escola dos Profetas (1867).
- 70 Serve como presidente do Templo de St. George; é visitado pelo espírito de grandes personagens históricos no Templo de St. George Utah (1877).
- 73 Torna-se presidente do Quórum dos Doze Apóstolos (10 de outubro de 1880).
- 78 Parte para o exílio devido às perseguições sofridas por causa da prática do casamento plural (fevereiro de 1886).
- 80 Dirige a Igreja como presidente do Quórum dos Doze Apóstolos após a morte de John Taylor (25 de julho de 1887).
- 81 Dedica o Templo de Manti Utah (17 de maio de 1888).
- 82 Torna-se o Presidente da Igreja (7 de abril de 1889).
- 83 O Manifesto, que põe fim ao casamento plural (Declaração Oficial — 1), é escrito (24 de setembro de 1890) e aceito pelos membros da Igreja (6 de outubro de 1890).
- 86 Dedica o Templo de Salt Lake (6 de abril de 1893).
- 87 Organiza a Sociedade Genealógica de Utah (novembro de 1894).
- 91 Morre em San Francisco, Califórnia (2 de setembro de 1898).

A vida de Wilford Woodruff estendeu-se ao longo de quase todo o século XIX. Durante a maior parte de sua vida, da conversão em 1833 até a morte em 1898, contribuiu para o avanço da causa do reino de Deus.

ELE TINHA UMA VISÃO GLOBAL DO EVANGELHO RESTAURADO

Embora poucos compreendessem o significado da pequena pedra cortada do monte sem mãos (ver Daniel 2:34–35), o Senhor levantou videntes que, de alguma forma, compreendiam os propósitos do Todo-Poderoso — não só para sua época, mas para todas. Wilford Woodruff era um deles e ensinou sobre a importância desta última dispensação do evangelho.



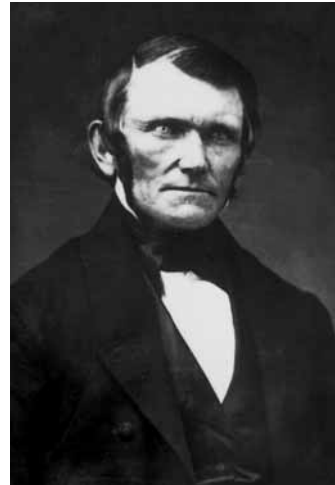
Gravura de Wilford Woodruff feita por Frederick Piercy

“Esta é a única dispensação jamais estabelecida por Deus que foi preordenada antes da criação do mundo para não ser vencida por homens iníquos e demônios. (...) O profeta [Enoque] perguntou ao Senhor se haveria uma época em que a Terra descansaria; e o Senhor respondeu que na dispensação da plenitude dos tempos a Terra cumpriria a medida de seus dias e então repousaria da iniquidade e abominações, pois naquele dia Ele estabelecerá Seu reino para nunca mais ser removido. Então, começaria um reino de retidão, e os honestos e mansos da Terra seriam reunidos para servir ao Senhor, e sobre eles repousaria o poder para edificar a grandiosa Sião de Deus nos últimos dias. (...)”

Esta é a dispensação na qual se fixaram os olhos de todos os patriarcas e profetas. O Senhor iniciou-a e vem levando-a avante. (...)”

A obra que há de ser maravilhosa aos olhos dos homens já começou e está assumindo forma e proporções; mas eles não são capazes de vê-la. Consistirá na pregação do evangelho a todo o mundo, na reunião dos santos do meio de todas as nações que o rejeitam, na edificação da Sião de Deus, no estabelecimento permanente de Seu reino na Terra, na preparação para a obra de coligação dos judeus e os eventos que sucederão sua fixação em suas próprias terras e na preparação de lugares santos onde permaneceremos quando os juízos de Deus tomarem as nações de assalto. Esta é uma obra verdadeiramente grandiosa” (*The Discourses of Wilford Woodruff*, ed. G. Homer Durham [1946], pp. 109–111).

ELE FOI PREORDENADO PARA SUA MISSÃO NOS ÚLTIMOS DIAS



Em sua visão do mundo espiritual, o Presidente Joseph F. Smith observou que Wilford Woodruff era um dos nobres e grandes escolhidos na vida pré-terrena para governar nesta dispensação:

“O Profeta Joseph Smith e meu pai, Hyrum Smith, Brigham Young, John Taylor, Wilford Woodruff e outros espíritos preciosos foram

reservados para nascer na plenitude dos tempos a fim de participar no estabelecimento dos alicerces da grande obra dos últimos dias, (...)”

(...) estavam entre os grandes e nobres que foram escolhidos no princípio para serem governantes na Igreja de Deus.

Mesmo antes de nascerem, eles, com muitos outros, receberam suas primeiras lições no mundo dos espíritos e foram preparados para nascer no devido tempo do Senhor, a fim de trabalharem em sua vinha para a salvação da alma dos homens” (D&C 138:53, 55–56).

SUA INFÂNCIA E JUVENTUDE FORAM MARCADAS POR VÁRIOS ACIDENTES

Wilford Woodruff nasceu em 1º de março de 1807 em Farmington, Connecticut, filho de Aphek e Beulah Thompson Woodruff. Seu bisavô Josiah Woodruff viveu quase cem anos e realizou trabalhos manuais quase até sua morte. Seu avô Eldad Woodruff tinha a reputação de ser o homem mais trabalhador do condado. Wilford aprendeu ainda jovem o valor do trabalho e, com seu pai, trabalhou nos moinhos de grãos de Farmington.

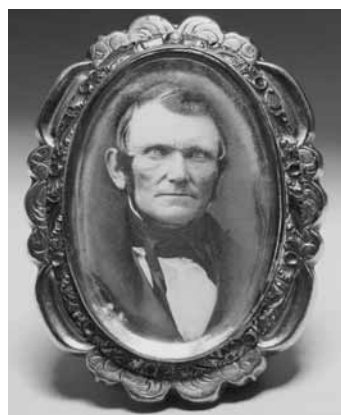
A infância e a juventude de Wilford Woodruff foram marcadas por muitas dificuldades e acidentes. Ele enfrentou inúmeros perigos, mas pela graça de Deus sua vida foi preservada. Ele escreveu em seu diário:

“Evidentemente, (...) fui contado entre aqueles que parecem destinados aos infortúnios. Algumas vezes, tive a impressão de que havia uma força invisível seguindo meus passos em busca de uma oportunidade de destruir minha vida. Portanto, atribuo o fato de ter sido preservado na Terra aos cuidados de um Deus misericordioso, cuja mão se estendeu para resgatar-me da morte quando estive na presença dos perigos mais ameaçadores.

Descreverei brevemente alguns desses riscos dos quais escapei por tão pouco:

Quando tinha três anos de idade, caí num caldeirão de água fervente e, embora retirado logo em seguida, as queimaduras foram tão graves que só depois de nove meses fui considerado fora de perigo de vida. Aos cinco e seis anos, sofri vários acidentes. Certo dia, em companhia de meus dois irmãos mais velhos, entrei no celeiro e escolhi um monte de feno para divertir-me. Pouco depois, caí de uma grande altura com o rosto no chão duro. Fiquei muito ferido, mas logo me recuperei e voltei a brincar.

Certa noite de sábado, ao brincar, contra as ordens de meu pai, no quarto dele no andar superior da casa com meus irmãos Azmon e Thompson, pisei em falso e rolei escada abaixo. Na queda, quebrei um braço. Esse foi o resultado de minha desobediência. Sofri dores intensas, mas em pouco tempo me restabeleci. Contudo, decidi que a despeito do que eu viesse a sofrer no futuro, não seria por desobediência aos pais. O Senhor ordenou que os filhos obedecessem aos pais; e Paulo disse: 'É o primeiro mandamento com promessa.'



Broche oferecido por Wilford Woodruff a sua esposa Phoebe com uma fotografia dele aos 45 anos de idade.

Pouco tempo depois disso, escapei por pouco da morte novamente. Meu pai tinha várias cabeças de gado, entre eles um touro bravo. Certa noite, eu estava dando abóbora ao gado, e o touro, deixando de lado a sua, tomou a abóbora da vaca que eu considerava minha. Fiquei indignado com o egoísmo daquele animal e prontamente peguei a abóbora que ele

rejeitara a fim de dá-la à vaca. Assim que encostei na abóbora, o touro veio correndo em minha direção com grande fúria. Corri morro abaixo em toda a velocidade, com o boi em meu encalço. Meu pai, ao ver o perigo em que eu estava, mandou-me soltar a abóbora, mas (esquecendo-me de ser obediente), continuei a segurá-la. À medida que o touro se aproximava com a cólera de um tigre, pisei em falso e fui ao chão. A abóbora rolou para longe de meus braços, o touro saltou por sobre mim, fincou os chifres na abóbora e partiu-a em pedaços. Sem dúvida, ele teria feito o mesmo comigo caso eu não tivesse caído. Esse salvamento, como todos os outros, atribuo à misericórdia e bondade de Deus.

No mesmo ano, ao visitar meu tio Eldad Woodruff, caí de uma varanda sobre uma pilha de madeira e quebrei o outro braço.

Não se tinham passado muitos meses e sofri outro grande acidente. Meu pai tinha uma serraria, além do moinho de grãos e, certa manhã, acompanhado de vários outros meninos, entrei na serraria e montei na frente de uma das máquinas, sem antever nenhum perigo. Todavia, instantes depois, minha perna ficou presa entre duas peças e deslocou-se em dois pontos. Fui levado para casa e fiquei deitado nove horas antes de meus ossos voltarem ao lugar. Nesse espaço de tempo, senti muita dor, mas como era jovem, meus ossos logo se reabilitaram, e algumas semanas depois eu já estava de pé como de costume, praticando os esportes dos jovens. Durante esse período de confinamento, meu irmão Thompson, que fora acometido pela febre tifóide, foi meu companheiro.

Pouco tempo depois, numa noite escura, um boi deu-me um coice no abdômen; mas como eu estava perto demais do animal para receber o golpe com toda a sua intensidade, senti mais susto do que dor.

Não muito tempo depois, fiz minha primeira tentativa de transportar feno. Eu era muito novo, mas achei que me saíra razoavelmente bem. A caminho do celeiro, porém, a roda do carroção atingiu uma pedra, e o carregamento de feno tombou. Caí no chão com todo o peso sobre mim; logo fui socorrido e removeram o feno. Além do ligeiro sufocamento, não me machuquei seriamente.

Aos oito anos de idade, acompanhei meu pai, com vários outros homens, numa carruagem puxada por um único cavalo. Íamos a cerca de cinco quilômetros de nossa casa para realizar uma tarefa. No caminho, o cavalo assustou-se, desceu uma ladeira desabaladamente e fez virar o carroção conosco dentro. Corremos grande perigo, mas novamente fomos salvos pela mão da Providência. Nenhum de nós se feriu.

Certo dia, subi num pé de olmo para pegar um pouco de casca; quando eu estava a quase cinco metros do solo, o galho no qual eu estava, muito seco, quebrou-se, e caí de costas no chão. Com o impacto, perdi completamente o fôlego. Um primo meu correu para minha casa e disse a meus pais que eu morrera, mas antes de chegarem ao local, recobrei as forças, levantei-me e encontrei-os no caminho.

Aos doze anos de idade, quase me afoguei no rio Farmington. Afundi num trecho de nove metros de profundidade e fui salvo miraculosamente por um rapaz chamado Bacon. Os procedimentos de ressuscitação foram extremamente dolorosos.

Aos treze anos, ao passar pelos campos de Farmington, no meio do inverno, numa forte nevasca, senti tanto frio que não consegui seguir viagem. Rastejando-me, busquei refúgio ao pé de uma grande macieira. Um homem ao longe me viu e, percebendo

o perigo que eu corria, veio às pressas até mim. Antes de ele chegar ao local, eu adormecera e estava quase inconsciente. Ele teve muita dificuldade para acordar-me e despertar minha consciência para meu estado crítico. Levou-me prontamente para a casa de meu pai, onde, pela bondade de Deus, minha vida foi preservada mais uma vez.

Aos quatorze anos de idade, cortei o peito do pé esquerdo com um machado, que quase atravessou meu pé. Sofri dores intensas com esse ferimento, e meu pé demorou nove meses para sarar.

Quando eu tinha quinze anos, fui mordido na mão por um cachorro em fase final de raiva. Contudo, a mordida não foi profunda e não me fez sangrar. Assim, pela misericórdia e poder de Deus, fui novamente poupado de uma morte terrível.

Aos dezessete anos de idade, tive um acidente que me causou muito sofrimento e quase pôs fim a minha vida. Eu estava montado num cavalo indômito que, ao descer um morro íngreme e rochoso, saltou da estrada de repente e correu abruptamente para a parte mais escarpada da colina, em alta velocidade, no meio das pedras mais espessas. Ao mesmo tempo, começou a escoicear e estava prestes a lançar-me por sobre sua cabeça nas rochas. No entanto, fixei-me no alto de seu pescoço e agarrei-me a suas orelhas, esperando a qualquer momento ser arremessado contra as pedras e estraçalhado. Enquanto eu estava nessa posição, sentado no pescoço do animal, sem rédeas nem outros meios de guiá-lo a não ser suas orelhas, ele lançou-se morro abaixo no meio das pedras com grande fúria, até chegar a uma rocha quase da altura de um homem, o que o fez cair por terra. Fui jogado longe, passando acima de sua cabeça, e fui parar no chão, de pé, a quase cinco metros de distância do animal. Pousar nessa posição foi talvez o que me salvou a vida; pois se eu tivesse chegado ao solo com qualquer outra parte do corpo, é bem provável que tivesse morrido instantaneamente. Ainda assim, quebrei uma das pernas em dois lugares, e ambos os tornozelos se deslocaram com o choque. O cavalo quase caiu em cima de mim em sua tentativa de levantar-se. Meu tio viu-me e veio ajudar-me. Fui levado para sua casa numa poltrona. Fiquei deitado de 14h até 22h sem assistência médica e sentindo fortes dores. Finalmente, meu pai chegou com o Dr. Swift, de Farmington. Ele pôs meus ossos no lugar, imobilizou minhas pernas e levou-me em sua carruagem naquela noite até a casa de meu pai, a 13 quilômetros dali. Fui bem tratado e, embora meus sofrimentos tenham sido grandes, em oito semanas eu não usava mais muletas e já estava em boas condições” (citado em Matthias F. Cowley, *Wilford Woodruff, Fourth President of The Church of Jesus Christ of Latter-day Saints: History of His Life and Labors As Recorded in His Daily Journals* [1964], pp. 5–9).

Ele contou vários outros acidentes de maior ou menor gravidade e concluiu esta parte de seu diário escrevendo: “Posso resumir brevemente os fatos narrados acima da seguinte forma: quebrei ambas as pernas, uma delas em dois lugares; ambos os braços, ambos os tornozelos, o esterno e três costelas; queimei-me, congelei-me e afoguei-me; estive por duas vezes numa roda hidráulica em pleno funcionamento; escapei por um triz de inúmeros outros perigos. Atribuo às misericórdias de meu Pai Celestial o fato de ter saído com vida de situações tão arriscadas. Ao recordar tais acontecimentos, sinto-me sempre inclinado a agradecer, com alegria e ação de graças, ao Senhor. Oro para passar o restante de meus dias em Seu serviço, na edificação de Seu reino” (citado em Cowley, *Wilford Woodruff*, pp. 11–12).

ELE BUSCAVA A VERDADE

Wilford Woodruff tinha fome de justiça em sua juventude. Era um ávido estudante da Bíblia e desejava conhecer e fazer a vontade do Senhor. Escreveu: “Em meu zelo para promover o bem, organizava reuniões de oração em minha cidadezinha e orava em busca de luz e conhecimento. Eu ansiava por receber as ordenanças do evangelho, pois a leitura da Bíblia indicava-me claramente que o batismo por imersão era uma cerimônia sagrada. Apesar de meu entusiasmo, eu não tinha conhecimento do santo sacerdócio nem da verdadeira autoridade para officiar nas ordenanças da vida eterna, assim pedi a um ministro batista que me batizasse. Inicialmente, ele recusou-se, pois eu disse-lhe que não me filiaria a sua igreja, que não estava em harmonia com a igreja apostólica estabelecida pelo Salvador. Por fim, após várias conversas, ele batizou-me no dia 5 de maio de 1831. Batizou também meu irmão Asahel. Essa foi a primeira e única ordenança do evangelho que busquei até me filiar à Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias” (citado em Cowley, *Wilford Woodruff*, pp. 28–29).

“Em certa ocasião, depois de orar com toda a sinceridade para saber onde encontrar o povo do Senhor, se é que estava na Terra, ele [Wilford Woodruff] relatou: ‘O Espírito do Senhor disse-me: “Consulta Minha Palavra e lá te mostrarei Minha vontade e responderei a tua oração.” Abri a Bíblia ao acaso, orando ao Senhor que me guiasse à parte de Sua Palavra que viesse responder a minha oração. Abri no capítulo 56 de Isaías. Fiquei satisfeito ao ver que era uma resposta a minha súplica. Senti que a salvação de Deus estava prestes a ser revelada e Sua justiça logo se manifestaria. Alegrei-me também ao perceber que viveria para ver a coligação do povo de Deus. Daquele momento em diante, até encontrar o evangelho, fui tomado de contentamento e senti que

não deveria mais atormentar-me por causa das igrejas e ministros” (Cowley, *Wilford Woodruff*, p. 29).

ROBERT MASON FALOU-LHE DE UMA VISÃO QUE RECEBERA



Pinhura de Key Watson

Uma pessoa que exerceu influência significativa sobre Wilford Woodruff mesmo antes de que tomasse conhecimento da Restauração foi Robert Mason, um homem temente a Deus que ansiava pela plenitude do evangelho de Jesus Cristo. O Senhor tivera misericórdia dele e, por meio de uma visão, iluminara-o a respeito do

que aconteceria em breve na Terra. Wilford Woodruff escreveu o seguinte sobre a visão:

“O Senhor Mason não alegava possuir autoridade alguma para officiar nas ordenanças do evangelho nem acreditava que tal autoridade existisse na Terra. Acreditava, porém, que todo homem com fé em Deus tinha o privilégio de jejuar e orar para curar os enfermos pela imposição de mãos. Ele achava ter o direito, assim como qualquer homem ou mulher de coração honesto, de receber luz e conhecimento, visões e revelações pela oração da fé. Disse-me que logo viria o dia em que o Senhor estabeleceria Sua Igreja e Reino na Terra com todos os dons e bênçãos da antigüidade. Disse que tal obra se iniciaria na Terra antes de sua morte, mas que ele não viveria o bastante para desfrutar suas bênçãos. Contudo, garantiu-me que eu viveria para isso e que me tornaria um protagonista no reino.

Na última vez que o vi, ele contou-me a seguinte visão que teve em seu campo certo dia: ‘Fui arrebatado numa visão e me encontrei no centro de uma grande floresta de árvores frutíferas: eu estava com muita fome e andei longamente por entre as árvores, em busca de frutas para comer, mas não achei nenhuma. Enquanto ali estava, contemplando as plantas e perguntando-me por que não havia frutas, as árvores começaram a cair por terra como que derrubadas por um redemoinho. Continuaram a tombar até não restar uma única árvore de pé no pomar inteiro. Logo depois, vi brotos surgirem das raízes das árvores que tinham caído, que se tornaram árvores belas e vicejantes. Elas brotaram, floresceram e frutificaram até ficarem cheias das frutas mais admiráveis que já vira. Fui até uma árvore e peguei algumas frutas. Fiquei encantado com sua beleza. No

entanto, quando estava prestes a comê-las, a visão terminou e não as provei.

Ao término da visão, ajoelhei-me e orei humildemente ao Senhor para que me mostrasse o significado de tudo aquilo. Então, a voz do Senhor revelou-me: “Filho do homem, tu Me buscaste diligentemente para conhecer a verdade no tocante a Minha Igreja e reino entre os homens. Essa visão foi para mostrar-te que minha Igreja não está organizada entre os homens de tua geração; porém, nos dias de teus filhos, a Igreja e reino de Deus se manifestarão com todos os dons e bênçãos desfrutados pelos santos do passado. Viverás para conhecer tal dia, mas não desfrutarás suas bênçãos antes de partires desta vida. Serás abençoado pelo Senhor depois da morte por teres seguido as ordens de Meu Espírito nesta vida.”

Ao terminar de contar-me a visão e sua interpretação, o Senhor Mason disse-me, chamando-me por meu nome de batismo: ‘Wilford, nunca provarei desse fruto na carne, mas tu o farás e desempenharás um papel primordial no novo reino.’ Então, deu-me as costas e partiu. Essas foram as últimas palavras que me dirigiu na Terra. Para mim, foi um momento marcante. Ao longo de vinte anos, eu passara muito tempo ao lado de Mason, mas ele nunca me relatara essa visão antes. Nessa ocasião, ele disse ter-se sentido impelido pelo Espírito do Senhor a contá-la a mim.

A visão foi-lhe concedida por volta do ano de 1800. Ele relatou-a para mim em 1830, o ano em que a Igreja foi organizada, na primavera do hemisfério norte. Três anos depois, quando fui batizado em A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, uma das primeiras pessoas em que pensei foi esse profeta, Robert Mason. Quando cheguei ao Missouri com o Acampamento de Sião, escrevi-lhe uma longa carta na qual indiquei que eu achava o evangelho verdadeiro com todas as suas bênçãos; que a autoridade da Igreja de Cristo fora restaurada na Terra conforme ele me dissera que aconteceria; que eu recebera as ordenanças do batismo e da imposição de mãos; que eu sabia por mim mesmo que Deus estabelecera por meio de Joseph Smith, o Profeta, a Igreja de Cristo na Terra.

Ele recebeu minha carta com grande alegria e pediu que a lessem para ele diversas vezes. Manuseou-a como o fizera com o fruto da visão. Entretanto, estava muito idoso e pouco tempo depois faleceu, sem ter o privilégio de receber as ordenanças do evangelho das mãos de um élder da Igreja.

Na primeira oportunidade que tive depois de revelada a doutrina do batismo pelos mortos, fui batizado em favor dele no batistério do Templo de Nauvoo” (citado em Cowley, *Wilford Woodruff*, pp. 16—18).

ELE COMPREENDIA O PROPÓSITO DA VIDA

Boa parte da sabedoria de Wilford Woodruff residia em sua percepção do verdadeiro propósito de sua vida. Ele escreveu:

“Eu estava com vinte e três anos de idade e, ao refletir sobre o passado, convenci-me sinceramente de que não havia verdadeira paz de espírito a não ser servindo a Deus e fazendo o que Ele aprovaria. Usando ao máximo minha imaginação, tentei pensar em todas as honras, glórias e felicidade do mundo inteiro. Pensei em todo o ouro e posses dos ricos, na glória, grandiosidade e poder de reis, presidentes, príncipes e governantes. Pensei no renome militar de Alexandre, Napoleão e outros grandes generais. Ponderei sobre os inúmeros caminhos seguidos pelos frívolos do mundo em busca de prazeres e felicidade. Ao resumir tudo isso em minha mente, tive que exclamar com Salomão: ‘Vaidade de vaidades, diz o pregador, vaidade de vaidades! Tudo é vaidade.’”

Eu conseguia ver que dentro de poucos anos todos terminariam da mesma forma: no túmulo. Eu estava convencido de que ninguém poderia desfrutar a verdadeira felicidade e satisfazer sua alma imortal a menos que Deus fosse seu amigo e Jesus Cristo, seu advogado. Eu estava convencido de que o homem se tornava amigo Deles ao fazer a vontade do Pai e guardar Seus mandamentos. Tomei a firme resolução de que a partir daquele instante eu buscaria o Senhor para fazer Sua vontade, cumprir Seus mandamentos e seguir as indicações de Seu Santo Espírito. Eu estava determinado a edificar sobre esses alicerces e a passar o restante de minha vida fiel a essas convicções” (citado em Cowley, *Wilford Woodruff*, pp. 26—27).

ELE RECONHECEU A VERDADE E FOI BATIZADO



Pintura de Harold I. Hopkinson

Ao ouvir o testemunho de dois missionários mórmons em 29 de dezembro de 1833, Wilford Woodruff logo reconheceu a verdade e foi batizado dois dias depois. Daquele momento em diante, nunca recuou. Ele escreveu: “Senti que podia verdadeiramente exclamar com o profeta de Deus: ‘Preferiria estar à porta da casa de Deus a habitar nas tendas dos ímpios’. A plenitude do evangelho eterno por fim chegara e enchera meu coração de grande alegria, lançando os alicerces de uma obra maior e mais gloriosa do que eu jamais esperara ver nesta vida. Oro a Deus em nome de Jesus Cristo para que guie minha vida futura, a fim de que eu viva para Sua honra e glória e seja uma bênção para meus semelhantes e no fim seja salvo no reino celestial. Assim seja. Amém” (citado em Cowley, *Wilford Woodruff*, p. 36).

ELE PARTICIPOU DO ACAMPAMENTO DE SIÃO

Em 1833, o Senhor ordenou aos portadores fiéis do sacerdócio de Sua Igreja que viajassem de Kirtland, Ohio, para o Missouri a fim de redimirem e restaurarem a terra de Sião (ver D&C 101; 103). O Profeta Joseph Smith foi à frente do grupo, e Wilford Woodruff estava entre os cerca de duzentos homens que participaram. Quando partiram, Wilford tinha vinte e sete anos de idade e era membro da Igreja havia menos de seis meses.

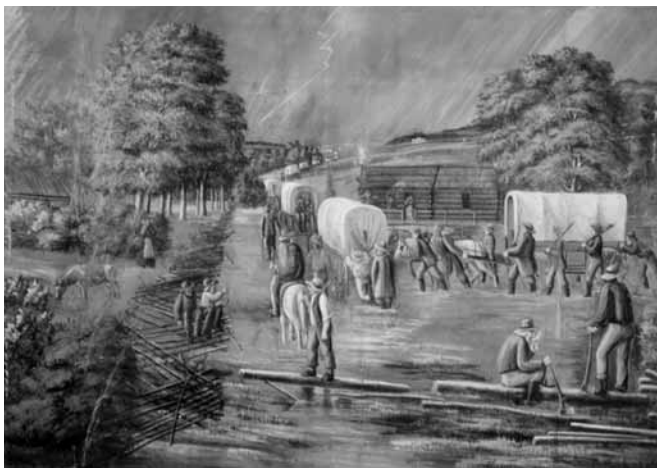


A jornada do Acampamento de Sião

Ao marchar com o Profeta Joseph Smith no Acampamento de Sião, Wilford foi aperfeiçoado e refinado — em preparação para servir de modo ainda mais determinante na causa do Mestre.

Trinta e seis anos depois, em Salt Lake City, ele relatou: “Quando os membros do Acampamento de Sião foram chamados, muitos de nós jamais víamos uns aos outros; éramos estranhos e muitos nunca haviam visto o profeta antes. Tínhamos sido espalhados, como grãos ao vento, por todo o país. Éramos jovens e fomos chamados naquela época para erguer-nos e redimir Sião, e tudo o que tínhamos a realizar deveria ser feito pela fé. Fomos reunidos de vários estados diferentes em Kirtland e fomos defender Sião, cumprindo o mandamento de Deus para nós. Deus aceitou nossas obras

como aceitara as de Abraão. Realizamos grandes coisas, embora apóstatas e descrentes muitas vezes perguntassem: ‘O que vocês fizeram?’ Ganhamos experiência que não poderíamos ter adquirido de nenhuma outra forma. Tivemos o privilégio de contemplar a face do Profeta, viajar mais de 1.500 quilômetros em sua companhia e ver o Espírito de Deus agir por meio dele e as revelações que ele recebeu de Jesus Cristo, assim como o cumprimento delas. E ele reuniu cerca de duzentos élderes de todo o país naquela época e enviou-nos mundo afora para pregar o evangelho de Jesus Cristo. Se eu não tivesse feito parte do Acampamento de Sião, não estaria aqui hoje, e posso dizer o mesmo acerca de muitos outros neste território” (*The Discourses of Wilford Woodruff*, sel. G. Homer Durham [1946], p. 305).



O Acampamento de Sião

ELE SERVIU COMO MISSIONÁRIO E RECEBEU O MINISTÉRIO DE ANJOS

Em meados de 1834, o desejo de Wilford Woodruff de servir como missionário tornou-se tão intenso que ele suplicou ao Senhor várias vezes em oração que lhe concedesse tal privilégio. Serviu em sua primeira missão no sul dos Estados Unidos. Sem bolsa nem alforje e caminhando até 100 quilômetros por dia, o jovem missionário seguiu avante. Posteriormente, testificou que recebeu o ministério de anjos em sua missão e que nunca fora mais abençoado do que quando sacerdote no Sacerdócio Aarônico ao cumprir uma missão honrosa:

“Recebi o ministério de anjos quando exerci o ofício de sacerdote. Tive visões e revelações. Viajei milhares de quilômetros. Batizei homens, embora não os pudesse confirmar por não ter autoridade para isso.

Digo tais coisas para mostrar que um homem não deve envergonhar-se de qualquer porção do sacerdócio. Nossos rapazes, se forem diáconos, devem esforçar-se para desempenhar bem as funções desse ofício. Caso procedam assim, poderão ser chamados para o ofício de mestre, cuja responsabilidade é ensinar, visitar os santos

e verificar que não haja mal ou iniquidade em seu meio. Deus não faz aceção de pessoas no sacerdócio contanto que magnifiquem seus chamados e cumpram seus deveres” (*Discourses of Wilford Woodruff*, p. 298).

ELE CASOU-SE COM PHOEBE CARTER



Phoebe Carter Woodruff, por volta de 1840

Wilford Woodruff conheceu Phoebe Carter em Kirtland, Ohio, em 1837. Cerca de dois meses e meio depois, decidiram casar-se. A cerimônia foi realizada na residência do Profeta Joseph Smith em 13 de abril de 1837 pelo Presidente Frederick G. Williams, conselheiro na Primeira Presidência, pois naquela ocasião o Profeta tivera de distanciar-se para fugir de seus inimigos. Os recém-casa-

dos começaram a vida conjugal na casa do Profeta, e permaneceram juntos durante quarenta e oito anos, até a morte de Phoebe em 19 de novembro de 1885.

ELE ENSINOU O EVANGELHO A SUA FAMÍLIA

Muitos membros da família de Wilford Woodruff tinham-se mostrado cépticos em relação aos ensinamentos da Igreja ou não demonstraram interesse. Wilford escreveu sobre uma experiência que teve numa visita a eles:

“No dia 1º de julho de 1838, ocorreu um dos eventos mais interessantes de minha vida

inteira no ministério. Quando o pai de Joseph Smith me conferiu a bênção patriarcal, uma das muitas coisas maravilhosas que prometeu foi que eu traria a família de meu pai ao Reino de Deus; e senti que se eu fosse verdadeiramente alcançar aquela bênção um dia, chegara o momento. Com o auxílio de Deus, preguei o evangelho fielmente à família de meu pai e a todos que estavam com ele, bem como a meus demais parentes. Marquei uma reunião na casa de meu pai num domingo, dia 1º de julho. Meu pai acreditara em

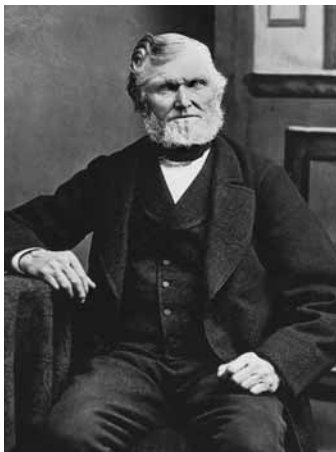


O Templo de Kirtland

meu testemunho, como todas as outras pessoas em sua casa, mas nessa ocasião pareceu que o diabo estava determinado a obstruir o cumprimento da promessa do patriarca para mim. (...) Toda a família foi tomada de angústia, e todos se viram tentados a rejeitar a obra; e o mesmo poder parecia prestes a devorar-me. Retirei-me para meus aposentos durante uma hora antes da reunião. Lá, orei ao Senhor com toda a alma a fim de ser liberto; pois soube naquele momento que o poder do diabo estava em ação para impedir-me de realizar o que Deus prometera que eu deveria fazer. O Senhor ouviu minha oração e atendeu a minha súplica. Quando chegou a hora da reunião, levantei-me da cama e podia cantar e bradar de alegria ao pensar que estava livre da influência do maligno. Cheio do poder de Deus, pus-me no meio do povo e preguei com grande clareza sobre o evangelho de Jesus Cristo.

Ao fim da reunião, fomos em grupo até as margens do rio Farmington, ‘porque havia ali muitas águas’ e acompanhei seis de meus amigos ao rio e batizei-os para a remissão de seus pecados. Toda a casa de meu pai estava nesse grupo, conforme prometera o patriarca. (...) Foi verdadeiramente um dia de júbilo para minha alma. Eu batizara meu pai, madrasta e irmã e em seguida outros parentes. Senti que a obra daquele dia em si só já compensara todo o meu trabalho no ministério” (Cowley, *Wilford Woodruff*, pp. 91–92).

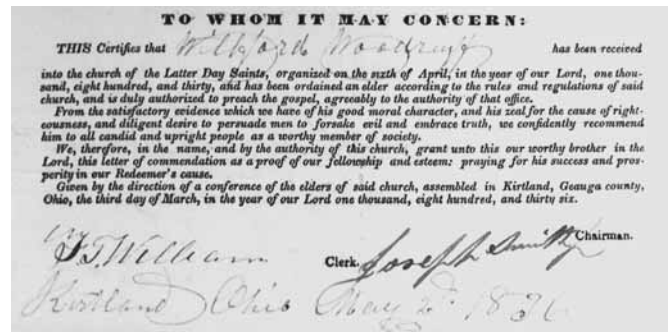
ELE FOI CHAMADO AO APOSTOLADO



Wilford Woodruff foi ordenado apóstolo por Brigham Young em 26 de abril de 1839. Pouco depois, o Élder Woodruff começou uma missão significativa na Inglaterra. Como Paulo no passado, que também fora guiado pelo Espírito, ele trouxe milhares de almas a Cristo. O Presidente Heber J. Grant disse

depois sobre ele: “Creio que nenhum outro homem que já tenha passado pela face da Terra converteu tantas almas ao evangelho de Jesus Cristo” (Conference Report, junho de 1919, p. 8).

Nos anos que se seguiram, depois de voltar de sua missão, o Élder Woodruff tornou-se membro da Câmara Municipal de Nauvoo (1841), trabalhou no Templo de Nauvoo (1842) e atuou como gerente comercial do jornal *Times and Seasons*.



Certificado de ordenação de élder de Wilford Woodruff

A CONCESSÃO DAS CHAVES DO REINO

Wilford Woodruff estava presente quando o Profeta Joseph Smith conferiu todas as chaves do reino de Deus ao Quórum dos Doze Apóstolos. Após a morte do Profeta, o Élder Woodruff viu o manto da liderança recair sobre Brigham Young, transfigurado. Ele tinha um testemunho pessoal de que as chaves do reino em sua plenitude eram possuídas pelo apóstolo sênior do Quórum dos Doze. Em 1889, ele ensinou:

“Quando o Senhor conferiu as chaves do reino de Deus, as chaves do Sacerdócio de Melquisedeque, do apostolado, e selou-as sobre a cabeça de Joseph Smith, assim fez para que permanecessem na Terra até a vinda do Filho do Homem. Brigham Young podia dizer com razão: ‘As chaves do reino de Deus estão aqui.’ Estavam com ele até o dia de sua morte. Então, passaram para a cabeça de outro homem: o Presidente John Taylor. Ele possuiu essas chaves até a hora de sua morte. Em seguida, passaram, pela ordem ou providência de Deus, para Wilford Woodruff.



A casa de Wilford Woodruff em Nauvoo

Digo aos santos dos últimos dias que as chaves do reino de Deus estão aqui e aqui permanecerão até a vinda do Filho do Homem. Que toda a Israel compreenda isso. Elas só podem permanecer sobre minha cabeça por um período curto, mas então passarão para a cabeça de outro apóstolo e depois de outro e assim continuará o processo até a vinda do Senhor Jesus Cristo

nas nuvens do céu para ‘recompensar cada homem segundo as obras praticadas na carne’” (*Discourses of Wilford Woodruff*, p. 73).

Ele disse também: “O Deus do céu pôs em nossas mãos o evangelho, o sacerdócio, as chaves de Seu reino e o poder para redimir a Terra do jugo do pecado e da iniquidade, sob o qual sofre hoje. Levemos tais coisas a sério e empenhemo-nos por viver nossa religião, a fim de que, ao passarmos para o outro lado do véu, possamos fazer um retrospecto de nossa vida e sentir que fizemos o que nos fora pedido, tanto individual como coletivamente. O Senhor exige muito de nós — mais do que exigiu de qualquer geração anterior, pois nenhuma geração que já viveu na Terra foi chamada para estabelecer o reino de Deus na Terra sabendo que jamais seria destruído” (*Journal of Discourses*, volume 14, p. 6).



Fotografia gentilmente cedida por James F. Moss

Milhares de pessoas filiaram-se à Igreja por meio do trabalho missionário de Wilford Woodruff. O Élder Woodruff pregou na capela de Gadfield Elm. Os Benbow eram os donos da propriedade e doaram-na à Igreja quando emigraram para os Estados Unidos. Foi a primeira capela pertencente à Igreja na Inglaterra.

ELE SERVIU COMO MISSIONÁRIO NA INGLATERRA

Em 1880, o Élder Wilford Woodruff falou do grande sucesso ao qual foi conduzido durante seu serviço missionário na Inglaterra:



Pinura de Richard Murray

Wilford Woodruff preparando-se para batizar no lago da fazenda de John Benbow.

“Quantas vezes fomos chamados por revelação para ir à esquerda e à direita, aqui e ali, por muitos outros lugares, contrariando nossas expectativas iniciais?”

Relatarei algo que aconteceu em minhas próprias experiências. Eu estava em Staffordshire no ano de 1840. Cheguei à Cidade de Stanley e realizei uma reunião na prefeitura. Ainda tinha compromissos para toda a semana seguinte naquela localidade. Todavia, antes de levantar-me para dirigir a palavra às pessoas, o Espírito revelou-me: ‘Esta é a última reunião que vai realizar com este povo por muitos dias.’ Ao erguer-me, informei à congregação o que o Espírito do Senhor me manifestara. Eles ficaram tão surpresos quanto eu. Eu não sabia o que o Senhor queria, mas depois vi Seus propósitos. O Espírito do Senhor indicou-me: ‘Vá para o sul.’ Viajei oitenta milhas; fui para o sul da Inglaterra. Assim que cheguei, conheci John Benbow. Foi-me manifestado claramente o motivo pelo qual eu fora chamado para lá. Eu deixara um campo bom, onde estava batizando todas as noites da semana. Quando cheguei àquele lugar, encontrei um grupo de pessoas — cerca de 600 — que tinham (...) formado uma denominação chamada Irmãos Unidos. Verifiquei que estavam orando em busca de luz e verdade e que tinham ido o mais longe que podiam. Vi que o Senhor me havia enviado até eles. Comecei a trabalhar no meio deles e acabei por batizar seu superintendente, quarenta pregadores e cerca de 600 membros. (...) No total, por volta de 1.800 pessoas foram batizadas naquela localidade. (...) Menciono tais coisas para mostrar como devemos ser governados e guiados pelas revelações de Deus dia após dia. Sem isso, nada podemos fazer” (*Discourses of Wilford Woodruff*, p. 60).

ELE REGISTRAVA EVENTOS



Os escritos de Wilford Woodruff incluem 19 volumes de diários com mais de 7.000 páginas e cobrem um período de mais de 62 anos.

Wilford Woodruff seguiu o conselho do Profeta Joseph Smith e escreveu fielmente um diário. Nos arquivos do Escritório do Historiador da Igreja, há cerca de sete mil páginas de diários de Wilford Woodruff. Seus registros foram inestimáveis para ele mesmo, sua família e agora para a Igreja como um todo. Mais tarde em sua vida, em 1856, o Élder Woodruff começou sua

carreira como historiador da Igreja, mas desde que entrara para a Igreja, sentira que tinha a mordomia especial de registrar os acontecimentos, discursos, lugares, pessoas e eventos importantes da Restauração. Seus diários detalhados são a base de muito o que sabemos sobre os primeiros anos da história da Igreja.



Pintura de Harold I. Hopkinson

Em 20 de janeiro de 1872, ele escreveu o seguinte em seu diário acerca do que ensinara numa reunião na Escola dos Profetas:

“Um assunto que desejo abordar é a importância de manter um registro das ações de Deus para conosco. Muitas vezes, tive a impressão de que o Quórum dos Doze e outros me achavam entusiasta demais em relação a isso; mas quando o Profeta Joseph organizou o Quórum dos Doze, aconselhou-os a registrar a história de sua vida e apresentou os motivos para isso. Estou imbuído desse espírito e chamado desde quando me filiei a esta Igreja. Registrei o primeiro sermão que ouvi e daquele dia até hoje anotei diariamente os acontecimentos importantes. Sempre que eu ouvia Joseph Smith pregar, ensinar ou profetizar, sentia-me no dever de registrar suas palavras; sentia-me incomodado e não conseguia comer, beber nem dormir até escrever; e minha mente ficou tão condicionada a isso que quando eu ouvia Joseph Smith ensinar e não tinha lápis ou papel, eu ia para casa, sentava-me e escrevia o sermão inteiro quase frase por frase, exatamente como fora proferido. Mas depois de escrever, não me lembrava mais do que fora dito — tudo me era retirado. Era um dom de Deus para mim.

O diabo tentou tirar-me a vida desde o dia em que nasci até hoje, mais do que a vida de outros homens. Pareço ser uma vítima visada de modo especial pelo adversário. Só consigo identificar um motivo para isso: o diabo sabia que se eu entrasse para A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, escreveria a história dessa Igreja e deixaria um registro das obras e ensinamentos dos profetas, apóstolos e élderes” (citado em Cowley, *Wilford Woodruff*, pp. 476—477).

ELE TESTIFICOU SOBRE ESCREVER NO DIÁRIO E ADVERTIU OS HISTORIADORES FUTUROS



Primeiro plano de uma página do diário de Wilford Woodruff

Na página de seu diário de 6 de setembro de 1856, Wilford Woodruff escreveu: “Não somos capazes de avaliar a importância dos acontecimentos à medida que nos sobrevêm, mas sentiremos sua relevância posteriormente. Estamos numa das gerações mais importantes que o homem já viveu na Terra e devemos redigir um relato dessas importantes

transações que estão desenrolando-se diante de nós em cumprimento das profecias e revelações de Deus. Há um enorme fluxo de revelações cumprindo-se em nossos dias e, à medida que se descortinam perante nossos olhos, desejamos um registro delas” (*Wilford Woodruff's Journal*, volume 4, p. 444; pontuação, uso de iniciais maiúsculas e ortografia atualizados).

Em 17 de março de 1857, ele escreveu: “Nunca passei meu tempo de modo mais proveitoso para a humanidade do que ao escrever em meu diário. (...) Alguns dos sermões, verdades e revelações mais gloriosos do evangelho já concedidos por Deus a este povo pela boca dos Profetas Joseph, Brigham, Heber e dos Doze não podiam ser encontrados na Terra em nenhum registro, somente em meus diários, e agora estão integrados na história da Igreja e serão transmitidos aos santos de Deus de todas as gerações futuras. Será que isso não faz meu esforço valer a pena? Certamente sim” (*Wilford Woodruff's Journal*, volume 5, p. 37; pontuação, uso de iniciais maiúsculas e ortografia atualizados).

Na página de seu diário de 5 de julho de 1877, ele testificou: “Deus inspirou-me a escrever um diário e a história desta Igreja, e advirto os historiadores do futuro, a fim de que dêem crédito a minha história desta Igreja e reino, pois meu testemunho é verdadeiro, e a veracidade desses registros se manifestará no mundo vindouro”. (*Wilford Woodruff's Journal*, 7:359; pontuação, uso de iniciais maiúsculas e ortografia atualizados.)

ELE TINHA UM GRANDE AMOR PELA OBRA DO TEMPLO

Para Wilford Woodruff, um dos princípios mais preciosos do evangelho era a obra pelos mortos. Ele

tornou-se o primeiro presidente do Templo de St. George Utah. Posteriormente, desempenhou um papel fundamental na organização da Sociedade Genealógica de Utah, que facilitou a obra de salvação dos espíritos do outro lado do véu. Em 1877, o Élder Woodruff falou da importância dos templos e da obra neles realizada:



Fotografia de Jesse A. Tye

O Templo de St. George Utah em 1876, onde foram realizadas as ordenanças do templo pelos fundadores dos Estados Unidos e outros líderes do início da história norte-americana.

“Temos o dever de aceitar a responsabilidade de construir esses templos. Considero essa parte de nosso ministério uma missão tão importante quanto a de pregar aos vivos; os mortos ouvirão a voz dos servos de Deus no mundo espiritual, mas não poderão ressurgir na manhã da primeira ressurreição a menos que certas ordenanças sejam realizadas por eles nos templos construídos para o nome de Deus. É necessário o mesmo para salvar um morto como para salvar um vivo. (...)”

Antes de terminar, direi que, duas semanas antes de deixar o Templo de St. George, os espíritos dos mortos reuniram-se a minha volta querendo saber por que eu não os redimira. Disseram: ‘Usas a Casa de Investiduras há vários anos, mas nada fizeste por nós. Lançamos as bases do governo que hoje usufruis e nunca apostamos dele, mas permanecemos fiéis a ele e a Deus’. Eram os signatários da Declaração de Independência dos Estados Unidos e visitaram-me durante dois dias e duas noites. Achei surpreendente que tantas ordenanças tivessem sido realizadas, mas não por aqueles homens. A idéia nunca me ocorrera, talvez porque até então nossa mente estivesse voltada principalmente para a salvação de nossos parentes e amigos mais próximos. Fui imediatamente à fonte batismal e pedi ao irmão McCallister que me batizasse em nome dos signatários da Declaração de Independência e cinquenta outros homens proeminentes, totalizando cem

pessoas, incluindo John Wesley, Cristóvão Colombo e outros; em seguida, fui batizado em favor de todos os presidentes dos Estados Unidos, com exceção de três; e quando chegar o momento, alguém o fará por eles” (*Journal of Discourses*, volume 19, pp. 228–229).

Desde aquela época, as ordenanças do templo já foram realizadas por esses três presidentes.



Pintura de Harold I. Hopkinson

Para Que Sejam Redimidos, os Pais Fundadores e Wilford Woodruff

SATANÁS EMPENHOU-SE PARA OBSTAR A OBRA DO SENHOR

Depois de um curto período de dez anos de paz no Oeste (1847–1857), a Igreja voltou a ser perseguida. Os líderes da Igreja sabiam que uma vez que outras pessoas viessem colonizar o Oeste, os membros da Igreja enfrentariam de novo muitas das perseguições e dificuldades de que tinham sido vítimas quando foram expulsos do Ohio, Missouri e Illinois. Os iníquos eram incapazes de deixar a Igreja em paz.



O Templo de Manti Utah foi dedicado numa cerimônia reservada em 17 de maio de 1888. O Élder Lorenzo Snow proferiu a oração dedicatória, que fora preparada pelo Presidente Wilford Woodruff.

Numa carta escrita ao Presidente John Taylor e ao Quórum dos Doze Apóstolos, datada de 15 de setembro de 1879, o Élder Wilford Woodruff afirmou: “O diabo está lutando com ardor para impedir a construção de templos e a obra de Deus e conta com a ajuda dos ímpios. Contudo, irmãos, Deus reina e estará a seu lado no final” (citado em Cowley, *Wilford Woodruff*, p. 528).

O ANO DE 1884 FOI MARCADO POR CRISES

Em 1884, o governo federal dos Estados Unidos mobilizou suas forças não apenas para tratar do tema da poligamia — muito em voga — mas para ameaçar a própria vida dos santos dos últimos dias e a existência da Igreja como instituição. O clima da época reflete-se, em parte, na seguinte comunicação entre o editor de um jornal santo dos últimos dias, John Nicholson, e um juiz federal quando o irmão Nicholson compareceu ao tribunal para ouvir uma sentença.

Em sua declaração, o irmão Nicholson afirmou: “Meus propósitos são estáveis e, espero, inalteráveis: permanecer fiel a meu compromisso para com Deus, leal a minha família e ao que considero ser meu dever para com a constituição do país, que garante a mais plena liberdade religiosa aos cidadãos.” O juiz respondeu: “Se vocês não se submeterem às leis, obviamente sofrerão as conseqüências; a vontade do povo americano foi expressa, (...) e esta lei será cumprida e reduzirá vocês e sua instituição ao pó” (*Deseret News* [Weekly], 21 de outubro de 1885, p. 1).

ELE FOI CHAMADO COMO PRESIDENTE DA IGREJA



A Primeira Presidência, abril de 1889: George Q. Cannon, Wilford Woodruff e Joseph F. Smith

Wilford Woodruff liderou a Igreja como presidente do Quórum dos Doze Apóstolos desde a morte do Presidente John Taylor em 25 de julho de 1887 até ser apoiado como presidente da Igreja em 7 de abril de 1889. Na conferência geral naquele dia, ele disse: “O dia de hoje, 7 de abril de 1889, é um dos mais importantes de minha vida, pois tornei-me presidente da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias pelo voto unânime de dez mil deles. O voto foi proposto nos quóruns e depois na congregação inteira, como acontecera com o Presidente John Taylor. Este é o ofício mais elevado que pode ser conferido a qualquer homem na carne. Veio-me no octogésimo terceiro ano de minha vida. Oro a Deus que me proteja e me dê forças para magnificar meu chamado até o fim de meus dias. Ele tem cuidado de mim até o momento presente” (citado em Cowley, *Wilford Woodruff*, pp. 564—565).

O PRESIDENTE TEM PODER E COMUNHÃO COM DEUS

A respeito de suas responsabilidades como presidente da Igreja, o Presidente Wilford Woodruff ensinou: “Tenho o dever de estar em comunhão com Deus, por mais imperfeito que eu seja como instrumento em Suas mãos. É meu dever ter poder com Ele. E quando o tenho, meus conselheiros devem apoiar-me e ficar a meu lado. Devemos ser de um só coração e vontade em todos os aspectos — tanto temporais quanto espirituais — pertinentes à obra da Igreja e ao reino de Deus. E sou grato por dizer que tem sido assim desde que fui chamado a esta posição, desde a organização da presidência da Igreja” (*Discourses of Wilford Woodruff*, p. 89).

ELE PRESIDIU DURANTE UMA ÉPOCA DE GRAVE CRISE

O Presidente Wilford Woodruff iniciou sua administração como presidente da Igreja numa época de grave crise para a Igreja. O Presidente John Taylor morrera no exílio, e os líderes proeminentes da Igreja, em sua maioria, estavam na prisão ou impossibilitados de guiar o povo a contento em virtude das perseguições. As leis federais não só tornaram ilegal o casamento plural, mas também proibiram seus praticantes de votar ou candidatar-se a cargos públicos. A admissão de Utah como estado federal parecia irremediavelmente inviabilizada. Havia leis que tentavam privar todos os membros da Igreja de seus direitos civis. A Igreja, como instituição, foi destituída de seus direitos, os fundos do dízimo foram confiscados, e a Praça do Templo e outras propriedades da Igreja foram transferidas para o governo dos Estados Unidos. Houve a tentativa séria de até mesmo destruir A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos

Últimos Dias como um todo. A obra missionária pelos vivos e trabalho do templo pelos mortos ficaram fortemente comprometidos.

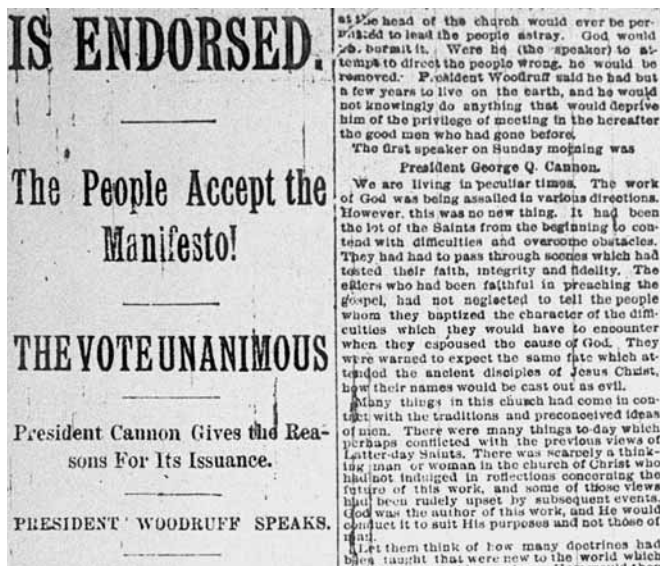
A NAÇÃO VOLTA-SE CONTRA OS SANTOS

Em seu diário, o Presidente Wilford Woodruff resumiu o ano de 1889 da seguinte maneira: “Assim termina o ano de 1889, e a palavra do Profeta Joseph Smith está começando a cumprir-se quando profetizou que toda a nação se voltaria contra Sião e declararia guerra aos santos. O país nunca esteve tão cheio de calúnias contra os santos como hoje. 1890 será um ano importante para os santos dos últimos dias e [a] nação americana” (*Wilford Woodruff's Journal*, volume 9, p. 74; pontuação, uso de iniciais maiúsculas e ortografia atualizados).



Wilford e Emma Smith Woodruff

O MANIFESTO FOI RECEBIDO POR REVELAÇÃO



Cobertura do Manifesto pelo jornal *Salt Lake Herald*, 7 de outubro de 1890

O Manifesto sobre o casamento plural (ver a Declaração Oficial — 1) deixou clara a vontade do Senhor no tocante à interrupção da prática do casamento plural. Depois de anos de sacrifício e obediência ao mandamento do Senhor relativo ao casamento plural, a fé dos santos nos profetas vivos seria posta à prova.

“Essa foi uma década difícil (1880) para o Presidente Woodruff, os demais líderes da Igreja e os membros da Igreja em geral. Muitos foram presos devido à prática do casamento plural. A Igreja estava perdendo propriedades por causa de impostos e confiscos injustos. O Presidente Woodruff buscou humildemente o Senhor pedindo ajuda. Durante semanas, o Presidente Woodruff orou ardentemente ao Senhor. O Senhor deu-lhe uma visão mostrando as conseqüências da continuação da prática do casamento plural e instruiu o Presidente Woodruff quanto ao que fazer. Em 24 de setembro de 1890, ele emitiu o que hoje conhecemos como o Manifesto, que anunciava o fim da prática do casamento plural” (Brian Smith, “Wilford Woodruff: ‘Wilford the Faithful’ Became God’s Anointed”, *Church News*, 1º de maio de 1993, p. 10).

Em 1º de novembro de 1891, num discurso numa conferência de estaca em Logan, Utah, o Presidente Woodruff ensinou:

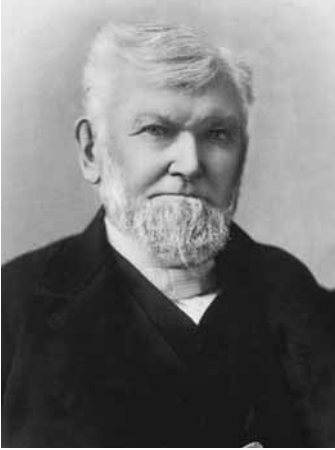
“E tudo que disserem, quando movidos pelo Espírito Santo, será escritura, será a vontade do Senhor, será a mente do Senhor, será a palavra do Senhor, será a voz do Senhor e o poder de Deus para a salvação’ [D&C 68:4].

É por esse poder que guiamos Israel. Por esse poder o Presidente Young presidiu e liderou a Igreja. Pelo mesmo poder o Presidente John Taylor presidiu e liderou a Igreja. E é assim que tenho agido, da melhor maneira possível, nesta posição. Não quero que os santos dos últimos dias achem que o Senhor não está conosco e nem nos concede revelações; pois Ele está dando-nos revelações e o fará até o fim dos tempos.

Recebi recentemente algumas revelações muito importantes para mim e lhes direi o que o Senhor me mostrou. Vou manifestar-lhes o que se chama o manifesto. O Senhor revelou-me que há muitos membros da Igreja em toda Sião com o coração pesado por causa do manifesto. (...)

O Senhor mostrou-me, por meio de visão e revelação, exatamente o que ocorreria se não abandonássemos essa prática. (...) Todas as ordenanças [do templo] seriam interrompidas em toda a terra de Sião. Reinaria confusão em toda Israel e muitos homens seriam encarcerados. O problema afetaria toda a Igreja e seríamos obrigados a abandonar a prática. A pergunta agora é se essa prática deveria ser interrompida dessa forma ou da forma que o Senhor nos manifestou, deixando livres

nossos Profetas e Apóstolos, bem como os pais de família, e deixando os templos nas mãos do povo para que os mortos sejam redimidos. (...)



(...) Vi exatamente o que aconteceria se algo não tivesse sido feito. Venho sentindo esse espírito há muito tempo. Desejo, porém, dizer-vos isto: Eu teria deixado que os templos nos escapassem das mãos; teria ido eu próprio para a prisão e permitido que isso acontecesse a muitos outros homens, não tivesse o Deus do céu

me ordenado fazer o que fiz; e quando chegou a hora em que isso foi ordenado, tudo ficou claro para mim. Dirigi-me ao Senhor e escrevi o que Ele ordenou que eu escrevesse. Mostrei a meus irmãos — homens fortes como o irmão [George] Q. Cannon, o irmão [Joseph] F. Smith e os Doze Apóstolos. Eu preferiria desviar de seu curso um exército com estandartes a desviar esses homens do caminho que consideram correto. Eles concordaram comigo, e dez mil santos dos últimos dias também. Por quê? Porque foram tocados pelo Espírito de Deus e pelas revelações de Jesus Cristo” (“Remarks Made by President Wilford Woodruff”, *Deseret Evening News*, 7 de novembro de 1891, p. 4; ver também a Declaração Oficial — 1, Trechos de Três Discursos do Presidente Wilford Woodruff a respeito do Manifesto).

DEUS ESTÁ À FRENTE



Ephraim George Holding, eletricitista do Templo de Salt Lake, no alto de uma das torres do templo, 1893

Os desígnios do Senhor se cumprirão, e podemos estar confiantes de que cada profeta que preside o povo do Senhor recebeu poder para seguir um curso correto. O Presidente Wilford Woodruff declarou: “Digo a toda Israel hoje e a todo o mundo que o Deus de Israel, que organizou esta Igreja e reino, nunca mandou qualquer presidente ou presidência desencaminhar o povo. Ouça, ó Israel, nenhum homem que já tenha respirado o sopro da vida

pode ser portador das chaves do reino de Deus e desencaminhar o povo” (*Discourses of Wilford Woodruff*, p. 74).

ELE ENSINOU SOBRE A REVELAÇÃO

O Presidente Wilford Woodruff ensinou o seguinte sobre a revelação:

“O que é a revelação? O testemunho do Pai e do Filho. Quantos de vocês já receberam revelações? Quantos já ouviram o Espírito de Deus lhes sussurrar — a voz mansa e delicada? Eu estaria no mundo espiritual há muitos anos caso não tivesse seguido os sussurros da voz mansa e delicada. Essas foram as revelações de Jesus Cristo, o testemunho mais forte que um homem ou mulher pode ter. Recebi muitos testemunhos desde que me associei a esta Igreja e reino. Fui abençoado em diferentes momentos com determinados dons e graças, revelações e ministérios; mas mesmo com tudo isso, nunca encontrei coisa alguma na qual poderia confiar mais do que a voz mansa e delicada do Espírito Santo” (*Discourses of Wilford Woodruff*, p. 45).

“É essa presciência concedida por Deus a respeito de Sua obra (...) que constitui um dos motivos principais da força dos santos dos últimos dias. É o princípio da revelação do cabeça da Igreja para a Igreja — um princípio que não se restringe a um, três ou doze homens; está ao alcance de todos os membros da Igreja, em maior ou menor grau, dependendo de como o permitirem em sua vida. Porém, há uma maneira designada para o recebimento de revelações do Senhor para o governo de Sua Igreja. Há somente um homem de cada vez na Terra que detém esse poder. Contudo, todos os membros, individualmente, têm o privilégio de receber revelações do Senhor para serem guiados em sua própria vida” (*Discourses of Wilford Woodruff*, p. 54).

“O Senhor não permitiria que eu ocupasse um dia esta posição a menos que eu fosse sensível ao Espírito Santo e às revelações de Deus. Estamos perto demais do fim dos tempos para que a Igreja fique sem revelação” (*Discourses of Wilford Woodruff*, p. 57).

ELE TINHA A VISÃO DOS DESÍGNIOS DE DEUS

Em seu diário, no dia 26 de janeiro de 1880, Wilford Woodruff escreveu: “Fui dormir depois de muito orar e meditar. Dormi até cerca de meia-noite. Então acordei. O Senhor derramou Seu Espírito sobre mim e abriu a visão de minha mente a fim de que eu compreendesse bem a mente e vontade de Deus e Seus desígnios em relação a nossa nação e aos habitantes de Sião. E quando a visão de minha mente se abriu, entendi a situação de nosso país, suas iniquidades, abominações

e corrupção, bem como os juízos de Deus e a destruição que o aguardava. E quando me dei conta da grande e assombrosa responsabilidade que recaía sobre o Quórum dos Apóstolos à vista de Deus e das hostes celestiais, verti lágrimas em abundância, e meu travesseiro ficou molhado como que tocado pelo orvalho do céu. Perdi o sono, e o Senhor revelou-me nossos deveres, sim, os deveres dos Doze Apóstolos e de todos os élderes fiéis de Israel” (*Wilford Woodruff’s Journal*, volume 7, p. 546; pontuação, uso de iniciais maiúsculas e ortografia atualizados.)

O Élder Woodruff, na época membro do Quórum dos Doze Apóstolos, registrou a revelação que recebeu e submeteu-a à apreciação da Presidência da Igreja.



Fotografia de Charles R. Savage

Fotografia da cerimônia de assentamento da pedra angular do Templo de Salt Lake em 6 de abril de 1892, na presença de 50.000 pessoas.



Convite para a dedicação do Templo de Salt Lake

FOI ORGANIZADA A SOCIEDADE GENEALÓGICA

O Presidente Wilford Woodruff sempre se preocupou também com a obra vicária. Em 1894, a Sociedade Genealógica de Utah foi organizada sob sua direção. Nesse mesmo ano, o Presidente Woodruff fez anúncios importantes sobre o que o Senhor revelara no tocante aos selamentos familiares:

“Desejamos que os santos dos últimos dias, a partir de agora, façam sua genealogia o mais longe que

conseguirem e sejam selados a seu pai e sua mãe. Que os filhos sejam selados a seus pais e perpetuem essa corrente no máximo de gerações possível. (...) Essa é a vontade do Senhor para este povo, e creio que quando pararem para refletir a respeito, verão que é verdade. (...)

(...) Os antepassados deste povo aceitarão o evangelho. Tenho o dever de honrar meu pai que me gerou na carne. Vocês têm a mesma obrigação. Se procederem dessa forma, o Espírito de Deus os acompanhará. E continuaremos nesta obra, e o Senhor acrescentará luz ao que já recebemos. (...) Há homens nesta congregação que gostariam de ser adotados [selados] por mim. Digo-lhes hoje, caso estejam ao alcance de minha voz, que sejam adotados [selados] a seu pai. Salvem seu pai e demais antepassados e assumam a responsabilidade pela linhagem deles, como salvadores no monte Sião, e Deus os abençoará por isso. É isso que quero dizer e que desejo que se faça no templo. (...) Esse assunto tem-me provocado grande ansiedade. Venho sentindo um desejo enorme de transmitir esses princípios aos santos dos últimos dias, pois são verdadeiros. São um passo à frente na obra do ministério e nas investiduras realizadas nos templos de nosso Deus. (...) Com o auxílio de meus amigos, realizei as ordenanças em favor de minha família paterna e materna e redimi-os. Quando perguntei ao Senhor como poderia redimir meus mortos, enquanto eu estava em St. George, sem ninguém de minha família lá, o Senhor disse-me que convidasse os santos de St. George e permitisse que oficiassem por mim naquele templo, e isso seria aceitável a Seus olhos. (...) Essa é uma revelação para nós. Podemos ajudar uns aos outros nesses assuntos” (*Discourses of Wilford Woodruff*, pp. 157–159).

A LEI DO JEJUM FOI ESCLARECIDA

Em 1896, sob a direção do Presidente Wilford Woodruff, a prática do “dia de jejum” na primeira quinta-feira do mês foi modificada, assumindo a forma atual: a observância do jejum no primeiro domingo de cada mês. Juntamente com essa mudança, a Primeira Presidência reiterou princípios eternos: “Em alguns lugares, surgiu o costume de considerar o jejum como a mera abstenção do desjejum. Isso não condiz com as visões e práticas do passado. Antigamente, quando se jejuava, a regra era não comer desde o dia anterior até o fim da tarde do dia de jejum. Nas ofertas para os necessitados, também se entendia que o alimento necessário para as duas refeições seria doado aos pobres, ou ainda mais, de acordo com a generosidade e as possibilidades dos santos” (“An Address”, *The Deseret Weekly*, 14 de novembro de 1896, p. 678).

SIÃO SEGUE FIRMEMENTE AVANTE



O Presidente Wilford Woodruff ensinou:

“Aconteceram muitas coisas totalmente diferentes do esperado por alguns na construção de Sião; assim, cada um precisa ter o conhecimento de que Deus está guiando-nos no caminho que estamos trilhando. Para as pessoas propensas a desesperar-se e ter uma visão pessimista, Sião pode talvez parecer

um navio à deriva, longe do ancoradouro, pois alguns eventos parecem, a seus olhos, pressagiar desastres para nós e a obra de Deus.



Desfile estadual comemorando a elevação de Utah à condição de estado em 1896

Sempre houve em nosso meio pessoas obcecadas por maus pressentimentos e incapazes de ver a sabedoria de Deus nos passos que Seu povo foi guiado a tomar. Questionam e criticam os conselhos concedidos e as medidas adotadas e afirmam que as revelações cessaram e que os santos não são mais guiados por homens a quem Deus manifestou Sua vontade. (...) A experiência mostra que, em todos esses casos, as pessoas que fazem essas acusações é que estão nas trevas.

Contudo, os fiéis — aqueles que vivem estritamente de acordo com sua condição de santos e com as exigências do evangelho — não foram acometidos por dúvidas dessa natureza. Pode ser que não compreendam plenamente muitas coisas, que não consigam no momento ver com clareza os motivos; no entanto, por contarem com o Espírito de Deus e serem guiados por Ele, confiam no Senhor e contentam-se em deixar a administração de Seu reino e Seus assuntos a

Sua suprema sabedoria. Com o passar do tempo, desenvolveram na mente a certeza de que o curso seguido pela Igreja é correto. Confirmamos isso tantas vezes ao longo dos anos que os exemplos saltarão prontamente aos olhos das pessoas que conhecem nossa história. Dessa forma, porém, a fé do povo foi constantemente posta à prova” (*Discourses of Wilford Woodruff*, pp. 141–142).



Bengala, chapéu e cachecol usados pelo Presidente Woodruff nos últimos anos de sua vida

Fotografia de Don O. Thorpe

PRECISAMOS EMPENHAR-NOS PARA TER O ESPÍRITO

Vejamos a seguinte declaração do Presidente Wilford Woodruff:

“Joseph Smith visitou-me várias vezes depois de sua morte e ensinou-me muitos princípios importantes. (...) Entre outras coisas, disse-me que deveria ter o Espírito de Deus; que todos nós precisamos Dele. (...)

Brigham Young também me visitou depois de sua morte. (...) E transmitiu-me o que Joseph Smith lhe dissera em Winter Quarters: ensinar o povo a ter o Espírito de Deus. Ele disse: ‘Quero que ensine o povo a ter o Espírito de Deus. Do contrário, não é possível edificar o reino de Deus.’

É isso que desejo dizer aos irmãos e irmãs aqui hoje. Todos os homens e mulheres desta Igreja devem empenhar-se para alcançar o Espírito. Estamos cercados de espíritos maus que lutam contra Deus e contra tudo o que concorre para a edificação do reino Dele; e precisamos do Espírito Santo a fim de vencermos essas influências. Contei com o Espírito Santo em minhas viagens, assim como todos os homens que entraram na vinha e trabalharam fielmente pela causa de Deus. Já mencionei o ministério de anjos de que me beneficiei. O que fizeram esses anjos? Um deles ensinou-me coisas relativas aos sinais que precederão a vinda do Filho do Homem. Outros vieram para salvar-me a vida. E depois? Deixaram-me e partiram. E como acontece com o Espírito Santo? O Espírito Santo não sai do meu lado se cumpro meus deveres. Não deixa nenhum homem que for fiel a suas obrigações. Sabemos disso desde o início. Joseph Smith instou o irmão John Taylor em certa ocasião a empenhar-se para receber o Espírito de Deus e seguir Suas indicações, e isso se tornaria para ele um princípio de revelação. Deus abençoou-me com isso, e tudo o que fiz desde que entrei para esta Igreja foi com

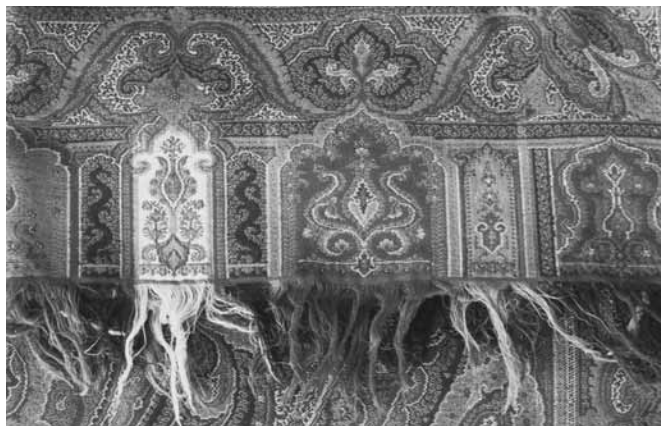


Fotografia de George E. Anderson

Fotografia tirada em 24 de julho de 1897 dos pioneiros que tinham entrado no Vale do Lago Salgado cinquenta anos antes, em 1847, e ainda estavam vivos.

base nesse princípio. O Espírito de Deus diz-me o que fazer e venho tentando segui-Lo” (“Discourse”, *The Deseret Weekly*, 7 de novembro de 1896, pp. 642–643).

OS MEMBROS FIZERAM-LHE UM TRIBUTO DE ANIVERSÁRIO



Fotografia de Don O. Thorpe

Um dos presentes oferecidos ao Presidente Woodruff em seu aniversário de noventa anos foi essa bela colcha feita com seda de Utah.

“Um dos acontecimentos mais importantes da longa vida do Presidente Woodruff foi a comemoração de seu nonagésimo aniversário, no dia 1º de março de 1897. Nessa ocasião, milhares de santos dos últimos dias reuniram-se no Tabernáculo de Salt Lake para homenageá-lo. Seus conselheiros e outras autoridades gerais fizeram pronunciamentos alusivos ao evento. Uma bengala com detalhes de prata foi-lhe oferecida por oficiais do templo. A imensa congregação entoou ‘Graças Damos, ó Deus, por um Profeta’. Ao voltar para casa,

o Presidente Woodruff registrou em seu diário suas impressões do dia: ‘Aquelas cenas foram arrebatadoras. Vieram-me à mente minha infância e o início da fase adulta. Lembrei-me vividamente de como eu orara ao Senhor a fim de viver o bastante para ver um profeta ou apóstolo que me ensinaria o evangelho de Cristo. Ali estava eu, no grande Tabernáculo lotado, com dez mil pessoas — profetas, apóstolos e santos. Chorei copiosamente. Ainda assim, dirigi a palavra àquela admirável congregação” (Preston Nibley, *The Presidents of the Church* [1974], pp. 132–133).

ELE ERA UM HOMEM DE VISÃO PROFÉTICA

Wilford Woodruff tinha uma visão clara da vida e permaneceu fiel a ela. Certa vez, disse: “Que aproveitaria ao homem ganhar todo o mundo e perder a sua alma? Nada. O que daria o homem em troca de sua alma ao chegar ao outro lado do véu? Muito me admira o pouco interesse demonstrado em geral pelos habitantes da Terra por seu estado futuro. Cada pessoa deste mundo viverá no outro lado do véu tanto tempo quanto seu Criador — durante todas as infinitas eras da eternidade — e o destino eterno de todos dependerá da maneira como viverem nos poucos e curtos anos de vida terrena. Pergunto-lhes em nome do Senhor: de que vale a popularidade para nós? Que valor tem o ouro e a prata ou os demais bens deste mundo para nós além de proporcionar-nos o que comer, beber e vestir e ajudar-nos a edificar o reino? Parar de orar e lançar-nos numa busca

desenfreada de riquezas do mundo é o cúmulo da tolice e da loucura. Ao observarmos o modo de agir de algumas pessoas, elas parecem crer que viverão aqui eternamente e que seu destino eterno depende do número de dólares que possuem. Às vezes pergunto aos santos dos últimos dias quanto dinheiro tínhamos quando viemos ao mundo. Quanto trouxemos e de onde veio ele? Acho que nenhum de nós trouxe uma esposa ou uma casa de alvenaria; nenhum de nós nasceu sobre belos cavalos ou carruagens ou trouxe consigo ações ferroviárias, gado e casas, mas nascemos todos nus como Jó, e creio que daqui partiremos igualmente desnudos” (*Discourses of Wilford Woodruff*, pp. 243–244).

ELE FICOU CONHECIDO COMO “WILFORD, O FIEL”



O Presidente Wilford Woodruff em agosto de 1898.

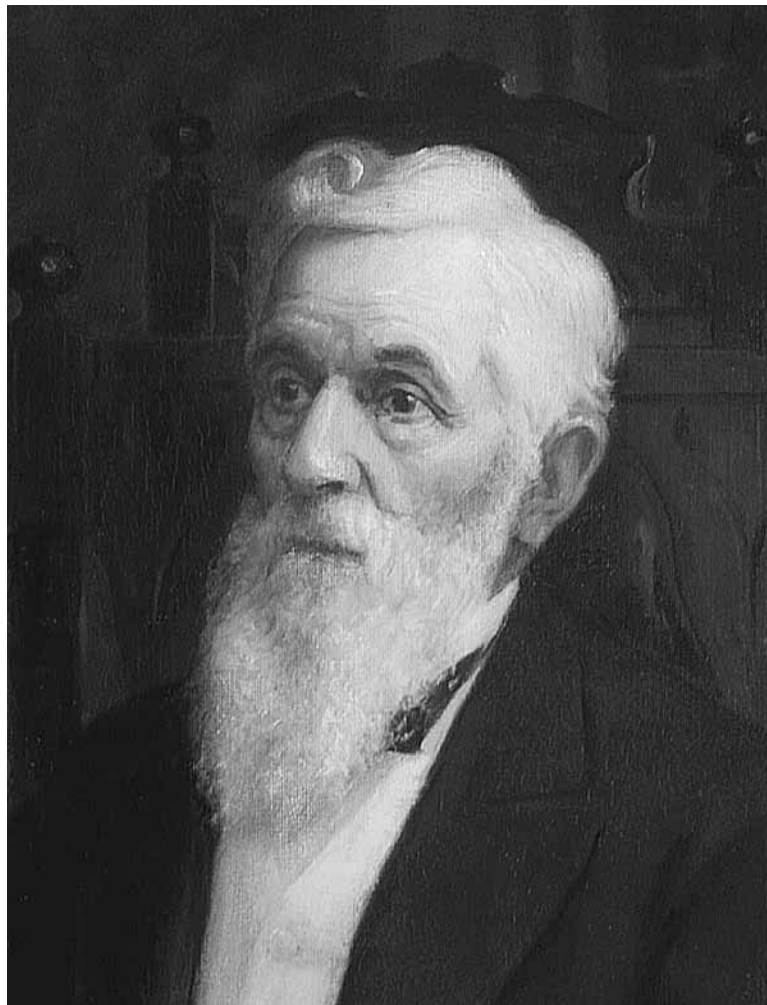
Quando o grande coração de Wilford Woodruff parou de bater no dia 2 de setembro de 1898, os santos de Deus tinham motivos para chorar, pois um espírito nobre não estava mais em seu meio. Foi uma existência nobre por ter sido consagrada a levar avante a causa de Sião. Em seu diário anos antes, o Presidente Woodruff escrevera: “Que se saiba que eu, Wilford Woodruff, faço de minha própria

vontade convênio com meu Deus de consagrar-me e dedicar-me, bem como meus bens e propriedades, ao Senhor, a fim de contribuir para a edificação de Seu reino e Sua Sião na Terra e cumprir Sua lei. Deponho tudo o que possuo aos pés do bispo de Sua Igreja, a fim de tornar-me um herdeiro legítimo do reino celestial de Deus” (citado em Cowley, *Wilford Woodruff*, p. 45).

Wilford Woodruff era um homem que, em sua juventude, sonhara algum dia ver um apóstolo do Senhor Jesus Cristo. E viveu o bastante para ele próprio andar nos caminhos dos profetas e até mesmo, no fim de sua vida, presidir os santos. O desejo do Presidente Woodruff era permanecer fiel em todas as coisas até o fim de seus dias. Era conhecido por muitos como “Wilford, o Fiel” e numa revelação logo do início da Restauração, o Senhor chamou-o de “meu servo” (D&C 118:6). Que grandioso epitáfio para qualquer filho de Deus.

Lorenzo Snow

QUINTO PRESIDENTE DA IGREJA



EVENTOS MARCANTES DA VIDA DE LORENZO SNOW

Idade Acontecimentos

- Nasce em 3 de abril de 1814 em Mantua, Condado de Portage, Ohio, filho de Oliver e Rosetta Leonora Pettibone Snow.
- 22 Começa a freqüentar aulas de hebraico em Kirtland (primeiro semestre de 1836); é batizado na Igreja em Kirtland, Ohio (19 de junho de 1836).
- 23 Serve como missionário em Ohio (Primeiro semestre de 1837).
- 24–25 Serve como missionário no sul do Missouri, Illinois, Kentucky e Ohio (1838–1839).
- 26–29 Serve como missionário na Inglaterra (1840–1843).
- 31 Casa-se com Charlotte Merrill Squires, Mary Adaline Goddard, Sarah Prichard e Harriet Amelia Squires (1845).
- 34 É ordenado apóstolo (12 de fevereiro de 1849).
- 35 Ajuda a organizar o Fundo Perpétuo de Emigração (outubro de 1849).
- 35–38 Serve como missionário na Itália; toma as providências para a tradução do Livro de Mórmon em italiano e supervisiona o processo (outubro de 1849 a julho de 1852).
- 38 É eleito para a Assembléia Legislativa de Utah (1852); serve durante 29 anos.
- 39 Assume a liderança de Brigham City, Utah (1853).
- 49–50 Serve numa missão especial no Havaí; quase morre afogado (1864).
- 58–68 Preside a Assembléia Legislativa Territorial de Utah (1872–1882); auxilia na segunda dedicação da Palestina para o retorno dos judeus (1872–1873).
- 59–63 Serve como conselheiro do Presidente Brigham Young (abril de 1873 a agosto de 1877).
- 59 Inicia a Ordem Unida em Brigham City (1873–1880).
- 71 Serve como missionário entre os índios do nordeste dos Estados Unidos (1885).
- 72–73 Fica preso durante onze meses pela prática do casamento plural (1886–1887).
- 74 Profere a oração dedicatória do Templo de Manti Utah (21 de maio de 1888).
- 75 Torna-se presidente do Quórum dos Doze Apóstolos (7 de abril de 1889).
- 76 Divulgação do Manifesto, que põe fim ao casamento plural (Declaração Oficial — 1) (1890).
- 79 Torna-se o presidente do Templo de Salt Lake (1893).
- 84 É visitado pelo Salvador no Templo de Salt Lake (1898); torna-se o presidente da Igreja (13 de setembro de 1898).
- 85 Promove a lei do dízimo, começando no sul de Utah (Maio de 1899).
- 87 Morre em Salt Lake City, Utah (10 de outubro de 1901).

Lorenzo Snow era um menino do interior, criado nos confins dos Estados Unidos do século XIX, no Ohio. Suas tarefas diárias incluíam derrubar árvores, desmatar terrenos e cuidar da fazenda nas constantes ausências do pai. Era o filho mais velho de uma família numerosa e desconhecia a indolência. Sua família teceu laços de amor, confiança e auxílio mútuo que duraram permanentemente.

O INÍCIO DE SUA VIDA INCLUIU LIÇÕES DE RESPONSABILIDADE

Oliver e Rosetta Snow eram naturais da Nova Inglaterra, no nordeste dos Estados Unidos. Depois do nascimento de duas filhas, mudaram-se da Nova Inglaterra para o Ohio, onde tiveram outros cinco filhos: mais duas meninas e três meninos. Lorenzo foi o quinto filho e o mais velho dos meninos. Seus pais estabeleceram-se como fazendeiros no Condado de Portage, Ohio. Logo parentes e amigos da Nova Inglaterra vieram também para a região. Com o passar dos anos, a família Snow tornou-se próspera e influente.



Local de nascimento de Lorenzo Snow, Mantua, Ohio

Os pais e parentes de Lorenzo Snow e muitas outras pessoas da cidade eram instruídos. Incentivavam seus filhos a buscarem honras intelectuais, culturais e sociais. Lorenzo recebeu esse mesmo estímulo e procurou com dedicação satisfazer às expectativas de seus familiares e vizinhos.

O pai de Lorenzo ausentava-se com frequência de casa por motivos profissionais e pessoais. Em muitas ocasiões, Lorenzo teve de assumir grandes responsabilidades quando ainda criança. Os afazeres ligados a uma fazenda grande e próspera não eram um obstáculo sério para ele. Ao se desincumbir dessas tarefas, sempre se mostrou pontual, determinado e cheio de energia. Ao ganhar idade, começou a controlar o

envio de produtos agrícolas por via marítima para Nova Orleans. Embora essas excursões exigissem meses de trabalho, ele sempre trabalhou de modo responsável e sério.

ELE APRENDEU A SER SOLIDÁRIO, ABERTO E TOLERANTE

Na biografia de seu irmão, Eliza, a irmã mais velha de Lorenzo Snow, escreveu: “Quanto à religião, nossos pais eram nominalmente batistas, mas não do tipo rígido e intransigente; nossa casa era freqüentada por pessoas boas e inteligentes de todas as denominações — a hospitalidade de nossos pais era proverbial” (Eliza R. Snow Smith, *Biography and Family Record of Lorenzo Snow* [1975], p. 2). Os pais nunca permitiam



Gravura de Lorenzo Snow feita por Frederick Piercy

que as conversas em sua casa se tornassem intolerantes ou mesquinhas, e Lorenzo, juntamente com seus irmãos, era incentivado a travar conhecimento com todo tipo de pessoas e seus pontos de vista. Suas freqüentes viagens a trabalho para Nova Orleans deram-lhe a oportunidade prática de observar uma grande variedade de situações e pessoas.

ELE GOSTAVA DE LER

Os livros eram companheiros constantes de Lorenzo Snow. Quando não estava ocupado com as tarefas da fazenda, retirava-se com um livro para um local onde não seria interrompido. Lia muito e adquiriu amplos conhecimentos de história, geografia e literatura, tanto clássica quanto contemporânea.

ELE QUIS ENTRAR PARA AS FORÇAS ARMADAS

Foi talvez em parte devido a seu interesse pela História que Lorenzo Snow teve o desejo de entrar para as forças armadas. Pouco depois de seu vigésimo primeiro aniversário, concluiu os estudos secundários e foi nomeado tenente pelo governador do Ohio. Contudo, achando que a instrução universitária contribuiria para sua carreira militar, deixou o treinamento militar temporariamente de lado, vendeu sua parte na propriedade de seu pai e mudou-se

para Oberlin, Ohio. Lá, os presbiterianos tinham estabelecido alguns anos antes uma faculdade muito respeitada.

SUA MÃE E SUAS IRMÃS CONVERTERAM-SE

Lorenzo Snow estudou durante um ano na Faculdade Oberlin. Embora por natureza ele fosse gentil e agradável com as pessoas, nunca se sentira particularmente atraído pela religião organizada. Escreveu para sua irmã Eliza perto do fim de seus estudos: “Se não existir nada melhor do que vejo aqui na Faculdade Oberlin, adeus a todas a religiões” (Smith, *Biography and Family Record*, p. 5).



Eliza R. Snow

A mãe e uma irmã de Lorenzo Snow foram os primeiros membros de sua família a filiarem-se à Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Algum tempo depois, sua irmã Eliza também foi batizada. Lorenzo tinha profundo respeito pelas opiniões e o discernimento de Eliza e escreveu para ela em Kirtland, Ohio, fazendo muitas perguntas sobre a religião que lhe fora revelada recentemente. Ela respondeu às perguntas dele e pediu que viesse a Kirtland e estudasse com o Professor Seixas, que fora contratado para ensinar hebraico aos líderes da Igreja. No primeiro semestre de 1836, Lorenzo saiu de Oberlin e mudou-se para Kirtland.

ELE MOSTROU-SE ABERTO E RECEPTIVO À IGREJA

Lorenzo Snow estava ansioso para conhecer o Profeta Joseph Smith. Pouco depois de chegar a Kirtland, Ohio, estava conversando com sua irmã Eliza na rua quando “Joseph passou ao lado, visivelmente apressado. Parou apenas o tempo necessário para ser apresentado a Lorenzo e dizer a Eliza: ‘Eliza, leve seu irmão para jantar lá em casa.’ Naquela época, ela estava morando na casa do Profeta e ensinando em sua escola particular. Lorenzo observou o estranho o mais que pôde e então comentou com sua irmã: ‘Joseph Smith é um homem notável. Quero conhecê-lo melhor. Talvez haja, afinal de contas, algo mais em Joseph Smith e no mormonismo do que jamais sonhei antes’” (Thomas C. Romney, *The Life of Lorenzo Snow* [1955], p. 23).

Assim como seu pai, Lorenzo nunca encarou a religião de modo dogmático e limitado. Ele via o mormonismo como um bálsamo curativo para os feridos. Estudou a religião cuidadosamente, ouviu os discursos públicos do Profeta Joseph Smith e conversou com ele em particular. Fez amizade com o pai do Profeta, que lhe disse: “Logo te convencerás da veracidade da obra dos últimos dias e te tornarás tão grande quanto desejares — até grande como Deus, e não podes desejar mais do que isso” (citado em LeRoi C. Snow, “Devotion to a Divine Inspiration”, *Improvement Era*, junho de 1919, p. 654).



Igreja freqüentada pelos Snow

ELE OBSERVOU OS MEMBROS CUIDADOSAMENTE ANTES DE ACEITAR O BATISMO

Lorenzo Snow observou os membros da Igreja e maravilhou-se com os testemunhos prestados pelos élderes, pois eram muito simples e positivos e tratavam de coisas celestiais. Ficou surpreso com o poder divino manifestado na atuação do Patriarca Joseph Smith Sênior. “Ele assistiu a uma ‘Reunião de Bênçãos’ no Templo [de Kirtland] antes de batizar-se na Igreja; ouviu várias bênçãos patriarcais serem pronunciadas sobre a cabeça de diferentes pessoas cuja história ele conhecia e que ele sabia que o Patriarca ignorava totalmente; ele ficou estupefato ao ouvir as peculiaridades dessas pessoas serem mencionadas de modo tão inequívoco e claro nas bênçãos. E, conforme contou posteriormente, convenceu-se de uma influência superior à presciência humana que ditava as palavras do patriarca” (Smith, *Biography and Family Record*, p. 9).

ELE ESTUDOU, FOI BATIZADO E RECEBEU UM TESTEMUNHO DA VERACIDADE DA RESTAURAÇÃO

Lorenzo Snow estudou as afirmações do mormonismo e comparou-as diligentemente com o cristianismo antigo. Escreveu o seguinte em seu diário:

“Antes de aceitar a ordenança do batismo, em meu estudo dos princípios ensinados pelos santos dos últimos dias, que verifiquei, por comparação, serem os mesmos existentes no Novo Testamento, conforme ensinados por Cristo e Seus apóstolos, persuadi-me plenamente de que a obediência a esses princípios traria poderes, manifestações e revelações miraculosos. Com esperança e confiança nesse resultado, recebi o batismo e a ordenança da imposição das mãos por alguém que professava ter autoridade divina; e, por ter cumprido essas ordenanças, fiquei na expectativa constante de testemunhar o cumprimento da promessa do recebimento do Espírito Santo.



Fotografia antiga de Lorenzo Snow

A manifestação não se deu imediatamente após meu batismo, como eu esperara. Contudo, embora tenha demorado, quando a recebi, senti-a de modo mais perfeito, tangível e prodigioso do que eu jamais esperara, mesmo em meus momentos de maior otimismo.



Fotografia de Don O. Thorpe

O Rio Chagrín, onde Lorenzo Snow foi batizado

Cerca de duas ou três semanas depois de meu batismo, ao estudar certo dia, comecei a refletir sobre o fato de não ter recebido um *conhecimento* da veracidade da obra. Eu não presenciara o cumprimento da promessa ‘se alguém quiser fazer a vontade dele, pela mesma doutrina conhecerá se ela é de Deus’, e comecei a sentir um grande incômodo. Pus

meus livros de lado, saí de casa e andei a esmo pelos campos sob a influência opressiva de um espírito sombrio e triste; uma névoa indescritível de trevas parecia envolver-me. Eu tinha o costume, ao fim do dia, de recolher-me em oração secreta num bosque não muito longe de onde estava residindo, mas naquele momento não senti vontade de fazê-lo. O espírito de oração partira e os céus pareciam totalmente fechados. Como

mera formalidade, ajoelhei-me como tinha o costume, no lugar habitual, mas sem sentir o que eu estava habituado a sentir.

Mal abri a boca para orar e ouvi um som, logo acima de minha cabeça, como o rugir de túnicas de seda, e imediatamente o Espírito de Deus desceu sobre mim, envolvendo por completo todo o meu ser, preenchendo-me do alto da cabeça à sola dos pés. Oh, que alegria e felicidade senti! Nenhuma língua é capaz de descrever a transição quase instantânea de uma densa nuvem de trevas mentais e espirituais para o resplendor da luz e do conhecimento que me foram transmitidos ao entendimento. Então, recebi um conhecimento perfeito de que Deus vive, de que Jesus Cristo é o Filho de Deus e da restauração do santo sacerdócio e da plenitude do evangelho. Foi um batismo completo — uma imersão tangível no princípio ou elemento celeste que é o Espírito Santo; e foi algo ainda mais real e físico em seus efeitos sobre cada parte de meu ser do que a imersão na água. Assim, foram dissipadas para sempre, ao menos enquanto durarem a razão e a memória, todas as possibilidades de dúvida ou temor em relação ao fato transmitido a nós historicamente de que o ‘Infante de Belém’ é deveras o Filho de Deus; também sobre o fato de que Ele está revelando-Se aos filhos dos homens e transmitindo conhecimentos, exatamente como nos tempos apostólicos. Fiquei perfeitamente satisfeito, como era de se esperar, pois posso dizer com segurança que a experiência superou infinitamente minhas expectativas.

Sou incapaz de dizer quanto tempo fiquei sob aquela influência bem-aventurada de iluminação divina, mas passaram-se vários minutos antes que começassem a retirar-se gradualmente os elementos celestes que me preencheram e envolveram. Ao levantar-me, com o coração transbordante de gratidão a Deus, a ponto de não poder exprimi-lo com palavras, senti — *soube* que Ele me conferira o que apenas um ser onipotente é capaz de conferir — algo de valor maior do que todas as riquezas e honras que o mundo pode oferecer. Naquela noite, ao recolher-me para dormir, as mesmas manifestações maravilhosas repetiram-se, e isso continuou por várias noites sucessivas. A doce lembrança dessas experiências gloriosas, daquela época até hoje, faz com que elas se reavivem em minha mente, exercendo uma influência inspiradora que invade todo o meu ser; e creio que isso continuará até o fim de minha existência mortal” (citado em Smith, *Biography and Family Record*, pp. 7—9).

Ele orou, ponderou, acreditou e foi batizado. Sua vida foi transformada quando ele aceitou o evangelho de todo o coração.

ELE QUERIA SERVIR A DEUS



Ao longo do segundo semestre de 1836, o jovem Lorenzo Snow viu os élderes voltando de missão e sentiu o desejo de também servir como missionário. Ele disse:

“O testemunho prestado pelos jovens missionários sobre suas experiências como trabalhadores na vinha, proclamando as alegres novas que Deus voltara a anun-

ciar a Seus filhos na Terra; que Ele levantara um Profeta por meio do qual estava comunicando Sua vontade e conclamando todos os habitantes da Terra: ‘arrependei-vos, porque o reino de Deus está próximo’; isso tudo suscitou em mim o desejo irresistível de também integrar as fileiras dessa gloriosa iniciativa.

Naquela época, uma proclamação da Primeira Presidência foi lida no púlpito, convidando todos os que desejassem tornar-se membros do Quórum de Élderes a apresentarem-se. Caso fossem considerados dignos pela Presidência, seriam ordenados. Como muitos outros, submeti meu nome à aprovação — a única vez em minha vida em que ofereci meu nome ou solicitei um ofício ou cargo” (citado em Smith, *Biography and Family Record*, p. 14).

Algumas semanas depois de sua ordenação, Lorenzo começou a primeira das muitas missões nas quais viria a servir. Ensinou a família de seu pai no Ohio e posteriormente pregou no Missouri, Illinois e Kentucky. Proclamou também o evangelho na Inglaterra, França e Suíça. Assim como Wilford Woodruff e John Taylor, Lorenzo Snow levou milhares de pessoas para a Igreja e testificou perante rainhas e príncipes.

Ao descrever seus sentimentos ao partir para servir em sua primeira missão, escreveu:

“No início de 1837, pus meus poucos pertences nas costas e parti como os missionários do passado: ‘sem bolsa nem alforje’, a pé e sozinho, para proclamar a restauração da plenitude do evangelho do Filho de Deus e prestar testemunho do que eu vira e ouvira e do conhecimento que recebera pela inspiração do Espírito Santo.

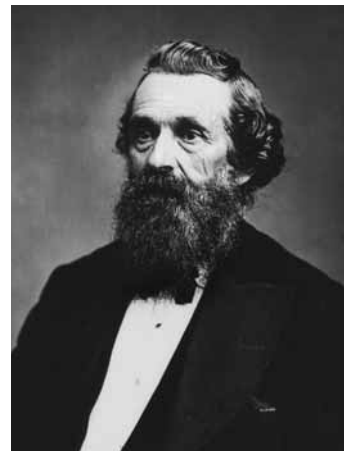
Contudo, o fato de viajar sem bolsa nem alforje — principalmente sem bolsa — representava uma grande prova, devido a minha natureza independente. Afinal, desde que eu atingira a idade de trabalhar, a sensação de arcar com minhas próprias despesas sempre me parecera algo fundamental para a auto-estima. Assim, nada além da certeza absoluta de que Deus exigia isso agora,

como fora o caso com Seus servos na antigüidade — os discípulos de Jesus — poderia induzir-me a sair pelo mundo dependendo de meus semelhantes para as necessidades básicas da vida. E como meus deveres nessa obra me haviam sido manifestados com clareza, assumi a determinação de cumpri-los” (citado em Smith, *Biography and Family Record*, p. 15).

ELE PREGOU PELA PRIMEIRA VEZ A UMA CONGREGAÇÃO NO OHIO

Lorenzo Snow pregou seu primeiro sermão no Condado de Medina, Ohio, perto de onde residia a família de seu pai. Narrou essa experiência em seu diário: “As pessoas foram avisadas, e reuniu-se uma congregação considerável. Foi um teste difícil encarar aquele público na condição de pregador, mas tive fé e a certeza de que um espírito de inspiração me guiaria e me mostraria o que dizer. Eu buscara o Senhor pela oração e jejum; humilhara-me perante Ele, invocando-O em orações fervorosas para que Ele me concedesse o poder e a inspiração do santo sacerdócio. E quando me levantei e me pus diante da congregação, embora não soubesse de antemão uma única palavra que iria proferir, assim que abri a boca, o Espírito Santo repousou sobre mim com grande intensidade, enchendo minha mente de luz e mostrando idéias e as palavras certas para eu transmitir ao povo. Eles ficaram surpresos e pediram outra reunião” (citado em Smith, *Biography and Family Record*, p. 16).

Como resultado dessas reuniões, Lorenzo batizou e confirmou na Igreja seu tio, tia e vários primos. Uma dessas primas, Adaline, veio a tornar-se sua esposa. No decorrer dessa missão, ele viajou por várias partes do Estado do Ohio e batizou muitas pessoas que permaneceram fiéis à verdade. Ele escreveu que foi imensamente abençoado ao realizar seu trabalho (ver Smith, *Biography and Family Record*, pp. 16, 19).



ELE PREGOU NO MISSOURI, ILLINOIS E KENTUCKY

Por continuar a sentir o desejo ardente de ensinar o evangelho, em outubro de 1838 Lorenzo Snow saiu de casa novamente e, com o Élder Abel Butterfield, partiu para o sul do Missouri. Algum tempo depois, decidiram

separar-se para que o Élder Butterfield trabalhasse no norte do Illinois e Indiana enquanto o Élder Snow serviria no sul do Illinois e Kentucky. Embora tenha havido bem pouco interesse por sua mensagem no Illinois, sua estada no Kentucky foi marcada por um grau variável de sucesso e aceitação. Ele voltou de seu trabalho quase seis meses depois de começá-lo. Em algumas ocasiões, foi recebido com cortesia e ouvido com interesse, ao passo em que em outros momentos sofreu maus-tratos e insultos.

ELE SERVIU COMO MISSIONÁRIO NAS ILHAS BRITÂNICAS

No primeiro semestre de 1840, o Élder Lorenzo Snow foi chamado para servir como missionário na Grã-Bretanha, onde passou quase três anos. Havia muitos membros do Quórum dos Doze Apóstolos que também estavam servindo nas Ilhas Britânicas, incluindo Brigham Young, Heber C. Kimball, Wilford Woodruff e John Taylor. Ao longo de sua missão, o Élder Snow enfrentou grande oposição. Entretanto, apesar das dificuldades, o trabalho missionário progrediu e a Igreja cresceu. Durante seu tempo na Grã-Bretanha, o Élder Snow presidiu o Ramo de Londres e viu seu número de membros mais do que dobrar. Serviu também como conselheiro de Thomas Ward, presidente da Missão Britânica. Além disso, o Élder Snow ofereceu dois exemplares do Livro de Mórmon com encadernação especial para a Rainha Vitória e o Príncipe Albert.

ELE CASOU-SE



Lorenzo Snow casou-se com Mary Adaline Goddard no Templo de Nauvoo na segunda metade de 1845.

Ao voltar de sua primeira missão na Grã-Bretanha, Lorenzo Snow foi para a nova Cidade de Nauvoo, Illinois, que estava em franca expansão. Pouco depois de sua chegada, tomou conhecimento da doutrina do casamento plural por meio do Profeta Joseph Smith. Quase dois anos depois, após o martírio do Profeta e quando a obra do Templo de Nauvoo estava quase terminada, Lorenzo demonstrou sua aceitação da doutrina do casamento plural. “Ele tinha plena consciência de que uma ordenança primordial a ser realizada no templo era o selamento do marido à esposa numa união eterna. Tendo em vista seu comprometimento total

para com a Igreja e suas doutrinas, os conselhos que recebera do Profeta Joseph Smith sobre a poligamia e sua idade que avançava, podemos estar certos de que, à medida que a construção do templo se aproximava do fim, Lorenzo se tornou ainda mais consciente da necessidade de casar-se. Uma prova da seriedade de seus sentimentos é o fato de, em 1845, aos trinta e um anos de idade, ter-se selado a quatro mulheres no Templo de Nauvoo: Mary Adaline Goddard (sua prima, que tinha três filhos de um casamento anterior: Hyrum, Orville e Jacob), Charlotte Squires, Sarah Ann Prichard e Harriet Amelia Squires” (Francis M. Gibbons, *Lorenzo Snow: Spiritual Giant, Prophet of God* [1982], p. 48).



A casa de Lorenzo Snow na Rua Brigham Street em Salt Lake City

O CHAMADO PARA SERVIR NA ITÁLIA

Em outubro de 1849, Lorenzo Snow foi chamado para servir como missionário na Itália. Seu chamado também incluía pregar e ensinar em outros países europeus, incluindo a Inglaterra, a França e a Suíça. Serviu até julho de 1852. Numa carta para sua irmã Eliza, o Élder Snow escreveu sobre suas experiências durante o inverno de 1849, quando viajou com seus companheiros pelas planícies americanas para a costa oeste, de onde iriam partir para a missão. Em sua carta, escreveu:

“Certo dia, quando estávamos almoçando, e nossos cavalos pastavam tranqüilamente nos campos, testemunhamos a seguinte cena: Um grito alarmante ressoou em nosso pequeno acampamento: *Às armas! Às armas! Os índios vão atacar-nos!* Deparamo-nos com um espetáculo grandioso, imponente e assustador. Estávamos cercados por duzentos guerreiros montados em cavalos furiosos, pintados, armados e vestidos com todos os horrores da guerra, avançando em nossa direção como uma violenta tromba d’água. Em poucos instantes, assumimos uma posição de defesa. Mas poderíamos esperar que trinta homens resistissem àquele enorme exército? O grupo de selvagens avançou

em alta velocidade, como uma rocha soltada do alto de uma montanha que desce impetuosamente derrubando, virando e enterrando tudo em seu caminho. Vimos que eles tinham a intenção de esmagar-nos sob os pés de seus cavalos ofegantes. Eles estavam a apenas alguns passos de nós e dentro de poucos instantes seríamos massacrados, mas eis que subitamente um alarme soou em suas fileiras, como um choque elétrico, e deteve seu avanço, como se uma avalanche a descer morro abaixo fosse interrompida em pleno movimento pela força de uma mão invisível. O Senhor dissera: *‘Não toquem em Meus unguídos e não façam mal a Meus profetas!’*

Inúmeros acontecimentos levaram-nos a constatar que, em nossas experiências passadas, a mão do Senhor nunca se manifestara de modo mais visível. Quando chegamos às margens do grande rio Missouri, suas águas congelaram-se imediatamente — pela primeira vez desde o início do inverno — formando assim uma ponte que usamos para passar de um lado ao outro. Pouco depois de nossa travessia, o rio descongelou-se e voltou a seu estado normal” (citado em “The Apostle Lorenzo Snow”, *Tullidge’s Quarterly Magazine*, janeiro de 1883, p. 381).

ELE ENFRENTOU OPOSIÇÃO NA ITÁLIA

A Itália era um dos bastiões do catolicismo e as pessoas lá se opunham a qualquer atividade missionária de outras igrejas. Havia leis em todo o país contra o proselitismo, com penalidades severas. Lorenzo Snow tinha plena consciência de que seria perseguido e sabia que correria risco de vida.



Fotografia de Savage e Cittinger

Lorenzo Snow

rejeitavam e perseguiram os apóstolos vivos que estavam em seu meio. O Élder Snow ponderou qual era para ele o significado de tal atitude e escreveu ao Presidente Young: “Os antepassados deste povo decapitaram João e crucificaram Pedro, mas nesta semana vimos procissões e comemorações em homenagem a eles. No passado,

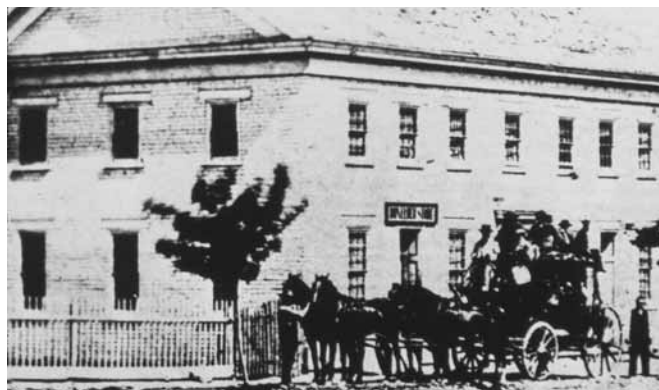
Em Roma, em 27 de junho de 1851, ele assistiu a uma festividade em homenagem a São Pedro. Numa carta escrita ao Presidente Brigham Young, o Élder Snow fez um comentário sobre a ironia das circunstâncias daquelas comemorações. Os antigos romanos tinham crucificado Pedro. Então, séculos depois, uma enorme basílica fora construída em Roma como monumento a seu nome. Contudo, eles

foram submetidos *à fome, à prisão e ao martírio*. Mas as gerações atuais prestam-lhes tributos divinos” (citado em *Tullidge’s Quarterly Magazine*, janeiro de 1883, p. 384).

Por mais difícil que tenha sido a missão, ela lançou as bases para o crescimento futuro da Igreja na Itália. Durante os quase três anos da missão do Élder Snow na península italiana, organizou a Igreja nos vales da região do Piemonte, tomou as providências para a tradução e publicação do Livro de Mórmon e vários panfletos missionários no idioma italiano e supervisionou todo o processo. Além disso, dirigiu o trabalho missionário na Suíça, enviou missionários para iniciar o trabalho na Índia e ministrou a numerosas congregações de santos na Grã-Bretanha, França e Suíça por meio da palavra escrita e falada.



O Élder Snow liderou cinquenta famílias no Condado de Box Elder, Utah, onde fundou uma nova cidade que hoje se chama Brigham City. O Élder Snow tinha duas casas lá. A grande casa de dois andares (mostrada abaixo) originalmente era um hotel.



HAN OPRETTEDE ETELE ESTABELECEU UMA COOPERATIVA BEM-SUCEDIDA

Em outubro de 1853, o Presidente Brigham Young deu ao Élder Lorenzo Snow, na época membro do Quórum dos Doze Apóstolos, o chamado para mudar-se com a família para Brigham City, Utah, e presidir os san-

tos de lá. Vários anos depois, o Élder Snow estabeleceu uma cooperativa financeira baseada nos princípios da Ordem Unida, com o propósito de unir o povo tanto espiritual quanto materialmente.



A Cooperativa de Brigham City

“Seus primeiros passos no cooperativismo foram no setor mercantil. Em 1863—1864, começou estabelecendo uma loja em sistema de cooperativa, com ações no valor de 5 dólares, o que permitia a pessoas de poucos recursos tornarem-se acionistas.

No início, houve muitas dificuldades, e o progresso foi lento. Entretanto, as pessoas adquiriram cada vez mais confiança no empreendimento, pois os acionistas percebiam ganhos de vinte a vinte e cinco por cento por ano em mercadorias. Em cinco anos, era um sucesso inquestionável. Então, com o auxílio dos lucros do departamento mercantil, foi construído um grande curtume, ao custo de 10.000 dólares, e as pessoas tinham o privilégio de contribuir com seu trabalho como capital. Pouco depois de esses departamentos estarem funcionando com êxito, foi criada uma fábrica de lã, ao custo de quase 40.000 dólares, e mais uma vez a mão-de-obra foi usada como ação.

Logo foi acrescentado um rebanho de ovelhas para fornecer lã à fábrica. Em seguida, vieram fazendas e uma fábrica de queijo. Assim, foram estabelecidos um departamento de indústria após o outro, até chegarem ao número de trinta a quarenta. E todos trabalhavam harmoniosamente como a engrenagem de uma grande máquina” (Eliza R. Snow, citado em “The Twelve Apostles”, *Historical Record*, fevereiro de 1887, pp. 142—143).

Muitos que conheciam Lorenzo Snow atribuíam seu sucesso em Brigham City a sua natureza espiritual. Posteriormente, alguém escreveu que “sua espiritualidade era altamente desenvolvida. Era o traço predominante de seu caráter. Todas as demais características eram simplesmente apêndices e acessórios que se reuniam em torno desse grande motor, obedecendo a sua vontade e ajudando a cumprir seus objetivos. Durante

muitos anos, ele pregou sobre os temas deste mundo e neles trabalhou, mas as coisas temporais eram apenas meios para permitir o cumprimento das espirituais. O homem de finanças estava em todos os momentos submetido ao apóstolo” (Leslie Woodruff Snow, “President Lorenzo Snow”, *Young Woman’s Journal*, setembro de 1903, p. 392).



A Casa do Conselho, onde se reunia a Assembléia Legislativa Territorial.

SUA VIDA FOI PRESERVADA NO HAVAI

Em novembro de 1860, o Presidente Brigham Young chamou Walter Murray Gibson, um recém-converso, para servir como missionário no Japão. A caminho do arquipélago nipônico, no verão de 1861, Gibson chegou ao Havaí e decidiu ficar lá. Como os missionários tinham sido chamados de volta para casa durante a Guerra de Utah, Gibson assumiu a liderança da Igreja no Havaí. Convenceu muitos membros havaianos a entregarem suas propriedades a ele e a curvarem-se em sua presença. Vendeu os direitos a vários ofícios da Igreja para membros ingênuos e vestiu mantos e túnicas ao dirigir reuniões da Igreja com grande pompa e cerimônia. Seu plano era tomar o poder nas ilhas e ser coroado rei.

A Primeira Presidência tomou conhecimento da situação no Havaí e enviou Ezra T. Benson e Lorenzo Snow, que integravam o Quórum dos Doze Apóstolos, e membros que tinham servido como missionários no Havaí, como William W. Cluff, Alma Smith e Joseph F. Smith, a fim de disciplinarem Walter Gibson e corrigirem os problemas que ele criara. Ao tentarem desembarcar em águas turbulentas, saíram de seu navio a vapor e foram para um pequeno barco. Joseph F. Smith disse preferir ficar no navio, pois as águas estavam por demais agitadas. E tinha razão.

Ao passarem pelo recife perto da praia, ondas enormes fizeram o barco virar. Todos os homens foram resgatados em segurança, exceto Lorenzo, cujo corpo inconsciente foi encontrado na água, embaixo do barco.

Seus companheiros levaram-no até a praia e se esforçaram para reanimá-lo por quase uma hora. William Cluff explicou como o Élder Snow finalmente recobrou as forças:

“Fizemos não só o que era de costume nesse tipo de situação, mas também o que o Espírito pareceu sussurrar-nos.

Depois de tentarmos ressuscitá-lo por algum tempo, sem nenhum sinal de sucesso, alguns passantes disseram que não havia mais nada a fazer por ele. Mas não quisemos desistir e continuamos a orar e a tentar reanimá-lo, com a certeza de que o Senhor ouviria e responderia nossas preces.

Por fim, fomos inspirados a colocar nossa boca sobre a sua e tentar insuflar ar em seus pulmões — alternadamente inspirando e expirando, imitando, tanto quanto possível, o processo natural de respiração. (...) Pouco tempo depois, percebemos leves sinais de que ele estava voltando à vida. (...) Eles tornaram-se cada vez mais distintos, até que ele voltou ao pleno gozo de suas funções vitais” (citado em Romney, *Life of Lorenzo Snow*, pp. 203—204).

Depois de investigações e várias reuniões com os membros, Walter Gibson foi excomungado e a liderança da Igreja e da missão no Haváí foi posta sob a direção de Joseph F. Smith. O Élder Snow voltou para casa com o Élder Benson.



Fotografia de Don O. Thorpe

O Monte das Oliveiras, perto de Jerusalém. Em 1872, o Presidente Brigham Young chamou seu primeiro conselheiro, George Albert Smith, para ir à Terra Santa dedicá-la ao Senhor. Lorenzo Snow e sua irmã Eliza estavam entre os sete companheiros de viagem do Presidente Smith.

ELE ERA UM APÓSTOLO DEDICADO E UM DEFENSOR DA FÉ

A lei Morrill de 1862, a lei Edmunds de 1882 e a lei Edmunds Tucker de 1887 foram postas em vigor nas três décadas que antecederam a publicação do Manifesto em 1890. Nessa época, muitas propriedades da Igreja foram confiscadas.

Em 1886, o Élder Lorenzo Snow foi acusado de violar a lei Edmunds e condenado. Só se podia apelar das decisões relativas ao casamento plural em instâncias superiores às territoriais, como a Corte Suprema dos Estados Unidos, se o réu estivesse preso. O Élder Snow foi encarcerado, como dezenas de seus irmãos e cumpriu uma pena de onze meses. Durante esse período, organizou uma escola.

Paciente no cárcere, Lorenzo Snow era como o Apóstolo Paulo. Anos antes, ele testificara:

“Estamos aqui para sermos instruídos na escola do sofrimento e das terríveis tribulações. Essa escola foi necessária para Jesus, nosso irmão mais velho, que, como as escrituras nos ensinam, Se tornou perfeito por meio do padecimento. É preciso que soframos em todas as coisas a fim de nos qualificarmos e nos tornarmos dignos de reinar e governar sobre todas as coisas, assim como nosso Pai Celestial e Seu Filho Primogênito Jesus. (...)

Onde está entre vocês o homem que, ao atravessar o véu e contemplar a pureza, glória, poder, majestade e domínio de um homem perfeito na glória celeste da eternidade, não renunciará com alegria à vida, sofrerá as mais excruciantes torturas e deixará que membro após membro de seu corpo lhe seja arrancado em vez de desonrar ou rejeitar seu sacerdócio?” (“Address to the Saints of Great Britain”, *Millennial Star*, 1º de dezembro de 1851, p. 363.)

ELE TROUXE UMA JOVEM DE VOLTA À VIDA

Pouco depois de ser batizado, Lorenzo Snow recebeu uma bênção do Patriarca Joseph Smith Sênior. Entre outras bênçãos, Lorenzo Snow recebeu a promessa de que “se necessário, os mortos se levantariam e ressurgiriam sob suas ordens”.

(Citado em Romney, *Life of Lorenzo Snow*, p. 406.)

Essa bênção prometida se cumpriu literalmente muitos anos depois

quando o Presidente Snow, na época presidente do Quórum dos Doze Apóstolos, abençoou sua sobrinha Ella Jensen, de Brigham City, Utah, e chamou seu espírito de volta do mundo espiritual depois de ela ter morrido três horas antes. Ella Jensen escreveu o seguinte acerca dessa experiência:



Lorenzo Snow

“No dia 1º de março de 1891, fiquei gravemente enferma, vítima de escarlatina, e sofri muito durante uma semana. Na manhã do dia 9, acordei com a sensação de que iria morrer. Assim que abri os olhos, vi alguns de meus parentes do outro mundo. (...) Então, pedi a minha irmã que me ajudasse a preparar-me para ir para o mundo dos espíritos. Ela penteou meus cabelos, lavou-me e escovei os dentes e limpei as unhas para estar pronta para apresentar-me a meu Criador. (...) Em seguida, despedi-me de meus entes queridos, e meu espírito deixou meu corpo.

Durante algum tempo, consegui ouvi meus pais e outros parentes chorarem e lamentarem-se, e isso me perturbou profundamente. Contudo, assim que vi de relance o outro mundo, minha atenção passou dos meus parentes da Terra para os familiares que estavam no mundo espiritual e que pareciam todos felizes em me ver. (...) Vi muitos de meus amigos e parentes falecidos, e citei-os todos várias vezes depois. Conversei com muitos deles. (...) Depois de ficar com meus amigos falecidos por um período que me pareceu muito curto, ainda que tenha durado várias horas, ouvi o apóstolo Lorenzo Snow ministrar-me, dizendo que eu deveria voltar, pois ainda tinha algum trabalho a realizar na Terra. Hesitei em deixar aquele local celeste, mas eu disse a meus amigos que precisava partir. (...) Por muito tempo depois daquele dia senti o forte desejo de voltar àquele lugar de repouso celeste, onde passei tão pouco tempo” (citado em “Remarkable Experience”, *Young Woman's Journal*, janeiro de 1893, p. 165).

O SALVADOR APARECEU A ELE NO TEMPLO DE SALT LAKE



Alice Armada Snow Young Pond (1876–1943), ouviu seu avô, o Presidente Lorenzo Snow, contar sua experiência da visita do Senhor no Templo de Salt Lake.

época — ela devia milhões de dólares e era incapaz de pagar até mesmo os juros de suas dívidas.

“Havia algum tempo que a saúde do Presidente Woodruff estava debilitada. Quase todas as noites, o Presidente Lorenzo Snow visitava-o em sua casa. Certa noite, os médicos disseram que o Presidente Woodruff não viveria muito mais tempo, e seu estado piorava a cada dia. O Presidente Snow preocupou-se imensamente. Nem podemos imaginar hoje a terrível situação financeira da Igreja naquela

Meu pai foi até sua sala no Templo de Salt Lake, vestindo os trajes do sacerdócio, ajoelhou-se no altar sagrado no Santo dos Santos na casa do Senhor e lá suplicou ao Senhor que poupasse a vida do Presidente Woodruff, a fim de que o Presidente Woodruff vivesse mais tempo do que ele e que a grande responsabilidade da liderança da Igreja não recaísse sobre seus ombros. Não obstante, prometeu ao Senhor que cumpriria com dedicação cada dever que lhe fosse pedido. (...)

(...) [Em 2 de setembro de 1898, depois de receber a notícia da morte de Wilford Woodruff, o Presidente Snow] dirigiu-se a sua sala particular no Templo de Salt Lake.

O Presidente Snow colocou suas roupas do templo, foi novamente até o mesmo altar sagrado, ofereceu os sinais do sacerdócio e abriu seu coração para o Senhor. Ele lembrou ao Senhor como lhe suplicara que poupasse a vida do Presidente Woodruff, para que os dias do Presidente Woodruff se prolongassem mais do que os seus; assim, ele nunca teria que carregar os pesados fardos e responsabilidades da Igreja. ‘No entanto’, disse ele, ‘seja feita a Tua vontade. Jamais almejei esta responsabilidade, mas se for de Tua vontade, apresento-me agora perante Ti para receber Tua orientação e instrução. Peça-Te que me mostres o que desejas que eu faça.’

Ao terminar sua oração, ele aguardou a resposta, alguma manifestação especial do Senhor. Esperou, esperou e esperou. Não houve resposta, nenhuma voz, nenhuma visita, nenhuma manifestação. Ele saiu do altar e da sala profundamente decepcionado. Ao deixar a sala celestial e entrar num longo corredor, uma manifestação gloriosa foi dada ao Presidente Snow, que relatei nas palavras de sua neta Allie Young Pond. (...)

‘Certa noite quando eu estava visitando meu avô Snow em sua sala no Templo de Salt Lake, fiquei até os porteiros partirem e os vigias noturnos não terem chegado. Assim, meu avô disse que me levaria à entrada principal e eu sairia por lá. Pegou seu molho de chaves na gaveta. Depois de sairmos da sala dele e enquanto ainda estávamos no longo corredor que leva à sala celestial, eu estava a alguns passos na frente dele quando ele me parou e disse: “Espere um instante, Allie, quero dizer-lhe algo. Foi exatamente aqui que o Senhor Jesus Cristo apareceu para mim na época da morte do Presidente Woodruff. Ele instruiu-me a reorganizar a Primeira Presidência da Igreja imediatamente, em vez de esperar algum tempo como fora o caso depois da morte dos presidentes anteriores. Disse-me ainda que eu deveria substituir o Presidente Woodruff.”

Em seguida, meu avô deu um passo em minha direção, estendeu a mão esquerda e disse: “Ele estava exatamente aqui, pairando a cerca de um metro do chão. Parecia pairar sobre uma chapa de ouro maciço.”

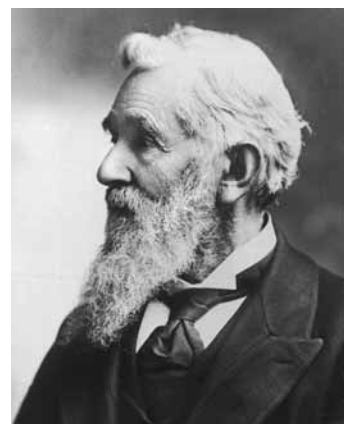
Meu avô disse-me como o Salvador é um ser glorioso e descreveu Suas mãos, pés, semblante e belas túnicas brancas. Tudo era de uma alvura, glória e esplendor tal que era difícil contemplá-Lo.

Então, ele deu outro passo adiante, pôs a mão direita sobre minha cabeça e disse: “Agora, minha neta, quero que você recorde que este é o testemunho de seu avô, que ele lhe disse com seus próprios lábios que de fato viu o Salvador, aqui no templo, e conversou com Ele face a face” (LeRoi C. Snow, “An Experience of My Father’s”, *Improvement Era*, setembro de 1933, p. 677).

ELE FOI CHAMADO COMO PRESIDENTE DA IGREJA

Lorenzo Snow serviu durante nove anos como presidente do Quórum dos Doze Apóstolos e, aos oitenta e quatro anos de idade, tornou-se o Presidente da Igreja.

Algumas pessoas achavam que um homem de sua idade não seria capaz de suportar os rigores e desafios da presidência. Fisicamente, ele não era alto. Era de compleição delicada e dava a impressão de fragilidade, pois pesava apenas 57 quilos. Porém, logo desfez esses temores. Permaneceu ereto, forte, ativo e cheio de inspiração até a época de sua última doença aos oitenta e sete anos de idade. Deu inúmeras provas de lucidez ao dirigir a palavra aos santos, dirigir a Igreja e levar o reino de Deus avante rumo a seu destino.



O Presidente Lorenzo Snow



A Primeira Presidência e o Quórum dos Doze Apóstolos

Sua filha mais nova, nascida quando ele tinha oitenta e dois anos de idade, contou que ele costumava levá-la nas costas escada acima até o último ano de sua vida. Contudo, ainda mais importante, o Senhor não se preocupava com a idade avançada do Presidente Snow, pois fora Ele que chamara este gigante espiritual de oitenta e quatro anos de idade para ser Seu profeta.

ELE RECEBEU REVELAÇÕES QUE AJUDARAM A SOLUCIONAR A CRISE FINANCEIRA DA IGREJA

O Presidente Lorenzo Snow debateu-se muito para tirar a Igreja das dificuldades financeiras provocadas por décadas de perseguição. Como o governo federal havia confiscado inúmeras propriedades da Igreja, muitos membros da Igreja pareciam ter a impressão de que pagar o dízimo e outras ofertas significava simplesmente abrir mão de seus meios para que fossem usados pelos inimigos do reino. Os santos não eram ricos, e muitos resolveram não mais pagar o dízimo. Os recursos da Igreja estavam extremamente limitados.

No início de maio de 1899, o Senhor revelou ao Presidente Snow que ele e outras das autoridades gerais deveriam ir a St. George, Utah, e realizar uma conferência. O Senhor não revelou naquele momento o propósito da visita, mas simplesmente que deveriam realizar uma série de conferências especiais. Foram a St. George de carruagem.

A primeira sessão da conferência em St. George foi realizada em 17 de maio de 1899. O Presidente Snow disse aos santos locais: “Irmãos e irmãs, estamos em seu meio porque o Senhor me orientou para que viesse; mas o propósito desta visita não nos é conhecido até o momento. Contudo, ele me será manifestado no curso de minha estada.” (citado em Romney, *Life of Lorenzo Snow*, p. 456).



O Tabernáculo de St. George, onde foi apresentada pela primeira vez a revelação do Presidente Snow sobre o dízimo.

Usado com permissão da Sociedade Histórica do Estado de Utah. Todos os direitos reservados.

LeRoi C. Snow, filho do Presidente Snow, estava fazendo a cobertura jornalística da conferência para o *Deseret News* e registrou o que aconteceu na sessão seguinte quando o Presidente Snow estava discursando:

“Subitamente, meu pai fez uma pausa em seu discurso. Um silêncio absoluto reinava na sala. Enquanto eu viver, jamais me esquecerei da emoção daquele momento. Quando ele voltou a falar, sua voz fortaleceu-se e a inspiração de Deus parecia dominá-lo, bem como a congregação como um todo. Seus olhos pareciam iluminar-se e seu semblante, resplandecer. Ele ficou cheio de um poder incomum. Então, revelou aos santos dos últimos dias a visão que estava diante dele.

Deus manifestou-lhe naquela hora e local não apenas o propósito do chamado para visitar os santos do sul de Utah, mas também a missão especial de Lorenzo Snow, a obra grandiosa para a qual Deus o preparara e preservara. Então, ele revelou a visão ao povo. Disse-lhes que era capaz de ver, como nunca vira antes, como a lei do dízimo tinha sido negligenciada pelas pessoas e também que os próprios santos estavam altamente endividados, tal qual a Igreja. Mas a partir daquele momento, por meio da estrita obediência a essa lei — o pagamento de um dízimo integral e honesto — a Igreja não só seria aliviada de suas grandes dívidas, mas por meio das bênçãos do Senhor essa seria também a maneira de livrar os santos dos últimos dias de suas obrigações individuais, e eles se tornariam um povo próspero” (LeRoi C. Snow, “The Lord’s Way out of Bondage Was Not the Way of Men”, *Improvement Era*, julho de 1938, p. 439).



Fotografia cedida gentilmente pela Sociedade Histórica do Estado de Utah

Interior do Tabernáculo de St. George

Em seu discurso, o Presidente Snow disse aos santos:

“A palavra do Senhor para vocês não tem nada de novo; é simplesmente o seguinte: CHEGOU A HORA DE TODOS OS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS QUE DESEJAREM ESTAR PREPARADOS PARA O FUTURO E COM OS PÉS FIRMES NUM ALICERCE SEGURO FAZEREM A VONTADE DO SENHOR E PAGAREM UM DÍZIMO INTEGRAL. Essa é a palavra do

Senhor para vocês, e será a palavra do Senhor para todas as comunidades em toda a terra de Sião. Depois de minha partida, quando vocês pararem para refletir sobre isso, verão por si mesmos que chegou a hora de todo homem pagar um dízimo integral. O Senhor abençoou-nos e teve misericórdia de nós no passado; mas virão tempos em que o Senhor exigirá que nos ergamos e façamos o que Ele nos ordenou e não mais sejamos negligentes. O que lhes digo nesta estaca de Sião direi a todas as estacas organizadas de Sião. Nenhum homem ou mulher que ouve minha voz se sentirá satisfeito caso deixe de pagar um dízimo integral” (“Discourse by President Lorenzo Snow”, *Millennial Star*, 24 de agosto de 1899, p. 533).

“Antes de eu morrer”, disse o Presidente Snow certa vez, “espero ver a Igreja livre das dívidas e em boa situação financeira” (“Characteristic Sayings of President Lorenzo Snow”, *Improvement Era*, junho de 1919, p. 651). Por revelação, exortou os santos a obedecerem à lei do dízimo. A obediência dos santos a esse apelo permitiu que a Igreja saldasse suas dívidas (durante a administração do Presidente Joseph F. Smith) e estabelecesse um alicerce temporal firme para o reino de Deus. Boa parte do crescimento atual nos templos, capelas e outros prédios e programas da Igreja em todo o mundo é um resultado direto da prosperidade material da Igreja que resulta da obediência dos santos à lei do dízimo.

ELE DIVERTIU-SE NUMA CORRIDA DE CARRUAGENS

Depois da conferência em St. George, Utah, onde foi recebida a revelação do dízimo, o Presidente Lorenzo Snow e sua comitiva saíram de carruagem de St. George e passaram pelo maior número de cidades possível no caminho de volta para Salt Lake City, pregando em cada parada. Quando o grupo estava entre Cove Fort e Fillmore, a carruagem do Presidente Snow estava à frente de todas as outras. O dia estava claro e todos estavam de bom humor.

“Em geral, a comitiva do Presidente Snow [que estava com oitenta e cinco anos de idade] tinha certa dificuldade para manter o ritmo, mas nessa ocasião a carruagem dele estava num andamento extremamente confortável. O Presidente Joseph F. Smith, que era o segundo na ordem, passou ao lado do Presidente Snow e sugeriu: ‘Talvez fosse bom aproveitarmos estas boas estradas para irmos um pouco mais rápido, Presidente Snow.’

‘Muito bem’, foi a resposta, ‘siga-me’. O Presidente Snow deu uma cutucada cúmplice no cocheiro e, no minuto seguinte, ambas as carruagens passaram a correr a mais de sessenta quilômetros por hora, numa região

cheia de arbustos e valas. As pessoas que iam atrás viam apenas uma nuvem de poeira, com um vislumbre ocasional de algo parecido com a parte superior de uma carroça. Os cavalos seguiram em frente, e o entusiasmo dos viajantes aumentava a cada salto. Era revigorante. Os cavalos tinham viajado lado a lado por três quilômetros ou mais. Os olhos do líder idoso brilhavam como diamantes quando se levantou de seu assento para ver o desenrolar da corrida.

‘Avante, avante!’ exclamava ele, ‘não se preocupe com os sulcos da estrada. Não podemos perder. Sigamos em frente!’ e o cocheiro obedeceu. A carruagem do Presidente Smith ficou ligeiramente para trás, e a outra manteve a liderança. Arbustos desérticos e buracos enormes na estrada não incomodavam em nada esses líderes veneráveis, que pareciam reviver sua infância. Em meio a solavancos que os lançavam para o alto e para baixo, a competição durou cerca de 25 quilômetros. O Presidente Snow adora contar como sua carruagem foi a vencedora, embora as honras sejam contestadas pelo Presidente Smith” (citado em Romney, *Life of Lorenzo Snow*, pp. 453, 455).



A Primeira Presidência, 18 de setembro de 1898: George Q. Cannon, Lorenzo Snow e Joseph F. Smith

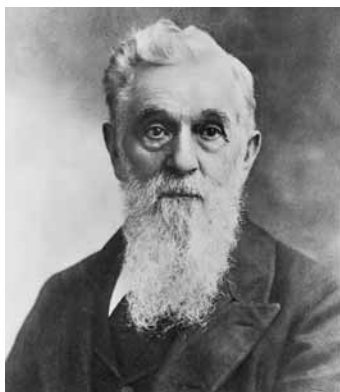
ELE RECEBEU UMA REVELAÇÃO SOBRE O POTENCIAL DIVINO DO HOMEM

“No primeiro semestre de 1840, pouco antes de partir para sua primeira missão na Inglaterra, Lorenzo Snow passou uma noite na casa de um amigo, o Élder H. G. Sherwood, em Nauvoo. O Élder Sherwood estava tentando explicar a parábola do Salvador sobre o fazendeiro que enviou trabalhadores em horas diferentes do dia para cultivar a vinha. Enquanto eles estavam refletindo a respeito disso, ocorreu algo de suma importância, conforme relatado pelo próprio Presidente Snow:

‘Ao ouvir atentamente a explicação do (Élder Sherwood), o Espírito do Senhor repousou fortemente sobre mim, e os olhos de meu entendimento abriram-se, e vi tão claro como o sol do meio-dia, maravilhado

e surpresa, a trajetória de Deus e do homem. Formulei o seguinte verso que expressa a revelação que me foi mostrada (...):

*Como o homem é
agora, Deus já foi;
Como Deus é agora,
o homem pode
tornar-se.*



O Presidente Lorenzo Snow

Senti que se tratava de uma comunicação sagrada que não relatei a ninguém exceto Eliza, até chegar à Inglaterra, quando numa conversa confidencial com o Presidente Brigham Young, em Manchester, contei-lhe essa manifestação extraordinária.’

Pouco depois de voltar da Inglaterra, em janeiro de 1843, Lorenzo Snow relatou ao Profeta Joseph Smith sua experiência na casa do Élder Sherwood. Isso se deu por ocasião de uma entrevista confidencial em Nauvoo. A resposta do Profeta foi: ‘Irmão Snow, trata-se de uma doutrina verdadeira do evangelho, e é uma revelação de Deus para você’” (Snow, *Improvement Era*, junho de 1919, p. 656).

O princípio do potencial divino do homem fora revelado anteriormente ao Profeta Joseph Smith e Joseph Smith Sênior. De fato, fora uma declaração feita pelo Patriarca da Igreja quatro anos antes que, pela primeira vez, fizera a mente de Lorenzo Snow despertar para esse assunto. Quando ele estava pesquisando os ensinamentos da Igreja, Joseph Smith Sênior tinha-lhe dito: “Logo te convencerás da veracidade da obra dos últimos dias e te tornarás tão grande quanto desejares — até grande como Deus, e não podes desejar mais do que isso”. (Citado em Snow, *Improvement Era*, junho de 1919, p. 654.) Contudo, essa doutrina só foi ensinada publicamente em 1844.

Lorenzo Snow estava presente quando o Profeta Joseph Smith proferiu o sermão fúnebre para King Follet, um élder da Igreja, durante a conferência da Igreja em abril. Em seu discurso, o Profeta ensinou:

“O próprio Deus já foi como somos hoje e é um homem exaltado, entronizado nos altos céus! Esse é o grande segredo. Se o véu se rompesse hoje e o grande Deus que mantém este planeta em sua órbita e conserva todos os mundos e todas as coisas pelo Seu poder Se mostrasse a nós, digo que se O víssemos hoje, nós O veríamos na forma de um homem, como nós mesmos, em toda a aparência, imagem e forma de um homem. Afinal, Adão foi criado na forma, imagem e semelhança de Deus e recebeu instruções Dele; andou, conversou e

comunicou-se com Ele, como um homem fala e interage com outro. (...)

Essas idéias são incompreensíveis para algumas pessoas, mas são simples. *O primeiro princípio do evangelho é conhecer com certeza o caráter de Deus e saber que podemos conversar com Ele, como um homem conversa com outro, bem como ter ciência de que Ele já foi um homem como nós; sim, o próprio Deus, o Pai de todos nós, viveu num planeta, assim como o próprio Jesus Cristo o fez. E vou mostrá-lo na Bíblia”* (*Teachings of the Prophet Joseph Smith*, pp. 345–346).

Referindo-se a esses ensinamentos do sermão do Profeta, que foram impressos nos jornais *Times and Seasons* e *Millennial Star*, LeRoi C. Snow, filho do Presidente Snow, escreveu:

“No exemplar do Presidente Snow de *Times and Seasons*, que agora possuo, ele marcou com lápis essa parte do sermão do Profeta no funeral de King Follett de modo mais enfático do que qualquer outra referência em todos os seis volumes. Essa grande esperança no destino do homem, por meio da obediência estrita ao evangelho, estava em sua mente de maneira tão constante que ele a mencionava com freqüência a seus familiares, em seus discursos públicos, tanto ao falar a pais de família quanto a seus filhos pequenos. E muitos de seus amigos íntimos sabiam que era um de seus assuntos favoritos em conversas reservadas e confidenciais.

Poucas comparações foram usadas com mais freqüência pelo Presidente Snow em seus pronunciamentos públicos do que a seguinte:

‘Como ilustração, pensemos num bebê no seio de sua mãe. Ele não tem forças nem conhecimento para alimentar-se e vestir-se sozinho. É tão dependente que precisa ser alimentado por sua mãe. Mas pensem em suas possibilidades! Essa criança tem um pai e uma mãe, embora saiba bem pouco sobre eles. Quem é seu pai? Quem é sua mãe? Digamos que seu pai é um imperador, sua mãe uma imperatriz e eles assentam-se num trono e governam um grande reino. É muito provável que esse infante um dia venha a sentar-se no trono de seu pai e a governar e controlar o império, assim como o rei Edward da Inglaterra hoje ocupa o trono de sua mãe. Devemos ter isso em mente; pois somos os filhos de Deus, tanto quanto filhos de nossos pais terrenos.

Vocês, irmãs, já devem ter lido o poema escrito por minha irmã Eliza R. Snow Smith anos atrás e que agora cantamos com freqüência em nossas reuniões. [Ver “Ó Meu Pai”, *Hinos*, 177.] Ele diz-nos que não só temos um Pai naquela “real, celeste mansão”, mas Mãe também. E vocês, irmãs, vão-se tornar tão grandes quanto sua Mãe, caso sejam fiéis” (*Improvement Era*, junho de 1919, p. 658).



A Primeira Presidência e o Quórum dos Doze Apóstolos

ELES ORGANIZARÃO MUNDOS E NELES REINARÃO

“Pouco tempo antes de sua morte, o Presidente Snow visitou a Universidade Brigham Young [na época, Academia Brigham Young], em Provo. O Presidente Brimhall acompanhou a comitiva na visita a um dos prédios; ele queria chegar ao auditório o mais rápido possível, pois os alunos já estavam reunidos esperando. Eles passaram em frente a uma das salas do jardim-de-infância; o Presidente Brimhall chegara à porta do auditório e estava prestes a abri-la quando o Presidente Snow disse: ‘Espere um instante, Presidente Brimhall, quero ver as crianças em atividade; o que elas estão fazendo?’ O irmão Brimhall respondeu que estavam modelando esferas de argila. ‘Muito interessante’, comentou o Presidente Snow. ‘Quero observá-las.’ Ele observou as crianças serenamente por vários minutos e depois levantou uma menininha, talvez de seis anos de idade, e colocou-a de pé sobre uma mesa. Então, tirou a esfera de sua mão e, voltando-se para o irmão Brimhall, disse:

‘Presidente Brimhall, essas crianças hoje estão brincando, construindo mundos de argila, mas tempo virá em que alguns desses meninos, mediante sua fidelidade ao evangelho, progredirão e se desenvolverão em conhecimento, inteligência e poder nas eternidades futuras, até saírem pelo espaço onde há matéria inorganizada e reunirem os elementos necessários e, por meio de seu conhecimento e controle sobre as leis e poderes da natureza, organizarão a matéria na forma de mundos nos quais sua posteridade poderá habitar e onde eles

reinarão como deuses” (Snow, *Improvement Era*, junho de 1919, pp. 658–659).

AS TRIBULAÇÕES DA MORTALIDADE SÃO A ESCOLA DA PERFEIÇÃO

Em 1851, o Élder Lorenzo Snow, na época membro do Quórum dos Doze Apóstolos, deu os seguintes conselhos:

“Em todos os seus atos e conduta, tenham sempre em mente que vocês estão preparando-se e edificando uma vida que continuará ao longo da eternidade. Não ajam segundo nenhum princípio que os envergonharia ou que vocês não estariam dispostos a seguir no céu; não empreguem nenhum meio para atingir um objetivo que uma consciência celestial iluminada desaprovava. Ao passo que os sentimentos e as paixões os impelem à ação, permitam que os princípios puros, honrados, santos e virtuosos sempre reinem e governem. A Deidade está dentro de nós, nossa essência espiritual é a Deidade — somos filhos de Deus, gerados a Sua imagem. (...)

Estamos aqui a fim de sermos educados na escola do sofrimento e das tribulações, escola essa que foi necessária para Jesus, nosso irmão mais velho, que, conforme nos ensinam as escrituras, Se tornou perfeito por meio do padecimento. É preciso que soframos em todas as coisas, a fim de nos qualificarmos e nos tornarmos dignos de reinar e governar em todas as coisas, assim como nosso Pai Celestial e Seu Filho Primogênito Jesus” (“Address to the Saints of Great Britain”, *Millennial Star*, 1º de dezembro de 1851, p. 363).

DEVEMOS EMPENHAR-NOS SINCERAMENTE PARA SER OBEDIENTES



O Presidente Lorenzo Snow

O Presidente Lorenzo Snow ensinou: “Sentimos grande alegria ao sabermos ter feito o que é certo no passado e ao ponderarmos sobre isso. Sentimos da mesma forma ao termos consciência de estar agindo de modo correto no presente, pois todos os santos dos últimos dias têm o privilégio de receber a confirmação de estarem agindo à maneira do Senhor. (...) Esse é um privilégio que

todos os santos dos últimos dias devem procurar desfrutar: saber com certeza que seus atos são aceitos por Deus. Temo que os santos dos últimos dias não sejam muito melhores e talvez sejam até piores do que os outros povos, caso não tenham esse conhecimento e não procurem fazer o que é certo. (...)

(...) João disse: ‘Amados, agora somos filhos de Deus, e ainda não é manifestado o que havemos de ser. Mas sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele; porque assim como é o veremos. E qualquer que nele tem esta esperança purifica-se a si mesmo, como também ele é puro’ [I João 3:2–3].

Todos os homens que têm essa esperança Nele purificam a si mesmos. Então, surge naturalmente a determinação de se empenharem para alcançar aquela posição elevada e nobre, de procurar receber as maravilhosas promessas feitas pelo Senhor. Eles são induzidos a seguir um curso de retidão” (Conference Report, abril de 1898, p. 13).

DEVEMOS ESFORÇAR-NOS DIARIAMENTE PARA APERFEIÇOAR-NOS

O Presidente Lorenzo Snow ensinou: “Devemos aperfeiçoar-nos e avançar o mais rápido possível rumo à perfeição. Dizem que não podemos ser perfeitos. Jesus ordenou que fôssemos perfeitos como Deus, o Pai, é perfeito. Temos o dever de tentar ser perfeitos e de melhorar a cada dia; devemos avaliar nossos atos da semana passada e sair-nos melhor nesta semana; devemos agir melhor hoje do que ontem e seguir em frente, galgando os degraus da retidão. Jesus regressará em breve e aparecerá em nosso meio, como o fez quando esteve na Terra entre os judeus. Comerá e beberá em

nossa companhia e conversará conosco. Explicará os mistérios do Reino e nos dirá coisas das quais não é lícito falar agora” (Conference Report, abril de 1898, pp. 13–14).

PRECISAMOS DE AUXÍLIO DIVINO PARA VENCER O MUNDO

O Presidente Lorenzo Snow ensinou o seguinte sobre como podemos receber auxílio de Deus:

“Li algo muito peculiar em relação às promessas que foram feitas e que sei que se cumprirão, caso, de nossa parte, cumpramos nosso dever. Não vivi nesta Igreja por quase sessenta e dois anos sem aprender algo. Dediquei-me para ser digno de receber algo que nenhum homem mortal pode receber a não ser por meio da influência e poder do Espírito Santo. E o Senhor mostrou-me coisas e fez com que as compreendesse de modo tão claro quanto o sol do meio-dia; coisas relativas ao que acontecerá no final com os santos dos últimos dias que forem fiéis a seus chamados. (...) [Então, ele citou D&C 84:37–38 e Apocalipse 3:21].

Há muitas escrituras que tratam desse assunto. Creio nisso. Acredito que somos os filhos e filhas de Deus e que Ele nos conferiu a capacidade de alcançar sabedoria e conhecimento infinitos, pois concedeu-nos uma porção de Si mesmo” (Conference Report, abril de 1898, pp. 62–63).

“Dependemos do Espírito do Senhor para que nos auxilie e nos manifeste de tempos em tempos o que é necessário fazermos nas circunstâncias inusitadas em que vivemos. Os santos dos últimos dias, ao se depararem com dificuldades, têm o privilégio de contar com o poder sobrenatural de Deus e, com fé, dia após dia, devem tirar proveito de suas circunstâncias para que lhes sejam benéficas e os ajudem a progredir nos princípios da santidade e santificação, a fim de se tornarem o mais semelhantes possível ao Pai” (Conference Report, outubro de 1898, p. 2).

NÃO DESANIMAR NA BUSCA DO APERFEIÇOAMENTO

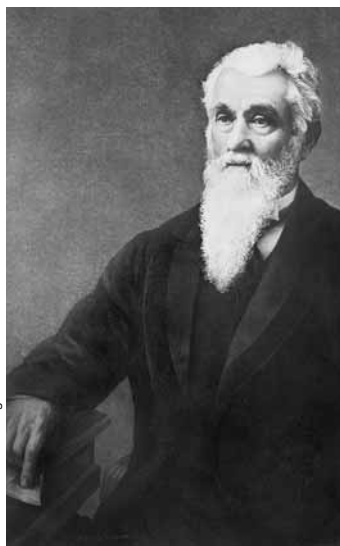
O Presidente Lorenzo Snow explicou:

“Se pudéssemos ler em detalhes a vida de Abraão ou de outros homens grandes e santos, de certo veríamos que seu empenho para serem justos nem sempre foi coroado de êxito. Assim, não devemos desanimar caso cedamos à tentação num momento de fraqueza, mas, pelo contrário, devemos arrepende-nos imediatamente da falha ou erro cometido e, à medida do possível, repará-lo e então buscar a Deus para receber força renovada para seguir em frente e sair-nos melhor. (...)

Se o Apóstolo Paulo houvesse desanimado por ter falhado visivelmente ao não cumprir o compromisso assumido de ficar ao lado do Salvador em todas as circunstâncias, teria perdido tudo; contudo, ao se arrepender e perseverar, não perdeu nada, mas ganhou tudo, permitindo que nos beneficiássemos de sua experiência. Os santos dos últimos dias devem cultivar esse desejo constantemente, como nos mostra o exemplo dos apóstolos da antiguidade. Devemos tentar conduzir-nos todos os dias de modo que nossa consciência esteja livre de ofensas a todas as pessoas. (...) Não devemos permitir-nos desanimar ao descobirmos nossas fraquezas” (*The Teachings of Lorenzo Snow*, ed. Clyde J. Williams [1996], pp. 34–35).

ELE CONTRIBUIU PARA A EDIFICAÇÃO DO REINO

Lorenzo Snow foi professor, cabo eleitoral, marido, pai, construtor de templos, superintendente de escola, oficiante no templo, presidente de ramo, pioneiro e apóstolo. Como membro do Quórum dos Doze Apóstolos, sentou-se em conselho e administrou os negócios da Igreja. Outras responsabilidades incluem o gerenciamento do Fundo Perpétuo de Emigração, a criação da Missão Italiana, a supervisão da tradução do Livro de Mórmon para novos idiomas e a preparação e publicação de panfletos. Serviu como membro do conselho de uma universidade, membro da Assembléia Legislativa do Território de Utah e fundou sociedades filosóficas e científicas. Austero, dedicado e altruísta, não trabalhou para si mesmo, mas para o Mestre, de quem era servo. Foi guiado em seu ministério por sonhos e revelações.



Pintura de Harris Weberg

O Presidente Snow comemorou seu octogésimo sétimo aniversário em 3 de abril de 1901.

Lorenzo Snow foi chamado para presidir os santos em Box Elder, Utah, que depois passou a chamar-se Brigham City. Foi interrompido nessa designação para servir na Guerra de Utah e como missionário no Havá e na Terra Santa. Quando voltou para Brigham City, a cooperativa que ele criara estava indo de vento em popa. (A cooperativa foi dissolvida sob a pressão federal contra o casamento plural no fim da década de 1870.)

Lorenzo Snow foi conselheiro na Primeira Presidência sob a direção de Brigham Young, serviu durante nove anos como Presidente do Quórum dos Doze Apóstolos e, com a idade avançada de oitenta e quatro anos, assumiu o cargo de Presidente da Igreja. Durante três anos, lutou para tirar a Igreja das dificuldades financeiras resultantes de décadas de perseguição. Salientou mais uma vez a importância da lei do dízimo entre os santos. Teve sucesso em seu empenho para colocar a Igreja no rumo da solvibilidade completa e em seguida pôs em prática a visão de seus primeiros anos apostólicos: estabelecer missões em toda a Terra. Enviou missionários ao Japão e falou em levar o evangelho a todas as nações. Procurou purificar Sião e reconfortava-se na promessa contida no princípio que ele compreendera ao longo de toda a sua vida: “O destino do homem é ser como seu Pai — um deus na eternidade.” Ele sentia que esse conhecimento era como uma reluzente estrela-guia diante dele em todos os momentos: em seu coração, sua alma e sua mente.

*Como o homem é agora, Deus já foi;
Como Deus é agora, o homem pode tornar-se.*

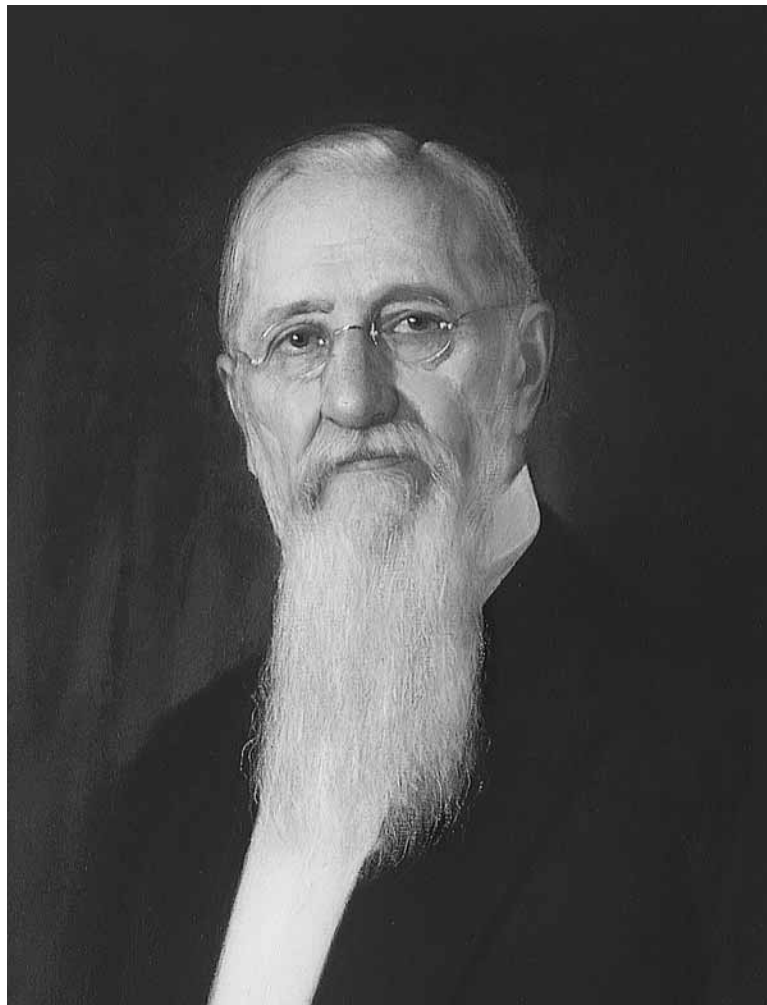
*Um filho de Deus, como Ele na eternidade
Isso em nada diminui a Deidade.*

[Lorenzo Snow, *Improvement Era*, junho de 1919, p. 651.]

O Presidente Lorenzo Snow foi um profeta de Deus e deve ser lembrado como um dos reformadores sociais de maior destaque de sua época.

Joseph F. Smith

SEXTO PRESIDENTE DA IGREJA



EVENTOS MARCANTES DA VIDA DE JOSEPH F. SMITH

Idade Acontecimentos

- Nasce em 13 de novembro de 1838, em Far West, Condado de Caldwell, Missouri, filho de Hyrum e Mary Fielding Smith.
- 5 Martírio de seu pai, Hyrum Smith (27 de junho de 1844).
- 9 Conduz uma parelha de bois ao longo das planícies de Winter Quarters para Salt Lake City. (1848)
- 13 Morte de sua mãe, Mary Fielding Smith (21 de setembro de 1852).
- 15–19 Serve como missionário no Havaí (1854–1857).
- 19 Serve na campanha de Echo Canyon na Guerra de Utah (1857).
- 21 Casa-se com Levira A. Smith (5 de abril de 1859).
- 21–24 Serve como missionário na Grã-Bretanha (1860–1863).
- 25 Serve numa missão especial no Havaí (1864).
- 27–35 Começa a servir como membro da Assembléia Legislativa do território de Utah (1865–1874).
- 27 É ordenado apóstolo e designado conselheiro do Presidente Brigham Young (1º de julho de 1866; serve também como conselheiro dos Presidentes John Taylor, 1880–1887; Wilford Woodruff, 1889–1898; e Lorenzo Snow, 1898–1901).
- 28 Apoiado como membro do Quórum dos Doze Apóstolos (8 de outubro de 1867).
- 35 Serve como presidente da Missão Européia (1874–1875).
- 39 Serve como missionário no leste dos Estados Unidos para coletar dados sobre a história da Igreja (1878).
- 46 Parte em exílio voluntário em virtude das perseguições à prática do casamento plural (1884–1891).
- 51 Proclamação do Manifesto, que pôs fim ao casamento plural (Declaração Oficial — 1) (1890).
- 54 Serve como membro da Assembléia Constituinte do Estado de Utah (1893).
- 62 Torna-se Presidente da Igreja (17 de outubro de 1901; é apoiado em 10 de novembro).
- 65 Presta depoimento no Congresso Nacional (2–9 de março de 1904); emite um segundo manifesto sobre o casamento plural (6 de abril de 1904).
- 67 Primeiro Presidente da Igreja a visitar a Europa durante sua administração (verão boreal de 1906).
- 70 A Primeira Presidência emite uma declaração oficial sobre a origem do homem (novembro de 1909).
- 74 Introdução do programa da noite familiar (1915).
- 75 A Primeira Presidência divulga uma exposição doutrinária sobre o Pai e o Filho (1916).
- 79 Recebe uma visão da redenção dos mortos (D&C 138; 3 de outubro de 1918).
- 80 Morre em Salt Lake City, Utah (19 de novembro de 1918).

Joseph F. Smith nasceu em 13 de novembro de 1838 durante um período de duras perseguições aos santos de Deus. Seu pai, Hyrum Smith, junto com seu tio, o Profeta Joseph Smith, estava preso na Cadeia de Liberty. Sua mãe, Mary Fielding Smith, enferma devido ao desgaste físico e emocional, precisava de ajuda de pessoas próximas para cuidar dele e dos outros cinco filhos de Hyrum.

ELE NASCEU NUM PERÍODO CONTURBADO



Mary Fielding Smith, mãe de Joseph F. Smith

Os integrantes da milícia/turba cercaram a residência de Hyrum Smith em Far West, Missouri. A voz de Samuel Bogart, um pregador inflamado que fora um dos principais incitadores do populacho contra os santos, podia ser ouvida dentro da casa onde Mary Fielding Smith estava aca-
mada. Sua irmã, Mercy Thompson, preocupada que Mary não se recuperasse de sua enfermidade, tentou acalmar seus

próprios temores e tranquilizar a irmã.

O estado crítico de Mary agravara-se emocionalmente quando seu marido fora tirado de casa à força, à ponta de baioneta. Um guarda cruel disse a Mary que deveria despedir-se de Hyrum, pois não o reveria vivo. Ela sofreu tudo isso enquanto esperava seu primeiro filho, que nasceu duas semanas depois. Ela chamou o bebê Joseph Fielding, em homenagem a seu irmão amado. Ela estava tão sobrecarregada que não tinha forças suficientes para cuidar do filho. Sua irmã Mercy (cujo marido fora forçado a fugir para salvar a própria vida) foi morar com ela para alimentar o bebê e ocupar-se dele.

Os membros da milícia tinham invadido várias casas com o pretexto de buscar armas, mas na verdade aproveitaram para roubar e maltratar os santos. Até



Hyrum Smith, pai de Joseph F. Smith

aquele momento, as duas irmãs não haviam sido molestadas, mas logo os malfeitores entraram em sua casa. Sem se importar com o estado de ninguém, confinaram todos, com exceção do bebê, Joseph F., num canto da casa e então começaram o saque e a pilhagem. Arrombaram um baú e apoderaram-se do conteúdo. Em outro aposento, alguns deles levantaram uma cama e jogaram-na em cima de outra durante sua busca frenética de objetos de valor. Em seu desrespeito pela vida, quase sufocaram o pequeno Joseph F. sob o peso sufocante das colchas e demais roupas de cama.

Depois de levarem o que queriam, os bandidos partiram tão rápido quanto chegaram. Os moradores precisaram de alguns instantes para recompor-se. Subitamente, lembraram-se do pequeno Joseph F. Com grande ansiedade, tiraram as colchas e cobertores da cama e salvaram-no. Embora houvesse ficado sufocado por algum tempo e sua pele estivesse arroxeadada devido à falta de oxigênio, fora poupado da morte. Mary seguiu o bebê nos braços, grata por ter sobrevivido.

O Élder Samuel O. Bennion, dos Setenta, testificou: “Creio que o Senhor o conhecia antes de ele vir a este mundo. Quando Joseph F. Smith nasceu no Missouri, Deus já o conhecia. Creio também que Lúcifer, o ‘filho da manhã’, o conhecia e que ele, o adversário de toda a justiça, tentou destruí-lo. (...) Acredito que ele foi reconhecido por Lúcifer, pois viria a tornar-se um grande líder em Israel”. (Conference Report, outubro de 1917, p. 121)

ELE AMADURECEU MUITO CEDO



Pintura de Glen S. Hopkinson

Mary Fielding Smith e seu filho Joseph F. viajando para o Vale do Lago Salgado

A juventude de Joseph F. Smith foi inusitadamente árdua e serviu para que ele amadurecesse muito cedo. Quando tinha cinco anos de idade, seu pai e seu tio foram assassinados em Carthage, Illinois. Aos sete anos, conduziu uma parelha de bois de Montrose, Iowa, perto de Nauvoo, para Winter Quarters, a mais de trezentos quilômetros de distância.

“Mary Smith ficou com sua família em Nauvoo até a metade de 1846. Apenas um ou dois dias antes da batalha de Nauvoo, ao ouvir as ameaças, colocou os filhos num pequeno barco com os poucos bens que conseguiu carregar e atravessou o rio Mississipi até chegar a uma localidade perto de Montrose. Lá, embaixo de árvores, às margens do rio, acampou com a família naquela noite, e lá eles viveram o horror de ouvir o bombardeio de Nauvoo. (...) Embora Joseph não tivesse ainda oito anos de idade, precisou conduzir uma das parrelhas de bois na maior parte do caminho de Montrose até Winter Quarters, onde a família ficou até a primavera boreal de 1848. Nesse meio tempo, tentaram, com a ajuda de amigos que não estavam preparados para continuar a jornada e por meio de trabalho incessante, conseguir animais e bens suficientes para a travessia das planícies até Utah.” (Joseph Fielding Smith, comp., *Life of Joseph F. Smith* [1938], p. 131).

Quando tinha quase nove anos de idade, Joseph F., juntamente com vários outros meninos, recebeu a designação de vigiar as cabeças de gado no pasto, a cerca de três quilômetros da Cidade de Winter Quarters. Certa manhã, enquanto os animais pastavam, os meninos montaram em seus cavalos e divertiram-se fazendo pequenas corridas e saltando valas. De repente, foram atacados por índios.

Joseph F. escreveu: “Minha primeira idéia ou impulso foi salvar o gado, para que não fosse disperso, pois em questão de segundos me veio à mente a lembrança de que logo partiríamos para o vale, de nossa dependência do gado e do horror de sermos obrigados a ficar em Winter Quarters. Tentando agir com a velocidade do pensamento, precipitei-me para chegar à frente dos animais e, se possível, desviá-los no rumo de casa” (citado em Smith, comp. *Life of Joseph F. Smith*, p. 135).

Enquanto os outros meninos correram para buscar ajuda, Joseph F. tentou conduzir o gado de volta à cidade o mais rápido possível, mas não conseguiu ser mais ágil que os índios, que logo o alcançaram. Ainda assim, o menino continuou a esquivar-se e prosseguiu até seu cavalo perder o fôlego. Ele contou: “Havia um índio a minha esquerda e outro a minha direita, e cada um segurou-me por um braço e perna. Então, levantaram-me do cavalo e diminuíram a velocidade, e meu cavalo seguiu em frente sem mim; em seguida, soltaram-me violentamente no chão. Vários cavalos que vi atrás saltaram por cima de mim, mas não me machucaram. Os índios pegaram meu cavalo e, sem diminuir o ritmo, seguiram rumo ao local de onde tinham saído” (citado por Smith, comp., *Life of Joseph F. Smith*, p. 136).

Contudo, a perseguição durara o bastante para que homens que se aproximavam dos campos impedissem a volta dos índios. O gado foi salvo, mas o cavalo que Joseph F. estava usando nunca foi recuperado.

A FÉ DEMONSTRADA POR SUA MÃE

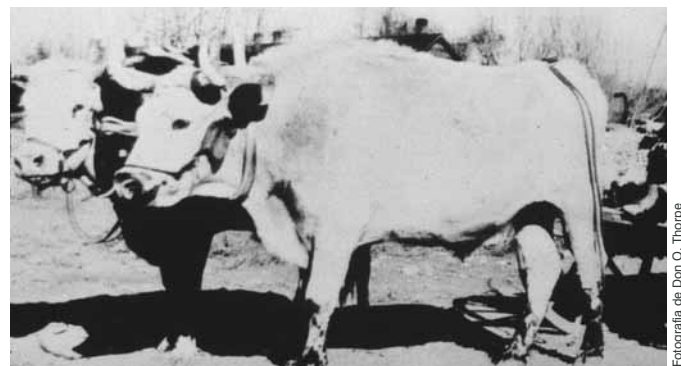
Numa viagem para adquirir provisões para a longa jornada de Winter Quarters para o Vale do Lago Salgado, o jovem Joseph F. Smith testemunhou a confiança e fé em Deus de sua mãe para vencer os obstáculos. Acampados à beira de um riacho certa noite perto de alguns homens que tinham cabeças de gado, Joseph F. levou os bois da família para o pasto.

Na manhã seguinte, deram pela falta de sua melhor parrelha de bois. Joseph F. e seu tio procuraram-na a manhã inteira até que ambos desistiram. Ele escreveu: “Fui o primeiro a voltar aos carroções e, ao aproximar-me, vi minha mãe ajoelhada em oração. Parei por um instante e depois dei em silêncio alguns passos à frente, o bastante para ouvi-la suplicar ao Senhor que não nos deixasse naquela situação desesperadora, mas que nos ajudasse a achar os animais perdidos a fim de seguirmos viagem em segurança. Quando ela se levantou, eu estava por perto. A primeira expressão que vi em seu rosto precioso foi um belo sorriso. Isso renovou minhas esperanças — eu que estava tão desanimado. Senti uma segurança que jamais sentira antes” (citado em Smith, comp., *Life of Joseph F. Smith*, p. 132).



Mary Fielding Smith

Pintura de Sutcliffe Mausley



Por meio da oração, Mary Fielding Smith encontrou seus bois perdidos.

Fotografia de Don O. Thorpe

Depois que Joseph F. e seu tio voltaram ao acampamento, a mãe de Joseph F. insistiu que eles comessem algo enquanto ela saía para procurar o gado. Seu irmão tentou dissuadi-la, insistindo que eles já tinham buscado por todas as partes. Mas ela estava determinada e iniciou uma marcha em direção ao rio. Pouco depois, viu um dos homens do acampamento vizinho que lhe disse ter visto os bois na direção contrária à que ela estava seguindo. Ela ignorou-o e continuou no mesmo

rumo. Ao chegar ao rio, virou-se e acenou para seu filho e seu irmão. Eles correram até ela e, como Joseph F. escreveu, “lá vi nossos bois amarrados a uma moita de salgueiros que crescia numa falha profunda erodida nas margens arenosas do rio por um pequeno córrego, o que impedia os animais de serem vistos. Logo os soltamos e retornamos ao acampamento, onde as outras cabeças de gado tinham sido amarradas às cordas do carroção a manhã inteira, e pouco depois iniciamos a viagem de volta para casa, regozijantes. Os boiadeiros desonestos partiram logo que viram que minha mãe não lhes dera ouvidos; espero que tenham ido em busca de honestidade desgarrada, e acho que encontraram” (citado por Smith, comp., *Life of Joseph F. Smith*, p. 133).

Posteriormente, durante a jornada para o Oeste, o jovem Joseph F. tornou a ver uma demonstração do poder da fé em Deus de sua mãe. Depois de ter percorrido boa parte do trajeto até Sião, um dos melhores bois da família foi ao chão. “Ele enrijeceu os músculos, em espasmos, como se estivesse à beira da morte. A morte desse animal fiel teria um efeito devastador para a viúva Smith em sua jornada para o vale. (...) Mostrando um recipiente de óleo consagrado, a viúva Smith pediu a seu irmão e James Lawson que administrassem ao boi como o fariam a uma pessoa enferma, pois o restabelecimento do boi era essencial para que ela seguisse viagem. Seu pedido sincero foi atendido. Esses irmãos colocaram óleo na cabeça do animal e em seguida impuseram as mãos sobre ele e reprenderam o poder do destruidor, assim como fariam no caso de um ser humano. O boi levantou-se imediatamente e, dentro de poucos instantes, voltou a puxar o carroção como se nada houvesse ocorrido. Isso deixou a companhia de pioneiros maravilhada. Antes de o grupo avançar muito, outro dos bois dela caiu, como o primeiro, mas ao receber o mesmo tratamento, também se reergueu. Isso aconteceu uma terceira vez, mas com a bênção, os animais restabeleceram-se plenamente” (Smith, comp., *Life of Joseph F. Smith*, p. 150).



A velha casa de adobe. Esta casa foi desmontada e transportada para o Parque Estadual Pioneer Trails, perto do monumento “Este é o Lugar” em Salt Lake City.

Fotografia de Don O. Thorpe

AINDA MENINO, ELE JÁ SE MOSTRAVA DIGNO DE CONFIANÇA

Joseph F. Smith escreveu: “Minha atividade principal de 1848 a 1854 foi cuidar de nossos animais, embora também tenha sempre ajudado a colher e debulhar grãos e a cortar madeira nos cânions e transportá-la à cidade. Fui o principal responsável pelos animais da família entre 1846 e 1854 e não me lembro nesse período da perda de um único deles pela morte, fuga ou nada parecido devido a negligência ou descuido de minha parte” (citado por Smith, comp., *Life of Joseph F. Smith*, p. 163).

Em certa ocasião, no inverno de 1848, “ele viu um lobo perseguindo uma ovelha em campo aberto. Era um dia chuvoso e o solo estava umedecido. Molhada, a lã da ovelha estava pesada, o que a impedia de correr mais depressa. Quando o lobo estava prestes a abocanhá-la, Joseph F. interveio e salvou-a. Embora os lobos fossem numerosos e ousados, Joseph F. estava sempre ao ar livre depois do escurecer, no frio, e conseguia ouvir seus uivos ferozes. Ele tinha um cachorro para ajudá-lo em seu trabalho, mas às vezes o cão ficava aterrorizado devido ao grande número de lobos e agachava-se aos pés dele. Esse foi o tipo de diversão desse menino fiel numa idade em que a maioria das crianças gosta de brincar e participar de atividades esportivas” (citado por Smith, comp., *Life of Joseph F. Smith*, p. 164).



Pintura de Harold I. Hopkinson

Salvando um bezerro de lobos.

ELE VENDEU MUITAS PROVAÇÕES DURANTE SUAS MISSÕES

Pouco depois de seu décimo quinto aniversário, Joseph F. Smith foi ordenado élder e chamado para servir numa missão de três anos no Haváí. Durante sua missão, venceu a fadiga, graves enfermidades e perdas materiais causadas por enchentes e incêndios. Pregou, curou os doentes, expulsou demônios e presidiu vários ramos da Igreja.

O Élder Charles W. Nibley, na época bispo presidente da Igreja, falou das dificuldades vencidas pelo élder de quinze anos de idade: “Nessa missão nas Ilhas Sandwich [atualmente o Havaí], ele deparou-se com sérias dificuldades. Lembro-me de que em nossa primeira viagem às ilhas — estive lá com ele quatro vezes — ao passarmos de barco por diferentes ilhotas, ele apontava para determinado local e dizia: ‘É ali que vivi por muito tempo numa pequena cabana de palha que se incendiou ou foi destruída por uma enchente.’ Logo em frente havia outro lugar onde ele adoeceu e fora tratado pelo bom povo havaiano. Ele me contava essas experiências, bem como outras, à medida que viajávamos. Se eu tivesse tempo de relatá-las todas, vocês veriam que são sempre edificantes, inspiram a fé e dão provas incontestáveis da hombridade desse rapazinho — pois na época, convém lembrar que ele tinha apenas 15 ou 16 anos de idade” (Conference Report, junho de 1919, p. 62).



Joseph F. Smith, por volta de 1857

esse idioma mediante fé e estudo. Ele aplicou ambos e, dentro de cem dias, estava falando a língua fluentemente.



A primeira missão de Joseph F. Smith foi nas Ilhas Havaianas, quando tinha quinze anos de idade. Esse é o tipo de cabana de palha do Havaí onde ele costumava morar.

Algum tempo depois, adoeceu de novo e demorou três meses para recuperar-se totalmente. Contudo, dedicou-se ao estudo do evangelho e ao

Pouco depois de chegar às ilhas, o élder Smith ficou muito enfermo. Os cuidados atenciosos de amigos ajudaram-no a recuperar-se. Sem desanimar, usou o período de convalescença para estudar a língua havaiana. For-lhe prometido pelo élder Parley P. Pratt que ele aprenderia

aperfeiçoamento lingüístico. Durante esse segundo período de enfermidade, esteve sob os cuidados de um jovem irmão nativo e sua esposa. Em certa ocasião, o poder do adversário dominou a mulher da casa, levando-a a horríveis contorções. Embora tenha sentido medo no início, o rapaz orou e recebeu o poder por meio do qual expulsou com sucesso o espírito mau.

Muitos anos depois, o Bispo Charles W. Nibley contou como o Presidente Joseph F. Smith foi recebido pelos santos ao voltar ao Havaí anos depois de sua missão. Os membros reuniram-se para saudar o profeta quando seu barco parou num cais em Honolulu. Ele foi coberto de coroas de flores e muitas lágrimas. Durante as festividades, o Bispo Nibley “avistou uma senhora cega idosa e pobre, cambaleante sob o peso de cerca de noventa anos, sendo conduzida [ao local onde os santos estavam reunidos]. Ela levava nas mãos algumas belas bananas. Era tudo o que tinha; era sua oferta. Ela estava chamando: ‘Iosepa, Iosepa!’ No mesmo instante em que a viu, ele correu, abraçou-a e beijou-a repetidas vezes, acariciando-lhe a cabeça e dizendo: ‘Mama, mama, minha velha mama querida!’

Com lágrimas nos olhos, ele voltou-se para mim e disse: ‘Charley, ela cuidou de mim quando eu era menino e estava doente e sem ninguém para socorrer-me. Ela acolheu-me e foi uma mãe para mim!’” (citado por Smith, comp., *Life of Joseph F. Smith*, p. 186).

UM SONHO INCENTIVOU-O EM SUA MISSÃO

Quando era um jovem missionário — humilde, doente e desanimado — ele foi fortalecido por um sonho em que viu seu pai, sua mãe, o Profeta Joseph Smith e outras pessoas. Ele escreveu posteriormente:

“Tive um sonho certa vez. Para mim, foi algo tangível; foi uma realidade.

Sentia-me muito oprimido ao chegar à missão. Eu estava quase desnudo e não tinha amigos, a não ser a simpatia dos pobres, ignorantes e despossuídos. Sentia-me tão diminuído em minha situação de pobreza, falta de inteligência e conhecimento e minha pouca idade que mal me atrevia a olhar um homem branco no rosto.

Nessas condições, sonhei que estava dirigindo-me a um lugar e tinha de apressar-me ao máximo, com medo de atrasar-me. (...) Cheguei, por fim, a uma maravilhosa mansão. (...) [Senti] que aquele era meu destino. Ao aproximar-me, correndo a toda velocidade, notei uma placa com os dizeres: ‘Banho’. Voltei-me rapidamente, entrei e lavei-me até ficar limpo. Abri a pequena trouxa que levava comigo e

nela encontrei roupas brancas e asseadas, algo que eu não conhecia havia muito tempo. (...) Vesti-as. Em seguida, corri para o que parecia ser uma grande entrada ou porta. Bati, e a porta se abriu. O homem que atendeu era o Profeta Joseph Smith. Olhou-me com certa reprovação e suas primeiras palavras foram: ‘Joseph, você está atrasado.’ Respondi, confiante:

‘Sim, mas estou limpo. Estou limpo!’

Ele tomou-me pela mão, conduziu-me ao interior e então fechou a porta. (...) Quando entrei, vi meu pai, bem como Brigham e Heber, Willard e outros bons homens que eu conhecera, um atrás do outro. (...) Minha mãe também estava lá (...); e lembro-me do nome das pessoas que estavam presentes e pareciam figurar entre os escolhidos, os exaltados. (...)

Quando acordei naquela manhã, eu era um homem, embora apenas um menino. Não temia mais nada no mundo. (...) A visão, manifestação e testemunho que desfrutei naquele momento me transformaram no que sou, caso eu seja algo de bom, puro ou justo perante o Senhor e haja algo de positivo em mim. Isso me ajudou em todas as provações e dificuldades” (*Gospel Doctrine* [1939], pp. 541–543).



Joseph F. Smith

Aos vinte e um anos de idade, ele casou-se com Levira A. Smith; aos vinte e dois anos, serviu em sua segunda missão — dessa vez na Grã-Bretanha, onde presidiu vários distritos. Apenas cinco meses depois de seu regresso, foi chamado de volta às Ilhas Havaianas numa terceira missão, na qual serviu como assistente de dois apóstolos.

ELE TINHA O DESEJO DE PRESTAR UM FORTE TESTEMUNHO

Numa carta de 1854 escrita do campo missionário a seu primo, o Élder George A. Smith, que era membro do Quórum dos Doze Apóstolos, o Élder Joseph F. Smith falou de seus desejos mais profundos:

“Sei que o trabalho no qual estou envolvido é a obra do Deus vivo e verdadeiro, e estou pronto a prestar meu testemunho dela em qualquer momento,

em qualquer lugar ou em qualquer circunstância em que me encontrar. E espero sempre mostrar-me fiel ao servir o Senhor meu Deus; oro para isso. Digo com alegria que estou disposto a vencer todas as dificuldades por esta causa que abracei; e espero e oro verdadeiramente que eu permaneça fiel até o fim. (...)

Transmita meu amor a toda a família; (...) e diga a eles que se lembrem de mim em suas orações, a fim de que eu permaneça fiel e desempenhe meu chamado com honra para comigo mesmo e a causa na qual estou empenhado. Eu preferiria morrer nesta missão a desonrar a mim mesmo ou meu chamado. Esses são os sentimentos de meu coração. Oro para que permaneçamos fiéis até o fim e venhamos um dia a ser coroados no reino de Deus, ao lado daqueles que nos precederam” (citado por Smith, comp., *Life of Joseph F. Smith*, pp. 176—177).



O Livro de Mórmon em havaiano e botas da missão.

EM NENHUMA CIRCUNSTÂNCIA ELE NEGARIA SEU TESTEMUNHO

A caminho de casa depois de sua primeira missão no Haváí, Joseph F. Smith e seus companheiros depararam-se com um grupo de extremistas ao acamparem certa noite. O líder do bando jurou que mataria qualquer pessoa que se identificasse como mórmon. Apontando sua arma a Joseph F., perguntou: “Você é ‘mórmon’? Esperando receber em cheio a descarga do revólver, respondeu assim mesmo: “Sim, senhor; mórmon roxo, de sete costados, até debaixo d’água.” Essa resposta, concedida com audácia e sem hesitação, desarmou totalmente aquele homem hostil. Desconcertado, tudo o que ele conseguiu fazer foi apertar a mão do rapaz e elogiá-lo por sua coragem. Então, os malfeitores partiram e não os

importunaram mais (ver Smith, comp., *Life of Joseph F. Smith*, p. 189).



Joseph F. Smith

Três anos depois, em 1860, Joseph F. demonstrou mais uma vez a força de suas convicções. Dessa vez, estava viajando para servir como missionário na Inglaterra. Quando ele e seus companheiros estavam aproximando-se de Nauvoo, onde tinham decidido fazer uma breve parada, encontraram um populacho com ânimos exaltados e que os ameaçava de morte. Embora Joseph F. e seus companheiros tenham sido evasivos sobre sua identidade, a fim de evitar problemas, um padre católico perguntou-lhes diretamente se eram élderes mórmons. Naquele momento, a tentação de negar a verdade era fortíssima; mas resistindo, Joseph F. respondeu afirmativamente. A resposta satisfez o sacerdote e não suscitou a ira de outras pessoas. Quando eles chegaram a Nauvoo, encontraram-se no mesmo alojamento que o padre. Joseph F. Smith disse posteriormente o seguinte a respeito dessa experiência: “Nunca me senti mais feliz (...) do que ao ver o ministro lá e saber que lhe disséramos a verdade sobre nossa missão” (*Gospel Doctrine*, p. 534).

ELE FOI CHAMADO COMO APÓSTOLO

“No dia 1º de julho de 1866, Joseph F. Smith encontrava-se com o Presidente Brigham Young e vários dos apóstolos na sala superior do Escritório do Historiador da Igreja, numa reunião de conselho e oração, como costumavam fazer as autoridades presidentes; Joseph era o secretário desse conselho. Após o fim do círculo de oração, o Presidente Brigham Young voltou-se repentinamente para seus irmãos e disse: ‘Esperem. Devo agir conforme me sinto inspirado. Sempre me convém proceder como o Espírito me impele. Sinto que devo ordenar o irmão Joseph F. Smith como apóstolo e um de meus conselheiros’. Então, pediu a todos os presentes que expressassem seus sentimentos, e cada um respondeu individualmente indicando que tal medida contava com sua aprovação entusiástica. Então, os irmãos impuseram as mãos sobre a cabeça de Joseph F.” (Smith, comp., *Life of Joseph F. Smith*, pp. 226–227).



Joseph F. Smith, por volta de 1874

Pouco mais de uma semana depois de ser ordenado apóstolo, o élder Smith foi designado membro do Quórum dos Doze Apóstolos. Durante seu tempo como apóstolo, serviu como conselheiro na Primeira Presidência, presidente da Missão Européia, conselheiro na presidência da Associação de Melhoramentos Mútuos, conselheiro na Câmara Municipal tanto de Salt Lake City como de Provo e membro da Assembléia Legislativa territorial. Presidiu também a Assembléia Constituinte estadual de 1882.

O LAR É A INSTITUIÇÃO CELESTE MAIS SAGRADA

Chamado para praticar o casamento plural, Joseph F. Smith uniu-se a cinco esposas ao longo dos anos. Atencioso e bondoso, amava profundamente suas esposas e filhos. Seguem abaixo algumas de suas declarações sobre a importância do lar e da família:

“A mais preciosa de todas as minhas alegrias terrenas são meus filhos queridos” (citado por Smith, comp., *Life of Joseph F. Smith*, p. 449).

“Não há substituto para o lar. Suas bases são tão antigas quanto o mundo e sua missão foi ordenada por Deus desde o primórdio dos tempos. (...) Assim, o lar é mais do que uma morada; é uma instituição que representa estabilidade e amor entre as pessoas, bem como nas nações” (*Gospel Doctrine*, p. 300).

“O próprio alicerce do reino de Deus, da retidão, do progresso, do desenvolvimento, da vida eterna e da descendência eterna no reino de Deus é lançado na instituição ordenada por Deus que é o lar; e não deve ser difícil tratá-lo da forma mais reverente e exaltada e edificá-lo de acordo com os princípios da pureza, afeto verdadeiro, retidão e justiça. O marido e a mulher que confiam plenamente um no outro e que estão determinados a seguir as leis de Deus em sua vida e cumprir a medida



Joseph F. Smith por volta dos quarenta anos de idade

de sua missão na Terra jamais ficariam contentes sem o lar. Seu coração, seus sentimentos, sua mente e seus desejos voltam-se naturalmente para a edificação de um lar e uma família, de um reino que lhes pertencerá; ao estabelecimento do alicerce de descendência eterna, com poder, glória, exaltação e domínio para todo o sempre” (*Gospel Doctrine*, p. 304).

ELE ENSINOU SOBRE A ORDEM PATRIARCAL

O Presidente Joseph F. Smith ensinou:

“Não existe autoridade maior do que o pai nos assuntos referentes à organização da família, especialmente quando essa organização é presidida por um portador do sacerdócio maior. Essa autoridade é honrada há muito tempo, e entre o povo de Deus em todas as dispensações ela tem sido altamente respeitada



Joseph F. Smith

e salientada com freqüência nos ensinamentos dos profetas inspirados por Deus. A ordem patriarcal é de origem divina e persistirá por toda esta vida e pela eternidade. (...) As mulheres e crianças devem aprender a sentir que a ordem patriarcal no reino de Deus foi estabelecida por um propósito sábio e benéfico e devem apoiar o chefe da família e incentivá-lo no cumprimento de seus deveres, bem como fazer tudo a seu alcance para auxiliá-lo no exercício dos direitos e privilégios que Deus concedeu ao pai da família. Essa ordem patriarcal tem espírito e propósito divinos, e aqueles que a negligenciam sob um pretexto ou outro não estão em sintonia com o espírito das leis de Deus conforme foram concedidas para serem reconhecidas no lar. Não é meramente uma questão de quem é mais qualificado. Tampouco é totalmente questão de quem está levando a vida mais digna. É apenas uma questão de lei e ordem, e vemos sua importância ao constatarmos que a autoridade permanece e é respeitada mesmo muito tempo depois de um homem se tornar indigno de exercê-la.

Essa autoridade carrega consigo uma responsabilidade muito séria e também tem seus direitos e privilégios, e nunca é demais recordar o grande esforço que os homens devem fazer para levarem uma vida exemplar e se adequarem cuidadosamente para estarem em harmonia com essa importante regra de conduta ordenada por Deus de dirigir a organização da família.

Algumas promessas e bênçãos foram vinculadas a essa autoridade, e aqueles que observarem e respeitarem essa autoridade possuem o direito de suplicar o favor divino que não pode ser alcançado a menos que respeitem e cumpram as leis estabelecidas por Deus para o governo e a autoridade exercidos no lar. ‘Honra a teu pai e a tua mãe, para que se prolonguem os teus dias na terra que o Senhor teu Deus te dá’ foi uma lei fundamental para a antiga Israel e aplica-se a todos os membros da Igreja hoje, pois a lei é eterna” (*Gospel Doctrine*, pp. 286–288).



A família de Joseph F. Smith em 1898

FOI INTRODUZIDA A NOITE FAMILIAR

Com exceção da guerra, talvez nenhum outro aspecto caracterize melhor o século XX do que os ataques à família. Há muitas forças investindo contra os alicerces dessa instituição ordenada por Deus. Vozes altas e fortes, cheias de apelo sedutor, fazem-se ouvir em lados opostos. O aborto, formas alternativas de casamento, o homossexualismo, o movimento feminista e a pressão para limitar ou suprimir o número de filhos são posições proclamadas com eloqüência, bem como várias outras formas de egoísmo. Os defensores dessas idéias e movimentos insidiosos expressam estrondosa indignação quando qualquer pessoa defende a nobre instituição da família, criada por Deus.



A casa de Joseph F. Smith em 200 North, Salt Lake City

Muito antes de qualquer um desses temas ganhar projeção, o Senhor inspirou o Presidente Joseph F. Smith sobre a necessidade de fortalecer o lar dos santos a fim de combaterem a contento essas forças que tentariam destruir o lar. Um anúncio oficial da Primeira Presidência em 1915 exortou os santos a iniciarem um programa que seria a base de um lar forte e feliz. O comunicado dizia em parte:

“Aconselhamos e incentivamos a criação de uma ‘Noite Familiar’ em toda a Igreja, na qual o pai e a mãe reunirão os filhos a sua volta no lar e lhes ensinarão a palavra do Senhor. Assim, os pais vão inteirar-se melhor da situação e necessidades da família; ao mesmo tempo, aprofundarão seu conhecimento dos princípios do evangelho de Jesus Cristo e ajudarão os filhos a fazê-lo também. Essa ‘Noite Familiar’ deve ser dedicada à oração, hinos, canções, música instrumental, leitura das escrituras, discussão de assuntos familiares e instrução específica sobre os princípios do evangelho e questões éticas da vida, bem como os deveres e obrigações dos filhos para com os pais, o lar, a Igreja, a sociedade e o país. Para as crianças pequenas, os pais podem usar recitações, músicas, histórias e jogos adequados. Podem servir um lanche simples, preparado em casa.

Deve-se evitar a todo custo a formalidade e a rigidez. A família inteira deve participar das atividades.

Essas reuniões contribuirão para o desenvolvimento de confiança mútua entre pais e filhos, irmãos e irmãs, e serão uma oportunidade para palavras de advertência, orientação e conselhos dos pais para os filhos. Serão uma oportunidade para os filhos honrarem o pai e a mãe e mostrarem sua gratidão pelas bênçãos do lar, a fim de que a promessa do Senhor a eles se cumpra literalmente e sua vida se prolongue e seja feliz. (...)



Joseph F. Smith, na época em que foi chamado ao apostolado

Se os santos seguirem esse conselho, prometemos que receberão bênçãos grandiosas. O amor no lar e a obediência aos pais aumentarão. A fé crescerá no coração dos jovens de Israel, e eles ganharão forças para combater as influências e tentações malignas a que estão submetidos” (“Home Evening”, *Improvement Era*, junho de 1915, pp. 733–734).

ELE DEDICAVA TEMPO E ESFORÇO PARA CUIDAR DE SEUS FILHOS

O Bispo Charles W. Nibley, na época bispo presidente da Igreja, disse: “Estive na casa dele quando um de seus filhos adoeceu. Vi-o voltar depois do trabalho, exausto como era de costume, mas ainda assim andar pela casa durante horas com o pequenino nos braços, afagando-o com amor e carinho, incentivando-o de todas as formas, com uma ternura e compaixão que apenas uma mãe entre milhares seria capaz de demonstrar” (“Reminiscences of President Joseph F. Smith”, *Improvement Era*, janeiro de 1919, p. 197).

ELE PRESTOU TESTEMUNHO A SEUS FILHOS E ENSINOU-OS



Joseph F. Smith e seu filho Joseph Fielding Smith

Um dos filhos do Presidente Joseph F. Smith, Joseph Fielding Smith, ao recordar o poder dos ensinamentos de seu pai, disse: “Nessas ocasiões [quando ele estava em casa], realizávamos muitas reuniões familiares e ele passava seu tempo ensinando aos filhos os princípios do evangelho. Eles todos vibravam com

sua presença e mostravam-se gratos pelas maravilhosas palavras de conselho e instrução que ele lhes deixava nessas ocasiões, em meio à ansiedade reinante no mundo. Eles nunca se esqueceram do que lhes foi ensinado; as impressões permaneceram com eles e é bem provável que o façam para sempre. (...) Meu pai foi o homem de coração mais terno que já conheci. (...) Algumas das lembranças mais doces que tenho são os momentos que passei a seu lado falando de princípios do evangelho e recebendo instruções como só ele era capaz de fazer. Dessa forma, o alicerce de meu próprio conhecimento foi estabelecido firmemente na verdade” (citado por Joseph Fielding Smith Jr. e John J. Stewart, *The Life of Joseph Fielding Smith* [1972], p. 40).

OS PAIS RESPONSÁVEIS ENSINAM AOS FILHOS OS PADRÕES DO EVANGELHO

O Presidente Joseph F. Smith aconselhou os santos:

“Que Deus não permita que haja ninguém entre nós que seja tão insensatamente indulgente, tão desleixado e tenha tão pouco afeto por seus filhos a ponto de não ousar repreendê-los quando estiverem saindo do caminho, fazendo coisas erradas e dedicando um amor imprudente às coisas do mundo em vez das coisas da retidão, por medo de



Joseph F. Smith, por volta de 1893

ofendê-los. Quero dizer-lhes o seguinte: algumas pessoas passaram a ter uma confiança de tal modo ilimitada nos filhos que não acreditam ser possível que se desviem do caminho ou que cometam erros. (...) O resultado é que os filhos ficam livres, pela manhã, à tarde e à noite, para entregar-se a todo tipo de entretenimento e diversão, em geral na companhia de pessoas que não conhecem e que não compreendem. Alguns de nossos filhos são tão inocentes que não suspeitam do mal e, portanto, se tornam despreocupados e acabam enredando-se nas armadilhas do mal. (...)

(...) Quero fazer uma advertência aos santos dos últimos dias. Chegou o momento de cuidarem de seus filhos. Todos os artifícios ao alcance do entendimento e engenho de homens ardilosos estão sendo usados com o intuito de desviar nossos filhos da fé do evangelho e do amor à verdade. (...) Nossos filhos só podem ser afastados de seus pais e da fé do evangelho quando não conhecem a verdade por si mesmos e quando um exemplo adequado não lhes foi incutido na mente. (...)

Perdoem-me, mas sempre digo o que penso; é uma característica minha conhecida por todos. Assim, digo-lhes (...) que eu preferiria levar um de meus filhos ao túmulo a vê-lo afastar-se deste evangelho. Preferiria acompanhar seu corpo ao cemitério e vê-lo enterrado em inocência a vê-lo corrompido pelas coisas do mundo” (Conference Report, outubro de 1909, pp. 4—5).

ELE AMAVA SUA FAMÍLIA COM UM AMOR PURO E SANTO

“Seria difícil encontrar em qualquer parte do mundo uma família em que os membros manifestassem maior amor e atenção uns pelos outros do que a família do Presidente Joseph F. Smith’, escreveu [seu filho] Joseph Fielding. ‘É com confiança que dizemos que nenhum pai em nenhuma época do mundo teve maior amor pela esposa ou esposas e filhos e se preocupou mais com o bem-estar deles. (...) No mundo,



Joseph F. e Julina Smith em seu quinquagésimo aniversário de casamento, em 1916

onde o casamento é visto muitas vezes como um mero contrato que pode ser rompido diante da menor provocação; onde as famílias são constantemente atormentadas pela desunião e onde, pela ação de tribunais de divórcio, os filhos são privados do direito sagrado ao afeto e amor dos pais, há um sentimento generalizado de que uma família como a do Presidente Smith estaria fadada à discórdia, ciúme e ódio. Muito pelo

contrário, não havia nem há nenhuma família monogâmica que poderia ser mais unida. Para a surpresa do mundo descrente, as esposas amavam-se com profunda ternura. Quando uma delas adoecia, elas desvelavam-se para cuidar umas das outras. Quando a morte chegava a um dos lares e um filho sucumbia, todas choravam juntas com tristeza sincera. (...) Duas das esposas [Julina e Edna] eram parteiras habilitadas e com muita prática e trouxeram vários bebês ao mundo. Elas ajudavam-se mutuamente e as demais esposas, e quando os bebês nasciam, todas se regozijavam igualmente com a mãe.

Os filhos reconheciam-se como irmãos de verdade, não somente como meios-irmãos, como seriam considerados no mundo. Defendiam-se e apoiavam-se mutuamente, a despeito do ramo da família a que pertencessem. (...) Joseph F. Smith amava suas esposas e filhos com um amor santo raramente visto e nunca superado. Como Jó na antigüidade, ele orava por eles dia e noite e pedia ao Senhor que os conservasse puros e imaculados no caminho da retidão” (Smith e Stewart, *Life of Joseph Fielding Smith*, pp. 46—47).

ELE FOI SEPARADO DE SUA FAMÍLIA

Uma das maiores provações da vida de Joseph F. Smith foi viver exilado e longe da família durante anos. Contudo, ele agiu assim, sob a direção do Presidente John Taylor, para evitar a prisão durante a chamada “Cruzada Mórmon”, na qual a Igreja foi perseguida devido ao casamento plural. Ele passou a maior parte desse período no Havaí, dirigindo o trabalho lá. Longe, impotente, indignado e sofrendo com a doença mais grave de sua vida, ele recebia notícias das perseguições sofridas pelos santos. Durante esse tempo, foi informado de que sua família fora forçada a abandonar sua casa e de que um filho falecera. Contudo, determinado, sem

vacilar, escreveu: “As tribulações são necessárias ao aperfeiçoamento da humanidade, assim como é preciso fricção para separar a escória do juízo humano do ouro puro da sabedoria divina” (citado por Smith, comp., *Life of Joseph F. Smith*, p. 280). Entretanto, o dia da anistia finalmente chegou e seu lar se rejubilou com a volta do pai.



A Primeira Presidência na época da dedicação do Templo de Salt Lake, em 1893: George Q. Cannon, Wilford Woodruff e Joseph F. Smith

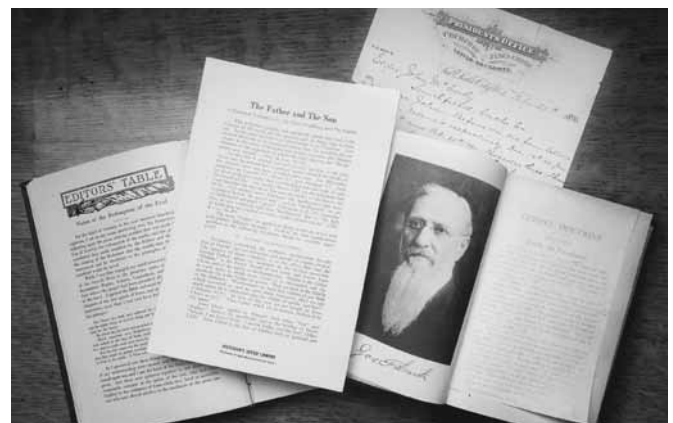
ELE CONHECIA A DOR E TRISTEZA DE PERDER UM FILHO

Dez vezes Joseph F. Smith e suas esposas choraram a morte de um filho — filhos por quem oraram com ternura e fé e ajudaram a criar. “Em 17 de março de 1898, por ocasião do falecimento de outro de seus preciosos bebês, Ruth, ele contou como afagara a pequenina durante sua enfermidade e então orara com todo o fervor para sua recuperação. ‘Mas ó, nossas orações não foram respondidas!’

Por fim, tomei-a nos braços e fiquei a andar pela casa com ela e, impotente e incapaz de ajudar minha querida filhinha moribunda, vi sua frágil respiração cessar para não mais voltar nesta vida e vi sua gloriosa inteligência e seu brilhante espírito angélico partirem rumo à presença de Deus, de onde ela viera. Eram 19h40. Com ela se foi toda a nossa doce esperança, amor e alegria na Terra. Ó, como eu amava aquela criança! Ela tinha uma inteligência incomum para sua pouca idade; era brilhante, amorosa, preciosa, cheia de alegria! Mas ela partiu para unir-se aos espíritos belos e gloriosos de seus irmãos que se foram antes: Sara Ella,

M. Josephine, Alfred, Heber, Rhoda, Albert, Robert e John. Ó minha alma! Vejo minha própria mãe querida de braços abertos, dando boas-vindas ao glorioso espírito redimido de meu amado bebê! Ó meu Deus! Agradeço-Te por essa gloriosa visão! E ali reunidos na mansão de meu Pai estão todos os meus filhinhos queridos; não em desamparo infantil, mas com todo o poder, glória e majestade de espíritos santificados, cheios de inteligência, de alegria, graça e verdade! Minha querida filhinha em seu próprio lar reluzente com os irmãos e irmãs que a antecederam. Quão abençoada, quão feliz ela é! E como estamos tristes!” (Smith, comp., *Life of Joseph F. Smith*, p. 463.)

ELE DEMONSTROU CORAGEM E DESTEMOR AO DEFENDER A VERDADE



Publicações de Joseph F. Smith: *Gospel Doctrine* e *The Father and the Son*

Destemido e articulado, Joseph F. Smith era um pregador e escritor eficaz. Como instrumento do Espírito Santo, ele provocava lágrimas, trazia alegria e fazia homens e mulheres esquecerem a fadiga de uma longa jornada. Certa vez, um jornalista ficou tão fascinado com seu discurso que se esqueceu de tomar notas. Joseph F. Smith usou esses dons em prol do reino — para denunciar seus inimigos e defender suas verdades — até que se tornou conhecido como o “Apóstolo Lutador”.

Num tributo ao Presidente Smith, John A. Widtsoe, que posteriormente veio a integrar o Quórum dos Doze Apóstolos, escreveu:

“Ele foi chamado de Apóstolo Lutador por defender veementemente a Igreja das calúnias contra o ‘mormonismo’. Sua vigilância infatigável tornou-se uma influência de peso que se contrapunha às pessoas que planejavam ataques a um povo bom e pacífico.

Ele sempre foi um apóstolo lutador, que guerreava pela causa da verdade” (citado por Smith, *Gospel Doctrine*, p. 511). (Ver *História da Igreja na Plenitude dos Tempos*, pp. 431—434, para mais detalhes sobre as perseguições aos santos durante os anos antipoligamia.)

ELE FOI CHAMADO COMO PRESIDENTE DA IGREJA



O Presidente Joseph F. Smith

Com a morte do Presidente Lorenzo Snow em 1901, o ofício de Presidente da Igreja recaiu sobre os ombros de Joseph F. Smith. Havia muito tempo que várias Autoridades Gerais sentiam que Joseph F. se tornaria o Presidente da Igreja.

“Tanto o Presidente Wilford Woodruff como Lorenzo Snow tinham

profetizado que Joseph F. Smith um dia se tornaria Presidente da Igreja. Trinta e sete anos antes, nas Ilhas Havaianas, quando o Presidente Snow, na época membro do Conselho dos Doze, quase perdeu a vida por afogamento, declarou que o Senhor manifestara a ele que ‘aquele jovem, Joseph F. Smith (...) um dia seria o Profeta de Deus na Terra’. O Presidente Woodruff certa vez estava relatando a um grupo de crianças alguns incidentes da vida do Profeta Joseph Smith. ‘Ele voltou-se para o Élder Joseph F. Smith e pediu que se levantasse. O Élder Smith obedeceu. “Olhem para ele, crianças”, disse Wilford Woodruff, “pois ele se parece com o Profeta Joseph mais do que qualquer outro homem vivo. Ele se tornará o Presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Quero que todos se lembrem do que lhes prometi hoje de manhã.”’ Após a morte do Presidente Woodruff, o Presidente Snow disse a Joseph F. Smith que o Espírito de Deus lhe sussurrara que Joseph sucederia a ele, Lorenzo, como Presidente da Igreja” (Smith e Stewart, *Life of Joseph Fielding Smith*, p. 124).

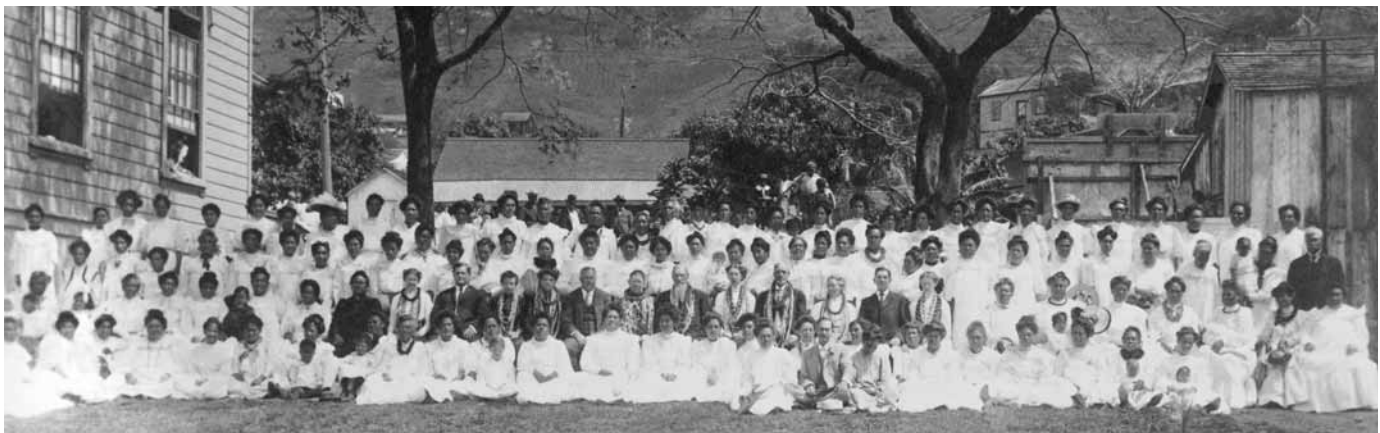
O Presidente Heber J. Grant relatou: “Lorenzo Snow afogou-se no porto de Honolulu, nas Ilhas Havaianas, e só recobrou os sentidos depois de algumas horas.



Fotografia de George Edward Anderson, cortesia de James H. Smith, Ogden, Utah

Em 1906, o Presidente Smith e Charles W. Nibley, do Bispado Presidente, percorreram as missões européias da Igreja. Foi a primeira vez que um presidente da Igreja visitou a Europa. O Presidente Smith voltou à Europa em 1910 para uma visita semelhante. Aparece no canto inferior esquerdo da fotografia.

No período em que ficou inconsciente, o Senhor revelou-lhe que o jovem Joseph F. Smith, que se recusara a sair do barco que os levava de San Francisco a Honolulu e a embarcar num pequeno bote, seria um dia o Profeta de Deus. Ao responder a Lorenzo Snow, que estava à frente da companhia, ele disse: ‘Se você, pela autoridade do sacerdócio de Deus que possui me mandar subir nesse barco e tentar desembarcar, eu o farei. Mas a menos que me dê uma ordem com a autoridade do sacerdócio, não arredarei pé, pois não é seguro usar um bote tão pequeno enquanto este tufão nos envolve com sua fúria’. Eles riram do jovem Joseph F. Smith, mas ele avisou: ‘O bote vai virar’. Os outros entraram no bote, e ele de fato virou; e se não fossem as bênçãos do Senhor na ressuscitação de Lorenzo Snow, ele não teria sobrevivido, pois afogou-se naquela ocasião. Foi-lhe revelado, naquele momento e local, que aquele rapaz, tão corajoso ao defender suas convicções, com a determinação férrea para suportar as zombarias e as humilhações por não ter coragem de subir no barco e permanecer na embarcação maior, seria um dia o Profeta de Deus. Lorenzo Snow contou-me essa experiência mais de uma vez, muitos anos antes de Joseph F. Smith chegar à presidência da Igreja” (Conference Report, junho de 1919, pp. 10–11).



O Presidente Smith no Havai, por volta de 1909



O Presidente Smith nas Ilhas Britânicas, 1906

O Élder Melvin J. Ballard, que era membro do Quórum dos Doze Apóstolos e trabalhou muito próximo do Presidente Smith, disse: “Recordo meus primeiros contatos com o Presidente Smith com grande prazer, pois eu muito o admirava. Ele era meu ideal e tentei ao longo de minha vida, ao conhecê-lo melhor, ser como ele. Ainda criança, eu sabia que o Presidente Smith seria um dia o presidente desta Igreja, pois o Senhor me revelara isso; além do mais, foram-me manifestadas muitas coisas que o Presidente Smith viria a fazer. Quando, no mês de outubro passado, ele apresentou-se perante as congregações dos santos, (...) eu sabia que tudo o que o Senhor tinha para o Presidente Smith fazer tinha sido feito. O que eu vira ainda criança finalmente se cumprira, se consumara, se concretizara” (Conference Report, junho de 1919, p. 68).

Como Presidente da Igreja, Joseph F. Smith continuou a salientar o dízimo — algo iniciado pelo Presidente Lorenzo Snow — e finalmente viu a Igreja livrar-se de suas dívidas. Redigiu também declarações doutrinárias e desempenhou um papel primordial para afastar o ódio, a intolerância e a perseguição.

COMO PRESIDENTE DA IGREJA, ELE SOFREU ATAQUES PESSOAIS

A cruzada contra o casamento plural diminuiu de intensidade, e muitos homens solicitaram e receberam anistia. Joseph F. Smith foi um deles. Na época em que se tornou Presidente da Igreja em 1901, as perseguições do fim do século XIX eram coisa do passado. Contudo, as tribulações que ele viria a enfrentar ainda não tinham acabado. Um partido político antimórmon foi organizado em Utah e lançou fortes ataques verbais contra o profeta e a Igreja. O principal veículo dessas agressões era o jornal *Salt Lake Tribune*.

Difamado e ridicularizado na imprensa, caluniado perfidamente, o “Apóstolo Lutador” nem sequer escreveu uma carta em sua própria defesa. “Durante esses anos [de 1905 a 1911], esse jornal caricaturava quase que diariamente o Presidente Joseph F. Smith com um

espírito de desprezo perverso e malicioso. Essas críticas eram difundidas por todos os Estados Unidos e, naturalmente, como apareciam dia após dia e mês após mês, o povo da nação e mesmo no exterior concluiu que o Presidente da Igreja, Joseph F. Smith, era a figura mais detestável e abjeta de todo o mundo. Os missionários que trabalhavam mundo afora sofreram perseguições e insultos em todas as partes da Terra. No entanto, em meio a tudo isso a Igreja continuou a crescer” (Smith, comp., *Life of Joseph F. Smith*, p. 350).



A Primeira Presidência, 1901–1910: John R. Winder, Joseph F. Smith e John H. Smith

“Joseph F. Smith sofreu perseguições, injúrias e acessos de ira dos iníquos. Foi vítima de acusações falsas das criaturas mais desprezíveis e vis da família humana e aturou tudo isso sem uma palavra de retaliação. (...) Sua atitude era: se Joseph Smith suportou todos os maus-tratos e injustiças que lhe foram infligidos; se o Filho de Deus suportou todas as Suas provações sem revidar, então ele, como humilde servo do Mestre, também poderia agüentar em silêncio, pois ele não temia o braço da carne, mas ao Senhor, e tempo viria em que a verdade triunfaria e os caluniadores seriam ignorados e esquecidos” (Smith, comp., *Life of Joseph F. Smith*, p. 439).

Ele insistiu que todos precisam ser perdoados. A verdade acabaria prevalecendo. E de fato foi o que aconteceu. Por ocasião de sua morte, muitos dos que tinham sido inimigos ferrenhos, tocados pela pureza e austeridade da vida dele, escreveram palavras de pesar e louvor.

ELE TESTIFICOU DIANTE DO CONGRESSO

Um vento gelado açoitava o sobretudo do Presidente Joseph F. Smith quando ele subiu os degraus do Senado no Capitólio dos Estados Unidos em março de 1904. Sua responsabilidade era enorme. Reunidos numa grande sala estavam homens de enorme poder e influência: senadores dos Estados Unidos. O propósito expresso deles era examinar se Reed Smoot, senador de Utah e apóstolo da Igreja, poderia conservar seu cargo no Senado. Contudo, os reais motivos deles eram outros.

Alguns dos senadores que compunham a comissão de inquérito eram terrivelmente hostis à Igreja. Somente um dos quatorze senadores que constituíam

o grupo demonstrou inicialmente um mínimo de solidariedade ou empatia. A maioria dos outros queria usar sua influência para ultrajar e difamar a Igreja, seu presidente e seus membros.



Em Washington, D.C., fazendo campanha pela transformação de Utah em estado na década de 1890.

O Presidente Smith foi chamado para depor como primeira testemunha. Ao galgar os inúmeros degraus, tinha plena consciência do que realmente estava em jogo e do impacto que aquilo exerceria. Não era Reed Smoot que estava na berlinda, mas a Igreja. Jornais de todo o país faziam reportagens das audiências na primeira página. Muitos deles estavam ansiosos para publicar qualquer coisa que denegrísse a imagem da Igreja. Entretanto, o Presidente Smith estava confiante.

Esse profeta alto era bem diferente do menino que, anos antes, ao servir como missionário nas Ilhas Havaianas, declarara sentir-se “diminuído em [sua] situação de pobreza, falta de inteligência e conhecimento (...) que mal se atrevia a olhar um homem branco no rosto” (*Gospel Doctrine*, p. 542).

Durante três dias, o Presidente Joseph F. Smith testemunhou à comissão do Senado em defesa de Reed Smoot. Sua sinceridade, franqueza e integridade muito influenciaram alguns dos membros do comitê. Os mal-entendidos e a intolerância começaram a desfazer-se. Embora tenha havido depoimentos de pessoas que nutriam sentimentos negativos pelos santos, muitas das testemunhas chamadas para depor usaram a oportunidade para contar a verdadeira história da Igreja. Esses testemunhos foram difundidos pela imprensa e muitas pessoas leram e compreenderam pela primeira vez as visões e ensinamentos da Igreja. Em todas as partes, as atitudes começaram a mudar, e a Igreja ganhou mais aceitação. O testemunho do Presidente Smith ocupou mais de duzentas páginas nos registros oficiais.

O bispo Charles W. Nibley relatou uma conversa que teve com o Presidente Smith sobre seu comparecimento diante do Congresso:



O Presidente Smith no Bosque Sagrado, 1905

“Lembro-me de uma noite em que estávamos num navio voltando da Europa em 1906. A lua brilhava e lá estávamos nós, inclinados no parapeito, apreciando o mar calmo e o ar agradável daquela luminosa noite de verão. A investigação sobre o Senador Smoot, que se dera um pouco antes e que suscitara tanta controvérsia em todo o país, ainda estava fresca em nossa mente, e comentávamos a respeito. Eu disse que não seria aconselhável para Reed Smoot ser reeleito senador dos Estados Unidos. Fui cauteloso em minha objeção e recorri a todos os fatos, argumentos e lógica que me vieram à mente; eu supunha estar bem-informado sobre o assunto e apresentei minhas idéias da forma mais clara e hábil que pude. Eu ocuparia espaço demais se fosse enumerar aqui todos os argumentos, mas pareceu-me que minhas posições eram as mais razoáveis. Era fácil ver que ele começou a ouvir-me com certa impaciência, mas permitiu que eu terminasse. No entanto, respondeu de uma maneira e com um tom que jamais esquecerei. Serrando o punho contra as grades a nossa volta, declarou, com grande vigor e eloquência:

‘Se alguma vez o Espírito do Senhor me manifestou algo com nitidez, precisão e certeza foi quando me mostrou que Reed Smoot deve permanecer no Senado dos Estados Unidos. Ele pode exercer mais influência positiva lá do que em qualquer outro lugar.’



A Primeira Presidência, 1910: Anthon H. Lund, Joseph F. Smith e John H. Smith

É claro que não discuti mais e aceitei a partir daquele momento sua visão do assunto e a adotei como minha. Desde aquele dia, passaram-se doze anos e, ao fazer um retrospecto hoje, não posso deixar de constatar que a inspiração do Todo-Poderoso se mostrou correta, de modo esplêndido e maravilhoso, ao passo que meus argumentos, fatos e lógica caíram todos por terra” (*Improvement Era*, janeiro de 1919, p. 195).

Reed Smoot serviu no Senado dos Estados Unidos durante trinta anos.

ELE IDENTIFICOU TRÊS PERIGOS ENFRENTADOS PELA IGREJA

O Presidente Joseph F. Smith advertiu:

“Há pelo menos três perigos que ameaçam a Igreja internamente, e as autoridades precisam conscientizar-se de que as pessoas devem ser alertadas a respeito sem cessar. A meu ver, esses riscos são as lisonjas de homens proeminentes do mundo, idéias errôneas sobre a educação e a impureza sexual. (...)

(...) O terceiro assunto mencionado, a pureza pessoal, talvez seja mais importante do que os outros dois. Cremos num padrão de moralidade único para os homens e as mulheres. Se a pureza de vida for negligenciada, todos os demais perigos se abaterão sobre nós como correntes d’água quando se abrem as comportas” (“Three Threatening Dangers”, *Improvement Era*, março de 1914, pp. 476–477).

ELE RESSALTOU A NECESSIDADE DA PUREZA MORAL

Num artigo que o Presidente Joseph F. Smith escreveu a pedido da Newspaper Enterprise Association de San Francisco, Califórnia, declarou:

“Nenhum câncer mais terrível desfigura o corpo e a alma da sociedade hoje do que a repugnante aflição do



Joseph F. Smith

pecado sexual. Ele corrompe as próprias fontes da vida e deixa seus efeitos maléficos até para aqueles que ainda não nasceram, como um legado de morte. Infiltra-se insidiosamente no campo, na cidade, na mansão e na choupana como uma besta devastadora à espreita; e alastra-se pela Terra afrontando com desdém as leis de Deus e dos homens.



Terreno do Templo de Laie Havai. O Presidente Smith visitou as Ilhas Havaianas quatro vezes durante sua administração. Numa visita em 1915, escolheu e dedicou este local para o Templo de Laie, Oahu. Na fotografia, vemos uma capela que foi iniciada em 1882. O templo foi dedicado em 1919, um ano depois da morte do Presidente Smith.

A associação legal dos sexos é ordenada por Deus, não apenas como meio de perpetuação da raça, mas para o desenvolvimento das mais elevadas e nobres características da natureza humana, o que somente pode ser assegurado pelo companheirismo motivado pelo amor de um homem e uma mulher. (...)

A união sexual é legítima no matrimônio e, caso seja realizada com a intenção correta, é algo honroso e santificador. *Mas fora dos laços do casamento, a indulgência sexual é um pecado degradante e abominável à vista de Deus.* (...)

Como muitas doenças mortais, o crime sexual traz em seu bojo uma série de outros males. Assim como os efeitos físicos da embriaguez provocam a deterioração de tecidos, a perturbação de funções vitais e sujeitam o corpo a todos os males a que for exposto e diminuem ao mesmo tempo os poderes de resistência até para deficiências fatais, a violação da castidade também expõe a alma a várias enfermidades espirituais e priva-lhe tanto da resistência como da capacidade de recuperação. A geração adúltera da época de Cristo era surda para a voz da verdade e por causa do estado decaído de sua mente e coração buscava sinais e preferia fábulas vazias à mensagem da

salvação” (“Unchastity the Dominant Evil of the Age”, *Improvement Era*, junho de 1917, pp. 739, 742–743).

ELE VIVIA EM ÍNTIMA COMUNHÃO COM O ESPÍRITO DO SENHOR

O bispo Charles W. Nibley escreveu:

“Ao voltarmos de uma viagem no leste dos Estados Unidos há alguns anos, no trem logo à leste da Cidade de Green River, vi-o dirigir-se à extremidade do vagão e imediatamente voltar e hesitar por um momento antes de tomar o assento logo a minha frente. Ele acabara de sentar-se quando algo de errado aconteceu com o trem. Um trilho quebrado atingira o motor e descarrilara a maioria dos vagões. Em nosso vagão, sentimos um forte estremecimento, mas permanecemos nos trilhos.



O Presidente Smith, por volta de 1917

O Presidente disse-me em seguida que pouco antes andara até o exterior do trem, mas ouvira uma voz ordenar: ‘Entre e sente-se.’

Ele entrou e vi-o de pé por alguns momentos. Ele parecia hesitar, mas sentou-se.

Ele disse ainda que, ao entrar e ficar no corredor, pensou: ‘Ah, que nada, deve ser apenas minha imaginação.’ Mas

ao ouvir a voz novamente dizer ‘Sente-se’, imediatamente tomou seu lugar e o resultado foi o que relatei.

Não há dúvida de que ele teria se ferido gravemente caso houvesse permanecido no local onde estava antes, pois os vagões terminaram todos amontoados, num estado terrível. Ele disse: ‘Ouvi essa voz inúmeras vezes em minha vida e sempre me beneficieei ao segui-la.’ (...)

Ele vivia em íntima comunhão com o Espírito do Senhor e sua vida foi tão exemplar e casta que o Senhor podia manifestar-Se facilmente a Seu servo. Ele podia de fato dizer: ‘Fala, Senhor, porque o teu servo ouve.’ Nem todos os servos conseguem ouvi-Lo quando Ele fala. Mas o coração do Presidente Smith estava em sintonia com as melodias celestiais; ele era capaz de ouvir e verdadeiramente ouvia” (*Improvement Era*, janeiro de 1919, pp. 197–198).

ELE TEVE UMA VISÃO DA REDENÇÃO DOS MORTOS

Nos últimos anos de sua vida, o véu estava muito tênue e ele vivia em contínua comunicação com o Espírito. Em 4 de outubro de 1918, no primeiro discurso de sua última conferência geral, um mês antes de

sua morte, ele declarou: “Não ousou falar de muitas coisas que estão em minha mente nesta manhã; vou deixar para fazê-lo futuramente, caso assim queira o Senhor. Então, no momento oportuno, tentarei dizer-lhes algumas das coisas que estão em minha mente e coração. Não tenho vivido em solidão nestes últimos cinco meses. Estou sempre em espírito de oração, de súplica, de fé e de determinação e venho comunicando-me com o Espírito do Senhor continuamente” (Conference Report, outubro de 1918, p. 2).

No dia anterior, 3 de outubro de 1918, os céus abriram-se e ele teve uma visão da redenção dos mortos, em que viu o ministério do Senhor no mundo espiritual. Algum tempo depois, essa revelação grandiosa foi inserida em Doutrina e Convênios como a seção 138.

ELE TRIUNFOU SOBRE SUAS PROVAÇÕES E ADVERSIDADES



O Presidente Joseph F. Smith

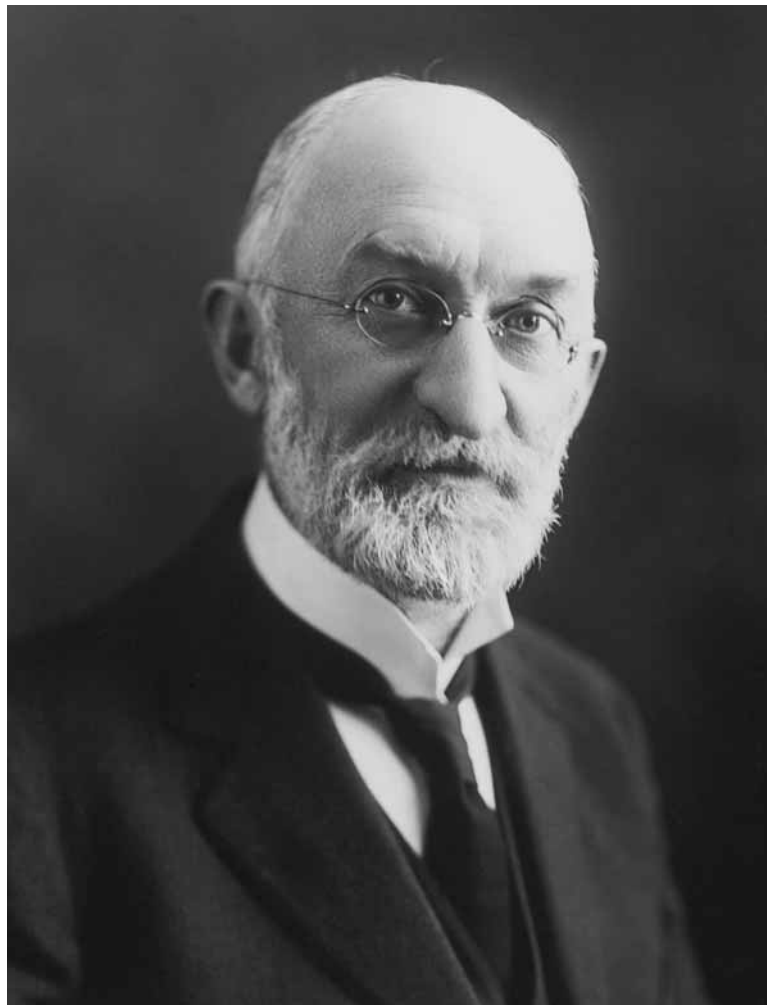
O Presidente Joseph F. Smith faleceu em 19 de novembro de 1918. Sua vida não fora fácil, mas seu caráter, temperamento e fé tinham sido tais que ele não se deixara abater pelas provações. Essas dificuldades ajudaram a refiná-lo, a fim de poder contemplar e revelar as coisas do Espírito que o Senhor precisava manifestar a Seus filhos.

O Élder James E. Talmage, que era membro do Quórum dos Doze Apóstolos, declarou: “Testifico-lhes que Joseph F. Smith foi um dos verdadeiros apóstolos do Senhor Jesus Cristo. Ouvi suas palavras contundentes de testemunho e advertência diante de assembléias de milhares de pessoas, reuni-me com ele a sós em algumas raras ocasiões e, em momentos menos raros, mas não incomuns, ouvi-o pregar a nossos irmãos e companheiros em conversas menos formais. E nunca vi seu rosto brilhar tanto nem ele irradiar tanto poder quanto ao testificar de Cristo. Ele dava-me a impressão de conhecer Jesus Cristo como um homem conhece seu amigo” (Conference Report, junho de 1919, p. 59).

Joseph F. Smith serviu e guiou a Igreja com grandeza. Recusou-se a permitir que a adversidade destruísse sua alma ou diminuísse seu amor. Com perseverança humilde, recebeu poder; o véu tornou-se tênue e ele teve permissão para ver o Salvador, o mundo espiritual e as coisas de Deus. Até o fim de sua vida ele prestou um testemunho fervoroso de Cristo, a quem servia.

Heber J. Grant

SÉTIMO PRESIDENTE DA IGREJA



EVENTOS MARCANTES DA VIDA DE HEBER J. GRANT

Idade Acontecimentos

- Nasce em 22 de novembro de 1856 em Salt Lake City, Utah, filho de Jedediah M. e Rachel Ridgeway Ivins Grant; seu pai morre quando Heber tem nove dias de vida.
- 15 É ordenado setenta (1871); começa sua carreira de bancário (1871).
 - 20 Casa-se com Lucy Stringham (1º de novembro de 1877); ela morre em 1893.
 - 23 Torna-se presidente da Estaca Tooele (30 de outubro de 1880).
 - 25 É ordenando apóstolo (16 de outubro de 1882).
 - 26–27 Serve como missionário entre os índios norte-americanos (1883–1884).
 - 33 Divulgação do Manifesto, que põe fim ao casamento plural (Declaração Oficial — 1) (1890).
 - 40 Candidata-se ao cargo de governador do Estado de Utah (1896); pouco depois, retira a candidatura por sua própria iniciativa.
 - 41 Torna-se membro da Superintendência Geral da YMMIA (Associação de Melhoramentos Mútuos dos Rapazes; 1897).
 - 45 Abre e preside a Missão Japonesa (1901–1903).
 - 47–49 Preside as missões Britânica e Européia (1904–1906).
 - 58–62 I Guerra Mundial (1914–1918).
 - 60 Torna-se o Presidente do Quórum dos Doze Apóstolos (23 de novembro de 1916).
 - 62 Torna-se o Presidente da Igreja (23 de novembro de 1918).
 - 63 Dedicar o Templo de Laie Havaí (27 de novembro de 1919).
 - 67 Dedicar o Templo de Cardston Alberta (26 de agosto de 1923); fala na primeira transmissão radiofônica da conferência geral (outubro de 1924).
 - 70 A Igreja compra o Monte Cumora e a Fazenda Whitmer (1926).
 - 71 Dedicar o Templo de Mesa Arizona (23 de outubro de 1927).
 - 79 É estabelecido o plano de bem-estar da Igreja (1936).
 - 80 Visita missões na Europa (junho—setembro de 1937).
 - 83 Os missionários são retirados da Europa no início da II Guerra Mundial (1939).
 - 85 Chama os primeiros assistentes do Quórum dos Doze Apóstolos (6 de abril de 1941).
 - 88 Morre em Salt Lake City, Utah. (14 de maio de 1942); fim da II Guerra Mundial (2 de setembro de 1945).

Heber Jeddy Grant nasceu em 22 de novembro de 1856, na época em que a imagem dos santos dos últimos dias talvez estivesse em sua pior fase junto aos outros americanos. O fato de esse sentimento negativo ter começado a mudar significativamente durante a vida do Presidente Grant deveu-se em grande parte a seus esforços pessoais para melhorar a percepção da Igreja pelo público.



Jedediah M. Grant, pai de Heber J. Grant, morreu nove dias depois do nascimento de Heber.

Fotografia de Savage e Oltinger

O pai de Heber, Jedediah M. Grant, faleceu quando ele tinha nove dias de vida. Como Heber era um bebê frágil e sua mãe, muito pobre, muitos acharam que ele não viveria muito tempo. Contudo, os planos do Senhor eram outros.

ELE FOI CRIADO NO VALE DO LAGO SALGADO

A Guerra Civil norte-americana chegou ao fim quando Heber J. Grant estava com nove anos de idade. O Presidente Abraham Lincoln estabelecera a base militar de Fort Douglas perto de Salt Lake City e enviara tropas para Utah em caráter permanente. É provável que Heber visse soldados da União passarem em frente de sua casa, meio quarteirão ao sul do futuro Templo de Salt Lake.



A casa dos Grant na Main Street em Salt Lake City

Uma visão mais comum para Heber deve ter sido a dos belos cavalos e carruagens de Brigham Young, George Q. Cannon, Daniel H. Wells e outros homens importantes da Igreja e do mundo de negócios na movimentada cidade do Oeste. Ele deve ter visto carroções carregados de mercadorias dirigindo-se para o norte rumo a Ogden e para o sul rumo a Provo, puxados por

parelhas de cavalos, mulas ou bois. Ele fazia também pequenas viagens para a Praça do Templo para acompanhar o progresso da construção do Tabernáculo e do templo. O novo Teatro de Salt Lake ficava a poucas ruas de sua casa.

Heber passava boa parte de seu tempo brincando na rua e nos jardins. Era muito hábil no jogo de bolinhas de gude e muitas vezes ganhava bolinhas suficientes para pagar seus amigos para realizar as tarefas dele a fim de passar mais tempo praticando arremessos com sua bola de beisebol. E é claro que havia também a escola.



O jovem Heber J. Grant, por volta de 1860. Era costume na época colocar vestidos nos meninos para fotografias.

Seus melhores amigos eram Feramorz L. e Richard W. Young, filho e neto do Presidente Brigham Young. Juntos, eles corriam para a Lion House quando tocava o sino da oração e participavam das orações da família Young. Às vezes, o jovem Heber abria os olhos para ver se o Presidente Young estava falando face a face com o

Pai Celestial, pois essa era a impressão que tinha ao ouvi-lo orar. Além das orações, Heber às vezes freqüentava a escola de Brigham Young. Teve longas conversas com o Presidente Young, Eliza R. Snow e o parente de Eliza chamado Erastus Snow, que Heber considerava um apóstolo ideal. Eles falaram a Heber sobre o Profeta Joseph Smith e sobre seu pai, Jedediah M. Grant, um dos amigos mais fiéis do Profeta. O nome de seu pai abriu-lhe muitas portas quando ele começou a circular no mundo dos negócios. Essas foram influências decisivas na vida dessa talentosa criança com um destino grandioso.

EMBORA TIVESSE MUITOS DONS, ELE SENTIA-SE INADEQUADO

Heber J. Grant era uma pessoa de grande habilidade, mas muitas de suas declarações públicas revelam sua profunda humildade e mesmo um sentimento de inadequação. Ele sentia que só poderia atingir as metas estabelecidas para si mesmo com grande determinação e esforço constante.

Ele viveu numa época em que os líderes sempre externavam apreciação pelo aprendizado, os dotes artísticos, o sucesso profissional e outras realizações com base nas definições clássicas de talento ou dom. E era justamente nessas áreas que ele tinha mais dificuldade. Seus talentos estavam mais voltados para o ramo dos negócios e dos relacionamentos sociais. Esses dons não raro passavam despercebidos, embora tenham sido

os mais importantes. Sua força ajudou-o a sobrepujar todos os empecilhos.

ELE EMPENHOU-SE PARA ALCANÇAR A EXCELÊNCIA COMO ATLETA

A história abaixo, contada pelo Presidente Heber J. Grant ao falar de sua juventude, ilustra sua determinação para superar os obstáculos:



Pinura de Robert T. Barrett

Heber J. Grant tinha determinação para desenvolver seus talentos.

“Como eu era filho único, minha mãe criou-me com grande desvelo. De fato, fui criado mais ou menos como uma planta de estufa, cujo crescimento é lento e controlado, mas não substancial. Aprendi a varrer o chão e a lavar e secar a louça, mas não lançava pedras nem participava muito dos esportes que tanto atraem os meninos e que desenvolvem seu físico. Assim, quando entrei para um clube de beisebol, os meninos de minha idade ou um pouco mais velhos jogavam na primeira divisão; os mais novos que eu, na segunda e os ainda menores, na terceira. E fui escalado para jogar ao lado desses últimos.

Um dos motivos era que eu não conseguia jogar a bola de uma base para a outra. Além disso, faltava-me força física para correr ou arremessar bem a bola. Quando eu apanhava uma bola, os meninos costumavam gritar: ‘Jogue para cá, maricas!’



Heber J. Grant e sua mãe, Rachel Ridgeway Ivins Grant

Fui vítima de tanta chacota que prometi solenemente um dia jogar beisebol na divisão que venceria o campeonato do território de Utah.

Minha mãe alugava quartos naquela época para ganhar nosso sustento, e engraxei os sapatos dos hóspedes até economizar um dólar que usei para comprar

uma bola de beisebol. Passei inúmeras horas arremessando a bola contra o celeiro do Bispo Edwin D. Woolley, o que o levou a tachar-me de rapaz mais preguiçoso da Ala XIII. Muitas vezes meu braço doía tanto que eu mal conseguia dormir à noite. Mas continuei a praticar e finalmente consegui ingressar na segunda divisão de nosso clube. Pouco depois, entrei para um clube melhor e por fim joguei na equipe que venceu o campeonato territorial e derrotou o time que ganhara o torneio da Califórnia, Colorado e Wyoming. Assim, ao cumprir a promessa que eu fizera a mim mesmo, afastei-me dos estádios de beisebol” (*Gospel Standards*, comp. G. Homer Durham [1969], pp. 342–343).



Fotografia gentilmente cedida por Bertram T. e Jean C. Willis

Campeões de beisebol do território. A equipe de beisebol Red Stocking, em agosto de 1877. Eles derrotaram equipes em Utah, Califórnia, Colorado e Wyoming até vencer o campeonato. Heber J. Grant está no centro da segunda fileira.

SUA DETERMINAÇÃO FOI INCENTIVADA POR UMA MÃE DOTADA DE VISÃO



Fotografia de Don O. Thorpe; cortesia do Museu Daughters of the Utah Pioneers

Baú de costura de Rachel Grant. Ela costurava para fora a fim de alimentar e vestir o pequeno Heber e a si mesma.

Num discurso durante o funeral do Presidente Heber J. Grant, o Presidente David O. McKay, na época conselheiro na Primeira Presidência, disse:

“Já no início de sua mocidade, desenvolveu-se em sua alma jovem um espírito de independência e

determinação que posteriormente fez dele alguém de destaque em seu meio. (...) Nas humildes circunstâncias e na atmosfera espiritual de sua infância, formaram-se os extraordinários traços de caráter que na idade adulta o tornaram tão conhecido.

O Presidente Grant sempre falava com respeito e gratidão sincera do nobre legado recebido de ambos os seus pais. (...)

Privado da companhia de seu pai, o Presidente Grant tinha uma gratidão ainda mais profunda pelo poder transformador do amor materno. Foi ela que transformou a timidez dele em coragem, sua autocomiseração em autocoefiança, sua impetuosidade em autodomínio e sua falta de iniciativa em perseverança” (“President Heber J. Grant”, *Improvement Era*, junho de 1945, p. 334).

ELE FOI PROFUNDAMENTE AFETADO PELOS SACRIFÍCIOS DE SUA FAMÍLIA



Uma nova casa para sua mãe. Originalmente, ela possuía quatro quartos e uma grande despensa, que se tornou o quarto de Heber quando eles começaram a alugar cômodos para pensionistas.

O Presidente Heber J. Grant disse: “Nunca ouvirei nem espero ouvir, até o dia de minha morte, meu hino favorito, ‘Vinde, ó santos, sem medo ou temor, mas alegres andai’, sem pensar na morte e sepultamento de minha irmãzinha e os lobos que desenterraram seu corpo nas planícies, sem recordar a morte da primeira esposa de meu pai e o transporte de seu corpo para ser sepultado aqui, sem me lembrar de outros conhecidos que perderam a vida, sem pensar na maravilhosa jornada de Brigham Young e seu grupo de pioneiros, aqueles que o seguiram. E meu coração transborda de indescritível gratidão pelo fato de meu pai e minha mãe estarem entre aqueles que foram fiéis a Deus e fizeram sacrifícios devido às convicções de seu coração e ao conhecimento que tinham de que Deus vive, de que Jesus é o Cristo e de que Joseph é Seu profeta” (Conference Report, outubro de 1922, p. 13).

ELE NUNCA SE ESQUECEU DO CARÁTER SAGRADO DA RESPONSABILIDADE FAMILIAR

O Presidente Heber J. Grant escreveu sobre uma experiência que lhe ensinou a importância de ser auto-suficiente e cuidar da família:

“Ao falar de minha mãe maravilhosa, lembro-me de um dia em que tínhamos pelo menos meia dúzia, se não mais, de baldes no chão para apagar as goteiras do telhado. Estava chovendo torrencialmente, e o bispo Edwin D. Woolley disse ao visitar-nos:

‘Viúva Grant, isso não está certo. Vou usar parte do dinheiro das ofertas de jejum para colocar um novo telhado nesta casa.’

‘Não, não mesmo’, respondeu minha mãe. ‘Não quero que o dinheiro das ofertas seja usado para substituir o telhado de minha casa. Tenho trabalho de costura.’ (Ela sustentou nossa pequena família com uma agulha e linha por muitos anos; tempos depois, usou uma máquina de costura Wheeler and Wilcox.) (...)

Minha mãe prosseguiu: ‘Quando eu terminar esta costura que estou fazendo agora, vou comprar algumas telhas e tapar os buracos, e esta casa vai servir muito bem até meu filho crescer e construir uma nova para mim.’

Ao ir embora, o bispo disse que sentia muito pela Viúva Grant e que, caso esperasse pelo menino, jamais teria uma casa, pois ele era o rapaz mais preguiçoso de toda a Ala XIII. Disse ainda que eu desperdiçava meu tempo arremessando uma bola para o outro lado da cerca da casa hora após hora, dia após dia e semana após semana, contra a parede de seu celeiro.

Agradeço ao Senhor por uma mãe que era uma grande líder, além de santo dos últimos dias; alguém que percebia ser notável e excelente incentivar um menino a fazer algo além de talvez ordenhar vacas se ele morasse na fazenda, caso ele apresentasse aptidão para o esporte” (*Gospel Standards*, pp. 343–344).

ELE FOI DESAFIADO A LER O LIVRO DE MÓRMON

O Presidente Heber J. Grant escreveu o seguinte sobre sua experiência ao ler o Livro de Mórmon pela primeira vez:



Heber J. Grant quando jovem



Heber J. Grant (na frente), Louis A. Kalsch, Horace S. Ensign, e Alma D. Taylor dedicaram o Japão para a obra missionária em 1º de setembro de 1901.

“Lembro-me nitidamente de quando meu tio Anthony Ivins (...) perguntou a mim e a seu filho, Anthony C. Ivins:

‘Heber e Anthony, vocês já leram o Livro de Mórmon?’

Respondemos: ‘Não.’

Ele disse: ‘Desejo que leiam. Quero que se comprometam a não pular uma única palavra e, ao que ler primeiro, darei um par de luvas de couro e pele de castor, que custa dez dólares.’

Essas luvas eram o sonho de qualquer

menino de quatorze anos. Recordo que antes minha mãe já me incentivara a ler sistematicamente o Livro de Mórmon, mas eu não o fizera. Tomei a resolução de ler cerca de vinte e cinco páginas do livro por dia e tirar proveito de seu conteúdo. Eu acreditava em sua veracidade devido às palavras de minha mãe e muitos outros. Contudo, por causa do testemunho do professor da classe que Richard W. Young e eu assistíamos, achei que para ganhar as luvas eu teria de ler o livro tão rápido que não assimilaria nada; assim, decidi deixar o Anthony ganhar as luvas.

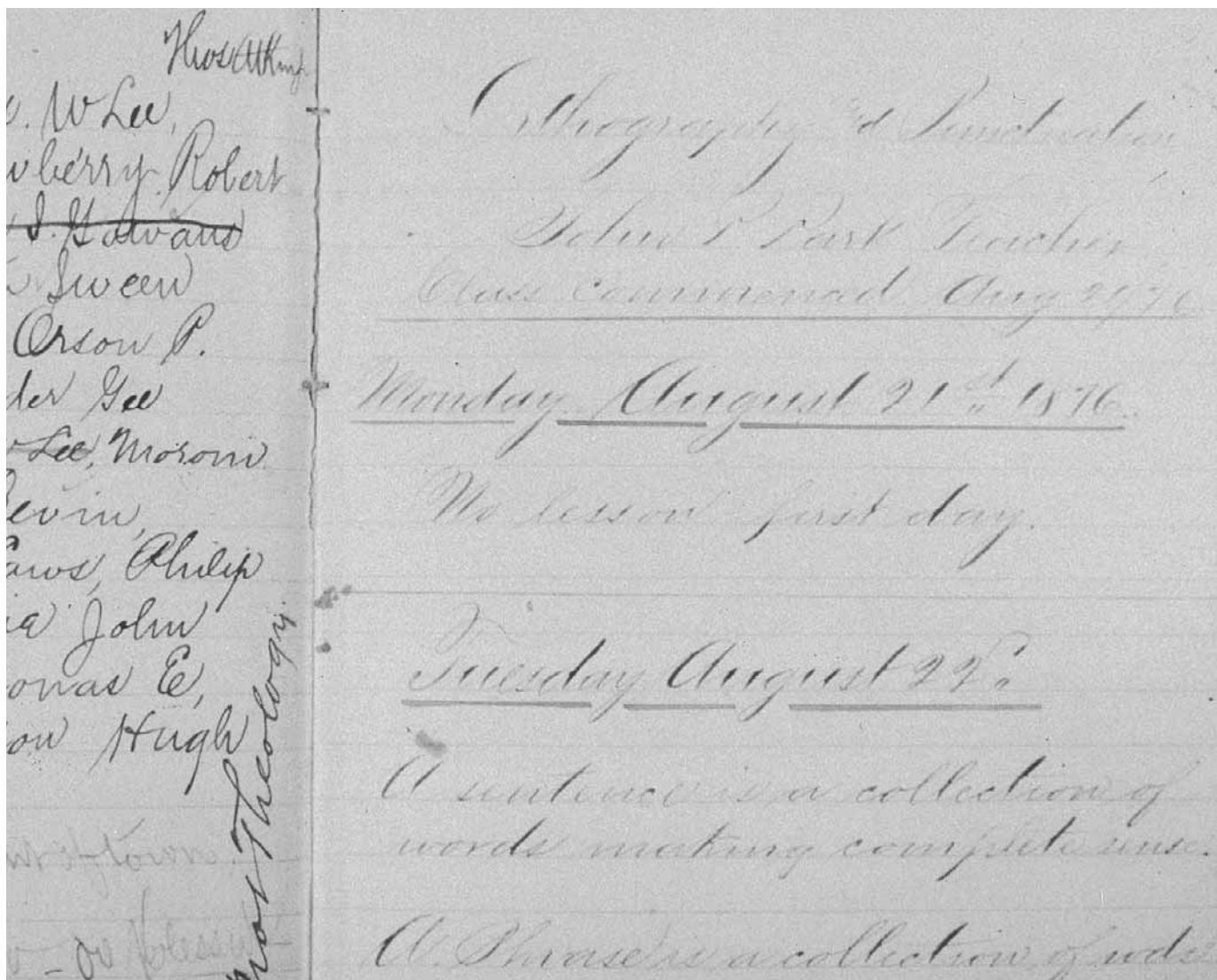
Encontrei meu primo, Anthony C., na manhã seguinte, e ele perguntou-me: ‘Quantas páginas já leu?’

Respondi: ‘Vinte e cinco páginas.’

Ele disse: ‘Li mais de cento e cinquenta. Fiquei acordado até depois de meia-noite.’

Eu disse: ‘Adeus luvas.’

Continuei a ler vinte e cinco páginas por dia e às vezes ficava tão interessado que lia cinquenta ou setenta e



Amostra da caligrafia de Heber J. Grant

Fotografia de Don O. Thorpe

cinco páginas e, para minha surpresa, terminei primeiro e ganhei as luvas. Meu primo tinha adquirido tanta vantagem no início que não se deu ao trabalho de ler mais até eu terminar o livro” (*Gospel Standards*, pp. 350–351).

SUA CALIGRAFIA PASSOU DE “RASTROS DE GALINHA” À MELHOR DE UTAH

“Certo dia, Heber estava jogando bolinhas de gude com outros meninos quando o escriturário do banco Wells Fargo and Company passou pelo outro lado da rua. Um de seus amigos comentou: ‘Aquele homem ganha 150 dólares por mês’. Heber calculou mentalmente que, tirando os domingos, aquele homem recebia 6 dólares por dia e ele, que cobrava cinco centavos por par de sapatos, teria que engraxar 120 pares para ganhar a mesma quantia. Naquele momento, resolveu que um dia ele seria escriturário no banco Wells Fargo. Naquela época, todos os registros e documentos bancários eram feitos à caneta e um dos requisitos para ser escriturário era ter boa letra. Aprender a escrever bem seria sua primeira iniciativa para ter acesso a esse emprego e ao cumprimento de sua meta; assim, pôs mãos à obra para tornar-se um exímio calígrafo.

No início, sua letra era tão feia que quando dois de seus amigos a olharam certa vez, um disse ao outro: ‘Parecem rastros de galinha.’ ‘Não’, respondeu o outro, ‘parece que um relâmpago atingiu uma caneta-tinteiro’. Isso feriu os brios de Heber que, esmurrando a escrivãzinha, prometeu: ‘Um dia vou dar-lhes aulas de caligrafia.’ (...)

Aos quinze anos de idade, ganhou um emprego como escriturário e secretário de apólices no escritório de uma seguradora. Sobre isso, escreveu: ‘Eu tinha uma caligrafia muito boa, e isso era tudo o que era necessário para desempenhar satisfatoriamente a função que eu exercia na época. No entanto, eu não estava totalmente satisfeito, mas continuei a sonhar e a melhorar minha letra quando não estava ocupado. (...) Aprendi a escrever tão bem que passei a ganhar mais fora das horas de expediente escrevendo cartões, convites e mapas do que recebia como salário regular. Aos dezenove anos de idade, eu trabalhava como escriturário e secretário de apólices para Henry Wadsworth, o agente do banco Wells Fargo and Company. Minhas responsabilidades não me ocupavam em tempo integral, e eu não estava trabalhando para a empresa, mas para o agente pessoalmente. Eu exercia as mesmas atividades que desempenhara no banco do Sr. White e ofereci-me para arquivar cartas bancárias e outros documentos e cuidei de um conjunto de livros mercantis da firma Sandy Smelting, algo que o Sr. Wadsworth estava fazendo pessoalmente. Meu trabalho agradou tanto o Sr. Wadsworth que ele me contratou para fazer cobranças para o banco Wells

Fargo and Company e pagou-me 20 dólares por mês para isso, além de meu salário regular de 75 dólares da seguradora. Assim, eu estava trabalhando para o Wells Fargo and Company e realizara um de meus maiores sonhos” (Bryant S. Hinckley, *Heber J. Grant: Highlights in the Life of a Great Leader* [1951], pp. 39–42).

“Quando Heber, ainda na adolescência, estava trabalhando como secretário de apólices no escritório de H. R. Mann e Co., recebeu a proposta de ganhar um salário três vezes maior para ir trabalhar em San Francisco como calígrafo. Posteriormente, tornou-se professor de caligrafia e escrituração na Universidade de Deseret. (Universidade de Utah) (...)

Numa das feiras territoriais nas quais ainda não competira, Heber viu trabalhos de quatro calígrafos profissionais. Comentou com o responsável pelo departamento de artes que ele conseguia escrever melhor do que todos eles quando tinha dezessete anos de idade. O homem riu e disse que ninguém além de um ousado agente de seguros faria um comentário assim. Heber pagou àquele homem a taxa de inscrição de três dólares para entrar na competição e foi buscar um exemplar de algo que escrevera antes dos dezessete anos de idade e o expôs com a observação: ‘Se os juízes forem capazes de reconhecer a boa caligrafia ao se depararem com ela, serei o ganhador.’ E ele foi para casa com o diploma de melhor caligrafia do território. Ele incentivava a arte da caligrafia entre os jovens de Sião e ofereceu muitos prêmios pelos melhores trabalhos” (Hinckley, *Heber J. Grant*, pp. 40–41).

ELE ESTAVA DETERMINADO A APRENDER A CANTAR



“Aprendi a cantar.”

Assim como o beisebol e a caligrafia, Heber J. Grant estava determinado a aprender a cantar, apesar das opiniões negativas das pessoas. Anos de prática trouxeram um sucesso moderado. Ele escreveu:

“Minha mãe tentou ensinar-me a cantar quando eu era pequeno, mas fracassou por causa de minha incapacidade de cantar sem desafinar.

Matriculei-me numa aula de canto do professor Charles J. Thomas aos dez anos de idade e ele tentou em vão ensinar-me a cantar a escala musical ou entoar uma simples melodia, mas acabou desistindo e perdendo as esperanças. Ele disse que eu jamais aprenderia a cantar nesta vida. Talvez ele achasse que eu pudesse dominar essa arte divina em outro mundo. Desde essa época, tentei inúmeras vezes cantar ao fazer um trajeto sozinho, mas nessas ocasiões nunca consegui entoar a melodia de um de nossos hinos conhecidos sem desafinar — mesmo numa única estrofe e, com freqüência, num único verso.

Quando eu estava com quase vinte e cinco anos de idade, o professor Sims informou-me que eu era capaz de cantar, mas acrescentou: ‘Eu gostaria de estar a pelo menos sessenta quilômetros de distância quando você o fizer.’ (...)

Numa viagem que fiz recentemente ao Arizona, perguntei aos Élderes Rudger Clawson e J. Golden Kimball se eles se opunham a minha intenção de cantar 100 hinos naquele dia. Eles acharam que eu estivesse brincando e garantiram que ficariam encantados. Saímos de Holbrook e nosso destino era St. Johns, um trecho de cerca de 100 quilômetros. Depois que entoei cerca de 40 cânticos, eles avisaram que se eu cantasse os 60 restantes, eles teriam uma crise de nervos. Nem dei atenção a suas súplicas, mas segui o acordo inicial e cantei os cem hinos previstos. Cento e quinze canções num único dia e quatrocentas em quatro dias é o máximo que já pratiquei.

Hoje [1900], minha surdez musical está desaparecendo e, ao sentar-me ao piano e tocar as notas principais, posso aprender uma música em menos de um décimo do tempo de que eu precisava assim que comecei a praticar” (*Gospel Standards*, pp. 351–352, 354).

ELE CASOU-SE COM LUCY STRINGHAM

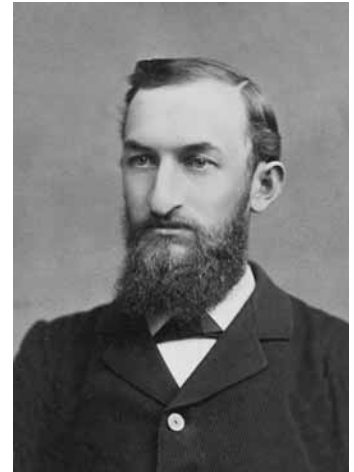


Heber e Lucy Grant e família em seu décimo aniversário de casamento, 1887

“Quando sua carreira nos negócios estava encaminhada, Heber começou a voltar a atenção para metas profissionais a longo prazo, bem como outras metas íntimas e pessoais que lhe ocupavam a mente havia anos. Em suas reminiscências, ele conta-nos o seguinte sobre esse processo e o alcance de suas metas: ‘Quando jovem, eu prometera a mim mesmo que estaria casado

antes dos vinte e um anos de idade caso conseguisse persuadir uma boa moça a desposar-me, a fim de começar a vida adulta como homem pleno. (...) Na mesma época em que fiz essa promessa, delineei um plano para minha vida até a idade de trinta e poucos anos e defini o que pretendia alcançar” (Francis M. Gibbons, *Heber J. Grant: Man of Steel, Prophet of God* [1979], pp. 27–28).

Heber estava determinado a atingir todas as metas que traçara para si mesmo. Concluiu que seu traquejo social deixava a desejar e propôs-se a melhorar. Dançar era-lhe difícil, mas acabou por tornar-se uma de suas atividades prediletas. Ele até ajudou a organizar bailes e usou essas oportunidades para procurar uma esposa. Ao sair com moças, interessou-se por Emily Wells, filha de



Heber J. Grant foi chamado para ser presidente de estaca aos 23 anos de idade e apóstolo aos 25.

Daniel H. Wells, um eminente líder da Igreja. Eles tinham muito em comum e tudo indicava que iriam casar-se. Descobriram, porém, que discordavam sobre o casamento plural. Heber vinha de uma família que praticara esse princípio e ficou surpreso com alguns comentários sarcásticos que Emily fez a respeito. Ele consultou o Senhor em oração para saber se deveria continuar o relacionamento com Emily e ficou aturdido com a resposta negativa que recebeu de modo tão forte. Ele verteu lágrimas amargas, pois a admirava muito. Contudo, pouco depois suas atenções voltaram-se para Lucy Stringham (ver Gibbons, *Heber J. Grant*, pp. 29–31).

“As primeiras tentativas de Heber para se aproximar de Lucy não foram recebidas com entusiasmo. Ele começou caminhando com ela para casa depois das reuniões da Igreja de domingo à noite; na época, era uma forma comum de fazer a corte. Contudo, era de praxe que a jovem convidasse seu acompanhante para entrar e sentar-se na sala de estar com sua família, onde poderiam conversar com seriedade ou mesmo flertar e talvez tomar um lanche — tudo sob a supervisão cuidadosa dos pais da moça. Domingo após domingo, contudo, em vez de receber o convite tão esperado para entrar na casa dos Stringham, Heber ouvia apenas um ‘boa noite’ um tanto indiferente e mesmo frio no portão. O fato de não desistir diante desse tratamento desanimador é outra evidência da perseverança de Heber J. Grant, algo que lhe era tão peculiar.

O momento-chave para a transição nesse relacionamento distante deu-se certa noite de domingo quando

Rodney C. Badger passou em frente ao portão da família Stringham no instante em que Heber ouvia o habitual ‘boa noite’ de Lucy. Esses dois amigos passaram a andar na mesma direção e Heber, em vez de tomar o rumo sul para sua casa, disse a Rodney: ‘Vou até o quarteirão dos Wells para conversar com algumas das meninas de lá.’



Heber J. Grant e sua família, 1892

Chocado com o que interpretou como infidelidade da parte de Heber, Rodney repreendeu-o por deixar uma jovem e em seguida buscar outra companhia feminina. Rodney deu-se por satisfeito quando Heber explicou a frieza de Lucy para com ele.

Ou Rodney levou Lucy a refletir ou o mero acaso interveio na situação, pois no domingo seguinte Heber recebeu o convite para entrar na casa dos Stringham, onde se tornou presença constante até o dia de seu casamento com Lucy alguns meses depois. Heber soube depois que a relutância de Lucy no início não se devia à ausência de sentimentos pelo grande homem que ela viria a desposar, mas à falsa impressão de ser apenas uma substituta temporária de Emily Wells.

Uma vez desfeito o mal-entendido e quando Lucy percebeu que Heber tinha em vista o casamento, o namoro não tardou a tomar o rumo de seu destino inevitável. Eles casaram-se no Templo de St. George em 1º de novembro de 1877, três semanas antes do aniversário de vinte e um anos de Heber” (Gibbons, *Heber J. Grant*, pp. 32–33).

Posteriormente, em 1884, com a total aprovação de Lucy, Heber casou-se com Hulda Augusta Winters e Emily Wells.



O Élder Heber J. Grant com outras Autoridades Gerais e membros da Igreja assistindo a um funeral na capela da Ala Grantsville I, setembro de 1892.

ELE ACRESCENTOU A FÉ EM DEUS A SUA DETERMINAÇÃO E VENCEU SUAS FRAQUEZAS

O Presidente Heber J. Grant contou a seguinte experiência sobre sua vida:

“Antes dos vinte e quatro anos de idade, tornei-me presidente da Estaca Tooele de Sião. Anunciei num discurso que durou sete minutos e meio que não pediria a homem nenhum em Tooele que fosse um dizimista mais honesto do que eu; que eu não pediria que ninguém sacrificasse mais seus bens para fazer ofertas do que eu estava disposto a sacrificar; não pediria que ninguém vivesse a Palavra de Sabedoria melhor do que eu. E prometi que daria o melhor de mim em benefício do povo daquela estaca de Sião.

Naquela noite, ouvi pelas minhas costas um homem dizer com certo desdém: ‘Que pena que as Autoridades Gerais tenham enviado para presidir-nos (...) um homem que não tem bom senso o bastante para discursar pelo menos dez minutos; e que tenham mandado um menino para liderar-nos.’

Quando ouvi isso, lembro-me de pensar: ‘Esse menino é o único que teria o direito de reclamar’. (...) Contudo, não consegui nos três ou quatro domingos seguintes falar mais tempo do que na primeira vez. Eu ficava sem idéias depois de cinco, seis ou seis minutos e meio.

À mesa do almoço, depois de um breve discurso que durara sete minutos e meio, o Presidente Smith disse: ‘Heber, você afirmou crer no evangelho de todo o coração e estar decidido a vivê-lo, mas não prestou testemunho de que sabe que é verdade. Você não sabe com certeza absoluta que este evangelho é verdadeiro?’

Respondi: ‘Não.’

‘O quê? Você, um presidente de estaca?’, exclamou o Presidente Joseph F. Smith.

‘É o que eu disse.’

‘Presidente [John] Taylor, proponho que desfaçamos esta tarde o que fizemos hoje de manhã. Acho que nenhum homem que não tenha um conhecimento perfeito e inabalável da divindade desta obra deve presidir uma estaca.’

Respondi: ‘Não vou reclamar.’



Heber J. Grant

O Irmão Taylor tinha o hábito, quando algo o agradava muito, de rir e sacudir o corpo inteiro. Ele disse: ‘Joseph, Joseph, Joseph, ele sabe tão bem quanto você. O único problema é que ele não sabe que sabe. Em pouco tempo saberá. Ele nunca mede esforços. Não precisa preocupar-se.’

Pouco tempo depois, fui à pequena Cidade de Vernon no condado de Tooele. Levei dois outros irmãos comigo para pregar e levantei-me para dizer algumas palavras, mas acabei discursando durante quarenta e cinco minutos com perfeita desenvoltura sob a inspiração do Senhor. Naquela noite, derramei lágrimas de gratidão ao Senhor pelo testemunho inquebrantável, perfeito e absoluto que recebi em minha vida da divindade desta obra.

No domingo seguinte, depois de falar em Vernon, estive em Grantsville. Eu disse ao Senhor que gostaria de discursar por quarenta e cinco minutos. Levantei-me para falar e fiquei sem idéias depois de cinco minutos, e estava suando frio.

Depois da reunião, fui andar e, depois de passar em frente da última casa na parte leste de Grantsville, a quase cinco quilômetros de onde estava antes, ajoelhei-me atrás de um monte de feno e mais uma vez chorei. Contudo, agora eram lágrimas de humilhação. Prometi a Deus naquela ocasião que nunca mais na vida eu me apresentaria a uma congregação com o sentimento de que tudo o que necessitava fazer era levantar-me e falar, mas que me ergueria em todas as circunstâncias com o desejo de dizer algo que fosse beneficiar os ouvintes, e não com um espírito de orgulho, como fora o caso naquele dia em Grantsville. E nunca deixei desde aquele dia até hoje — cerca de cinquenta anos depois — de ter no coração o desejo de dizer ou ler apenas o que for para o benefício duradouro de meus ouvintes” (*Gospel Standards*, pp. 191–193).

ELE ESTAVA DISPOSTO A FAZER SACRIFÍCIOS

Heber J. Grant sempre procurou seguir os conselhos dos servos do Senhor: “Desde o dia em que me tornei presidente da Estaca Tooele de Sião, aos vinte e quatro anos de idade, nunca houve um dia em que não desejei conhecer a vontade do Presidente da Igreja e dos demais líderes da Igreja para minha vida ou que não quis fazer o que eles esperavam de mim, a despeito de minhas preferências pessoais. De certa forma, sacrifiquei meus próprios projetos financeiros, entre os quais a proposta de um querido amigo [o Coronel A. G. Hawes]: um emprego de 40.000 dólares por ano, quando eu recebia da Igreja apenas um estipêndio

de 3.600 dólares em ordens do escritório do dízimo” (*Gospel Standards*, pp. 200–201).



Em 1901, o Élder Grant foi chamado para servir como presidente de missão no Japão.

SUA FÉ EM DEUS DAVA-LHE CONFIANÇA

Heber J. Grant acreditava que o Senhor nos abençoa de muitas formas ao cumprirmos nossos deveres:

“Recordo que, quando jovem, eu tinha 50 dólares no bolso que desejava depositar no banco em certa ocasião. Quando fui à reunião de jejum na manhã de quinta-feira — a reunião de jejum realizava-se nas quinta-feiras em vez de nos domingos — e o bispo fez um pedido especial de doações, dei-lhe 50 dólares. Ele tirou 5 dólares, colocou na gaveta e devolveu-me 45, dizendo que eu já fizera uma contribuição plena.

Protestei: ‘Bispo Woolley, com que direito você me priva de incluir o Senhor em minha dívida? Não pregou hoje que o Senhor recompensa os fiéis quadruplicando as bênçãos? Minha mãe é viúva e precisa de 200 dólares.’

Ele perguntou: ‘Meu rapaz, acredita que se eu aceitar os 45 dólares restantes você ganhará os 200 dólares mais rapidamente?’

Respondi: ‘Certamente.’

Então ele aceitou a oferta.



O Élder Grant (no centro) no Japão, 1902

Ao andar da reunião de jejum a meu local de trabalho, uma idéia veio-me à mente. Enviei um

telegrama a um homem oferecendo-lhe determinadas apólices. Perguntei-lhe se, dentro de quarenta e oito horas, estaria interessado em comprá-las por certo valor e se me permitiria emitir a ordem de pagamento pelo banco Wells Fargo. Era alguém que eu nem conhecia pessoalmente; nunca conversara com ele na vida, apenas o vira uma ou duas vezes nas ruas de Salt Lake City.

Ele mandou-me um telegrama informando que queria o maior número de apólices possível. Meu lucro na transação foi de 218,50 dólares.

No dia seguinte, fui até o bispo e anunciei: ‘Bispo, ganhei 218,50 dólares depois de fazer uma oferta de 50 dólares, assim devo 21,85 dólares de dízimo. Vou ter que achar a diferença entre 21,85 e 18,50. No final das contas, o Senhor não me deu o dízimo além do lucro quadruplicado’.

Alguém poderá dizer que isso teria acontecido de qualquer forma. Não concordo. Acho que aquela idéia não me teria vindo ao espírito e eu não teria enviado o telegrama.

(...) Creio firmemente que o Senhor abre as janelas do céu quando cumprimos nossos deveres financeiros e derrama bênçãos espirituais que são de valor muito maior do que os bens materiais. Contudo, concede-nos também bênçãos de natureza temporal” (citado em Hinckley, *Heber J. Grant*, pp. 98—100).

ELE SOFREU COM A MORTE DE ENTES QUERIDOS

Heber J. Grant era um pai e marido amoroso e atencioso. Tratava suas esposas e filhas como rainhas e princesas. Sua cortesia, generosidade e justiça eram uma fonte constante de alegria para elas. Contudo, a doença e a morte em sua família foram algumas de suas maiores provações. Ele perdeu seus únicos dois filhos homens — um ainda bebê e o outro também na infância. Sua tristeza foi profunda, pois desejava muito um filho. Duas de suas três esposas também sofreram morte prematura — uma três anos após a proclamação do Manifesto e a segunda alguns anos depois. Por maior que tenha sido sua dor, esses acontecimentos trouxeram experiências espirituais gratificantes que reafirmaram a vontade e o amor de Deus no que diz respeito à perda de entes queridos.

ELE TINHA A REPUTAÇÃO DE HONESTO

Heber J. Grant recusou uma vaga na Academia Naval e dedicou-se à atividade comercial — e fê-lo

com vigor em momentos bons e ruins, em meio a sucessos e reveses. Trabalhou com tanta coragem e respeitabilidade que nem mesmo sua pouca idade constituiu obstáculo. Os grandes homens de negócios de Wall Street, de Chicago e do oeste do país logo perceberam que Heber J. Grant nunca desonraria seus compromissos.

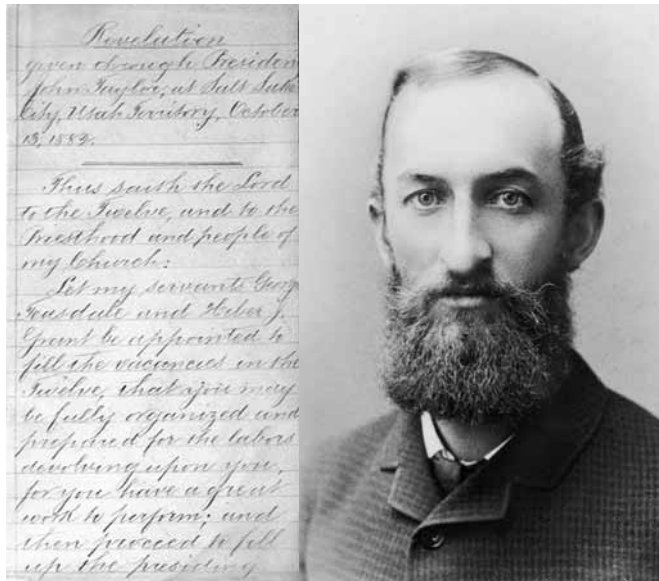


Heber J. Grant num encontro internacional de escoteiros

Quando se tornou Presidente da Igreja, Heber já contava com muitos amigos no mundo, cuja admiração pela capacidade e integridade dele era tão grande que simplesmente concluíram que nada em que ele estivesse envolvido poderia apresentar o menor grau de desonestidade ou um caráter duvidoso. Ele relatou uma experiência: “Recebi de um não-membro da Igreja uma carta quando, ainda jovem, fui chamado para o apostolado. (...) Era de um homem proeminente no mundo dos negócios, gerente de uma grande empresa. (...) Ele disse: ‘Nunca tive um conceito muito elevado dos líderes do povo mórmon; de fato, eu achava que se tratava de um grupo hábil, sagaz e astuto que enriquecia com os dízimos que acumulavam de um contingente de pessoas religiosas ignorantes, supersticiosas e fanáticas. Mas agora que você é um dos quinze homens à frente da Igreja Mórmon, apresento minhas desculpas aos outros quatorze. Sei que se houvesse qualquer coisa de errado na administração da Igreja Mórmon, você não teria o menor envolvimento com ela’” (*Gospel Standards*, p. 70).

Ele tirou proveito de cada oportunidade para usar suas amizades em benefício da Igreja. Era muito requisitado como orador e recebeu honras de não-membros importantes — tanto grupos como indivíduos. O tema de suas palestras era sempre o mesmo: a história de sua Igreja, seu povo e seus princípios. Sempre era aplaudido de pé.

ELE FOI CHAMADO AO QUÓRUM DOS DOZE APÓSTOLOS



Manuscrito da revelação recebida pelo Presidente John Taylor que chamava Heber J. Grant ao apostolado e fotografia do Elder Grant durante seus primeiros anos como apóstolo.

O Presidente John Taylor chamou Heber J. Grant para o Quórum dos Doze Apóstolos um mês antes do aniversário de vinte e seis anos do Élder Grant. Antes desse chamado, teve vários cargos na Igreja, incluindo secretário geral da Associação de Melhoramentos Mútuos dos Rapazes aos vinte e três anos e presidente da Estaca Tooele. Pode-se dizer que Heber J. Grant foi um elo importante na transição da Igreja entre um velho mundo de críticas e mal-entendidos e uma nova era de relativo respeito, admiração e amizade genuínos.

Heber J. Grant conheceu todos os homens que exerceram a presidência da Igreja do Presidente Brigham Young até o Presidente Gordon B. Hinckley. Entre as Autoridades Gerais chamadas por ele estão o Presidente Harold B. Lee, o Presidente Spencer W. Kimball e o Presidente Ezra Taft Benson.

Heber sentiu-se inadequado quando foi chamado ao apostolado e buscou a confirmação do Senhor. Certa vez, ao viajar com um grupo, teve a oportunidade de passar algum tempo sozinho e refletir sobre seu chamado. Posteriormente, descreveu essa experiência:

“Ao viajar para ir ao encontro das Autoridades



Heber J. Grant

Gerais (...), tive a impressão de ver e ouvir o que para mim é uma das coisas mais reais de toda a minha vida. Tive a sensação de ouvir as palavras proferidas por eles. Ouvi a conversa com grande interesse. A Primeira Presidência e o Quórum dos Doze Apóstolos não tinham chegado a um acordo sobre dois homens que preencheriam vagas no Quórum dos Doze. Uma das posições estava vaga havia dois anos e duas outras havia um ano, e as conferências tinham-se passado sem que fossem chamados novos apóstolos. Nesse conselho, o Salvador estava presente, bem como meu pai e o Profeta Joseph Smith. Eles disseram que fora um erro não preencher essas duas vagas e que era bem provável que o Quórum só estivesse completo seis meses depois. Eles falaram sobre quem desejavam que ocupasse essas posições e decidiram que a maneira de remediar o erro de não preencher essas vagas era enviar uma revelação. Foi-me manifestado que o Profeta Joseph Smith e meu pai mencionaram meu nome e pediram que eu fosse chamado para o apostolado. Nesse momento, chorei de alegria. Foi-me revelado que eu nada fizera para merecer aquele grande cargo, exceto levar uma vida pura e agradável aos olhos do Senhor. Foi-me manifestado que, devido ao fato de meu pai ter praticamente sacrificado sua vida no que ficou conhecido como grande reforma do povo nos primórdios da Restauração e ter sido quase um mártir, o Profeta Joseph e meu pai desejavam que eu desempenhasse aquela posição. Foi por causa de seu trabalho fiel que fui chamado, e não em virtude de qualquer coisa que eu mesmo tivesse feito ou qualquer ato grandioso por mim realizado. Foi-me dito que era tudo que esses homens, o Profeta e meu pai podiam fazer por mim. A partir daquele dia, dependia apenas de mim tornar minha vida um sucesso ou um fracasso” (*Gospel Standards*, pp. 195–196).

ELE PRESIDIU MISSÕES NO JAPÃO E NA INGLATERRA



Heber J. Grant e sua família quando ele presidiu a Missão Européia em 1905.

Ao ensinar sobre momentos em que o Senhor o abençoou ao orar para servir em determinadas posições, Heber J. Grant disse aos jovens da Igreja:

“Quando eu estava no Japão, sentindo não estar fazendo nada de aproveitável, fui a um bosque, ajoelhei-me e disse ao Senhor que assim que Ele desse por encerrada minha estada lá, onde eu não estava alcançando nenhum resultado, eu ficaria muito feliz e grato se Ele me chamasse de volta para casa e me enviasse à Europa a fim de presidir as missões de lá. Alguns dias depois, recebi uma mensagem: ‘Volte para casa no primeiro navio.’ E assim o fiz.

O Irmão Joseph F. Smith disse-me: ‘Heber, percebo que você não teve sucesso no Japão. Mandamos você para lá para passar três anos e desejo que passe outro ano na Inglaterra, caso esteja disposto.’

Respondi: ‘Estou perfeitamente disposto.’

Não muito tempo depois, fui vê-lo para despedir-me e disse: ‘Vou vê-lo daqui a pouco mais de um ano.’

Ele retorquiu: ‘Ah não, decidi que vai ser um ano e meio.’

Eu disse: ‘Tudo bem, multiplique por dois e não me queixarei.’ E ele o fez.

Quero dizer aos jovens que, de todos os meus chamados, foi no campo missionário que me aproximei mais do Senhor, alcancei melhores resultados e senti maior felicidade — mais do que todo o tempo antes e depois. O homem existe para que tenha alegria, e a alegria que senti no campo missionário foi superior a qualquer outra que vivenciei em outras circunstâncias. Assumam no coração, jovens irmãos, o compromisso de prepararem-se para saírem pelo mundo e trabalharem de modo que, ao ajoelharem-se, estejam mais perto de Deus do que em qualquer outro tipo de trabalho” (*Gospel Standards*, pp. 245–246).

ELE CONQUISTOU O RESPEITO DE LÍDERES DO MUNDO DE NEGÓCIOS

“Quando jovem, Heber J. Grant agiu com audácia e desempenhou um papel fundamental na história econômica de seu povo. Foi um dos maiores pioneiros na indústria, atrás apenas de Brigham Young. Ser pioneiro nesse ramo exige muitas das mesmas qualidades e força necessárias na exploração de novos territórios: fé, visão, imaginação, paciência e fortaleza, tudo apoiado por uma determinação que desconhece o fracasso. Heber J. Grant possuía todas essas virtudes.

Heber M. Wells, um amigo de infância, disse a respeito dele: ‘Ele contribuiu mais para estabelecer e desenvolver a causa de indústrias bem-sucedidas na região das Montanhas Rochosas do que qualquer outro homem de sua época. Seu crédito pessoal, sua integridade inquestionável e sua incrível habilidade de vendedor trouxeram capital que muito ajudou a Igreja, a comunidade e as empresas particulares. Em momentos de crise e de abundância, Heber J.



Um de seus passatempos preferidos

Grant angariou alguns dólares ou milhões quando outros homens não haviam conseguido nada. Tudo isso foi possível principalmente devido a seu prestígio pessoal e poder de persuasão. Ele nunca se negou a pagar ou foi incapaz de pagar um único dólar de obrigações que tenha assumido direta ou indiretamente, legal ou moralmente. E o resultado disso é que hoje, como durante as muitas décadas desde sua juventude, ele pode entrar em escritórios de executivos e diretores de grandes instituições financeiras nos Estados Unidos e ser cumprimentado afetuosamente por homens que se orgulham de tê-lo como amigo e líder no ramo financeiro” (Hinckley, *Heber J. Grant*, pp. 51–52).



Numa viagem pelo Havai, por volta de 1935. Heber J. Grant é o segundo à esquerda na fileira da frente.

ELE CONHECIA A AGONIA DO ENDIVIDAMENTO

Lucy, filha de Heber J. Grant, disse: “Mesmo durante os anos difíceis que se seguiram à crise financeira de 1893, quando era penoso ganhar a mais ínfima

quantia, meu pai ajudava as pessoas com sérios problemas. Ele conhecia as circunstâncias delicadas das viúvas, a precariedade dos pobres, a amargura e servidão das dívidas. Ao longo de todas as horas difíceis de sua vida, havia uma fé resplandecente e segura em Deus e Suas promessas que o sustinha. Sei que naqueles anos o horror das obrigações financeiras estava marcado na alma daqueles que tinham idade suficiente para vê-lo empenhar-se para mostrar que as dívidas são como um enorme dragão que suga impiedosamente o sangue de suas vítimas. Não é de admirar que ele sempre exortasse o povo a não se endividar. Alguém cujas experiências tenham sido semelhantes às dele reconhece o nobre valor da honra ao estar à beira da falência e a importância de uma boa reputação ao se ver prestes a cair na lama” (citado por Hinckley, *Heber J. Grant*, p. 206).

ELE ERA HONRADO E SALDAVA TODAS AS SUAS DÍVIDAS



Perto da extremidade norte do Grand Canyon

O Presidente Heber J. Grant ensinou o seguinte sobre honrar nossas obrigações para com o Senhor e os homens:

“Alguns amigos suplicaram que eu decretasse falência, alegando que eu nunca viveria o bastante para saldar minhas dívidas.

Se algum homem vivo tiver o direito de dizer: ‘Abstenham-se de dívidas’, esse alguém é Heber J. Grant. Sou grato ao Senhor por ter conseguido saldar todas as minhas dívidas e fazê-lo sem pedir um único dólar de abatimento a qualquer pessoa.

Não creio que teria conseguido quitar minhas dívidas se eu não houvesse sido absolutamente honesto com o Senhor. Quando eu ganhava qualquer quantia, a primeira dívida que eu saldava era para com o Senhor. E não tenho a menor dúvida de que se os santos dos últimos dias como povo seguissem os conselhos do profeta do Senhor e fossem dizimistas integrais, não estariam na situação em que se encontram hoje” (*Gospel Standards*, p. 59).



Em visita à Holanda, 12 de agosto de 1937

DOUTRINA E CONVÊNIOS 121 FOI UM DOS GUIAS DE SUA VIDA

O Élder Heber J. Grant, na época membro do Quórum dos Doze Apóstolos, ensinou: “Ao dirigir-me aos santos dos últimos dias, não há revelação que eu tenha citado com mais freqüência do que a contida na Seção 121 (...): ‘Nenhum poder ou influência pode ou deve ser mantido em virtude do sacerdócio, a não ser com persuasão, com longanimidade, com brandura e mansidão e com amor não fingido.’ Não há perigos com um sacerdócio desse tipo: marcado pela brandura, mansidão e amor não fingido. Contudo, quando exercemos o poder do sacerdócio (...) para ‘satisfazer nosso orgulho, nossa vã ambição ou exercer controle ou domínio ou coação sobre a alma dos filhos dos homens, em qualquer grau de iniquidade, eis que os céus se afastam; o Espírito do Senhor se magoa e, quando se afasta, amém para o sacerdócio ou a autoridade desse homem’. Essas são as palavras de Deus” (Conference Report, abril de 1902, p. 80).

SUA DEFINIÇÃO DE SUCESSO ERA SIMPLES E PRÁTICA



Com o industrial do ramo automotor Henry Ford

O Élder Grant ensinou o seguinte sobre o verdadeiro sucesso: “Não é bem-sucedido aquele que meramente consegue fazer fortuna, mas para isso enfraquece o afeto natural de seu coração e afugenta assim o amor das pessoas a sua volta. Bem-sucedido é aquele que vive de modo que as pessoas que o conhecem mais de perto são as que o amam mais profundamente e se conduz de maneira a ser amado por Deus, que conhece não só seus atos, mas também os sentimentos mais íntimos de seu coração. Somente desse tipo de homem — mesmo que morra na pobreza — pode-se dizer verdadeiramente que foi coroado de êxito” (Conference Report, outubro de 1911, p. 24).

UM DOS SEGREDOS DO SUCESSO É O SERVIÇO

O Presidente Heber J. Grant escreveu: “Estou convertido ao princípio de que a maneira de alcançar paz e felicidade na vida é servir. O serviço é a verdadeira chave, a meu ver, da felicidade, pois quando realizamos obras como o trabalho missionário, ao longo do restante da vida poderemos olhar para trás e nos regozijar com o que alcançamos. Quando praticamos qualquer ato de bondade, isso traz prazer e alegria a nosso coração, ao passo que as diversões comuns são logo esquecidas. Não podemos olhar para trás anos depois e sentir profunda satisfação por termos passado uma noite às gargalhadas” (*Gospel Standards*, p. 187).



O Presidente Grant foi escolhido para falar durante a primeira transmissão da emissora de rádio KZN em Salt Lake City no dia 6 de maio de 1922.

ELE TINHA UM TESTEMUNHO DO PROFETA JOSEPH SMITH

O Presidente Grant disse: “Conheço centenas de pessoas que me disseram: ‘Se não fosse por Joseph Smith, eu aceitaria sua religião.’ Qualquer homem que

não acreditar em Joseph Smith como profeta do Deus vivo e verdadeiro não tem o direito de estar nesta Igreja. A revelação a Joseph Smith constitui a pedra fundamental. Se Joseph Smith não viu Deus e Jesus Cristo, toda a Igreja Mórmon é um fracasso e uma fraude; não vale nada na Terra. Contudo, Deus de fato apareceu a Joseph e apresentou Seu Filho; Deus realmente inspirou esse homem a organizar a Igreja de Jesus Cristo, e toda a oposição do mundo não é capaz de resistir à verdade. Ela está florescendo; está crescendo e progredirá ainda mais” (*Gospel Standards*, p. 15).

O PLANO DE BEM-ESTAR FOI ESTABELECIDO COM BASE EM PRINCÍPIOS REVELADOS

O programa de bem-estar da Igreja foi criado com base em leis divinas, imutáveis, morais e econômicas. O Presidente Heber J. Grant explicou: “Nosso objetivo principal foi instituir, à medida do possível, um sistema no qual a praga da indolência fosse eliminada, os males da esmola fossem abolidos e a independência, industriiosidade, frugalidade e auto-respeito fossem novamente estabelecidos no seio de nosso povo. O propósito da Igreja é ajudar as pessoas a ajudarem a si mesmas. O trabalho deve voltar a ser entronizado como princípio governante da vida dos membros da Igreja” (Conference Report, outubro de 1936, p. 3).



O Presidente Heber J. Grant

O PLANO DE BEM-ESTAR DA IGREJA FOI CONCEDIDO POR INSPIRAÇÃO

O Élder Harold B. Lee, pouco depois de ser chamado para o Quórum dos Doze Apóstolos, prestou testemunho do plano de bem-estar: “Nos últimos cinco anos — gloriosos e exaustivos — trabalhei, sob a designação da Primeira Presidência, com um grupo de homens para desenvolver e implementar o que hoje conhecemos como Plano de Bem-Estar da Igreja. Ao terminar meu discurso, sinto que devo prestar-lhes meu testemunho dessa obra. No dia 20 de abril de 1935, fui chamado ao escritório da Primeira Presidência. Foi um ano antes de ser feito o anúncio oficial do Plano de Bem-Estar neste Tabernáculo. Lá, depois de uma sessão que durou metade do dia, à qual estavam presentes o Presidente Grant e o Presidente McKay — o Presidente Clark estava no leste do país, mas eles tinham-se comunicado com

ele, de sorte que todos os membros da presidência estavam de acordo — fiquei surpreso ao saber que durante anos eles vinham desenvolvendo, como resultado de suas reflexões, planejamento e inspiração do Deus Todo-Poderoso, a estrutura do plano que está sendo implementado. Antes de ser posto em prática, era preciso que a fé dos santos dos últimos dias, segundo a avaliação das Autoridades Gerais, fosse tal que os levasse a seguir os conselhos dos homens que lideram e presidem a Igreja” (Conference Report, abril de 1941, pp. 120–121).



O Presidente Heber J. Grant e esposa, 1942

ELE ENSINOU SOBRE O BEM-ESTAR E A PALAVRA DE SABEDORIA

O Presidente Heber J. Grant considerava a Palavra de Sabedoria um importante princípio de bem-estar. De fato, ele mencionava-a como princípio de bem-estar quase com a mesma freqüência que o pagamento do dízimo e a abstenção de dívidas. A Palavra de Sabedoria pode ser vista como princípio de bem-estar porque o bem-estar consiste em cuidar de si mesmo e poupar os recursos de hoje para usá-los no futuro.



Heber J. Grant com a esposa e nove filhas

O Presidente Grant ensinou: “Gostaria de dizer que se nós, como povo, nunca ingeríssemos uma gota de chá, café, bebida alcoólica nem fumássemos, nós nos tornaríamos um dos povos mais abastados do mundo.

Por quê? Porque teríamos maior vigor físico e mental, cresceríamos espiritualmente e desfrutaríamos uma comunicação mais direta com Deus, nosso Pai Celestial” (*Gospel Standards*, p. 50).

Ele mencionou também as grandes somas de dinheiro desperdiçadas devido ao tratamento de doenças diretamente causadas por substâncias prejudiciais, a perda do emprego, a baixa produtividade devido a ressacas e pausas para fumar e tomar café e os acidentes nas estradas e na indústria provocados por pessoas embriagadas.

O PAGAMENTO DO DÍZIMO E DAS OFERTAS AJUDA-NOS A VENCER O EGOÍSMO



A Primeira Presidência: Anthony W. Ivins, Heber J. Grant e Charles W. Nibley

O Presidente Heber J. Grant ensinou: “Alguns acham muito difícil obedecer à lei do dízimo. Quanto maior for a dificuldade de uma pessoa para cumprir as exigências do Senhor no pagamento do dízimo, maiores serão os benefícios quando ela finalmente o fizer. O Senhor ama quem faz ofertas generosas. Nenhuma pessoa deste mundo pode ajudar os pobres, contribuir para a construção de capelas e templos, escolas e universidades, usar seus recursos para enviar seus filhos para proclamar este evangelho sem remover de sua alma o egoísmo, por mais egoísta que ela tenha sido inicialmente. Essa é uma das melhores coisas do mundo para um ser humano: chegar ao ponto de curar o egoísmo de sua natureza. Quando esse sentimento é extirpado de suas disposições, as pessoas sentem-se felizes e ficam ansiosas e ávidas pela oportunidade de fazer o bem com os meios que o Senhor lhes concedeu, em vez de tentar tirar o máximo proveito para si mesmas” (*Gospel Standards*, p. 62).

A LEI DO JEJUM É O ALICERCE ESPIRITUAL DO PLANO DE BEM-ESTAR

O Presidente Heber J. Grant ensinou o seguinte sobre as bênçãos do jejum:

“Prometo-lhes neste dia que se os santos dos últimos dias, como povo, observarem a partir de hoje honesta e conscienciosamente o jejum mensal e derem ao bispo a quantia real que gastariam com alimentos nas duas refeições [consecutivas] de que se abstiverem e se pagarem também um dízimo honesto, isso resolverá todos os problemas relacionados ao bem-estar dos santos dos últimos dias. Assim teremos o dinheiro necessário para cuidar de todos os desempregados e pobres.

Todo santo dos últimos dias que jejuar durante duas refeições uma vez por mês se beneficiará espiritualmente e fortalecerá sua fé no evangelho do Senhor Jesus Cristo — bênçãos espirituais maravilhosas — e os bispos terão recursos suficientes para cuidar de todos os necessitados” (*Gospel Standards*, p. 123).

O DÍZIMO É A LEI DO SENHOR PARA O SUCESSO FINANCEIRO



Na dedicação do Templo de Alberta Canadá, agosto de 1923; o primeiro templo a ser construído fora dos Estados Unidos. O Presidente Grant dedicou também os Templos de Laie Havai e Mesa Arizona.

O Presidente Heber J. Grant sempre ressaltava a importância de pagar um dízimo honesto. Em 1898, quando era membro do Quórum dos Doze Apóstolos, testificou: “Há quem diga: ‘Devo a meu vizinho e preciso saldar meu débito com ele antes de pagar o dízimo.’ Bem, sei que devo muito a meus vizinhos, e eles tentam receber o que lhes é de direito. Mas devo a Deus um dízimo honesto e pretendo pagar-Lhe primeiro e a meus vizinhos depois. Temos a obrigação de ajustar nossas contas primeiramente com o Senhor, e pretendo fazê-lo, com a ajuda de meu Pai Celestial. E desejo dizer-lhes que, caso sejam honestos para com o Senhor e paguem seu dízimo e guardem Seus mandamentos, Ele não só vai abençoá-los com luz e inspiração de Seu Santo Espírito, mas financeiramente também; vocês conseguirão saldar suas dívidas, e o Senhor lhes concederá bênçãos materiais em grande abundância” (Conference Report, abril de 1898, p. 16).



O Presidente Heber J. Grant

Em 1925, ele ensinou: “A lei da prosperidade financeira para os santos dos últimos dias, sob convênio com Deus, é serem dizimistas honestos e não roubarem o Senhor nos dízimos e ofertas. Aqueles que observam a lei do dízimo alcançam prosperidade. Quando digo prosperidade não penso apenas em termos monetários, embora em geral os santos mais fiéis no dízimo sejam os mais bem-sucedidos financeiramente; mas o que considero a verdadeira prosperidade, a coisa que entre todas as outras é de maior valor para todos os homens e mulheres, é o crescimento no conhecimento sobre Deus, no testemunho e na capacidade de viver o evangelho e inspirar nossa família a fazer o mesmo. Essa é a verdadeira prosperidade” (Conference Report, abril de 1925, p. 10).

NÃO CONTRAIR DÍVIDAS É UM PRINCÍPIO DE BEM-ESTAR

O Presidente Heber J. Grant deu os seguintes conselhos sobre as dívidas: “Se as pessoas fizessem suas compras à vista, não tivessem que pagar juros e adquirissem apenas o que podem comprar, a maioria delas estaria em circunstâncias razoavelmente confortáveis. (...) Boa parte de nossos sofrimentos é decorrente das dívidas. Muitas vezes, empenhamos nosso futuro sem levar em conta os imprevistos que podem surgir: doenças, cirurgias e outros contratempos” (*Gospel Standards*, p. 112).

AS PESSOAS MAIS PRÓXIMAS SABIAM QUE ELE ERA UM HOMEM GENEROSO

Num discurso proferido no funeral do Presidente Heber J. Grant, o Presidente David O. McKay disse: “O Presidente Grant gostava de ganhar dinheiro, mas adorava usá-lo em benefício alheio. Em diversas ocasiões, com muito tato, mas se preciso com mais pulso, mas sempre sem alarde, ele protegeu o bom nome das pessoas a sua volta, pagou a hipoteca da casa de viúvas, arcou com as despesas de missionários, ofereceu trabalho a desempregados e prestou auxílio e socorro sempre que necessário. Jamais houve homem com a mente

mais ávida para abençoar, o coração mais terno e as mãos mais generosas do que o Presidente Grant. Assim, ao ‘andar fazendo o bem’, ele ‘alimentou a chama do amor humano e elevou os padrões de virtude da humanidade’” (*Improvement Era*, junho de 1945, p. 361).



O Presidente Heber J. Grant com o Élder David O. McKay

Joseph Anderson, o secretário do Presidente Grant, escreveu: “Ninguém jamais saberá quantas hipotecas de viúvas ele pagou do próprio bolso. Com freqüência ele consultava seu saldo no banco. Ele não tinha nenhum interesse especial na acumulação de dinheiro; tudo o que lhe interessava era o bem que poderia fazer com ele” (*Prophets I Have Known* [1973], p. 30).

ELE FEZ CONTRIBUIÇÕES DE SERVIÇO E AMOR



No Bosque Sagrado, 22 de setembro de 1923

Heber J. Grant teve inúmeras designações na Igreja, incluindo um envolvimento com a Associação de Melhoramentos Mútuos ao longo de toda a vida. Nessa organização, desempenhou muitas posições de liderança e ajudou a criar a revista *Improvement Era*, servindo como editor e colaborador desde o início. Ele sempre achava tempo e meios de freqüentar o templo quando estava perto de um deles e em geral

ia acompanhado de familiares. Como Presidente da Igreja, dedicou três novos templos. “O Presidente Grant defendia e apoiava de modo muito prático a obra vicária. Embora não abordasse esse assunto com freqüência em seus discursos, os registros mostram que ele fez mais por seus parentes falecidos do que qualquer outro homem. Isso era típico dele; era assim que agia” (Hinckley, *Heber J. Grant*, p. 125).

Além de tudo isso, havia ainda os milhares de livros que ele enviou com mensagens com sua letra incomparável a membros e não-membros, as inúmeras horas que passou reativando irmãos menos ativos, a hipoteca de viúvas que ele pagou e outros atos filantrópicos.

ELE MORREU EM SALT LAKE CITY



O Presidente Heber J. Grant tinha 1,86 m de altura. Foi o primeiro presidente da Igreja a nascer no Oeste.

“No fim da tarde de 14 de maio de 1945, o Presidente Heber J. Grant faleceu em paz em sua residência em Salt Lake City. Nos cinco anos anteriores, sua saúde estava debilitada, mas ele nunca perdeu a coragem e a determinação para seguir em frente e cumprir seus deveres. Todos os dias, até pouco antes de sua morte, ele podia ser visto em seu escritório desempenhando suas obrigações tanto quanto o médico lhe permitia. Sua vida fora marcada pela intensa atividade.

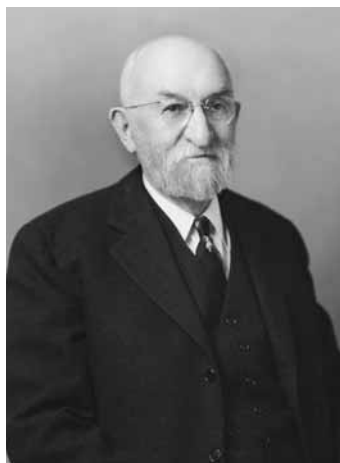
Quando jovem, tinha uma aparência frágil e até foi recusado por um plano de saúde devido a suas condições físicas. No entanto, sempre levou uma vida ativa, praticou esportes e até integrou a equipe de beisebol campeã de Utah em certo ano. Sua energia era maravilhosa e suas atividades nunca cessavam. Ele jamais fazia concessões ao mal. Algumas de suas características mais marcantes jamais foram percebidas pelo público. Ele tinha uma natureza afável e solidária que seus amigos amavam profundamente; ele era bondoso para com os aflitos e auxiliava os necessitados constantemente, algo que nunca ficou registrado nos anais terrenos. Seu testemunho da verdade nunca vacilou. Ele tinha inúmeros amigos fora da Igreja, e era amado afetuosamente por seu povo” (Joseph Fielding Smith, *Essentials in Church History*, 26ª ed. [1950], pp. 530–531).

A II Guerra Mundial estava chegando ao fim na Europa quando seu corpo alto e magro foi sepultado.

Ele recebeu honras e louvores tanto de membros como de não-membros. Milhares de pessoas vieram prestar um último tributo. Em seu funeral, um de seus conselheiros, o Presidente J. Reuben Clark Jr., disse sobre ele: “Ele viveu sem nada a esconder. Ele não tinha nada em sua vida do que se constranger, nada a ocultar, nada que o viesse envergonhar” (citado por Hinckley, *Heber J. Grant*, p. 262).

meu presidente de missão, o Élder Joseph F. Merrill, do Conselho dos Doze. Fico aturdido ao pensar em tudo o que aconteceu desde aquele dia. É estranho dar-me conta de que hoje estou sentado no mesmo local que o Presidente Heber J. Grant naquela ocasião. Ele era um gigante e eu o amava” (citado por Sheri L. Dew, *Go Forward with Faith: The Biography of Gordon B. Hinckley* [1996], p. 511).

“ELE ERA UM GIGANTE”

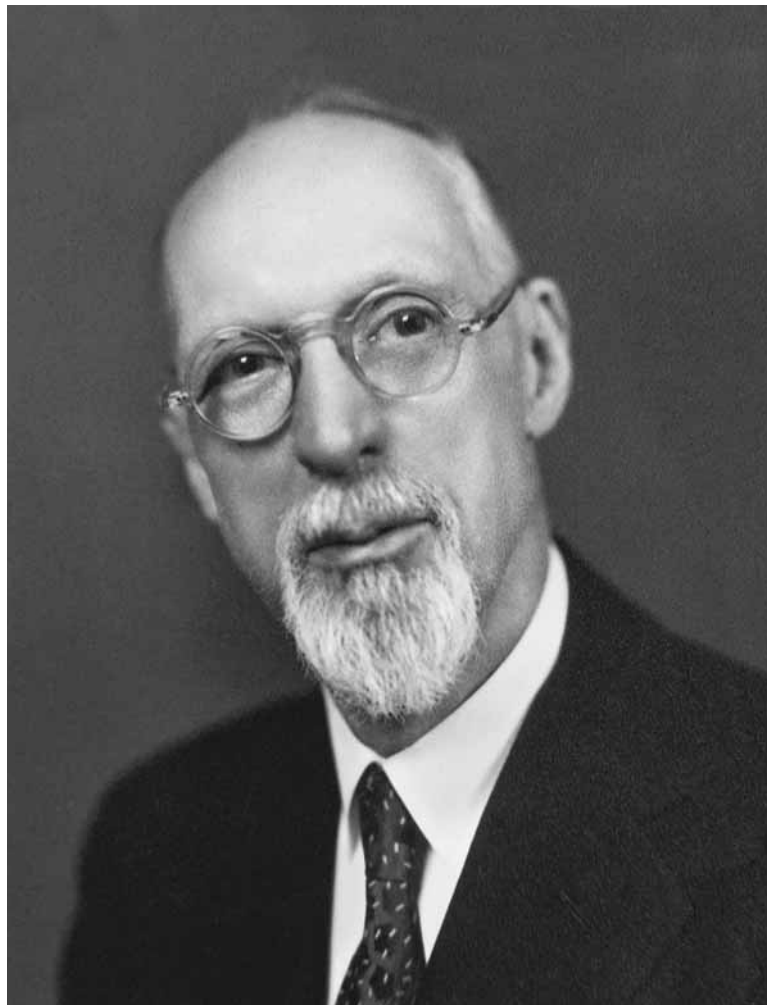


O Presidente Heber J. Grant

No dia 14 de março de 1995, o Presidente Gordon B. Hinckley, ao deparar-se com suas novas responsabilidades como Presidente da Igreja, escreveu em seu diário: “Em julho vai fazer sessenta anos que entrei nesta sala pela primeira vez. Eu acabara de voltar do campo missionário e vim para uma entrevista com a Primeira Presidência a pedido de

George Albert Smith

OITAVO PRESIDENTE DA IGREJA



EVENTOS MARCANTES DA VIDA DE GEORGE ALBERT SMITH

Idade Acontecimentos

Nasce em 4 de abril de 1870 em Salt Lake City, Utah, filho de John Henry e Sarah Farr Smith.

- 13 Começa a trabalhar numa fábrica de roupas da loja ZCMI (1883); recebe a bênção patriarcal, que prediz seu chamado como apóstolo (janeiro de 1884).
- 21 Serve como missionário no sul de Utah para a Associação de Melhoramentos Mútuos dos Rapazes (1891).
- 22 Casa-se com Lucy Emily Woodruff (25 de maio de 1892).
- 22–24 Serve como missionário no sul dos Estados Unidos (junho de 1892—junho de 1894).
- 28 É nomeado curador do Departamento Federal de Registro de Terras e agente pagador para Utah pelo presidente dos Estados Unidos William McKinley (1897–1902).
- 33 É ordenado apóstolo (8 de outubro de 1903).
- 34 Redige seu credo (1904).
- 39–42 Sofre sérios problemas de saúde (1909–1912).
- 49–51 Serve como presidente da Missão Europeia (junho de 1919 — julho de 1921).
- 52 É eleito vice-presidente da Sociedade Nacional dos Filhos da Revolução Americana (1922).
- 61 Torna-se membro da Junta Executiva Nacional dos Escoteiros da América (1931).
- 73 É designado presidente do Quórum dos Doze Apóstolos (1º de julho de 1943).
- 75 Torna-se presidente da Igreja (21 de maio de 1945); dedica o Templo de Idaho Falls Idaho (23 de setembro de 1945); reúne-se com o presidente dos Estados Unidos Harry S. Truman (3 de novembro de 1945).
- 77 Comemorações do centenário da chegada dos pioneiros a Utah (1947).
- 81 Morre em Salt Lake City, Utah (4 de abril de 1951).

Ulysses S. Grant, Charles Darwin, Alexander Graham Bell — esses eram alguns dos nomes que mais estavam em evidência no mundo em 1870. No distante Estado de Utah, um compromisso pré-mortal realizou-se com o nascimento de um bebê que recebeu o nome mortal com o qual um dia seria amado e reverenciado por milhares de pessoas. Foi no dia 4 de abril, em Salt Lake City, e essa criança chamava-se



George Albert Smith, com cerca de quatro anos de idade

Fotografia de Charles R. Savage

George Albert Smith. Como no caso de outros profetas, sua juventude foi simples. Ele foi um menino pioneiro, criado em meio à empolgação em torno da construção do Templo de Salt Lake. Passou a infância cuidando de gado, andando a cavalo e estudando. Também era músico.

A bênção patriarcal que George Albert Smith recebeu, aos treze anos de idade, do patriarca Zebedee Coltrin exerceu um efeito profundo em sua mente e atitudes. Nela, foi-lhe dito: “Foste chamado e escolhido pelo Senhor antes da fundação do mundo para nascer nesta dispensação a fim de ajudar a edificar a Sião de Deus na Terra. (...) E te tornarás um profeta de poder entre os filhos de Sião. Os anjos do Senhor te ministrarão. (...) Estás destinado a tornar-te um homem influente diante do Senhor, pois serás um grande apóstolo na Igreja e reino de Deus na Terra. Ninguém na família de teu pai terá mais poder com Deus do que ti; ninguém te excederá” (citado por George Albert Smith, *The Teachings of George Albert Smith*, ed. Robert e Susan McIntosh [1996], p. xix).

AINDA JOVEM, ELE TEVE EXPERIÊNCIAS PESSOAIS COM GRANDES LÍDERES

George Albert Smith foi criado perto de grandes servos de Deus. Recebeu o mesmo nome que seu avô, George A. Smith, que fora apóstolo e membro da Primeira Presidência. Seu pai, John Henry Smith, também era apóstolo e tornou-se conselheiro do Presidente Joseph F. Smith.

Quando George Albert era um menino de cinco anos, sua mãe enviou-o para entregar uma mensagem ao Presidente Brigham Young. Ao abrir o enorme portão que levava à casa de Brigham Young e entrar, o vigia parou-o e perguntou-lhe o que desejava. O menino respondeu que queria ver o Presidente Young. O vigia riu

e disse que achava que Brigham Young não tinha tempo para receber um menininho. Naquele instante, o Presidente Young saiu de casa e perguntou o que estava acontecendo. O guarda explicou, e o Presidente respondeu: “Acompanhe-o até aqui.” Ao recordar esse incidente, George Albert Smith disse:



Filhos de John Henry e Sarah Farr Smith. George Albert é o primeiro à esquerda.

“O Presidente Young tomou-me pela mão e conduziu-me a seu escritório, sentou-se à escrivaninha e colocou-me em seus joelhos com os braços em volta de mim. Da maneira mais doce que se poderia imaginar, perguntou: ‘O que deseja do Presidente Young?’

Imaginem só! Ele era o presidente de uma grande Igreja e governador de um território e, em meio a todas as suas obrigações, recebeu a mim, um menininho, com tanta dignidade e bondade, como se eu fosse governador de um estado vizinho” (citado por Arthur R. Bassett, “George Albert Smith: On Reaching Out to Others”, *New Era*, janeiro de 1972, p. 51).

Essa experiência ajudou a ensinar-lhe que “os grandes homens sempre encontram tempo para as pessoas que precisam deles. (...)”

Imaginem a imagem que o futuro profeta do Senhor, George Albert Smith, teve do Presidente Young quando, naquele dia de sua infância, saiu de seu escritório. Em sua vida adulta, nunca se esqueceu dessa lição e sempre deu atenção a pessoas que poderiam facilmente ser ignoradas por outros e consideradas insignificantes” (Bassett, *New Era*, janeiro de 1972, pp. 51–52).

Anos depois, como membro do Quórum dos Doze Apóstolos, o Élder George Albert Smith falou da importância das lições que aprendera com esses grandes líderes: “Desde pequeno, nunca aprendi com eles a fazer nada de errado, nada que viesse a prejudicar um dos filhos do Pai Celestial; mas desde a infância me ensinaram a desenvolver a industriiosidade, a sobriedade, a honestidade, a integridade e todas as virtudes que possuem os homens e mulheres a quem Deus gosta de honrar e abençoar. Agradeço a meu Pai Celestial hoje

por esses ensinamentos que recebi Dele por meio de Seus servos fiéis.” (Conference Report, outubro de 1906, pp. 46–47).

ELE APRENDEU COM O EXEMPLO E OS ENSINAMENTOS DE SEU PAI

O exemplo dado por seu pai teve um grande impacto em George Albert Smith. Edith Elliott, filha de George Albert Smith, relatou o seguinte incidente: “Certo dia, meu pai estava andando na rua em Salt Lake City com seu pai, John Henry Smith. Um bêbado aproximou-se de John Henry e pediu algumas moedinhas para comprar uma refeição quente. Sem hesitar, John Henry deu-lhe um

pouco de dinheiro. Em seguida, George Albert perguntou ao pai por que ajudara aquele homem embriagado, quando era bem provável que fosse comprar bebida alcoólica. O pai respondeu que daria moedas a dez homens que ele achasse que as usariam para comprar bebida alcoólica caso houvesse a chance de que ao menos um deles viesse a fazer bom uso do dinheiro” (entrevista pessoal aos CES Curriculum Services, 30 de junho de 1972).



John Henry Smith, pai de George Albert Smith

Special Collections Dept., Biblioteca J. Willard Marriott, Universidade de Utah



Sarah Farr Smith, mãe de George Albert Smith

impelido a abaixar-me, erguê-lo e colocá-lo de pé para recomençar.’ Eu gostaria de dizer que nunca vi em minha vida um dos filhos de meu Pai sem me dar conta de que é meu irmão e de que Deus ama cada um de nós, mas não ama nossa iniquidade e infidelidade” (“President Smith’s Leadership Address”, *Church News*, 16 de fevereiro de 1946, p. 6).

O Presidente George Albert Smith deu outro exemplo do amor que seu pai tinha pelo próximo: “Quando penso na consideração e afeto que tenho pela família de meu Pai, a família humana, lembro-me de algo ensinado por meu pai terreno, e acho que em parte herdei isso dele. Ele disse: ‘Nunca vi um filho de Deus na sarjeta sem me sentir

ELE TINHA FÉ PARA SER CURADO

“Na infância, ele foi acometido de febre tifóide. O médico aconselhou sua mãe a mantê-lo acamado durante três semanas, a não o deixar ingerir alimentos sólidos e a dar-lhe café. Anos depois, George Albert recordou:

‘Quando o médico foi embora, eu disse a minha mãe que eu não queria café. Eu aprendera que a Palavra de Sabedoria, dada pelo Senhor a Joseph Smith, nos aconselhava a não tomar café.

Minha mãe dera à luz três filhos e dois tinham morrido. Assim, sua preocupação comigo era desmesurada.

Pedi a ela que procurasse o irmão Hawks, um membro de nossa ala. Ele trabalhava numa oficina de fundição; era um homem pobre e humilde que tinha grande fé no poder do Senhor. Ele veio, ministrou-me e abençoou-me para que eu fosse curado.

Quando o médico veio na manhã seguinte, eu estava brincando do lado de fora da casa com outras crianças. Ele ficou surpreso. Examinou-me e verificou que minha febre acabara e que eu parecia bem.

Fiquei grato ao Senhor por minha recuperação. Eu tinha certeza de que fora Ele que me curara” (*Teachings of George Albert Smith*, p. xvii).

ELE PERMANECEU FIRME E FIEL EM PERÍODOS DE PROVAÇÃO



George Albert Smith (à direita), aos 16 anos de idade, e seu amigo John Howard gostavam de divertir as pessoas.

Special Collections Dept., Biblioteca J. Willard Marriott, Universidade de Utah



George Albert Smith e seus três irmãos: Don Carlos (de pé), George Albert, Winslow Farr e Ezra Chase (sentado, da esquerda para a direita)

Fotografia de Charles R. Savage, Special Collections Dept., Biblioteca J. Willard Marriott, Universidade de Utah

A segurança sentida por aqueles que confiam no Senhor apesar das tribulações que os rodeiam é ilustrada na seguinte história sobre a infância do Élder George Albert Smith, relatada por ele quando era membro do Quórum dos Doze Apóstolos: “Morávamos numa casa de madeira de dois andares, e quando havia ventos fortes, a casa balançava e tínhamos a impressão de que

iria desabar. Às vezes eu sentia tanto medo que não conseguia dormir. Minha cama ficava num quarto isolado e, em muitas noites, eu saía e ajoelhava-me para pedir ao Pai Celestial que cuidasse da casa e a protegesse para que não desmoronasse. E eu sempre voltava à cama com tanta certeza de que seria protegido do mal como se eu estivesse segurando a mão de meu Pai” (“To the Relief Society”, *Relief Society Magazine*, dezembro de 1932, pp. 707–708).

Houve muitos anos de preparação, trabalho, serviço e obediência. Ele serviu como missionário no sul de Utah por um curto período, trabalhou para a principal loja de departamentos de Utah e casou-se com seu amor de infância, Lucy Woodruff. Foram também anos em que ele foi refinado por meio do sofrimento: febre tifóide quando criança, sério ferimento nos olhos ao trabalhar como inspetor ferroviário no deserto do oeste do estado e duas ocasiões em que escapou por pouco da morte durante sua missão no sul dos Estados Unidos. Ao longo de cinco anos, sofreu fortes dores devido a uma grave doença. Achou que seus dias estavam perto do fim, mas recebeu a impressão de que sua missão terrena ainda não terminara. O padecimento desenvolveu sua força e compaixão.

Quando era um jovem missionário, George Albert Smith e seu companheiro, J. Golden Kimball, estavam proclamando o evangelho no Alabama. “Suas pregações na região tinham gerado intensa oposição que, em certa noite, degenerou em violência. Por volta da meia-noite, a casa onde moravam foi cercada por



Fotografia de George Albert Smith quando missionário

uma turba enraivecida cujo líder esmurrou a porta, mandando em linguagem vulgar e profano os élderes saírem ou então levariam tiros. Quando eles se recusaram a obedecer, o populacho começou a atirar nos cantos da casa. ‘Estilhaços estavam voando acima de nossa cabeça em todas as direções’, escreveu o Élder Smith sobre o incidente. ‘Houve momentos de silêncio, mas então veio outra rajada de tiros e mais estilhaços voaram pelos ares.’ Ele queria ver qual seria sua própria reação no que considerava ‘um dos acontecimentos mais horríveis’ de sua vida. ‘Mantive toda a calma enquanto estava deitado lá dentro’, escreveu o missionário posteriormente, ‘pois eu tinha certeza de que enquanto estivesse pregando a palavra de Deus e seguindo Seus ensinamentos, o Senhor me protegeria, e de fato o fez’. Na manhã seguinte, quando os élderes saíram de casa, encontraram

um pesado feixe de varas, do tipo que já fora usado para açoitador outros missionários no sul do país” (Francis M. Gibbons, *George Albert Smith: Kind and Caring Christian, Prophet of God* [1990], pp. 26–27).



Conferência missionária, Chattanooga, Tennessee, 1893



Os Élderes George Albert Smith e Henry Foster

Entre 1909 e 1912, enquanto fazia parte do Quórum dos Doze Apóstolos, George Albert Smith debateu-se com problemas de saúde muito graves. Sobre essa época de provações, confidenciou a um amigo posteriormente: “Quando eu estava no estado mais crítico de minha enfermidade [1909–1912], eu não sabia se minha obra terminara ou não, mas eu

disse ao Senhor que se fosse assim e Ele estivesse preparando-Se para chamar-me para casa, eu estava pronto para partir. Contudo, se ainda houvesse trabalho para eu realizar, eu gostaria de recobrar a saúde. Entreguei minha vida em Suas mãos para que Ele dispusesse dela como desejasse, e pouco depois comecei a recuperar-me” (citado por Glen R. Stubbs, “A Biography of George Albert Smith, 1870 to 1951” [tese de doutorado, Universidade Brigham Young, 1974], p. 317).

ELE CASOU-SE COM LUCY WOODRUFF

Lucy Emily Woodruff era neta do Presidente Wilford Woodruff. Era uma mulher de grande fé e inteligência. Ela e George Albert Smith conheciam-se desde a infância, e ela amava-o e respeitava-o. Contudo, o afeto dela estava dividido entre George Albert e outro pretendente.



Lucy Emily Woodruff, aos 10 anos de idade

Em 1891, o namoro foi interrompido quando George recebeu um chamado missionário da Primeira Presidência da Igreja para fortalecer os jovens membros da Associação de Melhoramentos Mútuos dos Rapazes e Moças das Estacas Juab, Millard, Beaver e Parowan, no sul de Utah. Uma semana depois de iniciar essa designação, escreveu em



Lucy Woodruff, aos 19 anos de idade

seu diário: “A carta que eu esperava nunca chegou.” Quando George recebeu uma carta de Lucy Woodruff no dia seguinte, o assunto eram seus possíveis planos de casamento com seu outro pretendente. George respondeu externando seus sentimentos por Lucy e deu os seguintes conselhos: “Seja humilde e mantenha-se em espírito de oração; não confunda os deveres que você tem para com os outros. Seu primeiro dever é consigo mesma. Sinto que você será feliz e oro para isso” (citado por Gibbons, *George Albert Smith*, p. 19).



Lucy Woodruff fantasiada para uma apresentação teatral

ela deu-se conta de que simplesmente tivera uma paixão passageira por um homem bonito, mas vazio. Lucy Woodruff Smith exclamou repetidas vezes que ‘quase cometera um trágico erro’ (Gibbons, *George Albert Smith*, p. 21).

ELE FOI CHAMADO AO APOSTOLADO

George Albert Smith foi ordenado ao Quórum dos Doze Apóstolos em 8 de outubro de 1903, aos trinta e três anos de idade. Apesar de constantes problemas de saúde, viajou, pregou, trabalhou e orou infatigavelmente. Todos receberam sua atenção: delinquentes juvenis,

desabrigados e sem-teto, cegos, grupos dissidentes da Igreja e o movimento escoteiro.

ELE TINHA UM CREDO PESSOAL

Com a idade de trinta e quatro anos, George Albert Smith preparou uma lista de metas para o restante de sua vida. O chamado para o apostolado foi um momento crucial para registrar por escrito o que ele desejava realizar até o fim de seus dias:

“Serei amigo dos que não têm amigos e encontrarei alegria ministrando às necessidades dos pobres. Visitarei os doentes e afli-



George Albert Smith

tos e inspirarei neles o desejo de exercerem fé para serem curados. Ensinarei a verdade para o entendimento e bênção de toda a humanidade. Irei atrás dos que se desencaminharam e tentarei trazê-los de volta a uma vida justa e feliz. Não tentarei forçar as pessoas a viverem segundo meus ideais, mas as persuadirei com amor a fazerem o que é certo. Viverei perto das pessoas comuns e as ajudarei a resolver seus problemas a fim de que sua vida terrena seja feliz. Evitarei a publicidade de posições elevadas e desencorajarei as lisonjas de amigos imprudentes. Não magoarei ninguém conscientemente, nem mesmo a uma pessoa que tenha-me feito mal, mas tentarei fazer-lhe o bem e torná-la minha amiga. Vencerei a tendência ao egoísmo e à inveja e me regozijarei nas vitórias de todos os filhos de meu Pai Celestial. Não serei inimigo de nenhuma alma vivente. Por saber que o Redentor da humanidade ofereceu ao mundo o único plano que nos desenvolverá plenamente e nos trará a verdadeira felicidade nesta vida e na vida futura, sinto ser não apenas um dever, mas um privilégioabençoado, propagar essa verdade” (citado por Bryant S. Hinckley, “Greatness in Men: Superintendent George Albert Smith”, *Improvement Era*, março de 1932, p. 295).

George Albert Smith esforçou-se por viver de acordo com seu credo em todos os detalhes. Isso exigia um enorme sacrifício de sua parte. Seu amor era sincero e constante. Ele mostrava o grau máximo de tolerância, confiança e preocupação por milhares dos filhos de nosso Pai Celestial em suas viagens e labores. Ele era um vaso sensível por meio do qual o amor do Mestre podia manifestar-se. Na vida de George Albert Smith, vemos que o amor não é um sentimento indolente. É ação — constante, alerta e ávida por servir a qualquer custo.

“O QUE VOCÊ TEM FEITO COM MEU NOME?”

Gravura de H. B. Hall and Sons, New York
Special Collections Dept., Biblioteca J. Willard Marriott, Universidade de Utah



O avô de George Albert Smith, George A. Smith

“Perdi os sentidos e achei ter passado para o Outro Lado. Vi-me de costas para um grande e belo lago, ao pé de uma densa floresta. Não havia ninguém à vista e nenhum barco no lago ou qualquer outro meio de transporte que indicasse como eu chegara àquele local. Percebi, ou tive a impressão de perceber, que eu terminara meu trabalho na mortalidade e que voltara para casa. Comecei a olhar a minha volta na tentativa de ver alguém. Não havia nem sinal de moradores nas redondezas, apenas formosas árvores imponentes à minha frente e o maravilhoso lago logo atrás de mim.



George Albert Smith, por volta de 1912-1914

a seu encontro, pois reconheci-o como meu avô. Na mortalidade, ele pesava mais de 130 quilos, assim vocês sabem que ele era um homem grande. Lembro-me de como fiquei feliz ao vê-lo aproximar-se. Eu tinha o mesmo nome que ele e sempre me orgulhara disso.

A alguns metros de mim, meu avô parou. E ao fazê-lo, era como um convite para eu parar também.

Depois de seu chamado ao apostolado, George Albert Smith aprendeu uma lição marcante por meio de um sonho que teve com seu avô George A. Smith, que fora membro do Quórum dos Doze Apóstolos e conselheiro do Presidente Brigham Young e morreu quando George Albert tinha cinco anos de idade. George Albert estava gravemente enfermo e escreveu tempos depois:

Comecei a explorar meus arredores e logo achei uma trilha na floresta que parecia ter sido bem pouco usada e que estava quase invisível devido ao mato. Segui essa senda e depois de andar por algum tempo e percorrer uma distância considerável na floresta, vi um homem vir em minha direção. Percebi que ele era muito grande e corri

Então — e isso eu gostaria que as crianças e jovens nunca esquecessem — ele olhou para mim com muita seriedade e disse:

‘Eu gostaria de saber o que você tem feito com meu nome.’

Tudo o que eu fizera na vida passou diante de mim como um filme numa tela — todos os meus atos. Esse vívido retrospecto encerrou-se rapidamente e chegou àquele momento em que eu estava diante de meu avô. Minha vida inteira se descortinara diante de mim. Sorri, olhei para meu avô e disse:

‘Nunca fiz com seu nome nada que viesse a envergonhá-lo.’

Ele deu um passo à frente, tomou-me nos braços e, em seguida, recobri a consciência. Meu travesseiro estava molhado como se lhe tivessem despejado água; estava encharcado de lágrimas de gratidão por poder responder sem constrangimento à pergunta de meu avô” (“Your Good Name”, *Improvement Era*, março de 1947, p. 139).

ELE PREGOU O EVANGELHO SEM TIMIDEZ

George Albert Smith era um missionário. Num período de dez anos, enviou 1.200 livros e panfletos a pessoas que não eram membros da Igreja e que ele conhecera no decorrer de suas viagens. Locais históricos, como o Monte Cumora e o Bosque Sagrado, foram comprados para propagar melhor a mensagem da salvação. Como curador do Departamento de Registro de Terras de Utah, presidente de congressos nacionais, presidente do conselho de administração de várias empresas e ativo na defesa de questões sociais e das artes e ciências, ele trabalhou com o propósito maior de apresentar a Igreja ao mundo.



George Albert Smith

Special Collections Dept., Biblioteca J. Willard Marriott, Universidade de Utah

A respeito da obra missionária, ensinou: “Toda a alegria e a felicidade dignas desse nome são resultado da obediência aos mandamentos de Deus e da observância de Seus conselhos e diretrizes. Assim, não sejamos tímidos demais ao seguirmos em frente, cada um de nós, cada um exercendo influência sobre nossos vizinhos e amigos. Não

precisamos importunar as pessoas, mas devemos ajudá-las a sentir e entender que não estamos interessados em torná-las membros da Igreja para aumentar

nossos números, mas para proporcionar-lhes as mesmas bênçãos que desfrutamos” (Conference Report, abril de 1948, p. 162).

IREMOS A TODAS AS PARTES DO MUNDO

O Presidente George Albert Smith disse aos portadores do sacerdócio: “Precisamos pregar o evangelho nos países sul-americanos, que mal tocamos até agora. Devemos proclamá-lo a todas as nações africanas que não foram visitadas. Temos de pregar na Ásia. E eu poderia continuar e citar todas as partes do mundo em que ainda não nos foi permitido entrar. Considero a Rússia um dos campos mais frutíferos para o ensino do evangelho de Jesus Cristo. E se não me engano, não vai demorar muito para que o povo russo deseje conhecer algo sobre esta obra que já transformou a vida de tantos. (...) Nossa obrigação mais importante, irmãos, é partilhar com os filhos de nosso Pai todas essas verdades fundamentais, todas as Suas regras e estatutos que nos preparam para a vida eterna, conhecidos como o evangelho de Jesus Cristo. Até fazermos isso com o máximo afinho, não alcançaremos todas as bênçãos que poderíamos receber do contrário” (Conference Report, outubro de 1945, p. 119).

O EVANGELHO SERÁ PREGADO COM USO DAS NOVAS TECNOLOGIAS



Em 1946, o Presidente George Albert Smith falou dos avanços tecnológicos que surgiriam e contribuiriam para o progresso da edificação do reino de Deus na Terra: “As transmissões em ondas curtas continuarão a melhorar e, num futuro não muito distante, deste púlpito e de outros lugares a que teremos acesso, os servos do Senhor enviarão mensagens a grupos isolados que estão longe demais para ouvi-las pessoalmente. Dessa e de outras maneiras, o evangelho de Jesus Cristo nosso Senhor, o único poder de Deus para a salvação em preparação para o reino celeste, será ouvido em todo o mundo, e muitos de vocês que estão aqui hoje viverão para presenciar esse dia” (Conference Report, outubro de 1946, p. 6).

MILHÕES DE PESSOAS ACEITARÃO A VERDADE

O Presidente George Albert Smith declarou: “O Pai Celestial (...) chamou-me a muitas partes do mundo, e já percorri mais de um milhão de quilômetros desde que fui chamado para o ministério. Viajei por muitos países e climas e, em todos os lugares por onde passei, encontrei pessoas excelentes, filhos e filhas do Deus vivo que estão à espera do evangelho de Jesus Cristo. E há milhares, centenas de milhares, mesmo milhões delas que aceitariam a verdade se apenas soubessem o que sabemos” (Conference Report, outubro de 1945, p. 120).

PODE HAVER PAZ NUM MUNDO DIVIDIDO PELAS GUERRAS

Enquanto o mundo estava em profunda convulsão durante a I Guerra Mundial, o Élder George Albert Smith ensinou: “Embora o mundo esteja dominado pelo infortúnio e os céus obscurecidos pelas trevas; ainda que vejamos fortes relâmpagos e a Terra trema do centro à circunferência, se soubermos que Deus vive e nos conduzirmos em retidão, seremos felizes e haverá paz inexprimível, pois saberemos que o Pai aprova nossa vida” (Conference Report, outubro de 1915, p. 28).

Depois da I Guerra Mundial, o Élder Smith desempenhou um papel fundamental para restabelecer a obra missionária no continente europeu. Como presidente da Missão Européia, venceu preconceitos e hostilidades por meio de visitas a líderes governamentais e editores de jornais. Defendeu o chamado dos profetas vivos e afirmou que as pessoas que rejeitassem os conselhos proféticos sofreriam conseqüências desastrosas.

ELE ENSINOU SOBRE A MUDANÇA DURANTE A II GUERRA MUNDIAL

Em 1942, o mundo mais uma vez estava em guerra. O Élder George Albert Smith falou da mudança que a prática dos princípios do evangelho poderia proporcionar:

“Hoje à noite gozamos paz e tranqüilidade, mas o mundo está em guerra. Em todas as partes, a paz foi tirada da Terra, e o diabo recebeu poder sobre seus próprios domínios. Deus disse que se O honrarmos e guardarmos Seus mandamentos e leis, Ele lutará nossas batalhas e destruirá os iníquos. E quando chegar o tempo, Ele descerá do céu — na verdade, trará o céu Consigo. E esta Terra em que vivemos será o reino celestial.

E se o mundo inteiro soubesse disso e acreditasse? Que grande mudança haveria nas condições dos filhos

dos homens! Quanta alegria existiria em vez das tristezas e pesares de hoje! É o dever de todos nós, que recebemos essas verdades, repassá-las aos demais” (Conference Report, outubro de 1942, p. 49).

As conseqüências da II Guerra Mundial foram terríveis e desalentadoras. Mais de cinquenta países envolveram-se no conflito e estima-se que cinquenta e cinco milhões de pessoas tenham perdido a vida. A guerra custou mais de um trilhão de dólares. Milhões de pessoas na Europa e na Ásia estavam sem alimento, moradia e roupas. A tristeza, o ódio e o desespero espalhavam-se pelas nações e lares. De uma forma ou outra, a guerra tocara a vida de quase todos os habitantes da Terra.



O Presidente Smith foi escolhido como “Homem do Ano” pela revista *Time*, 21 de julho de 1947.



O Presidente Smith preocupava-se com os efeitos da II Guerra Mundial no mundo inteiro. Esta fotografia mostra santos holandeses colhendo batatas para enviar aos membros da Igreja na Alemanha.

ELE FOI CHAMADO PARA SER O PRESIDENTE DA IGREJA

Em 21 de maio de 1945, quando a magnitude da carnificina e destruição provocadas pela II Guerra Mundial estava chegando ao conhecimento público, George Albert Smith terminou sua fase de preparação e assumiu sua posição preordenada de Presidente da Igreja. O Presidente Smith não se propôs a declarar qual seria sua missão pessoal como profeta, vidente e revelador. Contudo, o Élder Joseph Fielding Smith, patriarca da Igreja e filho de Hyrum Mack Smith e neto do Presidente Joseph F. Smith, fez o seguinte pronunciamento profético:

“Diz-se com freqüência que o Senhor levanta um homem especial para cumprir uma missão especial. Todos nós aqui já ouvimos isso e sabemos como os talentos peculiares de cada um dos presidentes da

Igreja foram de valor especial durante a missão de cada um deles. Eu gostaria que todos os membros da Igreja tivessem participado da reunião de conselho na qual foi reorganizada a presidência. Se houve um momento em que o Espírito do Senhor Se manifestou inequivocamente foi naquela ocasião. Todos os presentes foram tocados. Todos sentiram, sem a menor dúvida, que as deliberações eram absolutamente corretas.



B. H. Roberts, George Albert Smith e Andrew Jenson

Não cabe a mim dizer qual missão específica o Presidente George Albert Smith tem pela frente. Contudo, o que sei é que nunca o amor entre os homens foi tão necessário quanto neste momento da história do mundo. Além do mais, não conheço nenhum homem que ame a família humana, coletiva e individualmente, de modo mais profundo do que o Presidente George Albert Smith. A conjunção desses dois fatores — a necessidade de amor e o Presidente Smith na presidência nesta época — tem, pelo menos para mim, um significado especial” (Conference Report, outubro de 1945, pp. 31–32).



A Primeira Presidência: J. Reuben Clark, George Albert Smith, e David O. McKay

Special Collections Dept., Biblioteca J. Willard Marriott, Universidade de Utah

ELE ENVIOU UM EMISSÁRIO DE PAZ

Os missionários tinham sido mandados de volta para casa antes da eclosão da II Segunda Guerra Mundial, e muitos santos dos últimos dias, principalmente nas nações da Europa, não viram representantes da Igreja durante vários anos. O Presidente George Albert Smith preocupava-se muito com esses santos. Depois da guerra, impossibilitado de visitá-los, o Presidente Smith enviou o Élder Ezra Taft Benson para verificar como a Igreja poderia ajudá-los e de quanto auxílio eles precisavam. O Élder Benson descreveu o que viu:

“Não usarei o tempo hoje para descrever os horrores da guerra, cujos piores aspectos não são os combates físicos, mas o que vem depois: o abandono dos princípios morais e religiosos, o aumento do pecado, das doenças; o aumento da mortalidade infantil e todo o sofrimento que acompanha a fome, a enfermidade e a imoralidade. Vimos essas coisas por todas as partes. Vimos nações prostradas, arruinadas economicamente. Quando chegamos, era difícil até fazer um telefonema em Londres para muitas de nossas missões no continente europeu. Não conseguíamos telefonar nem para a Holanda, quanto mais para países como a Polônia, a Tcheco-Eslováquia e outros. Praticamente o único meio de transporte disponível era o controlado pelas forças armadas. (...)

Acho que jamais esquecerei aquelas primeiras reuniões com os santos. Eles tinham sofrido tanto, irmãos e irmãs. Não sabíamos como seríamos recebidos por eles, qual seria sua reação. Será que seu coração estaria cheio de amargura? Haveria ódio entre eles? Será que tinham abandonado a Igreja? Lembrome bem de nossa primeira reunião em Karlsruhe. Depois de fazermos visitas na Bélgica, Holanda e países escandinavos, fomos à Alemanha ocupada. Finalmente encontramos o caminho para o local da reunião, um prédio que fora parcialmente bombardeado e que se situava no interior de um quarteirão. Os santos estavam aguardando havia cerca de duas horas, na esperança de que viríamos à conferência, pois tinham ouvido dizer que talvez comparecêsemos. Então, ao chegar ao púlpito, vi pela primeira vez em minha vida uma congregação quase inteira em lágrimas. Eles tinham-se dado conta de que, após seis ou sete longos anos, representantes de Sião, como eles diziam, tinham finalmente voltado a visitá-los. Então, ao fim da reunião, prolongada a pedido deles, insistiram para que fôssemos à porta e cumprimentássemos cada um deles na saída do prédio bombardeado. Percebemos que muitos deles, depois de apertarem nossa mão, voltavam à fila para fazê-lo uma segunda ou terceira vez, tamanha era a alegria que sentiam. Ao olhar o rosto deles sofrido, pálido e

magro, ao ver muitos dos santos maltrapilhos, alguns descalços, reconheci a luz da fé em seus olhos quando prestavam testemunho da divindade desta grandiosa obra dos últimos dias e expressavam gratidão pelas bênçãos do Senhor” (Conference Report, abril de 1947, pp. 153–154).

O número de missionários de tempo integral passou de 386 em 1945, durante a guerra, para 5.800 em 1951.

ELE FOI RECEBIDO PELO PRESIDENTE DOS ESTADOS UNIDOS



O Presidente George Albert Smith com Harry S. Truman, Presidente dos Estados Unidos

Ódio, desespero e mágoa são sentimentos que permearam a década de 1940. A II Guerra Mundial endurecera o coração de muitos. O Presidente George Albert Smith era um homem cujo amor ao próximo se forjara na fornalha da aflição. Era um homem que se comprometera com o Senhor em longas noites de oração e numerosos anos de serviço ao próximo. Agora, era o profeta de Deus. Enviou noventa carregamentos de comida e roupas para os santos necessitados da Europa. Convocou um jejum especial e usou as contribuições monetárias para ajudar não apenas os membros da Igreja, mas todos. Missões foram reabertas e novas foram criadas. O Presidente Smith falou de uma visita ao presidente dos Estados Unidos nessa época:

“Ao fim da guerra, fiz uma visita ao presidente dos Estados Unidos representando a Igreja. Eu já o encontrara em outra ocasião, e ele recebeu-me com cortesia. Eu disse-lhe: ‘Só vim para saber, Sr. Presidente, qual seria sua atitude se nós, santos dos últimos dias, estivermos preparados para enviar comida e roupas à Europa.’

Ele sorriu, olhou para mim e disse: ‘Mas por que querem fazer isso? O dinheiro deles está totalmente desvalorizado.’

Repliquei: ‘Não queremos o dinheiro deles’. Ele olhou para mim e indagou: ‘Está dizendo que vão doar-lhes tudo isso?’

Respondi: ‘Claro, são doações. Eles são nossos irmãos e estão em grande dificuldade. Deus abençoou-nos com abundância e será uma enorme satisfação enviar de nossos bens se contarmos com a cooperação do governo.’

Ele disse: ‘Vocês estão no caminho certo.’ E prosseguiu: ‘Ficaremos contentes em ajudá-los de qualquer forma que pudermos.’

Eu achava mesmo que essa seria sua reação. Depois de alguns instantes, ele perguntou: ‘Quanto tempo vão demorar para preparar o envio?’

Respondi: ‘Tudo já está pronto.’

Como devem estar lembrados, durante a guerra o governo americano destruíra alimentos e se recusara a plantar cereais, assim eu disse a ele:

‘Sr. Presidente, enquanto a administração em Washington aconselhava as pessoas a destruir comida, estávamos construindo silos e enchendo-os de grãos e aumentando nossos rebanhos. Agora, precisamos de veículos e navios para expedir grandes quantidades de alimentos e roupas para as pessoas necessitadas da Europa. Temos uma organização na Igreja que já fez mais de 2.000 colchas caseiras.

(...) O resultado foi que dentro de pouco tempo muitas pessoas receberam agasalhos, colchas e alimentos. Assim que os carros e navios foram postos a nossa disposição, tínhamos o que era necessário para as remessas para a Europa” (Conference Report, outubro de 1947, pp. 5–6).



O Presidente George Albert Smith

O AMOR VAI EM BUSCA DOS CANSADOS

O Presidente George Albert Smith era reconhecido como um homem cheio de amor e preocupação

sinceros por todos, principalmente os mais necessitados. Em 8 de abril de 1951, pouco depois da morte do Presidente Smith, o Élder John A. Widtsoe, do Quórum dos Doze Apóstolos, relatou a seguinte experiência:



O Presidente Smith reuniu-se com Helen Keller no Hotel Utah em 1941. Aos dezoito anos de idade, George Albert Smith sofreu um ferimento nos olhos provocado pelo sol ao trabalhar como inspetor ferroviário. Sua visão ficou comprometida pelo restante da vida.

“Com os acontecimentos destes últimos dias, muitas lembranças vêm-me ocupando a mente. No fim de uma tarde quente e abafada de agosto ou setembro, eu estava sentado em meu escritório bastante cansado após um dia de trabalho. A Universidade de Utah estava passando por desentendimentos internos que, devido a seus inimigos, se tornaram um escândalo nacional. Eu fora convidado para ajudar as pessoas que estavam tentando

trazer a instituição de volta à normalidade. Era a terceira vez em minha vida que eu me vira forçado a servir meu estado em tal capacidade. Eu estava exausto. Então, naquelas circunstâncias difíceis, alguém bateu a minha porta, e George Albert Smith entrou. Ele disse: ‘Estou a caminho de casa depois de um dia de trabalho. Pensei em você e nos problemas que você precisa resolver e passei para consolá-lo e abençoá-lo.’

Essa era a natureza de George Albert Smith. Dos muitos amigos que tive no estado e em outros lugares, ele foi o único, com exceção de alguns amigos íntimos, que reservou tempo para ajudar-me com amor no trabalho que eu tinha a realizar. É claro que me senti grato por isso; jamais esquecerei. Conversamos um pouco e depois ele me deixou e foi para casa. Meu coração se alegrara. Eu não me sentia mais abatido e sobrecarregado” (Conference Report, abril de 1951, p. 99).

O AMOR BUSCA QUALQUER OPORTUNIDADE DE SERVIR

“Em certa ocasião, [George Albert Smith] estava voltando de uma convenção. A filha do Presidente Heber J. Grant viajava em sua companhia. Ela contou que ele viu no corredor do trem uma jovem mãe com seus filhos cercada de malas. Ele sentiu a necessidade de ir falar com ela e verificar se estava bem.



George Albert Smith era um escoteiro entusiasta.

Em poucos minutos, o Presidente Smith estava conversando com a jovem mãe. Ele voltou para o assento e disse: ‘É como eu desconfiava. Ela está fazendo uma longa viagem. Vi a passagem dela e não entendo por que o funcionário da empresa que lhe vendeu o bilhete não escolheu uma rota melhor. Ela vai ter uma longa espera em Ogden e depois em Chicago. Estou com o bilhete dela e vou descer

em Ogden para ver se consigo alterá-lo e poupá-la de outras conexões e tanto tempo de espera em Ogden e Chicago.’

Assim que o trem parou, o Presidente Smith desceu e foi cuidar do problema da jovem mãe: modificou a passagem para que fosse mais conveniente. Esse era o grau de sensibilidade desse homem” (Bassett, *New Era*, janeiro de 1972, p. 52).

O AMOR ACHA TEMPO PARA AS PESSOAS

“Numa viagem pelo centro-oeste do país, o [Presidente George Albert Smith] estava correndo para pegar um trem quando uma mãe com quatro crianças pequenas o parou para que seus filhos tivessem a oportunidade de apertar a mão dele. Alguém tirou uma fotografia desse momento e a enviou ao Presidente Smith com o seguinte



Na dedicação do monumento “Este É o Lugar”

comentário: ‘Estou mandando-lhe este retrato por tratar-se de uma representação gráfica do homem que creio que o senhor é. A razão pela qual tanto aprecio esta foto é que, mesmo com tantas ocupações e tão apressado para subir no trem que logo partiria, o senhor ainda assim achou tempo para apertar a mão de cada criança desta família’” (D. Arthur Haycock, “A Day with the President”, *Improvement Era*, abril de 1950, p. 288).

A FELICIDADE É PROPORCIONAL AO AMOR E AO SERVIÇO



Special Collections Dept., Willard Marriott, Universidade de Utah

O Presidente George Albert Smith recebeu a medalha de castor de prata e búfalo de prata dos Escoteiros dos Estados Unidos.

O Élder George Albert Smith, na época membro do Quórum dos Doze Apóstolos, ensinou: “Não se esqueçam de que, a despeito do dinheiro que tiverem e de quanto desejarem as coisas deste mundo para serem felizes, sua alegria será proporcional a sua caridade, sua bondade e seu amor pelas pessoas a sua volta aqui na Terra. Nosso Pai Celestial disse de modo muito claro que quem afirma amar a Deus e não ama seu irmão está mentindo” (*Relief Society Magazine*, dezembro de 1932, p. 709).

ELE TINHA COMPAIXÃO PELOS ÍNDIOS AMERICANOS E VIA SEU POTENCIAL



O Presidente George Albert Smith com índios navajos, 23 de outubro de 1948

O Élder Spencer W. Kimball, na época membro do Quórum dos Doze Apóstolos, falou da preocupação do Presidente George Albert Smith com os descendentes de Leí que eram índios americanos:

“À medida que seu imenso amor por seus irmãos continuou a crescer e tornar-se grande compaixão, ele teve uma visão de um povo inteiro que saiu da famosa Cidade de Jerusalém e, no caminho de Jericó, foi atacado por salteadores. Ele viu-os serem despidos e feridos gravemente. Viu-os serem abandonados e entregues à própria sorte. Viu sacerdotes passarem e, ao tomarem conhecimento da situação, desviarem-se. Viu levitas modernos que se aproximaram, olharam e passaram

ao largo. O Presidente Smith decidiu que chegara a hora de fazer algo construtivo por esses índios que tinham caído em infortúnio. Chegara o momento de curar suas feridas e tratá-las com bálsamo.

Ele foi até o Presidente Heber J. Grant, (o Presidente Smith na época fazia parte do Conselho dos Doze) e pediu-lhe permissão para trabalhar entre os índios, e seu desejo foi concedido. Foi organizado um comitê e o trabalho começou de maneira modesta, como muitos outros programas” (“Elder Kimball Tells of President Smith’s Concern for His Lamanite Brethren”, *Church News*, 11 de abril de 1951, p. 11).

ELE OFERECEU SEU AMOR AOS GRUPOS DISSIDENTES

O Presidente George Albert Smith preocupava-se profundamente com as pessoas que tinham saído da Igreja e procurou mostrar-lhes seus erros. A história a seguir é típica disso. Uma grande facção se desligara da Igreja e estabelecera sua própria denominação. Eles estavam descontentes com alguns líderes e decidiram resolver a questão entre si mesmos. Em 1946, o Presidente Smith fez uma visita histórica a esse grupo. Reuniu-se com eles e apertou a mão deles, conversou com eles e orou e chorou por eles. Eles ficaram tocados com a presença dele. A aparência e os seus atos eram de um verdadeiro profeta, e eles reconheceram esse fato. Mil e duzentas pessoas, ao sentirem o amor radiante de Cristo por meio do servo ungido do Senhor, voltaram para a segurança da Igreja que tinham abandonado.



O Presidente George Albert Smith com a atriz de cinema Ann Blyth, por volta de 1949

ELE FEZ ADVERTÊNCIAS SOBRE OS JUÍZOS DOS ÚLTIMOS DIAS

Devido a seu grande amor pela humanidade, o Presidente George Albert Smith não podia permanecer calado no tocante aos juízos que recairiam sobre o mundo caso o povo não se arrependesse. Assim como

Elias, ele falou com poder e autoridade. Em certa ocasião, fez a seguinte advertência: “Muito em breve sobrevirão calamidades sobre a família humana, a menos que se arrependa rapidamente” (Conference Report, abril de 1950, p. 169).

Ele foi tão corajoso quanto Abinádi, que, diante de censuras e calúnias, profetizou as conseqüências de tais males. Acerca dos que desprezavam o Profeta Joseph Smith, o Presidente Smith disse: “[Eles] serão esquecidos e seus restos mortais voltarão para a mãe terra, caso já não o tenham feito, e o odor de sua infâmia jamais se extinguirá, ao passo que a glória, honra, majestade, coragem e fidelidade demonstradas pelo Profeta Joseph Smith estarão ligadas ao nome dele para sempre” (Conference Report, abril de 1946, pp. 181–182).

O MUNDO ESTÁ ESPIRITUALMENTE ENFERMO

O Presidente George Albert Smith advertiu os santos:

“O mundo está enfermo. E não é a primeira vez: já esteve em situação semelhante inúmeras vezes. Em alguns casos, nações inteiras tiveram que ser destruídas por causa da iniquidade de seus habitantes. Ao longo dos séculos, o Senhor comunica-Se com Seus líderes e professores inspirados, mas quando o mundo se recusa a dar ouvidos depois de receber ensinamentos corretos, é como se dissesse ao Pai Celestial, a quem pertence este mundo — nosso proprietário: ‘Não precisamos de Ti. Faremos como bem entendermos.’

Infelizmente, as pessoas que pensam dessa forma não percebem o quanto estão limitando suas próprias experiências na vida e abrindo o caminho para dificuldades futuras.” (Conference Report, setembro — outubro de 1949, p. 167).



O Presidente George Albert Smith e seus conselheiros, David O. McKay e J. Reuben Clark

MUITOS SE AFASTARAM DA VERDADEIRA CRENÇA EM DEUS

O Presidente Smith falou da diminuição da crença em Deus e na missão divina de Jesus Cristo:

“É estranho como é difícil para muitas pessoas acreditarem na existência de Deus. Muitos são anticristos, mas são capazes de crer em quase tudo mais que lhes for apresentado e defendido com argumentos. Digo-lhes hoje que a maior parte da população do mundo em que vivemos é formada por anticristos, e não seguidores de Cristo. E mesmo no meio dos que afirmam crer no cristianismo, relativamente poucos de fato acreditam na missão divina de Jesus Cristo.

Bem, qual é o resultado? As pessoas afastaram-se do Senhor e Ele não pode abençoá-las quando elas se recusam a serem abençoadas” (Conference Report, abril de 1948, p. 179).



Special Collections Dept., Biblioteca J. Willard Marriott, Universidade de Utah

George Albert Smith estava entre as Autoridades Gerais designadas para adquirir e preservar locais históricos importantes para a Igreja. Nesta fotografia, vemos Lucy Woodruff Smith no alto do Monte Cumora com Pliny T. Sexton, que era o proprietário do monte. Algum tempo depois, a Igreja comprou todos os terrenos circunvizinhos, incluindo o monte em 1928.

A FALSIDADE TORNOU-SE MAIS DESEJÁVEL DO QUE A VERDADE

O Presidente George Albert Smith declarou: “Alguém disse, ao referir-se ao povo do mundo, que eles preferem crer numa mentira e serem condenados a aceitarem a verdade. É uma afirmação um tanto severa, mas talvez não seja difícil verificá-la. Não há nada no mundo mais nocivo ou prejudicial à família humana do que o ódio, o preconceito, a desconfiança e a falta de amor entre as pessoas” (Conference Report, outubro de 1949, p. 5).

A SITUAÇÃO NÃO É IRREVERSÍVEL

O Presidente George Albert Smith alertou-nos sobre as conseqüências da maldade do mundo, mas ofereceu esperança ao mostrar-nos como as evitar: “Temo estarmos aproximando-nos do tempo em que as calamidades da grande guerra que terminou há pouco [a II Guerra Mundial] serão insignificantes se comparadas às que estão para vir. E isso a menos que encontremos meios não só para impedir a destruição da vida humana por acidentes evitáveis, mas também para exortar o povo deste mundo a arrepender-se de seus pecados e abandonar seus caminhos tortuosos” (Conference Report, outubro de 1946, p. 149).

A PREVENÇÃO DE DESASTRES DEVE SER FEITA À MANEIRA DO SENHOR

Em 1945, ao fim da II Guerra Mundial, à medida que os exércitos voltavam para os respectivos países de origem, os líderes das nações reuniram-se para refletir e discutir sobre tratados, leis e estatutos. Havia grande esperança de paz duradoura. No entanto, buscavam a paz à maneira do mundo: a resolução de problemas de guerra por meio da política. Enquanto prosseguia a corrida internacional para a reconstrução, promulgação de leis e promessas humanas, outra voz falava com clareza e convicção. Era a voz do Senhor por meio de Seu profeta. O Presidente George Albert Smith declarou: “Podemos legislar até o dia do juízo final, mas isso não tornará os homens justos. As pessoas que estão nas trevas precisam arrepender-se de seus pecados, corrigir sua conduta e viver em retidão a fim de desfrutarem o Espírito de nosso Pai Celestial” (Conference Report, setembro — outubro de 1949, p. 6).

SOMENTE COM O ESPÍRITO OS HOMENS PODEM CONSTRUIR UMA PAZ BEM-SUCEDIDA

Muito antes do início da II Guerra Mundial, o Élder George Albert Smith, na época membro do Quórum dos Doze Apóstolos, advertiu os membros da Igreja: “Há muita confusão no mundo e parece não haver meios de eliminá-la, exceto pelo poder de nosso Pai Celestial. A sabedoria do mundo está falhando, as escrituras estão cumprindo-se e os homens mais instruídos estão buscando, por meio de leis, criar condições de vida melhores e mais salutares para a família humana. Eles podem estar empenhados para isso, mas a menos que tenham fé em Deus e compreendam o propósito da vida não irão muito longe. O povo do mundo precisa arrepender-se de seus pecados antes de o Senhor conceder-lhes a paz e a felicidade desejadas. Nenhum outro plano terá êxito” (Conference Report, abril de 1934, p. 27).



Presidente Smith com os Escoteiros, 14 de fevereiro de 1950

Anos depois, após o fim da II Guerra Mundial, o Presidente Smith declarou: “Essa terrível guerra mundial que encheu as pessoas de ódio umas pelas outras parece ter afetado a todos. Os filhos dos homens não crêem mais ser possível sentar-se em volta de uma mesa para discutir a paz e satisfazer a todas as partes interessadas. Por quê? Porque eles não têm o Espírito de Deus; sem isso, nunca chegarão a um acordo. Nós sabemos disso, mas o mundo não” (Conference Report, abril de 1948, p. 180).

A CONSTITUIÇÃO DOS ESTADOS UNIDOS FOI INSPIRADA POR DEUS

O Presidente George Albert Smith afirmou: “Você sabem, assim como eu, que os Dez Mandamentos contêm a vontade de nosso Pai Celestial. Sou grato não só pelas leis civis, mas também pelas leis que Deus nos concedeu. Sinto-me inclinado a pautar minha vida pelas diretrizes dos Dez Mandamentos. Sinto-me igualmente propenso a apoiar a Constituição dos Estados Unidos, que provém da mesma fonte que o Decálogo. A menos que o povo desta grande nação se dê conta dessas verdades e se arrependa, poderá perder a liberdade que hoje desfruta e as gloriosas bênçãos que recebeu” (Conference Report, abril de 1949, p. 169).



Objetos do Presidente Smith ligados ao escotismo

DEVEMOS VIVER DE MODO A SERMOS DIGNOS DAS BÊNÇÃOS PELAS QUAIS ORAMOS

O Presidente George Albert Smith disse: “E os Estados Unidos? Há não muito tempo participei de uma reunião em que um grupo de escoteiros se levantou e entoou a canção patriótica ‘Deus Abençoe a América’. Eles cantaram muito bem, e durante esse número musical, fiquei a perguntar-me: ‘Como Ele pode abençoar a América a menos que a América se arrependa?’ Todas as bênçãos grandiosas que desejamos são prometidas a nós pelo Pai Celestial sob

condição de O honrarmos e guardarmos Seus mandamentos. Orar não é o bastante. Devemos não apenas orar, mas também viver dignos de Suas bênçãos” (Conference Report, outubro de 1948, p. 184).

“PERMANECER DO LADO DO SENHOR”



Special Collections Dept., Biblioteca J. Willard Marriott, Universidade de Utah

O Presidente George Albert Smith em uniforme de aviador e sua esposa, Lucy, em frente de um avião.

O Presidente George Albert Smith costumava dividir as influências em duas categorias. Se escolhermos uma, há perfeita segurança; se escolhermos a outra, não há segurança. Suas palavras trazem uma receita simples para termos paz num mundo conturbado:

“Existem duas influências no mundo. Uma é a influência de nosso Pai Celestial e a outra é a de Satanás. Podemos escolher em qual território queremos viver: o do Pai Celestial ou o de Satanás.

Já repeti muitas vezes algo que meu avô dizia. Ele também discursou neste púlpito e tenho o mesmo nome que ele. Ao orientar sua família, ele ensinava: ‘Há uma linha demarcatória bem definida. De um lado da linha, está o território do Senhor; do outro lado, o território do diabo’. E ele prosseguia: ‘Caso permaneçam no lado do Senhor, estarão em perfeita segurança, pois o adversário de toda a retidão não pode atravessar essa linha.’

O que quer dizer isso? Significa para mim que as pessoas que estão vivendo em retidão e guardando todos os mandamentos do Pai Celestial estão em perfeita segurança, mas não aquelas que negligenciam Seus conselhos e diretrizes” (Conference Report, setembro – outubro de 1949, pp. 5–6).

O SENHOR GUERREARÁ POR NÓS

Durante a II Guerra Mundial, como membro do Quórum dos Doze Apóstolos, o Élder George Albert Smith ensinou o seguinte sobre a proteção divina: “Pouco importa para onde se dirijam as nuvens, quão alto soem os tambores de guerra ou qual for a condição do mundo, aqui na Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, sempre que estivermos honrando e seguindo os mandamentos de Deus, seremos protegidos

dos poderes do mal, e os homens e mulheres terão permissão para viver na Terra até o fim de sua vida com honra e glória caso guardem os mandamentos de nosso Pai Celestial” (Conference Report, abril de 1942, p. 15).

“EU SEI QUE MEU REDENTOR VIVE”



O Presidente George Albert Smith tinha 1,83 m de altura. Era cheio de energia e gostava de muitos esportes. Era conhecido por sua bondade e capacidade de ajudar as pessoas a sentirem-se à vontade.

“Ela contou-me que, no último dia de vida do Presidente Smith, a família se reuniu em volta de sua cama. Ele estava respirando com dificuldade, e eles ficaram preocupados. O médico afastou-se, deixando todo o espaço para os familiares. O filho mais velho inclinou-se e disse: ‘Pai, há algo que o senhor gostaria de dizer à família, algo especial?’

Em seguida, ela relatou com um sorriso nos lábios a resposta desse grande profeta: ‘Sim, apenas isto: Eu sei que meu Redentor vive; eu sei que meu Redentor vive’” (*The Powers and Responsibilities of the Priesthood*,

George Albert Smith passou sua vida empenhando-se infatigavelmente para aproximar as pessoas do Mestre a quem servia. Então, em 1951, suas condições de saúde declinaram rapidamente e sua energia diminuiu. A missão de sua vida chegava ao fim. O Bispo Robert L. Simpson, na época conselheiro no Bispado Presidente, falou com Edith Elliott, filha do Presidente Smith, sobre o último dia do Presidente Smith:

Brigham Young University Speeches of the Year [31 de março de 1964], pp. 7–8).

A influência amorosa do Presidente Smith, sentida por tantas pessoas, é exemplificada nos seguintes tributos prestados por dois homens que na época eram membros do Quórum dos Doze Apóstolos e serviam ao lado do Presidente Smith.

O Élder Ezra Taft Benson disse: “Deus abençoe a memória do Presidente George Albert Smith. Faltam-me palavras para expressar minha gratidão por meu convívio com ele nos últimos anos. Sou grato por minha família ter residido na mesma ala que ele e sentido a influência bondosa de seu doce espírito. Sempre serei grato pelas visitas que ele fez a meu lar enquanto eu servia como humilde missionário nas nações européias destruídas pela II Guerra Mundial. Sou particularmente grato por uma visita que ele fez no meio da noite quando uma de minhas filhas estava à beira da morte. Sem ser avisado, o Presidente Smith achou tempo para ir a minha casa, impor as mãos sobre a cabeça da menininha, que estava nos braços de sua mãe havia várias horas, e prometer que ela se recuperaria totalmente. Esse era o Presidente Smith. Ele sempre tinha tempo para ajudar, principalmente os doentes, os que mais precisavam dele” (Conference Report, abril de 1951, p. 46).

O Élder Spencer W. Kimball disse: “Cada ato e pensamento de nosso presidente pareciam indicar que ele amava o Senhor e seus semelhantes de todo o coração. Haveria um mortal capaz de amá-los mais?” (*Church News*, 11 de abril de 1951, p. 11).

George Albert Smith cumpriu o grande mandamento de amar a Deus e ao próximo. O mundo hoje seria um lugar mais abençoado se as pessoas seguissem o exemplo de sua vida magnífica e dessem ouvidos a seus conselhos amorosos. Imaginem as bênçãos que receberiam as nações da Terra!

David O. McKay

NONO PRESIDENTE DA IGREJA



EVENTOS MARCANTES DA VIDA DE DAVID O. MCKAY

Idade Acontecimentos

Nasce em 8 de setembro de 1873 em Huntsville, Condado de Weber, Utah, filho de David e Jennette Eveline Evans McKay.

- 3 Morre o Presidente Brigham Young. (29 de agosto de 1877).
- 23 É o presidente e o primeiro da turma no ano de sua formatura na Universidade de Utah (Junho de 1897).
- 23–25 Serve como missionário na Escócia (1897–1899).
- 27 Casa-se com Emma Ray Riggs (2 de janeiro de 1901).
- 32 É ordenado apóstolo pelo Presidente Joseph F. Smith (9 de abril de 1906).
- 44 Publica seu primeiro livro, *Ancient Apostles* (Apóstolos da Antigüidade. (1917).
- 45 Torna-se superintendente geral da Escola Dominical (1918–1934).
- 46–48 Serve como comissário de educação da Igreja (1919–1921).
- 47 Tem uma visão de uma cidade celestial durante um *tour* mundial (10 de maio de 1921).
- 49–51 Serve como presidente da Missão Européia (1922–1924).
- 61 Serve como conselheiro do Presidente Heber J. Grant (6 de outubro de 1934; posteriormente, serve como conselheiro do Presidente George Albert Smith; 21 de maio de 1945).
- 77 É apoiado como Presidente da Igreja (9 de abril de 1951).
- 78 Visita nove países europeus (1952).
- 82 Dedica o Templo de Berna Suíça (11 de setembro de 1955) e o Templo de Los Angeles Califórnia (11 de março de 1956).
- 84 Dedica o Templo de Hamilton Nova Zelândia e a Escola da Igreja da Nova Zelândia (20 de abril de 1958); dedica o Templo de Londres Inglaterra (7 de setembro de 1958).
- 85 Dedica a Faculdade da Igreja do Havaí (dezembro de 1958); profere sua famosa frase “Todo membro é um missionário” (abril de 1959).
- 88 Anuncia que os membros do Primeiro Conselho dos Setenta seriam ordenados sumos sacerdotes; começa a correlação na Igreja (1961).
- 90 Introduce o programa de mestres familiares (janeiro de 1964).
- 91 Dedica o Templo de Oakland Califórnia (17 de novembro de 1964).
- 94 Chama os primeiros representantes regionais do Quórum dos Doze Apóstolos (1967).
- 96 Morre em Salt Lake City, Utah (18 de janeiro de 1970).



A família McKay, por volta de 1878. David O. está sentado no colo de seu pai.

Quando David Oman McKay nasceu, em 8 de setembro de 1873, Brigham Young era o presidente da Igreja. Ele aprendeu a virtude do trabalho árduo com seu pai, que era fazendeiro. A fé no evangelho foi instilada em seu coração por meio dos preceitos, exemplo e perseverança que presenciou em sua família.

O clã McKay (ou MacKay) originou-se nas terras altas do norte da Escócia. Havia em sua linhagem nobreza de caráter. Os avós e pais de David demonstraram, ao converterem-se à Igreja, uma lealdade inabalável ao evangelho.

AINDA JOVEM, ELE RECEBEU IMPORTANTES RESPONSABILIDADES

“Quando [David O. McKay] tinha oito anos de idade, seu pai recebeu o chamado para o campo missionário. Não foi uma decisão fácil aceitar tal chamado e passar dois ou três anos longe de casa. Outro bebê estava a caminho, e a família tinha iniciado planos para aumentar a casa e adquirir novos móveis. A administração da fazenda era uma responsabilidade grande demais para sua esposa. Então, ao mostrar-lhe a carta com o chamado missionário, David disse: ‘É claro que não posso ir.’ Jennette leu a carta, olhou para o marido e disse com determinação: ‘É claro que você deve aceitar; não precisa preocupar-se comigo. David O. e eu cuidaremos muito bem de tudo!’ (...)”



David O. McKay com cerca de cinco anos de idade

(...) Na ausência de seu pai, o menino David rapidamente canalizou suas energias para as tarefas domésticas e o trabalho na fazenda. Assim, as circunstâncias ajudaram a produzir uma maturidade muito além de sua idade cronológica” (Llewelyn R. McKay, *Home Memories of President David O. McKay* [1956], pp. 5–6).

Pouco antes de seu aniversário de quatorze anos, ele recebeu a bênção patriarcal. Nela, foi-lhe dito: “Estás em tua juventude e precisas de instrução, portanto digo-te que deves aprender com teus pais o caminho da vida e da salvação, a fim de te preparares ainda na mocidade para uma posição de responsabilidade, pois os olhos do Senhor estão sobre ti. (...) Ele tem um trabalho para realizares no qual conhecerás boa parte do mundo, ajudarás na coligação da Israel dispersa e servirás no ministério. Teu chamado será sentar-se em conselho com teus irmãos e presidir teu povo e exortar os santos à fidelidade” (Citado por Jeanette McKay Morrell, *Highlights in the Life of President David O. McKay* [1966], p. 26).

ELE APRENDEU SOBRE A REVELAÇÃO QUANDO JOVEM

O Presidente David O. McKay relatou a seguinte história de sua infância:

“Desde a infância tive muita facilidade para acreditar na realidade das visões do Profeta Joseph Smith. O que vou contar-lhes poderá até parecer-lhes simplório, mas é algo de grande valor para mim.

Quando eu era pequeno e morava na casa onde fui criado, tinha medo do escuro. Isso se devia a um pesadelo que eu tivera em que dois índios invadiam nosso quintal. No sonho, corri para casa em busca de proteção, e um deles lançou uma flecha em minhas costas. Não era real, mas era como se de fato eu tivesse sentido o ferimento, e fiquei muito amedrontado, pois eles entraram (...) e ameaçaram e assustaram minha mãe.

Nunca venci esse medo. Além disso, havia os temores de minha mãe, pois quando meu pai estava longe cuidando dos rebanhos ou servindo numa missão, ela nunca ia dormir sem antes olhar debaixo da cama. Assim, arrombadores e assaltantes que poderiam invadir a casa e tentar aproveitar-se de minha mãe e das crianças pequenas eram uma ameaça real para mim.

De qualquer forma, eu sentia muito medo. Certa noite, não consegui dormir e achei ouvir vozes pela casa. (...) Fiquei terrivelmente perturbado e decidi orar como meus pais me haviam ensinado.

Eu achava que só poderia orar levantando-me da cama e ajoelhando-me, e foi um teste terrível. Por fim,



Em busca de um testemunho

Pintura de Robert A. McKay. REPRODUÇÃO PROIBIDA

forcei-me a sair da cama e a ajoelhar-me e orei a Deus para que protegesse minha mãe e o restante da família. E uma voz, tão clara quanto a minha para vocês hoje, sussurrou-me: ‘Não tenha medo. Nada lhe fará mal.’ Não vou dizer-lhes de onde ela veio e do que se tratava. Podem tirar suas próprias conclusões. Para mim, foi uma resposta direta e tive a certeza de que nunca seria perturbado na cama à noite.



Equipe de futebol da Universidade de Utah, 1894. David O. McKay é o segundo a partir da esquerda na fileira de trás.

Digo que foi fácil para mim compreender a realidade das visões do Profeta Joseph e acreditar nelas. Foi-me fácil na juventude aceitar sua visão, a visita de Deus, o Pai, e de Seu Filho, Jesus Cristo, ao menino que orara. Eu não duvidava em absoluto. É claro que era real. Não me era difícil acreditar que Morôni visitara Joseph em seu quarto. Seres celestes eram reais para mim desde a infância e, com o passar dos anos, essas impressões foram fortalecidas pela razão e pela inspiração de Deus diretamente a minha alma” (Conference Report, outubro de 1951, pp. 182–183).

Em outra ocasião, ele disse:

“Com o passar dos anos, sinto-me cada vez mais grato por meus pais, pela maneira como viveram o evangelho naquela velha casa interiorana. (...) Tanto meu pai como minha mãe seguiam fielmente o evangelho.

(...) Meu testemunho da existência de Deus teve sua gênese no lar de minha infância, e foi por meio dos ensinamentos e exemplo de meus pais que recebi já naquela época o conhecimento da realidade do mundo espiritual; testifico de sua veracidade. (...)

É (...) fácil para mim entender que uma pessoa pode viver de modo a receber impressões e mensagens diretas por meio do Espírito Santo. O véu é tênue entre os portadores do sacerdócio e aqueles que estão do outro lado do véu. Esse meu testemunho começou (...) no lar de minha juventude devido ao exemplo de um pai que honrava o sacerdócio e sua esposa que o apoiava e vivia em sintonia com ele no lar” (Conference Report, outubro de 1960, pp. 85–86).

ELE SERVIU NUMA MISSÃO PARA O SENHOR



David O. McKay recebeu seu chamado missionário para a Escócia e foi designado em 1º de agosto de 1897.

Ao completar vinte e um anos, David O. McKay ingressou na Universidade de Utah, onde participou de debates, tocou piano num grupo musical, jogou na equipe de futebol americano e conheceu Emma Ray Riggs, com quem veio a casar-se. Formou-se em 1897 como presidente e primeiro da turma e recebeu uma proposta para ensinar. Recebeu também um chamado missionário.

O chamado do Senhor para servir como missionário pode ter vindo num momento inoportuno, mas ele deixou tudo que lhe era caro e foi para a Escócia, terra de seus antepassados. Sua capacidade inata de liderança foi reconhecida e ele foi chamado para servir como presidente de distrito.

“CUMPRE BEM O TEU DEVER”

Ao servir em Stirling, Escócia, David O. McKay teve uma experiência que exerceu enorme impacto no restante de sua vida. Ele e seu companheiro haviam chegado à cidade algumas semanas antes, mas não estavam tendo muito sucesso. Passaram parte de um dia andando em volta do Castelo de Stirling e o Élder McKay estava sentindo saudades de casa. Tempos depois, escreveu:

“Quando voltamos à cidade, vi um prédio não acabado a vários metros da calçada. Acima da porta principal havia um arco de pedra, algo pouco comum numa residência. E da calçada vi algo ainda mais incomum: havia uma inscrição esculpida no arco.

Comentei com meu companheiro: ‘Isso é inusitado! Vou ver o que diz a inscrição.’ Ao chegar perto o bastante para ler, essa mensagem chegou a mim, não apenas na pedra, mas como se viesse Daquele em cuja obra eu estava envolvido: ‘A despeito do que Venhas a Ser, Cumpre Bem o Teu Dever.’



A inscrição que se tornou o lema da vida de David O. McKay. A pedra original encontra-se agora no Museu de História e Arte da Igreja, Salt Lake City, Utah.

Virei-me e voltei, meditativo. Quando cheguei junto a meu companheiro, repeti a mensagem para ele.

Era uma mensagem para mim naquela manhã, para que eu cumprisse bem meu dever como missionário de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. É simplesmente outra maneira de dizer: (...) ‘Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus.’ (Mateus 7:21)“ (*Cherished Experiences from the Writings of David O. McKay*, comp. Clare Middlemiss [1955], pp. 174–175). Ele tomou a resolução de cumprir bem seu dever de missionário dedicado.

Em 1955, revisitou o mesmo local como presidente da Igreja e contou a história aos presentes. Posteriormente, a pedra foi comprada pela Igreja e hoje se encontra na seção de David O. McKay do Museu de História e Arte da Igreja, perto da Praça do Templo, em Salt Lake City.

SUA CAPACIDADE DE LIDERANÇA FOI RECONHECIDA

Numa reunião realizada em 29 de maio de 1899 e presidida por James L. McMurrin, da presidência da Missão Européia, o Élder David O. McKay e os outros missionários testemunharam um forte derramamento do Espírito. Nessa ocasião, o Presidente McMurrin fez profecias sobre vários élderes e disse ao jovem Élder McKay: “Saiba, irmão David, que Satanás deseja cirandá-lo como trigo, mas Deus está velando por você, e caso se mantenha firme na fé, um dia se assentará nos conselhos presidentes da Igreja” (Citado em Morrell, *Highlights in the Life*, pp. 37–38).

ELE ACHOU UMA COMPANHEIRA ETERNA



David O. e sua irmã Jeanette em 1897 quando ele se formou na Universidade de Utah como primeiro da turma.

Ao voltar para casa de sua missão na Escócia em agosto de 1899, David O. McKay começou a ensinar na Academia da Estaca Weber. Em 2 de janeiro de 1901, casou-se com Emma Ray no Templo de Salt Lake. Foi uma união que serviria de exemplo para a Igreja inteira e que durou mais de sessenta e nove anos. Seu amor e preocupação mútuos eram visíveis para os membros da Igreja. Os McKay tiveram sete filhos.

Antes do casamento, David mandou muitas cartas a Emma Ray. A carta a seguir, datada de 18 de dezembro de 1900, é um exemplo. Ele escreveu:

“Minha Querida,

*Feliz e fiel sempre hei de ser,
Quando, querida, me casar com você.*



Após a missão, ele aceitou um emprego na Academia da Estaca Weber e começou a lecionar lá em setembro de 1899. Dois anos e meio depois, foi nomeado diretor da escola. Na fotografia, vemos David O. McKay com membros do corpo discente em 1905.

Essas palavras não me saem da mente desde que as ouvi no início do dia. É bem verdade que não passam da rima de uma canção de amor simples, mas traduzem os sentimentos de meu coração esta noite; por isso, têm um significado mais profundo do que jamais imaginou o autor. Se já sou fiel a você antes do casamento, será muito mais fácil depois. (...)

Parece que já faz uma semana que não a vejo e cerca de dois dias que estive na escola pela última vez. Se essa sensação continuar, precisarei esperar oito semanas para vê-la de novo! Cada dia é uma semana quando estou longe de você; em sua presença, cada dia é apenas uma hora! O que além do *Amor* pode fazer o tempo parecer tão lento na primeira situação e tão veloz na segunda?

Sim, é o amor, o verdadeiro amor. E sinto-me grato por saber o que é o puro amor e que a pessoa que amo é a jovem mais fiel e doce do mundo.



David O. e Emma Ray McKay com seu filho David Lawrence

Querida, este amor traz-lhe algum conforto? Se for o caso, tente corresponder a ele e proporcione a felicidade perfeita a seu Dade amoroso” (citado por David Lawrence McKay, *My Father, David O. McKay* [1989], p. 8).

ELE FOI CHAMADO COMO APÓSTOLO

Em 1906, enquanto David O. McKay servia na superintendência da Escola Dominical da Estaca Weber, o Presidente Joseph F. Smith chamou-o para servir como membro do Quórum dos Doze Apóstolos. David estava com trinta e dois anos de idade. Seu ministério no Quórum dos Doze duraria mais de meio século. Imediatamente, seu talento de educador foi aproveitado. Ele serviu como conselheiro na presidência geral da Escola Dominical e tornou-se o comissário de educação da Igreja em 1919. Para ele, o ensino era a mais nobre das atividades.



Apóstolo aos trinta e três anos de idade, abril de 1906



Primeiros anos como apóstolo

Em seu primeiro discurso como apóstolo, o Élder David O. McKay ensinou: “O homem que conhece seu dever e deixa de cumpri-lo não é fiel a si mesmo, a seus irmãos e não está vivendo de acordo com a luz concedida por Deus e pela consciência. Essa é a nossa posição e a responsabilidade de todos nós. Quando minha consciência me diz que devo tomar determinada direção, não serei fiel a mim mesmo se não obedecer. Ó! Sei que temos fraquezas e que somos tentados por influências externas, mas precisamos andar no caminho estreito e apertado no cumprimento de todas as nossas obrigações. E prestem atenção ao seguinte: sempre que temos a oportunidade de seguir a verdade que está dentro de nós e falhamos, sempre que deixamos de realizar uma boa obra, enfraquecemo-nos e tornamos mais difícil expressar esse pensamento ou realizar esse ato no futuro. Sempre que realizamos uma boa ação e sempre que externamos um sentimento nobre, torna-se

mais fácil fazê-lo de novo no futuro” (Conference Report, outubro de 1906, p. 113).

ELE SOFREU UM GRAVE ACIDENTE

Em 1916, o Élder David O. McKay sofreu um grave acidente automobilístico. Seu rosto foi tão atingido que muitos acharam que ele ficaria desfigurado para o resto da vida. O Presidente Heber J. Grant, na época presidente do Quórum dos Doze Apóstolos, abençoou-o para que fosse completamente curado, e ele o foi.

ELE FEZ UM *TOUR* MUNDIAL DURANTE 1920–1921

Em dezembro de 1920, o Élder David O. McKay iniciou um *tour* mundial sem precedentes. Antes de partir com Hugh J. Cannon, editor da revista *The Improvement Era*, recebeu uma bênção significativa. “Os Presidentes Heber J. Grant, Anthon H. Lund e Charles W. Penrose, bem como vários dos apóstolos, impuseram as mãos sobre a cabeça do Presidente McKay e o abençoaram e o designaram ‘um missionário que viajaria mundo afora’ e prometeram-lhe que seria ‘avisado de perigos visíveis e invisíveis e receberia sabedoria e inspiração de Deus a fim de evitar todas as ciladas e armadilhas que viessem a surgir em seu caminho’. Disseram-lhe ainda que ‘partisse em paz, com prazer e felicidade e que voltasse em segurança para seus entes queridos e para o corpo principal da Igreja’. Ele sentiu o cuidado protetor do Pai Celestial ao longo de todo o seu ministério” (Clare Middlemiss, comp., em McKay, *Cherished Experiences*, p. 37).



Em seu *tour* mundial com Hugh J. Cannon

O Élder McKay visitou o Oriente e, com autoridade apostólica, dedicou a China para a pregação do evangelho. Enquanto estava nas ilhas do Pacífico, os santos taitianos conseguiram compreendê-lo na língua local. Ao ser avisado de um perigo no Havaí, retirou-se de uma plataforma na qual estava de pé e que pouco depois caiu. Durante sua estada na antiga Terra Santa de Israel, profetizou que embora a terra se cobrisse de

sangue, os judeus haveriam de ser coligados. Esse *tour* deu ao jovem apóstolo uma visão mundial, e a universalidade da mensagem do evangelho tornou-se ainda mais evidente.

ELE TEVE UM SONHO INSPIRADO

Durante seu périplo pelo mundo, o Élder David O. McKay teve um sonho maravilhoso. Ele escreveu:

“Adormeci e contemplei em visão algo infinitamente sublime. Ao longe, divisei uma bela cidade branca. Embora ela estivesse distante, eu conseguia ver árvores com frutas convidativas, arbustos com folhas de cores magníficas e flores que desabrochavam por todas as partes. No alto, o céu límpido parecia refletir essas belas tonalidades e matizes. Então, vi um grande grupo de pessoas que se aproximava da cidade. Cada uma delas vestia uma túnica alva esvoaçante e um ornato branco nos cabelos. Subitamente, minha atenção voltou-se para o líder deles, embora eu conseguisse enxergá-Lo apenas de perfil, com uma visão limitada de Seus traços e do contorno de Seu corpo. Reconheci-O naquele instante como meu Salvador! A cor e a luminosidade de Seu semblante eram gloriosos de contemplar! Ele transmitia uma paz que me parecia sublime. Era algo divino!

A cidade, pelo que deduzi, era Dele. Era a Cidade Eterna, e as pessoas que O seguiam iriam habitar lá em paz e felicidade eternas.

Mas quem eram eles?

Como se o Salvador lesse meus pensamentos, respondeu apontando para um semicírculo que em seguida apareceu acima de mim e no qual estava escrito em letras douradas:

‘Estes São os Que Venceram o Mundo e que Verdaderamente Nasceram de Novo!’

Quando acordei, o dia estava nascendo”

(Cherished Experiences, p. 102).



Hugh J. Cannon e o Élder McKay diante da Esfinge e da pirâmide de Quéops, 26 de outubro de 1921

ELE TEVE EXPERIÊNCIAS COM O DOM DA INTERPRETAÇÃO DE LÍNGUAS

Ao regressar do *tour* mundial, o Presidente David O. McKay contou a seguinte experiência que teve com um dom do Espírito durante suas viagens:

“Um dos eventos mais importantes em meu périplo mundial pelas missões da Igreja foi o dom da interpretação da língua inglesa para os santos da Nova Zelândia, numa sessão da conferência realizada no dia 23 de abril de 1921 no Ramo Puke Tapu, Distrito Waikato, Huntly, Nova Zelândia.

A reunião acontecia numa grande tenda. Centenas de homens e mulheres sinceros de coração se congregaram ansiosos para ver e ouvir um apóstolo da Igreja, o primeiro a visitar o país.

Quando olhei a enorme congregação e vi a grande expectativa que enchia o coração de todos os presentes, percebi o quanto eu decepcionaria os desejos ardentes de sua alma e ansiei sinceramente pelo dom das línguas, a fim de poder dirigir-me a eles em seu idioma materno.

Até aquele momento, eu não refletira muito sobre o dom das línguas, mas naquela ocasião, desejei com todas as forças ser digno desse poder divino.



A família McKay durante a missão européia do Élder McKay (1922—1924)

Em outras missões, eu discursara usando intérpretes, mas por mais capacitados que sejam eles, eu sentia-me tolhido e inibido ao apresentar minha mensagem.

Então, ao deparar-me com uma congregação que se reunira com expectativas incomuns, dei-me conta como nunca antes da enorme responsabilidade de meu ofício. Do mais profundo de minha alma, orei suplicando auxílio divino.

Quando me levantei para proferir meu discurso, avisei ao irmão Stuart Meha, nosso intérprete, que eu iria falar sem que ele traduzisse frase por frase. Então, dirigi-me à congregação:

‘Ó, eu quisera ter o poder de falar-lhes em seu próprio idioma, a fim de transmitir-lhes o que me vai no coração; mas como não tenho esse dom, oro e peço que também orem para receberem o dom da interpretação, do discernimento, a fim de compreenderem pelo

menos o espírito do que eu disser. E em seguida, quando o irmão Meha traduzir, vocês ouvirão as palavras e as idéias.’

Meu discurso durou quarenta minutos, e nunca dirigi a palavra a uma congregação mais atenta e respeitosa. Meus ouvintes conseguiram compreender-me perfeitamente — tive a confirmação ao ver lágrimas em seus olhos. Pelo menos alguns deles, talvez a maioria, que não compreendiam o inglês, receberam o dom da interpretação” (*Cherished Experiences*, pp. 73–74).

ELE FOI CHAMADO PARA A PRIMEIRA PRESIDÊNCIA

O Presidente Heber J. Grant chamou o Élder David O. McKay para ser conselheiro na Primeira Presidência em 1934. O Presidente McKay serviu posteriormente também como conselheiro do Presidente George Albert Smith.

ELE TORNOU-SE O PRESIDENTE DA IGREJA



David O. McKay

O Presidente McKay foi apoiado como o nono presidente da Igreja durante a conferência geral em 9 de abril de 1951. Nesse dia, ele disse:

“Hoje faz apenas uma semana que percebi que esta responsabilidade de liderança recairia sobre meus ombros. (...)

Ao dar-me conta disso, posso dizer-lhes que fiquei profundamente emocionado e ainda estou

hoje. Mas oro para, mesmo de modo inadequado, conseguir contar-lhes como esta responsabilidade me parece importante.

O Senhor declarou que os três sumos sacerdotes presidentes escolhidos pelo grupo, designados e ordenados a esse ofício da presidência, devem ser ‘apoiados pela confiança, fé e orações da igreja’ [D&C 107:22]. Ninguém pode presidir esta Igreja sem primeiro estar em sintonia com o cabeça da Igreja, nosso Senhor e Salvador, Jesus Cristo. Ele é nosso Líder. Esta é Sua Igreja. Sem Sua orientação divina e inspiração constante, não podemos ter êxito. Com Sua direção e inspiração, não podemos falhar.

Além do auxílio do Senhor, outra fonte de força provém da confiança, fé, orações e o apoio da Igreja como um todo.

Prometo-lhes que me empenharei ao máximo para viver de modo a merecer a companhia do Espírito Santo e oro aqui em sua presença para que eu e meus conselheiros de fato sejamos ‘participantes do Espírito divino’ (Conference Report, abril de 1951, p. 157).

Pouco depois de ser chamado como profeta, iniciou uma visita às missões do mundo inteiro. Viajou mais de um milhão de quilômetros, percorrendo a Terra como um Paulo moderno. A obra missionária acelerou-se, pois todo membro foi incentivado a ser um missionário. Milhares de capelas foram construídas durante sua presidência. Como ele foi o Presidente da Igreja durante dezenove anos, a maioria dos membros da Igreja não conhecera nenhum outro profeta além de David O. McKay.

O Presidente McKay sabia que o Senhor desejava o crescimento espiritual dos santos. Ele sempre citava a necessidade de desenvolvermos nossa natureza divina. Ensinava também com frequência sobre a família e o lar. Deixou marcada de modo indelével na mente dos santos a frase: “Nenhum sucesso na vida compensa o fracasso no lar.” (citando James Edward McCulloch, em Conference Report, abril de 1935, p. 116). Ele sempre proclamava que, quase tão importante quanto a própria vida é o dom do arbítrio e que a constituição dos Estados Unidos deve ser defendida.



David O. McKay

ELE RECEBEU UM TRIBUTO DE ANIVERSÁRIO

No aniversário de setenta e oito anos do Presidente David O. McKay, seu primeiro natalício como Presidente da Igreja, seus companheiros do Quórum dos Doze Apóstolos, com quem ele servira durante quarenta e cinco anos, enviaram-lhe uma carta expressando seus melhores votos. Nela, diziam:

“No decorrer de sua vida marcada por acontecimentos de vulto, você tem sido uma inspiração para os jovens e velhos da Igreja. Sua carreira humilde, porém brilhante, na obra do Senhor é o cumprimento literal do mandamento deixado pelo Salvador no sermão da montanha que inspirou o poeta a escrever:

*Que tua luz brilhe forte no além,
Sê uma estrela no céu de alguém.*

Sua grande devoção à verdade tem inspirado fé e confiança no coração de todos os que o seguem. Sua ternura e solidariedade em momentos de provação ajudam a alegrar os desalentados. Sua coragem para levar avante a obra apesar dos empecilhos é uma mão amiga para aqueles que sem isso não perseverariam até o fim.

Neste seu natalício, renovamos-lhe nosso amor e devoção, nossa disposição de seguir sua liderança inspirada e externamos nossa gratidão pelo privilégio de servir ao Senhor em sua companhia.” (Citado por McKay, *Home Memories*, p. 251).

ELE VIU TEMPLOS NO MUNDO INTEIRO



Fotografia cedida gentilmente por David H. Garner

O Templo de Berna Suíça foi o primeiro da Europa. Foi dedicado pelo Presidente McKay em 11 de setembro de 1955.

Mais templos foram construídos durante a administração do Presidente David O. McKay do que em qualquer presidência anterior. Contudo, o número de templos edificadas talvez não seja tão significativo quanto sua localização: templos começaram a ser erguidos no mundo inteiro.

Llewelyn R. McKay, um dos filhos do Presidente McKay, registrou o seguinte acontecimento transcorrido quando seu pai era presidente da Missão Européia na década de 1920: “Meu pai teve a visão de um templo erigido para os membros europeus da Igreja. Lembro-me de perguntar a ele se os missionários deveriam continuar a incentivar os membros a imigrarem para Sião. ‘Não’, respondeu ele, ‘é importante que os ramos se fortaleçam, e os membros devem permanecer e trabalhar para isso. Um dia construiremos templos ao alcance de todos, a fim de realizarmos as ordenanças desejáveis do templo sem tirarmos as famílias de sua terra natal’” (*Home Memories*, p. 33).

Em outra ocasião, o Presidente McKay relatou sua visão de como deve ser construído um templo. “O primeiro templo da Europa, o Templo da Suíça, representava o comprometimento do Presidente McKay para com o bem-estar espiritual dos santos numa igreja em expansão. (...)

Além do mais, é evidente que o Presidente McKay enxergara o templo em visão, com suas linhas simples e despojadas semelhantes às do primeiro templo, em Kirtland. Ele descreveu-o com tanta nitidez a Edward O. Anderson, arquiteto da Igreja, que ele foi capaz de reproduzi-lo com exatidão. Contudo, durante a elaboração do projeto, o desenho original foi modificado até que o Presidente McKay, ao ver os esboços, observou: ‘Irmão Anderson, este não é o templo que eu e você vimos juntos’. Nem é preciso dizer que os desenhos finais correspondiam à descrição original do Presidente McKay” (“The Swiss Temple”, *Ensign*, junho de 1978, p. 80).

A PREGAÇÃO DO EVANGELHO É UM TRABALHO MUNDIAL



Visita à Nova Zelândia, janeiro de 1955

A seguinte declaração do Presidente David O. McKay ilustra seu compromisso para com a pregação da mensagem do evangelho no mundo inteiro:

“Com vocês, proclamo: ‘Não nos envergonhamos do evangelho de Cristo.’ Como membros da Igreja de Cristo, temos a responsabilidade de pregar este evangelho a todo o mundo, pois fazemos parte de uma organização mundial. Este evangelho não está confinado a Utah, a Idaho, ao Wyoming, à Califórnia, aos Estados Unidos ou à Europa, mas é o poder de Deus para a salvação de todos os que creem. E vocês e eu partilhamos a responsabilidade de declará-lo ao mundo inteiro” (*Stepping Stones to an Abundant Life*, comp. Llewelyn R. McKay [1971], pp. 120–121).

“A missão de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias pode ser desdobrada em dois grandes aspectos: (1) a proclamação ao mundo da restauração do evangelho de Jesus Cristo — declarar à humanidade inteira que Deus o Pai e Seu Filho Jesus Cristo apareceram nesta dispensação ao Profeta Joseph Smith; (2) o outro grande propósito da Igreja é usar a verdade para construir uma ordem social melhor, ou seja, tornar nossa religião eficaz na vida de cada pessoa e melhorar as condições de nossa sociedade” (*Man May Know for*

Himself: Teachings of President David O. McKay, comp. Clare Middlemiss [1967], p. 162).

OS SANTOS DEVEM SER PIONEIROS NO MUNDO MODERNO



Presidente David O. McKay

impulsionaram a vida deles. Esses princípios eternos que eles promoveram e defenderam, mesmo nas condições mais adversas, aplicam-se hoje tanto quanto no passado, quando exaltados por nossos primeiros líderes” (Conference Report, abril de 1947, p. 118).

ELE ERA RESPEITADO NO MUNDO INTEIRO

Em suas viagens pelo mundo, a influência do Presidente David O. McKay fazia-se sentir em muitos lugares longe da sede da Igreja. Um secretário de Estado norte-americano chamou-o de melhor embaixador de boa vontade dos Estados Unidos. Ele era honrado por monarcas, visitado por presidentes e foi condecorado por diferentes nações.



O Presidente e a Irmã McKay

O Presidente David O. McKay, na época conselheiro na Primeira Presidência, presidiu a comissão do Centenário de Utah em 1947. Nada mais adequado do que oferecer a ele um papel-chave nas homenagens aos pioneiros do passado; sua própria vida estava ligada aos primórdios de Utah. Certa vez, ele disse: “A melhor maneira de honrar os pioneiros é imitar e praticar em nossa vida os ideais e virtudes que fortaleceram e

O Presidente McKay era reconhecido como profeta mesmo por não-membros da Igreja. Muitos o chamavam de “Profeta Mórmon” e em “dezembro de 1968, o nome do Presidente McKay figurou entre os cinco líderes religiosos mais citados numa sondagem de opinião divulgada pelo Instituto de Opinião Pública Dr. George Gallup (Joseph Fielding Smith, *Essentials in Church History*, 23ª ed. [1969], p. 556). Seja numa recepção oferecida pela Rainha Elizabeth II da Inglaterra seja em companhia de pessoas simples do povo, o Presidente McKay destacava-se física e espiritualmente.

Arch L. Madsen, que presidiu a empresa Bonneville International, contou a seguinte experiência:

“Lembro-me de estar em Nova York quando o Presidente McKay voltou da Europa e passou por lá. A agência United Press tinha feito preparativos para tirar fotografias dele, mas o fotógrafo escalado não pôde ir. Assim, sem escolha, enviaram o fotógrafo das reportagens policiais — um homem acostumado com o trabalho mais difícil de Nova York. Ele foi ao aeroporto, ficou lá por duas horas e depois voltou da câmara escura com uma enorme pilha de fotografias. Ele deveria ter tirado apenas duas. Seu chefe repreendeu-o imediatamente: ‘Qual é o motivo de todo esse desperdício de tempo e material fotográfico?’

O fotógrafo respondeu sem vacilar que pagaria com prazer o material extra utilizado e que não se incomodaria se aquele tempo fosse descontado de seu salário. Era óbvio que era um assunto sensível para ele. Várias horas depois, o vice-presidente chamou-o a sua sala para saber o que acontecera. O fotógrafo policial respondeu: ‘Quando eu era pequeno, minha mãe lia muito para mim o Velho Testamento, e durante toda a minha vida me perguntei como seria um profeta de Deus. Bem, hoje descobri’” (citado em “Memories of a Prophet”, *Improvement Era*, fevereiro de 1970, p. 72).



O Presidente e a Irmã McKay com os Élderes Richard L. Evans e Spencer W. Kimball

ELE FEZ AVANÇAR A CORRELAÇÃO DO SACERDÓCIO

A correlação básica do sacerdócio da Igreja sempre foi uma preocupação importante dos profetas de

Deus. Em 1908, o Élder David O. McKay, na época membro do Quórum dos Doze Apóstolos, foi chamado pelo Presidente Joseph F. Smith para servir num comitê de correlação. Tempos depois, como presidente da Igreja, apoiou e expandiu o papel da correlação. Em outubro de 1961, o Élder Harold B. Lee, na época membro do Quórum dos Doze Apóstolos, falou da necessidade da correlação na Igreja e explicou o plano do Presidente McKay para um conselho de coordenação geral da Igreja. Em seu discurso, ele disse:



O Presidente McKay em seu aniversário de setenta e oito anos, 1951

“Ao longo dos anos, tomamos consciência da necessidade constante de reexaminarmos os programas, atividades e cursos de estudo recomendados a fim de nos certificarmos de que os conceitos originais relativos a cada organização fossem seguidos, que cada programa em sua área funcionasse a contento e sem interferir no campo de atuação dos demais e que as duplicações e superposições fossem reduzidas ao mínimo. (...)”

Essa iniciativa já ocupava antes a mente do Presidente McKay e, agora, como Presidente da Igreja, ele orienta-nos a seguir avante, para consolidarmos os esforços a fim de sermos mais eficazes e tornarmos mais produtivo o trabalho do sacerdócio, das auxiliares e das outras unidades. Assim, conservaremos nosso tempo, energia e esforço para o propósito principal para o qual foi organizada a Igreja” (Conference Report, setembro – outubro de 1961, pp. 78, 81).



A Primeira Presidência na dedicação do Templo de Los Angeles Califórnia, 1956

Durante a administração do Presidente McKay, o programa de correlação fez avanços significativos. O Presidente Joseph Fielding Smith escreveu posteriormente:

“No início dos anos 1960, iniciou-se um vasto programa de correlação na Igreja sob a direção do Presidente McKay para ajudar os portadores do sacerdócio a cumprirem melhor suas obrigações e responsabilidades. Quatro comitês operacionais foram formados para incluir os programas de ensino familiar, obra missionária, história da família e bem-estar. Líderes dignos do sacerdócio foram chamados para desempenhar posições nesses importantes comitês gerais e auxiliar na preparação de materiais e diretrizes para os líderes das estacas e alas. Com o programa de correlação do sacerdócio, os quóruns e grupos receberam responsabilidades de liderança específicas. Os sumos sacerdotes receberam a designação da obra genealógica; os setentas, do programa missionário; os élderes, do bem-estar; e todos os quóruns, do programa de ensino familiar. O antigo programa de ensino da ala foi expandido e transformado no novo programa de ensino familiar, e os homens designados como mestres familiares receberam maiores responsabilidades como conselheiros espirituais para um grupo de famílias.

Como parte do projeto de correlação, foi introduzido também um programa organizado de noites familiares. Foi publicado um manual especial de lições para as famílias da Igreja e foram fornecidas diretrizes sobre como ensinar com êxito na noite familiar. Os cursos ministrados em todas as auxiliares foram correlacionados a fim de haver um programa unificado de aprendizado do evangelho em todas as organizações de ensino da Igreja.

O trabalho de correlação do sacerdócio e a ênfase renovada na noite familiar e no programa de mestres familiares deram um novo impulso ao crescimento espiritual na Igreja e marcaram uma era significativa no tocante ao fortalecimento do lar e ao auxílio aos pais e mães para que assumam seu lugar de direito como líderes espirituais dos filhos” (*Essentials in Church History*, 26ª ed., p. 543).

ELE DEIXOU O EXEMPLO EM SEU LAR

O Presidente David O. McKay falava com autoridade sobre o casamento, a família e o papel nobre das mulheres. Seu próprio casamento durou sessenta e nove anos e era visto como modelo na Igreja. O testemunho de seu filho Robert R. McKay mostra como o chamado profético tinha mesmo que recair sobre um homem da estirpe de seu pai:

“Na condição de meu pai, ele tem meu amor e devoção, e esses também são os sentimentos de meus irmãos. Na condição de Presidente da Igreja e de profeta de nosso Pai Celestial, ele tem minha obediência como portador do sacerdócio e meu voto de apoio.



O Presidente McKay com sua esposa, Emma, ao piano, 2 de janeiro de 1951

mente aconteceu. Deixo-lhes meu testemunho pessoal” (Conference Report, abril de 1967, p. 84).

O LAR DESEMPENHA UM PAPEL PRIMORDIAL NO EVANGELHO



Em casa com a família

O Presidente David O. McKay ensinava com frequência sobre a importância de uma família forte no plano do evangelho:

“Um de nossos bens mais preciosos é a família. As relações familiares devem ter precedência sobre todos os demais vínculos sociais e, em nossa existência mortal, são mais valiosas do que todos eles. São elas que

levam o coração a pulsar pela primeira vez e fazem jorrar as profundas fontes do amor que ele encerra. O lar é a principal escola das virtudes humanas. Suas responsabilidades, alegrias, tristezas, sorrisos, lágrimas, esperanças e preocupações constituem os principais interesses da vida humana. (...)

[Citando James Edward McCulloch:] Quando um homem põe os negócios ou o prazer acima do lar, inicia nesse momento um processo de degradação da alma. Quando o clube social se torna mais atraente para um homem do que o lar, está na hora de ele confessar com vergonha que não está à altura da suprema oportunidade de sua vida e que fracassou no teste final da verdadeira masculinidade. Nenhum outro sucesso compensa o fracasso no lar. A mais humilde choupana onde reina o amor e há uma família unida tem maior valor para Deus e o futuro da humanidade do que quaisquer outras riquezas. Num lar assim, Deus pode operar milagres e de fato o faz.

O coração puro num lar puro resulta numa maravilhosa proximidade com o céu. [Fim de citação.]

À luz das escrituras, tanto antigas quanto modernas, temos motivos para concluir que o ideal de Cristo para o casamento é o lar unido” (Conference Report, abril de 1964, p. 5).

ELE CITOU DEZ CONDIÇÕES QUE CONTRIBUEM PARA UM LAR FELIZ

O Presidente McKay deu os seguintes conselhos para um lar feliz:

1. Tenham sempre em mente que começamos a lançar as bases de um lar feliz na vida pré-marital. Durante o namoro, aprendam a ser fiéis e leais ao futuro cônjuge. Mantenham-se limpos e puros. Valorizem os ideais sublimes da castidade e pureza. Não se deixem enganar.
2. Além da atração física, escolham seu cônjuge com discernimento e inspiração. O intelecto e as boas maneiras são de vital importância na família humana.
3. Dêem ao casamento a importância que ele merece. O matrimônio foi ordenado por Deus. É um convênio que não deve ser assumido com leviandade nem dissolvido diante da primeira dificuldade que surgir.
4. Recordem que o propósito mais nobre do casamento é a procriação. O lar é o ambiente ideal para o desenvolvimento das crianças. A felicidade no lar aumenta com a chegada dos filhos.
5. Façam reinar no lar o espírito de reverência. Mantenham sua casa de tal forma que, se o Salvador surgisse repentinamente, vocês estivessem em

condições de convidá-Lo para entrar sem constrangimentos. Orem no lar.

6. Marido e mulher, não elevem o tom de voz um com o outro.



Ele era um excelente cavaleiro. Aqui, num passeio com a família por volta de 1954.

7. Aprendam o valor do autodomínio. Nunca lamentamos a palavra não dita. A falta de autocontrole é a maior fonte de infelicidade no lar. Os pais devem ensinar aos filhos autodomínio e respeito a si próprios e aos outros.



Em casa em Huntsville, Utah, por volta de 1947

8. Estreitem os laços familiares por meio do convívio. A proximidade e o companheirismo nutrem o amor. Façam tudo a seu alcance para fortalecer o amor por toda a eternidade.
9. Ponham ao alcance das crianças literatura e música de qualidade.

10. Por preceito e exemplo, incentivem a participação nas atividades da Igreja. Isso é fundamental para desenvolver um verdadeiro caráter. A atividade na Igreja deve ser guiada e não imposta pelos pais” (citado por McKay, *Home Memories*, p. 213).

OS SANTOS DEVEM FORTALECER AS ESTACAS DE SIÃO NO LOCAL EM QUE VIVEM

Em maio de 1952, o Presidente David O. McKay iniciou um *tour* de dois meses pela Europa. “A uma congregação intrigada com a visita, o Presidente McKay



O Presidente McKay amava as crianças, e elas amavam-no.

disse que o principal objetivo de sua viagem era estudar a possibilidade de construir capelas em toda a Europa, a fim de incentivar os membros da Igreja a ficarem em seu próprio país em vez de emigrar para os Estados Unidos” (Morrell, *Highlights in the Life*, p. 121). Durante essa viagem, ele escolheu terrenos para templos na Inglaterra e na Suíça, os primeiros na Europa.

ELE ADORAVA OS CLÁSSICOS DA LITERATURA

O Presidente David O. McKay recebera instrução formal e adorava os grandes escritores de língua inglesa. Ao ensinar o evangelho, citava com frequência Shakespeare, Carlisle ou Robert Burns. Seu talento como professor era inquestionável e suas mensagens atingiam não só a Igreja, mas boa parte do mundo.

ELE TINHA O DOM DA CURA

Numa carta de 1954 para o Élder Mark E. Petersen, que na época era membro do Quórum dos Doze Apóstolos, um homem relatou uma experiência sagrada que uma amiga tivera com o Presidente David O. McKay num dos templos. Ele escreveu:

“Minha esposa é conselheira na presidência da Sociedade de Socorro de nossa ala, e a irmã Nina Penrod é a outra

conselheira. Quando o Presidente McKay apertou a mão da irmã Penrod, ela perguntou-lhe se se lembrava da mãe dela, a irmã Graham do vale de Ogden. Ele respondeu: ‘Claro que sim’, e usou as duas mãos para cumprimentá-la. No momento do aperto de mãos, vi o rosto da irmã Penrod ruborizar-se. Ela contou que se sentiu humilde e arrebatada, principalmente porque quando as duas mãos do Presidente McKay tocaram sua mão direita, ela sentiu um choque e achou que talvez



O Presidente David O. McKay, agosto de 1957

as pessoas a sua volta também tivessem ouvido o som que acompanhou o choque, que lhe pareceu altíssimo. Ela disse ter sentido uma grande fraqueza. Foi algo inusitado, pois o Presidente McKay apertou a mão direita dela com a mão esquerda, quando cumprimentava a todos com a mão direita. A irmã Penrod disse que se sentiu profundamente honrada e regozijou-se com algo maravilhoso que lhe aconteceu: foi curada de suas dores de artrite. (...)

Quando o Presidente McKay foi embora, conforme me relataram, a irmã Penrod tentou sair com os outros, mas precisou de ajuda, pois estava debilitada demais para andar sozinha. Eles foram devagar e, ao descerem as escadas, ela irrompeu em pranto. Conduziram-na a uma cama numa sala onde, depois de pouco tempo, ela recobrou as forças. Ela levantou-se, voltou as costas para as pessoas que a acompanhavam, estendeu os dois braços, dobrou-os e levou-os aos ombros. Em seguida, disse: ‘Há anos que eu não conseguia fazer isso’” (citado por McKay, *Cherished Experiences*, pp. 156—157).

ELE ABRIU OS OLHOS DE UM CEGO

O irmão Melvin T. Mickelson contou como recobrou a visão depois de receber uma bênção do Presidente David O. McKay. O irmão Mickelson contraía uma séria infecção ocular e perdera a visão de um olho e a maior parte da visão do outro. O estado de seus olhos continuou a piorar até que um médico lhe disse que o olho direito teria de ser removido. O irmão Mickelson explicou:



O Presidente David O. McKay

“Quase duas horas depois de sairmos do consultório, o Presidente McKay bateu a nossa porta e disse que ouvira falar de minha enfermidade e perguntou se eu gostaria de receber uma bênção. Ninguém poderia negar a paz que ele trazia. Quando me abençoou, minhas dores diminuíram e por fim se foram por completo. Quando o Presidente McKay saiu do recinto, as palavras de fé proferidas

por minha esposa foram: ‘Tudo vai ficar bem.’ (...)

Na manhã seguinte, voltei ao consultório. Depois de examinar meus olhos, o médico disse: ‘Aconteceu algum milagre. Não será preciso remover o olho. Você vai recuperar de quinze a vinte por cento da visão.’ No

dia seguinte, ele disse-me que eu recobriria setenta e cinco por cento da visão e, no terceiro dia, talvez toda a visão. (...)

Dois ou três anos depois, um oftalmologista consultou-me e comentou: ‘Você tem muitos tecidos cicatriciais nos olhos, mas nunca vi visão mais perfeita’” (citado em McKay, *Cherished Experiences*, pp. 163—164).

ELE TINHA O DOM DO DISCERNIMENTO



O Presidente McKay recebendo a medalha de búfalo de prata do esotismo, com o Élder Ezra Taft Benson.

O Bispo Robert L. Simpson, na época conselheiro no Bispado Presidente, falou do primeiro contato que teve com o Presidente McKay em 1958, na dedicação do Templo de Hamilton Nova Zelândia:

“Eu estava andando por um corredor do templo quando um amigo me interrompeu e me convidou para entrar numa sala. Levei um susto ao ver que as

únicas pessoas no recinto eram o Presidente e a Irmã McKay. Meu amigo disse: ‘Presidente McKay, este é um de nossos ex-missionários da Nova Zelândia, o irmão Simpson.’ O Presidente McKay estendeu a mão direita com firmeza, colocou a mão esquerda em meu ombro, fitou-me nos olhos e, mais do que isso, pareceu ver minha alma e coração. Alguns segundos depois, deu-me um aperto de mão amistoso, uma sacudidela no ombro e disse: ‘Irmão Simpson, muito prazer em *conhecê-lo*.’ Ele enfatizou o fato de verdadeiramente conhecer-me. Nos dias e semanas que se seguiram, a lembrança desse momento não me saía da mente. Cerca de três meses depois, quando eu estava em meu escritório em Los Angeles, o telefone tocou e ouvi do outro lado da linha: ‘Aqui quem fala é David O. McKay.’ Ele disse que, com base em nossa entrevista, sentira-se inspirado a chamar-me para voltar com minha família à Nova Zelândia para presidir o povo que eu tanto amava” (*Improvement Era*, fevereiro de 1970, p. 72).

O PODER DE DEUS ESTAVA COM ELE

Em certa ocasião, no Pacífico Sul, ao se despedir de um grupo de santos, deixou-lhes uma bênção e algo extraordinário aconteceu. Como relatou um homem: “Alguns que olharam para o alto por alguns instantes enquanto os lábios do Élder McKay proferiam palavras

inspiradas testificam que um brilho repousou sobre ele, como um feixe de luz resplandecente. Garantem que, no momento em que se produziu essa maravilhosa manifestação e bênção, a separação entre o céu e a Terra era muito tênue. A alma de cada ouvinte vibrou com a convicção da verdade” (Citado por McKay, *Cherished Experiences*, p. 67).

Num tributo a seu marido, a Irmã McKay disse sobre ele:

“O Presidente é abençoado com presciência. Em várias ocasiões, ele dizia-me de manhã que algo aconteceria durante o dia e, invariavelmente, a impressão tornava-se realidade. Esse dom foi um guia de grande utilidade para ele ao longo da vida” (citado por McKay, *Home Memories*, p. 270).

TODAS AS PESSOAS EXERCEM INFLUÊNCIA



O Presidente McKay com Dwight D. Eisenhower, presidente dos Estados Unidos

O Presidente David O. McKay ensinou sobre a importância de levarmos uma vida pautada pelos princípios cristãos:

“Um caráter justo é fruto de esforços contínuos e pensamentos corretos; decorre de uma longa intimidade com pensamentos divinos. A pessoa que mais se achega ao Espírito de Cristo é a que põe Deus no centro de sua mente. E quem diz em seu coração: ‘Não se faça a minha vontade, mas a tua’ aproxima-se mais do ideal deixado por Cristo” (Conference Report, outubro de 1953, p. 10).

Todas as pessoas que vivem neste mundo exercem uma influência, seja para o bem seja para o mal. Não se trata apenas do que dizem ou apenas do que fazem, e sim do que são. Cada pessoa irradia o que é. Todos os demais recebem essa influência. O Salvador tinha consciência disso. Sempre que Ele estava na presença de uma pessoa, sentia essa radiação — fosse a samaritana com sua vida passada, fosse a mulher prestes a ser apedrejada e os homens que a acusavam, fosse o estadista

Nicodemos, fosse um dos leprosos. Ele enxergava a luz que as pessoas emitiam. E, até certo grau, vocês e eu também temos essa capacidade. É o que somos e irradiamos que afeta as pessoas a nossa volta” (Conference Report, abril de 1963, p. 129).



O Presidente e a Irmã McKay com o cineasta Cecil B. DeMille e o ator Charlton Heston como Moisés nas filmagens de *Os Dez Mandamentos*. A Universidade Brigham Young conferiu o título de doutor *honoris causa* a DeMille em maio de 1957.

ELE ENSINOU SOBRE O DESENVOLVIMENTO DA ESPIRITUALIDADE

O Presidente David O. McKay ensinou o seguinte sobre o desenvolvimento da espiritualidade:

“A espiritualidade é a maior vitória da alma, ‘o lado divino do homem, o dom supremo e mais elevado que o torna rei de todas as coisas criadas’. É a consciência do triunfo sobre nós mesmos e da comunhão com o Infinito. A espiritualidade impele-nos a adquirir cada vez mais força, a sentir o desenvolvimento de nossas faculdades e a sintonia da alma com Deus e o Infinito; isso é espiritualidade. É isso que nos proporciona o que há de melhor na vida.

A espiritualidade manifesta-se melhor nos atos, não nos sonhos. ‘Devaneios arrebatadores, arroubos de enlevo celeste e anseios para ver o invisível não são tão marcantes quanto o simples fato de cumprir nosso dever.’



O Presidente McKay com John F. Kennedy, presidente dos Estados Unidos

Todos os impulsos nobres; todas as expressões altruístas de amor; todos os sofrimentos desistidos pelo bem; todas as renúncias pessoais em nome de algo maior; toda a lealdade a um ideal; toda a devoção abnegada a um princípio; todos os atos úteis à humanidade; todos os

gestos de autodomínio; toda a coragem elevada da alma, triunfante diante das convenções ou das regras e que resulta de ser, fazer e viver o bem como fim em si mesmo — nisso consiste a espiritualidade.

Esse sentimento que nos induz a uma vida mais elevada é universal. A busca e o desenvolvimento de paz e liberdade espirituais dizem respeito a todos.

Perdemos a alma a menos que desenvolvamos nela a espiritualidade. Sugiro os passos a seguir para o desenvolvimento da espiritualidade:

1. Cabe ao homem controlar a natureza, e não se deixar escravizar por ela. O autodomínio e o controle das circunstâncias externas são fundamentais.

2. A espiritualidade e uma vida abundante dependem de reconhecermos a Deidade e A honrarmos.

3. Deve haver a consciência de que Deus delegou ao homem a autoridade para agir em Seu nome.

4. É preciso reconhecer que Deus é o Pai de todos os homens e valoriza cada alma.

5. A vida é uma missão e toda pessoa tem o dever de tornar o mundo um lugar melhor por ter passado por ele” (True to the Faith: From the Sermons and Discourses of David O. McKay, comp. Llewelyn R. McKay [1966], pp. 244–245).

ELE ENSINOU SOBRE AS PEDRAS FUNDAMENTAIS DE SIÃO

O Presidente David O. McKay ensinou:

“A Sião que construímos será moldada pelos ideais de seus habitantes. Para mudarmos os homens e o mundo, precisamos transformar sua maneira de pensar, pois as crenças de um homem correspondem ao que ele verdadeiramente pensa; o que ele pensa é o que vive. Os homens nunca vão além de seus ideais; muitas vezes ficam aquém, mas jamais os ultrapassam. (...)

(...) O Senhor designa Sião como ‘o puro de coração’ (D&C 97:21); e somente quando formos assim é que Sião ‘(...) florescerá e a glória do Senhor estará sobre ela’ (D&C 64:41).

É no coração dos homens que se lançarão os alicerces de Sião; grandes terrenos, minas, florestas, fábricas, belos prédios e instalações modernas são apenas meios e acessórios para a edificação da alma humana e a garantia da felicidade.



O Presidente McKay no banco de um parque aos oitenta e quatro anos de idade, em 1957

Fotografia de George Bettridge, gentilmente cedida por Stans Photography. REPRODUÇÃO PROIBIDA



O Presidente e a Irmã McKay — “Partilhando os anos dourados”

Assim, ao delineararmos hoje os planos para Sião, escolhemos o que poderíamos chamar de ‘quatro pedras fundamentais dos habitantes de Sião’.

Primeiro: A firme crença e a aceitação da verdade de que este universo é governado com inteligência e sabedoria e, como afirmou Platão, ‘não foi deixado à mercê de um acaso irracional e aleatório’.

A *segunda* pedra fundamental é que o propósito supremo do grandioso plano de Deus é o aperfeiçoamento de Seus filhos.

Ele deseja que os homens e mulheres se tornem semelhantes a Ele.

A *terceira* pedra fundamental é perceber que o fator-chave para o progresso do homem é a liberdade: o *livre arbítrio*. O homem pode escolher o bem maior ou o bem menor e ficar aquém do que pretendia inicialmente.

A *quarta* pedra fundamental é o senso de responsabilidade para com as outras pessoas e a sociedade” (*Gospel Ideals*, p. 335).

ELE TINHA FÉ NA JUVENTUDE DE SIÃO

O Presidente David O. McKay regozijava-se com a fidelidade da juventude da Igreja. Na conferência geral de abril de 1961, disse:

“Se me perguntassem hoje de manhã: ‘Em que área a Igreja avançou mais no último ano?’ Eu não responderia: ‘*No campo financeiro.*’ (...)

Tampouco diria: ‘*No número crescente de casas de adoração.*’ (...)

(...) Nem responderia: ‘*No aumento do número de membros.*’ (...)

Eu responderia que

o progresso mais encorajador da Igreja no último ano é o aumento do número de jovens em atividade na Igreja. (...)



Um beijo de aniversário, 21 de junho de 1963

Que os céus os guiem, meus jovens, onde quer que estejam. Contanto que se mantenham puros e imaculados e permaneçam perto de seu Pai celestial com sinceridade e em espírito de oração, o Espírito os conduzirá, os magnificará em sua juventude e os transformará numa força para o bem na Terra. Seu Pai Celestial está sempre pronto a ajudá-los em momentos de necessidade e a dar-lhes consolo e vigor caso se aproximem Dele em pureza, simplicidade e fé” (Conference Report, abril de 1961, pp. 5, 8).

O PRESIDENTE JOSEPH FIELDING SMITH PRESTOU HOMENAGEM A ELE



A Primeira Presidência: Hugh B. Brown, David O. McKay e N. Eldon Tanner

Nos últimos anos de sua vida, embora com limitações físicas devido a um estado de saúde delicado, o Presidente David O. McKay continuou a crescer espiritualmente. Sempre falava do gosto pela vida. Depois da morte do Presidente McKay em 18 de janeiro de 1970, o Presidente Joseph Fielding Smith disse:

“Honro e reverencio o nome e a memória do Presidente David O. McKay.

Durante 60 anos, sentei-me a seu lado nos conselhos presidentes da Igreja. Assim, conheci-o intimamente. Amei-o como homem e honrei-o como profeta.

Ele era um verdadeiro servo do Senhor: alguém que vivia em retidão perante seu Criador; alguém que amava seus semelhantes; alguém que amava a vida e regozijava-se no privilégio do serviço que realizava; alguém que trabalhava com os olhos fitos na glória de Deus.

Ele exemplificou perfeitamente o padrão do Velho Testamento: ‘(...) o que é que o Senhor pede de ti, senão que pratiques a justiça, e ames a benignidade, e andes humildemente com teu Deus?’ (Miquéias 6:8)

Conforme afirmou o editorial do jornal *Deseret News*: ‘Se um homem da história moderna deixou este mundo melhor por ter vivido nele esse homem foi David Oman McKay.

Em todos os locais por onde passou, inspirou esperança e coragem. Em todos os lugares em que se ouviu sua voz, houve maior bondade entre os homens, maior tolerância, maior amor. Em todas as partes em

que se sentiu sua influência, o homem e Deus se aproximaram em propósito e ação.’

O Presidente McKay foi chamado ao santo apostolado em abril de 1906 por meu pai, o Presidente Joseph F. Smith, que agiu sob a inspiração do Espírito, e tornou-se um dos maiores e mais inspirados líderes desta dispensação. (...)

Sentirei muito sua falta. Ainda me custa acreditar que ele nos deixou. Mas sabemos que ele se foi para um reencontro jubiloso com seu pai e sua mãe e que agora está reiniciando seu trabalho no paraíso de Deus ao retomar contato com seus bons amigos que o precederam do outro lado do véu. (...)

Em minha opinião, duas frases do profeta Leí exemplificam a vida do Presidente McKay. Ele era como um grande rio, ‘continuamente correndo para a fonte de toda a retidão’ e como um imenso vale, ‘firme, constante e imutável em guardar os mandamentos do Senhor!’ (1 Néfi 2:9–10)



O Presidente David O. McKay



Sessenta e nove anos juntos

Fotografia de Ralph T. Clark e J. Melian Hislop; gentilmente cedida pelo jornal Deseret News

Agradeço a Deus pela vida e o ministério desse grande homem. Ele era uma alma com uma missão especial, um espírito nobre que veio ao mundo para presidir em Israel. Ele desempenhou bem seu trabalho e voltou puro e perfeito para esferas de luz e um reencontro feliz com entes queridos. Se jamais houve um homem merecedor da seguinte bênção

das escrituras, foi o Presidente McKay:

‘Vinde, benditos de meu Pai, possuí por herança o reino que vos está preparado desde a fundação do mundo’ (Mateus 25:34), pois fizestes todas as coisas confiadas a vosso cuidado” (“One Who Loved His Fellowmen”, *Improvement Era*, fevereiro de 1970, pp. 87–88).

Joseph Fielding Smith

DÉCIMO PRESIDENTE DA IGREJA



EVENTOS MARCANTES DA VIDA DE JOSEPH FIELDING SMITH

Idade Acontecimentos

- Nasce em 19 de julho de 1876 em Salt Lake City, Utah, filho de Joseph F. e Julina Lambson Smith.
- 8 É batizado por seu pai (19 de julho de 1884).
- 19 Recebe a bênção patriarcal, que indica que ele viria a presidir seu povo (janeiro de 1896).
- 21 Casa-se com Louie Emily Shurtliff (26 de abril de 1898; ela falece em 30 de março de 1908).
- 22–24 Serve como missionário na Inglaterra (1899–1901).
- 24 Começa a trabalhar no Escritório do Historiador da Igreja (1901).
- 29 Torna-se historiador adjunto da Igreja (abril de 1906).
- 32 Casa-se com Ethel Georgina Reynolds (2 de novembro de 1908; ela morre em 26 de agosto de 1937).
- 33 É ordenado apóstolo por seu pai, o Presidente Joseph F. Smith (7 de abril de 1910).
- 44 Torna-se o historiador da Igreja (1921).
- 45 Publica seu primeiro livro, *Essentials in Church History (Fatos Essenciais da História da Igreja)* (1922).
- 57 Torna-se o presidente da Sociedade Genealógica de Utah (1934).
- 61 Casa-se com Jessie Ella Evans (12 de abril de 1938; ela morre em 3 de agosto de 1971).
- 63 Dirige a retirada dos missionários da Europa (1939).
- 68–72 Torna-se o presidente do Templo de Salt Lake (1945–1949).
- 74 É apoiado presidente do Quórum dos Doze Apóstolos (9 de abril de 1951).
- 79 Dedica quatro países para a pregação do evangelho (1955).
- 89 Torna-se conselheiro do Presidente David O. McKay (29 de outubro de 1965).
- 93 Torna-se o Presidente da Igreja (23 de janeiro de 1970).
- 95 Preside a primeira conferência de área, em Manchester, Inglaterra (27–29 de agosto de 1971); dedica o Templo de Ogden Utah (18 de janeiro de 1972) e o Templo de Provo Utah (9 de fevereiro de 1972); morre em Salt Lake City, Utah (2 de julho de 1972).



Joseph Fielding Smith Quando Jovem

Assim como Ana, mãe de Samuel, profeta do Velho Testamento, Julina Lambson Smith muito desejava um filho. Ela já dera à luz três lindas meninas, mas ansiava e orava por um filho homem. Prometeu ao Senhor que se Ele a abençoasse para isso, faria todo o possível para que o menino crescesse para servir a Deus e trouxesse alegrias a seu pai,

Joseph F. Smith, na época conselheiro na Primeira Presidência. Em 19 de julho de 1876, o Senhor agraciou o lar dos Smith com um menino que receberia o mesmo nome que seu pai. “Era um menino destinado a seguir de perto os passos do pai: missionário, historiador, apóstolo, estudioso das escrituras, teólogo, conselheiro na Primeira Presidência e, por fim, profeta do Senhor. A voz do pai viria a tornar-se a voz do filho; em conjunto, seus anos no apostolado se estenderiam numa corrente contínua por mais de cem anos” (Joseph F. McConkie, *True and Faithful: The Life Story of Joseph Fielding Smith* [1971], pp. 9, 11).

Em sua juventude, Joseph Fielding Smith provou a taça amarga da perseguição quando agentes federais invadiram os lares polígamos de Utah em busca de seu pai e outros líderes da Igreja. Anos depois, ele ainda se lembrava deles andando pela casa interrogando e atormentando as mulheres e crianças, atormentando sua vida e lançando uma nuvem negra de infelicidade e medo. Em tais circunstâncias sombrias, seu pai foi forçado a viver em exílio quase contínuo quando Joseph Fielding tinha entre oito e quinze anos. Assim, quando mais tarde algumas pessoas diziam que o Presidente Joseph Fielding Smith tivera uma juventude privilegiada e, portanto, era natural que fosse um grande homem, ele via-se na obrigação de esclarecer que elas não compreendiam todas as circunstâncias. Devido a dificuldades com o governo dos Estados Unidos, o pai de Joseph Fielding ficou fora de casa durante a maior parte de seus anos de formação.



A família de Joseph F. Smith, pai de Joseph Fielding Smith

Um resultado desses anos solitários e atribulados foi o desenvolvimento de uma coragem e compreensão no jovem Joseph Fielding que o ajudaram a tornar-se um dos defensores mais hábeis da Igreja nos últimos dias. Alguém que foi provado, testado e que se mostrou verdadeiro e fiel — esta parece a descrição da vida deste grande servo do Deus vivo.

EM SUA MOCIDADE, ELE APRENDEU A FAZER O QUE O SENHOR DESEJAVA DELE



Joseph F. Smith e família. Joseph Fielding está no centro da fileira de trás.

Fotografia gentilmente cedida por Joseph Fielding McConkie

Joseph Fielding Smith era um menino que considerava seu dever andar pela vida de mãos dadas com o Senhor. De fato, seu desejo de aprender a vontade do Senhor a fim de vivê-la levou-o a ler o Livro de Mórmon duas vezes antes mesmo de completar dez anos de idade. Quando seus amigos davam por sua falta nos jogos, em geral o achavam no palheiro lendo esse livro. Ele também leu e memorizou o *Children's Catechism* (“Catecismo das Crianças”, uma antiga publicação da Igreja que explicava as doutrinas do evangelho) e livros da Primária. Natural e espontâneo, seu apetite pelo aprendizado continuou a aumentar ao longo da vida e ele se tornou um dos maiores estudiosos do evangelho que a Igreja já conheceu.

Na idade adulta, ele escreveu: “Desde que me entendo por gente e aprendi a ler, tenho mais prazer e satisfação ao estudar as escrituras e ler sobre o Senhor Jesus Cristo, o Profeta Joseph Smith e a obra realizada para a salvação do homem do que qualquer outra coisa do mundo” (Conference Report, abril de 1930, p. 91).

ELE TEVE UM CONTATO PRÓXIMO COM A MORTE

“Joseph passou boa parte de sua juventude cuidando de gado perto do rio Jordan [em Utah] e trabalhando com seus irmãos na fazenda da família em

Taylorsville. Em certa ocasião, quando ele e seu irmão mais novo, George, estavam colocando feno num carroção para levá-lo do campo ao celeiro, Joseph escapou por um triz da morte. Eles tinham parado numa estrada perto de um canal para empilhar o feno e dar de beber aos animais. Como um dos cavalos era arreado, Joseph orientou George a ficar de pé em frente à parelha e segurar as rédeas até ele montar e assumir o controle. Em vez de fazer isso, George virou-se e puxou a corda que prendia o feno. Ao fazer isso, os cavalos começaram subitamente a agitar-se e Joseph caiu entre os dois cavalos em cima da trave que ligava os animais ao carroção.



Os pais de Joseph Fielding Smith, Joseph F. e Julina Lambson Smith, em seu aniversário de cinquenta anos de casamento, 1916

Nessa hora, veio-lhe à mente o pensamento: ‘É o meu fim!’ Contudo, algo fez os cavalos virarem-se e eles correram para o canal, enquanto Joseph foi lançado para longe das patas dos animais e das rodas do carroção. Quando se levantou, fez a George uma avaliação honesta de seus sentimentos e então correu para casa — estremecido, mas grato por ter saído incólume. Seu pai veio recebê-lo e quis saber que dificuldade ele enfrentara, pois

recebera a forte impressão de que o filho estava correndo perigo” (McConkie, *True and Faithful*, p. 18).

ELE AJUDAVA A MÃE

“Quando sua mãe voltou das Ilhas Havaianas, Joseph estava com dez anos de idade e foi nessa tenra idade que começou a auxiliá-la em seus deveres profissionais de parteira licenciada. Joseph era responsável pelos cavalos e servia de condutor de carruagem. Em todas as horas do dia ou da noite, quando alguém solicitava os serviços de sua mãe, Joseph acoplava a fiel égua ‘Old Meg’ à carruagem e levava a mãe à casa da mulher em trabalho de parto. Ele esperava enquanto ela fazia o parto ou, se achava que iria demorar demais, ela mandava-o de volta para casa e indicava quando deveria buscá-la. (...)

Durante o dia e no verão, o trabalho de Joseph não era de todo desagradável para um menino de dez anos. Contudo, à noite e no inverno, era uma tarefa um tanto ingrata. (...) Às vezes eles viajavam debaixo

de chuva, granizo ou neve ou com ventos cortantes numa carruagem descoberta. E então, quando chegavam à casa da mulher grávida, ele precisava esperar o que lhe parecia uma eternidade.

‘Às vezes, eu quase morria congelado. Não entendia por que tantos bebês nasciam no meio da noite, principalmente em frias noites de inverno. Eu desejava ardentemente que as mães planejassem as coisas um pouco melhor’” (Joseph Fielding Smith Jr. e John J. Stewart, *The Life of Joseph Fielding Smith* [1972], pp. 52–53).

“NASCI COM UM TESTEMUNHO”



Pintura de Paul Mann

Um presente de seu pai

Joseph Fielding Smith declarou: “Nasci com um testemunho do evangelho. (...) Não me lembro de um único momento em que não tenha confiado plenamente na missão do Profeta Joseph Smith e nos ensinamentos e orientação de meus pais” (citado por Smith e Stewart, *Life of Joseph Fielding Smith*, p. 56).

“Por natureza, Joseph era mais calado e estudioso do que seus irmãos. Tinha o hábito de terminar suas tarefas o mais rápido possível para poder ir estudar na biblioteca de seu pai” (McConkie, *True and Faithful*, p. 18).

Numa carta para um filho na missão, ele escreveu: “Lembro que uma coisa que fiz desde que aprendi a ler e escrever foi estudar o evangelho. Li e memorizei o catecismo das crianças e outros livros da Primária sobre o evangelho. Anos depois, li a história da Igreja conforme registrada no *Millennial Star*. Li também a Bíblia, o Livro de Mórmon, Pérola de Grande Valor, Doutrina e Convênios e outros livros que chegaram a minhas mãos. (...) Aprendi ainda muito jovem que Deus vive; Ele concedeu-me um testemunho quando eu era criança, e tentei ser obediente — sempre com certo sucesso” (*Answers to Gospel Questions*, comp. Joseph Fielding Smith Jr., 5 volumes [1957–1966], volume 4, p. vi).

ELE LEVANTAVA-SE CEDO

Inspirado por um pai disciplinado, Joseph Fielding Smith tinha o hábito de levantar-se cedo, uma prática que ele conservou ao longo de toda a vida e que era sua maneira de conseguir realizar suas tarefas. Mesmo

aos noventa e cinco anos, “ele estava em plena atividade, quando a maioria das pessoas dessa idade já estão há muito aposentadas. (...) Ele levantava-se todos os dias bem antes das 6h da manhã e iniciava uma longa jornada de trabalho árduo. Era um hábito que durou toda a sua vida e que ele também instilou nos filhos. ‘As pessoas morrem na cama’, ele advertia-os, ‘e a ambição também’.

‘De alguma forma, parecia imoral ficar deitado depois das 6 h’, lembrou um filho. ‘Claro que só tentei uma vez. Meu pai ajudou-me a não repetir o erro’” (Smith e Stewart, *Life of Joseph Fielding Smith*, p. 3).

ELE TRABALHAVA COM AFINCO



Frente da loja ZCMI. Aos dezoito anos de idade, Joseph Fielding Smith trabalhou na mercearia, no subsolo da loja de departamentos ZCMI em Salt Lake City.

“Já era tarde da noite em Salt Lake City num dia de verão de 1894. Joseph Fielding Smith, com 18 anos de idade, acabara de encerrar outro dia de trabalho pesado no departamento de atacado no subsolo da loja *Zion’s Cooperative Mercantile Institution*, nas ruas Main e South Temple. Ele flexionou os ombros, respirou fundo e tentou ficar de pé e em posição ereta. Não era fácil. O expediente era longo, o trabalho, exaustivo e o salário, mínimo. ‘Eu trabalhara como um burro de carga o dia inteiro e estava cansado com a chegada da noite, depois de carregar nas costas sacos de farinha, de açúcar e de presunto e bacon. Eu pesava menos de 70 quilos, mas não pensava duas vezes antes de pegar um saco de 90 quilos e colocá-lo nos ombros. Foi tolice de minha parte, pois desde essa época meus ombros nunca foram os mesmos, com certo desequilíbrio. O ombro direito carregou mais peso do que o esquerdo.’

Mas não era fácil conseguir emprego e sua família precisava de todo o auxílio financeiro possível, assim ele e seus irmãos com idade suficiente trabalhavam. Dessa forma, Joseph sentia-se afortunado por ter esse serviço, apesar das condições extenuantes de trabalho

e o baixo ordenado. A atividade física intensa diária até poderia ser-lhe benéfica, se não o matasse primeiro.

E naquele momento, como de costume, ele foi ao balcão de doces e comprou um saco de guloseimas para levar para sua mãe e irmãos mais novos. Ele tinha enorme prazer ao ver a alegria dos pequeninos com esse regalo freqüente” (Smith e Stewart, *Life of Joseph Fielding Smith*, pp. 65–66).

ELE CASOU-SE ANTES DE SERVIR COMO MISSIONÁRIO



Louie E. Shurtliff (1876–1908), primeira esposa de Joseph Fielding. Eles casaram-se em 26 de abril de 1898.

Quando Joseph Fielding Smith estava com dezoito anos de idade, sua família convidou Louie Shurtliff, que tinha a mesma idade, para morar com eles enquanto ela freqüentava a Universidade de Utah. O pai de Louie e o Presidente Joseph F. Smith eram amigos desde a infância em Nauvoo. Joseph e Louie tornaram-se logo amigos próximos, tendo em comum o amor pelo aprendizado e a

devoção ao evangelho. Não demorou muito para se apaixonarem. Namoraram durante três anos e meio. Durante essa época, Louie freqüentou a faculdade e Joseph Fielding Smith trabalhou na loja de departamentos ZCMI. Anos depois, ele escreveu: “Quando ela terminou os estudos e formou-se, (...) não permiti que voltasse para a casa de sua família e lá ficasse, mas convenci-a a mudar de lugar de residência e, no dia 26 de abril de 1898, fomos ao Templo de Salt Lake e fomos selados por meu pai, o Presidente Joseph F. Smith, para o tempo e toda a eternidade” (citado por Smith e Stewart, *Life of Joseph Fielding Smith*, p. 75).



Missionários na Inglaterra, 28 de maio de 1901. Joseph Fielding Smith é o segundo a partir da esquerda.

Um ano depois do casamento, Joseph Fielding deixou a esposa para servir numa missão de dois anos na Grã-Bretanha. Foi acompanhado por seu irmão Joseph Richards, que fora chamado para servir na mesma missão. Partir para o campo missionário não foi fácil para Joseph. Ele escreveu em seu diário: “Sábado, 13 de maio de 1899: Fui ao centro da cidade comprar algumas coisas para levar à Inglaterra. Preparei meu baú à tarde e terminei todos os preparativos para a viagem. Às 6 h, despedi-me dos familiares e dirigi-me à estação ferroviária com sentimentos que nunca tive antes, pois nunca me afastei de casa mais do que um mês na minha vida e a idéia de distanciar-me por dois anos ou mais despertou em mim sensações peculiares” (citado por Smith e Stewart, *The Life of Joseph Fielding Smith*, p. 83).

Fazer proselitismo naquela época na Grã-Bretanha era difícil. Havia muita oposição e poucas pessoas receptivas. Contudo, ele trabalhou com afinco durante a missão; todos os meses, distribuía mais de 10.000 panfletos e visitava cerca de 4.000 lares. Mas não viu os frutos de seu trabalho na forma de batismos. “Durante sua missão de dois anos, o Élder Smith não converteu nem batizou uma única pessoa. Confirmou um membro, mas nisso consistiu a colheita de seu trabalho de proselitismo” (Francis M. Gibbons, *Joseph Fielding Smith: Gospel Scholar, Prophet of God* [1992], p. 75).

SEU PAI ESPERAVA A EXCELÊNCIA

“As cartas recebidas pelo Élder Joseph Fielding Smith (...) demonstram o cuidado com que o Presidente Joseph F. Smith ensinava seu filho fiel e obediente. Em 2 de fevereiro de 1900, ele escreveu:

‘A melhor escola que freqüentei foi a da experiência. Há algumas coisas que tenho dificuldade para aprender.

Uma delas é a ortografia da língua inglesa, e vejo que você se parece um pouco comigo em relação a isso. Se eu lhe indicar algumas palavras que você quase sempre escreve errado, presumo que você terá mais cuidado ao escrevê-las no futuro.’

Em seguida, o pai fez uma relação de erros ortográficos comuns.(...)



Joseph Fielding Smith e seu pai, o Presidente Joseph F. Smith, 2 de maio de 1914



Fotografia cedida gentilmente por Josephine Smith Reinhardt

Missionário na Inglaterra; o Élder Joseph Fielding Smith, 21 de fevereiro de 1900

Em 8 de março de 1900, o pai aconselhou-o: Nem preciso orientá-lo a fazer orações sinceras e curtas, sermões francos e breves e escrever cartas sintéticas, concisas e objetivas, tanto quanto possível. As pessoas, na maioria dos casos, são demasiado prolixas, tanto ao falar como ao escrever. Assim, é preciso grande esforço e concentração para compreender o que dizem. Mas tenho o prazer de constatar

que você tem progredido nesse aspecto.’ (...)

Alguns conselhos contidos na carta de Joseph F. de 20 de fevereiro de 1901 são úteis para todos nós:

‘Sempre reserve tempo para as refeições e para escrever no diário. Já tive muitas experiências com isso. O diário quase não tem utilidade a menos que seja escrito diariamente. Não conseguimos fazer um registro adequado apenas com base na memória. Mantenha-o atualizado’ (Leonard J. Arrington, “Joseph Fielding Smith: The training of a Prophet”, Historical Department Archives, A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, 1972, pp. 7—8).

ELE APRENDEU MUITO COM SEU PAI

‘Joseph F. Smith era um excelente professor que passou muitas horas respondendo a perguntas de seu filho e certificando-se de que estivesse ancorado nos princípios da verdade. ‘Entre minhas lembranças mais doces’, disse Joseph Fielding anos depois, ‘estão as horas que passei ao lado dele falando de princípios do evangelho e recebendo instruções como só ele sabia dar. Dessa forma, o alicerce de meu próprio conhecimento estava fincado na verdade e eu também posso dizer que sei que meu Redentor vive e que Joseph Smith foi e sempre será um profeta do Deus vivo.’

E que lugar mais adequado para criar um profeta do que o lar de um profeta? Sua mãe, Julina Lambson Smith, fora criada no lar de George A. Smith, primo e amigo próximo do Profeta Joseph Smith” (McConkie, *True and Faithful*, 12).

ELE ERA UM DEFENSOR DA FÉ



Joseph Fielding Smith começou a trabalhar no Escritório do Historiador da Igreja em 1º de outubro de 1901.

Depois da missão, Joseph Fielding Smith foi contratado para trabalhar no Escritório do Historiador da Igreja. Esse emprego terminou por conduzi-lo à posição de historiador adjunto da Igreja. Nessa função, auxiliou o Presidente Anthon H. Lund, conselheiro na Primeira Presidência e historiador da Igreja, nas suas várias atividades. Uma de suas responsabilidades foi coletar informações para defender Reed Smoot, senador de Utah e apóstolo da Igreja cujo mandato no Senado estava correndo perigo em Washington, D.C.



Pintura de Paul Mann

Joseph Fielding Smith era um escritor prolífico.

Quando o Élder Smoot foi absolvido, seu opositor, derrotado, foi tomado de ressentimento e expôs sua ira num jornal na forma de injúrias verbais e calúnias contra a Igreja e em especial o Presidente da Igreja, Joseph F. Smith. Contudo, o jovem Joseph Fielding apresentou a verdade com tanta habilidade que as questões levantadas praticamente nunca mais voltaram à baila.

ELE FOI UM ERUDITO DOS ÚLTIMOS DIAS

No prefácio de uma compilação dos sermões e escritos de Joseph Fielding Smith, seu genro Bruce R. McConkie escreveu: “Joseph Fielding Smith é o principal erudito do evangelho e o maior professor de doutrina desta geração. Poucos homens desta dispensação aproximaram-se dele no conhecimento do evangelho ou ultrapassaram-no em discernimento espiritual. Ele tem a fé e o conhecimento de seu pai, o Presidente Joseph F. Smith, e de seu avô, o Patriarca Hyrum Smith” (Joseph Fielding Smith, *Doctrines of Salvation*, comp. Bruce R. McConkie, 3 vols. [1954–1956], volume I, p. v).

ELE ACHOU UMA NOVA ESPOSA E MÃE PARA SEUS FILHOS



Joseph Fielding Smith, por volta de 1905

A esposa amada de Joseph Fielding Smith, Louie, adoeceu gravemente durante sua terceira gravidez. Sofreu durante dois meses antes de morrer em 30 de março de 1908. “Ela e Joseph ficaram casados durante dez anos, dois dos quais separados por causa da missão de Joseph. Louie foi a mãe de duas filhas: Josephine, na época com cinco anos, e Julina, de dois anos. Era uma mulher de ‘doçura e força de caráter singulares’, e a dor provocada por seu falecimento foi enorme.

De luto, Joseph Fielding Smith mudou-se da casa que construía para a esposa e foi morar com sua pequena família na Beehive House, onde sua mãe e irmãs Julina e Emily poderiam dar amor e carinho maternos a suas filhinhas. A morte da mãe foi difícil principalmente para Julina, de dois anos, cujos soluços frequentes pela mãe partiam o coração de seu pai” (McConkie, *True and Faithful*, p. 32).

Os meses que se seguiram à morte de Louie foram penosos e solitários. As meninas continuaram a sentir falta da mãe e a chorar por ela. O pai passava horas todas as noites as consolando e confortando. As avós e tias faziam tudo para ajudar Joseph Fielding a cuidar das filhas, mas elas precisavam de uma mãe. Depois de conselhos e exortações tanto de seu pai como de seu sogro, Joseph Fielding começou, em espírito de oração, a buscar uma esposa que também desempenhasse o papel de mãe amorosa para suas filhas. E foi Ethel Georgina Reynolds, filha de George Reynolds, um membro de longa data do Primeiro Conselho dos Setenta, e de Amelia Jane Reynolds. Casaram-se em 2 de novembro de 1908, no Templo de Salt Lake, e a cerimônia foi realizada pelo Presidente Joseph F. Smith.



Joseph Fielding Smith casou-se com Ethel Georgina Reynolds no dia 2 de novembro de 1908.

ELE FOI CHAMADO COMO APÓSTOLO



O apóstolo recém-chamado. Aos 33 anos de idade, 26 de abril de 1910

“A Presidência da Igreja e o Conselho dos Doze Apóstolos conversaram por mais de uma hora, numa reunião no Templo de Salt Lake em abril de 1910, sobre vários homens que poderiam preencher a vaga no conselho criada pela morte do Presidente John R. Winder em 27 de março e o subsequente avanço do apóstolo John Henry Smith à presidência.

Contudo, para cada nome sugerido, alguém se opunha. Parecia impossível chegar à unanimidade na questão. Por fim, o Presidente Joseph F. Smith isolou-se numa sala e ajoelhou-se para orar e pedir orientação. Ao voltar, perguntou com certa hesitação aos 13 outros irmãos se aprovariam o chamado de seu filho Joseph Fielding Smith Jr. Ele disse ter relutado em sugerir esse nome, pois seu filho Hyrum já era membro do conselho e seu filho David era conselheiro no Bispado Presidente. Ele temia que os membros da Igreja ficassem descontentes ao verem outro de seus filhos ser chamado como autoridade geral. Entretanto, sentiu-se inspirado a propor o nome de Joseph à apreciação do quórum. Os demais homens mostraram-se imediatamente receptivos à sugestão e apoiaram o Presidente Smith” (Smith e Stewart, *Life of Joseph Fielding Smith*, p. 174).

OUTRAS PESSOAS SABIAM QUE ELE SERIA CHAMADO COMO APÓSTOLO



O Élder Joseph Fielding Smith, 19 de julho de 1914, aos 38 anos de idade

“Do apóstolo-senador Reed Smoot, em Washington, D.C., veio o seguinte telegrama: ‘Que Deus o abençoe em seu apostolado. Seja fiel e leal a seu líder’. E Joseph [Fielding Smith] observou: ‘Sempre me empenharei para isso. Recebi também várias cartas, telegramas e outras mensagens de amigos que se regozijaram com a grande bênção que recebi. Creio que era um sentimento quase generalizado, ainda que alguns não tenham ficado

satisfeitos. O Élder Ben E. Rich, presidente da Missão dos Estados do Leste, (...) que sempre fora um amigo meu e que há um ano predisse que eu seria chamado a esta grandiosa responsabilidade, foi um dos primeiros a estender-me a mão como sinal de amizade e oferecer-me sua fé e orações constantes. Que o Senhor o abençoe. (...)’

O Presidente Francis M. Lyman instruiu-me sobre os deveres do apostolado e disse-me que eu fora chamado por revelação do Senhor. Ele contou que me observara durante vários anos e particularmente durante minha viagem a Vermont [para a dedicação do Memorial Joseph Smith, em dezembro de 1905]. Na minha chegada, partida e estada lá, ele observara-me e sentira em seu coração naquela ocasião que um dia eu seria um apóstolo. Várias outras pessoas fizeram o mesmo prognóstico, mas eu nunca levava esses comentários a sério nem realmente esperara seu cumprimento.’

Três anos depois, numa segunda bênção patriarcal, desta vez com o Patriarca Joseph D. Smith em Scipio, Condado de Millard, foi dito a Joseph Fielding: ‘(...) antes de nasceres na carne, foste chamado e ordenado apóstolo do Senhor Jesus Cristo, a fim de O representares em Seu trabalho na Terra’ (Smith e Stewart, *Life of Joseph Fielding Smith*, pp. 178–179, 181).



Na dedicação do monumento Joseph Smith, em 23 de dezembro de 1905. Joseph Fielding Smith está na extrema direita da fileira de trás. Aparecem ainda nesta fotografia o Presidente Joseph F. Smith (segunda fileira, o terceiro a partir da direita) e o Élder George Albert Smith (no meio da fileira da frente).

Anos depois, Heber J. Grant, que na época era presidente da Igreja e estivera presente à reunião de conselho no templo no dia em que Joseph fora escolhido em 1910, confirmou a um grupo que aquela decisão fora correta: foi numa reunião da família Smith. O Presidente Grant apontou para Joseph Fielding e disse: ‘Esse homem foi chamado por revelação direta de Deus. Sou testemunha disso’” (Smith e Stewart, *Life of Joseph Fielding Smith*, p. 177).

Sua ordenação ao apostolado foi algo que ele levou a sério, como servo dedicado do Senhor. “Ordenado ao chamado especial de pregar o arrependimento ao povo, ele aceitou a responsabilidade e permaneceu fiel a ela

todos os dias de sua vida. Devido a sua defesa inflexível das leis e princípios do Senhor, muitas pessoas consideravam-no austero. [Ele] nunca fez concessões ao pecado, mas era rápido para perdoar e estender a mão amiga ao pecador arrependido. Na verdade, nenhum homem tinha maior preocupação e amor a cada membro da Igreja” (Smith e Stewart, *Life of Joseph Fielding Smith*, p. vi).

ELE FOI DESCRITO POR SUA ESPOSA



Reunião de família

Em 1932, Ethel Georgina Reynolds Smith fez a seguinte descrição do marido, Joseph Fielding Smith:

“Pediram-me que falasse do homem que conheço. Sempre achei que quando ele se for, as pessoas dirão: ‘É um homem muito bom, sincero, ortodoxo etc.’ Falarão dele como o público o conhece; mas o homem que conhecem é bem diferente do homem que conheço. O homem que conheço é um marido bondoso, amoroso e um pai cuja maior ambição na vida é tornar sua família feliz, deixando para isso seus próprios desejos totalmente de lado. É o homem que embala a criança irritadiça para dormir, que conta histórias na cama para os pequeninos, que nunca está cansado ou ocupado demais para ficar acordado até tarde da noite ou levantar-se cedo para ajudar os filhos mais velhos a resolverem desconcertantes problemas escolares. Em caso de enfermidade, o homem que conheço cuida com carinho do filho doente e não sai de seu lado. É pelo pai que eles choram, sentindo que a presença dele é a cura para todos os males. São as mãos dele que saram as feridas, são os braços dele que dão coragem aos que sofrem, é a voz dele que os repreende com mansidão quando erram, até eles ficarem felizes ao fazerem o que o deixa feliz.

O homem que conheço é extremamente bondoso e, quando sente que foi injusto com alguém, nenhuma distância é grande demais para impedi-lo de ir desfazer o erro. Ele recebe os jovens de braços abertos em sua casa e nunca sente maior felicidade do que ao discutir com eles os assuntos da atualidade — esportes ou outros temas de seu interesse. Adora uma boa história e

enxerga sem demora o humor de uma situação, para rir e ser motivo de riso, sempre disposto a participar de uma atividade salutar.



Joseph Fielding Smith com seus filhos

O homem que conheço é altruísta, não reclama, é atencioso, solícito, solidário e faz tudo a seu alcance para tornar a vida de seus entes queridos uma alegria sem par. Esse é o homem que conheço” (citado por Bryant S. Hinckley, “Joseph Fielding Smith”, *Improvement Era*, junho de 1932, p. 459).

Ethel foi a companheira de Joseph Fielding durante mais de 28 anos. Então, em 26 de agosto de 1937, faleceu. A morte separou-o de mais uma esposa. Ela dera à luz nove filhos e criara além deles as duas filhas do casamento anterior de Joseph. Servira também durante quinze anos como membro da Junta Geral da Sociedade de Socorro.

JESSIE EVANS TROUXE MAIS ALEGRIA À VIDA DELE



Joseph Fielding Smith casou-se com Jessie Evans no dia 12 de abril de 1938.

“Antes de falecer, Ethel pediu que Jessie Evans [contralto que fazia solos com o Coro do Tabernáculo Mórmon] fosse convidada para cantar em seu funeral. ‘Se porventura eu morrer antes de você’, disse ela ao marido certo dia, ‘gostaria que chamasse Jessie Evans para cantar em meu funeral.’ Quando ela faleceu, Joseph Fielding enviou seu cunhado

William C. Patrick para fazer esse pedido a Jessie Evans. (...) Ela aceitou gentilmente. Em seguida, Joseph Fielding mandou-lhe um cartão de agradecimento” (Smith e Stewart, *Life of Joseph Fielding Smith*, p. 252).

Jessie Evans respondeu ao cartão e surgiu uma amizade entre eles, que logo se transformou em

namoro. Em 12 de abril de 1938, com sessenta e um anos de idade, o Élder Joseph Fielding Smith casou-se com Jessie Ella Evans no Templo de Salt Lake.

“Quando o Coro do Tabernáculo programou uma turnê à Califórnia em 1941, com Richard L. Evans como comentarista, Joseph Fielding escreveu uma carta cheia de humor a Evans confiando Jessie a seus cuidados e proteção durante a viagem: ‘Por meio desta, está autorizado, designado, escolhido, nomeado, selecionado, apontado, indicado, ordenado bem como notificado, informado, aconselhado e orientado a fazer o seguinte: (...)’. Assim começava a carta e, depois de vários parágrafos de brincadeiras, ele escreveu: ‘Verificar que a Senhora Jessie Evans Smith viaje em segurança, conforto, tranquilidade, sem ser importunada e que volte feliz para seu lar, junto a seu marido amado e família, no belo e pacífico Estado de Utah, bem como os numerosos entes queridos que a aguardam com ansiedade. (...)’



O Presidente e a Irmã Smith no desfile anual alusivo aos pioneiros, 1971

Richard L. respondeu em parte: ‘Seu documento magistral de 15 de agosto custou-me enorme esforço e concentração. Acho que ele entrará para a história ao lado da Declaração de Direitos e da Magna Carta. O que é extraordinário na carta, conforme ressaltou meu departamento jurídico e segundo entendi ao estudá-la, é que ela não me confere privilégio algum que eu mesmo já não me houvesse outorgado e não faz nenhuma imposição que eu já não tivesse o prazer e a intenção de assumir. Contudo, é uma boa idéia, como muitos podem testificar, ter o consentimento do marido antes de viajar três mil quilômetros com sua esposa.’ (...)

Tanto Joseph Fielding como Jessie gostavam muito de uma placa de metal que estava pendurada na parede da cozinha de seu apartamento e que dizia: ‘As opiniões expressas pelo marido deste lar não são necessariamente as da gerência.’ Certa vez, quando ela estava auxiliando-o no escritório durante as férias da secretária,

ele deu-lhe um tapinha nos ombros enquanto ela estava sentada em frente à máquina datilográfica e disse: ‘Lembre-se, querida, *de que aqui no escritório* eu é que tenho a última palavra’” (Smith e Stewart, *Life of Joseph Fielding Smith*, pp. 260–261).

ELE GOSTAVA DO HUMOR SADIO

Os membros da Igreja de todas as partes conheciam bem esse teólogo respeitado e recebiam com alegria seus comentários claros e inequívocos sobre as escrituras. Contudo, desconheciam quase totalmente a admirável veia cômica de Joseph Fielding Smith. Seu humor inato era desprezioso e inofensivo. Surgia naturalmente de experiências da vida real. Uma história que Joseph Fielding gostava de relatar sobre sua juventude estava relacionada a uma égua chamada Junie. Ele contava:

“A Junie é um dos animais mais inteligentes que já conheci. Parecia quase humana em suas habilidades. Eu não podia deixá-la trancada na estrebaria porque ela desfazia continuamente a correia da porta de sua baia. Eu costumava amarrar a correia numa coluna, mas ela simplesmente a tirava com o focinho e os dentes. Então, saía da estrebaria e corria para o quintal.

Havia uma torneira no quintal que usávamos para tirar água para os animais. Junie abria-a com os dentes e então deixava a água correr. Meu pai zangava-se comigo porque eu não conseguia manter o animal dentro da estrebaria. Ela nunca fugiu; apenas abria a torneira e depois passeava pelo quintal, pelo pasto ou pelo jardim. No meio da noite, eu ouvia a torneira aberta e então tinha de levantar-me para fechá-la e trancar a Junie de novo.

Meu pai comentou que aquela égua parecia mais inteligente do que eu. Certo dia, decidi trancá-la ele mesmo, para que não saísse. Pegou a correia que em geral ficava amarrada no alto da coluna, prendeu-a firmemente em volta dela e sob uma trave. Então, disse: ‘Senhorita, vamos ver se vai sair agora!’ Eu e meu pai saímos da estrebaria e começamos a



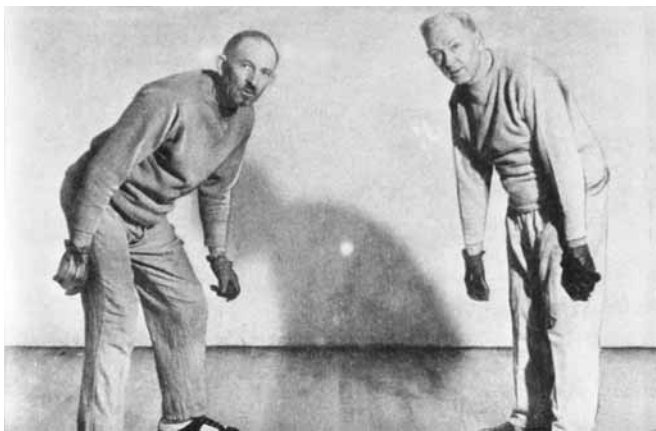
Jogando beisebol

voltar para casa; antes de chegarmos, Junie já estava a nosso lado. Confesso que senti uma ponta de satisfação. Não pude conter-me e disse a meu pai que meu cérebro não era o único que estava aquém do da Junie” (citado por Smith e Stewart, *Life of Joseph Fielding Smith*, pp. 53—54).

ELE APRECIAVA UM MODO DE VIDA ATIVO

Com o passar dos anos, a família de Joseph Fielding Smith começou a preocupar-se, pois não viu uma diminuição no ritmo de trabalho de seu amado irmão e pai. Um biógrafo escreveu: “Mesmo com a idade avançada, Joseph Fielding Smith era um dos homens mais trabalhadores que conheci. ‘Como o senhor consegue realizar tantas atividades’, perguntei-lhe certa vez. ‘O segredo está no saco’, disse ele. Não entendi. Ele apontou para um saco marrom. ‘Trago sempre meu almoço de casa.’ Durante anos, ele levava o almoço para o escritório num saco marrom, a fim de poder continuar a trabalhar durante o intervalo do almoço. ‘Isso representa um acréscimo de 300 horas por ano.’ Certo dia, uma irmã dele telefonou-lhe no escritório e repreendeu-o por não tirar uma soneca depois do almoço. Ela citou pelo nome meia dúzia de autoridades gerais do passado que faziam isso. ‘Sim’, respondeu ele, ‘e onde eles estão hoje? Todos mortos!’” (Smith and Stewart, *Life of Joseph Fielding Smith*, pp. 3—4.)

ELE PRATICAVA ESPORTES ATIVAMENTE MESMO DEPOIS DOS SESENTA E CINCO ANOS DE IDADE



Fotografia cedida gentilmente por Douglas Ellen Smith

O Presidente Smith gostava de jogar handebol com seu irmão David.

Embora ele fosse um excelente nadador, jogasse bem tênis e basquetebol e gostasse de assistir às partidas de futebol americano de seus filhos, o esporte predileto de Joseph Fielding Smith era o handebol. Seu filho Reynolds contou que ele e seu irmão Lewis jogavam handebol contra o pai, que mesmo com uma mão nas costas derrotava a ambos.

Herbert B. Maw, ex-governador de Utah e vinte anos mais novo do que Joseph Fielding, relatou uma experiência sobre um jogo de handebol com ele: “Achei que deveria ser gentil com o senhor idoso e não o vencer com uma margem muito grande. Imaginem minha

decepção quando sofri a pior derrota de minha vida! Eu considerava-me um bom jogador de handebol mas, perto dele, não era nada” (citado por Smith e Stewart, *Life of Joseph Fielding Smith*, p. 15).

ELE GOSTAVA DE ANDAR DE AVIÃO

Certo biógrafo escreveu sobre sua experiência ao tomar conhecimento do *hobby* de Joseph Fielding Smith de andar de avião “numa idade em que muitos homens estão totalmente dependentes numa casa de repouso:

Recordo minha surpresa certo dia quando passei por seu escritório em Salt Lake City. Sua secretária, Rubie Egbert, disse-me: ‘Vá à janela e talvez consiga vê-lo.’ Curioso, andei até a janela. Mas tudo o que vi foi um avião cruzando o céu azul acima do Grande Lago Salgado. O rastro de vapor branco que ele deixava mostrava subidas abruptas, acrobacias, mergulhos, giros e rotações. (...)

‘Está dizendo que ele está naquele avião?’ perguntei, incrédulo.

‘Está, é ele mesmo. Ele adora andar de avião. Diz que é bom para relaxar. Ele tem um amigo na Guarda Nacional que telefona para ele de vez em quando e pergunta: ‘Que tal relaxar um pouco?’ Assim, eles alçam vôo. Quando chegam às alturas, muitas vezes ele assume o comando. Semana passada eles foram ao Grand Canyon e voltaram — a mais de 600 quilômetros por hora!’

Não pude resistir e fui ao aeroporto para vê-lo pousar. Quando o pequeno avião de dois lugares chegou ruidosamente à pista, do assento traseiro saiu aquele senhor idoso afável, de uniforme e capacete, de quase 80 anos de idade, com um enorme sorriso. ‘Foi maravilhoso!’, exclamou. ‘É o mais perto do céu que consigo chegar por enquanto.’

Aos 92 anos de idade, ele foi promovido pela Guarda Nacional dos Estados Unidos ao posto honorário de brigadeiro. ‘Contudo, ainda assim não me deixavam voar sozinho.’ Algum tempo depois, limitou-se a viagens em aviões comerciais. (...) ‘Viajar em aviões grandes não é tão divertido como nos menores, mas na minha idade, é um grande conforto poder deslocar-se mais rápido que o som.’ Ele disse isso aos 95 anos de idade” (Smith e Stewart, *Life of Joseph Fielding Smith*, pp. 1–2).



Ele adorava as viagens aéreas. O Presidente Smith sentado num avião da Guarda Nacional, 1954

AS CRIANÇAS ADORAVAM-NO

Sensível e compreensivo, Joseph Fielding Smith tinha aversão ao infortúnio e sofrimento e fazia tudo a seu alcance para aliviá-los ao vestir os desnudos, alimentar os famintos e visitar os necessitados. Um pilar de força e incentivo para sua família e a Igreja, era amado por todos. Ele adorava as crianças pequenas e elas adoravam-no.

“Depois da conferência geral de abril de 1970, quando o Presidente Smith foi apoiado, uma enorme multidão reuniu-se às portas do Tabernáculo para vê-lo de perto.

Uma menininha ziguezagueou pela multidão e chegou ao Presidente. Pouco depois, estava nos braços dele, num grande abraço. Sem demora, o fotógrafo de um jornal registrou aquele momento, e a menininha desapareceu na multidão.

A fotografia apareceu sem identificação no jornal *Church News*. Pouco tempo depois, foi reconhecida pela avó da criança, a Senhora Milo Hobbs, de Preston, Idaho, que enviou uma carta ao Presidente Smith.

Em seu aniversário [de quatro anos], Venus Hobbs, de Torrence, Califórnia, recebeu um telefonema-surpresa do Presidente e da Irmã Smith, que estavam de passagem pelo estado naquela semana. Eles cantaram ‘Parabéns para Você’ por telefone. A menina ficou encantada com a canção, e seus pais emocionaram-se ao verem que o Presidente da Igreja telefonara.

Os pais explicaram que a Venus fora à conferência com duas tias, mas escapulira por alguns instantes. Elas temiam que ela estivesse perdida na multidão. Quando a menina voltou, elas perguntaram: ‘Como você se perdeu?’

‘Não me perdi’, respondeu ela.

‘Quem a encontrou?’, indagaram.

‘Eu estava nos braços do profeta’, replicou ela” (“Joy of Life, Activity and People”, *Church News*, 8 de julho de 1972, p. 7).

As crianças de todas as partes reconheciam o grande calor e amor que emanavam do Presidente Joseph Fielding Smith. Sentiam-se à vontade para expressar-lhe seu amor aberta e honestamente. Em todos os lugares por onde passava, ele achava tempo para as crianças. Elas gostavam de seus abraços carinhosos e deleitavam-se na segurança de seu amor.



O profeta amava as crianças. O Presidente Smith com sua bisneta Shauna McConkie na época de Natal

Fotografia cedida gentilmente por Joseph Fielding McConkie

FOI APOIADO UM NOVO PRESIDENTE

Na conferência geral de abril de 1970, mais de dois milhões e meio de membros da Igreja apoiaram reverentemente um novo Presidente da Igreja, depois de quase dezenove anos. Aos noventa e três anos de idade, o Presidente Joseph Fielding Smith foi o homem mais idoso a tornar-se o presidente da Igreja.

Alguns achavam que o Senhor escolheria um homem mais jovem. Não



A Primeira Presidência: Harold B. Lee, Joseph Fielding Smith e N. Eldon Tanner, por volta de 1970

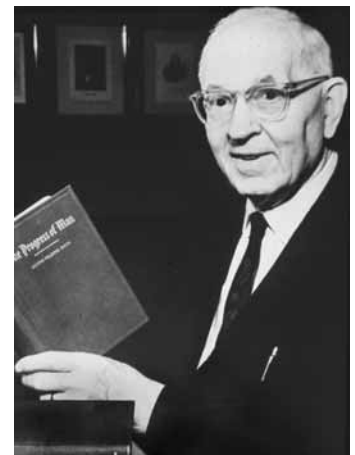
sabiam como o Presidente Smith suportaria as pressões de liderar uma Igreja que se tornava cada vez mais uma instituição mundial. Contudo, o perfil vigoroso da administração do Presidente Smith não deixou nenhuma dúvida na mente dos santos. Dois conselheiros “jovens” foram convidados para trabalhar ao lado desse profeta: Harold B. Lee, de setenta e dois anos, e N. Eldon Tanner, de setenta e três.

DEVEMOS PREPARAR-NOS PARA A VINDA DO SENHOR

O Presidente Joseph Fielding Smith ensinou sobre a importância de prepararmos-nos para a Segunda Vinda de Jesus Cristo:

“Há não muito tempo, perguntaram-me se eu sabia quando o Senhor viria. Respondi: Sim. E respondo agora: Sim. Sei quando Ele virá. Virá amanhã. Temos a palavra Dele. Permite-me que a leia:

‘Eis que o tempo compreendido entre o presente e a vinda do Filho do Homem se chama hoje, e na verdade este é um dia de sacrifício, e um dia para o dízimo do meu povo; pois aquele que paga o seu dízimo não será queimado na ocasião da sua vinda.’ (Aí está um sermão sobre o dízimo.) ‘Pois depois de hoje vem a queima — isto é, falando à maneira



Um erudito dos últimos dias

do Senhor — pois na verdade digo eu que amanhã todos os soberbos e os que praticam iniquidade serão

como o restolho; e queimá-los-ei, pois sou o Senhor dos Exércitos, e não pouparei quem permanecer em Babilônia' [D&C 64:23–24].

Então o Senhor virá, digo eu, amanhã. Estejamos, pois, preparados. O Élder Orson F. Whitney costumava escrever sobre a Noite de Sábado dos Tempos. Estamos vivendo na noite de sábado dos tempos — O presente é o crepúsculo do sexto dia. Quando o Senhor diz que hoje é o dia que nos separa de Sua vinda, acho que é isso que Ele tem em mente, pois Ele virá na manhã do Dia do Senhor, ou o sétimo dia da existência temporal da Terra, para iniciar o reino milenar e assumir Seu lugar de direito como Rei dos reis e Senhor dos senhores, para governar e reinar sobre a Terra, como é Sua prerrogativa [ver D&C 77:12]"; (*Doutrinas de Salvação*, volume 3, pp. 1-2).

“Sei que há muitas pessoas, mesmo entre os santos dos últimos dias, que dizem o que o Senhor afirmou que diriam: ‘O Senhor retarda sua vinda’ [D&C 45:26; II Pedro 3:3-14]. Um homem conjecturou: ‘É impossível que Jesus Cristo venha dentro de trezentos ou quatrocentos anos.’ Mas exorto-os: Permaneçam vigilantes.

Não sei quando Ele virá. Homem nenhum sabe. Até mesmo os anjos do céu desconhecem essa grande verdade [ver Mateus 24:36–37]. Mas isto eu sei, que os sinais indicados estão aqui. A Terra está repleta de calamidade e de aflição. O coração dos homens está desfalecendo. Vemos os sinais como vemos as folhas da figueira brotando; e sabendo que o tempo está próximo, convém a mim e a vós, e aos homens da face da Terra, atentar para as palavras de Cristo e Seus apóstolos e vigiar, pois não sabemos o dia nem a hora. Digo-vos, porém, Ele virá como o ladrão na noite, quando muitos de nós não estivermos preparados” (*Doutrinas de Salvação*, volume 3, p. 53).

CRISTO VIRÁ NUM DIA DE GRANDE INIQUIDADE



Joseph Fielding Smith

O Presidente Joseph Fielding Smith ensinou que a Segunda Vinda do Senhor não seria adiada por nossa falta de retidão:

“Quando amadurecermos na iniquidade, então o Senhor virá. Fico irritado quando às vezes alguns de nossos élderes dizem que o Senhor voltará quando nós todos nos tornarmos justos o bastante para recebê-Lo.

O Senhor não vai esperar que nos tornemos dignos. Quando Ele estiver pronto para vir, Ele o fará — quando estiver cheio o cálice da iniquidade — e se nesse momento não estivermos em retidão, tanto pior para nós, pois seremos contados com os ímpios, e seremos como restolho que será banido da face da Terra, pois o Senhor afirmou que a iniquidade não permanecerá.

Não achem que o Senhor retardará Sua vinda, pois Ele virá no momento designado, não quando, conforme ouvi alguns pregarem, a Terra se tornar justa o suficiente para recebê-Lo. Já ouvi alguns homens com posição e cargo importantes na Igreja ensinarem isso, homens que devem conhecer a palavra do Senhor, mas não compreenderam as escrituras. Cristo virá no dia da iniquidade, quando a Terra houver amadurecido no pecado e estiver preparada para a purificação. E Ele virá como purificador e expurgador, e todos os iníquos serão como restolho e se consumirão” (*Doutrinas de Salvação*, volume 3, p. 3).

DEVEMOS ERGUER A VOZ DE ADVERTÊNCIA

O Presidente Smith ensinou: “Não há mais paz. O coração dos homens desfalece. A cobiça impera no coração dos homens. O mal se manifesta por todos os lados, e o povo se associa pelos próprios interesses egoístas. Por isso, fiquei contente ao ouvir a voz de advertência do Presidente [Heber J. Grant] e seus conselheiros, (...) e de outros irmãos que falaram; pois acho que este deve ser um tempo de advertência, não só para os santos dos últimos dias, mas para todo o mundo. Devemos erguer essa voz de advertência ao mundo e principalmente aos membros da Igreja” (*Doutrinas de Salvação*, volume 3, p.49).



Joseph Fielding Smith com seu genro, o Élder Bruce R. McConkie, do Quórum dos Doze Apóstolos

AS PESSOAS DO MUNDO IGNORAM AS ADVERTÊNCIAS

O Presidente Joseph Fielding Smith ensinou que as condições do mundo poderiam ser melhores se as pessoas ouvissem as advertências do Senhor:

“O Senhor deseja que todos os homens sejam felizes; este é Seu propósito. Contudo, os homens recusam a felicidade e trazem sobre si mesmos o infortúnio, por acharem que seus caminhos são melhores do que os de Deus e devido ao egoísmo, ganância e maldade que há em seu coração. Este é o problema que nos aflige hoje. Os líderes de nossa nação estão empenhados para melhorar a situação. Posso dizer-lhes em poucas palavras como isso pode ser feito e garanto que não é por meio de leis; tampouco alcançarão os resultados desejados distribuindo dinheiro ao povo.

Medidas temporárias não vão melhorar a situação, pois continuaremos a enfrentar crimes, doenças, pragas, pestilências, furacões, tempestades de areia, terremotos e tudo o mais que se abaterá sobre a Terra, de acordo com as predições dos profetas — tudo porque os homens não ouvem a voz de advertência.

Quando pararmos de amar o dinheiro e extirparmos do coração o apego ao ouro, à ganância e ao egoísmo, e aprendermos a amar o Senhor, nosso Deus, de todo o coração e ao próximo como a nós mesmos, e nos ajoelharmos e aprendermos a orar e nos arrependermos de nossos pecados, teremos prosperidade, paz e alegria. Mas as pessoas não se arrependerão, a despeito das advertências lançadas e por mais que se lhes chame atenção para essas coisas; elas não se arrependerão porque seu coração está apegado ao mal, e a destruição as aguarda” (*Doutrinas de Salvação*, volume 3, pp. 35–36).

OS SANTOS SÓ SERÃO PRESERVADOS PELA OBEDIÊNCIA

O Presidente Smith ensinou que a obediência pode proteger-nos das pragas dos últimos dias:

“Neste dia de prosperidade, sejamos humildes, lembremo-nos do Senhor, guardemos Seus mandamentos e recordemos que os perigos que nos aguardam são muito maiores do que nos dias de dificuldade e tribulação. Não pensem por um único instante que os



Joseph Fielding Smith

dias de provação terminaram. Não é o caso. Se cumprirmos os mandamentos do Senhor, prosperaremos, seremos abençoados; as pragas e calamidades que foram prometidas se abaterão sobre os povos da Terra, mas escaparemos delas, sim, não nos atingirão.

No entanto, lembrem-se de que o Senhor disse que se deixarmos de seguir Sua palavra, se trilharmos os caminhos do mundo, não seremos poupados, mas seremos visitados com inundações e fogo, com espadas, pestes e destruição. Podemos passar ao largo desses desastres por meio da fidelidade” (*Doutrinas de Salvação*, volume 3, p.34).

TODOS DEVEM VIVER O EVANGELHO

O Presidente Joseph Fielding Smith incentivou todos a viverem o evangelho:

“Aos sinceros de coração de todas as nações, dizemos: O Senhor os ama. Ele deseja que recebam as bênçãos do evangelho em sua plenitude. Ele convida-os agora a crerem no Livro de Mórmon, a aceitarem Joseph Smith como profeta e a entrarem para Seu reino terreno. Assim, tornar-se-ão herdeiros da vida eterna em Seu reino celeste.

Àqueles que receberam o evangelho, exortamos: Guardem os mandamentos. Andem na luz. Perseverem até o fim. Sejam fiéis a todos os convênios e obrigações, e o Senhor os abençoará muito além de seus sonhos mais ousados. Como foi dito na antigüidade: ‘De tudo o que se tem ouvido, o fim é: Teme a Deus, e guarda os seus mandamentos; porque isto é o dever de todo o homem’ (Eclesiastes 12:13).

A todas as famílias de Israel, dizemos: A família é a organização mais importante no tempo e na eternidade. Nosso propósito na vida é criar para nós mesmos uma unidade familiar eterna. Nada mais importante pode acontecer em sua vida familiar do que as bênçãos seladoras do templo e depois a obediência aos convênios relacionados a essa ordem do casamento celestial.



Um abraço do profeta

Aos pais na Igreja, conclamamos: Amem uns aos outros de todo o coração. Guardem a lei moral e vivam o evangelho. Criem seus filhos na luz e verdade; ensinem-nos as verdades salvadoras do evangelho e tornem seu lar um pedaço do céu na Terra,

um lugar onde o Espírito do Senhor possa reinar e cada membro escolha a retidão.

É a vontade do Senhor fortalecer e preservar a unidade familiar. Suplicamos ao pai que assumo seu lugar

de direito como chefe da casa. Pedimos à mãe que apóie e sustenha o marido e seja uma luz para os filhos.

O Presidente Joseph F. Smith afirmou: 'A maternidade constitui a base da felicidade do lar e da prosperidade da nação. Deus deu aos homens e mulheres obrigações extremamente sagradas relativas à maternidade, e são deveres que não podem ser negligenciados sem provocar descontentamento divino' (*Gospel Doctrine* [Deseret Book, 1939], p. 288). Ensinou também: 'Ser um pai ou mãe de sucesso é algo mais grandioso do que ser um general ou estadista de êxito' (*ibid.*, p. 285).

Aos jovens de Sião, dizemos: Que o Senhor os abençoe e guarde, e isso certamente acontecerá se vocês aprenderem Suas leis e viverem em harmonia com elas. Sejam fiéis a tudo o que lhes for confiado. Honrem pai e mãe. Vivam juntos em amor e união. Sejam recatados no vestir. Vençam o mundo e não se deixem levar pelos modismos e práticas daqueles cujos interesses estão centrados nas coisas deste mundo.

Casem-se no templo e levem uma vida feliz e justa. Lembrem-se das palavras de Alma: 'Iniquidade nunca foi felicidade' (Alma 41:10). Recordem também que nossa esperança para o futuro e destino da Igreja e para a causa da retidão está em suas mãos.

Àqueles que foram chamados para posições de confiança e responsabilidade na Igreja, dizemos: Preguem o evangelho com clareza e simplicidade, conforme se acha nas obras-padrão da Igreja. Testifiquem da veracidade da obra e das doutrinas reveladas novamente em nossos dias.

Lembrem-se das palavras do Senhor Jesus Cristo, que disse: 'Eu, porém, entre vós sou como aquele que serve' (Lucas 22:27) e assumam a resolução de servir com os olhos fitos na glória de Deus. Visitem os órfãos e viúvas em suas aflições e mantenham-se limpos das manchas dos pecados do mundo" (*A Liabona*, dezembro de 1972, pp. 10–11).



O Presidente Joseph Fielding Smith e um de seus conselheiros, o Presidente N. Eldon Tanner, na cerimônia de lançamento da pedra fundamental do Templo de Ogden Utah, setembro de 1970

O INÍCIO DE UMA NOVA ERA DE CONFERÊNCIAS DE ÁREA

Em 27–29 de agosto de 1971, em Manchester, Inglaterra, o Presidente Joseph Fielding Smith reuniu-se com os membros numa conferência de área realizada pela primeira vez na Igreja. Houve grande empolgação entre os santos, e eles saíram de várias regiões da Europa para ouvir o profeta de Deus. Para muitos dos presentes, foi a primeira vez que estiveram na presença do representante do Senhor. O Presidente Smith disse-lhes:

“Fico muito satisfeito — e tenho certeza de que também é o caso para as outras autoridades gerais — com o fato de a Igreja ter crescido a ponto de parecer sábio e necessário realizar conferências gerais em várias nações. (...)”

Somos membros de uma igreja mundial, uma igreja que tem o plano da vida e salvação, uma igreja estabelecida pelo próprio Senhor nestes últimos dias para levar Sua mensagem de salvação a todos os Seus filhos na Terra inteira.

Longe está o tempo em que as pessoas bem-informadas nos consideravam um povo excêntrico que vive no alto das Montanhas Rochosas, nos Estados Unidos. É verdade que a sede da Igreja está em Salt Lake City e que a casa do Senhor foi construída lá, para onde acorreram pessoas de muitas nações para aprender a lei do Senhor e andar em Seus caminhos.

Porém, estamos amadurecendo como Igreja e como povo. Atingimos a estatura e força que nos permitem cumprir a missão dada a nós pelo Senhor por meio do Profeta Joseph Smith de levar as boas novas da restauração a todas as nações e povos.

E não só pregaremos o evangelho a todas as nações antes da Segunda Vinda do Filho do Homem, mas faremos conversos e estabeleceremos congregações de santos entre eles. (...)”



Fotografia cedida gentilmente por J. Malan Heslop

O Presidente Smith discursando no King's Hall, Manchester, Inglaterra, Agosto de 1971

E assim digo que somos e seremos uma igreja mundial. Esse é nosso destino. Faz parte dos desígnios do Senhor. ‘O povo do convênio do Senhor’ está ‘espalhado por toda a face da Terra’, e temos a comissão de ir a todas as nações e reunir os eleitos na Igreja e trazê-los ao conhecimento de seu Redentor, a fim de serem herdeiros da salvação em Seu reino” (Conference Report, Conferência de Área de

Manchester, Inglaterra, de 1971, pp. 5–6; ou *A Liabona*, fevereiro de 1972, p. 4).

Olhos rasos d'água observaram atentamente e um grande silêncio reinou quando o Presidente Joseph Fielding Smith se ergueu para concluir a primeira conferência geral para os santos britânicos. Durante seu discurso, os santos permaneceram concentrados. Ninguém se mexeu quando o profeta saiu do púlpito. Era como se não quisessem deixar o espírito que prevalecera na reunião. Havia uma atmosfera sagrada no local da conferência, o King's Hall. E, como testemunho do Espírito, os santos começaram a cantar espontaneamente 'Graças Damos, Ó Deus, por Um Profeta'.

Ao fim do hino, a multidão continuou imóvel, dominada pelo doce espírito daquela ocasião" (J. M. Heslop, "Prophet Leads Conference; British Saints Rejoice", *Church News*, 4 de setembro de 1971, p. 3).

ELE DEU ÊNFASE À NOITE FAMILIAR

Nada era de maior importância para o Presidente Joseph Fielding Smith que o caráter fundamental e sagrado do lar. Suas mensagens eram repletas de conselhos aos pais e filhos. Uma de suas primeiras preocupações como presidente da Igreja foi fortalecer o lar ao dar ênfase a uma instituição já revelada: a noite familiar.

O Presidente Smith anunciou que as noites de segunda-feira deveriam ser reservadas invariavelmente para reunir a família e ensinar o evangelho. Com amor, instou os pais a levarem a sério essa responsabilidade:

"Temos grande preocupação com o bem-estar espiritual e moral de todos os jovens em todas as partes. A moralidade, a castidade, a virtude, a pureza em face do pecado — essas virtudes são e devem ser a base de nosso modo de vida, a fim de realizarmos seu propósito pleno.

Suplicamos aos pais e mães que ensinem a pureza pessoal por preceito e exemplo e que aconselhem os filhos em todas essas coisas.

Pedimos aos pais que dêem um exemplo de retidão em sua própria vida e reúnam os filhos a sua volta para ensinar-lhes o evangelho na noite familiar e em outras ocasiões" (*A Liabona*, novembro de 1970, p. 4).

ELE PERMANECEU FIEL E FIRME ATÉ O FIM

Por ter vivido noventa e cinco anos, o Presidente Joseph Fielding Smith presenciou tanto a época das

viagens a cavalo quanto a era do avião a jato. Ele tinha vinte e sete anos quando os irmãos Wright (os inventores do primeiro avião equipado com motor) fizeram seu primeiro vôo em Kitty Hawk, Carolina do Norte. Ele viu a invenção do avião como o cumprimento de profecias. Ele adorava as viagens aéreas e vibrava ao ultrapassar a barreira do som. Contudo, em termos práticos, sua vida era um modelo de simplicidade. Seu interesse estava no serviço, não no dinheiro e popularidade. Ele fazia doações generosas aos necessitados, mas ficava visivelmente constrangido ao receber reconhecimento público. Ele preferia viver num apartamento simples a ambientes luxuosos. Preferia caminhar a deslocar-se de carro e preferia que sua esposa dirigisse o pequeno veículo do casal em vez de usar a limusine com motorista que lhes fora oferecida.

Mesmo ao envelhecer, o Presidente Smith continuou a trabalhar arduamente e não perdeu o senso de humor. "Quando tinha 89 anos de idade, ao descer um lance de escadas em seu apartamento, escorregou, caiu e sofreu fraturas múltiplas na perna. Contudo, esperavam por ele numa reunião no Templo, a um quarteirão de distância. Rangendo os dentes, ele fez o trajeto a pé, 'mancando como um homem idoso', assistiu à reunião, voltou para casa e só então, mediante insistência de várias pessoas, aceitou tratamento médico. 'A reunião demorou um pouco', admitiu ele. 'Mas é o que acontece na maioria delas'" (Smith e Stewart, *Life of Joseph Fielding Smith*, p. 4).

O Presidente Smith morreu em Salt Lake City no dia 2 de julho de 1972. Numa carta aos filhos do Presidente Smith, o Presidente Harold B. Lee escreveu:

"A meu ver, o falecimento dele foi uma transição da vida para a morte de uma suavidade tal que veremos pouquíssimas iguais em nossa existência. Ele morreu como viveu e mostrou a todos nós

como é honrado e privilegiado aquele que vive tão perto do Senhor quanto seu nobre patriarca e pai, Joseph Fielding Smith" (citado por Smith and Stewart, *Life of Joseph Fielding Smith*, p. 384).



O Presidente Joseph Fielding Smith

Harold B. Lee

DÉCIMO PRIMEIRO PRESIDENTE DA IGREJA



EVENTOS MARCANTES DA VIDA DE HAROLD B. LEE

Idade Acontecimentos

Nasce em 28 de março de 1899 em Clifton, Idaho, filho de Samuel Marion e Louisa Emily Bingham Lee.

13–17 Frequenta a Academia da Estaca Oneida, em Preston, Idaho (1912–1916).

17–21 Leciona durante quatro anos (1916–1920).

21–23 Serve como missionário no Oeste dos Estados Unidos (1920–1922).

24–29 É diretor no Distrito Escolar Granite, Salt Lake City, Utah (1923–1928).

24 Casa-se com Fern L. Tanner (14 de novembro de 1923; ela morre em 24 de setembro de 1962).

31 Torna-se o presidente da Estaca Pioneer, em Salt Lake City (26 de outubro de 1930); ajuda a desenvolver projetos de auto-suficiência em sua unidade.

33 É designado membro da Comissão Administrativa Municipal de Salt Lake City (dezembro de 1932)

36 É chamado para organizar o Programa de Seguridade de Bem-Estar da Igreja (1935).

37 Torna-se o diretor-gerente do Programa de Seguridade de Bem-Estar da Igreja (15 de abril de 1936).

42 É ordenado apóstolo (10 de abril de 1941).

55 Viaja pelo Oriente (segunda metade de 1954).

60 Visita as missões da América Central e do Sul (1959).

62 Assume a dianteira do Programa de Correlação da Igreja (4 de outubro de 1961).

64 Casa-se com Freda Joan Jensen (17 de junho de 1963).

70 Torna-se presidente do Quórum dos Doze Apóstolos e conselheiro do Presidente Joseph Fielding Smith (23 de janeiro de 1970).

73 Torna-se Presidente da Igreja (7 de julho de 1972); organiza o Ramo de Jerusalém (20 de setembro de 1972); preside a segunda conferência de área da Igreja, na Cidade do México (26–28 de agosto de 1972).

74 Morre em Salt Lake City, Utah (26 de dezembro de 1973).

Repórteres aguardaram ansiosamente no dia 7 de julho de 1972 a primeira entrevista coletiva com Harold B. Lee, recém-ordenado Presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Ele disse-lhes: “A segurança da Igreja reside na obediência dos membros aos mandamentos. Não posso dizer nada de mais importante. Ao guardarem os mandamentos, receberão bênçãos” (citado por Stephen W. Gibson, “Presidency Meets the Press”, *Church News*, 15 de julho de 1972, p. 3).

ELE TINHA UMA HERANÇA NOBRE



Harold B. Lee aos cinco anos de idade

O tetravô de Harold B. Lee, William Lee, lutou e foi ferido numa batalha contra os britânicos na Guerra de Independência norte-americana. Seu bisavô Francis Lee filiou-se à Igreja em 1832 e enfrentou as inúmeras tribulações vividas pelos primeiros santos. Sua avó Margaret Lee engravidou onze vezes, mas nenhum filho sobreviveu, exceto o décimo segundo, Samuel Lee. Ela morreu oito dias depois de seu nascimento.

ELE NASCEU DE BONS PAIS

Harold Bingham Lee nasceu em Clifton, Idaho, no dia 28 de março de 1899, filho de Samuel e Louisa Bingham Lee. Harold foi o segundo de seis filhos. Samuel Lee, o pai de Harold, era um homem calado, compassivo, simples e atencioso. Era um marido e pai dedicado e um servo fiel do Senhor. Quando Harold foi chamado para servir como missionário em Denver, Colorado, seu pai deu-lhe uma bênção. Quando foi chamado apóstolo, seu pai deu-lhe outra bênção. Sua mãe, Louisa, era uma força dentro e fora do lar. Era sensível ao Espírito e ensinou o filho a seguir os sussurros do Espírito.

ELE FOI CRIADO EM CLIFTON, IDAHO

Em sua infância e juventude, Harold B. Lee enfrentou as dificuldades da vida na zona rural. Naquela época, não havia muitos tratores e máquinas para

cultivar a terra, plantar e colher. Esse ambiente rural proporcionou treinamento e bênçãos de grande importância para seus futuros chamados no reino do Senhor.

Já na fase adulta, explicou como fora sua infância: “Lembro-me da disciplina das crianças na época em que vivi no campo. Começávamos a cuidar de nossas tarefas pouco depois do alvorecer a fim de ‘iniciar’ o trabalho do dia ainda cedo. Ao terminarmos o trabalho do dia, ainda tínhamos tarefas noturnas, em geral com o auxílio de uma lamparina. Apesar de não recebermos salário nem haver regulamentação para o trabalho infantil, não nos sentíamos explorados em nossos labores. Como precisávamos dormir, em geral não restava muito tempo para frivolidades. O retorno de nosso trabalho era pequeno e em geral vinha uma vez por ano, na época da colheita. As famílias daquela época passavam o verão com pouquíssimo dinheiro, com exceção do leite e manteiga fornecidos pelas vacas; em nossos silos havia em geral trigo suficiente para levar ao moinho para produzir farinha e cereais. Tínhamos nossas próprias galinhas e uma horta e frutas da estação” (*Decisions for Successful Living* [1973], pp. 12–13).



Louisa Emily Bingham Lee

“HAROLD, NÃO VÁ PARA LÁ”



Cortesia de Russell D. Holt. REPRODUÇÃO PROIBIDA

Harold B. Lee ouviu uma advertência divina para ficar longe de um galpão em ruínas.

Harold B. Lee relatou um importante acontecimento de sua juventude: “Ainda pequeno, tive meu primeiro contato íntimo com a divindade. Eu estava na fazenda esperando meu pai terminar o trabalho do dia, brincando e criando objetos para passar o tempo, quando vi do outro lado da cerca, no quintal do vizinho, algumas construções abandonadas, com galpões desabando e madeira apodrecendo. Imaginei que pudesse ser um castelo que eu deveria explorar, assim fui até o cercado e comecei a subir. Então, ouvi

uma voz que falou de modo tão distinto quanto a minha ao dirigir-me a vocês agora: ‘Harold, não vá para lá.’ Olhei em todas as direções para ver de onde vinha aquela voz. Pensei que talvez fosse meu pai, mas eu não estava ao alcance da vista dele. Não havia ninguém por perto. Percebi que alguém estava avisando-me de um perigo invisível — fosse um ninho de cascavéis, fosse o risco da madeira apodrecida cair em cima de mim e esmagar-me, não sei. Mas daquele momento em diante, aceitei sem duvidar o fato de que há processos desconhecidos ao homem pelos quais podemos ouvir vozes do mundo invisível, por meio dos quais podem manifestar-se a nós visões da eternidade” (Conference Report, Conferência de Área de Manchester, Inglaterra, 1971, p. 141; ou *Ensign*, novembro de 1971, p. 17).

SUA MÃE SALVOU-O DE DOIS ACIDENTES QUASE FATAIS



Harold (sentado) e seu irmão mais velho Perry

“A bênção patriarcal de Louisa mencionara seu dom de cura, e sua inspiração salvou a vida de Harold em várias ocasiões. Quando ele tinha oito anos de idade, sua mãe mandou-o pegar uma lata de soda, bem no alto de uma prateleira, para fazer sabão. Ele escorregou e o conteúdo mortal da lata caiu em cima dele. Louisa segurou Harold imediatamente para que

não corresse, tirou a tampa de um grande balde de beterraba em conserva e despejou várias xícaras do sumo vermelho de vinagre na cabeça e no corpo inteiro dele, neutralizando a soda. O que poderia ter sido uma tragédia foi evitado pela ação inspirada de sua mãe.

Quando era adolescente, ao trabalhar na roça, Harold cortou uma artéria numa garrafa quebrada. Louisa estancou o sangramento, mas a ferida infeccionou-se. Ela pegou uma meia preta limpa, queimou-a até virar cinzas, abriu o ferimento e esfregou as cinzas nele com cuidado. Depois disso, a lesão sarou rapidamente” (Jaynann Morgan Payne, “Louisa Bingham Lee: Sacrifice and Spirit”, *Ensign*, fevereiro de 1974, pp. 82–83).

A DEPRESSÃO FINANCEIRA FOI VISTA COMO UMA OPORTUNIDADE DE APRENDIZADO E CRESCIMENTO

O Presidente

Harold B. Lee explicou como as dificuldades pelas quais passou quando jovem o ajudaram a compreender as necessidades alheias: “Sim, pode-se dizer que vivíamos perto da linha de pobreza na minha mocidade. Mas, naquele período, aprendemos lições e recebemos compensações que não teríamos alcançado se vivêssemos no luxo.



Harold B. Lee quando aluno na escola secundária

Nunca passamos fome. Tínhamos comida, e minha mãe sabia reformar roupas para os filhos. Nunca tive roupas novas até a época da escola secundária, mas sempre achei que me vestia bem. Quando terminei a missão e voltei para casa, freqüentei a Universidade de Utah para adquirir uma habilitação de ensino, e quase sempre fazia o trajeto para as aulas a pé. Eu não tinha dinheiro para o transporte, pois me faltaria para comprar os livros” (*Ye Are the Light of the World: Selected Sermons and Writings of President Harold B. Lee* [1974], pp. 344–345).

O CARINHO DE SUA MÃE DEIXOU NELE UMA IMPRESSÃO DURADOURA

Pouco depois de ser chamado como membro do Quórum dos Doze Apóstolos, o Élder Harold B. Lee fez a seguinte homenagem a sua mãe:



Harold B. Lee (fileira da frente, segundo a partir da direita) com amigos em frente à Academia da Estaca Oneida, Preston, Idaho, em 1916

“Fui abençoado com um pai esplêndido e uma mãe maravilhosa e excepcional, alguém que não demonstrava muito seu afeto, mas dava provas de amor de modo

concreto. Ainda criança, reconheci-as como o verdadeiro amor materno.

Na época da escola secundária, fiz uma pequena viagem para participar de um concurso de oratória. Minha equipe foi a vencedora. Telefonei para minha mãe, e ela disse-me: ‘Não precisa entrar em detalhes, meu filho. Já sei de tudo. Vou contar-lhe quando você voltar para casa no fim da semana.’ Quando cheguei, ela chamou-me num canto e disse: ‘Quando eu sabia que estava na hora do início da competição, fui até os salgueiros perto do riacho e, lá, sozinha, lembrei-me de você e orei a Deus para que você não falhasse.’ Compreendi que esse tipo de amor é necessário para o êxito de todos os filhos neste mundo” (Conference Report, abril de 1941, p. 120).

ELE ERA UM ALUNO TALENTOSO E APLICADO



Ele gostava de jogar basquetebol. Harold B. Lee é o segundo de pé à direita.

Harold B. Lee terminou a oitava série na escola de Clifton, Idaho, aos treze anos de idade. Seus pais desejavam que ele continuasse os estudos e enviaram-no para a Academia da Estaca Oneida. Essa escola, fundada em 1888 em Franklin, Idaho, fora transferida para Preston em 1898. Oferecia aulas de ciências, matemática, biologia, administração, história e educação física. Havia ainda cursos especiais de carpintaria, música e obra missionária. Harold deu atenção especial à música nos primeiros dois anos. Tocava trompa alto, trompa francesa e depois aprendeu também a tocar trompa barítono. Ao crescer, passou a participar mais ativamente dos esportes, e o basquetebol era o seu predileto. No último ano da escola secundária, suas atividades incluíam escrever para o jornal estudantil e participar de debates. Ele formou-se no primeiro semestre de 1916.

ELE RECEBEU SUA HABILITAÇÃO DE PROFESSOR



Campeões no concurso de oratória. Harold B. Lee está à direita.

Harold B. Lee explicou o que fez para qualificar-se para a habilitação de ensino:

“No verão de 1916, aos dezessete anos de idade, freqüentei a Escola Normal Estadual Albion, em Albion, Idaho, para receber a formação preparatória para tornar-me professor. Era uma instituição muito conceituada, onde tive alguns dos melhores professores de minha vida. As leis de

Idaho exigiam um teste difícilimo de quinze matérias para conceder a habilitação, e passei o verão em estudo intensivo. Perdi quase dez quilos, mas alcancei meu objetivo e fui aprovado no exame com a nota média de 89 por cento.

Albion era uma cidadezinha antiquada e singular a uns quarenta ou cinquenta quilômetros da ferrovia mais próxima em Burley, Idaho. Não havia praticamente nada além da escola, que era magnífica. As diversões eram inexistentes, exceto na escola, e as velhas calçadas de madeira eram um indicador do atraso dos habitantes. Distante de todas as atrações que poderiam desviar minha atenção dos estudos, acho que nunca adquiri tanto conhecimento como durante o verão de 1916 e o de 1917, quando recebi meus certificados do segundo e terceiro anos” (Citado por L. Brent Goates, *Harold B. Lee: Prophet and Seer* [1985], p. 48).

ELE ENSINOU DURANTE QUATRO ANOS ANTES DA MISSÃO

Depois de seu primeiro verão na Escola Normal Estadual Albion, Harold B. Lee estava preparado para começar a lecionar. Sua primeira designação foi numa escola de classe única em Weston, Idaho, com vinte e cinco alunos da primeira à oitava série. Com uma moeda, fizeram cara ou coroa para ver se seu salário seria de sessenta ou sessenta e cinco dólares por mês. Harold perdeu. Passou longas horas preparando um currículo que atendesse às necessidades de um grupo tão diverso de alunos. Ele era exigente e rígido, mas justo, e conquistou o respeito dos alunos.

Aos dezoito anos de idade, Harold tornou-se o diretor de uma escola em Oxford, Idaho. Além do currículo regular, ele fundou o Clube Atlético de Oxford

e iniciou um coro feminino. Foi também chamado como presidente do quórum de élderes. Anos depois, escreveu sobre seu tempo nessa escola:

“Fui o diretor desse colégio durante três invernos e estava lá durante a grave epidemia de gripe espanhola de 1918, quando a escola ficou de quarentena por vários meses. Mal reabrimos a escola quando todas as famílias, com exceção de duas, adoeceram. Então, duas cidades vizinhas precisaram ajudar a fornecer comida e cuidados até o restabelecimento delas. (...)

Como meu pai arcara com os custos de meus estudos, e eu morava com minha família, eu entregava meu salário de professor a ele e então pagava minhas despesas extras tocando numa orquestra que se apresentava em bailes” (citado por Goates, *Harold B. Lee*, p. 53).



A primeira designação de Harold B. Lee no magistério foi na Escola Silver Star, em Weston, Idaho, de 1916 a 1918. Ele também era o diretor do estabelecimento.

ELE RECEBEU UM CHAMADO PARA A MISSÃO



O Élder Harold B. Lee como missionário na Missão dos Estados do Oeste. (1920—1922)

Em setembro de 1920, aos vinte e um anos de idade, Harold B. Lee recebeu uma carta do Presidente Heber J. Grant chamando-o para a Missão dos Estados do Oeste, com sede em Denver, Colorado. Por causa desse chamado missionário, a família Lee teria de arranjar-se sem a renda de Harold. Precisaria também apoiar financeiramente seu filho e irmão no campo missionário.

Depois de servir durante nove meses, o Élder Lee foi chamado para presidir a conferência de Denver. Seu presidente de missão, John M. Knight, disse-lhe: “Estou apenas dando-lhe a chance de mostrar o que há dentro de você” (citado por Goates, *Harold B. Lee*, p. 62). Ele conquistou o respeito de seu presidente de

missão, de seus companheiros missionários e dos membros da Igreja.

Um ponto alto de sua missão foi quando foi convidado pelo Presidente Knight para fazer o *tour* da missão. Em certa ocasião, o Presidente Knight não pôde estar presente aos primeiros dois dias de reuniões com os santos de Sheridan, Wyoming. Os líderes ficaram decepcionados com a perspectiva de passar dois dias com um líder do sacerdócio tão jovem e inexperiente; contudo, depois de ouvirem os ensinamentos do Élder Lee, quando o Presidente Knight chegou dois dias depois, eles queriam continuar a ouvir o jovem missionário.

O Élder Lee foi desobrigado da missão em dezembro de 1922. Escreveu em seu diário: “Quando o presidente [da missão] anunciou que eu estava desobrigado, disse-me que teria de esgotar os recursos da língua inglesa para expressar o quanto me admirava. Disse que eu servira firme na frente de batalha desde minha chegada a Denver” (citado por Goates, *Harold B. Lee*, p. 72).

ELE CASOU-SE COM FERN TANNER



Fotografia cedida gentilmente por L. Brent e Helen Goates

Enquanto estava na missão, Harold B. Lee travou conhecimento com Fern Lucinda Tanner, uma missionária de Utah. Depois do fim da missão de cada um, eles renovaram a amizade em Salt Lake City e casaram-se no Templo de Salt Lake em 14 de novembro de 1923.

Uma das maiores bênçãos da missão de Harold B. Lee foi conhecer a Síster Fern Tanner. Ao voltar para casa, retomou contato com essa missionária e ela tornou-se sua esposa em 14 de novembro de 1923. Pouco depois de sua missão, ele também fez uma visita de cortesia à namorada de um ex-companheiro, Freda Jensen. Freda terminou por não se casar com o missionário. Ela ficou solteira até a morte de Fern Tanner Lee. Então, quarenta anos depois do primeiro encontro, Freda tornou-se esposa de Harold B. Lee.

O SENHOR PREPAROU-O PARA SERVIR OS NECESSITADOS

Uma séria crise financeira atingiu os Estados Unidos em outubro de 1929. Em 1930, quando Harold B. Lee estava com 31 anos de idade, o desemprego aumentara drasticamente e não havia crédito financeiro. Mais da metade dos membros da Estaca Pioneer em Salt Lake City, a estaca de Harold, estava sem emprego. Em outubro, ele foi chamado presidente da estaca. Ele

preocupava-se com o bem-estar de seus membros. Ele chorou e orou e finalmente recebeu inspiração. Estabeleceu programas para cuidar dos necessitados.



Fotografia cedida gentilmente por Bethany Lempiere

Harold B. Lee foi um pioneiro nos serviços de bem-estar. O armazém dos bispos da Estaca Pioneer foi organizado em 1932. Um velho depósito sujo na avenida Pierpont, 33, foi transformado num local luminoso e alegre.

O Presidente Marion G. Romney, que era membro da Primeira Presidência, falou sobre aqueles anos:

“Pouco depois de conhecê-lo, fiquei sabendo que na época ele morava numa casinha modesta na avenida Indiana. Alguns dos móveis tinham sido fabricados com suas próprias mãos. Outros objetos tinham sido confeccionados por sua hábil esposa. Aquele lar humilde era santificado pelo amor que ele dedicava à esposa e às duas filhas de olhos brilhantes, Maurine e Helen.

Nosso país estava mergulhado na Grande Depressão da década de 1930. Ele era o presidente da Estaca Pioneer. Poucas pessoas na Igreja estavam mais atingidas pela necessidade e o desânimo que os membros de sua unidade. Embora preocupado em garantir o sustento para si mesmo e seus entes queridos, ele deu enorme atenção à questão maior de atender às necessidades de todos os membros de sua estaca.

Muitos deles estavam na fase em que, ao esgotarem os recursos pessoais, se voltavam para o governo estadual e federal em busca de auxílio. Harold B. Lee não foi um deles. Seguindo a palavra do Senhor que ensina que o homem deve ganhar o pão pelo suor de seu rosto e convencido de que tudo é possível ao que crê, passou a agir com ousadia, inventividade destemida e a coragem de alguém como Brigham Young a fim de criar um meio pelo qual as pessoas, com seus próprios esforços e a ajuda de seus irmãos, conseguissem suprir suas necessidades vitais.

Guiado pela luz do céu, com projetos de construção e produção e várias outras atividades de reabilitação, ele demonstrou um amor por seus semelhantes raras vezes igualado em qualquer outra geração.

As pessoas que conviveram com ele naquele período negro sabem que ele chorava com o sofrimento de seu povo, mas mais do que isso, fez algo para aliviá-lo.



O Programa de Seguridade da Igreja, mais tarde conhecido como Programa de Bem-Estar da Igreja, foi dirigido inicialmente por Harold B. Lee. Na fotografia, ele está explicando um projeto aos Élderes George Albert Smith, Marion G. Romney e Ezra Taft Benson.

Ele amava e servia seu próximo de todo o coração. Amava os pobres, pois fora um deles. ‘Amo-os’, declarou ele. ‘Passei a conhecer vocês intimamente. Seus problemas, graças ao Senhor, tornaram-se meus problemas, pois sei, assim como vocês, o que significa caminhar por não ter o dinheiro para a condução. Sei o que significa deixar de fazer uma refeição para comprar um livro para a faculdade. Agradeço a Deus por essas experiências. Amo vocês devido a sua devoção e fé. Que Deus os abençoe para que não falhem’ (Conferência Geral, 6 de abril de 1941) (“In the Shadow of the Almighty” [discurso fúnebre], *Ensign*, fevereiro de 1974, p. 96).

ELE TENTAVA SINCERAMENTE CONHECER AS NECESSIDADES DOS SANTOS

O Presidente Harold B. Lee contou a seguinte experiência que teve quando era presidente de estaca:

“No primeiro Natal depois de tornar-me presidente de estaca, nossas filhas ganharam bonecas e outros belos presentes na manhã de Natal e logo se vestiram e foram à casa de suas amiguinhas para mostrar-lhes o que o Papai Noel lhes trouxera.



Harold B. Lee

Momentos depois, voltaram chorando. ‘Qual é o problema?’, perguntamos. ‘A Donna Mae não teve Natal. O Papai Noel não passou na casa dela.’ Então, soubemos com atraso que o pai da família estava desempregado, e eles não tinham dinheiro naquele Natal. Assim, convidamos as crianças da família e dividimos nosso Natal

com elas, mas era tarde demais. Sentamo-nos à mesa de Natal com o coração pesado.

Naquele momento, decidi que, antes do Natal seguinte, nos certificariamos de que todas as famílias da estaca tivessem o mesmo tipo de Natal e de ceia que nós.

Os bispos de nossa estaca, sob a direção da presidência da estaca, fizeram um levantamento entre os membros, e ficamos alarmados ao verificar que 4.800 deles estavam total ou parcialmente dependentes — os chefes da família estavam sem emprego fixo. Não havia frentes de trabalho do governo naquela época. Só podíamos contar com nós mesmos. Foi-nos dito também que não poderíamos esperar muita ajuda dos fundos gerais da Igreja.

Sabíamos que havia cerca de mil crianças com menos de dez anos de idade que, sem a ajuda externa, não teriam Natal, assim começamos a preparar-nos. Encontramos uma sala no segundo andar de uma velha loja na rua Pierpont. Reunimos brinquedos, alguns dos quais estavam quebrados, e durante um mês ou dois antes do Natal, os pais vinham ajudar-nos a prepará-los. Muitos chegavam cedo ou ficavam até tarde para fazer algo especial para seus próprios filhos. Esse era o espírito natalino de generosidade — bastava entrar naquela oficina improvisada para vê-lo e senti-lo. Nossa meta era assegurar-nos de que nenhuma criança ficasse sem Natal. Nós nos asseguraríamos de que o lar de cada uma daquelas 4.800 pessoas tivesse uma ceia de Natal, pois sem ajuda era isso o que aconteceria.



O Élder Harold B. Lee, por volta de 1942

Ao iniciar o trajeto de volta ao centro da cidade, vi um menininho à beira da estrada, pedindo carona. Fazia um frio cortante, mas ele estava sem casaco, luvas nem galochas. Parei e perguntei-lhe para onde estava indo.

‘Vou para o norte da cidade ver um filme gratuito’, respondeu o menino.

Eu disse-lhe que estava indo na mesma direção e que poderia levá-lo.

Perguntei-lhe: ‘Filho, está preparado para o Natal?’

Naquele época, eu era um dos comissários municipais. Na noite antes da véspera de Natal, houve uma forte nevasca, e passei a noite inteira com grupos de trabalhadores limpando as ruas, consciente de que se um deles sofresse um acidente em serviço, eu seria responsabilizado. Então, fui para casa para trocar de roupa e dirigir-me ao escritório.

‘Ah, que nada’, respondeu ele. ‘Não vamos ter Natal em nossa casa. Meu pai morreu há três meses e deixou minha mãe, a mim e um irmão e irmã menores.’

Três filhos, todos com menos de doze anos de idade!

Liguei o aquecimento do carro e disse: ‘Filho, pode dar-me seu nome e endereço? Alguém vai passar em sua casa — vocês não serão esquecidos. E divirta-se, hoje é a véspera de Natal!’

Naquela noite, pedi a cada bispo que acompanhasse os entregadores para certificar-se de que cada família recebesse o tratamento adequado e que depois me fizesse um relato. Ao esperar o relatório do último bispo, lembrei-me súbita e dolorosamente de algo. No afã de desincumbir-me de todos os meus deveres no trabalho e na Igreja, esquecera-me do menininho e da promessa que lhe fizera.

Depois do relatório do último bispo, perguntei: ‘Bispo, acaso sobraram coisas suficientes para visitar mais uma família?’

Ele respondeu afirmativamente.

Contei-lhe a história do menininho e dei-lhe seu endereço. Mais tarde, o bispo telefonou para dizer que aquela família também recebera algumas cestas cheias. A véspera de Natal por fim acabara, e fui dormir.

Ao acordar naquela manhã de Natal, eu disse em meu coração: ‘Que Deus permita que eu nunca passe outro ano, como líder, sem verdadeiramente conhecer meu povo. Vou inteirar-me de suas necessidades. Estarei atento àqueles que mais precisarem de minha liderança’” (*Ye Are the Light of the World*, pp. 345–347).

As experiências de Harold B. Lee em sua juventude cuidando das pessoas de sua estaca ajudaram a prepará-lo para um chamado futuro.

A PRIMEIRA PRESIDÊNCIA CHAMOU-O PARA DESENVOLVER O PROGRAMA DE BEM-ESTAR DA IGREJA



O Élder Harold B. Lee no Havá, 1945

O início da década de 1930 foi marcado pela distribuição de sopa e pão aos muitos que estavam em situação financeira difícil. A Grande Depressão atingira em cheio os Estados Unidos e 25 por cento da força de trabalho estava no desemprego. Outros países viviam uma situação igualmente ruim ou até pior. Os membros da Igreja não estavam imunes aos efeitos dessa crise, pois muitos tiveram sérios problemas financeiros. Mais de 50 por cento da população

masculina da Estaca Pioneer de Salt Lake City, por exemplo, estava desempregada. Contudo, o Senhor vinha inspirando seus profetas a preparar a Igreja para essas épocas de dificuldade, e o presidente dessa estaca, Harold B. Lee, foi chamado para assumir uma responsabilidade importante nesses preparativos. Em 1941, recém-chamado ao Quórum dos Doze Apóstolos, o Élder Harold B. Lee testemunhou da mão do Senhor no estabelecimento do programa de bem-estar da Igreja:

“Nos últimos cinco anos — gloriosos e exaustivos — trabalhei, sob a designação da Primeira Presidência, com um grupo de homens para desenvolver e implementar o que hoje conhecemos como Plano de Bem-Estar da Igreja. Sinto que devo prestar-lhes meu testemunho dessa obra. (...) No dia 20 de abril de 1935, fui chamado ao escritório da Primeira Presidência. Foi um ano antes de ser feito o anúncio oficial do Plano de Bem-Estar neste Tabernáculo. Lá, depois de uma sessão que durou metade do dia, à qual estavam presentes o Presidente Grant e o Presidente McKay — o Presidente Clark estava no leste do país, mas eles tinham-se comunicado com ele, de sorte que todos os membros da presidência estavam de acordo — fiquei surpreso ao saber que durante anos eles vinham desenvolvendo, como resultado de reflexões, planejamento e a inspiração do Deus Todo-Poderoso, a estrutura do plano que está sendo implementado. Antes de ser posto em prática, era preciso que a fé dos santos dos últimos dias, segundo a avaliação das autoridades gerais, fosse tal que os levasse a seguir os conselhos dos homens que lideram e presidem a Igreja

Então, foi descrita minha posição humilde neste programa naquela época. Saí por volta do meio-dia, sentindo-me como me sinto agora. Fui de carro até a cabeceira do cânion City Creek. Desci, depois de percorrer a máxima distância possível, e caminhei entre as árvores. Busquei meu Pai Celestial. Ao sentar-me para meditar sobre esse assunto, pensando numa organização a ser aperfeiçoada a fim de realizar essa obra, recebi um testemunho, naquela bela tarde de primavera, de que Deus já revelara a maior organização que poderia ser concedida à humanidade e que bastava que ela fosse posta para funcionar, e o bem-estar material dos santos dos últimos dias estaria garantido. (...)

Foi em agosto do mesmo ano. (...) Naquela altura, houve uma melhora na situação, tanto que alguns questionaram a sabedoria desse tipo de iniciativa e por que a Igreja não agira antes. Contudo, logo no início da manhã, veio-me uma impressão tão nítida como se alguém tivesse falado em voz alta, impressão que permaneceu comigo ao longo dos anos: Ninguém na Igreja conhece o real propósito desse programa nascente, mas assim que a Igreja fizer os preparativos necessários,

esse motivo será manifestado e, quando isso acontecer, a Igreja precisará mobilizar todos os seus recursos para concretizá-lo. Estremeci com o sentimento que se apoderou de mim. Desde esse dia, esse sentimento tem feito com que eu siga avante, dia e noite, quase sem repouso, consciente de que é a vontade de Deus, que é Seu plano. A única coisa necessária hoje é que os santos dos últimos dias reconheçam esses homens, que estão sentados no púlpito, como a fonte da verdade, por meio dos quais o Senhor revelará Sua vontade, a fim de que os santos sejam preservados no dia das aflições.

(...) Sei que a obra que hoje estamos fazendo avançar e progredir tem um potencial ainda maior. Com ela, os santos dos últimos dias aprenderão a fazer o que lhes for dito, e nada mais antes disso; e algumas das coisas mais grandiosas por vir só se realizarão se e quando aprendermos a ouvir os homens que presidem como profetas, videntes e reveladores” (Conference Report, abril de 1941, pp. 120–122).

ELE FOI CHAMADO COMO APÓSTOLO



O Élder Harold B. Lee, sua esposa, Fern, e suas filhas, Maurine e Helen, na época do chamado dele para o apostolado, 1941

O Presidente Heber J. Grant chamou Harold B. Lee como apóstolo do Senhor. Foi ordenado em 10 de abril de 1941. Anos depois, externou seus sentimentos sobre esse chamado:

“Nunca esquecerei minha sensação de solidão na noite de sábado depois que o Presidente da Igreja me comunicou que eu seria apoiado no dia seguinte como membro do Quórum dos Doze Apóstolos. Não consegui dormir naquela noite; vieram-me à mente todos os pequenos erros de minha vida, as frivolidades, as tolices da juventude. Lembrei-me de todas as pessoas contra as quais eu tinha queixas ou que poderiam ter queixas contra mim. E, antes de ser aceito no dia seguinte, eu sabia que precisava apresentar-me perante o Senhor e

testificar-Lhe que amaria e perdoaria a cada pessoa do mundo e que, em troca, eu Lhe pediria que me perdoasse para que eu fosse digno daquele cargo.

Eu disse, como suponho que todos diriam ao serem chamados a uma posição assim: ‘Presidente Grant, acha que sou digno desse chamado?’ E rápido como um raio, ele respondeu: ‘Meu menino, se eu não achasse, jamais o teria chamado.’



O Élder Harold B. Lee e sua esposa, Fern

O Senhor conhecia meu coração e sabia que eu não era perfeito e que todos nós temos dificuldades a superar. Ele aceita-nos com nossas imperfeições e espera que comecemos onde estamos e então harmonizemos totalmente nossa vida com os princípios e doutrinas de Jesus Cristo.

No dia seguinte, fui ao templo e fui conduzido à sala onde o Conselho dos Doze se reúne com a presidência

semanalmente na sala superior. Pensei em todos os grandes homens que já ocuparam essas cadeiras e agora lá estava eu, apenas um jovem, 20 anos mais novo do que o mais jovem dos Doze; ali estava eu, convidado a ocupar um daqueles assentos. Era assustador e desconcertante.



Um quarteto de apóstolos, com o Élder Harold B. Lee ao piano. Da esquerda para a direita: os Élderes Mark E. Petersen, Matthew Cowley, Spencer W. Kimball e Ezra Taft Benson

Então, um radialista que tinha um programa na noite de domingo disse: ‘Agora o senhor sabe que, ao ser ordenado, é uma testemunha especial da missão do Senhor Jesus Cristo. Desejamos que faça o sermão de Páscoa no próximo domingo à noite’. Eu deveria prestar

testemunho da missão do Senhor no tocante a Sua ressurreição, Sua vida e Seu ministério, assim fui a uma sala no Edifício de Escritórios da Igreja onde poderia estar a sós e li os evangelhos, principalmente as partes relacionadas às semanas e meses finais da vida de Jesus. Durante a leitura, percebi que estava tendo uma experiência nova.

Não era mais apenas uma história; parecia que eu estava de fato presenciando os eventos que lia. E, quando fiz meu discurso e encerrei com um testemunho, disse: ‘Sou o menor entre todos os meus irmãos e desejo testificar-lhes que sei, como jamais o soube antes deste chamado, que Jesus é o Salvador deste mundo. Ele vive e morreu por nós.’ Por que eu sabia? Porque recebera o tipo de testemunho especial, a palavra segura de profecia que um homem precisa receber a fim de ser uma testemunha especial” (“Speaking for Himself: President Lee’s Stories”, *Ensign*, fevereiro de 1974, p. 18).

Pouco depois de seu chamado, ele visitou missões e bases militares em todo o mundo, fez discursos no rádio chamados “Os Jovens e a Igreja” e trabalhou diligentemente como consultor para a Primária e a Sociedade de Socorro. Organizou duas missões na América do Sul e a primeira estaca da Inglaterra.

ELE AMAVA TODAS AS PESSOAS



O Élder Harold B. Lee na Coréia, 1954

Referindo-se à noite anterior a seu chamado como apóstolo, o Élder Harold B. Lee contou: “Sei que existem poderes a serem concedidos a quem enche o coração de (...) amor. (...) Alguns anos atrás, deitado em minha cama certa noite, percebi que antes de ser digno de ocupar uma posição elevada à qual fora chamado, eu precisava amar e perdoar a todas as pessoas do mundo. E naquele momento recebi confirmação de verdades, bem como paz, direção, consolo e inspiração. Foram-me ditas coisas que haveriam de suceder e recebi impressões que eu sabia provirem de uma fonte divina” (Conference Report, outubro de 1946, p. 146).

FORAM DESENVOLVIDOS OS PRINCÍPIOS DA CORRELAÇÃO DO SACERDÓCIO

Em 1960, sob a liderança do Presidente David O. McKay, a Primeira Presidência enviou a seguinte carta ao Comitê Geral do Sacerdócio, que estava sob a direção do Élder Harold B. Lee:

“Nós, da Primeira Presidência, sentimos ao longo dos anos a necessidade de uma correlação entre os cursos de estudo propostos pelo Comitê Geral do Sacerdócio e os responsáveis pelos outros comitês das autoridades gerais para a instrução do sacerdócio da Igreja.

Sentimos também a necessidade urgente de uma correlação dos estudos entre as organizações auxiliares da Igreja. (...)

Achamos que o estudo a ser realizado pelo comitê ora constituído deve ter em mente as questões anteriores. Estamos convencidos de que se todos os currículos da Igreja tivessem por foco o propósito total de cada uma dessas organizações, isso limitaria os assuntos e conteúdos dos vários cursos das Auxiliares e contribuiria para a eficiência das próprias Auxiliares no cumprimento dos objetivos de sua criação e funcionamento.

Assim, confiamos aos irmãos do Comitê Geral do Sacerdócio o início, em espírito de oração, de um estudo e análise exaustivos desse assunto como um todo, com o auxílio e cooperação das próprias Auxiliares, a fim de que a Igreja tire o máximo proveito da devoção, fé, inteligência, habilidade e conhecimento de nossas várias Organizações Auxiliares e Comitês do Sacerdócio” (citado por Harold B. Lee em *Conference Report*, setembro—outubro de 1967, pp. 98—99).

Esses princípios revelados ficaram conhecidos mais tarde como princípios de correlação do sacerdócio. Ao serem gradualmente expostos à Igreja e sobretudo aos líderes do sacerdócio, tornou-se evidente que não se tratava apenas de um programa administrativo para facilitar a comunicação e elaborar currículos mais eficazes; o propósito do Senhor era estabelecer um programa de defesa contra os desígnios insidiosos do adversário que visavam a prejudicar e desintegrar a família e o reino de Deus.

Em 1961, o Élder Harold B. Lee foi designado responsável pelo Comitê de Correlação da Igreja. Suas



O Élder Lee com Scotty Hafen, de quatro anos, criança escolhida na campanha *March of Dimes*, 1974.

experiências anteriores tinham-lhe ensinado a magnitude de uma designação desse tipo. Com fé e coragem, reuniu-se com outros líderes e formulou um plano que previa esforços renovados no campo do bem-estar, obra missionária, genealogia, educação, ensino familiar e noite familiar. Toda a força da Igreja estava canalizada para abençoar e apoiar o lar.

O SACERDÓCIO DEVE DIRIGIR

O Élder Harold B. Lee testemunhou da orientação do Senhor no desenvolvimento de um programa de correlação na Igreja:

“Às vezes, a natureza assustadora de minha designação exigiu uma coragem quase maior do que eu possuía. Dirijo-me a vocês nesta noite com o espírito humilde, com o testemunho sincero de que o Senhor está concedendo revelações e trabalhando por meio dos canais por Ele concebidos. Nunca deixem alguém dizer a vocês, membros da Igreja, que o Senhor não está revelando, dirigindo e desenvolvendo planos necessários para concentrar todas as forças desta Igreja a fim de fazer frente às influências pérfidas que estão em ação para prejudicar, enfraquecer e destruir a Igreja e reino de Deus.

Presto-lhes meu solene testemunho de que sei que Deus está dirigindo esta obra e revelando Sua mente e vontade. A luz está brilhando e, se conseguirmos pôr o sacerdócio em ação e fazer uso de todo o seu potencial, veremos o desenvolvimento de algumas das coisas mais maravilhosas e acontecimentos esplêndidos relacionados às forças que o Senhor pode mobilizar, eventos até agora não vistos nesta dispensação” (*Conference Report*, outubro de 1962, p. 83).

“O OBJETIVO MAIOR DA CORRELAÇÃO É FORTALECER O LAR”

O Élder Harold B. Lee ensinou sobre “quatro fatores importantes (...) para desenvolver uma correlação eficaz. Primeiro, devemos perceber que o objetivo maior da correlação é fortalecer o lar e auxiliá-lo em seus problemas, fornecendo-lhe a ajuda e o socorro necessários.

Segundo, a força do sacerdócio deve ser plenamente mobilizada no que diz respeito aos deveres totais dos quóruns do sacerdócio conforme estabelecidos nas revelações.



Os Élderes Harold B. Lee e Gordon B. Hinckley no Parthenon em Atenas, Grécia, 1972

Terceiro, devemos estudar os propósitos que presidem a criação e o objetivo de cada organização auxiliar.

E quarto, a finalidade primordial de tudo o que fazemos é o estabelecimento do conhecimento do evangelho, o poder para proclamá-lo e a promoção da fé, crescimento e maior testemunho dos princípios do evangelho entre os membros da Igreja” (Conference Report, outubro de 1964, pp. 80–81).

OS PROGRAMAS DA IGREJA APÓIAM O LAR

Na conferência geral de outubro de 1967, o Élder Harold B. Lee voltou a salientar a necessidade de os vários programas da Igreja apoiarem o lar: “Inúmeras vezes, ouvimos que o lar é a base de um viver digno. Com uma ênfase renovada e extremamente necessária sobre ‘como’ vamos fortalecer o lar, não devemos perder de vista o ‘porquê’ de nosso empenho. Os programas do sacerdócio funcionam de modo a apoiar o lar; os programas auxiliares prestam um auxílio valioso. Uma liderança regional sábia pode ajudar-nos a fazer nossa parte para atingir o propósito maior de Deus, que é ‘levar a efeito a imortalidade e vida eterna do homem’ (Moisés 1:39). Tanto as revelações de Deus como o conhecimento dos homens nos mostram como o lar é fundamental para moldar a experiência de vida total de uma pessoa. Vocês devem estar impressionados que um tema constante desta conferência tenha sido a urgência de inculcar a importância de um ensino melhor e uma responsabilidade parental maior no lar. Assim, muito do que fazemos nas organizações é um mero reforço em nosso empenho para edificar as pessoas. E não devemos confundir esse aparato exterior com a essência” (Conference Report, outubro de 1967, p. 107).

ELE FOI REFINADO POR MEIO DAS TRIBULAÇÕES

Os profetas de Deus não estão imunes aos testes e provações da vida. Eles são preparados na fornalha da adversidade e do sofrimento. A vida de Harold B. Lee recebeu o polimento e refinamento que só são possíveis com o toque da mão do Mestre. Por esse processo, ele viveu experiências que foram para o seu bem e o bem do reino do Senhor. A morte de entes queridos, problemas de



Ele casou-se com Freda Joan Jensen em 17 de junho de 1963

saúde e chamados na Igreja que lhe pareciam impossíveis foram apenas algumas de suas experiências.

Fern, sua esposa amada durante trinta e nove anos, morreu em 1962. Vários meses depois, ele relatou o que aprendeu: “Em 1958, logo depois de voltar com minha doce companheira da Terra Santa, dirigi a palavra a um grupo de estudantes e abordei o tema: ‘Hoje Andei Onde Jesus Andou.’ Descrevi as estradas e ruas que percorremos naquela Terra Santa onde o Mestre viajara. Contudo, as experiências dos últimos cinco meses têm-me mostrado como minha visão do caminho seguido por Jesus era limitada naquela época. Agora, passei a entender que é apenas por meio das aflições e de uma caminhada solitária pelo vale da sombra da morte que verdadeiramente começamos a vislumbrar a senda trilhada por Jesus. Só então podemos declarar-nos próximos Dele, que deu Sua vida para que os homens vivessem” (*Building Your House of Tomorrow*, Brigham Young University Speeches of the Year [13 de fevereiro de 1963], p. 11).

Três anos depois, em 1965, o Élder Lee teve de suportar a perda de sua filha Maurine. Ele estava no Havaí, participando de conferências da Igreja, quando recebeu a notícia da grave doença da filha e, pouco depois, de sua morte. Ele falou da angústia que sentiu nessas ocasiões:

“Muitas vezes, fiquei intrigado com o brado de agonia do Mestre no Jardim do Getsêmani. ‘E, indo um pouco mais para diante, prostrou-se sobre o seu rosto, orando e dizendo: Meu Pai, se é possível, passe de mim este cálice; todavia, não seja como eu quero, mas como tu queres’ (Mateus 26:39).



O Presidente Harold B. Lee

Ao envelhecer, começo a compreender, guardando as devidas proporções, como o Mestre deve ter-se sentido. Na solidão de um quarto de hotel a 4.000 quilômetros de casa, talvez vocês um dia também venham a suplicar do fundo da alma, como eu naquele momento: ‘Ó meu Deus querido, não permita que ela morra! Eu preciso dela; sua família precisa dela.’

Nem a oração do Mestre nem a minha foram respondidas. O propósito desse sofrimento pessoal só pode ser explicado no que o Senhor disse por meio do Apóstolo Paulo:

‘Ainda que era Filho, aprendeu a obediência, por aquilo que padeceu.

E, sendo ele consumado, veio a ser a causa da eterna salvação para todos os que lhe obedecem’ (Hebreus 5:8–9).

E o mesmo se dá em nossos dias. Que Deus permita a vocês e eu aprender obediência à vontade Dele, se necessário pelo sofrimento” (Conference Report, outubro de 1965, pp. 130–131).

SUA VIDA FOI POUPADA PELA INSPIRAÇÃO

Embora nossas orações nem sempre sejam respondidas da maneira que desejamos, o Senhor conhece pessoalmente cada um de nós e tem plena consciência de nossos desafios únicos. Ao tentarmos fazer Sua vontade e obedecer a Seus mandamentos, Ele nos guiará e protegerá até o fim de nossos dias nesta Terra. O Élder Harold B. Lee relatou um exemplo de orientação e proteção que recebeu em sua vida:

“Eu gostaria por alguns instantes de externar gratidão por algo que me aconteceu anos atrás. [Março de 1967] Eu estava sofrendo com uma úlcera que piorava cada vez mais. Estávamos fazendo o *tour* de uma missão; minha esposa, Joan, e eu fomos inspirados certa manhã a voltar para casa o mais rápido possível, embora tivéssemos planejado inicialmente ficar para algumas outras reuniões.

Ao atravessarmos o país de uma ponta à outra, estávamos sentados na parte dianteira do avião. Na seção seguinte, havia alguns membros da Igreja. Em certo momento da viagem, alguém colocou a mão sobre minha cabeça. Olhei para o alto, mas não vi ninguém. O mesmo tipo de experiência voltou a acontecer antes do fim do vôo. Quem era, ou com que meios aquilo se fez, talvez eu nunca venha a saber. Só sei que eu estava recebendo uma bênção que, horas depois, eu soube ser essencial.

Assim que chegamos a casa, minha esposa, muito ansiosa, telefonou para o médico. Eram 23 h. Ele pediu para falar comigo e perguntou como eu estava. Respondi: ‘Estou muito cansado. Mas acho que vou ficar bem.. Contudo, pouco depois, sofri uma forte hemorragia. Se ela tivesse acontecido durante o vôo, eu não estaria aqui.

Sei que existem poderes divinos que vêm a nosso socorro quando não há nenhum outro auxílio a nosso dispor” (A *Liabona*, março de 1974, pp. 46–47).

SEGUIR O PROFETA PROTEGE A SANTIDADE DE NOSSO LAR

Num discurso na conferência geral de outubro de 1970, o Presidente Harold B. Lee, na época conselheiro na Primeira Presidência, comparou o fato de escapar de

uma tragédia num vôo espacial a ser guiado em segurança num mundo conturbado:

“Alguns meses atrás, milhões de pessoas esperaram com ansiedade e sem fôlego, ao lado do rádio ou da televisão, notícias sobre o vôo difícil da Apollo 13. Parecia que o mundo inteiro estava orando por um resultado significativo: o retorno em segurança à Terra de três homens corajosos.



O Presidente Harold B. Lee e o Élder Ezra Taft Benson

Quando um deles, sem conseguir conter a ansiedade, anunciou a informação desconcertante: ‘Sofremos uma explosão!’, os controladores da missão em Houston mobilizaram imediatamente todos os cientistas com formação técnica que, ao longo dos anos, tinham planejado todos os detalhes do vôo.

A segurança daqueles três homens dependia então de duas qualificações vitais: da habilidade e conhecimento dos técnicos do centro de controle da missão em Houston e da obediência estrita dos homens do módulo lunar Aquarius a todas as instruções dos técnicos que, por compreenderem os problemas dos astronautas, estavam mais capacitados a encontrar as soluções essenciais. As decisões dos técnicos tinham de ser perfeitas ou o Aquarius poderia não chegar à Terra, mas distanciar-se milhares de quilômetros.



Apoio da nova Primeira Presidência: Marion G. Romney, Harold B. Lee e N. Eldon Tanner

Esse evento dramático se assemelha de certa forma aos tempos conturbados em que vivemos. (...) Muitos ficam assustados ao verem e ouvirem acontecimentos inacreditáveis no mundo: intrigas políticas, guerras e

conflitos por todas as partes, frustrações dos pais, a luta para vencer problemas sociais que ameaçam destruir a santidade do lar, as frustrações das crianças e jovens ao enfrentarem problemas em sua fé e princípios morais.

Somente se *vocês* estiverem dispostos a ouvir e obedecer, como foi o caso dos astronautas do Aquarius, é que vocês e seus familiares serão guiados em total segurança nos caminhos do Senhor” (Conference Report, outubro de 1970, p. 113).



O Presidente Harold B. Lee

Em outro discurso nessa mesma conferência geral, o Presidente Lee disse: “A única segurança que temos como membros desta Igreja é fazer exatamente o que o Senhor disse aos santos no dia em que foi organizada a Igreja. Precisamos aprender a dar ouvidos às palavras e mandamentos que o Senhor conceder a seu profeta: ‘à medida que ele os rece-

ber, andando em toda santidade diante de mim; (...) como de minha própria boca, com toda paciência e fé’ (D&C 21:4-5). Algumas coisas exigirão paciência e fé. Talvez vocês não gostem de tudo o que as autoridades da Igreja disserem. Pode ser que isso vá de encontro a suas opiniões políticas. Talvez contradiga suas visões sociais ou interfira em parte de sua vida social. No entanto, se vocês derem ouvido a essas coisas, como se viessem da boca do próprio Deus, com paciência e fé, a promessa é: ‘[As] portas do inferno não prevalecerão contra vós; sim, e o Senhor Deus afastará de vós os poderes das trevas e fará tremerem os céus para o vosso bem e para a glória de seu nome’ (D&C 21:6)” (Conference Report, outubro de 1970, p. 152).

ELE TORNOU-SE O PRESIDENTE DA IGREJA

O Presidente Joseph Fielding Smith chamou o Élder Harold B. Lee como conselheiro na Primeira Presidência em 1970; dois anos depois, em 7 de julho de 1972, o Presidente Lee foi ordenado Presidente da Igreja. Os membros da Igreja tinham recebido sua influência durante mais de trinta anos como apóstolo e agora sentiram seu pulso firme como Presidente da Igreja. Ele referia-se ao sacerdócio como o maior poder da Terra, à família como o mais importante de nossos trabalhos, mencionava os inimigos dentro da Igreja e ensinava que a segurança dos santos reside na estrita obediência ao profeta de Deus. Como Cristo, ele tratava os

transgressores com um misto de amor e firmeza. Com amor, estendia a mão para ajudá-los a trilhar o caminho do arrependimento. Preocupava-se com as viúvas, os deficientes físicos e as pessoas solteiras.

O Élder Gordon B. Hinckley, na época membro do Quórum dos Doze Apóstolos, disse a respeito do Presidente Lee: “Lealdade a Deus e a Seu Filho, o Senhor ressurreto. Essa era a pedra preciosa e sem mácula na coroa de sua vida. Ele dizia com freqüência: ‘Nunca me considerem o cabeça desta Igreja. Jesus Cristo é que o é. Sou apenas um homem, servo Dele.’ E o Presidente Lee ensinava sobre o Senhor com extraordinária capacidade didática. Testificava Dele com um poder de persuasão quase irresistível. Um grande homem de negócios disse-lhe certa vez: ‘Creio no Senhor, mas não tenho um testemunho do Senhor vivo.’ O Presidente Lee respondeu: ‘Então o convido a apoiar-se em meu testemunho enquanto você estudar e orar, até que seu próprio testemunho seja forte o bastante para andar com as próprias pernas’” (“Harold Bingham Lee: Humility, Benevolence, Loyalty”, *Ensign*, fevereiro de 1974, p. 90).

ELE AMAVA TODOS OS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS DE TODO O CORAÇÃO E MENTE



Fotografia de J. Theodore Brandley

O Presidente Lee no Horto do Sepulcro, Jerusalém, setembro de 1972

O Presidente Harold B. Lee disse: “Eu gostaria de relatar-lhes uma pequena experiência que tive pouco depois de ser chamado como Presidente da Igreja. Na manhã seguinte, ajoelhei-me com minha esposa em humilde oração e subitamente senti no coração e mente um grande amor por mais de três milhões de pessoas de todo o mundo. Tive a impressão

de amar cada uma delas a despeito de onde vivessem ou de sua cor de pele; fossem ricas ou pobres, humildes ou grandes, instruídas ou não. De repente, senti como se todos eles me pertencessem, como se todos fossem meus irmãos e irmãs” (Conference Report, Conferência de Área do México e América Central, agosto de 1972, p. 151).

ELE DEMONSTRARA FIDELIDADE A DEUS E SEU POVO

Em seu primeiro discurso numa conferência geral como Presidente da Igreja, Harold B. Lee fez um

retrospecto de sua vida e mencionou experiências pelas quais passara que às vezes tinham sido difíceis de compreender:

“Um dia depois dessa designação, após a morte de nosso amado Presidente Smith, minha atenção voltou-se para um parágrafo de um sermão proferido em 1853 numa conferência geral pelo Élder Orson Hyde, na época membro dos Doze. Isso me fez refletir profundamente.



O Presidente Lee, com um intérprete, discursando no Olympic Hall em Munique, Alemanha

O tema desse discurso era: ‘O Homem que Guiará o Povo de Deus.’ Citarei breves trechos do sermão: ‘(...) invariavelmente, quando um homem é designado e ordenado para liderar o povo, ele já passou por provações e tribulações e se mostrou fiel perante Deus e Seu povo. Ele é digno do cargo que possui. (...) Se um homem não foi testado e não provou ser digno diante de Deus, Seu povo e os

conselhos do Altíssimo, não poderá ser chamado para liderar a Igreja e o povo de Deus. Isso nunca aconteceu, mas desde o início quem guia a Igreja é alguém que conhece o Espírito e os conselhos do Todo-Poderoso, que conhece a Igreja e é conhecido por ela’ (*Journal of Discourses*, vol. 1, p. 123).

Por conhecer a vida dos homens que me precederam, parece-me claro que cada um deles recebeu sua missão especial para sua época.

Então, de modo introspectivo e diligente, pensei em mim mesmo e minhas experiências, algo mencionado no discurso de Orson Hyde. Lembrei-me das palavras do Profeta Joseph ao caracterizar a si mesmo, e achei-as parecidas com minha própria situação. Ele disse:

‘Sou como uma enorme pedra bruta rolando de uma montanha elevada; o único polimento que recebo é quando alguma aresta entra em atrito com outro material, chocando-se com ainda mais força e velocidade contra a intolerância religiosa, intrigas sacerdotais, ciladas jurídicas, armadilhas de eruditos, jornalistas mentirosos, juizes e jurados subornados e a autoridade de governantes parciais, apoiados por turbas, blasfemadores e homens e mulheres devassos e corruptos — todo o inferno aparando as muitas arestas. Assim, hei de tornar-me uma flecha polida na aljava do Todo-Poderoso. (...)’ (ver *Ensinamentos do Profeta Joseph Smith*, pp. 295–296).

À medida que esses pensamentos percorrem minha mente, começo a compreender melhor algumas experiências de minha vida, eventos que antes eu tinha dificuldade para entender. Por vezes, eu também me senti como uma pedra bruta rolando morro abaixo, sendo aparado e polido, em minha opinião, pelas experiências, para permitir-me também vencer os obstáculos e transformar-me numa flecha polida na aljava do Todo-Poderoso.

Talvez eu também precisasse aprender obediência pelas coisas que padeci — a fim de ter experiências para meu próprio bem, de ver se eu seria aprovado em alguns dos vários testes da mortalidade” (*Conference Report*, outubro de 1972, pp. 19–20; ou *A Liabona*, maio de 1973, pp. 13–14).

OS MEMBROS DA IGREJA DEVEM PREPARAR-SE PARA O CONFLITO COM O MAL



O Presidente Harold B. Lee e o Presidente Spencer W. Kimball, na época presidente do Quórum dos Doze Apóstolos, na conferência de área de Munique, Alemanha, em agosto de 1973. Mais de 14.000 membros da Igreja de oito países europeus estiveram presentes.

O Presidente Harold B. Lee ensinou: “Os membros da Igreja de todo o mundo devem preparar-se para a luta infindável entre as forças da retidão e as do mal. (...)”

Se seguirmos a liderança do sacerdócio, o Senhor cumprirá Sua promessa contida no prefácio de Suas revelações, quando Satanás teria poder sobre seus próprios domínios. Esta foi a promessa Dele: ‘(...) o Senhor terá poder sobre seus santos e reinará em seu meio

e descera para julgar (...) o mundo’ (D&C 1:36).

Exorto veementemente todo o nosso povo a se unir sob o estandarte do Mestre, a ensinar o evangelho de Jesus Cristo com tal poder que nenhuma pessoa verdadeiramente convertida se envolva em conceitos e procedimentos duvidosos e contrários ao plano de salvação do Senhor” (*Conference Report*, outubro de 1972, pp. 63–64; ou *Ensign*, janeiro de 1973, pp. 62–63).

TEMOS SEGURANÇA AO GUARDARMOS OS MANDAMENTOS DE DEUS

O Presidente Harold B. Lee ensinou: “Estou convencido de que o maior de todos os motivos para a força desta Igreja é que seus líderes são apoiados 100

por cento por membros que guardam os mandamentos de Deus. Sem esse apoio unido, seria facilmente compreensível que a Igreja não conseguisse ir avante e fazer frente às dificuldades do dia. Conclamamos todos os membros da Igreja a guardarem os mandamentos de Deus, pois nisso reside a segurança do mundo” (Conference Report, abril de 1973, p. 10; ou *A Liabona*, outubro de 1973, p. 39).

A IGREJA É UMA DEFESA E UM REFÚGIO

Quando era membro do Quórum dos Doze Apóstolos, o Élder Harold B. Lee ensinou:

“Quase imperceptivelmente, vemos a mão do Senhor em ação em várias realizações, e considero isso a consolidação das forças do Senhor sob a direção do profeta, assim como num exército. A fim de combater as hostes do inimigo, que são superiores em número, nossas tropas, ao se oporem ao mal, devem estar unidas para defenderem-se da forma mais eficaz possível.

Estamos num programa de defesa. A Igreja de Jesus Cristo foi estabelecida na Terra hoje como ‘(...) uma defesa e um refúgio contra a tempestade e contra a ira, quando for derramada, sem mistura, sobre toda a Terra’ (D&C 115:6)” (Conference Report, setembro—outubro de 1961, p. 81).



O Presidente Harold B. Lee

Em outra ocasião, ele citou uma profecia do Presidente Heber C. Kimball, aplicando-a ao momento presente:

“O Presidente Heber C. Kimball, pouco depois da chegada dos santos aqui nas montanhas, quando alguns estavam gabando-se de terem triunfado temporariamente sobre seus inimigos, disse o seguinte: ‘(...) cremos estar seguros aqui ao sopé dos outeiros eternos, onde podemos fechar a entrada dos cânions e barrar o acesso de turbas e perseguidores, os iníquos e os vis que sempre nos atacaram com violência e nos roubaram. Mas quero dizer-lhes, meus irmãos, que chegará o

tempo em que estaremos misturados nestes vales ora pacíficos a ponto de ser difícil distinguirmos, ao olharmos para alguém, se é um santo ou um inimigo do povo de Deus. Assim, irmãos, estejam atentos à grande separação, pois haverá um grande momento em que o Senhor peneirá o joio do trigo, e muitos cairão; pois digo-lhes que há um teste, um TESTE que está para vir, e quem subsistirá? (...)

Digo-lhes que muitos de vocês verão dias em que sofrerão todas as aflições, tribulações e perseguições que forem capazes de suportar, bem como inúmeras oportunidades de mostrar sua fidelidade a Deus e Sua obra. Esta Igreja tem a sua frente muitos testes pelos quais terá de passar antes que a obra de Deus seja coroada de vitória. A fim de enfrentarem as dificuldades futuras, vocês precisarão ter um conhecimento desta obra por si próprios. As dificuldades serão de tal magnitude que o homem ou mulher que não detiver esse conhecimento ou testemunho pessoal cairá. Se vocês não tiverem o testemunho, vivam em retidão, invoquem o Senhor e não descansem até o alcançarem. Se não o fizerem, não resistirão às provações.

Lembrem-se dessas coisas, pois muitos de vocês viverão para vê-las cumprirem-se. Tempo virá em que nenhum homem ou mulher conseguirá viver com luz emprestada. Cada um terá que ser guiado por sua luz interior. Se não a tiverem, como subsistirão?” (*Life of Heber C. Kimball*, pp. 446, 449–450)” (Conference Report, outubro de 1965, p. 128).

Então, como Presidente da Igreja, ele fez a seguinte admoestação: “O maior desafio que temos hoje é ensinar os membros da Igreja a guardar os mandamentos de Deus. Nunca antes a doutrina da retidão, pureza e castidade foi tão atacada. Os padrões morais estão sendo corroídos pelas forças do mal. Não há nada mais importante para fazermos do que ensinar com a maior ênfase possível, sob a direção do Espírito do Senhor, a fim de persuadirmos o povo do mundo a viver perto do Senhor nesta hora de grande tentação” (Citado por J. M. Heslop, “President Harold B. Lee: Directs Church; Led by the Spirit”, *Church News*, 15 de julho de 1972, p. 4).

AS INFLUÊNCIAS DESTRUTIVAS DO MUNDO ESTÃO AMEAÇANDO A FAMÍLIA

Quando era membro do Quórum dos Doze Apóstolos, o Élder Harold B. Lee exortou as famílias a realizarem a noite familiar: “Foi dada maior ênfase no ensino dos filhos no lar pelos pais com o programa que chamamos de noite familiar. Não é algo novo. Esse programa foi realçado há cinquenta anos; e ao estudarmos a história, verificamos que na última carta escrita à Igreja pelo Presidente Brigham Young e seus conselheiros, os pais foram exortados a reunir os filhos com freqüência

e ensinar-lhes o evangelho no lar. Assim, a noite familiar foi incentivada desde o estabelecimento da Igreja nesta dispensação” (Conference Report, setembro—outubro de 1967, p. 101).

Tempos depois, quando o adversário intensificou suas investidas contra a família, o Presidente Lee pronunciou-se:

“Estamos vivendo tempos difíceis. Em todo o mundo, há influências que atacam o lar, os relacionamentos sagrados de marido e mulher e de pais e filhos. As mesmas influências destrutivas assediam os membros adultos solteiros da Igreja.

Como somos felizes em meio a tudo isso por termos os ensinamentos de nosso Senhor e Salvador, Jesus Cristo, o cabeça da Igreja. As palavras Dele e de Seus profetas chegam a nós para ajudar-nos a fortalecer nosso lar e trazer-lhe mais paz e felicidade.

Não há nenhum outro povo na face da Terra, do meu conhecimento, que tenha conceitos tão elevados do casamento e da santidade do lar quanto os santos dos últimos dias. Numa revelação concedida em nossos dias, o Senhor disse: ‘[O] casamento foi instituído por Deus para o homem. Portanto é legítimo que ele tenha uma esposa e os dois serão uma só carne; e tudo isto para que a Terra cumpra o fim de sua criação’ (D&C 49:15, 16).

Há, contudo, evidências inequívocas de que os mesmos perigos existentes no mundo estão também em nosso meio e buscam destruir essa instituição dada por Deus, o lar” (*Strengthening the Home* [panfleto, 1973], pp. 1–2).

O OBJETIVO DA IGREJA É AJUDAR OS SANTOS A ENFRENTAREM OS PROBLEMAS DE NOSSOS DIAS

O Presidente Harold B. Lee ensinou: “Há um objetivo maior na grandiosa organização da Igreja. (...) Trata-se de proporcionar e promover a salvação ou bem-estar espiritual, temporal e social de todos os membros do sacerdócio e das auxiliares; e se cada um desses grupos estiver motivado pelo poder e retidão dos princípios inerentes a ele, ‘eles terão o poder necessário para enfrentar todos os problemas deste



O Presidente Lee discursando no Tabernáculo de Salt Lake

mundo moderno e em mutação’ (Brigham Young)“ (*Decisions for Successful Living*, p. 211).

O MAIOR MILAGRE É A CURA DAS ALMAS DOENTES

O Presidente Harold B. Lee disse: “As Autoridades Gerais fizeram um grande apelo para socorrer aqueles que necessitam de auxílio; não apenas físico, mas também espiritual. Os maiores milagres que vejo hoje não são necessariamente a cura do corpo enfermo, mas da alma enferma, daqueles que estão doentes da alma e do espírito e que estão deprimidos e angustiados, à beira de um ataque de nervos. Estendemos a mão a essas pessoas, pois são preciosas à vista do Senhor, e não queremos que ninguém se sinta esquecido” (Conference Report, abril de 1973, p. 178).

A MORTE DE UM PROFETA

O Presidente Harold B. Lee faleceu em 26 de dezembro de 1973.

Embora sua administração como Presidente da Igreja tenha durado apenas dezoito meses, seus ensinamentos e influência nos conselhos presidentes da Igreja exerceram um impacto profundo durante décadas. Alguns sentiram que sua morte foi prematura, mas a morte de um homem de Deus nunca é prematura. Seu sucessor, o Presidente Spencer W.

Kimball, disse no funeral dele: “Uma sequóia gigante caiu e deixou um grande espaço na floresta” (“A Giant of a Man”, *Ensign*, fevereiro de 1974, p. 86).

A irmã do Presidente Lee, Verda Lee Ross, disse: “Qualquer pessoa que entrava em sua casa era um príncipe ou princesa. Ele tratava-os como realeza. Ele era um anfitrião extremamente generoso. Era difícil vê-lo de pé quando estava com um grupo, pois estava sempre ajoelhado conversando com uma criança ou curvado consolando uma pessoa idosa. Todos eram importantes para [ele]. Ele amava as pessoas — todas as pessoas” (de uma entrevista com membros da família Lee realizada pela equipe do CES College Curriculum, 6 de julho de 1978).

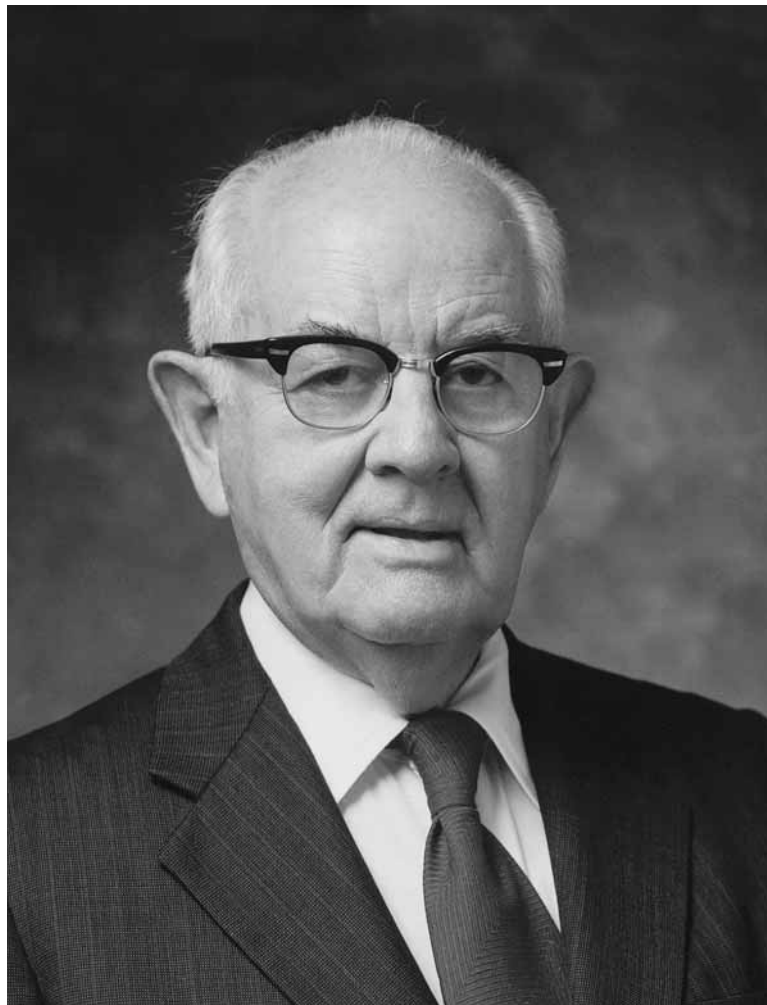


O Presidente Harold B. Lee

© Merrett Smith. REPRODUÇÃO PROIBIDA

Spencer W. Kimball

DÉCIMO SEGUNDO PRESIDENTE DA IGREJA



EVENTOS MARCANTES DA VIDA DE SPENCER W. KIMBALL

Idade Acontecimentos

Nasce em 28 de março de 1895 em Salt Lake City, Utah, filho de Andrew e Olive Woolley Kimball.

- 9 Um patriarca declara que ele trabalharia entre os lamanitas.
- 11 Morre sua mãe (1906).
- 19 Forma-se com honras na Academia Gila (1914).
- 19–21 Serve como missionário no centro dos Estados Unidos (1914–1916).
- 22 Casa-se com Camilla Eyring (16 de novembro de 1917).
- 43–48 Serve como presidente da Estaca Mount Graham (1938–1943).
- 48 É ordenado apóstolo pelo Presidente Heber J. Grant (7 de outubro de 1943).
- 51 Serve como responsável do *Church Indian Committee* (Comitê Indígena da Igreja) (1946).
- 62 Sofre de câncer na garganta; é removida uma e meia corda vocal (1957).
- 69–72 Supervisiona a obra missionária na América do Sul (1964–1967).
- 74 É publicado seu livro *O Milagre do Perdão* (1969); torna-se o presidente interino do Quórum dos Doze Apóstolos (23 de janeiro de 1970).
- 77 É designado Presidente do Quórum dos Doze Apóstolos (7 de julho de 1972).
- 78 Torna-se o Presidente da Igreja (30 de dezembro de 1973).
- 79 Dirige-se aos representantes regionais dos Doze, iniciando a expansão da obra missionária (4 de abril de 1974); dedica o Templo de Washington D.C. (19 de novembro de 1974).
- 80 Dedicar o Edifício de Escritórios da Igreja (24 de julho de 1975); quinze estacas são criadas a partir de cinco na Cidade do México, México. (9 de novembro de 1975); anúncio da construção de templos no Brasil, Japão, México e no Estado de Washington (1975).
- 81 São adicionadas duas revelações à Pérola de Grande Valor (atualmente, as seções 137 e 138 de Doutrina e Convênios; 3 de abril de 1976); os assistentes do Quórum dos Doze Apóstolos tornam-se membros do Primeiro Quórum dos Setenta (1976).
- 83 A Primeira Presidência anuncia a revelação de que todos os homens fiéis da Igreja podem receber o santo sacerdócio (8 de junho de 1978).
- 84, 86 São impressas novas edições das escrituras, com referências remissivas (1979, 1981).
- 84 Dedicar o Jardim Memorial Orson Hyde em Jerusalém (24 de outubro de 1979).
- 89 São chamadas as primeiras presidências de área (1984).
- 90 Sai uma nova edição do hinário, com mais hinos da Restauração; morre em Salt Lake City, Utah (5 de novembro de 1985).



Spencer (à direita), com um ano de idade, e sua irmã Ruth

Spencer Woolley Kimball nasceu em 28 de março de 1895 em Salt Lake City, Utah, filho de Andrew e Olive Wooley Kimball. No mês de janeiro seguinte, Utah tornou-se um estado. O Manifesto tinha cinco anos de vida, a economia estava em franca ascensão, e os santos estavam iniciando uma era de relativa calma.

ELE FOI CRIADO EM THATCHER, ARIZONA

Quando Spencer W. Kimball estava com três anos de idade, sua família mudou-se para Thatcher, Arizona. Lá, ele tinha vacas para ordenhar, hortas para capinar e casas para pintar. Ele era muito exigente consigo mesmo. Na escola, na Igreja e nos jogos, buscava sempre a excelência. Abstinha-se totalmente de qualquer coisa que poluísse o corpo. Era presidente de seu quórum de diáconos e continuou em posições de liderança, servindo em cada posição com firmeza e dedicação.

A HERANÇA DE SPENCER W. KIMBALL



Andrew Kimball, pai de Spencer W. Kimball



Olive Woolley Kimball, mãe de Spencer W. Kimball

“Como Néfi na antigüidade, [Spencer W. Kimball] pode agradecer ao Senhor por ter nascido de bons pais. Tanto seu avô paterno como seu avô materno foram colonizadores de destaque e homens de grande nobreza. Heber C. Kimball era um apóstolo do Senhor, amigo e discípulo do Profeta Joseph, conselheiro do Presidente Young e um missionário extraordinário para a Igreja; Edwin D. Woolley foi um líder de forte personalidade

em Salt Lake, um administrador de negócios para o Presidente Young e um grande bispo da Ala XIII durante quarenta anos. Seu próprio pai, Andrew Kimball, era também um homem notável. Sempre cheio de energia e devoção, como defensor do evangelho restaurado, presidiu a missão no Território Indígena durante dez anos e, nesse meio tempo, voltou algumas vezes a Salt Lake a fim de ganhar o sustento para a família. Durante vinte e seis anos e meio, de 1898 ao dia de sua morte, foi o presidente da Estaca St. Joseph de São, a estaca que, após a sugestão do Presidente John Taylor, recebera essa nome em homenagem ao Profeta Joseph. Sua capacidade para construir e organizar muito contribuiu para o desenvolvimento de um grande império agrícola no leste do Arizona. E nos anos de sua administração, a estaca que inicialmente contava com apenas algumas poucas alas perto do rio Gila passou a ter 17 alas e ramos, de Miami, Arizona, a El Paso, Texas” (Jesse A. Udall, “Spencer W. Kimball, the Apostle from Arizona”, *Improvement Era*, outubro de 1943, p. 590).

AS EXPERIÊNCIAS QUE ELE VIVEU NO INÍCIO DA VIDA O PREPARARAM PARA O SERVIÇO FUTURO



Andrew e Olive Kimball com seus filhos em 1897. Spencer está sentado no colo do pai.

Spencer W. Kimball escapou por pouco da morte em várias ocasiões: quase morreu afogado, sofreu vários acidentes, teve doenças gravíssimas e submeteu-se a diversas cirurgias. Sua filha Olive Beth Kimball Mack disse:

“Meu pai enfrentou muitas tristezas e enfermidades e teve que superar muitas dificuldades. Tudo isso serviu apenas para torná-lo uma pessoa mais forte e fazer com que sentisse maior empatia pelo próximo. (...) Ele perdeu a mãe aos onze anos de idade e, pouco depois, uma irmã mais nova. Ele escreveu o seguinte sobre essa época:

‘Veio-me à memória, como um turbilhão uma velha cena de angústia, terror, medo e desespero. Oito dos onze filhos de minha mãe estavam no quarto de nossos pais. Nossa mãe estava morta, nosso pai estava longe, nosso irmão mais velho Gordon estava sentado numa cadeira segurando nossa irmãzinha mais nova que agonizava. Nós, crianças, estávamos todas em volta da cadeira, ame-



Spencer W. Kimball (no centro), aos onze anos de idade, com os irmãos, 1906

drontadas, orando e chorando. O médico estava a quilômetros de distância. Seu cavalo e carruagem não poderiam tê-lo trazido mais cedo. Mas o que ele poderia ter feito se houvesse chegado? Parecia uma combinação de difteria e bronquite membranosa, e a pequena Rachel estava morrendo asfixiada. Aterrorizados, vimos seu corpinho lutar corajosamente em busca de ar e vida, para em seguida relaxar completamente. A dura batalha chegara ao fim. Ela perdera” (*How a Daughter Sees Her Father, the Prophet* [discurso devocional no instituto de religião de Salt Lake, 9 de abril de 1976], pp. 3–4).

Ao redigir sobre a vida desse homem extraordinário, o Élder Boyd K. Packer usou para descrevê-lo palavras do próprio Spencer W. Kimball:

“O Presidente Kimball disse certa vez: ‘Que mãe, ao olhar com ternura para seu bebê rechonchudo, não o visualiza como o presidente da Igreja ou o governante de seu país! Ao aconchegá-lo nos braços, ela o vê como estadista, líder, profeta. Alguns sonhos de fato se realizam! Uma mãe deu-nos Shakespeare, outra Michelângelo, outra Abraham Lincoln e ainda outra Joseph Smith.



Spencer W. Kimball e Clarence Naylor

(Discurso de conferência, 4 de abril de 1960).

Quando os teólogos estão vacilando e tropeçando, quando os lábios estão fingindo e os corações, vagando sem rumo e o povo está correndo “por toda parte, buscando a palavra do Senhor”, mas sem a achar — quando nuvens de erro precisam ser dissipadas e as trevas espirituais necessitam ser penetradas e os céus, abertos, nasce um bebê’

E assim veio Spencer Woolley Kimball. O Senhor cuidara desse início humilde. Ele não estava apenas preparando um homem de negócios nem um líder civil, tampouco um orador, poeta, músico ou professor — embora ele viesse a ser tudo isso. Estava preparando um pai, um patriarca para sua família, um apóstolo e profeta e um presidente para Sua Igreja” (“President Spencer W. Kimball: No Ordinary Man”, *A Liabona*, julho de 1974, p.4).

ELE TEVE PERFEITA ASSIDUIDADE NA ESCOLA DOMINICAL E PRIMÁRIA

“Desde a infância, ele era muito consciencioso em seu trabalho — nunca se contentava com nada além do melhor. Durante anos, teve um registro de perfeita assiduidade na Escola Dominical e na Primária. Certa segunda-feira, estava no campo pisando em feno para seus irmãos mais velhos quando tocou o sino da capela chamando para a Primária.

‘Preciso ir à Primária’, disse ele timidamente.

‘Não pode ir hoje; precisamos de você’, replicaram eles.

‘Bem, nosso pai me deixaria ir, se estivesse aqui’, argumentou o menino.

‘Mas ele não está’, disseram, ‘e você não vai’.



A vida na fazenda; os irmãos Kimball, Gordon, Spencer e Del, em cima de um carroção de feno perto de sua casa em Thatcher, Arizona

Os montes de feno continuaram a vir em grande quantidade, literalmente cobrindo Spencer, mas ele conseguiu adiantar bem o serviço. Pouco depois, saiu de mansinho do fundo do carroção e já estava a meio caminho da capela quando alguém se deu conta de sua ausência. Assim, seu registro perfeito de presença não foi comprometido. (...)

(...) Como Daniel do Velho Testamento, Spencer nunca praticou atos impuros. Se alguém lhe perguntasse diretamente se ele sempre observara a Palavra de Sabedoria, ele diria com modéstia que jamais tomara chá, café, bebida alcoólica nem usara tabaco” (*Udall, Improvement Era*, outubro de 1943, p. 591).

SEU PAI TEVE VISLUMBRES DA GRANDEZA FUTURA DO JOVEM SPENCER

“Aos dez anos de idade, Spencer Woolley Kimball gostava de ajudar o pai nas tarefas da fazenda. Certo dia, sentado num banco, o menino cantava com alegria ao ordenhar uma vaca. Ele estava absorto em seus próprios pensamentos no momento em que seu pai, de pé à porta do celeiro, estava conversando com um vizinho que acabara de entregar um carregamento de abóboras para os porcos.

‘Aquele menino, o Spencer, é excepcional’, disse o Presidente Kimball. [O pai de Spencer, presidente de estaca.] ‘Ele sempre se empenha para seguir minhas ordens, sejam elas quais forem. Dediquei-o para ser um dos porta-vozes do Senhor — se for essa a vontade Dele. Um dia você o verá como grande líder. Dediquei-o ao serviço de Deus, e ele se tornará um homem de poder na Igreja.’



Spencer W. Kimball (no meio da fileira da frente) na Globe Dairy, 1914

Mesmo ao ordenhar as vacas, Spencer fazia jus à fé e confiança do pai, aproveitando o tempo para ler algo com um propósito. Numa folha de papel no chão ao lado do balde de leite, anotara a letra do hino que estava cantando. Dessa forma, praticava todos os dias, com o intuito de decorar a letra dos hinos da Igreja. Ele costumava fazer o mesmo com versículos das escrituras, memorizando-os para usá-los no futuro” (“Early Prophecies Made about Mission of Elder Kimball”, *Church News*, 18 de novembro de 1961, p. 16).

QUANDO JOVEM, ELE TRAÇOU A META DE LER A BÍBLIA

Num discurso de conferência geral em 1974, o Presidente Spencer W. Kimball falou da satisfação que sentiu ao atingir uma meta que estabelecera quando jovem:



Lendo com uma lamparina a querosene

“Permitam-me relatar-lhes uma das metas que tracei ainda jovem. Quando ouvi um líder da Igreja de Salt Lake City dizer-nos na conferência que deveríamos ler as escrituras e percebi que eu nunca lera a Bíblia, naquela mesma noite depois do sermão, voltei para casa a um quarteirão de distância e subi até meu quarto no sótão da casa e acendi uma pequena lamparina a querosene que ficava numa mesinha e li os primeiros capítulos de Gênesis. Um ano depois, fechei a Bíblia, depois de ler cada capítulo desse grande e glorioso livro.

Descobri que a Bíblia que eu estava lendo tinha 66 livros e quase desisti ao verificar que havia 1.189 capítulos e 1.519 páginas. Era assustador, mas eu sabia que se outras pessoas conseguiam ler tudo aquilo, eu também o faria.

Percebi que certos trechos eram de difícil compreensão para um menino de 14 anos. Havia algumas páginas que eu não achava muito interessantes, mas quando li os 66 livros e 1.189 capítulos e 1.519 páginas, tive a satisfação triunfante de fixar uma meta e atingi-la.

Não conto essa história para vangloriar-me; uso-a simplesmente como exemplo para mostrar que se eu consegui ler toda a Bíblia à luz de um lampião, vocês podem fazê-lo com a luz elétrica. Sempre me senti grato por ter lido a Bíblia de capa a capa” (Conference Report, abril de 1974, pp. 126–127; ou *A Liabona*, setembro de 1974, pp. 36–37).

ELE ERA ESTUDIOSO E ATLÉTICO



Formatura da oitava série. Spencer W. Kimball é o segundo a partir da direita na segunda fileira.

“O jovem Spencer foi criado em Thatcher, Arizona. Ao concluir seus estudos na escola pública, ingressou

na Academia Gila, uma instituição estabelecida pela Igreja no início da colonização do vale. Tempos depois, passou a chamar-se Faculdade Gila. Em 1914, ele formou-se com honras e como presidente de sua classe. Além de suas realizações acadêmicas, ele era uma estrela na equipe de basquetebol, e seus arremessos certos de todos os pontos da quadra garantiram muitas vitórias” (Udall, *Improvement Era*, outubro de 1943, p. 591).

Muitos anos depois, deitado com insônia num leito hospitalar, o Presidente Spencer W. Kimball refletiu sobre algumas de suas experiências com o basquetebol em sua mocidade:

“Eu estava na quadra de basquetebol. Jogávamos com nosso macacão, camisa e sapatos de borracha surrados e bolas que nós próprios compráramos. Derrotamos a Escola Globe em nossa quadra de terra batida, bem como a Escola Safford e outras. Agora, naquela noite, nós, os rapazes da Academia, estávamos jogando contra a equipe da Universidade do Arizona.

Era uma grande ocasião. Havia muitos que nunca víramos antes. Alguns moradores da cidade diziam que o basquetebol era um esporte fácil, mas ainda assim havia uma grande platéia naquela noite. Nossa quadra não seguia exatamente as normas oficiais. Estávamos acostumados com ela, mas nossos adversários não. Naquela noite, eu estava com uma sorte especial para os lançamentos, e a bola entrou na cesta repetidas vezes. A partida terminou com a vitória de nossa equipe colegial sobre a universitária. Eu era o jogador mais baixo e jovem da equipe. Fiz o maior número de pontos, com a ajuda da equipe inteira que me protegeu e me passou a bola. Fui carregado nos ombros dos rapazes altos da Academia. Desfilaram comigo pelos corredores para minha consternação e constrangimento” (*One Silent Sleepless Night* [1975], p. 57).



A equipe de basquetebol da Academia Gila, 1912-1913. Spencer W. Kimball está na extrema direita.

ELE APRENDEU A FAZER AS COISAS DA MANEIRA CORRETA

Anos depois, o Presidente Spencer W. Kimball falou mais de suas responsabilidades quando jovem:

“Há o compartimento de arreios. Meu pai tem muito cuidado com os arreios. Quando não estão sobre os cavalos, devem sempre ficar pendurados. As coleiras devem estar polidas e limpas, as rédeas perfeitamente ajustadas, os



Spencer W. Kimball quando jovem

antolhos no devido lugar. Os arreios precisam ser lavados regularmente com sabão Ivory e depois lubrificados. E aprendi outra lição importante: os artigos de couro nunca devem ressecar-se, enrijecer-se ou enroscar-se.

Há a garagem. As carruagens de um ou dois assentos precisam sempre estar protegidas da chuva e do sol e limpas. Aprendo a lavar os veículos e encerá-los. Num pequeno anexo do lado direito da garagem está a graxa para os eixos e um pano. Levanto um lado da carruagem de cada vez sobre um suporte, retiro a roda, engraxo o eixo cuidadosamente, substituo a porca do parafuso e rosqueio-a para mantê-la no lugar. É preciso dar o mesmo tratamento aos carroções com a frequência necessária. E é também necessário pintá-los. Aprendi ainda muito novo a comprar e misturar tinta e passá-la no corpo principal, nas rodas e na estrutura metálica. A última camada de tinta deve ser aplicada com precisão. As cercas precisam ser todas caiadas e as grades pintadas de verde. A casa principal também precisa de pintura, e subo em escadas altas e pinto os cavaletes do telhado e os detalhes de madeira. Na primeira vez, meu pai fez a maior parte do trabalho, mas depois gradualmente entendi o que fazer, até que essa tarefa se tornou quase exclusivamente minha. E a estrebaria, o silo e o depósito de ferramentas e arreios — tudo precisa ser pintado periodicamente. Até mesmo as manjedouras” (*One Silent Sleepless Night*, p. 20).

ELE FOI UM MISSIONÁRIO DEDICADO E COMPROMETIDO

“Em certo dia de maio de 1914, ao ordenhar vacas, (...) Spencer recebeu sua carta do Departamento Missionário em Salt Lake City, chamando-o para fazer

proselitismo na Missão Suíço-Alemã. A carta, assinada por Joseph F. Smith, sexto presidente da Igreja, dizia que ele deveria partir em outubro. A Europa era uma perspectiva exótica e entusiasmante. O alemão que Spencer estudara na Academia seria um bom ponto de partida para aprender o idioma.



Ele foi chamado como missionário na Missão dos Estados Centrais em 1915.

Então, em julho, a situação na Europa mudou drasticamente. Um estudante sérvio assassinou o arquiduque Francisco Ferdinando, herdeiro do trono do Império Austro-Húngaro. Em 28 de julho, o Império Austro-Húngaro declarou guerra à Sérvia. O conflito espalhou-se rapidamente à Alemanha, Rússia, França, Bélgica e Grã-Bretanha.

Por causa da guerra na Europa, a designação missionária de Spencer foi mudada para a Missão dos Estados Centrais, cuja sede ficava em Independence, Missouri. Ele ficou decepcionado,

mas resignou-se com a mudança; essa era a área onde seu pai servira como missionário, bem como sua madrastra e seu irmão Gordon. Quando o trem atravessou os desertos do Arizona e da Califórnia e entrou em Nevada e Utah, Spencer, um élder recém-ordenado, olhou a sua frente com apreensão e pensou nas mudanças a ocorrer em sua vida, mas sentia ao mesmo tempo curiosidade e entusiasmo.

Como eram os missionários ou sua família que arcavam com as despesas da missão, Spencer vendera seu cavalo negro novo e espirituoso por 175 dólares, quantia suficiente para sustentá-lo durante seis meses. A esse montante, ele somou os salários que ganhara na leiteria. O dinheiro que ainda lhe faltava, seu pai completou. Mas esses recursos não lhe permitiam levar uma vida de luxo” (Edward L. Kimball e Andrew E. Kimball Jr., *Spencer W. Kimball* [1977], pp. 72–73).

O Élder Kimball enfrentou tristezas e desânimo ao servir como missionário. Em maio de 1915, seu pai enviou-lhe a notícia da morte de sua irmã de vinte e um anos, Ruth. Muitas pessoas não eram receptivas a sua mensagem, e as responsabilidades confiadas a ele eram enormes. Contudo, ele continuou a trabalhar com diligência.

Depois de quatorze meses no campo missionário, ele tornou-se presidente da área Saint Louis, Missouri. Era uma designação assustadora para ele. Ele era mais novo do que a maioria dos trinta e cinco missionários pelos quais ele era responsável. Contudo, sua disposição para o trabalho e sua dependência do Senhor resultaram em êxito.

Bater em portas e realizar reuniões de rua eram atividades regulares

no trabalho missionário, e o Élder Kimball tornou-se criativo em algumas de suas formas de abordar as pessoas à porta. “Anos depois, ele gostava de contar uma história sobre a inventividade ao fazer contatos. Ao bater em portas em St. Louis, viu um piano dentro de uma casa pela porta entreaberta e comentou com a mulher que estava prestes a fechá-la em sua cara: ‘A senhora tem um belo piano.’

‘Acabamos de comprá-lo’, disse a mulher, hesitante. ‘A marca dele é Kimball, não é? É também o meu sobrenome. Posso tocar uma música que talvez a senhora gostaria de ouvir.’

Surpresa, ela respondeu: ‘Claro, entre.’

Spencer sentou-se no banco, tocou e cantou: ‘Ó Meu Pai.’

Spencer nunca teve notícia de que ela se tenha filiado à Igreja, mas não foi por falta de tentativa” (Kimball and Kimball, *Spencer W. Kimball*, pp. 79–80).

O Élder Kimball gostava das reuniões de rua. “Um dos locais prediletos para ele e seus companheiros era o cruzamento das ruas Twentieth e Franklin. Embora algumas pessoas questionassem o valor dessas reuniões, o Élder Kimball nunca o fazia. Elas proporcionavam-lhe uma sensação de alegria inigualada por qualquer outra forma de proselitismo. Criaram também momentos memoráveis como a ocasião em que, ao fim de uma reunião, com ninguém à vista a não ser os missionários, o élder que dirigia a reunião anunciou: ‘Se vocês todos prestarem atenção, daremos a reunião por encerrada’ ou quando o Élder Kimball terminou um discurso no meio de uma frase ao ver que as únicas pessoas presentes eram seus três companheiros” (Francis M. Gibbons, *Spencer W. Kimball: Resolute Disciple, Prophet of God* [1995], p. 51).



O Élder Spencer W. Kimball (à esquerda) e seu companheiro, o Élder L. M. Hawkes, junho de 1915; missionários no Missouri

ELE CONHECEU UMA COMPANHEIRA ENCANTADORA



Camilla Eyring

Spencer W. Kimball terminou a missão em janeiro de 1917 e voltou para casa. No mês de agosto, fez um relato de sua missão numa conferência de estaca. Nessa conferência estava Camilla Eyring, uma jovem que já lhe fora apresentada informalmente antes de sua missão. Quatro dias depois, eles encontraram-se num ponto de ônibus.

Spencer apresentou-se de novo e eles tiveram, sentados lado a lado no ônibus, sua primeira conversa. Ele perguntou, durante o trajeto, se poderia visitar Camilla. Ela respondeu afirmativamente.

Entretanto, ela não esperava que ele fosse sem avisar. Quando ele chegou à casa dela, certa noite pouco tempo depois da viagem de ônibus, ela estava usando um quimono, tinha bobes no cabelo e preparava-se para ir a um baile com um amigo e outros conhecidos. Camilla não sabia o que fazer. Assim, sentou-se com o Sr. Kimball no pórtico para conversar. Ela esperava que a visita fosse terminar em breve, até perceber que ele não tinha a mínima intenção de ir embora.

‘Eu tinha um problema’, disse Camilla anos depois. Embora ela quisesse agradar a Spencer, já tinha um acompanhante para o baile, então tentou achar uma alternativa. Disse a Spencer que um grupo de amigos ia sair para dançar. Ele queria ir junto? Spencer, encantado com tamanha sorte, aceitou. Assim, quando Alvin chegou de carro com os outros amigos, Camilla perguntou se outro amigo poderia ir com eles. Os dois entraram no carro e Alvin demonstrou sua raiva ao pisar fundo no acelerador. Ele dirigiu, disse Camilla, ‘como se o diabo estivesse correndo atrás dele’. Quando chegaram ao baile em Layton, Alvin não estava mais com Camilla. E não dançou com ela de novo durante quinze anos. ‘Não foi muito correto de minha parte’, admitiu Camilla com humor” (Kimball e Kimball, *Spencer W. Kimball*, p. 84; ver também Gibbons, *Spencer W. Kimball*, pp. 63–64).

O relacionamento de Spencer e Camilla floresceu e eles casaram-se no dia 16 de novembro de 1917. A seguinte homenagem foi prestada a Camilla anos depois:

“Como o sucesso de um homem depende de sua esposa! O Élder Kimball foi agraciado com uma companheira encantadora, que sempre se mostrou constante, paciente, compreensiva e o incentivou. Por conhecer e ensinar a economia doméstica, ela conseguiu alimentar e vestir



Spencer e Camilla Kimball, fevereiro de 1918

bem sua família, mesmo que a renda fosse às vezes muito baixa. Camilla é filha de Edward Christian Eyring e Caroline Romney. Eles tinham saído do México e ido para o Arizona em 1912 devido à Revolução Mexicana. Foi em 1917, quando ela lecionava na Academia Gila, em Thatcher, que conheceu Spencer, e poucos meses depois o namoro levou ao casamento. Diz-se que ‘as flores transplantadas tendem a ser as mais belas’, e no caso dela, é verdade; a menina de olhos azuis e cabelos dourados e o nome espanhol, original do México, vicejou e tornou-se uma bela mulher, inteligente, instruída e influente por seus próprios méritos” (Udall, *Improvement Era*, outubro de 1943, p. 591).

OPORTUNIDADES DE LIDERANÇA PREPARARAM-NO PARA O APOSTOLADO



Spencer W. Kimball, por volta de 1933

Um ano depois de ser desobrigado da missão, aos vinte e três anos de idade, Spencer W. Kimball foi chamado como secretário da Estaca St. Joseph em Safford, Arizona. Seis anos depois, em 1924, foi apoiado também como conselheiro na presidência da estaca. Às vezes, servia em ambos os chamados. Quando a estaca foi dividida em 1938, ele foi chamado para ser o presidente da nova Estaca Mount

Graham. Cinco anos e meio depois, em 7 de outubro de 1943, depois de um quarto de século na liderança da estaca, foi ordenado apóstolo e tornou-se membro do Quórum dos Doze Apóstolos.

“O Élder Kimball possui tantas qualidades que o capacitam para a liderança na Igreja que é difícil apontar traços específicos e dizer que neles reside seu sucesso. Duas de suas características de destaque são, primeiramente, seu amor pelas pessoas, um amor que gera amor; as pessoas entusiasmam-se com seus ensinamentos; sua maneira de agir inspira confiança; o fazendeiro abastado ou o operário humilde, a dona de casa ou o rapaz ou moça na adolescência, todos têm confiança na integridade dele. Sua segunda grande virtude é a atenção cuidadosa que ele dedica a seus deveres diários. (...) Pelo seu modo de vida, o novo apóstolo parecia estar na presença de Deus em todos os momentos, e não há um único instante de sua vida atarefada em que ele tenha esquecido sua responsabilidade para com seu Criador” (Udall, *Improvement Era*, outubro de 1943, p. 639).



Andando na neve no Arizona; subindo o Monte Graham, 1938



Spencer W. Kimball, líder distrital do Rotary Club International, 1936

Spencer W. Kimball passou também vinte e cinco anos bem-sucedidos no ramo dos bancos, dos seguros e dos imóveis. Ajudou a organizar as empresas Gila Broadcasting e Gila Valley Irrigation e serviu em importantes designações de liderança nesses empreendimentos. Foi líder distrital do Rotary Club International, presidente do Rotary Club de

Safford, membro do colegiado da Faculdade de Gila, membro do Conselho dos Professores Aposentados do Arizona, vice-presidente do Conselho Roosevelt de Escoteiros, líder local da associação USO (United Services Organization), responsável pela campanha *United War Fund* no condado de Graham e mestre de cerimônias de inúmeros eventos civis e da Igreja. Como pianista e cantor, era solicitado constantemente. Por muitos anos, integrou um quarteto popular chamado “Conquistadores”.



Spencer Kimball quando presidente de estaca, 1942 (no meio da fileira da frente)

ELE SENTIU-SE PEQUENO DIANTE DE SEU CHAMADO

Na conferência geral de outubro de 1943, no dia em que foi apoiado como apóstolo, o Élder Spencer W. Kimball dirigiu-se à congregação, recordando sua designação ao Quórum dos Doze Apóstolos:

“Creio que os irmãos demonstraram grande bondade para comigo por anunciarem meu chamado no momento em que o fizeram, a fim de permitir-me fazer os ajustes necessários em meus negócios. Mas talvez eles tenham sido ainda mais inspirados por concederem-me o tempo necessário para um longo período de purificação, pois nesses longos dias e semanas meditei e orei muito e também jejeuei e orei. Havia pensamentos conflitantes em minha mente — vozes que pareciam dizer: ‘Você não é capaz de fazer o trabalho. Não é digno. Não pode’ — mas sempre terminava por vir o pensamento triunfante: ‘Você precisa realizar o trabalho designado — necessita tornar-se capaz, digno e qualificado.’ E a batalha continuava.



Retrato de família

Lembro-me de ler que Jacó lutou a noite inteira, ‘até que a alva subiu’, para receber uma bênção; e

quero dizer-lhes que durante oitenta e cinco noites vivi essa experiência, batalhando para receber uma bênção. Oitenta e cinco vezes, a aurora viu-me de joelhos orando ao Senhor para ajudar-me, fortalecer-me e pôr-me à altura desta grandiosa responsabilidade que me foi concedida” (Conference Report, outubro de 1943, pp. 15–16).

ELE TINHA UM GRANDE AMOR PELOS FILHOS DE LEÍ



“Cuidar dos filhos de Leí.” O Élder Spencer W. Kimball, o Presidente George Albert Smith, o Élder Anthony W. Ivins (de pé) e o Élder Matthew Cowley reúnem-se com um grupo de índios pouco depois que esses três apóstolos foram chamados para servir no *Church Indian Affairs Committee* (Comitê da Igreja para Questões Indígenas).

O Élder Spencer W. Kimball explicou:

“Não sei quando comecei a amar os filhos de Leí. Pode ser que isso se tenha iniciado no nascimento, pois nos anos que antecederam e sucederam minha vinda ao mundo meu pai serviu como missionário entre os índios do Território Indígena. Ele era o presidente da missão. Esse amor pode ter vindo nos primeiros anos de minha infância, quando meu pai entoava canções indígenas para nós, crianças, e nos mostrava lembranças e fotografias de seus amigos índios. Pode ser que tenha vindo de minha bênção patriarcal que me foi dada pelo Patriarca Samuel Claridge, quando eu tinha nove anos de idade. Um trecho da bênção dizia:

‘Pregarás o evangelho a muitas pessoas, mas de modo ainda mais especial aos lamanitas, pois o Senhor te abençoará com o dom das línguas e o poder de apresentar a esse povo o evangelho com grande simplicidade. Tu os verás organizarem-se e deves preparar-te para servir de defensor desse povo.’ (...)

(...) Há cerca de meio milhão de filhos de Leí nas ilhas do mar e por volta de sessenta milhões deles na América do Norte e do Sul. Em cerca de um terço dos casos, trata-se talvez de índios de linhagem pura e em dois terços, são mestiços; mas têm nas veias o sangue de Jacó.

Alguém disse:

‘Se eu tivesse o dom de emocionar as pessoas com meus escritos, redigiria um livro e o intitularia “O Índio” e faria o mundo inteiro chorar.’



O Élder Kimball com o chefe tribal Dan George

Espero ajudar a fazer o mundo inteiro chorar pelos filhos de Leí. Alguém pode conter as lágrimas ao ver a queda desse povo que passou da cultura e progresso ao analfabetismo e degradação; de reis e imperadores a escravos e servos; de proprietários de vastos continentes a pupilos indigentes de governos e serviçais — de filhos de Deus com um conhecimento do Senhor a bárbaros selvagens e vítimas de superstições e de construtores de templos a habitantes de cabanas? (...)

Como eu gostaria que vocês visitassem comigo as reservas indígenas e principalmente a dos navajos e vissem a pobreza, a carência, a miséria, e percebessem mais uma vez que eles são filhos de Deus; que esse estado de miséria é o resultado não apenas de seus séculos de guerras, pecados e irreligiosidade, mas também deve ser atribuída a nós, seus conquistadores, que os colocamos em reservas com recursos e instalações tão limitados, para morrerem de fome, subnutrição e condições insalubres, enquanto nós prosperamos com os bens que retiramos deles. Pensem nessas coisas, meu povo, e então chorem pelos índios e, com suas lágrimas, orem; então, trabalhem por eles. Somente por nosso intermédio, os ‘aios e amas’, poderão um dia desfrutar as muitas promessas feitas a eles. Se cumprirmos nossos deveres para com eles, os índios e outros filhos de Leí não de erguer-se com força e



O Élder Kimball no sudoeste dos Estados Unidos

poder. O Senhor recordará Seu convênio com eles; Sua Igreja será estabelecida no meio deles; a Bíblia e outras escrituras estarão a seu alcance; eles entrarão nos templos sagrados para receber sua investidura e realizar ordenanças vicárias; terão acesso ao conhecimento de seus pais e a um conhecimento perfeito de seu Redentor Jesus Cristo; prosperarão na terra e, com nossa ajuda, edificarão uma cidade santa, sim, a Nova Jerusalém, para seu Deus” (Conference Report, abril de 1947, pp. 144–145, 151–152).

UM APÓSTOLO É UMA TESTEMUNHA ESPECIAL DE CRISTO

“Depois de seu chamado para os Doze [o Élder Spencer W. Kimball] sofreu uma série de ataques cardíacos. Os médicos recomendaram repouso. Ele desejava estar com seus índios amados. O irmão Golden R. Buchanan levou-o à propriedade do Irmão e Irmã Polacca, nos altos montes cobertos de pinheiros do Arizona, e lá ele ficou durante semanas até seu coração melhorar e sua força voltar.

Certa manhã, ele não pôde ser encontrado. Como não voltou para o desjejum, o irmão Polacca e outros amigos indígenas começaram a busca. Encontraram-no a vários quilômetros, sentado sob um grande pinheiro com a Bíblia aberta no último capítulo do evangelho de João. Em resposta à fisionomia preocupada deles, ele disse: ‘Hoje faz seis anos que fui chamado como apóstolo do Senhor Jesus Cristo. E eu queria apenas passar o dia com Ele, de quem sou testemunha.’

Seus problemas cardíacos voltaram, mas não o impediram de trabalhar por muito tempo.” (Packer, *A Liabona*, julho de 1974, pp. 4–5).

ELE TEVE CÂNCER NA GARGANTA E NAS CORDAS VOCAIS

Em 1957, depois de vários anos de problemas com a rouquidão, o Élder Spencer W. Kimball recebeu o diagnóstico de câncer na garganta e nas cordas vocais. Os médicos disseram que ele perderia a voz, algo primordial em sua vida e serviço como apóstolo. O Élder Boyd K. Packer escreveu:



O Élder e a Irmã Kimball, pouco depois do chamado para o Quórum dos Doze Apóstolos.



O Élder Spencer W. Kimball, por volta de 1950

‘O senhor não está operando um homem como os outros’, disse o Élder Lee para o cirurgião. Depois das bênçãos e orações, foi feita uma operação menos radical do que a recomendada pelo médico inicialmente.

O período de recuperação e preparação foi longo. Quase toda a voz se foi, mas uma nova a substituiu. Uma voz serena, persuasiva, suave, aprendida, suplicante, uma voz amada pelos santos dos últimos dias.

Nesse meio tempo, ele continuou a trabalhar. Durante entrevistas, ele escrevia na máquina datilográfica respostas às perguntas e passava seu tempo no escritório.

Então, veio o teste. Ele poderia falar? Poderia pregar?

Ele voltou a sua região de origem para seu primeiro discurso após a cirurgia. Foi para o vale. Qualquer pessoa próxima dele sabe que não se trata apenas de *um* vale, mas *do* vale. Lá, numa conferência da Estaca St. Joseph, acompanhado de seu amado companheiro do Arizona, o Élder Delbert L. Stapley, ele postou-se no púlpito.

‘Voltei aqui’, disse ele, ‘para estar no meio de meu povo. Neste vale, servi como presidente de estaca.’ Talvez ele achasse que, caso falhasse, ali estaria entre pessoas que o amavam e que compreenderiam.

Houve grandes demonstrações de amor. A tensão daquele momento dramático foi atenuada quando ele continuou: ‘Preciso dizer-lhes o que aconteceu comigo. Fui para o leste do país e, durante minha estada, cortaram minha garganta. (...)’ Depois dessa introdução

“Esse talvez tenha sido seu Getsêmani.

Ele viajou para o leste dos Estados Unidos para ser operado. O Élder Harold B. Lee estava a seu lado. Ao ser preparado para a cirurgia, ele ficou angustiado com as perspectivas tão sombrias, dizendo ao Senhor que não via como poderia viver sem voz, pois seu ministério dependia dela para falar e pregar.

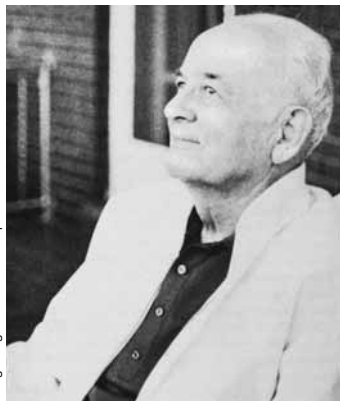


O Élder e a Irmã Kimball partindo para a América do Sul, por volta de 1959

bem-humorada, pouco importava o que mais ele viria a dizer. O Élder Kimball estava de volta!” (*A Liabona*, julho de 1974, p. 5.)

Entre amigos, ele despediu-se do passado e uma nova voz começou a ser ouvida — não mais uma voz melodiosa, mas uma voz amada e familiar, com um som tão grave quanto a mensagem por ela veiculada.

ELE SOFREU UMA CIRURGIA DE CORAÇÃO ABERTO



Fotografia gentilmente cedida por Edward L. Kimball

O Élder Kimball, pouco depois de sua cirurgia cardíaca, em 1972

Mais uma vez, as fraquezas da carne ameaçaram impedir o Élder Kimball de desempenhar o chamado para o qual ele estava sendo preparado. Seus problemas cardíacos voltaram e exigiram uma cirurgia de coração aberto para salvá-lo. Novamente, o Presidente Lee deu-lhe bênçãos, pedindo vida para o paciente e orientação para o cirurgião. Ambas as súplicas foram atendidas. Aconteceu uma recuperação rápida; um profeta foi salvo. Dois anos depois, ele tornou-se o Presidente da Igreja do Senhor, com saúde e vigor notáveis.

ELE ADVERTIU OS SANTOS SOBRE O AMOR AOS BENS MATERIAIS



O Élder Spencer W. Kimball

O Élder Spencer W. Kimball ensinou a seguinte perspectiva sobre a riqueza e a propriedade:

“Certo dia, um amigo levou-me a seu rancho. Destrancou a porta de um grande automóvel novo, segurou o volante e disse com orgulho: ‘O que acha de meu novo carro?’ Andamos naquele automóvel luxuoso e confortável por áreas rurais até chegarmos a uma bela casa nova e ajardinada, e ele disse com grande vaidade: ‘Esta é minha casa’.

Ele dirigiu-se a um campo verdejante. O sol estava pondo-se atrás dos montes longínquos. Ele contemplou seus vastos domínios. (...)

(...) Andamos em círculos para ver a distância. Ele identificou celeiros, silos, o rancho a oeste. Com um

grande gesto, vangloriou-se: ‘Daquele bosque, ao lago, ao penhasco, às casas do rancho e tudo o mais na região — tudo isso me pertence. E aqueles pontos negros no pasto — o gado — todos também são meus.’

E então perguntei de quem ele obtivera aquilo. Os documentos de propriedade revelavam concessões governamentais de terrenos. Seu advogado garantira-lhe que os títulos estavam em ordem.

‘De quem o governo recebeu tudo isso?’, perguntei. ‘O que ele que pagou por isso?’

Veio-me à mente uma frase audaciosa de Paulo: ‘Porque a terra é do Senhor e toda a sua plenitude’ (I Coríntios 10:26) (...).

Em seguida, perguntei: ‘O título veio de Deus, Criador da Terra e proprietário dela? Ele recebeu o pagamento? As terras foram vendidas, alugadas ou doadas a você? Se foi um presente, quem o ofereceu? Se foi uma venda, com que moeda ou taxa de câmbio se fez a transação? Caso se trate de aluguel, como você cuida da contabilidade?’

Então, perguntei: ‘Qual foi o preço? Com que tesouros você comprou esta fazenda?’

‘Dinheiro!’

‘Onde você conseguiu o dinheiro?’

‘Meu trabalho, meu suor, meu esforço e minha força.’

Então, indaguei: ‘Onde você conseguiu força para trabalhar e empenhar-se e suas glândulas para suar?’

Ele respondeu que era a comida.

‘E de onde vieram os alimentos?’

‘Do sol, atmosfera, solo e água.’

‘E quem trouxe esses elementos para cá?’ (...)

E meu amigo continuou a fazer tudo girar em torno de si mesmo, como que para fugir da verdade de que ele era, no máximo, um inquilino ingrato.



O Élder e a Irmã Kimball no Egito, 1960

Isso aconteceu há muitos anos. Tempos depois, vi-o em seu leito de morte cercado de móveis de luxo numa casa suntuosa. Ele tinha muitas propriedades. Fui eu que cruzei seus braços sobre o peito e fechei seus olhos.

Discursei em seu funeral e segui o cortejo até o pequeno pedaço de terra que continha seu túmulo, uma minúscula área oblonga com o comprimento de um homem alto e a largura de um homem pesado.

Ontem, vi a mesma propriedade, dourada com grãos, verde com alfafa, branca com algodão, tudo seguia seu curso sem dar a mínima importância àquele que reivindicava sua posse. Ó, homem insignificante, veja a formiga atarefada tentando debalde carregar toda a areia do mar” (Conference Report, abril de 1968, pp. 73–74).

O EVANGELHO RESOLVE PROBLEMAS



Com o Élder Boyd K. Packer (extrema esquerda)

Em 1971, o Presidente Spencer W. Kimball, na época presidente interino do Quórum dos Doze Apóstolos, ensinou que “na Terra o Senhor concedeu tudo de que o homem poderia precisar para ser feliz. (...)

Como Ele deve ficar perturbado ao olhar lá do céu, depois de dar aos homens o livre-arbítrio, e ver como usam esse dom de modo insensato; quando Ele vê centenas de milhões de pessoas passando necessidade, sem as mínimas condições de sobrevivência, ao passo que inúmeras outras possuem riquezas que nem conseguem usar.

Certamente, o propósito do Senhor não é reverter o processo e tornar os ricos pobres e os pobres ricos. Ele gostaria de ter um bom equilíbrio, no qual todos trabalhem e aproveitem dos frutos de toda a Terra. (...)

O homem pretende reduzir o número de pobres com o controle de natalidade e o aborto. O evangelho reduz a pobreza com uma melhor distribuição das riquezas do mundo, que o Senhor afirma existirem em abundância, com ‘bastante e de sobra’. ‘Os caminhos do homem não são os caminhos de Deus.’ (...)

O Senhor Jesus Cristo não veio com uma espada, chaves da prisão nem prerrogativas legais. Não veio com o poder das armas nem munição, mas com a lei da persuasão. Enquanto Ele pregava a retidão, o mundo resistia, pecava e morria na iniquidade. O evangelho é para *todos*, para *cada um* de nós. O mundo, frustrado, corrupto e moribundo, pode ser curado, mas a única forma é aplicarmos o evangelho em nossa vida. A natureza humana deve ser transformada e controlada. (...)

Estive em Lima, Peru. Vários jornalistas dos grandes veículos da imprensa me entrevistaram na casa da missão. (...) E quando a maioria deles fez suas anotações e foi embora aparentemente satisfeito, um jovem e ousado iniciante ficou para fazer-me mais perguntas. Seus questionamentos giravam em torno da poligamia, racismo, pobreza e guerra. Tentei responder de modo completo e respeitoso a suas indagações maliciosas. (...) Ele perguntou com desdém por que a Igreja ‘Mórmon’ não curava este mundo da pobreza. Então, virei-me para ele e disse algo do seguinte teor:

‘Senhor, o que está perguntando? Sabe onde nasce a pobreza, onde reside, onde é nutrida? Viajei muito por todo o seu país, do litoral às montanhas mais altas. (...) Vi a população da cordilheira lutando pela mera sobrevivência, de modo primitivo e morando em barracos paupérrimos, com alimentação limitada e em total desconforto. Em sua cidade grande, vejo mansões e palacetes, mas também numerosas casas de papelão, lata e caixas, bem como o corpo magro de seus índios do interior e dos altiplanos. Vi suas catedrais com altares de ouro e prata e seus mendigos no assoalho frio desses edifícios com os braços magros estendidos e as mãos esqueléticas em forma de concha, levantadas para as pessoas que vêm visitar ou assistir à missa. E o senhor pergunta a *mim* sobre a pobreza. Estive em muitos lugares da Cordilheira dos Andes e chorei pelos índios que ainda são perseguidos, despojados, sobrecarregados e ignorados. Eles carregam tudo nas costas: seus fardos, suas mercadorias da feira, suas compras. E quando chegam a suas cidades, vejo-os serem desprezados, ignorados e rejeitados. Faz quatrocentos anos que eles estão em seu meio. Quatrocentos anos que eles são apenas índios pobres e desvalidos. Ao longo de várias gerações, são seres humanos que mal subsistem. Durante quatrocentos anos, como os filhos de Israel no passado, eles vivem numa verdadeira escravidão. Além dessa pobreza contínua, há muitas gerações de ignorância e superstição, fome, pestilências e desastres naturais. E o senhor vem falar a *mim* de pobreza, carência, sofrimento e necessidade.

Faz quatrocentos anos que eles estão entre vocês. Os valores morais deles melhoraram, as superstições deles diminuíram, a cultura deles enriqueceu-se? Os ideais deles elevaram-se? As ambições deles cresceram? A produção deles aumentou? A fé deles aprofundou-se? O que vocês fizeram por eles?



Com o Presidente N. Eldon Tanner, conselheiro na Primeira Presidência

Eles estão em melhor situação hoje, nos Andes, do que quando vocês europeus chegaram há quatro séculos?’ (...)

Ele começou a guardar seus papéis e lápis.

Concluí:

Nós também temos índios — índios que vieram de ocas no deserto onde passavam necessidade e fome. Mas agora, numa única geração, estão bem vestidos, instruídos, servindo como missionários, adquirindo títulos universitários, ganhando um bom salário e desempenhando responsabilidades importantes na comunidade e no país” (*The Gospel Solves Problems of the World* [discurso num serão da Universidade Brigham Young, 26 de setembro de 1971], pp. 2–3, 7–8).

“QUANDO O MUNDO SE CONVERTER”



O Presidente Spencer W. Kimball e a esposa, Camilla

Spencer W. Kimball foi designado Presidente do Quórum dos Doze Apóstolos em 7 de julho de 1972. Em 30 de dezembro de 1973, após a morte do Presidente Harold B. Lee, tornou-se o Presidente da Igreja, recebendo o direito de exercer todas as chaves do reino terreno de Cristo.

Em abril de 1974, num discurso para os representantes regionais da Igreja, o Presidente

Kimball expressou de modo contundente suas convicções sobre nossas responsabilidades missionárias de seguir as ordens do Senhor quando disse: “Portanto ide, fazei discípulos de todas as nações” (Mateus 28:19).

“Ele queria dizer todas as nações existentes na época? (...)

Acham que Ele incluiu todas as nações que seriam organizadas depois? E quando Ele lhes deu o mandamento de irem pregar, acham que Ele tinha dúvidas de que isso era possível? Ele inspirou-nos confiança. Ele tinha o poder. Ele disse: ‘é-me dado todo o poder no céu e na terra’ (...) e ‘estou convosco todos os dias’. (...)

(...) [Os] profetas visualizaram os numerosos espíritos e todas as criações. Parece que o Senhor escolheu bem Suas palavras quando disse ‘todas as nações’, ‘todas as terras’, ‘os confins da Terra’, ‘todas as línguas’, ‘todos os povos’, ‘todas as almas’, ‘todo o mundo’, ‘muitas terras’.

Certamente, há um significado especial nessas palavras!

Seguramente, suas ovelhas não se limitavam às milhares de pessoas a Sua volta e com quem Ele convivia diariamente. Uma família universal! Um mandamento universal!

Irmãos, não sei se estamos fazendo tudo a nosso alcance. Será que não estamos falhando em nosso empenho para ensinar o mundo inteiro? Estamos fazendo o trabalho de proselitismo há 144 anos. Estamos preparados para alargar os passos? Para aumentar nossa visão?

Lembrem-se de que nosso aliado é nosso Deus. É Ele que está no comando. Ele fez os planos. Ele deu o mandamento” (“Ide por Todo o Mundo”, *A Liabona*, novembro de 1974, pp. 3–4).

Israel precisa ser coligada, os filhos de Leí necessitam chegar ao conhecimento do evangelho, o reino de Deus precisa expandir-se, o mundo tem de ser advertido. Não é de admirar que o profeta nos tenha exortado a alargar os passos e elevar nossa visão. O Presidente Kimball viu o resultado com os olhos da fé.



Dedicação do Jardim Memorial Orson Hyde em Jerusalém, Israel, 1979

Fotografia de Dell Van Orden, cortesia do Jornal Church News

ELE PEDIU MISSIONÁRIOS MAIS BEM PREPARADOS

O Presidente Spencer W. Kimball afirmou que todos os rapazes dignos e capazes deveriam servir como missionários:

“Quando peço mais missionários, não estou pedindo mais missionários sem testemunho e indignos. Estou pedindo que comecemos mais cedo e treinemos melhor nossos missionários em todos os ramos e alas do mundo. Esse é outro desafio — que os jovens compreendam que é um grande privilégio servir como missionários e que precisam estar bem física, mental e espiritualmente, e que o Senhor não pode ‘encarar o pecado com o mínimo grau de tolerância’.

Estou pedindo missionários que tenham sido doutrinados [ensinados] e treinados pela família e as organizações da Igreja e que cheguem à missão com um grande desejo. Estou pedindo (...) que treinemos os missionários em perspectiva muito melhor, muito mais

cedo e por muito mais tempo, a fim de que cada um deles anseie por sua missão com grande alegria. (...)

Muitos perguntam: Todos os rapazes devem servir numa missão? A resposta foi dada pelo Senhor e é afirmativa. Todos os rapazes devem servir como missionários [ver D&C 133:8; ver também D&C 63:37]. (...)

Ele não fez limitações.

A resposta é afirmativa. Todos os homens também devem pagar o dízimo. Todos devem observar o Dia do Senhor. Todos devem assistir às reuniões. Todos devem casar-se no templo e treinar adequadamente seus filhos e realizar muitas outras boas obras. É claro que devem. Nem sempre o fazem, mas devem.

Temos consciência de que, embora todos os homens devam, nem todos estão preparados a ensinar o evangelho pelo mundo afora. Um número demasiado grande de rapazes chega à idade de partir para a missão muito despreparado para a obra missionária e claro que eles não devem ser enviados. Mas todos devem ser preparados. Há muitos que têm problemas físicos que os incapacitam para a obra missionária, mas Paulo também tinha um espinho no lado. Há um número demasiado grande deles que são emocional, mental e moralmente inaptos, pois não mantiveram a vida pura e em harmonia com o espírito da obra missionária. Eles deveriam ter sido preparados. Deveriam! Mas como violaram as leis, pode ser que precisem perder o privilégio, e nisso consiste um de nossos maiores desafios: manter esses rapazes dignos. Sim, dizemos que todos os homens dignos devem assumir a responsabilidade. Que exército teríamos ensinando sobre o Cristo crucificado! Sim, eles devem ser preparados, economizando também fundos para a missão e sempre com o coração feliz para servir” (*Ensign*, outubro de 1974, pp. 7–8).



O Presidente Spencer W. Kimball

com a cirurgia para salvar sua voz. Explicou que o Senhor poupou sua voz. Disse que não era a mesma voz que ele tinha antes. Ele não podia mais cantar, como tanto gostava antes, mas tinha voz. Disse que não era uma voz bonita, mas garanto-lhes que era bela no que ensinou naquela noite. Ao falar, os jovens reagiam antes mesmo de o intérprete traduzir. Ele disse aos presentes: ‘Servir como missionário é como pagar o dízimo; vocês não são obrigados, fazem-no porque é correto. Queremos partir para o campo missionário porque é a maneira do Senhor. O Senhor não disse: “Se for conveniente, ide.” Ele disse: “*Ide* por todo o mundo” (Marcos 16:15). O Presidente Kimball explicou que as moças tinham a responsabilidade de ajudar os rapazes a permanecerem dignos e de incentivá-los a irem para a missão.



O Presidente e a Irmã Kimball com os netos, dezembro de 1974

Quando o Presidente terminou seu discurso, perguntou: ‘O Senhor não lhes deu sua voz para que pregassem o evangelho?’ Então, testificou que aprendera que sua voz e nossa voz são para declararmos o evangelho de Jesus Cristo e para testificarmos das verdades reveladas ao Profeta Joseph Smith. O Presidente Kimball ensina-nos a perspectiva correta da vida” (Conference Report, outubro de 1976, p. 103; ou *Ensign*, novembro de 1976, p. 67).

ELE EXPLICOU A RAZÃO MAIOR PARA A OBRA MISSIONÁRIA

“QUEM LHES DEU SUA VOZ?”

O Élder Rex D. Pinegar, que era membro dos Setenta, relatou o seguinte ensinamento do Presidente Spencer W. Kimball:

“Enquanto estava na Argentina em 1975 para a conferência de área, o Presidente Kimball discursou para um grande grupo de jovens. Pouco depois de começar, deixou de lado o texto preparado e contou-lhes uma experiência pessoal. Perguntou-lhes: ‘Quem lhes deu sua voz?’ Então, relatou-lhes sua experiência



A Primeira Presidência: N. Eldon Tanner, Spencer W. Kimball e Marion G. Romney, 1980

O amor do Presidente Spencer W. Kimball pela obra missionária era visível. Ele tocava com frequência nesse assunto: “Se não houvesse conversos, a Igreja definharia e morreria. Contudo, talvez o motivo maior para a obra missionária seja dar ao mundo a oportunidade de ouvir e aceitar o evangelho. As escrituras estão cheias de ordens, promessas, chamados e recompensas para o ensino do evangelho. Uso a palavra *ordem* propositalmente, pois para mim, trata-se de uma diretiva insistente da qual nós, individual e coletivamente, não podemos escapar” (*A Liabona*, novembro de 1974, p. 3).

DEVEMOS CUMPRIR NOSSA OBRIGAÇÃO MISSIONÁRIA MUNDIAL

O Presidente Spencer W. Kimball disse:

“A imensidão da obra diante de nós faz-se notar ao pensarmos na população do mundo, que se aproxima da marca dos quatro bilhões.

Não estou iludido, irmãos, para pensar que será uma tarefa fácil, sem esforço, ou que tudo se fará da noite para o dia, mas tenho fé em que podemos seguir em frente e avançar muito mais rápido do que agora. (...)

Quando aumentarmos o número de missionários das áreas organizadas da Igreja para perto de seu potencial, isto é, quando mandarmos todos os rapazes capazes e dignos da Igreja para a missão; quando todas as estacas e missões no exterior fornecerem missionários suficientes para seu país; quando usarmos nossos homens qualificados para ajudar os apóstolos a abrirem esses novos campos de trabalho; quando tirarmos o máximo proveito das descobertas de satélite e outras tecnologias e todos os meios de comunicação — jornais, revistas, televisão, rádio — com todas as suas possibilidades; quando organizarmos numerosas outras estacas que serão pontos de partida; quando reativarmos os inúmeros rapazes que ainda não foram ordenados, não foram para a missão e não se casaram; somente então seguiremos o mandamento de nosso Senhor e Mestre de ir a todo o mundo e pregar o evangelho a toda criatura” (*Ensign*, outubro de 1974, pp. 13–14).

O EVANGELHO TRIUNFARÁ

O Presidente Spencer W. Kimball afirmou:

“Se fizermos tudo a nosso alcance, e aceito minha parcela dessa responsabilidade, tenho certeza de que o Senhor nos ajudará a aplicar mais descobertas. Ele transformará o coração de reis, magistrados e imperadores e desviará rios, abrirá mares e encontrará meios para tocar o coração das pessoas. Abrirá portas e tornará o proselitismo possível. Tenho grande fé nisso.



Tempo de reflexão, 1981

Temos a promessa do Senhor de que o mal nunca conseguirá frustrar totalmente a obra que Ele ordenou que realizássemos.

‘Este reino continuará a progredir, crescer, espalhar-se e prosperar cada vez mais. Sempre que seus inimigos se propuserem a derrubá-lo, ele se tornará mais forte e extenso; em vez de diminuir, continuará a aumentar; ele se espalhará ainda mais e se tornará mais maravilhoso e proeminente entre as nações, até encher toda a Terra’

(Presidente Brigham Young, conferência de abril de 1852)“ (*A Liabona*, setembro de 1984, p. 5).

ELE ENSINOU SOBRE O MILAGRE DO PERDÃO



Jardim da família, abril de 1978

O Presidente Kimball ensinava muito o princípio do arrependimento. Seus ensinamentos influenciaram positivamente inúmeras pessoas. O Élder Boyd K. Packer reconheceu essa influência grandiosa e escreveu: “O próprio Presidente Kimball é, de certa forma, um cirurgião experiente. Não um médico, mas um doutor do bem-estar espiritual. Muitos cânceres morais foram extirpados, muitas manchas de caráter foram removidas e muitas enfermidades espirituais de um tipo ou outro foram curadas por meio de seu empenho. Algumas pessoas que estavam à beira da bancarrota espiritual foram salvas por ele. Ele escreveu um livro — que passou literalmente anos em preparação — *O Milagre do Perdão*. Muitos foram protegidos pelos conselhos que ele escreveu. Inúmeros outros

foram inspirados a pôr a vida em ordem e vivenciaram esse milagre” (*A Liabona*, julho de 1974, p. 6).

ELE ENSINOU SOBRE O ARREPENDIMENTO



Momento de estudo

O Presidente Kimball explicou:

“Às vezes é mais fácil definir o que *é* algo ao dizermos o que *não* é.

Arrepende-se é *não* repetir o pecado. É *não* rir do pecado. É *não* justificar o pecado. Arrepende-se é *não* enrijecer as artérias espirituais. É *não* minimizar a seriedade do erro.

Arrepende-se *não* é meramente parar a atividade. *Não* é ocultar o pecado para que corra e sobrecarregue o pecador. (...)

O verdadeiro arrependimento é composto por muitos elementos inter-relacionados.

O Presidente Joseph F. Smith tratou muito bem desse tema:

‘O verdadeiro arrependimento não é apenas o pesar pelos pecados e a humilde penitência e contrição perante Deus, mas envolve a necessidade de afastar-se deles, interromper todas as práticas e atos malignos, modificar totalmente a vida, passar por uma transformação vital do mal para o bem, do vício para a virtude, das trevas para a luz. Não apenas isso, mas reparar à medida do possível todo o mal causado, saldar suas dívidas e restituir a Deus e aos homens seus direitos. Esse é o verdadeiro arrependimento, e é preciso a aplicação de toda a vontade e poderes do corpo e da mente para efetuar essa gloriosa obra do arrependimento.’

Todas as pessoas precisam passar pelo verdadeiro arrependimento. Não é algo que se pode fazer por procuração. Não é algo que se pode comprar, pedir emprestado ou vender. Não há um caminho fácil para o arrependimento: pouco importa se alguém é filho do presidente, filha do rei, príncipe do imperador ou simples camponês, cada ser humano precisa arrepende-se, e seu arrependimento tem de ser pessoal, individual e humilde.

Gorda ou magra, feia ou bonita, alta ou baixa, intelectual ou sem instrução, cada pessoa precisa transformar sua própria vida por meio de um arrependimento real e humilde.



A Primeira Presidência: N. Eldon Tanner, Marion G. Romney, Gordon B. Hinckley e Spencer W. Kimball, 1982

É preciso haver consciência da culpa. Não se deve ignorá-la. Cumpre reconhecê-la, e não a justificar e racionalizar. Ela tem que receber a importância que merece. Se consistir em 10.000 talentos, não deve ser tratada como 100 centavos; se tiver 1 quilômetro de comprimento, não deve ser tratada como 5 metros ou 50 centímetros; se for uma transgressão de uma tonelada, não deve ser considerada como outra de um quilo. (...)

Arrepende-se verdadeiramente é perdoar a todos os demais. Uma pessoa não pode ser perdoada enquanto continuar a guardar rancor por outras. Ela precisa ser ‘[misericordiosa] para com [seus] irmãos; [agir] com justiça, [julgar] com retidão e [praticar] o bem continuamente (...)’ (Alma 41:14).

A transgressão deve ser abandonada. O arrependimento precisa ser genuíno, consistente e definitivo. O Senhor disse em 1832: ‘(...) segui vossos caminhos e não pequeis mais; mas à alma que pecar retornarão os pecados passados, diz o Senhor vosso Deus’ (D&C 82:7).

Uma mudança de vida temporária e momentânea não é o bastante. (...)



Com seu conselheiro, o Presidente Gordon B. Hinckley (extrema direita)

A verdadeira confissão não é apenas uma questão de revelar certos atos, mas de alcançar paz, o que não parece possível de nenhuma outra forma.

Muitas vezes as pessoas falam sobre o tempo: Quanto tempo será preciso para serem perdoadas? Quando poderão ir ao templo?

O arrependimento não está ligado ao tempo. A evidência

do arrependimento é a transformação. Precisamos verdadeiramente manter nossos valores em ordem e nossas avaliações intactas.

Certamente, devemos perceber que as penalidades para o pecado não são um desejo sádico da parte do Senhor, e é por isso que quando as pessoas se envolvem profundamente com a imoralidade e outros pecados comparáveis, é preciso a ação de tribunais com jurisdição adequada. Muitas pessoas só são capazes de se arrepender depois de sofrerem muito. Elas não conseguem dirigir os pensamentos a novos canais puros, controlar seus atos ou planejar seu futuro a contento até perderem valores que pareciam não apreciar plenamente. Portanto, para esses casos, o Senhor previu a excomunhão, a desassociação ou o estado probatório, e isso está em harmonia com o ensinamento de Alma de que não pode haver arrependimento sem sofrimento. E muitas pessoas são incapazes de sofrer sem antes tomarem consciência de seu pecado e sua culpa.



Com seu conselheiro, o Presidente Gordon B. Hinckley

Uma forma de punir uma pessoa é privá-la de seus privilégios. Assim, se um membro da Igreja for proibido de tomar o sacramento, usar seu sacerdócio, ir ao templo, pregar ou orar em qualquer uma das reuniões, isso constitui um grau de constrangimento, privação e punição. De fato, a principal pena que a Igreja pode infligir é privar os membros de seus privilégios. (...)

O verdadeiro arrependimento precisa incluir a restituição. Há pecados nos quais se pode fazer a restituição, como o roubo, mas há outros que não são passíveis de reparação, como o assassinato, o adultério ou o incesto. Um dos requisitos para o arrependimento é a obediência aos mandamentos do Senhor. Talvez poucos reconheçam que esse é um elemento importante; mesmo que uma pessoa tenha abandonado certo pecado e até o confessado ao bispo, ainda assim ela não se arrependeu caso não tenha iniciado uma vida de ação, serviço e retidão, algo indicado como imprescindível pelo Senhor: ‘(...) Aquele que se arrepender e cumprir os mandamentos do Senhor será perdoado’”

(“What Is True Repentance”, *New Era*, maio de 1974, pp. 4–5, 7).

“TODO HOMEM DA IGREJA FIEL E DIGNO PODERIA RECEBER O SANTO SACERDÓCIO”



Nigerianos entrando nas águas do batismo com o Élder Ted Cannon

Fotografia gentilmente cedida por Edwin Q. Cannon. REPRODUÇÃO PROIBIDA

“Talvez poucos acontecimentos tenham exercido maior impacto na divulgação mundial do evangelho do que a revelação de 1978, recebida pelo Presidente Spencer W. Kimball, que estendeu o sacerdócio a todos os homens dignos de todas as raças. Durante algum tempo, as autoridades gerais vinham debatendo detalhadamente esse assunto em suas reuniões regulares no templo. Além disso, o Presidente Kimball ia com frequência ao templo, principalmente aos sábados e domingos, quando podia ficar sozinho, para suplicar orientação. ‘Eu queria ter certeza’, indicou ele [ver “News’ Interviews Prophet”, *Church News*, 6 de janeiro de 1979, p. 4].

Em 1º de junho de 1978, o Presidente Kimball reuniu-se com seus conselheiros e os Doze e novamente trouxe à baila a possibilidade de conferir o sacerdócio aos irmãos dignos de todas as raças. Ele manifestou a esperança de que, de algum modo, viesse a receber uma resposta clara. O Élder Bruce R. McConkie, do Quórum dos Doze, relembra: ‘Nesse momento, o Presidente Kimball perguntou aos irmãos se desejavam externar seus sentimentos e pontos de vista a respeito do assunto em questão. Todos assim fizemos, de modo livre e fluente, por bastante tempo. Cada um declarou sua opinião e expressou o que sentia. Houve uma maravilhosa manifestação de união, concórdia e harmonia naquele conselho’ [Bruce R. McConkie, “The New Revelation on Priesthood”, *Priesthood* (1981), p. 27].

Depois de discutirem o assunto por duas horas, o Presidente Kimball pediu ao grupo que se unisse em oração formal e humildemente pediu para proferir a oração. Ele relembra:

‘Eu disse ao Senhor que se aquilo não fosse certo, que se Ele não quisesse que essa mudança ocorresse na Igreja, eu seria fiel a Sua vontade por todo o restante de minha vida e lutaria contra o mundo inteiro, se esse fosse Seu desejo.

(...) Mas essa revelação e certeza vieram a mim de modo tão claro que não havia como questioná-las.’ [“News’ Interviews Prophet”, p. 4]

O Presidente Gordon B. Hinckley estava nessa reunião histórica. Ele escreveu posteriormente: ‘Havia no recinto uma atmosfera sagrada e santificada. Para mim, era como se tivesse surgido uma conexão direta entre o trono celestial e o profeta de Deus que estava ajoelhado e suplicando ao lado de seus Irmãos. (...)

Todos os homens daquele círculo, pelo poder do Espírito Santo, receberam a mesma certeza. (...)

(...) Nenhum dos presentes àquela ocasião foi o mesmo depois. E tampouco a Igreja foi a mesma. (...)

Conseqüências sublimes e eternas para milhões de habitantes do mundo resultaram dessa manifestação. (...)

(...) Isso abriu vastas áreas do mundo para o ensino do evangelho eterno. Isso tornou possível que “todo homem (...) fale em nome de Deus, o Senhor”.

Temos motivos para regozijar-nos e louvar o Deus de nossa salvação por haver visto esse dia glorioso’ [“Priesthood Restoration”, *Ensign*, outubro de 1988, pp. 70–71]” (*Church History in the Fulness of Times*, p. 584).

A IGREJA CHOROU A PERDA DE UM GIGANTE

O Presidente Spencer W. Kimball morreu no dia 5 de novembro de 1985. Sob sua liderança, os membros da Igreja aceitaram o desafio de “alargar os passos” intensificando seu empenho na obra missionária, o trabalho do templo e todos os aspectos do evangelho. Ele serviu durante trinta anos como apóstolo antes de tornar-



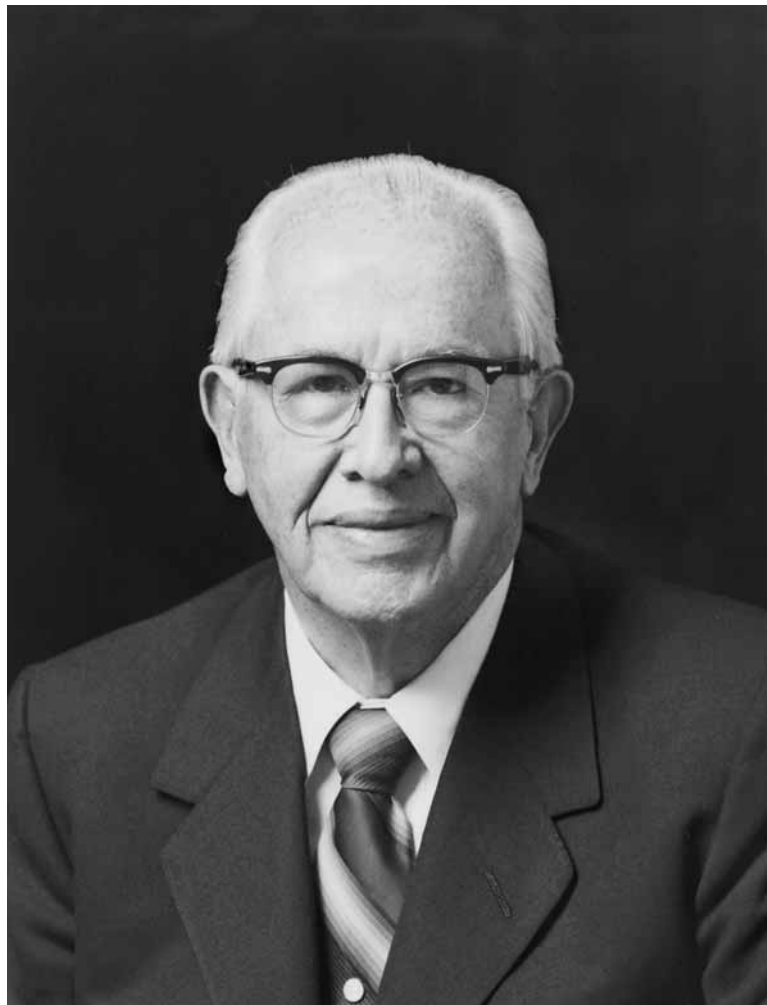
O Presidente Spencer W. Kimball

se Presidente da Igreja. Aqueles que trabalharam a seu lado mal conseguiam acompanhar seu ritmo e admiravam-no por suas muitas qualidades. Ele estabelecia padrões elevados para si mesmo e para a Igreja. Seu lema “Faça-o” motivou todos a darem o máximo de si e não procrastinarem e desperdiçarem o tempo que poderia ser usado para a edificação do reino do Senhor.

Sua vida foi um testemunho de seu conselho: “Lembrem-se de que aqueles que chegaram a posições elevadas nem sempre o fizeram com facilidade”. (*A Liabona*, março de 1975, p. 33).

Ezra Taft Benson

DÉCIMO TERCEIRO PRESIDENTE DA IGREJA



EVENTOS MARCANTES DA VIDA DE EZRA TAFT BENSON

Idade Acontecimentos

- Nasce em 4 de agosto de 1899 em Whitney, Condado de Franklin, Idaho, filho de George T. e Sarah Dunkley Benson.
- 12 Seu pai parte para servir na Missão dos Estados do Norte (8 de abril de 1912).
- 15 Começa a freqüentar a Academia da Estaca Oneida, em Preston, Idaho (1914).
- 19 Freqüenta a Faculdade Estadual de Agronomia de Utah (segundo semestre de 1918).
- 21–23 Serve na Missão Britânica (14 de julho de 1921–1923).
- 26 Forma-se em Agronomia na Universidade Brigham Young, com ênfase tanto na agricultura quanto na pecuária (primeiro semestre de 1926).
- 27 Casa-se com Flora Smith Amussen (10 de setembro de 1926); termina na Faculdade Estadual de Iowa o mestrado em Economia Agrária (13 de junho de 1927).
- 29 Torna-se agente dos serviços de extensão da Universidade de Idaho (4 de março de 1929).
- 36 Recebe uma bolsa de pesquisa e muda-se para Berkeley, Califórnia, onde inicia um programa de pós-graduação (1º de agosto de 1936).
- 39 É designado pelo Élder Melvin J. Ballard como presidente da Estaca Boise (27 de novembro de 1938); começa a servir como secretário executivo do Conselho Nacional de Cooperativas Agrícolas em Washington, D.C. (15 de abril de 1939).
- 40 É designado presidente da Estaca Washington D.C. (30 de junho de 1940).
- 44 É ordenado apóstolo pelo Presidente Heber J. Grant (7 de outubro de 1943).
- 46–47 Reabre a obra missionária e supervisiona a distribuição de artigos de primeira necessidade na Europa destruída pela guerra; serve como presidente da Missão Européia (22 de dezembro de 1945 – 22 de dezembro de 1946).
- 49 É eleito membro da Junta Executiva Nacional dos Escoteiros da América, sucedendo o Presidente George Albert Smith (23 de maio de 1949).
- 53 Assume o cargo de Ministro da Agricultura dos Estados Unidos (20 de janeiro de 1953).
- 64 É chamado pelo Presidente David O. McKay para servir como presidente da Missão Européia (18 de outubro de 1963).
- 74 Torna-se o presidente do Quórum dos Doze Apóstolos (30 de dezembro de 1973).
- 78 Recebe a Medalha George Washington da Fundação Freedoms em Valley Forge, Pensilvânia (2 de maio de 1978).
- 86 Torna-se o Presidente da Igreja (10 de novembro de 1985).
- 87 São dissolvidos os quórums de setentas das estacas (4 de outubro de 1986).
- 88 Dedicar o Templo de Frankfurt Alemanha (28 de agosto de 1987).
- 89 É organizado o Segundo Quórum dos Setenta (1º de abril de 1989); recebe o Lobo de Bronze, a mais elevada condecoração do escotismo mundial (1º de abril de 1989).
- 90 Recebe a Medalha de Cidadão Presidencial do presidente norte-americano George H. W. Bush, que se referiu a ele como “um dos americanos de maior destaque de sua época” (agosto de 1989); participa da dedicação do Templo de Portland Oregon (19 de agosto de 1989).
- 91 São criadas 29 missões (1990).
- 93 Falece sua amada esposa Flora (14 de agosto de 1992).
- 94 Morre em Salt Lake City, Utah (30 de maio de 1994).

“No meio da década de 1950, um rapaz que trabalhava em Washington, D.C., travou conhecimento com Ezra Taft Benson, na época Ministro da Agricultura. Depois de observar o ministro desempenhar seu cargo tão pesado e por vezes polêmico e procurar manter a dignidade e postura de apóstolo, esse homem perguntou ao Élder Benson como conseguia conciliar tudo. O Élder Benson respondeu algo do tipo: ‘Trabalho com o maior afinco possível e faço tudo a meu alcance. E procuro guardar os mandamentos. Então, deixo o Senhor compensar a diferença.’ Nessas poucas palavras se encerra o segredo da vida e sucesso do Presidente Benson” (Sheri L. Dew, *Ezra Taft Benson: A Biography* [1987], vii–viii).

SEU BISAVÔ ERA UM APÓSTOLO



Ezra T. Benson (1811–1869), bisavô de Ezra Taft Benson

Ezra Taft Benson recebeu o mesmo nome que seu bisavô, a quem Brigham Young chamara como apóstolo durante o êxodo para o Vale do Lago Salgado. Ele foi o primeiro apóstolo a ser chamado após a morte do Profeta Joseph Smith. Foi durante a jornada que Ezra T. foi chamado para o Quórum dos Doze. (...) O Presidente Young orientou Ezra, em parte: ‘Se aceitares esse ofício, quero que vás imediatamente a Council Bluffs, a fim de te preparares para a viagem rumo às Montanhas Rochosas.’ Ezra Benson, aos 35 anos de idade, foi ordenado apóstolo em 16 de julho de 1846 pelo Presidente Young e foi-lhe prometido que teria a ‘força de Sansão’. Quase um ano depois, ele estava na primeira companhia de pioneiros que entrou no Vale do Lago Salgado em 24 de julho de 1847. Ele discursou na primeira reunião sacramental realizada lá e depois voltou à trilha para avisar às demais companhias em deslocamento que havia sido encontrado um local para fixarem residência.

Nos anos que se seguiram, Ezra serviu em várias missões, incluindo na Europa e no Havaí, viajou para dentro e fora de Salt Lake City e desempenhou um papel primordial para colonizar a Grande Bacia, principalmente Tooele, Utah, onde trabalhou com



George T., pai de Ezra Taft Benson

madeira, e depois no vale Cache” (Dew, *Ezra Taft Benson*, pp. 6–7).

NASCE UM PROFETA



Ezra Taft Benson aos três meses de idade

“Em 19 de outubro de 1898, Sarah [Sophia Dunkley] e George [Taft Benson Jr.] casaram-se no Templo de Logan. A pequena casa que eles haviam construído e mobiliado sozinhos [a dois quilômetros e meio a nordeste de Whitney, Idaho] estava pronta para ser ocupada. Embora não fosse sofisticada, adequava-se bem para um jovem casal apaixonado. (...)

George teve sucesso ao trabalhar na lavoura e viver segundo a lei da colheita — só se colhe o que se planta. (...) Era um homem de caráter irrepreensível e que sentia que ninguém lhe devia o sustento. Sua ambição era ajudar os filhos a ajudarem a si mesmos. Sua esposa tinha qualidades semelhantes, principalmente no tocante à criação dos filhos.

Quando Sarah soube que eles seriam abençoados com seu primeiro filho, ela e George ficaram eufóricos. Oraram e planejaram juntos sobre sua família e aguardaram com ansiedade a chegada do bebê.

Em 4 de agosto de 1899, quando Sarah começou o trabalho de parto, George deu-lhe uma bênção. O Dr. Allen Cutler ocupou-se dela no quarto da casa deles na fazenda, com a presença de ambas as avós, Louisa Benson e Margaret Dunkley. O parto foi longo. Quando o bebê, um grande menino, nasceu, o médico não conseguiu fazê-lo respirar e colocou-o na cama em seguida, dizendo: ‘Não há esperança para o bebê, mas creio que podemos salvar a mãe.’ Enquanto o Dr. Cutler cuidava freneticamente de Sarah, as avós correram para a cozinha, orando em silêncio em seus esforços. Chegaram em poucos minutos com duas panelas de água: uma fria e a outra quente. De modo alternado, mergulhavam o bebê primeiro na água fria e depois na quente, até que finalmente ouviram um grito. O menino de 5 quilos e 300 gramas estava vivo! Posteriormente, ambas as avós testemunharam que o Senhor poupou a criança. George e Sarah deram-lhe o nome de Ezra Taft Benson.

“Desde quando aprendeu a andar, ‘T’, como o pequeno Ezra era chamado carinhosamente, era a sombra de seu pai — andando a cavalo, trabalhando nos campos, preparando os cavalos e carruagens para as

reuniões, jogando bola e nadando no riacho. Ele tinha plena consciência de seu legado, na condição de bisneto mais velho de Ezra T. Benson, mas também porque idolatrava seu pai e, quando menino, sentia uma segurança incomum e tinha um profundo orgulho de quem era. Anos depois, após a morte de George Benson, seu filho mais velho ouviu um dos poucos não-mórmons de Whitney dizer: ‘Hoje enterramos a maior influência positiva no vale Cache.’ Sem dúvidas, George Benson foi uma influência de valor na vida de seu filho mais velho” (Dew, *Ezra Taft Benson*, pp. 12–14).

ELE FOI CRIADO POR UMA FAMÍLIA MARAVILHOSA



Sarah Benson e seus filhos, na época em que seu marido foi chamado para a missão, em 1912. Ezra Taft Benson, com 14 anos, é o filho mais alto.

O lar dos Benson tinha uma atmosfera cálida e agradável. Os filhos sentiam que sua família era ideal, e os pais adoravam-se. A fazenda era um lugar de trabalho árduo e toda a família dividia as tarefas. Cultivar batatas, cuidar do gado, reformar a casa, consertar as máquinas e plantar beterrabas eram algumas das atividades que preenchiam seus dias.

As crianças aprendiam a trabalhar muito novas. Ezra Taft Benson “tinha apenas quatro anos de idade quando conduziu uma parelha de cavalos pela primeira vez, mas ao crescer na fazenda, suas responsabilidades tocaram cada fase da vida agrícola. Ele aprendeu o significado do trabalho e adorava-o. Como evidência de sua industriiosidade, quando tinha apenas 16 anos de idade, desbastou meio hectare de uma plantação de beterrabas num único dia. Recebeu 12 dólares pelo trabalho.

Mesmo com sua vida atarefada na fazenda e na escola, ele sempre encontrava tempo para envolver-se em esportes — seus prediletos eram o basquetebol e o beisebol. Quando menino, jogava basquetebol com o Presidente Harold B. Lee, que também foi criado em Idaho. Eram amigos de infância.

Ele freqüentou a Academia da Estaca Oneida em Preston, Idaho, e viajava de casa para a escola a cavalo

ou carruagem quando o clima estava quente; e, de tremó, no inverno” (Mark E. Petersen, “Ezra Taft Benson: ‘O Hábito da Integridade’”, *A Liabona*, julho de 1975, p. 8).

“George Benson era um homem alegre por natureza. Logo depois de acordar, exclamava: ‘Deixem entrar a luz do sol. Abram as janelas, escancarem a porta, deixem entrar a luz do sol.’ Se fazia calor, ele abria a porta da frente e então chamava os filhos — ‘Ezra, Joe, Margaret! Está na hora de trabalhar’ — e sacudia o fogão com vigor. O quarto dos meninos ficava diretamente no andar de cima, e esse era o sinal para levantarem-se. (...)

Na maioria dos sábados, eles só trabalhavam a metade do dia. Por volta das 13 h, encerravam o trabalho e a família reunia-se para as mais diferentes atividades, de corridas a pé ou a cavalo a jogos de beisebol e pequenos rodeios, onde os meninos tentavam montar em bezerros. Nadar, fazer caminhadas e participar de piqueniques eram algumas de suas atividades preferidas. Dizia-se que Sarah preparava a melhor cesta de piquenique do vale. A família Benson teve o primeiro fonógrafo da região, e os meninos tinham uma quadra de basquetebol com tabelas em ambas as extremidades e uma superfície de terra batida que George aplainou até ficar lisa e sólida. A fazenda dos Benson era um local de reunião para os jovens” (Dew, *Ezra Taft Benson*, pp. 21–22).

SEU PAI FOI CHAMADO PARA SERVIR NUMA MISSÃO



George T. Benson (na extrema direita) e seus sete filhos. Ezra está perto do pai.

“Ao passar a infância nesse ambiente — que ele depois chamou de ‘ideal’ — Ezra Taft Benson aprendeu a fazer sacrifícios para ceifar uma colheita espiritual. Ele tinha apenas 12 anos quando seu pai, George Benson, foi chamado para servir numa missão de 18 meses no centro-oeste dos Estados Unidos.

Quando ele partiu para o campo missionário, seu lar tinha sete filhos, com o oitavo a caminho. E Ezra, na condição de primogênito, teve de assumir boa parte da responsabilidade pela fazenda. Uma das lembranças mais nítidas que o Presidente Benson tinha da ausência do pai era quando sua mãe reunia a família em torno da mesa da cozinha para ouvi-la ler as cartas semanais do marido. ‘Nosso lar imbuuiu-se de um espírito da obra missionária que nunca se dissipou’, relembrou o Presidente Benson. Todos os onze filhos da família Benson serviram como missionários” (“President Ezra Taft Benson: A Sure Voice of Faith”, *Ensign*, julho de 1994, p. 10).

ELE APRENDEU MUITO COM SUAS PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS ESCOLARES

Ezra Taft Benson freqüentou a Academia da Estaca Oneida em Preston, Idaho. Era uma escola mantida pela Igreja em que as atividades diárias se iniciavam com um devocional e orações matutinas. Foi lá que ele conheceu Harold B. Lee, que estava um ano à frente dele na escola. Tornaram-se bons amigos e ambos cantaram no primeiro coral da escola. Os interesses de Ezra estavam voltados principalmente para a agricultura e a formação profissionalizante. Ele acreditava que um homem devia ser capaz de fazer qualquer conserto.

Ele contou a seguinte experiência que teve na escola secundária:

“O trajeto para ir à escola e voltar para casa era de cinco quilômetros e eu fazia-o a cavalo. Quando as condições climáticas eram ruins, às vezes era difícil chegar à aula pontualmente às 8h. Como outros meninos, muitas vezes eu deixava de ir à escola para ajudar na fazenda, principalmente no outono, até o fim da colheita, e na primavera, na época do plantio.

Além de meu pai, o outro homem que deixou a impressão mais duradoura foi um tio, Serge B. Benson. Deu-me aulas em três disciplinas diferentes. Mas acima de tudo, deu-me lições de coragem moral, física e intelectual que tentei aplicar em minha vida posteriormente. Ele reforçou a ênfase de meus pais na honestidade e na defesa da verdade a qualquer preço.

E às vezes o preço era elevado.

Certo dia, no meio de uma importante prova na escola secundária, a ponta de meu lápis quebrou-se. Naquela época, usávamos canivetes para apontar os lápis. Eu esquecera o meu e virei-me para pedir emprestado o do meu colega ao lado. O professor viu isso e me acusou de desonestidade. Quando tentei explicar-me, ele repreendeu-me e acusou-me de mentiroso; pior, proibiu-me de jogar na equipe de basquetebol na grande partida que se realizaria em breve.



Ezra Taft Benson (sentado), aos 18 anos, e seu irmão Orval, de 14 anos.

Percebi que, quanto mais eu protestava, mais zangado ele ficava. Contudo, repetidas vezes, contei-lhe com teimosia o que acontecera. Mesmo quando o treinador intercedeu por mim, o professor recusou-se a ceder. A desonra era quase maior do que eu podia suportar. Então, poucos minutos antes da partida, ele mudou de idéia, e recebi permissão para jogar.

Mas não houve alegria. Perdemos o jogo; e embora isso tenha sido doloroso, a maior dor foi sem dúvida ter sido chamado de trapaceiro e mentiroso.

Ao fazer um retrospecto, sei que essa lição foi enviada por Deus. O caráter é moldado em testes difíceis como esse.

Meus pais acreditaram em mim; foram compreensivos e incentivaram-me. Com o apoio deles, as lições de coragem do tio Serge e a consciência tranqüila, comecei a perceber que quando estamos em paz com o Criador, ainda que não consigamos ignorar totalmente as críticas, podemos ao menos seguir avante.

E aprendi outra coisa: a importância de evitar até mesmo a aparência do mal. Embora eu fosse inocente, as circunstâncias levaram-me a aparentar culpa. Como isso poderia acontecer em muitas situações da vida, tomei a resolução de manter, tanto quanto possível, até mesmo a aparência de meus atos acima de qualquer suspeita. E percebi também que, se injustiças tinham acontecido comigo, poderiam sobrevir a outras pessoas, e eu não deveria julgar seus atos com base simplesmente nas aparências” (*Cross Fire: The Eight Years with Eisenhower* [1962], p. 17).

ELE GOSTAVA DE JOGAR BASQUETEBOL

Ezra Taft Benson gostava muito de esporte, principalmente o basquetebol. Seu pai adorava esse jogo e apoiava os filhos sempre que competiam. George Benson incentivou todos os seus sete filhos homens a jogarem basquetebol. Desafiou no jornal *Franklin County Citizen* qualquer família a enfrentar a nossa no basquetebol. Ezra achou que foi uma sorte o fato de ninguém ter aceitado o desafio (ver Dew, *Ezra Taft Benson*, p. 38).

O ESCOTISMO TORNOU-SE UMA PAIXÃO QUE DUROU TODA A VIDA



Ezra Taft Benson participou do escotismo ao longo de toda a sua vida. Aqui, vemos o Presidente Benson no Encontro Nacional de Escoteiros em Moraine Park, Pensilvânia, 1977.

Ezra Taft Benson apoiou o escotismo ao longo de toda a sua vida. Recebeu as três maiores distinções do escotismo nacional: o Castor de Prata, o Antílope de Prata e o Búfalo de Prata. Ganhou também o prêmio internacional do escotismo, o Lobo de Bronze.

Ezra tinha o desejo de ser um ‘líder de meninos’ e, em 1918, teve sua primeira oportunidade formal quando o Bispo Benson chamou seu neto, Ezra, como assistente do líder da tropa de escoteiros da ala, que contava com vinte e quatro escoteiros ativos e travessos. (Algum tempo depois, ele tornou-se líder de tropa.) Ezra dedicou-se a essa designação como um veterano. Naquela época, a Associação de Melhoramentos Mútuos dos Rapazes e Moças promovia corais para os rapazes e o líder dos escoteiros tinha a responsabilidade de ensaiar com eles. Os corais cantavam não só por prazer e diversão, mas participavam também de competições. Depois de semanas de prática e incentivo da parte de Ezra, seu coral ganhou o primeiro lugar no concurso da Estaca Franklin, o que os qualificou para competir no Tabernáculo de Logan contra seis outros grupos finalistas. Foi um grande acontecimento para os meninos, que, em alguns casos, nunca tinham viajado para tão longe de casa.

Para motivar a tropa, Ezra prometeu aos meninos — ‘num momento de ansiedade ou fraqueza’, ele não sabia bem qual — que, se eles vencessem a competição, regional, ele os levaria para fazer um passeio de 57 quilômetros pelas montanhas até o lago Bear.

Na noite da competição, os coros fizeram um sorteio para determinar a ordem de apresentação. O coral de Whitney tirou o último lugar, o que prolongou sua ansiedade. Quando finalmente foram anunciados, os 24 rapazes marcharam pelo corredor até o palco enquanto

o pianista tocava a canção patriótica ‘Stars and Stripes Forever’. Ezra colocou-se entre dois bancos para reger. ‘Eles cantaram como eu nunca os ouvira cantar e claro que eu não contaria a história se não tivéssemos conquistado o primeiro lugar em Logan’, contou ele.

Promessa é dívida, e os escoteiros mal tinham sido aclamados vencedores quando se reuniram em volta de seu líder para lembrá-lo do passeio. Dias depois, numa reunião de planejamento, um escoteiro de 12 anos sugeriu com empolgação: ‘Sr. líder, eu gostaria de propor uma votação. Deveríamos todos raspar a cabeça para não precisarmos preocupar-nos com pentes e escovas durante a viagem.’ Os escoteiros mais velhos não deram sinais de entusiasmo (achavam que esse corte de cabelo afastaria as moças), mas a medida foi aprovada pela maioria — mas não sem que antes um dos escoteiros mais velhos dissesse: ‘E os líderes da tropa?’ Foi a vez de Ezra de contorcer-se.

No sábado seguinte, Ezra sentou-se na cadeira do barbeiro, sob o olhar de 24 escoteiros. Quando estava prestes a terminar de cortar o cabelo de Ezra, o barbeiro disse: ‘Se você me deixar raspar sua cabeça, corto de graça o cabelo do restante dos meninos’. Dois dias depois, 24 escoteiros e um líder de tropa careca, com seus assistentes carecas, partiram para o lago Bear. A viagem de dez dias foi ‘gloriosa apesar de tudo’. Eles pescaram, fizeram caminhadas e nadaram, e reinou sempre um espírito de camaradagem. ‘Uma das alegrias de trabalhar com os rapazes é que as recompensas são imediatas’, explicou Ezra depois. ‘Podemos observar os resultados de nossa liderança diariamente. (...) Essa satisfação não pode ser comprada por preço algum; precisa ser ganha’ [ver Ezra Taft Benson, “Scouting Builds Men”, *New Era*, fevereiro de 1975, pp. 14–18]” (Dew, *Ezra Taft Benson*, pp. 42–44).

ELE FOI CHAMADO PARA SERVIR COMO MISSIONÁRIO NA INGLATERRA



REPRODUÇÃO PROIBIDA

Durante sua missão nas Ilhas Britânicas, 1921–1923

No início da década de 1850, quando muitos dos santos estavam mudando-se para a Baía do Grande Lago Salgado, os missionários na Grã-Bretanha estavam tendo grande sucesso. Naquela época, o número de membros da Igreja no Reino Unido era o dobro do existente nos Estados Unidos. Muitos dos conversos britânicos acabaram imigrando para a

América e fixando residência no Oeste. Contudo, no início dos anos 1900, opositores da Igreja tinham criado um ambiente hostil que tornava difícil o trabalho missionário na Grã-Bretanha. Filmes e publicações da época mostravam os mórmons como pessoas enganadoras e imorais.

Em 1921, Ezra Taft Benson foi chamado para servir como missionário na Inglaterra. Em 1922, o Élder David O. McKay, na época membro do Quórum dos Doze Apóstolos, foi chamado como o presidente da missão local e viu que a Inglaterra estava cheia das piores calúnias contra a Igreja. Foi nessa atmosfera que serviu o Élder Benson.

“Uma série de frases curtas em seu diário dá mostras das dificuldades [enfrentadas pelo Élder Benson]: ‘Insultado por uma jovem de 18 anos (...) ao fazer contatos entre os ricos — foi uma boa experiência, apesar da amargura deles’; ‘temos detetives em nosso encalço no momento’; ‘dois ministros estão vigiando-nos ao batermos em portas. Ah! Chuva e neve’. Em algumas casas de pessoas abastadas, eram as empregadas que costumavam abrir a porta, e algumas acusavam depois os missionários de tentar seduzi-las. Certa noite, foi realizada uma palestra antimórmon, ‘Nos Bastidores do Mormonismo’, enquanto os santos estavam fazendo uma reunião da Mutual para os jovens. ‘A cidade estava em alvoroço por causa dos mórmons. Uma vasta assembléia votou para expulsar-nos do município, escreveu Ezra em 30 de março de 1922. Ele redigiu uma réplica para o jornal *Cumberland News* a fim de denunciar as mentiras publicadas sobre o mormonismo.

Apesar da rejeição das pessoas, Ezra não perdia o senso de humor (‘Ao bater em portas, fui expulso apenas duas vezes’) e a perspectiva (‘Ao andarmos pela rua, as crianças gritam: “Mórmons!” Mas graças ao Senhor que sou mesmo’). Entretanto, as condições continuaram a piorar a ponto de os missionários precisarem até pedir proteção policial. Em abril de 1922, ao tentar alugar um salão para uma reunião, Ezra lamentou: ‘Procuramos um local em vão, sem sucesso algum. O mundo parece hostil à obra do Senhor.’

A despeito da oposição, algumas coisas positivas resultaram das atitudes dos inimigos da Igreja. O jornal *Millennial Star*, ao fazer referência a uma reunião realizada em Grimsby, Inglaterra, em 31 de março de 1922, observou: ‘A opinião unânime era que as consequências positivas eram maiores do que as negativas. Todas as reuniões da Igreja contam com mais pessoas do que em todos os anos anteriores e estamos conquistando muitos novos amigos’” (Dew, *Ezra Taft Benson*, p. 58).



Missionários nas Ilhas Britânicas. O Élder Ezra Taft Benson está sentado na extrema direita, ao lado de seu presidente de missão, David O. McKay, e da Irmã McKay, 1922.

ELE CASOU-SE COM FLORA AMUSSEN, SUA COMPANHEIRA POR TODA A VIDA

Ezra Taft Benson casou-se com Flora Smith Amussen em 10 de setembro de 1926 no Templo de Salt Lake. Ela era filha de um pioneiro que imigrara da Dinamarca. Ele era joalheiro e relojoeiro. Alguns dos amigos de Ezra achavam que ele não tinha a menor chance de namorá-la. Ele contou que “estava passando um fim de semana



Flora Amussen Benson

com amigos em Logan, Utah, quando viu sua futura noiva pela primeira vez. ‘Estávamos perto de uma leiteira quando uma jovem muito atraente passou em seu carro a caminho do estabelecimento para comprar leite’, escreveu ele depois. ‘Quando os rapazes acenaram para ela, ela também acenou. Perguntei: “Quem é aquela jovem?” Eles responderam: “É a Flora Amussen.” Eu disse a eles: “Sabem, acabo de ter a impressão de que vou casar-me com ela.”’

Seus amigos riram e replicaram: ‘Ela é sofisticada demais para um rapaz da roça’. O jovem Ezra disse simplesmente: ‘Isso torna tudo ainda mais interessante.’

Depois de um ‘período maravilhoso de namoro’, ele foi chamado para servir como missionário na Grã-Bretanha. Flora formara-se na Academia Brigham Young (que oferecia um currículo de ensino secundário de 1909 até fechar em 1926) e logo frequentaria a Faculdade Estadual de Agronomia de Utah (atualmente, a Universidade Estadual de Utah).



Caminhando no Monte Timpanogos, em Utah, 1926. Ezra está no centro.

‘Quando voltei, retomamos o namoro’, relatou o Presidente Benson. ‘Então, para minha grande surpresa, a Flora recebeu o chamado missionário para as Ilhas Havaianas. Fiquei muito satisfeito ao vê-la ter essa chance de servir. Ela viu nisso a oportunidade de eu formar-me na faculdade.’

O Irmão Benson formou-se na Universidade Brigham Young em 1926, o mesmo ano em que a Irmã Benson terminou sua missão. Eles casaram-se quando ela

voltou, e o casal mudou-se para Ames, Iowa, onde o Presidente Benson recebera uma bolsa de estudos de 70 dólares por mês para estudar agronomia na Faculdade Estadual do Iowa (atualmente, Universidade Estadual do Iowa).

Depois de terminar a pós-graduação e receber o título de mestre em 1929, o Irmão Benson mudou-se com Flora para uma fazenda de 33 hectares perto de Whitney, Idaho. O Irmão Benson tornou-se consultor agrícola municipal, economista de serviços de extensão e especialista de marketing para a Universidade de Idaho” (“President and Sister Benson Celebrate 60th Wedding Anniversary”, *Ensign*, novembro de 1986, p. 99).



Formatura na Universidade Brigham Young, 1926

ELE QUERIA AJUDAR OS AGRICULTORES

“Ezra Taft [Benson] voltou para Whitney [Idaho] com um título de mestre e o forte desejo de ajudar outros agricultores a aperfeiçoar sua atividade. Ele auxiliou tanto, de fato, que seus vizinhos nomearam-no agente de extensão agrícola do município.



Ezra Taft Benson com os filhos, Boise, Idaho, fim da década de 1930

Nos quinze anos seguintes, seu trabalho na agricultura e na Igreja aumentou em magnitude e influência. Aos 31 anos de idade, foi para Boise, onde trabalhou como economista agrário e especialista de marketing para a Universidade de Idaho e fundou um conselho de cooperativas agrícolas. Em Boise, serviu também como superintendente da AMM da estaca, conselheiro na

presidência da estaca e presidente de estaca. Aos 39 anos, foi-lhe proposto um emprego em Washington, D.C., como secretário executivo de uma organização nacional que representava mais de dois milhões de fazendeiros e 4.600 cooperativas agrícolas. Ele só aceitou esse posto depois de garantirem-lhe que não teria de fazer *lobby* em coquetéis ou nenhum tipo de concessão em seus valores e padrões. Aos 40 anos, estava servindo como presidente de estaca pela segunda vez — dessa vez, na recém-formada Estaca de Washington, D.C” (“President Ezra Taft Benson”, *Ensign*, julho de 1994, pp. 12–13).

Quando ele trabalhou como economista agrário e especialista de marketing para a Universidade de Idaho, “observou situações que não faziam sentido — fazendeiros que cultivavam grãos, mas economizavam muito para comprar cereais industrializados e caros para os filhos; que compravam as frutas que a família consumia em vez de plantá-las nas partes inutilizadas de suas terras; que deixavam equipamentos caros ao ar livre para enferrujar no inverno. Ele chorou com homens cujas propriedades pertenciam à família havia décadas e que não conheciam nenhuma atividade além da agricultura, mas que não tinham mais meios financeiros para permanecer no ramo.

Depois de fazer um primeiro *tour* pelo estado, Ezra adquiriu ainda mais gratidão pelo conselho do Profeta Joseph Smith que preconiza que se deve ensinar aos homens princípios corretos e depois permitir que governem a si mesmos. ‘Eu tinha uma filosofia firme’, disse Ezra. ‘Não podemos ajudar as pessoas permanentemente fazendo por elas o que podem e devem fazer por si mesmas. Precisei ajudá-las a andar com as próprias pernas’” (Dew, *Ezra Taft Benson*, p. 107).

ELE FOI CHAMADO AO APOSTOLADO



Os Élderes Spencer W. Kimball e Ezra Taft Benson foram apoiados ao Quórum dos Doze Apóstolos em outubro de 1943.

“Em 26 de julho de 1943, a verdadeira vocação de Ezra Taft Benson de servir no reino tornou-se uma atividade em tempo integral quando o Presidente Heber J. Grant o chamou para ser o mais novo membro do Quórum dos Doze. Ele foi designado em 7 de outubro do mesmo ano, no mesmo dia que o Élder Spencer W. Kimball, a quem ele viria a suceder como presidente [da Igreja]” (“President Ezra Taft Benson”, *Ensign*, julho de 1994, p. 14).

No dia 26 de julho, Ezra recebeu um telefonema chamando-o para reunir-se com o Presidente Grant “em sua casa de veraneio num cânion próximo. (...)

(...) Ezra foi conduzido imediatamente ao quarto do Presidente Grant, onde o profeta idoso estava repousando. A pedido do presidente, Ezra fechou a porta e aproximou-se dele, sentando-se numa cadeira perto da cama. Com as duas mãos, o Presidente Grant tomou a mão direita de Ezra e, com lágrimas nos olhos, disse com simplicidade: ‘Irmão Benson, de todo o coração, dou-lhe meus parabéns e oro para que Deus o abençoe. Você foi escolhido como o mais novo membro do Conselho dos Doze Apóstolos.’

A fisionomia de Ezra refletiu o grande choque decorrente da notícia. Ele ficou totalmente desorientado, pois não pressentira aquele chamado. Posteriormente, escreveu sobre seus sentimentos: ‘A notícia parecia-me inacreditável, desestabilizante. (...) Por vários minutos, [eu] só conseguia repetir: “Mas Presidente Grant, não pode ser!” Devo ter dito essa frase inúmeras vezes antes de conseguir pôr os pensamentos em ordem o suficiente para dar-me conta do ocorrido. (...) Ele segurou minha mão por bastante tempo, enquanto ambos chorávamos. (...) Ficamos juntos por mais de uma hora e, durante a maior parte



Élder Ezra Taft Benson

desse tempo, ficamos de mãos dadas, calorosamente. [Embora ele estivesse] debilitado fisicamente, sua mente estava lúcida e alerta e fiquei profundamente impressionado com seu espírito doce, bondoso e humilde enquanto ele parecia perscrutar minha alma.

Sentia-me tão fraco e indigno que as palavras de consolo e confiança que ele me dirigiu em seguida foram particularmente bem-vindas. Entre outras coisas, ele disse: “O Senhor tem uma maneira de magnificar os homens que são chamados para uma posição de liderança.” Quando em minha fraqueza consegui dizer que amava a Igreja, ele respondeu: “Sabemos disso, e o Senhor quer homens que dão tudo por Sua obra.”

Ele falou das deliberações de uma reunião especial da Primeira Presidência e dos Doze duas semanas antes e que as discussões relativas a mim tinham sido entusiasticamente unânimes. (...) Estou confiante de que é somente [por meio] das ricas bênçãos do Todo-Poderoso que isso pode realizar-se.’

O Presidente Grant pediu a Ezra que assistisse à conferência geral de outubro, quando seria apoiado e ordenado. Disse-lhe também que seu avô e outros progenitores fiéis estavam regozijando-se com esse chamado de um descendente ao apostolado.” (Dew, *Ezra Taft Benson*, pp. 174–175).

ELE SAIU EM MISSÃO PARA AJUDAR OS SANTOS DA EUROPA QUE ESTAVAM SOFRENDO



O Élder Benson e Max Zimmer num depósito da Cruz Vermelha Internacional em Genebra, Suíça, vistoriando suprimentos a serem enviados para os santos na Europa, 1946.

“Em dezembro de 1945, o Élder Benson recebeu a designação de presidir a Missão Européia depois da II Guerra Mundial. Sua tarefa específica era reabrir missões em toda a Europa e distribuir alimentos, roupas e cobertores para os santos em dificuldades.

Numa missão de amor que durou quase 11 meses, o Élder Benson viajou mais de 95 mil quilômetros pela Alemanha, Polônia,

Tchecoslováquia e Escandinávia — muitas vezes numa temperatura congelante em trens e aviões sem aquecimento. Com o otimismo que lhe era peculiar, ele organizou um grupo musical com seus companheiros de viagem, que chamou de ‘K-Ration Quartet’, a fim de passar melhor, com o auxílio da música, as horas entediadas e desconfortáveis de deslocamento.

Em inúmeras ocasiões, quando parecia impossível receber permissão para entrar em países arrasados pela guerra para distribuir alimentos e outros artigos de primeira necessidade, o Élder Benson invocava o Senhor, para que abrisse o caminho. Uma após outra, as barreiras caíram, e milhares de toneladas de suprimentos de bem-estar da Igreja foram enviadas aos santos da Europa. Durante essa missão, o Élder Benson também dedicou a Finlândia para a pregação do evangelho.



A destruição deixada pela II Guerra Mundial, 1946

Em escolas e capelas bombardeadas, o Élder Benson reuniu-se com santos que tinham perdido a casa, a família e a saúde — tudo exceto sua devoção ao evangelho. As cenas de fome e destruição nunca se apagaram da memória do Presidente Benson, tampouco o rosto e a fé de seus amados irmãos europeus, acerca dos quais ele continuou a falar com frequência ao longo de sua vida. Dezoito meses mais tarde, o Élder Benson presidiu novamente as missões européias, dessa vez com sede em Frankfurt, Alemanha. Ele sempre se alegrava de modo especial ao ver estacas, missões e templos serem estabelecidos na Europa” (“President Ezra Taft Benson”, *Ensign*, julho de 1994, p. 14).



O Élder Benson e um grupo de santos na Polônia, 1946

Em agosto de 1946, “o Élder Benson tomou conhecimento de que o Élder Alma Sonne, assistente dos Doze, fora chamado para sucedê-lo na Europa. A notícia era inesperada. Ele planejara ficar na Europa por mais seis meses e achava que ainda havia muito trabalho a fazer. Contudo, alegrou-se ao poder ir para casa. Num momento raro de reflexão, ele admitiu que os meses

anteriores tinham sido ‘um pouco difíceis e penosos, mas o Senhor [o] sustivera de modo extraordinário’.

Contudo, como a notícia da mudança viera de maneira tão repentina, o Élder Benson ficou a perguntar-se se desempenhara suas atividades de modo aceitável. Então, uma experiência incomum acalmou seus temores e ele registrou-a em seu diário: ‘Ontem à noite, num sonho, tive o privilégio de passar o que me pareceu uma hora com o Presidente George Albert Smith em Salt Lake. Foi uma experiência impressionante e que trouxe grande satisfação a minha alma. Conversamos intimamente sobre a obra grandiosa na qual estávamos envolvidos e sobre minha família dedicada. Senti o calor de seu abraço enquanto ambos derramávamos lágrimas de gratidão pelas ricas bênçãos do Senhor. (...) Nos últimos dias, tenho-me perguntado se meu trabalho na Europa foi aceitável diante da Primeira [Presidência] e das demais autoridades gerais em Utah e principalmente perante meu Pai Celestial. Essa doce experiência contribuiu para tranquilizar totalmente meu espírito, e sou profundamente grato por isso.’



Suprimentos de bem-estar na Europa devastada pela Guerra, 1946

Pouco depois, o Élder Harold B. Lee escreveu para Ezra: ‘As autoridades gerais são unânimes ao considerar que você realizou uma missão gloriosa e um trabalho que não poderia ter sido feito por alguém de menos coragem, habilidade (...) e fé inabalável no poder do Senhor para vencer os obstáculos’” (Dew, *Ezra Taft Benson*, p. 224).

ELE FOI O MINISTRO DA AGRICULTURA DOS ESTADOS UNIDOS



O Élder Ezra Taft Benson sendo empossado como Ministro da Agricultura dos Estados Unidos pelo presidente do Supremo Tribunal Fred M. Vinson, perto do Presidente Dwight D. Eisenhower, janeiro de 1953.

“Em 1952, o Élder Benson ficou espantado ao receber um telefonema com a notícia de que o presidente eleito dos Estados Unidos, Dwight D. Eisenhower, um homem que ele não conhecia pessoalmente, desejava falar com ele com vistas a nomeá-lo Ministro da Agricultura dos Estados Unidos. Líderes do setor agrícola tinham recomendado Ezra Taft Benson como o melhor homem para esse cargo. Com a bênção do Presidente David O. McKay e a garantia do Presidente Eisenhower de que ele nunca precisaria endossar uma norma com que não concordasse, o Élder Benson tornou-se o Ministro Benson. A família Benson voltou para Washington, D.C., e lá residiu durante os oito anos da administração de Eisenhower” (“President Ezra Taft Benson”, *Ensign*, julho de 1994, pp. 14–15).

Os anos em que ele desempenhou um cargo político (1953–1961) foram marcados por desafios. “Logo no início, o Élder Benson pediu uma bênção à Primeira Presidência. Com o auxílio de J. Reuben Clark, o Presidente McKay pronunciou palavras de consolo e conselho sobre a cabeça do apóstolo: ‘Você terá uma responsabilidade ainda maior do que a de seus colegas de gabinete, pois (...) é um apóstolo do Senhor Jesus Cristo. Você tem direito a inspiração do alto e se viver, pensar e orar como deve, contará com essa orientação divina que os outros não possuem. Assim, abençoamo-lo, caro Irmão Ezra, para que quando os homens com quem você deliberar forem confrontados com o certo e o errado, você consiga enxergar nitidamente o que é correto e, por sabê-lo, você tenha coragem para defender o que é certo e justo. (...) Selamos sobre você as bênçãos de um (...) discernimento sólido e uma visão nítida, a fim de ver de longe as necessidades deste país; visão também para reconhecer os inimigos que pretendem destruir as liberdades individuais garantidas pela Constituição (...) e para que seja destemido ao condenar essas influências subversivas e forte ao defender os direitos e privilégios da Constituição” (Dew, *Ezra Taft Benson*, pp. 258–259).

Durante o período em que serviu como Ministro da Agricultura, o Élder Benson lidou com muitos grupos hostis que, depois de ouvirem-no, se convenceram de que ele era um homem honesto. Vários de seus críticos vieram a tornar-se seus defensores. Muitas vezes, ele convenceu esses mesmos grupos de que os pontos de vista dele eram os melhores e que todos se beneficiariam se o apoiassem. O Presidente Eisenhower reconheceu que boa parte da popularidade de sua administração, principalmente no Sul do país, se devia ao Ministro da Agricultura, Ezra Taft Benson.



O Ministro Benson visitando uma fazenda em época de seca.

“Para alguém que se opunha a um governo grande, Ezra estava à frente de um departamento enorme. O Ministério da Agricultura abrigava um décimo de seus 78.000 servidores no edifício principal da Administração e o Prédio Sul em Washington, D.C., com quase 5.000 salas e 13 quilômetros de corredores. O restante dos funcionários estava espalhado por dez localidades diferentes dos Estados Unidos e 50 países. Seu

orçamento de 1953, de 2,1 bilhões de dólares, era, quase como a do Ministério da Fazenda, maior do que o de qualquer ministério civil. Ele e sua equipe supervisionavam as necessidades alimentares de 160 milhões de americanos” (Dew, *Ezra Taft Benson*, p. 260).

“Nesse período, havia grande controvérsia sobre a forma de estabilizar a demanda e a procura numa economia agrícola cheia de incertezas, e o rosto de Ezra Taft Benson apareceu na capa de várias revistas nacionais quando ele estava lidando com o problema. Ele falava de modo direto, sem se preocupar com o grau de popularidade de suas opiniões. Ao dirigir-se a agricultores e políticos, ele tinha a coragem de sugerir que as soluções para os problemas econômicos e políticos se baseavam em princípios espirituais e morais, sem os quais nenhuma nação poderia ter prosperidade ou paz. Em Washington, o Élder Benson incentivou a prática de iniciar as reuniões de gabinete com uma oração, e os Benson apresentaram um programa de noite familiar aos Eisenhower” (*Ensign*, julho de 1994, p. 15).

Como Ministro da Agricultura dos Estados Unidos, Ezra Taft Benson passou oito anos no que chamou de ‘fogo cruzado’ da política nacional. (...) Ele foi um dos únicos ministros que serviu em ambos os mandatos do Presidente Dwight D. Eisenhower. (...)

Ao aceitar esse cargo, ele viu-se num posição difícil — defendendo políticas e programas



“O Homem do Ano” da revista *Time*, 13 de abril de 1953. O Ministro Benson foi capa de várias revistas nacionais.

agrícolas impopulares, mas que depois se provaram eficazes.

“Em *Cross Fire* (“Fogo Cruzado”), um livro que escreveu sobre seus anos no ministério, ele declarou: ‘Na política, (...) é preciso aprender a lidar com as críticas.’

Seus críticos eram tão mordazes que outro ministro observou certa vez: ‘Todas as noites quando vou dormir, agradeço a Deus por não ser o Ministro da Agricultura.’



A equipe ministerial do Presidente Eisenhower. O Ministro Benson é o terceiro à direita. Serviu como Ministro da Agricultura de 1953 a 1961.

Embora a opinião pública se voltasse contra ele com frequência, com o tempo ele se mostrou um ministro sensato e competente e um dos mais populares da história.

O Ministro Benson declarou: ‘O teste supremo de qualquer política governamental, agrícola ou não, deve ser: “Como ela afetará o caráter, moral e bem-estar de nosso povo?”’

Ele permaneceu firme em suas crenças e garantiu os votos dos fazendeiros em 1956 e novamente em 1960. Com o passar dos anos, muitos de seus críticos se tornaram defensores” (Gerry Avant, “8 Years in ‘Cross Fire’ of U.S. Politics”, *Church News*, 4 de junho de 1994, p. 17).



O Ministro Benson conversando com fazendeiros em Nebraska.

“No decorrer dos anos no ministério, o Élder Benson manteve a calma diante de críticas tão duras que espantavam até mesmo algumas pessoas que discordavam de suas políticas. Uma placa em sua escrivaninha que dizia: ‘Ó Deus, concede-nos homens com aspirações mais elevadas do que uma urna eleitoral’ era um

dos motivos de sua serenidade. Ezra Taft Benson fazia simplesmente o que ele julgava ser o melhor, não o que fosse mais conveniente do ponto de vista político. Posteriormente, ele relatou o outro motivo: ‘Oro — oramos em família — para afastar todo espírito de ódio e amargura’ (em *Conference Report*, abril de 1961, p. 112)” (*Ensign*, julho de 1994, p. 15).

A FAMÍLIA BENSON ERA MUITO UNIDA



A família Benson com o Presidente dos Estados Unidos, Dwight Eisenhower (centro)

“A família do Presidente Benson — com seus saraus musicais, noites familiares e orações uns pelos outros — era sempre seu refúgio e esteio. A imprensa de Washington ficava admirada quando o Élder e a Irmã Benson recusavam sem hesitar convites para eventos sociais quando havia o concerto de um filho ou uma atividade para pais e filhos” (*Ensign*, julho de 1994, p. 15).

“Quando ele foi convidado a um jantar importante por um alto funcionário do governo, [Ezra Taft] Benson respondeu: ‘Sinto muito, mas tenho um compromisso com minha filha Bonnie.’

O compromisso era uma festa para pais e filhas e uma gincana na Igreja Mórmon. Depois de um jantar em que cada jovem servia seu pai, todos participavam da gincana. A primeira equipe formada por pai e filha que voltasse com o ‘tesouro’ estipulado ganhava o prêmio da noite.

Os residentes da área em volta da capela ficaram um tanto surpresos naquela noite ao atenderem à porta e verem o Ministro da Agricultura, com seus ombros largos, acompanhado de sua filha de 14 anos e pedindo coisas como um palito de dentes verde, um cadarço velho, um calendário de 1952 e a edição do último mês de setembro de uma revista de atualidades. Contudo, a equipe Benson foi tão ágil que ganhou o primeiro prêmio: um baú cheio de ‘dólares’ (de chocolate). ‘Ele ficava mais feliz com esse tipo de coisa’, afirmou um membro da Igreja amigo da família, ‘do que com um

convite para a Casa Branca'. Essas atividades familiares simples proporcionavam a ele uma forma de relaxar que seria difícil de encontrar em eventos governamentais” (Roul Tunley, “Everybody Picks on Benson”, *American Magazine*, junho de 1954, p. 108).



Boas-vindas num aeroporto em 1958

“ORE PELO MEU PAI”

“Num dia de abril há 21 anos, descobri uma das fontes de força das autoridades gerais.

Eu estava sentada com os seis filhos do Élder Ezra Taft Benson, uma dos quais era minha colega de quarto. Meu interesse aumentou quando o Presidente McKay se levantou e anunciou o orador seguinte. Fiquei observando respeitosamente o Élder Benson, que eu ainda não conhecia pessoalmente, dirigir-se ao microfone. Ele era alto, com mais 1m80. Ele tinha um doutorado, era internacionalmente reconhecido como Ministro da Agricultura dos Estados Unidos e uma testemunha especial do Senhor, um homem que parecia sereno e seguro de si, alguém que discursava perante audiências no mundo inteiro. Repentinamente, uma mão tocou meu braço. Uma menina apoiou-se em mim e sussurrou com urgência: ‘Ore pelo meu pai.’

Um pouco espantada, pensei: ‘Esse recado está correndo ao longo de toda a fileira e parece que esperam que eu o passe adiante. Devo dizer: “Ore pelo Élder Benson”? Ou: “Faça uma oração pelo seu pai”?’ Sentindo a urgência, inclinei-me e repeti simplesmente o que me fora dito: ‘Ore pelo meu pai.’

Vi o cochicho continuar seu trajeto até chegar à fileira onde estava sentada a Irmã Benson, que já inclinara a cabeça. (...)

Com o passar dos anos, as conferências gerais sucederam-se e, a cada vez que o Presidente Benson se levantava para discursar, eu pensava: ‘Os filhos dele, espalhados pelo continente, estão unidos em oração pelo pai neste momento.’

Hoje creio que a breve mensagem sussurrada ao longo daquelas fileiras há cerca de 21 anos é a mensagem

mais importante que uma família pode transmitir. Que poder e fé extraordinários um homem pode receber para enfrentar os desafios diários de sua vida se em algum lugar do mundo seus filhos estiverem sussurrando: ‘Ore pelo meu pai’” (Elaine S. McKay, “Ore por Papai”, *A Liabona*, novembro de 1988, pp. 23–24).

ELE ENSINOU SOBRE A IMPORTÂNCIA DO LAR



Num passeio com a família

O Élder Ezra Taft Benson disse: “Nenhuma nação é mais forte do que os lares que a compõem. Para formar o caráter das pessoas, a Igreja, a escola e até mesmo a nação nada podem fazer quando o lar está enfraquecido e degradado. Um lar forte é o alicerce, a pedra fundamental da civilização. Não pode haver felicidade genuína sem um bom lar, com as virtudes tradicionais como base. Para que uma nação subsista, o lar precisa ser salvaguardado, fortalecido e restaurado à importância que lhe cabe por direito” (Conference Report, abril de 1966, p. 130).

ELE TORNOU-SE O PRESIDENTE DOS DOZE



Com o Presidente Spencer W. Kimball

Em 30 de dezembro de 1973, aos 74 anos de idade, o Élder Ezra Taft Benson foi designado presidente do

Quórum dos Doze Apóstolos. “Ele servira como apóstolo durante 30 anos e, no momento em que o colega que se sentara a seu lado ao longo de todo aquele período foi ordenado profeta, Ezra apoiou-o completamente. (...)”

Quanto a sua própria nova responsabilidade, que veio de modo tão inesperado, ele fez a seguinte confidência em seu diário: ‘Fico assoberbado ao pensar que (...) fui chamado para servir como presidente dos Doze. De todo o coração, buscarei a inspiração do céu e as bênçãos de nosso Pai Celestial. Sei que a obra é verdadeira. Sei que Deus vive e que esta Igreja leva o nome de Jesus Cristo. Com o auxílio Dele e de meu Pai Celestial, tenho certeza de que meus humildes esforços serão coroados de êxito.’ (...)

Em abril de 1974, o Presidente Kimball deu a conhecer sua visão da expansão do programa missionário num discurso antológico para os Representantes Regionais [ver Spencer W. Kimball, “Ide por Todo o Mundo”, *A Liabona*, novembro de 1974, pp. 3–5]. O Élder William Grant Bangerter, do Primeiro Quórum dos Setenta, observou que o Presidente Kimball mal começara a falar quando ‘a congregação pareceu adquirir repentinamente uma consciência renovada. Ficamos em estado de alerta para uma presença espiritual impressionante e percebemos que estávamos ouvindo algo incomum. (...) Era como se, espiritualmente falando, nosso cabelo começasse a ficar de pé.’ Quando o Presidente Kimball acabou o discurso, o Presidente Benson declarou com a voz embargada pela emoção: ‘Presidente Kimball, ao longo de todos os anos em que se realizaram essas reuniões, nunca ouvimos um discurso como esse que você acabou de proferir. Verdadeiramente há um profeta em Israel’. Naquela noite, Ezra escreveu em seu diário: ‘Oro para que o Irmão Kimball viva muitos e muitos anos. O Senhor está magnificando-o. O manto do presidente agora repousa sobre ele. Ele (...) será uma grande bênção para a Igreja inteira’” (Dew, *Ezra Taft Benson*, pp. 426, 431).

A ESPIRITUALIDADE É A CHAVE PARA MANTER VIVA A LIBERDADE

O Presidente Ezra Taft Benson era um defensor ferrenho da liberdade. Em certa ocasião, escreveu: “O que podemos fazer para manter acesa a chama da liberdade? Guardar os mandamentos de Deus. Andar circunspectamente perante Ele. Pagar nosso dízimo e ofertas de jejum. Frequentar o templo. Permanecer moralmente puros. Participar das eleições locais, pois o Senhor disse: ‘Deve-se, portanto, procurar diligentemente homens honestos e homens prudentes; e homens bons e homens prudentes deveis apoiar’ (D&C 98:10). Devemos ser honestos em todos os nossos negócios. Realizar a noite familiar fielmente. Orar — orar ao Deus do céu para

que intervenha para preservar nossas liberdades preciosas, para que Seu evangelho chegue a toda nação e povo. Sim, nas palavras do próprio Senhor: ‘Permanecei em lugares santos e não sejais movidos até que venha o Dia do Senhor.’ Esses ‘lugares santos’ são nossos templos, estaca, ala e lar” (*This Nation Shall Endure* [1977], pp. 9–10).

ELE TORNOU-SE O PRESIDENTE DA IGREJA



A Primeira Presidência: Ezra Taft Benson, Gordon B. Hinckley, e Thomas S. Monson

Em 10 de novembro de 1985, quase 12 anos depois de tornar-se presidente do Quórum dos Doze Apóstolos, o Presidente Ezra Taft Benson foi ordenado e designado Presidente da Igreja. Não foi um dia que ele previra. Ele e a Irmã Benson tinham orado para que a vida do Presidente Kimball fosse prolongada. Contudo, ele disse:

“Agora que o Senhor falou, daremos o melhor de nós, sob sua direção e orientação, para levar avante Sua obra na Terra. (...)”

Algumas pessoas vêm perguntando, como seria de esperar, sobre os rumos que a Igreja tomará no futuro. Permitam-me adiantar que o Senhor, por meio do Presidente Kimball, deu grande ênfase à missão tríplice da Igreja: pregar o evangelho, aperfeiçoar os santos e redimir os mortos. Vamos empenhar-nos ao máximo para levar esta missão adiante” (citado em Don L. Searle, “President Ezra Taft Benson Ordained Thirteenth President of the Church”, *Ensign*, dezembro de 1985, p. 5).

“[O Presidente Benson] tinha 86 anos quando recebeu o manto de profeta, mas foi vivificado e fortalecido a olhos vistos pelo chamado. Ele viajou muito por toda a Igreja, dedicando templos e discursando para os santos. (...)”

Durante sua presidência, o Presidente Benson testemunhou outra notável série de acontecimentos que envolviam os princípios da liberdade que ele defendera de modo tão direto ao longo de toda a vida. Miraculosamente, a Cortina de Ferro na Europa

Ocidental começou a ruir para a bênção do povo que ele aprendera a amar depois da II Guerra Mundial. Em 1985, foi dedicado o Templo de Freiberg, localizado na República Democrática Alemã — fato que por si só constituiu um milagre. Contudo, sem a obra missionária naquele país, o crescimento da Igreja era limitado. Então, em 1988, o governo comunista da República Democrática Alemã concedeu permissão para que missionários servissem lá e também para que seus jovens cidadãos partissem em missão no exterior.

Em 1990, grandes mudanças políticas estavam acontecendo no mundo. As barreiras entre o Ocidente e o Oriente começaram a cair, à medida que os povos da Europa Oriental e outras nações abraçaram entusiasmadamente os princípios da democracia e da religião” (*Ensign*, julho de 1994, pp. 16, 18–19).

O PRESIDENTE BENSON AMAVA O LIVRO DE MÓRMON

O Presidente Howard W. Hunter, na época membro do Quórum dos Doze Apóstolos, disse:

“O Presidente Benson falava com amor e freqüência da obra missionária, dos templos e das responsabilidades do sacerdócio. Falava de nosso legado pioneiro, dos perigos do orgulho e dos dons do Espírito Santo. Contudo, acima de tudo, falava de seu amado Livro de Mórmon.

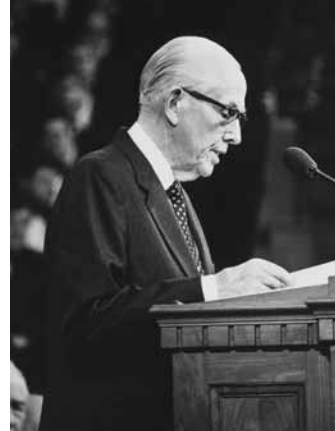


Ele tinha um amor pelo Livro de Mórmon que o acompanhou ao longo da vida

Será que alguma geração, incluindo as que ainda virão, fará um retrospecto da administração do Presidente Ezra Taft Benson sem pensar de imediato em seu amor pelo Livro de Mórmon? Talvez nenhum presidente da Igreja desde o Profeta Joseph Smith tenha feito mais do que ele para ensinar as verdades do Livro de Mórmon, para incentivar todos os membros da Igreja a estudarem-no diariamente e para ‘inundar a Terra’ ao distribuí-lo.

Logo no início de seu ministério como profeta, vidente e revelador, o Presidente Benson disse de modo inequívoco: ‘O Livro de Mórmon deve voltar a ocupar um lugar de destaque na mente e coração de nosso povo. Devemos honrá-lo ao lê-lo, estudá-lo, aplicar seus preceitos em nossa vida e transformar nossa existência de modo a sermos verdadeiros seguidores de Cristo’” (“A Strong and Mighty Man”, *Ensign*, julho de 1994, p. 42).

O LIVRO DE MÓRMON CONDUZ OS HOMENS A CRISTO



O Presidente Benson discursando numa conferência geral

O Presidente Ezra Taft Benson, na época presidente do Quórum dos Doze Apóstolos, ensinou como o Livro de Mórmon conduz as pessoas a Cristo:

“O Livro de Mórmon leva os homens a Cristo de duas formas principais. Primeiro, ele fala com clareza de Cristo e Seu evangelho. Testifica de Sua divindade e da necessidade de um

Redentor e de confiarmos Nele. Presta testemunho da Queda e da Expição e dos primeiros princípios do evangelho, incluindo a necessidade de termos um coração quebrantado e um espírito contrito e renascermos espiritualmente. Proclama que devemos perseverar até o fim em retidão e levar a vida moral de um santo.

Em segundo lugar, o Livro de Mórmon expõe os inimigos de Cristo. Confunde as doutrinas falsas e põe fim às contendas (ver 2 Néfi 3:12). Fortalece os humildes seguidores de Cristo contra os desígnios, estratégias e doutrinas do diabo em nossos dias. O tipo de apóstatas do Livro de Mórmon é semelhante ao que vemos hoje. Deus, em Sua presciência infinita, moldou o Livro de Mórmon de modo a ajudar-nos a enxergar o erro e saber como combater os falsos conceitos educativos, políticos, religiosos e filosóficos de nossa época” (Conference Report, abril de 1975, pp. 94–95; ou *A Liabona*, agosto de 1975, p. 31).

ELE DEU UMA BÊNÇÃO DE MAIOR DISCERNIMENTO E COMPREENSÃO



A família Benson visitando uma fazenda

No encerramento da conferência geral de abril de 1986, o Presidente Ezra Taft Benson deixou uma bênção profética:

“Em nossos dias, o Senhor revelou a necessidade de voltarmos a realçar o Livro de Mórmon, a fim de tirarmos a Igreja e todos os filhos de Sião da condenação — o flagelo e o juízo (ver D&C 84:54–58). Essa mensagem deve ser levada aos membros da Igreja em todo o mundo. (...)”

Agora, com a autoridade do santo sacerdócio investida em mim, invoco minha bênção sobre os santos dos últimos dias e sobre as pessoas de bem em todas as partes.

Abençôo-os com maior discernimento para julgarem entre Cristo e o anticristo. Abençôo-os com maior poder para fazerem o bem e resistirem ao mal. Abençôo-os com maior *compreensão* do Livro de Mórmon. Prometo-lhes que, a partir de agora, se sorverem suas páginas e seguirem seus preceitos, Deus derramará sobre cada filho de Sião e a Igreja uma bênção até agora desconhecida — e suplicaremos ao Senhor que comece a retirar a condenação — o flagelo e juízo. Disso presto solene testemunho” (em Conference Report, abril de 1986, p. 100; ou *A Liabona*, julho de 1986, p. 80).

“TENHO A VISÃO DA TERRA SENDO INUNDADA COM O LIVRO DE MÓRMON”

O Presidente Ezra Taft Benson disse aos membros da Igreja:

“O Livro de Mórmon é o instrumento criado por Deus para [varrer] a Terra, como um dilúvio, a fim de reunir [Seus] eleitos’ (Moisés 7:62). Esse volume sagrado de escrituras precisa ocupar um lugar central em nossa pregação, ensino e trabalho missionário. (...)”



O Presidente Benson discursando numa reunião geral do sacerdócio

Está na hora de inundarmos a Terra com o Livro de Mórmon pelos muitos motivos apresentados pelo Senhor. Nesta época de meios de comunicação eletrônicos e distribuição em massa de obras escritas, Deus cobrará de nós se não espalhamos o Livro de Mórmon de modo monumental.

Temos o Livro de Mórmon, os membros da Igreja, os missionários e os demais recursos, e o mundo tem a necessidade de tudo isso.

A hora é agora! (...)

Tenho a visão de lares advertidos, salas de aula vivificadas e púlpitos acesos pela chama do espírito das mensagens do Livro de Mórmon.

Tenho a visão de mestres familiares e professoras visitantes, autoridades de ala, ramo, estaca e missão aconselhando nosso povo com o livro mais correto da Terra: o Livro de Mórmon.

Tenho a visão de artistas transpondo para o cinema, o teatro, a literatura, a música e a pintura grandes temas e personagens do Livro de Mórmon.

Tenho a visão de milhares de missionários chegando ao campo missionário com milhares de passagens memorizadas do Livro de Mórmon a fim de atenderem às necessidades de um mundo espiritualmente faminto.

Tenho a visão de toda a Igreja aproximando-se mais de Deus ao seguir os preceitos do Livro de Mórmon.

De fato, tenho a visão da Terra sendo inundada com o Livro de Mórmon.

Amados irmãos, estou entrando em meu nonagésimo ano de vida. Estou envelhecendo e perdendo o vigor físico. (...)”

Não sei bem por que Deus preservou minha vida até esta idade, mas disto sei: No momento presente, Ele revelou-me a necessidade absoluta de levarmos o Livro de Mórmon avante de modo maravilhoso. Precisamos ajudar nessa obra e bênção que Ele confiou a toda a Igreja, sim, a todos os filhos de Sião.

Moisés nunca entrou na terra prometida. Joseph Smith nunca viu Sião redimida. Alguns de nós talvez não vivam o bastante para ver o dia em que o Livro de Mórmon inundará a Terra e em que o Senhor retirará Sua condenação (ver D&C 84:54–58). Contudo, se for da vontade de Deus, pretendo passar o restante de meus dias nesse trabalho glorioso” (Conference Report, outubro de 1988, pp. 3–5; ou *A Liabona*, janeiro de 1989, pp. 3–5).

ELE ACONSELHOU OS JOVENS A SEREM PUROS

O Presidente Ezra Taft Benson deu os seguintes conselhos sobre a castidade aos jovens:

“Reconheço que a maioria das pessoas cai em pecado sexual na tentativa de satisfazer de modo inadequado a necessidades humanas básicas. Todos temos a necessidade de sentir-nos amados e valorizados. Todos buscamos ter alegria e felicidade em nossa vida. Por saber disso, Satanás costuma atrair as pessoas para condutas imorais ao apelar para suas necessidades fundamentais. Ele promete prazer, felicidade e satisfação.



Sempre disposto a ensinar

Mas trata-se, obviamente, de uma ilusão. (...)

Não sejam enganados pelas mentiras de Satanás. Não existe felicidade duradoura na imoralidade. Não há felicidade no desrespeito à lei da castidade. Só o contrário é verdadeiro. Pode haver prazer momentâneo. Por algum tempo, pode parecer que tudo é maravilhoso. Contudo, rapidamente o relacionamento se desgasta. Entram a culpa e a vergonha. Temos medo de que nossos pecados sejam descobertos. Somos obrigados a evadir-nos, esconder-nos, mentir e enganar. O amor começa a morrer. A amargura, o ciúme, a raiva e até mesmo o ódio começam a crescer. Todas essas coisas são as conseqüências naturais do pecado e da transgressão.

Por outro lado, quando obedecemos à lei da castidade e mantemo-nos moralmente puros, desfrutamos as bênçãos de um amor maior e paz, maior confiança e respeito por nosso cônjuge, um compromisso mais profundo um para com o outro e, portanto, um senso intenso e significativo de alegria e felicidade” (“The Law of Chastity”, *Brigham Young University 1987–1988 Devotional and Fireside Speeches* [1988], pp. 50–51).

ELE ACONSELHOU OS HOMENS ADULTOS SOLTEIROS A BUSCAREM A META DO CASAMENTO CELESTIAL

Depois de aconselhar os homens adultos solteiros jovens da Igreja a examinarem suas prioridades, o Presidente Ezra Taft Benson disse:

“Permitam-me agora tecer alguns comentários sobre uma oportunidade e responsabilidade eternas, (...) algo da maior importância para vocês. Refiro-me ao casamento celestial. (...)

(...) Desejamos que saibam que a posição da Igreja no tocante ao casamento celestial nunca mudou. É um mandamento de Deus. A declaração do Senhor em Gênesis ainda é verdadeira: ‘E disse o Senhor Deus: Não é bom que o homem esteja só’ (Gênesis 2:18).



Ele gostava de jogar basquetebol

Para alcançar a plenitude da glória e exaltação no reino celestial, é preciso realizar essa ordenança sumamente sagrada.

Sem o casamento, os propósitos do Senhor seriam frustrados. Espíritos escolhidos seriam impedidos de ter uma experiência mortal. E, em geral, adiar indevidamente o casamento significa também limitar sua posteridade. E tempo virá, irmãos, em que sentirão e reconhecerão essa perda.

Posso garantir-lhes que a maior responsabilidade e as maiores alegrias da vida estão centradas na família, no casamento honrado e na criação de uma posteridade justa. E quanto mais envelhecerem, menor será a probabilidade de casarem-se, e então poderão perder por completo essas bênçãos eternas. (...)

Percebo que alguns dos irmãos têm temores genuínos no tocante às grandes responsabilidades que assumirão ao se casarem. Estão preocupados em poderem sustentar uma esposa e família e atenderem a suas necessidades nesta conjuntura econômica incerta. Esse receio precisa ser substituído pela fé.

Asseguro-lhes, irmãos, que se forem industriosos, pagarem o dízimo e ofertas fielmente e guardarem os mandamentos de modo consciencioso, o Senhor os sustentará. Sim, será preciso fazer sacrifícios, mas vocês crescerão com eles e serão homens melhores por terem-nos vencido.

Empenhem-se ao máximo nos estudos e em sua profissão. Depositem sua confiança no Senhor, tenham fé e tudo terminará bem. O Senhor nunca dá um mandamento sem preparar um meio para que se cumpra (ver 1 Néfi 3:7).

Da mesma forma, não se deixem levar pelo materialismo, uma das verdadeiras pragas de nossa geração — isto é, adquirir bens, viver num ritmo desenfreado e dedicar-se ao sucesso da carreira, deixando de lado o casamento.

O casamento honrado é mais importante do que as riquezas, a posição e o *status*. Como marido e mulher, vocês podem alcançar juntos as metas de

sua vida. Ao sacrificarem-se um pelo outro e pelos filhos, o Senhor os abençoará, e seu compromisso para com o Senhor e seu serviço no reino Dele aumentarão.

Contudo, irmãos, não esperem a perfeição ao escolherem a esposa. Não fiquem obcecados por detalhes a ponto de negligenciarem as qualidades mais importantes como o testemunho forte, a observância dos princípios do evangelho, o amor ao lar, o desejo de ser mãe em Sião e o apoio ao marido em suas responsabilidades do sacerdócio.

É claro que vocês precisam sentir-se atraídos por ela, mas não devem sair com uma jovem após a outra pelo simples prazer de namorar, sem buscar a confirmação do Senhor para sua escolha da companheira eterna.

E uma das formas de avaliar se vocês estão com a pessoa certa é perguntar: na presença dela, vocês têm os pensamentos mais nobres, aspiram aos atos mais elevados, desejam ser uma pessoa melhor?” (Conference Report, abril de 1988, pp. 58–59; ou *A Liabona*, julho de 1988, pp. 53–54.)

ELE ACONSELHOU AS IRMÃS ADULTAS SOLTEIRAS A CONSERVAREM A META DO CASAMENTO CELESTIAL



Momento de descontração com algumas jovens

Depois de expressar seu amor e gratidão às irmãs adultas solteiras da Igreja, o Presidente Ezra Taft Benson disse: “Eu gostaria de externar a esperança que todos temos por vocês, que é algo real — a esperança de vê-las exaltadas no grau mais elevado de glória no reino celestial e vê-las assumir o novo e eterno convênio do casamento.

Caras irmãs, nunca percam de vista essa meta sagrada. Em espírito de oração, preparem-se para isso e vivam de modo a alcançarem esse objetivo. Casem-se à maneira do Senhor. O casamento no templo é uma ordenança do evangelho para a exaltação. Nosso Pai Celestial deseja que cada uma de Suas filhas receba essa bênção eterna.

Portanto, não ponham sua felicidade em perigo ao se envolverem com alguém que não possa levá-las dignamente ao templo. Decidam agora que esse é o lugar onde se casarão. Deixar para tomar essa decisão depois

do início de um relacionamento romântico é correr um risco de magnitude tal que por ora não podem conceber totalmente.

E lembrem-se de que vocês não devem rebaixar seus padrões para conseguir um namorado. Mantenham-se atraentes, conservem padrões elevados, cultivem o amor-próprio. Não participem de contatos íntimos que venham a trazer sofrimento e dor. Coloquem-se em situações em que terão a oportunidade de conhecer homens dignos e participem de atividades construtivas.

Mas também não esperem a perfeição ao escolherem o cônjuge. Não se preocupem tanto com a aparência física e a conta bancária dele a ponto de ignorar suas qualidades mais importantes. É claro que vocês devem sentir-se atraídas por ele e que ele deve ser capaz de sustentá-las financeiramente. Contudo, ele tem um testemunho forte? Vive os princípios do evangelho e magnifica seu sacerdócio? É ativo em sua ala e estaca? Ama o lar e a família e será um marido fiel e bom pai? *Essas* são as qualidades que realmente importam.

Peço também às irmãs solteiras que tenham cuidado para não se tornarem tão independentes e auto-suficientes a ponto de decidirem que o casamento não vale a pena e que estão muito bem sozinhas. Algumas de nossas irmãs comentam que só pretendem pensar em casamento *depois* de terminarem os estudos e iniciarem uma carreira. Isso não é certo. Com certeza, desejamos que nossas irmãs solteiras alcancem todo o seu potencial individual, adquiram instrução e tenham sucesso em seu trabalho atual. Vocês têm muitas contribuições a fazer à sociedade, à comunidade e às pessoas a sua volta. No entanto, oramos sinceramente para que nossas irmãs solteiras tenham o desejo de casar-se honrosamente no templo com um homem digno e de criar uma família em retidão, ainda que isso signifique sacrificar títulos acadêmicos e a carreira profissional. Nossas prioridades estão no lugar certo quando percebemos que não há chamado maior do que o de esposa e mãe honrada.

Reconheço também que nem todas as mulheres da Igreja terão a oportunidade de casar-se e ser mães na mortalidade. Contudo, se as irmãs que estiverem nessa situação forem dignas e perseverarem fielmente, podem estar certas de que receberão todas as bênçãos de um Pai Celestial bondoso e amoroso — e repito: *todas as bênçãos*.

Garanto-lhes que, caso vocês precisem esperar a próxima vida para serem abençoadas com um companheiro digno, Deus certamente as recompensará. O tempo é contado somente pelos homens. Deus tem uma perspectiva eterna” (“As Irmãs Adultas Solteiras da Igreja”, *A Liabona*, janeiro de 1989, p. 103).

ELE ACONSELHOU OS HOMENS EM SEU CHAMADO ETERNO DE PAIS



O Presidente Ezra Taft Benson

O Presidente Ezra Taft Benson disse: “O chamado de pai é eterno, não há desobrigação. Os chamados na Igreja, por mais importantes que sejam, por sua própria natureza são de duração limitada, e as pessoas são desobrigadas algum tempo depois, como é de se esperar. Contudo, o chamado de pai é eterno e sua importância transcende o tempo. É um chamado

tanto para o tempo como para a eternidade. (...)

Qual (...) é a responsabilidade específica do pai entre as paredes sagradas do lar? Permitam-me citar duas responsabilidades básicas de todo pai em Israel.

Em primeiro lugar, vocês têm a responsabilidade sagrada de atender às necessidades materiais da família. (...)

Em segundo lugar, têm a responsabilidade sagrada de dirigir a família espiritualmente. (...)

A mãe desempenha um papel fundamental como o coração do lar, mas isso em nada diminui o papel igualmente importante que o pai deve ter, como cabeça da família, para criar, treinar e amar os filhos.

Como o patriarca do lar, o pai tem a séria responsabilidade de assumir a liderança ao interagir com os filhos. Vocês precisam criar um lar em que o Espírito do Senhor possa habitar. Sua função é dar direção a toda a vida familiar” (Conference Report, outubro de 1987, 59–62; ou *A Liabona*, janeiro de 198, pp. 46,51–52).

O Presidente Benson disse depois:

“No passado, (...) conhecíamos bem nosso Pai Celestial. (...)

Agora estamos aqui neste mundo. Recebemos um véu na mente. Estamos mostrando a Deus e a nós mesmos o que somos capazes de fazer. Nada nos surpreenderá tanto ao passarmos para o outro lado do véu do que perceber como já conhecemos bem nosso Pai e como Seu rosto nos parecerá familiar” (“Jesus Cristo Dádivas e Expectativas”, *A Liabona*, dezembro de 1987, p. 3).

ELE ACONSELHOU AS MÃES SOBRE A NOBREZA DE SEU TRABALHO

Em um serão para os pais, o Presidente Ezra Taft Benson falou do papel importante da mãe:

“Não existe palavra mais sagrada nos escritos seculares ou sagrados do que *mãe*. Não há trabalho mais nobre do que o realizado por uma mãe bondosa e temente a Deus. (...)

Na família eterna, Deus estipulou que o pai deveria presidir o lar. O pai deve prover o sustento, amar, ensinar e dirigir.



O Presidente e a Irmã Benson

Contudo, o papel da mãe também foi instituído por Deus. A mãe concebe, dá à luz, cuida, ama e treina. É isso o que declaram as revelações. (...)

Queridas mães, conhecendo seu papel divino de conceber e criar filhos e levá-los de volta a Deus, como conseguirão fazer isso à maneira do Senhor? Digo ‘à maneira do Senhor’ porque ela

difere da maneira do mundo.

O Senhor definiu claramente o papel da mãe e do pai no sustento e criação de uma posteridade justa. No princípio, Adão — e não Eva — foi instruído a ganhar o pão com o suor de seu rosto. Ao contrário do que se pensa comumente, o chamado da mãe é no lar, não no mercado de trabalho.

(...) Em Doutrina e Convênios, lemos: ‘As mulheres têm o direito de receber dos maridos o seu sustento, até que lhes sejam tirados’ (D&C 83:2). Esse é o direito divino da esposa e mãe. Ela cuida dos filhos em casa e os cria. O marido ganha o sustento para a família, o que torna tudo isso possível. Com base nesse direito de exigir do marido o sustento financeiro, a Igreja sempre aconselhou a mãe a ficar no lar em tempo integral para cuidar dos filhos.



À frente de um desfile em Preston, Idaho, 1976

Percebemos também que algumas de nossas irmãs são viúvas ou divorciadas e se encontram em circunstâncias incomuns em que, por necessidade, são obrigadas a trabalhar fora de casa por algum tempo. Mas esses

casos são a exceção, não a regra” (*To the Mothers in Zion* [panfleto, 1987], pp. 1–3, 5–6).

ELE ADVERTIU OS SANTOS SOBRE O ORGULHO

O Presidente Ezra Taft Benson instou os membros da Igreja a vencerem o orgulho com um coração quebrantado e um espírito contrito:

“A maioria de nós pensa no orgulho como egocentrismo, presunção, jactância, arrogância ou soberba. Todos esses elementos fazem parte do pecado do orgulho, mas ainda falta citar o coração, o âmago do problema.

A característica principal do orgulho é a inimizade — inimizade para com Deus e nossos semelhantes. *Inimizade* significa ‘ódio, hostilidade, oposição’. É o poder que Satanás deseja que reine sobre nós.

O orgulho é de natureza essencialmente competitiva. Opomos nossa vontade à de Deus. Quando voltamos nosso orgulho contra Deus, fazemo-lo no espírito de ‘que seja feita minha vontade, não a Tua’. Como disse Paulo, eles ‘buscam o que é seu, e não o que é de Jesus Cristo’ (Filipenses 2:21).

Ao fazermos nossa vontade competir com a de Deus, não dominamos nossos desejos, apetites e paixões (ver Alma 38:12; 3 Néfi 12:30).

Os orgulhosos não podem aceitar que a autoridade de Deus dirija sua vida (ver Helamá 12:6). Contrapõem sua percepção da verdade ao grande conhecimento de Deus, sua capacidade ao poder de Deus, suas realizações às grandiosas obras Dele. (...)

O orgulho é um pecado que pode ser visto prontamente nos outros, mas raras vezes o admitimos em nós mesmos. A maioria de nós considera o orgulho como um pecado das pessoas de posição elevada, como os ricos e instruídos que menosprezam o restante de nós (ver 2 Néfi 9:42). Contudo, há um mal ainda mais comum em nosso meio: trata-se do orgulho dos que estão numa posição inferior. Isso se manifesta de várias formas, como no hábito de procurar falhas nas pessoas, na maledicência, na calúnia, nas reclamações incessantes, na tendência de viver além de seus meios, na inveja, na cobiça, no fato de não externar gratidão nem fazer elogios que poderiam edificar alguém e na predisposição para o rancor e o ciúme. (...)



O Presidente Benson é recebido pelo Presidente Ronald Reagan no Salão Oval da Casa Branca, Washington, D.C., em janeiro de 1986, para discutir a contribuição da Igreja de 10 milhões de dólares para aliviar a fome no mundo.

O orgulho afeta todos nós em momentos diferentes e em graus variados. Agora vocês podem entender por que o edifício no sonho de Leí que representa o orgulho do mundo era grande e espaçoso e havia uma multidão que entrava nele (ver 1 Néfi 8:26, 33; 11:35–36).

O orgulho é o pecado universal, o grande vício. Sim, o orgulho é o pecado universal, o grande vício.

O antídoto para o orgulho é a humildade, a mansidão, a submissão (ver Alma 7:23). É o coração quebrantado e o espírito contrito (ver 3 Néfi 9:20; 12:19; D&C 20:37; 59:8; Salmos 34:18; Isaías 57:15; 66:2). (...)

Deus deseja um povo humilde. Ou escolhamos ser humildes ou seremos compelidos a tornar-nos humildes. Alma disse: ‘Benditos são os que se humilham sem serem compelidos a ser humildes’ (Alma 32:16).

Optemos por ser humildes. (...)

O orgulho é a grande pedra de tropeço de Sião. Repito: O orgulho é a grande pedra de tropeço de Sião.

Precisamos purificar o vaso interior sobrepujando o orgulho (ver Alma 6:2–4; Mateus 23:25–26)” (Conference Report, abril de 1989, pp. 3–7; ver *A Liabona*, julho de 1989, pp. 3–6).

CREMOS EM CRISTO



A Primeira Presidência: Gordon B. Hinckley, Ezra Taft Benson e Thomas S. Monson

No decorrer de seu ministério, o Presidente Ezra Taft Benson prestou forte testemunho de Jesus Cristo e de Seu poder para transformar a vida dos homens:

“Às vezes algumas pessoas perguntam: ‘Os mórmons são cristãos?’ Nós declaramos a divindade de Jesus Cristo. Consideramo-Lo a única fonte de nossa salvação. Esforçamo-nos para seguir Seus ensinamentos e ansiamos pelo dia em que Ele voltará à Terra para reinar e governar como Rei dos reis e Senhor dos senhores. Usando as palavras de um profeta do Livro de Mórmon, dizemos aos homens hoje: ‘Nenhum outro nome se dará, nenhum outro caminho ou meio pelo qual a salvação seja concedida aos filhos dos homens, a não ser em nome e pelo nome de Cristo, o Senhor Onipotente’ (Mosias 3:17)” (*The Teachings of Ezra Taft Benson* [1988], p. 10).

“O Senhor trabalha de dentro para fora. O mundo trabalha de fora para dentro. O mundo tenta tirar as pessoas das favelas. Cristo tira a favela de dentro das pessoas, e então elas mesmas saem da favela. O mundo procura moldar os homens transformando seu ambiente. Cristo modifica os homens, que em seguida mudam o ambiente. O mundo busca moldar o comportamento humano, mas Cristo pode transformar a natureza humana” (Conference Report, outubro de 1985, 5; ver *A Liabona*, janeiro de 1986, pp. 4–5).

“Os homens e mulheres que puserem sua vida nas mãos de Deus descobrirão que Ele pode fazer com ela muito mais do que eles mesmos. Ele aprofundará suas alegrias, aumentará sua visão, vivificará sua mente, fortalecerá seus músculos, elevará seu espírito, multiplicará suas bênçãos, expandirá suas oportunidades, consolará sua alma, trará amigos e concederá paz. Todo aquele que perder sua vida no serviço de Deus encontrará a vida eterna (ver Mateus 10:39)” (*Teachings of Ezra Taft Benson*, p. 361).

ELE RECEBEU UMA CONDECORAÇÃO PRESIDENCIAL

“A Medalha Americana de Cidadão Presidencial foi conferida no dia 30 de agosto [de 1989] ao Presidente Ezra Taft Benson em reconhecimento por uma vida inteira ‘de serviço dedicado ao país, comunidade, igreja e família’.

Brent Scowcroft, assistente do Presidente George Bush para assuntos de segurança nacional e ex-residente de Utah, conferiu a medalha em nome do Presidente Bush, que se desculpou por não poder estar presente.



O Presidente dos Estados Unidos, George H. W. Bush, o Presidente Ezra Taft Benson e o Presidente Gordon B. Hinckley

A Casa Branca anunciou a condecoração em julho. Foi a primeira feita no mandato do Presidente Bush.

‘O Presidente Bush está prestando-lhe tributo como um dos americanos de maior destaque de nossa

época’, disse Scowcroft ao líder da Igreja, então com 90 anos de idade e que fora o Ministro da Agricultura de 1953 a 1960.

‘Esta medalha é incomum’, disse ele. ‘Foi estabelecida em 1969 por decreto presidencial com o propósito de dar reconhecimento a cidadãos dos Estados Unidos que tenham realizado atos exemplares de serviço a seu país ou concidadãos.

O Presidente Bush sente que sua longa e ilustre vida de serviço a seu país, concidadãos e, de fato, a toda a humanidade, é única e representa bem os valores que esta medalha foi concebida para aclamar’, Scowcroft disse ao Presidente Benson.

O Presidente Benson respondeu: ‘Não sou merecedor desta honra.’ Scowcroft replicou: ‘Sim, certamente é. Não há a menor dúvida.’

O texto que acompanhava a medalha dizia:

‘O Presidente dos Estados Unidos da América concede esta Medalha de Cidadão Presidencial a Ezra Taft Benson. Uma vida de serviço dedicado ao país, comunidade, igreja e família torna Ezra Taft Benson um dos americanos de maior destaque de sua época. Como consultor dos Presidentes Roosevelt e Eisenhower para a agricultura, líder de sua Igreja e amigo dos Escoteiros da América durante 60 anos, ele trabalhou infatigavelmente. Sua devoção à família e seu compromisso para com os princípios da liberdade são um exemplo para todos os americanos’ (“Prophet Receives U.S. Presidential Medal”, *Church News*, 2 de setembro de 1989, p. 4).

O FALECIMENTO DE UM PROFETA



O Presidente Ezra Taft Benson

O Presidente Ezra Taft Benson morreu de insuficiência cardíaca em 30 de maio de 1994, uma segunda-feira, aos 94 anos de idade. Ele servira como autoridade geral por mais de 50 anos. No decorrer de sua vida, ele servira fielmente ao Senhor, à Igreja, a sua família e a seu país. Em homenagem a sua vida de serviço, o

Presidente Benson recebeu 14 títulos honorários de faculdades e universidades americanas.

Ele manifestara o desejo de ser enterrado em Whitney, Idaho, a pequena comunidade rural onde nasceu, perto de sua amada esposa, Flora, que morrerá em agosto de 1992. O casamento durara 66 anos.

Howard W. Hunter

DÉCIMO QUARTO PRESIDENTE DA IGREJA



© Portraits by Merrett

EVENTOS MARCANTES DA VIDA DE HOWARD W. HUNTER

Idade Acontecimentos

Nasce em 14 de novembro de 1907 em Boise, Idaho, filho de John William e Nellie Marie Rasmussen Hunter.

- 3 Contraindo poliomielite e recupera-se (1911).
- 12 É batizado numa piscina coberta (4 de abril de 1920).
- 15 Recebe a distinção de Escoteiro da Pátria (11 de maio de 1923).
- 19 Embarca no navio *SS President Jackson* com o conjunto “Hunter’s Croonaders”, um grupo de dança e a orquestra de bordo, para uma turnê de dois meses pelo Oriente (5 de janeiro de 1927).
- 21 Começa a Grande Depressão nos Estados Unidos (outubro de 1929).
- 22 Recebe sua bênção patriarcal (março de 1930).
- 23 Casa-se com Claire Jeffs (10 de junho de 1931; ela falece em 9 de outubro de 1983).
- 31 Forma-se com honras, como terceiro da classe, na faculdade de Direito (1939).
- 42 É chamado como presidente da Estaca Pasadena Califórnia (25 de fevereiro de 1950).
- 46 É selado a seus pais no Templo de Mesa Arizona (14 de novembro de 1953).
- 51 É ordenado apóstolo pelo Presidente David O. McKay (15 de outubro de 1959).
- 62 É chamado como historiador da Igreja (24 de janeiro de 1970).
- 77 É designado como presidente interino do Quórum dos Doze Apóstolos (10 de novembro de 1985).
- 80 Torna-se o presidente do Quórum dos Doze Apóstolos (2 de junho de 1988).
- 81 Dedica o Centro da BYU de Jerusalém (maio de 1989).
- 82 Casa-se com Inis Bernice Egan (12 de abril de 1990).
- 85 É confrontado por um agressor que o ameaça enquanto ele discursa no Marriott Center da BYU, em Provo, Utah (7 de fevereiro de 1993).
- 86 Torna-se o Presidente da Igreja (5 de junho de 1994).
- 87 Preside a criação da 2.000ª estaca da Igreja — a Estaca Cidade do México México Contreras (11 de dezembro de 1994); morre em Salt Lake City, Utah (3 de março de 1995).

O Presidente Howard W. Hunter poderia muito bem estar descrevendo sua própria vida quando disse:

“Não existe grandeza instantânea; a verdadeira grandeza é um processo a longo prazo. Pode envolver revezes ocasionais. O resultado final talvez não seja sempre visível, mas parece sempre exigir passos regulares, consistentes, pequenos e às vezes comuns e pro-saicos em longos períodos de tempo. (...)”

A verdadeira felicidade nunca é o resultado do acaso ou de um esforço ou conquista isolados. Exige a formação do caráter. Requer várias decisões corretas para as escolhas cotidianas entre o certo e o errado. (...)”

Ao avaliarmos nossa vida, é importante olharmos não apenas nossas realizações, mas também as condições nas quais trabalhamos. Somos todos pessoas diferentes e únicas. Cada um de nós inicia a corrida da vida de um ponto de partida diferente. Cada um de nós tem uma combinação única de talentos e habilidades. Cada um de nós tem nosso próprio conjunto de desafios e limites para transpor” (“What Is True Greatness”, em *Brigham Young University 1986–1987 Devotional and Fireside Speeches* [1987], p. 115).



John e Nellie Hunter, os pais de Howard W. Hunter

ELE ERA DESCENDENTE DE ESCOCESSES



Howard W. Hunter, com cerca de 6–8 meses de idade

O clã Hunter estabeleceu-se na Escócia durante os séculos XII e XIII. Lá, construíram o Castelo Hunterston perto da Cidade de Hunter’s Toune. “Em 2 de maio de 1374, o rei Robert II da Escócia assinou um pergaminho concedendo um título de propriedade a William Hunter, o senhor (ou proprietário) do Castelo Hunterston, ‘pelos fiéis serviços já prestados e ainda a serem prestados’ ao reino.

John Hunter, o bisavô de Howard W. Hunter, nasceu em Paisley, Renfrewshire, Escócia, não muito longe do Castelo Hunterston. (...)”

Em 1860, os missionários de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias levaram a mensagem do evangelho restaurado a Paisley e entre as pessoas que batizaram estavam John e Margaret [sua esposa] Hunter. Naquela época, a Igreja incentivava os recém-convertidos a unirem-se aos santos no Vale do Lago Salgado, e os élderes instaram John e sua família a emigrarem. Isso constituía um grande dilema, pois John precisaria desfazer-se de um negócio próspero e distanciar-se da família e de uma casa confortável. (...)”

(...) Quando eles chegaram ao Vale do Lago Salgado no fim de setembro de 1860, John logo se desiludiu e, conforme descreveu seu filho John [o avô de Howard W. Hunter], ‘acabou por desligar a si e a família da Igreja, (...) deixando a família sem guia num país estranho” (Eleanor Knowles, *Howard W. Hunter* [1994], pp. 1–2, 4).

SEUS PAIS E SUA JUVENTUDE AJUDARAM A MOLDÁ-LO

“Em 1904, Nellie Marie Rasmussen, que viria a tornar-se a mãe do Presidente Hunter, viajou de sua casa em Mt. Pleasant, Utah, para visitar uma tia em Boise, Idaho. Durante sua estada, conheceu John William Hunter. Eles namoraram nos dois anos que se seguiram; contudo, ele não era membro da Igreja naquela época, e Nellie, que não queria casar-se fora da Igreja, voltou para Mt. Pleasant. Mas

John insistiu, e eles casaram-se no dia 3 de dezembro de 1906. O casal mudou-se para Boise, onde alugaram uma pequena casa na rua Sherman. Howard William Hunter nasceu em Boise no dia 14 de novembro de 1907, e sua irmã, Dorothy, nasceu dois anos depois” (ver James E. Faust, “O Caminho da Águia”, *A Liabona*, setembro de 1994, p. 5).

A mãe de Howard permaneceu ativa na Igreja durante toda a sua vida e incentivou Howard a participar de todas as atividades da Igreja em Boise, Idaho. Às vezes, o pai de Howard freqüentava a Igreja com Nellie



Howard W. Hunter, aos dois anos de idade, 1909



Howard W. Hunter, com cerca de cinco anos de idade

de abril de 1920. Onze semanas depois de seu batismo, foi ordenado diácono. “Lembro-me da primeira vez que distribuí o sacramento”, contou ele. “Tive medo, mas fiquei muito entusiasmado com o privilégio. Após a reunião, o bispo elogiou minha conduta. O bispo sempre era muito atencioso comigo” (citado em J. M. Heslop, “He Found Pleasure in Work”, *Church News*, 16 de novembro de 1974, p. 4).

AS EXPERIÊNCIAS DO INÍCIO DE SUA JUVENTUDE MOSTRARAM SUA DETERMINAÇÃO E FORÇA



Howard W. Hunter, aos 12 anos de idade, 1919

Howard entrou correndo pela casa e caiu desastrosamente na panela, com a mão esquerda à frente, que sofreu graves queimaduras. Muitos anos depois, ao escrever sua história, ele narrou o ocorrido:

“Minha família chamou um médico e ele recomendou que meu braço fosse coberto com purê de batatas e atado. Algumas das vizinhas vieram ajudar. Lembro-me de sentar-me na pia da cozinha enquanto batatas cozidas eram esmagadas e colocadas em volta de meu braço e panos eram rasgados em tiras para fazer uma faixa. Felizmente, a grave queimadura não prejudicou o crescimento de meu braço, mas levei as

e as crianças. Howard não pôde batizar-se aos oito anos de idade, pois seu pai achava que ele não tinha idade suficiente para fazer tais escolhas sozinho. Todavia, quando Howard fez 12 anos, conversou com o pai e pediu permissão para ser batizado. Ele desejava sinceramente receber o Sacerdócio Aarônico e poder distribuir o sacramento. Seu pai consentiu e ele foi batizado em 4

cicatrices pelo resto da vida” (Knowles, *Howard W. Hunter*, p. 18).

“O jovem Howard vendia jornais numa esquina em Boise. Sua família morava perto de um clube esportivo, assim ele trabalhava com frequência como assistente dos jogadores de golfe. Ele emoldurava quadros numa loja de artes, entregava telegramas e desempenhava várias outras funções numa loja de departamentos. Devido a seu sucesso num projeto que desenvolveu na farmácia onde trabalhava depois das aulas, Howard ganhou um curso de farmácia por correspondência e concluiu-o antes de terminar a escola secundária.

Ele parecia ter êxito em tudo o que se propunha a fazer. Em 1919, durante a campanha para angariar fundos para uma nova capela em Boise, Howard, um diácono, foi o primeiro a contribuir. Doou 25 dólares — uma quantia considerável para um menino de 12 anos” (Don L. Searle, “President Howard W. Hunter, Acting President of the Quorum of the Twelve Apostles”, *Ensign*, abril de 1986, p. 22).

ELE TINHA MUITOS TALENTOS



Howard W. Hunter

foi bom aluno’, disse a irmã Rasmussen. Estava sempre motivado e tinha uma mente brilhante’. E, apesar de tudo, sua ambição e inteligência eram temperadas pelo amor e a compaixão. Ele ganhava as bolinhas de gude de outros meninos ao vencer as partidas — mas em seguida as devolvia. Certa vez, recusou um emprego



Howard W. Hunter, com cerca de 8 anos de idade, com sua irmã Dorothy

“‘Minha mãe disse que, desde que ele era bebê, tinha um ritmo perfeito para a música’, contou a irmã [de Howard W. Hunter], Dorothy Hunter Rasmussen. ‘Ele tem um ouvido musical excepcional’, disse ela, e uma ‘linda voz’. Esses talentos musicais se tornaram importantes em sua vida.

Mas outras qualidades também se manifestaram cedo. ‘Ele sempre

que muito desejava ao saber que outro rapaz seria dispensado para dar-lhe a vaga” (Searle, *Ensign*, abril de 1986, p. 22).

“Howard saía-se bem na escola em quase tudo. Contudo, reconheceu dois pontos fracos: ‘Eu não era bom em esportes e tinha dificuldade para distinguir as cores — não todas, mas as diferentes tonalidades de vermelho, verde e marrom.’

Ele concebeu uma maneira engenhosa de resolver seu problema de daltonismo. Ele colocava seus lápis de cor em cima da carteira, e quando o professor de artes pedia aos alunos que pegassem determinada cor, Howard deslizava o dedo por cima dos diferentes lápis na carteira e Beatrice Beach, que se sentava atrás dele, tocava no ombro dele quando ele tocava o lápis certo. Ele tinha vergonha de admitir ao professor que não conseguia distinguir as cores.

Quanto ao outro ‘ponto fraco’ de Howard, sua falta de interesse pelos esportes, o mais perto que ele chegou de participar de uma competição esportiva foi quando foi a um torneio de futebol americano certo ano na época da escola secundária para fazer a cobertura para o jornal local. Ele gostava de ler e escrever e de estudar a maioria das disciplinas escolares, mas nem sempre se dedicava muito para dominá-las. Tinha também muitos outros interesses, como uma sucessão de empregos depois da escola e durante as férias de verão” (Knowles, *Howard W. Hunter*, p. 32).

ELE TORNOU-SE UM ESCOTEIRO DA PÁTRIA



Ele foi um dos primeiros Escoteiros da Pátria de Idaho.

O programa de escotismo tinha apenas uma década de existência quando Howard W. Hunter se envolveu nele. A certa altura, percebeu que se continuasse a ganhar condecorações de mérito no mesmo ritmo, seria o primeiro Escoteiro da Pátria de Idaho.

Quando Howard voltou do acampamento naquele ano, tinha recebido nove medalhas de mérito. Essas distinções, e uma que ele recebera antes do acampamento, foram conferidas por um júri em 14 de setembro de 1922, numa reunião

conjunta com o Rotary Club e o Conselho de Escoteiros de Boise, bem como o prefeito e outros homens de destaque da cidade.

“Quando foi convocado o júri”, disse Howard, ‘eu tinha preenchido os requisitos para quinze distintivos de mérito e para os títulos de “Life Scout” e “Star Scout”. Eu só precisava de mais seis para receber o grau O Escoteiro da Pátria. A revista de escotismo trazia artigos de meninos que tinham recebido essa honra, mas foi-nos dito que ainda não havia nenhum em Idaho. A disputa estava entre mim e Edwin Phipps, da Tropa 6.’

Na reunião seguinte do júri, ambos os rapazes tinham recebido 21 distintivos de mérito, o número necessário para o título de Escoteiro da Pátria, mas Edwin alcançara-os em todas as áreas exigidas, ao passo que Howard ainda precisava receber os distintivos no atletismo, valores cívicos e culinária. Assim, Edwin recebeu seu título em março de 1923, dois meses antes de Howard receber o dele” (Knowles, *Howard W. Hunter*, pp. 39–40).

Desde esse momento, ele foi reconhecido como o segundo Escoteiro da Pátria de Boise e talvez de todo o Estado de Idaho.

ELE ERA UM JOVEM EMPREENDEDOR

“Outra atividade [de Howard W. Hunter] quando menino era colecionar despertadores que tinham sido jogados fora. Desmontava-os, consertava-os, lubrificava-os e fazia-os funcionar de novo. Em seguida, vendia-os para ter um pouco de dinheiro.

Outro trabalho que Howard experimentou foi fazer triagem de limões, separando os verdes dos amarelos. Essa foi uma das poucas tarefas para as quais ele não tinha absolutamente nenhuma aptidão — como era daltônico, não conseguia distinguir a diferença! O interessante é que posteriormente ele se tornou especialista em bananas.” (ver Faust, *A Liabona*, setembro de 1994, p. 6).

ELE ORGANIZOU O CONJUNTO MUSICAL “HUNTER’S CROONADERS”

“Durante seu segundo ano da escola secundária, Howard participou de um concurso de vendas patrocinado pela Sampson Music Company. Os fregueses da loja recebiam um ponto para cada dólar gasto em mercadorias e podiam designar qual participante do concurso receberia os pontos. Howard incentivou todos os seus amigos e conhecidos a fazerem compras na loja Sampson, e os pontos que lhe foram creditados garantiram-lhe o prêmio de segundo lugar, um instrumento chamado marimba. Em pouco tempo, ele aprendeu

sozinho a tocá-lo, e fazia-o bem o bastante para apresentar-se na escola, na Igreja e em outros eventos e depois integrar uma orquestra de bailes.

‘Na maioria dos casos, as orquestras não eram grandes o bastante para terem um tocador de marimba a menos que ele dominasse também outros instrumentos’, explicou Howard, ‘assim, comecei a tocar bateria. Ao atingir cada vez mais um nível profissional, aprendi a tocar também saxofone e clarineta e em seguida trompete.’ Tocou também piano e violino, pois estudara esses dois instrumentos durante um ano na escola primária.



Howard W. Hunter com um saxofone

No segundo semestre de 1924, depois de tocar para várias orquestras, Howard organizou seu próprio conjunto, que ele chamou de “Hunter’s Croonaders”. Em novembro e dezembro daquele ano, o grupo tocou em seis bailes e, no ano seguinte, recebeu 53 convites para apresentações em locais públicos, restaurantes, festas particulares, recepções de casamento, escolas, igrejas, clubes e outras organizações. A maior parte do trabalho era em Boise e outras cidades vizinhas, mas às vezes o grupo se apresentava um pouco mais longe” (Knowles, *Howard W. Hunter*, pp. 45–46).



Ele formou uma orquestra de cinco músicos chamada “Hunter’s Croonaders”. Howard W. Hunter está no centro, segurando um saxofone.

Em 1926, Howard teve a oportunidade de formar uma orquestra de cinco músicos para um cruzeiro marítimo de dois meses pelo Oriente no navio americano *President Jackson*. O conjunto foi contratado para tocar a música de fundo para os filmes mudos exibidos durante a viagem. Eles também tocavam música clássica nos jantares e bailes.

UMA AULA NA ESCOLA DOMINICAL INCENTIVOU-O A RECEBER A BÊNÇÃO PATRIARCAL

“Na classe para os jovens adultos da Escola Dominical [Howard W. Hunter] passou por uma grande mudança em seu desejo de conhecer o evangelho. Em sua biografia, ele escreveu:

‘Embora eu tivesse assistido às aulas da Igreja na maior parte de minha vida, meu primeiro despertar para o evangelho aconteceu numa classe da Escola Dominical na Ala Adams, cujo professor era o irmão Peter A. Clayton. Ele tinha um enorme conhecimento e capacidade de inspirar os jovens. Eu estudava as lições, lia as designações extraclasse que ele nos dava e prontificava-me para discorrer sobre os assuntos propostos. Subitamente, dei-me conta do real significado de alguns dos princípios do evangelho, compreendi os graus de glória e os requisitos para a exaltação celeste, conforme o irmão Clayton nos ensinara e instruíra. Considero que foi nesse período de minha vida que as verdades do evangelho começaram a descortinar-se perante mim. Sempre tive um testemunho do evangelho, mas de repente comecei a compreendê-lo.

O assunto de uma das aulas do irmão Clayton no início de março de 1930 foi a bênção patriarcal. ‘Eu nunca entendera verdadeiramente as bênçãos patriarcais, mas agora faziam sentido’, escreveu Howard. ‘Naquele dia, procurei o irmão George T. Wride, o patriarca da estaca, e ele pediu que eu fosse ao escritório dele na casa da missão atrás da capela da Ala Adams no domingo seguinte.’

Naquele domingo de março, depois de conversar com Howard por alguns minutos, o irmão Wride impôs as mãos sobre a cabeça do rapaz e lhe deu uma bênção patriarcal.

A bênção declarou que Howard era alguém que ‘o Senhor conhecia desde o princípio’ e que ele ‘mostrara acentuado poder de liderança entre as hostes celestes’ e fora ordenado ‘para realizar uma obra importante na mortalidade para levar a efeito os desígnios [do Senhor] no tocante a Seu povo escolhido’. Foi-lhe prometido que, se ele permanecesse fiel, receberia em abundância ‘inteligência do alto’, seria um ‘mestre numa atividade profissional e um professor de sabedoria terrena, bem como um sacerdote do Deus Altíssimo’, e usaria seus talentos para servir à Igreja, se sentaria em seus conselhos e seria conhecido por sua sabedoria e juízos justos” (Knowles, *Howard W. Hunter*, pp. 70–71).

ELE CASOU-SE COM CLARA JEFFS



Clara May Jeffs quando adolescente

no início de 1931 e casaram-se [no Templo de Salt Lake] em 10 de junho do mesmo ano” (ver Faust, *A Liabona*, setembro de 1994, p. 7).

“À medida que se aproximava a data do casamento, Howard tomou outra decisão importante. Durante vários anos, ele tocara em orquestras em bailes, festas, salões públicos, no rádio e no teatro. ‘Aquilo tudo exercia certo fascínio sobre mim’, refletiu ele, ‘e eu ganhava bem, mas a companhia de muitos dos músicos nem sempre era agradável porque eles bebiam e não tinham padrões morais elevados’. O convívio com esses colegas não era compatível com o estilo de vida que ele pretendia levar com sua esposa e família, assim ele resolveu abandonar a carreira de músico profissional.

Em 6 de junho de 1931, quatro dias antes de seu casamento, Howard tocou em seu último compromisso no Virginia Ballroom, em Huntington Park. Ao chegar a casa naquela noite, embalou seus saxofones, clarinetas e partituras e guardou tudo. Ele já vendera sua bateria e guardara seu trompete e violino.

‘Desde aquela noite’, disse ele, ‘nunca pus as mãos em meus instrumentos musicais, exceto em poucas ocasiões, quando as crianças estavam em casa, [e] entoávamos hinos de Natal e eu fazia o acompanhamento com a clarineta. Embora isso criasse um vazio em mim, pois era algo de que eu gostava, nunca lamentei minha decisão” (Knowles, *Howard W. Hunter*, p. 81).

Um amigo apresentou Howard W. Hunter a uma jovem num baile de adultos solteiros na Califórnia em 8 de junho de 1928. “O nome dela era Clara (Claire) Jeffs. Imediatamente atraído por ela, Howard disse a Claire: ‘Por que você não sai comigo?’ Ela respondeu: ‘Por que não me convida?’ Logo ela e Howard começaram a namorar. Ficaram noivos



Howard e Claire Hunter

O INÍCIO DA VIDA CONJUGAL FOI DOCE

“Howard e Claire começaram a vida de casados num apartamento mobiliado com vista para o mar em Hermosa Beach [Califórnia]. ‘Todas as manhãs’, contou ele, ‘acordávamos cedo. Eu colocava minha roupa de banho, corria pela praia e mergulhava nas ondas. Depois de nadar vigorosamente e tomar um banho quente, o desjejum estava na mesa. O trajeto de carro para o banco onde eu trabalhava em Hawthorne durava apenas 15 minutos e eu estava pronto para mais um dia de trabalho. Nadávamos com frequência à noite depois de eu voltar para casa e costumávamos andar pela praia sob as estrelas antes de irmos dormir. Embora fizesse calor durante o dia, a brisa do mar refrescava as noites e tornava-as agradáveis, e o barulho das ondas era uma canção de ninar para nós.’

Quando eles alugaram o apartamento, disse ele, sabiam que não teriam condições de morar lá por muito tempo — ‘mas queríamos o luxo de um local agradável para iniciar nossa vida a dois’.

Pouco depois, mudaram-se para uma casa não mobiliada de três cômodos de onde Howard podia ir a pé ao banco em Hawthorne. Claire tinha um conjunto de móveis de quarto e eles compraram alguns outros móveis e objetos para a casa, mas estavam determinados (...) a não contrair dívidas. ‘Por esse motivo, não tínhamos todas as coisas que desejávamos, mas o necessário para uma vida confortável’, disse Howard” (Knowles, *Howard W. Hunter*, p. 83).

ELE INTERESSOU-SE PELO DIREITO

“Depois que o banco onde ele trabalhava decretou falência [durante a Grande Depressão], Howard, que estava com 24 anos, vendeu sabão porta a porta, ajudou a vigiar estradas e pintou pontes.

Em 1934, uma grande vitória para ele foi conseguir um emprego no departamento jurídico do Distrito de Controle de Enchentes do Condado de Los Angeles. Ele verificou que tinha aptidão para compreender textos jurídicos e, aos 26 anos de idade,



Howard W. Hunter com a esposa, Claire, e os filhos Richard e John

REPRODUÇÃO PROIBIDA

tomou a decisão importante de estudar Direito. Depois de cursar disciplinas que constituíam pré-requisitos, entrou para a faculdade de Direito da Universidade Southwestern, onde se formou quatro anos depois. Durante esse período, trabalhou em tempo integral, assistindo às aulas à noite, e sua esposa teve três filhos” (Jay M. Todd, “President Howard W. Hunter: Fourteenth President of the Church”, *Ensign*, julho de 1994, p. 6).



Howard W. Hunter

“A decisão de Howard de estudar Direito teve um grande impacto na vida dos Hunter. (...) ‘Eu trabalhava 8 horas por dia e fazia a maior parte das aulas à noite. Depois, eu estudava em casa de madrugada e nos fins-de-semana’, contou o Presidente Hunter. Inicialmente, estudava até 2h da manhã. Depois, descobriu que era menos cansativo ir para a cama mais cedo e acordar às 2h da manhã para estudar.

Foi, relatou ele, um período de treinamento severo que o ajudou a aprender a disciplina necessária para lidar com os rigores de uma carreira, serviço na Igreja e vida familiar. Ele formou-se *com honras*” (ver Faust, *A Liabona*, abril de 1987, p. 21).

Uma semana depois de formar-se como terceiro da turma, ele começou a preparar-se para o exame da ordem de advogados da Califórnia. Foi-lhe dito que apenas um em cada três participantes era aprovado.



Howard e Claire Hunter

Howard fez o exame, ‘uma das experiências mais difíceis de [sua] vida’, em 23, 24 e 25 de outubro [de 1939]. ‘Depois do terceiro dia, eu estava totalmente exausto. Eu empenhara-me ao máximo, mas havia a

ansiedade de não saber se meu desempenho fora bom o bastante.’

A espera parecia interminável, pois ‘vários anos de trabalho intenso dependiam do resultado de um único evento’. Ele sabia que se recebesse uma carta leve, isso significaria que ele não fora aprovado. Já uma carta espessa incluiria não apenas uma página com a feliz notícia de que ele fora aprovado, mas também vários formulários de admissão à ordem dos advogados e acesso aos tribunais.

Foi na manhã de 12 de dezembro que Claire me telefonou no escritório e disse que o carteiro acabara de entregar uma carta do Comitê dos Corretores do Concurso da Ordem’, lembrou-se ele. ‘É uma carta fina ou espessa?’, perguntei. ‘Espessa’, respondeu ela. Senti um grande alívio, fechei os olhos e esperei que ela abrisse e lesse a carta. O trabalho árduo e os sacrifícios que fizéramos tinham chegado a bom termo. E seu professor tinha razão: de 718 candidatos naquele exame, apenas 254, ou 35,4 por cento, foram aprovados. Quase dois terços falharam” (Knowles, *Howard W. Hunter*, p. 93).

ELE FOI CHAMADO COMO BISPO E DEPOIS PRESIDENTE DE ESTACA

Em agosto de 1940, Bertrum M. Jones, presidente da Estaca Pasadena, chamou Howard W. Hunter para servir como bispo da nova Ala El Sereno. “Howard ficou espantado. ‘Eu sempre pensara num bispo como alguém idoso’, recordou ele, ‘e fiquei a perguntar-me como eu poderia ser o pai da ala com a pouca idade de trinta e dois anos. Disseram-me que eu seria o bispo mais novo que já fora chamado no Sul da Califórnia até aquela data, mas eles sabiam que eu estava à altura do chamado. Externei gratidão por sua confiança e garanti que daria o melhor de mim.’



A presidência da Estaca Pasadena Califórnia (início da década de 1950)

Ainda chocado, ele foi para casa e contou a notícia a Claire. ‘Lembramo-nos da decisão que fizéramos de casar em vez de partir em missão e que um dia serviríamos numa missão juntos’, disse ele.

‘Talvez essa fosse a missão, mas num modo diferente do esperado por nós’” (Knowles, *Howard W. Hunter*, p. 94).



Howard W. Hunter com a esposa Claire e o filho John no Taj Mahal, na Índia, 1958

REPRODUÇÃO PROIBIDA

Quase dez anos depois, “em fevereiro de 1950, os Élderes Stephen L. Richards e Harold B. Lee receberam a designação de dividir a Estaca Pasadena e chamaram Howard W. Hunter para ser o presidente da Estaca Pasadena. Ele não hesitou antes de aceitar esse chamado. Como escrevia meticulosamente no diário quando jovem, ele registrou o seguinte acerca dessa sua atitude: ‘Entendi muito bem as observações das autoridades gerais quando nos disseram que fomos escolhidos por causa da força de nossa esposa. Claire (...) sempre estava a meu lado, apoiando-me e compreendendo-me durante os anos da faculdade de Direito, durante meu serviço como bispo e em todos os cargos que tive’” (ver Faust, *A Liabona*, setembro de 1994, p. 8).

ELE FOI CHAMADO COMO APÓSTOLO

“Uma mudança radical aconteceu na vida de Howard W. Hunter em 9 de outubro de 1959. Ele e Claire tinham ido para Salt Lake City para assistir à conferência geral de outubro, e Howard recebeu uma mensagem dizendo que o Presidente David O. McKay desejava conversar com ele. O President McKay deu-lhe a seguinte notícia: ‘Amanhã você será



Presidente do Quórum dos Doze Apóstolos, por volta de 1988

apoiado como membro do Conselho dos Doze” (ver Faust, *A Liabona*, setembro de 1994, pp. 11–12).

Ao relatar essa experiência, o Élder Hunter escreveu:

“O Presidente McKay recebeu-me com um sorriso amável e um aperto de mão firme e em seguida me disse: ‘Sente-se, Presidente Hunter, gostaria de conversar com você. O Senhor falou. Você foi chamado para ser uma de Suas testemunhas especiais e amanhã será apoiado como membro do Conselho dos Doze.’

Sou incapaz de explicar o sentimento que se apoderou de mim. Lágrimas vieram-me aos olhos e não conseguia falar. Nunca me senti tão pequeno como nesse dia, ao estar na presença daquele grande homem, tão doce e bondoso — o profeta do Senhor. Ele falou-me da grande alegria que isso traria a minha vida, do maravilhoso convívio com as demais autoridades gerais e disse-me que a partir daquele momento minha vida e meu tempo seriam dedicados a meu trabalho de servo do Senhor e que, a partir de então, eu pertenceria à Igreja e ao mundo inteiro. Disse-me também outras coisas, mas eu estava tão emocionado que não recorro os detalhes, mas lembro-me de que ele colocou os braços a meu redor e garantiu-me que o Senhor me amaria e que eu teria a confiança sustentadora da Primeira Presidência e do Conselho dos Doze.

A entrevista durou apenas alguns minutos e, ao sair, eu disse-lhe que amava a Igreja, que o apoiava e apoiava os demais membros da Primeira Presidência e do Conselho dos Doze e que eu daria com alegria meu tempo, minha vida e todos os meus bens a essa obra. Ele disse-me que eu podia telefonar para a Irmã Hunter e contar-lhe a notícia. (...) Voltei ao Hotel Utah e telefonei para Claire em Provo, mas quando ela atendeu, eu mal conseguia falar” (citado em Knowles, *Howard W. Hunter*, pp. 144–145).

“Depois que seu nome foi apresentado na conferência geral e apoiado, o Presidente Clark convidou-o para tomar seu lugar com os Doze no púlpito. Ele recordou: ‘Meu coração começou a bater mais forte quando subi os degraus. O Élder Hugh B. Brown afastou-se para dar lugar para mim, e assumi minha posição como décimo segundo membro do Quórum. Senti o olhar de todos fixos em mim, bem como o peso do mundo sobre meus ombros. No decorrer da conferência, fiquei mais incomodado e fiquei a perguntar-me se um dia eu sentiria que aquele era mesmo meu lugar’” (ver Faust, *A Liabona*, setembro de 1994, p. 12).



O Élder e a Irmã Hunter com o primeiro neto, Robert Mark Hunter, filho de Lourine e John Hunter, outubro de 1959

REPRODUÇÃO PROIBIDA

ELE EXPRESSOU SEUS SENTIMENTOS SOBRE O FATO DE SER APÓSTOLO



Com o Élder Boyd K. Packer

experiência que nos dá vontade de ser cada vez melhores’, escreveu ele em 1967. ‘Há bondade, união e amor.’

Muitas dessas expressões estão mescladas com o assombro diante de tantas bênçãos, como as seguintes: ‘Ao sentar-me com este grupo de autoridades gerais sinto minhas fraquezas, mas sempre também tenho a resolução de empenhar-me mais’. ‘Momentos como esse me ajudam a sentir minha própria insignificância e indignidade de receber tais privilégios e bênçãos.’ ‘Essas reuniões são momentos altos em minha vida e sempre me levam a questionar-me por que fui escolhido e por que tenho o privilégio de sentar-me neste conselho.’ ‘Saí do templo hoje, como em outras ocasiões, sentindo minhas fraquezas e perguntando-me por que fui escolhido para essa posição. Sempre tomo a resolução de melhorar e de esforçar-me para ser o exemplo do que se espera de mim” (Knowles, *Howard W. Hunter*, pp. 226–227).

“O Élder Hunter nunca parou de maravilhar-se com o privilégio que tinha todas as semanas de reunir-se com a Primeira Presidência e os Doze no templo para tomar o sacramento, invocar o Senhor em oração e tratar de assuntos do reino do Senhor. ‘A reunião desse conselho no templo é uma

ELE ENSINOU SOBRE A VERDADEIRA RELIGIÃO



Discursando no Tabernáculo de Salt Lake

O Élder Howard W. Hunter explicou:

“Há uma grande diferença entre ética e religião. Há uma distinção entre alguém cuja vida se baseia na mera ética e alguém que leva uma vida verdadeiramente religiosa. Precisamos de ética, mas a verdadeira religião inclui as verdades da ética e vai muito além. A verdadeira religião tem suas raízes na crença num

ser supremo. A religião cristã baseia-se na crença em Deus o Pai Eterno e em Seu Filho Jesus Cristo e na palavra do Senhor conforme contida nas escrituras. A religião também vai além da teologia. É mais do que uma simples crença na Deidade; é a prática da crença. (...)

A verdadeira religião para o cristão é demonstrada por uma crença real em Deus e na consciência de que somos responsáveis perante Ele por nossos atos e conduta. Uma pessoa que vive de tal forma a religião está disposta a viver os princípios do evangelho de Cristo e andar em retidão perante o Senhor em todas as coisas de acordo com Sua lei revelada. Isso traz a um homem ou mulher a sensação de paz, tira-lhes a perplexidade na vida e dá-lhes a certeza da vida eterna no além” (Conference Report, outubro de 1969, p. 112).

ELE VIAJOU PELO MUNDO INTEIRO EM SEU CHAMADO APOSTÓLICO



Ensinando na Terra Santa

Um dos deveres de um apóstolo é levar o evangelho ao mundo, e o Élder Howard W. Hunter viajou pelo mundo inteiro para reunir-se com os santos em muitos países. Viajou mais de vinte vezes à Terra Santa a serviço da Igreja e ajudou a tecer relações de amizade com líderes judeus e árabes em todo o Oriente Médio. Esses laços acabaram por ajudar a Igreja a receber

a permissão de construir o Centro da BYU de Jerusalém. Ele adorava viajar à Terra Santa com outros membros

dos Doze e renovar os laços de amizade com as pessoas que ele conhecia. Em 1993, já visitara quase todas as grandes nações muçulmanas do mundo. Sempre lembrava aos santos que tanto os judeus como os árabes são filhos da promessa e que os membros da Igreja não devem tomar partido.

“Seus dons e atributos celestiais foram refinados quando ele foi repetidas vezes a Jerusalém, na Terra Santa. Jerusalém era como um ímã para ele. Sua atuação como líder na aquisição do terreno e na construção do Centro de Jerusalém da Universidade Brigham Young foi verdadeiramente inspirada. Seu desejo de estar onde o Salvador andara e ensinara parecia insaciável. Ele adorava todas as imagens e sons. Tinha um carinho especial pela Galiléia. Mas amava um lugar acima de todos os outros. Ele *sempre* dizia: ‘Vamos só mais uma vez ao Horto do Sepulcro, é muito bom lá’. Lá, ele sentava-se e meditava como se estivesse rompendo o véu entre ele e o Salvador” (James E. Faust, “Howard W. Hunter: Man of God”, *Ensign*, abril de 1995, p. 27).

SEU AMOR À TERRA SANTA LEVOU-O A DESIGNAÇÕES ESPECIAIS

Em 1961, o Élder Howard W. Hunter, o Élder Spencer W. Kimball e as respectivas esposas fizeram uma viagem ao Egito e ao Oriente Médio. Numa carta a seus companheiros do Quórum dos Doze, os dois apóstolos escreveram:

“Estivemos na véspera de Natal em Belém, onde Cristo nasceu. Havia cerca de 20.000 outras pessoas lá de todos os países, etnias, raças, línguas e religiões. Contudo, quando fomos ao Campo dos Pastores, estávamos sozinhos na escuridão. Na verdade, estaria escuro se não fosse pelo luar resplandescendo e o céu estrelado. Cantamos com doçura para nós mesmos: ‘Lá na Judéia onde Cristo nasceu, os pastorzinhos ouviram do céu: Glória a Deus, Glória a Deus, Glória a Deus nas alturas’. Neste local, nenhuma mesquita nem catedral perturbavam a paisagem e sentimos um doce espírito e fomos levados a crer que poucas mudanças tinham acontecido desde aquela noite santa. (...)”

(...) Em Jerusalém e nas imediações, visitamos a maioria dos locais tradicionais.

Nós quatro andamos alguns quilômetros entre Betânia, o Monte das Oliveiras e Jerusalém — o caminho seguido por Ele tantas vezes. Subimos o monte que pode ter sido o Calvário/Gólgota e sentamo-nos e ficamos lendo por algum tempo o relato da cruel prisão, julgamento, perseguição e crucificação de nosso Salvador.

Com a multidão pesarosa, descemos o morro e passamos bastante tempo na tumba e no jardim que afirmam ser os lugares originais escavados. Lá, tivemos uma sensação espiritual cálida. Sentimos convicção de que era bem possível que fosse o local autêntico. E os evangelhos ganhavam novo significado ao lê-los no local onde tudo acontecera.

E no Monte das Oliveiras, lemos sobre a ascensão. Foi uma experiência gloriosa. (...) Cremos que essas viagens nos ajudarão a ter mais consciência da realidade do passado, da relação do passado com o presente e de nossa dívida para com nosso Senhor, cuja vida, morte e sacrifício parecem ainda mais reais” (citado em Knowles, *Howard W. Hunter*, pp. 163—164.).

“No Oriente Médio, o Élder Hunter reuniu-se com chefes de estado e outros líderes governamentais, mas conversou também com condutores de camelo e trabalhadores braçais. Foi recebido em palácios e tendas de beduínos; andou de limusine e de mula e camelo; participou de refeições suntuosas e comeu pratos simples de camponeses. Ele relacionava-se bem com pessoas de todas as condições sociais, devido a seu interesse genuíno pelas pessoas. Ele assistia a palestras e lia muito sobre o Oriente Médio, e seu conhecimento desses países abria portas e resultava em amizades valiosas para a Igreja. (...)”

Em virtude da compreensão que o Élder Hunter tinha dessa região especial, a Primeira Presidência designou-o para supervisionar dois empreendimentos significativos da Igreja na Terra Santa: O Jardim Memorial Orson Hyde e o Centro de Jerusalém para Estudos do Oriente Médio” (Knowles, *Howard W. Hunter*, pp. 210—212).

FOI CONSTRUÍDO O JARDIM MEMORIAL ORSON HYDE

Em 24 de outubro de 1841, o Élder Orson Hyde, do Quórum dos Doze Apóstolos, foi à Palestina, como era conhecida então a Terra Santa, para cumprir uma missão especial para a Igreja. (...) No [Monte das Oliveiras], do outro lado do vale de Cedrom em Jerusalém, ele proferiu uma oração, dedicando a terra da Palestina para a edificação de Jerusalém e a coligação da posteridade de Abraão.

Em 24 de outubro de 1979, o Presidente Spencer W. Kimball esteve no mesmo monte para dedicar um jardim memorial para comemorar a oração do Élder Hyde. O Élder Howard W. Hunter estava presente nessa ocasião, ele que desempenhara um papel primordial no levantamento de fundos e nas negociações que culminaram com a construção do jardim.



O Élder Hunter reúne-se com Teddy Kolleck, prefeito de Jerusalém, na dedicação do Jardim Memorial Orson Hyde, 1979

Os alicerces desse projeto foram lançados quando o Presidente Harold B. Lee, o Élder Gordon B. Hinckley, do Quórum dos Doze, e o Presidente Edwin Q. Cannon Jr. da Missão Suíça visitaram Israel em setembro de 1972. Eles reuniram-se com representantes dos ministérios israelenses de religião, relações exteriores e turismo e verificaram a possibilidade de construir um monumento em homenagem a Orson Hyde em Jerusalém.

“Três meses depois, em 19 de dezembro de 1972, o Élder Hunter escreveu em seu diário: ‘Como vou à Terra Santa semana que vem, a Primeira Presidência chamou-me para sua reunião hoje de manhã e pediu-me que me reunisse com o líder do grupo [da Igreja] em Jerusalém e com o prefeito, se necessário, para tratar da construção de um monumento comemorativo da oração de Orson Hyde em Jerusalém’.

Em Jerusalém, no dia 1º de janeiro, o Élder e a Irmã Hunter visitaram vários locais possíveis para o monumento. Ele falou de suas impressões dos lugares visitados com o Presidente Lee, mas nada foi decidido naquele momento. Dois anos depois, o município de Jerusalém convidou a Igreja para participar do desenvolvimento de um cinturão verde em volta das muralhas da Cidade Santa. Após uma visita a Jerusalém, o Élder Hunter relatou que o local proposto, situado no Monte das Oliveiras, seria o maior lote individual do parque. Assim, o Jardim Memorial Orson Hyde começou a tornar-se realidade” (Knowles, *Howard W. Hunter*, pp. 212–213).

“TODOS SÃO IGUAIS PERANTE DEUS”



Com os Élderes James E. Faust (o terceiro a partir da direita) e Jeffrey R. Holland (na extrema direita) e familiares no Horto do Sepulcro, maio de 1985

Durante o período em que a Igreja estava envolvida no projeto do Jardim Memorial Orson Hyde, o Élder Howard W. Hunter ensinou:

“Como membros da Igreja do Senhor, temos que erguer nossa visão acima dos preconceitos pessoais. Precisamos descobrir a verdade suprema de que de fato nosso Pai não faz acepção de pessoas. Às vezes ofendemos indevidamente nossos irmãos de outros países ao considerarmos algo exclusivo de um povo em detrimento de outro.

Permitam-me citar, como exemplo dessa exclusividade, o problema atual no Oriente Médio — o conflito entre os árabes e os judeus. (...)

Há membros da Igreja no mundo muçulmano. (...) Às vezes, eles ficam ofendidos por membros da Igreja

que dão a impressão de que favorecemos apenas os interesses dos judeus. A Igreja interessa-se por todos os descendentes de Abraão e devemos recordar que a história dos árabes remonta a Abraão por meio de seu filho Ismael.

Imaginem um pai com muitos filhos, cada um com temperamento, aptidão e traços espirituais diferentes. Será que ele ama um filho menos do que outro? Talvez o filho com menor inclinação religiosa receba mais atenção, orações e súplicas do pai do que os outros filhos. Isso significa que ele ama menos os outros? Vocês imaginam nosso Pai Celestial amando uma nacionalidade de Seus filhos de modo mais exclusivo do que a de outros? Como membros da Igreja, precisamos lembrar-nos da pergunta instigante de Néfi: ‘Não sabeis que há mais de uma nação?’ (2 Néfi 29:7.)

Atualmente, estamos envolvidos num projeto para embelezar o Monte das Oliveiras em Jerusalém com um jardim em memória de Orson Hyde, um apóstolo do início da Restauração da Igreja, e da oração dedicatória que ele proferiu nesse local. Não é porque favorecemos um povo em detrimento de outro. Jerusalém é sagrada para os judeus, mas também para os árabes.

Um ministro do Egito disse-me certa vez que se um dia uma ponte vier a ser construída entre o cristianismo e o islã, ela deverá ser construída pela Igreja Mórmon. Ao questionar os motivos dessa frase, fiquei impressionado ao ouvi-lo recitar nossas semelhanças e os laços comuns de fraternidade.

Tanto os judeus como os árabes são filhos de nosso Pai. Em ambos os casos, trata-se de filhos da promessa, e como Igreja não devemos tomar partido. Temos amor e interesse por ambos os povos” (“All Are Alike unto God”, *1979 Devotional Speeches of the Year* [1980], pp. 35–36).

FOI CONSTRUÍDO O CENTRO DE JERUSALÉM



O Centro da BYU de Jerusalém



O Centro da BYU de Jerusalém

“Enquanto o projeto para o jardim de Orson Hyde em Jerusalém estava em andamento, o Élder Hunter estava também procurando e negociando para adquirir um local para sediar o programa de estudos da Universidade Brigham Young e o ramo e distrito de Jerusalém da Igreja.

Contudo, não seria fácil encontrar um local adequado, conseguir um plano arquitetônico condizente e negociar em meio a inúmeras exigências burocráticas. (...)

A busca de um local começou seriamente em 1979, quando o Jardim Memorial Orson Hyde estava quase concluído. Em 8 de fevereiro de 1979, o Élder Hunter reuniu-se com um grupo de autoridades gerais e líderes da BYU para determinar se a Igreja deveria construir em Jerusalém.

Dois meses depois, o Élder Hunter, o Élder James E. Faust e o comissário de educação da Igreja, Jeffrey R. Holland, reuniram-se com a Primeira Presidência e, como escreveu o Élder Hunter, ‘recomendaram a aquisição de um terreno em Jerusalém e a construção de um prédio para a capela do ramo (...) e também para a moradia e as salas de aula do programa de estudos no exterior da BYU’. A proposta foi aprovada, e o Élder Hunter recebeu ‘autorização para buscar e negociar um terreno’.

Essa decisão deu origem a inúmeras reuniões, telefonemas e viagens para Israel, à medida que o Élder Hunter tomou conhecimento das complexas leis israelenses sobre a transferência de propriedade e outros requisitos que precisavam ser preenchidos antes do início das obras. (...)

O local de preferência da Igreja era um terreno que o Presidente Kimball visitara quando estivera em Jerusalém para dedicar os jardins de Orson Hyde. Pertencente ao governo israelense, ficava no Monte das Oliveiras, adjacente ao campus do Monte Scopus da Universidade Hebraica e perto do prédio proposto para a Suprema Corte de Israel. (...)

Finalmente, em janeiro de 1981, o Élder Hunter recebeu a notícia de que o registro da Universidade Brigham Young em Israel fora aprovado, o que abria as portas para a aquisição do terreno. Quatro meses depois, a Autoridade de Terras de Israel concordou em arrendar para a BYU aproximadamente dois hectares do terreno que a Igreja desejava, por um período de quarenta e nove anos, com a possibilidade de renovação por mais quarenta e nove anos. (...)

Depois de quase três anos de negociações e avaliações detalhadas, David Galbraith [que foi chamado pelo Presidente Harold B. Lee em 1972 como o primeiro presidente de ramo em Israel] telefonou para o Élder Hunter em 27 de setembro de 1993 e lhe disse que os planos tinham sido aprovados pelo Conselho Municipal de Jerusalém. (...)

Contudo, isso não pôs fim aos problemas ligados à construção do centro. Embora a intenção da Igreja de construir um centro educacional tivesse sido manifestada muito antes, a oposição de tanto judeus como árabes aumentou sensivelmente assim que começaram as obras no local. ‘Os judeus temem que nossa presença em Jerusalém seja uma forma de proselitismo, e os árabes preocupam-se por estarmos construindo no que eles consideram terra ocupada’, relatou o Élder Hunter à Primeira Presidência após uma viagem para Jerusalém em fevereiro de 1985 para tentar neutralizar a oposição.

Artigos em jornais de Jerusalém pediam ao Knesset — o parlamento israelense — que rescindisse a permissão para implementar o projeto, e manifestantes aumentaram sua pressão sobre as autoridades civis e ameaçaram praticar atos de violência no canteiro de obras. (...)

A questão do proselitismo estava no âmago da reação dos judeus. A Igreja concordara, como condição para a construção do centro em Jerusalém, em não fazer proselitismo, uma posição reiterada num artigo do jornal *Church News* no qual o porta-voz da Igreja ressaltou: ‘Quando a obra missionária é contrária à lei, não a fazemos’ [*Church News*, 28 de julho de 1985, p. 4]. Todavia, os opositores do projeto recusaram-se a aceitar essa promessa e a controvérsia continuou.

Enquanto isso, a construção do centro prosseguia. O Élder Hunter e o Élder Faust foram a Jerusalém novamente em maio de 1986. ‘A tarde [do dia 21 de maio] foi passada numa visita ao prédio’, escreveu o Élder Hunter. ‘O trabalho mais pesado de construção está quase todo concluído e, em outubro, os alojamentos estudantis estarão prontos para serem ocupados. (...) Entregamos a cada um dos 120 membros do Knesset a cópia de uma carta assinada por 154 membros do Congresso dos Estados Unidos de ambos os partidos

predominantes que fazia um apelo conjunto para permitir a conclusão das obras do Centro da BYU para Estudos do Oriente Médio em Jerusalém” (Knowles, *Howard W. Hunter*, pp. 215–220).

Os parlamentares israelenses deram permissão para a continuidade da construção. Em março de 1987, alunos chegaram ao centro antes mesmo do fim das obras e um contrato de arrendamento foi assinado em maio de 1988. O Presidente Hunter dedicou o centro em 16 de maio de 1989.

ELE ENSINOU SOBRE O DESENVOLVIMENTO DA ESPIRITUALIDADE

O Élder Howard W. Hunter disse:

“Desenvolver a espiritualidade e entrar em sintonia com as influências mais elevadas da Deidade não é tarefa fácil. Leva tempo e em geral envolve um enorme esforço. Não é algo que acontecerá por acaso, mas que só se alcança com um empenho deliberado e invocando a Deus e guardando Seus mandamentos. (...)

Parte de nossa dificuldade ao tentarmos adquirir espiritualidade é o sentimento de que há muito a fazer e que estamos falhando. A perfeição é algo ainda distante para cada um de nós; mas podemos tirar o máximo proveito de nossos pontos fortes, iniciar do ponto onde estamos e procurar a felicidade que pode ser encontrada na busca das coisas de Deus. (...)

Nenhum de nós chegou à perfeição nem ao apogeu do crescimento espiritual possível na mortalidade. Todos podem e devem progredir espiritualmente. O evangelho de Jesus Cristo é o plano divino para esse crescimento espiritual eterno. É mais do que um código de ética; mais do que uma ordem social ideal; mais do que pensamentos positivos sobre o auto-aperfeiçoamento e determinação. O evangelho é o poder salvador do Senhor Jesus Cristo com Seu sacerdócio e apoio e com o Espírito Santo. Com fé no Senhor Jesus Cristo e obediência a Seu evangelho, aperfeiçoando-nos passo a passo, suplicando ajuda, melhorando nossas atitudes e nossas ambições, nós nos encontraremos com êxito no rebanho do Bom Pastor. Isso exigirá disciplina, treinamento, empenho e força. Contudo, como o Apóstolo Paulo disse: ‘Posso todas as coisas em Cristo que me fortalece’ (Filipenses 4:13)” (Conference Report, março—abril de 1979, pp. 34–36; ver *A Liabona*, outubro de 1979, pp. 39,40–41).

OS SANTOS RECEBERAM-NO COM GENEROSIDADE

O Élder Howard W. Hunter viajou por muitos lugares do mundo e fez face a diversas dificuldades.

Ele escreveu sobre um desafio surpreendente que enfrentou como autoridade geral:

“É quase impossível para as autoridades gerais da Igreja permanecer esbeltas. A cada fim de semana, somos recebidos na casa de um presidente de estaca, e sua esposa sempre se desdobra para cozinhar, assar e fazer a mesa com enorme generosidade e abundância. Nunca me acanho, pois não há nada de que eu não goste. A maioria das pessoas gosta de presunto cozido e frango frito e eu também, mas recentemente comi tanto esses alimentos que não consigo olhar um porco ou galinha no olho sem me sentir culpado pelo fato de estar começando a enjoar desses pratos. (...)



Ajudando na ceia de Natal, 1983

Sou grato pelas pessoas maravilhosas que nos recebem todos os fins de semana e aprecio sua bondade para conosco, mas ao passar na frente de uma [lançonete] a caminho de casa, pensei, ‘Um hambúrguer e um sorvete não constituiriam um banquete maravilhoso?’ (Knowles, *Howard W. Hunter*, pp. 172—173.)

Sou grato pelas pessoas maravilhosas que nos recebem todos os fins de semana e aprecio sua bondade para conosco, mas ao passar na frente de uma [lançonete] a caminho de casa, pensei, ‘Um hambúrguer e um sorvete não constituiriam um banquete maravilhoso?’ (Knowles, *Howard W. Hunter*, pp. 172—173.)

ELE INTERESSAVA-SE POR ARQUEOLOGIA DA AMÉRICA CENTRAL E DO SUL

O Élder Howard W. Hunter tinha um amor profundo pelo Livro de Mórmon e sua missão divina. Interessava-se também pelos detalhes históricos e arqueológicos nele contidos. Em 26 de janeiro de 1961, ele foi designado como presidente do conselho de administração da New World Archaeological Foundation (Fundação Arqueológica do Novo Mundo). Ele serviu nessa posição durante vinte e quatro anos. Essa organização estava ligada a trabalhos arqueológicos patrocinados pela BYU no sul do México e no norte da América Central. “A meta da organização era encontrar locais relacionados aos descendentes de Leí. Alguns desses locais eram muito primitivos, e a designação dele levou-o literalmente à selva. O Élder Hunter aprendeu a sobreviver em tais condições comendo ovos cozidos e bananas.” (Faust, ver *A Liabona*, setembro de 1994, p. 13).



Ele gostava de visitar os sítios arqueológicos da América Central e fez várias visitas a esses locais.

O Élder Hunter envolveu-se ativamente na fundação, reunindo-se com frequência com membros do conselho e inspecionando pessoalmente os sítios arqueológicos duas ou três vezes por ano. Ele demonstrava também um forte interesse paternal pelos funcionários e seus familiares. As expedições dele, muitas vezes combinadas com designações da Igreja, levaram-no a áreas primitivas — e não raro perigosas — e ele dedicava-se a fundo para aprender o máximo possível sobre as civilizações e objetos antigos” (Knowles, *Howard W. Hunter*, pp. 198—199).

ELE ESTABELECEU UM NOVO RECORDE



Cumprimentando um grupo de missionários

Durante uma viagem ao México em novembro de 1975, o Élder Howard W. Hunter estabeleceu um recorde até então inigualado na história da Igreja. “Auxiliado pelo Élder J. Thomas Fyans, que na época servia como assistente dos Doze, o Élder Hunter fora designado para realinhar várias estacas no México. Depois de reunir-se com os representantes regionais e o presidente da missão e examinar as informações fornecidas pelos presidentes de estaca, ele determinou que as cinco estacas existentes, juntamente com alguns ramos da Missão Cidade do México, deveriam transformar-se em quinze estacas.

‘Nosso propósito’, escreveu ele em seu diário, ‘era diminuir o tamanho das estacas, alinhá-las melhor, reduzir o deslocamento dos membros e também fazer face ao rápido crescimento em curso no México. O consenso era que estacas menores poderiam ser treinadas melhor, que a liderança seria mais eficaz e que os 1.000 novos membros previstos a partir de março seriam melhor integrados’” (Knowles, *Howard W. Hunter*, p. 202).

SUA ESPOSA FALECEU

Desde o início da década de 1970, a esposa do Élder Howard W. Hunter, Claire, teve sérios problemas de saúde. “Em maio de 1981, Claire sofreu uma hemorragia cerebral. O prognóstico dos médicos foi que ela não voltaria a andar. Quando ela recebeu alta do hospital duas semanas e meia depois, estava numa cadeira de rodas, ainda sem poder andar. Duas semanas depois, Howard escreveu cheio de esperança: “Embora os médicos tenham dito que ela não voltaria a andar, ela já consegue ficar de pé sem ser apoiada, e hoje de manhã, ao segurar sua mão e conduzi-la, ela conseguiu andar do quarto até a cozinha.”

Dorothy Nielsen, amiga íntima de Claire, que morava do outro lado da rua, lembra-se de estar presente quando Howard voltava para casa do trabalho ou uma viagem. Ele ajudava Claire a sair da cadeira de rodas, ficar de pé e, apoiando-a com firmeza, rodopiava com ela pela sala, exatamente como faziam ao dançar tantos anos antes. Ele levava-a regularmente ao cabeleireiro preferido dela para fazer permanentes e receber tratamento com xampus e, mesmo que ela não pudesse mais comunicar-se, ele falava com ela e contava-lhe seu dia e dava-lhe as notícias da família e dos amigos” (Knowles, *Howard W. Hunter*, pp. 267–268).



Claire Hunter

“Em 1983, sua amada esposa, Clara Jeffs Hunter, faleceu. (...) O Presidente Hunter [tinha] suprido as necessidades dela, dando-lhe carinho, amor, respeito e uma devoção incomum por muitos anos, ignorando completamente sua própria saúde. Mas havia uma recompensa, pois por mais debilitada que estivesse, Claire sorria e respondia somente a ele. A ternura que transparecia na comunicação dos dois era comovente. Nunca vimos exemplo igual de devoção de um marido a sua esposa. A história de amor deles foi maravilhosa. Amar é servir” (Faust, ver *A Liabona*, setembro de 1994, p. 15).

ELE DIRIGIU-SE AOS PAIS PREOCUPADOS COM OS FILHOS

O Élder Howard W. Hunter ensinou uma doutrina consoladora aos pais que se sentiam desanimados por causa de filhos que estavam afastados do caminho do Senhor:

“Há muitos na Igreja e no mundo que estão vivendo com sentimentos de culpa e indignidade porque alguns de seus filhos e filhas se distanciaram do rebanho ou o abandonaram. (...)”



Ele falava com freqüência da relação entre pais e filhos

Para começar, compreendemos que os pais conscientes tentam fazer o melhor possível, mas quase todos cometem erros. Ninguém inicia um projeto como a paternidade ou a maternidade sem logo perceber que haverá muitos erros ao longo do caminho. Certamente nosso Pai Celestial sabe, ao confiar Seus filhos espirituais ao cuidado de pais jovens e inexperientes, que haverá equívocos e erros de julgamento. (...)”

Qual seria uma responsabilidade mais desafiadora do que trabalhar com eficácia com os jovens? Há inúmeros fatores que determinam o caráter e a personalidade de uma criança. Tudo leva a crer que os pais são, em muitos ou talvez a maioria dos casos, a maior influência para moldar a vida de uma criança, mas às vezes há outras influências que também são muito significativas. (...)”

(...) Lembrem que a nossa influência não foi a única a contribuir para os atos de nossos filhos, sejam esses atos bons ou maus.

(...) Saibam que nosso Pai Celestial reconhecerá nosso amor, sacrifício, preocupação e desvelo, ainda que nosso grande esforço tenha sido infrutífero. Os pais muitas vezes ficam com o coração partido, mas

devem recordar que, em última análise, a maior responsabilidade cabe ao filho depois de os pais terem ensinado princípios corretos. (...)

Um pai bem-sucedido é o que amou, fez sacrifícios, cuidou, ensinou e supriu as necessidades de um filho. Se vocês tiverem feito tudo isso e ainda assim seu filho estiver distante, arredio ou seguindo os caminhos do mundo, vocês podem, apesar de tudo, considerar-se pais bem-sucedidos. Talvez existam filhos que desafiariam quaisquer pais em quaisquer circunstâncias. Da mesma forma, talvez haja outros que abençoariam a vida de qualquer pai ou mãe e lhes trariam grande alegria.

Minha preocupação hoje é que há pais que podem estar pronunciando juízos duros sobre si mesmos e permitindo que esses sentimentos destruam sua vida, quando de fato fizeram o melhor que podiam e devem seguir avante com fé” (Conference Report, outubro de 1983, pp. 91–94; ver *A Liabona*, janeiro de 1984, pp.105–107).

TODOS NÓS ENFRENTAMOS ADVERSIDADES NA VIDA



O Presidente Howard W. Hunter

As tribulações fizeram parte da vida de Howard W. Hunter. Ele aprendeu muito ao permanecer fiel durante os períodos de dificuldade. Suas experiências ajudaram-no a ensinar aos santos:

“Todos nós teremos algum tipo de adversidade em nossa vida. Acho

que podemos estar convencidos disso. Algumas dessas experiências têm o potencial de serem violentas, dolorosas e destrutivas. Algumas podem até mesmo desafiar nossa fé num Deus amoroso que tem o poder de trazer-nos consolo.

Para essas ansiedades, acho que o Pai de nós todos diria: ‘Por que têm tanto medo? Como não têm fé?’ É claro que devemos ter fé ao longo de toda a jornada, durante a experiência inteira, no decorrer da integralidade da vida, não simplesmente em breves momentos e ocasiões excepcionais. (...)

(...) Jesus não foi poupado do pesar, dor, angústia e bofetadas.(...)

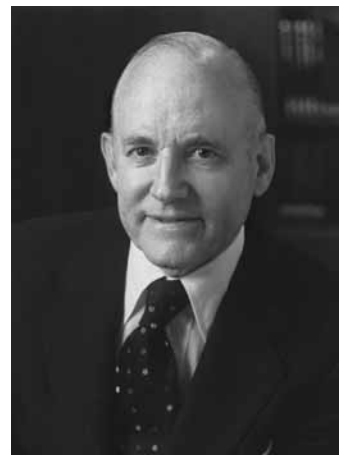
Havia paz nos lábios e no coração do Salvador por mais violenta que fosse a tempestade a Sua volta. Que o mesmo se dê conosco — em nosso próprio coração, em nosso próprio lar, nas nações do mundo e mesmo nas adversidades enfrentadas de tempos em tempos

pela Igreja. Não devemos esperar passar pela vida individual ou coletivamente sem oposição” (Conference Report, outubro de 1984, p. 43; ver *A Liabona*, janeiro de 1985, pp. 34–35).

ELE TORNOU-SE O PRESIDENTE DO QUÓRUM DOS DOZE APÓSTOLOS

“Numa sexta-feira, 20 de maio de 1988, Marion G. Romney, presidente do Quórum dos Doze Apóstolos, morreu em sua casa em Salt Lake City. Treze dias depois, na reunião semanal no templo em 2 de junho, Howard W. Hunter foi apoiado e designado Presidente dos Doze.

Embora sua cirurgia na coluna tivesse ocorrido um ano antes, ele ainda



O Presidente Howard W. Hunter

estava tendo dificuldade para recobrar o uso das pernas, mas o Presidente Hunter estava determinado a não deixar nada o impedir de cumprir suas responsabilidades na presidência do quórum. Por ter servido como presidente interino do quórum por mais de 30 meses, tinha plena consciência de suas responsabilidades” (Knowles, *Howard W. Hunter*, p. 287).

ELE TINHA FÉ QUE ANDARIA NOVAMENTE



Foi dito ao Presidente Hunter que ele nunca andaria novamente.

Ao discursar na conferência geral de abril de 1991, o Élder Rulon G. Craven falou da determinação do Presidente Howard W. Hunter de andar novamente:

“Muitos se lembram de que vários anos atrás o Presidente Hunter foi informado de que não andaria de novo. No entanto, sua fé e determinação foram maiores

do que esse comunicado. Todos os dias, sem alarde e o conhecimento de outras pessoas, ele fazia fisioterapia, realizando exercícios exaustivos com determinação, fé e a visão de que voltaria a andar. Durante esses meses difíceis, seus irmãos dos Doze estavam orando por ele diariamente em suas reuniões de quórum e suas orações pessoais.

Meses depois, numa manhã de terça-feira, fui ao escritório do Presidente Hunter para discutir um item da agenda da reunião do templo daquela manhã. Disseram-me que ele saíra mais cedo e que fora a pé para o templo. Tentei conseguir mais detalhes e em seguida corri para alcançá-lo. Quando o alcancei, ele estava caminhando com a ajuda de um andador. Caminhamos lado a lado até o elevador e então subimos ao quarto andar. Percorremos o corredor até a sala superior do templo. Quando o presidente entrou no recinto, os Doze levantaram-se e começaram a aplaudir. Com ternura, observaram-no andar até sua cadeira e repousar o corpo. Então, com magnífico amor, honra e carinho, cada um dos Doze foi até ele e, de modo afetoso, tocou-o, beijou-lhe a fronte e deu-lhe um abraço, mostrando seu grande amor e admiração por ele. Todos se sentaram, e o Presidente Hunter agradeceu-lhes e disse: ‘Disseram-me que eu não voltaria a andar, mas com a ajuda do Senhor, minha determinação e, o mais importante de tudo, a fé demonstrada por meus irmãos dos Doze, estou caminhando de novo’. O Presidente Howard W. Hunter é um exemplo de como manter a fé e a determinação diante das adversidades” (Conference Report, abril de 1991, pp. 35–36; ver *A Liabona*, julho de 1991, pp. 29–30).



Presidente do Quórum dos Doze Apóstolos

frases do discurso: ‘Perdoem-me se permaneço sentado ao dirigir-lhes a palavra. Não é por escolha que lhes falo numa cadeira de rodas. Percebo que vocês parecem apreciar a conferência sentados, assim vou seguir

O Élder James E. Faust, na época membro do Quórum dos Doze Apóstolos, escreveu sobre como o Presidente Hunter mantinha seu senso de humor durante seus problemas de saúde:

“Quando tinha dificuldade para andar ou mesmo ficar de pé, ele surpreendia a congregação na conferência geral discursando numa cadeira de rodas. Seu senso de humor sutil transparece nas primeiras

seu exemplo” [Conference Report, outubro de 1987, p. 68; ver *A Liabona*, janeiro de 1988, p. 57].

Em abril de 1988, com o auxílio de um andador, ele ficou de pé no púlpito para fazer seu discurso na conferência geral. Perto da metade do discurso, perdeu o equilíbrio e caiu para trás. O Presidente Monson, o Élder Packer e um segurança rapidamente o reergueram, e ele continuou seu discurso como se nada tivesse acontecido. Ao fim da sessão da conferência, com seu humor constante ainda intacto, ele disse: ‘Aterrissei nas flores!’” (*Ensign*, agosto de 1994, p. 10) Ele quebrou três costelas na queda (ver James E. Faust “President Howard W. Hunter ‘O Caminho da Águia’”, *A Liabona*, setembro de 1994, p. 16).

DEVEMOS CONHECER AS ESCRITURAS



Discursando na conferência geral

O estudo das escrituras era uma das grandes paixões do Presidente Howard W. Hunter. Ele ensinou:

“A Igreja deve estar cheia de mulheres e homens que conhecem a fundo as escrituras, que fazem referências cruzadas e as marcam, que criam aulas e discursos usando o *Guia para Estudo das Escrituras* e que dominam o uso dos mapas e demais auxílios contidos neste conjunto maravilhoso de obras-padrão. (...)

Nunca antes nesta dispensação e certamente nunca em qualquer outra dispensação, as escrituras — a palavra duradoura e iluminadora de Deus — estiveram tão facilmente ao alcance de todos os homens, mulheres e crianças que desejaram estudá-las e nunca foram estruturadas de modo tão útil. A palavra escrita de Deus está na forma mais legível e acessível jamais concedida a membros laicos na história do mundo. Certamente seremos cobrados se não as lermos” (*Eternal Investments* [discurso para educadores religiosos, 10 de fevereiro de 1989], pp. 2–3).



Apertando a mão do Presidente Ezra Taft Benson

DEVEMOS CENTRAR NOSSA VIDA EM CRISTO

O Presidente Howard W. Hunter amava o Salvador e sempre ensinava os santos a seguirem os ensinamentos e o exemplo do Salvador em sua vida: “Por favor, lembrem-se de uma coisa. Se nossa vida e nossa fé estiverem centradas em Jesus Cristo e Seu evangelho restaurado, nada pode dar errado permanentemente. Por outro lado, se nossa vida não estiver centrada no Salvador e Seus ensinamentos, nenhum outro sucesso pode ser permanentemente certo” (“Fear Not, Little Flock”, *Brigham Young University 1988-1989 Devotional and Fireside Speeches* [1989], p. 112).

ELE CASOU-SE COM INIS BERNICE EGAN

Quase sete anos depois da morte de sua esposa, o Presidente Howard W. Hunter tinha um anúncio-surpresa a fazer a seus Irmãos dos Doze. “Perto do fim da reunião dos Doze na quinta-feira, 12 de abril de 1990, depois de terem sido tratados todos os itens da agenda, o Presidente Hunter perguntou: ‘Alguém tem algo que não está na agenda?’ Por terem sido avisados em particular no início que o presidente tinha algo a anunciar caso houvesse tempo ao final da reunião, nenhum dos presentes disse nada. ‘Então’, prosseguiu ele, ‘se



O Presidente Hunter e Inis Bernice Egan casaram-se em 12 de abril de 1990.

ninguém mais tiver nada a dizer, eu gostaria de anunciar que vou casar-me hoje à tarde’.

(...) Em seguida, o Presidente Hunter, com seu jeito modesto, explicou: ‘Inis Stanton é uma velha conhecida da Califórnia. Já faz algum tempo que conversei com ela e decidi casar-me.’ (...)

Às 14 h daquela tarde de quinta-feira, Howard W. Hunter e Inis Bernice Egan Stanton ajoelharam-se no altar de uma das salas de selamento do templo, e o Presidente Hinckley realizou a cerimônia de selamento e declarou-os marido e mulher” (Knowles, *Howard W. Hunter*, pp. 291–292).

No segundo aniversário de casamento, o Presidente Hunter escreveu em seu diário que os dois últimos anos tinham sido felizes. Inis viajara com ele pelo mundo inteiro e ele comentou como ela tornava o lar deleitoso. O Presidente Boyd K. Packer contou uma experiência que ilustra ainda melhor seu amor pela esposa:

“Três dias antes do falecimento do Presidente Hunter, o Élder Russell M. Nelson e eu conversamos com ele. Ele estava sentado na varanda que tem vista para o templo e os jardins. Pusemo-nos de joelhos diante dele, cada um de nós segurando uma de suas mãos. Ao conversarmos com ele, ele olhava continuamente à frente rumo à sala de estar e depois chamou a esposa, Inis.

Sempre presente e atenciosa, ela respondeu imediatamente e perguntou se ele precisava de algo. Ele disse: ‘Você está longe demais; quero você perto de mim’. Repliquei: ‘Presidente, ela estava a apenas 10 metros de distância’. Ele retorquiu: ‘Eu sei, mas é longe demais’” (*Ensign*, abril de 1995, p. 30).

ELE DEU CONSELHOS ÀS IRMÃS

Num discurso para as mulheres da Igreja, o Presidente Hunter aconselhou-as a apoiarem as autoridades gerais e a privilegiarem o serviço e não o *status*:

“Assim como nosso Senhor e Salvador precisava das mulheres em Sua época para servirem de mão consoladora, ouvido atento, coração crente, olhar bondoso, palavra alentadora, lealdade — mesmo em suas horas de humilhação, agonia e morte — nós também, os servos Dele em toda a Igreja, necessitamos de vocês, as mulheres da Igreja, para apoiarem-nos e ajudarem-nos a vencer as ondas do mal que ameaçam envolver-nos. Juntos, devemos permanecer fiéis e firmes na fé contra números superiores de pessoas com ideais opostos. Parece-me que há uma grande necessidade de conclamar as mulheres da Igreja a apoiarem as autoridades gerais na luta contra as forças do mal que nos cercam e no avanço da obra de nosso Salvador. Néfi disse: ‘Deveis, pois, prosseguir com firmeza em Cristo, tendo um perfeito esplendor de esperança e amor a Deus e a

todos os homens, [mulheres e crianças]’ (2 Néfi 31:20). Se formos obedientes a Ele, seremos mais fortes do que os demais. Somente juntos é que conseguiremos realizar a obra que nos foi confiada e estar preparados para o dia em que O veremos. (...)



O Presidente e a Irmã Hunter com suas filhas, outubro de 1994

Irmãs, continuem a buscar oportunidades de servir. Não se preocupem demais com o *status*. Estão lembradas do conselho do Salvador no tocante às pessoas que buscam ‘os primeiros lugares’ ou as ‘primeiras cadeiras’? ‘O maior dentre vós será vosso servo’ (Mateus 23:6, 11). É importante ter reconhecimento. Mas nosso foco deve ser a retidão, não os aplausos; o serviço, não o *status*. A fiel professora visitante que faz seu trabalho discretamente mês após mês é tão importante para a obra do Senhor quanto aqueles que ocupam o que muitos consideram as posições de maior destaque da Igreja. Visibilidade não significa valor” (ver “Às Mulheres da Igreja”, *A Liabona*, janeiro de 1993, pp. 103–104).

ELE DEMONSTROU CALMA QUANDO SUA VIDA FOI AMEAÇADA



O Presidente Howard W. Hunter

“O Presidente Hunter [foi] sempre (...) um homem de grande resolução. Em 7 de fevereiro de 1993, ele estava no campus da Universidade Brigham Young para discursar num serão para 19 estacas e uma transmissão via satélite do Sistema Educacional da Igreja. Quando o Presidente Hunter se levantou para dirigir a palavra a quase 20 mil jovens adultos reunidos no Marriott Center, um invasor ameaçou-o aos gritos: ‘Pare agora mesmo!’ O homem afirmava ter uma bomba e um detonador e mandou todos saírem do púlpito, com exceção do Presidente Hunter. Muitos saíram, mas o Presidente Hunter permaneceu resolutamente no púlpito com dois seguranças. Embora sob a ameaça do que parecia ser um revólver, o Presidente Hunter recusou-se firmemente a

ler a declaração escrita que o homem entregou a ele. Quando os estudantes começaram a cantar espontaneamente ‘Graças Damos ó Deus por um Profeta’, o agressor desconcentrou-se por alguns instantes. Um segurança correu até ele e o deteve. Outros guardas retiraram o Presidente Hunter do púlpito por motivos de segurança.

Obviamente houve uma comoção considerável na audiência, mas logo voltou a reinar uma notável tranquilidade. Depois de recompor-se por alguns momentos, o Presidente Hunter dirigiu-se ao microfone pela segunda vez e leu a frase introdutória de seu texto preparado inicialmente: ‘A vida tem inúmeros desafios.’ Ele fez uma pausa, olhou para o público e acrescentou: ‘Conforme o demonstrado.’ Em seguida, continuou a mensagem como se nada tivesse acontecido” (Faust, ver *A Liabona*, setembro de 1994, pp. 16–17).

Ele enfrentou uma ameaça semelhante em outra ocasião. O Presidente Boyd K. Packer explicou: “Acompanhamo-lo a Jerusalém para a dedicação do Centro da BYU. Enquanto eu discursava, houve certa agitação no fundo do salão. Homens em uniformes militares tinham entrado e enviado um bilhete ao Presidente Hunter. Virei-me e pedi instruções. Ele disse: ‘Houve uma ameaça de bomba. Está com medo?’ Respondi: ‘Não’. Ele disse: ‘Nem eu; termine seu discurso’” (*Ensign*, abril de 1995, p. 29).

ELE TORNOU-SE O PRESIDENTE DA IGREJA



A Primeira Presidência numa entrevista coletiva: Gordon B. Hinckley, Howard W. Hunter e Thomas S. Monson

Em 5 de junho de 1994, Howard W. Hunter foi ordenado e designado como o décimo quarto presidente da Igreja. Ele servira por mais de três décadas como autoridade geral. Numa entrevista coletiva à imprensa no dia seguinte, ele convidou “todos os membros da Igreja a viverem com cada vez mais atenção à vida e ao exemplo do Senhor Jesus Cristo, principalmente o amor, a esperança e a compaixão que Ele demonstrou.

Oro para que tratemos uns aos outros com mais bondade, cortesia, humildade, paciência e perdão. Temos expectativas elevadas uns pelos outros, e todos podemos

melhorar. Nosso mundo precisa urgentemente de uma obediência mais disciplinada dos mandamentos de Deus. Porém, a maneira de incentivarmos isso, como disse o Senhor ao Profeta Joseph nas profundezas geladas da Cadeia de Liberty, é ‘com persuasão, com longanimidade, com brandura e mansidão e com amor não fingido; (...) sem hipocrisia e sem dolo’ (D&C 121:41–42).

Àqueles que transgrediram ou foram ofendidos, dizemos: Voltem. Àqueles que estão magoados, abalados e temerosos, dizemos: Permitam-nos andar a seu lado e secar suas lágrimas. Àqueles que estão confusos e aturdidos com os erros ao redor, dizemos: Venham ao Deus de toda a verdade e à Igreja da revelação contínua. Voltem. Permaneçam a nosso lado. Sigam avante. Acreditem. Tudo está bem e tudo terminará bem. Banqueteiem-se na mesa que está diante de vocês em A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias e procurem seguir o Bom Pastor que a preparou. Tenham esperança, exerçam fé, recebam e ofereçam caridade, o puro amor de Cristo” (citado em Todd, *Ensign*, julho de 1994, pp. 4–5).

Embora seu serviço como presidente da Igreja tenha durado apenas nove meses, o exemplo e os ensinamentos do Presidente Hunter foram de grande valor para os santos.

TODOS OS MEMBROS DEVEM SER DIGNOS DE IR AO TEMPLO

Com seu convite para seguirmos a vida e o exemplo do Salvador com maior diligência, o Presidente Howard W. Hunter disse:

“Também convido os membros da Igreja a estabelecerem o templo do Senhor como o grande símbolo de sua condição de membros e o local sublime de seus convênios mais sagrados. O desejo mais profundo de meu coração é que todos os membros da

Igreja sejam dignos de ir ao templo. Espero que todos os membros adultos sejam dignos de uma recomendação para o templo — e que a mantenham atualizada — mesmo que não morem perto de um templo e assim não a utilizem de modo imediato ou freqüente.

Sejamos um povo que vai ao templo e que ama o templo. Freqüentemos o templo com a maior regularidade possível, conforme nos permitam nosso tempo,

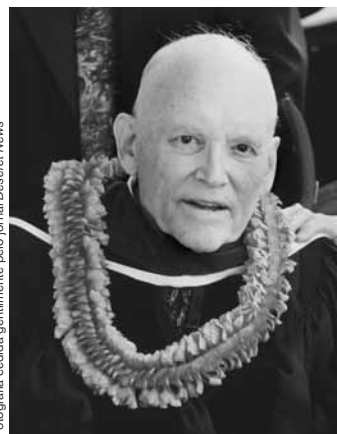


A Primeira Presidência na dedicação do Templo de Bountiful Utah

Fotografia cedida gentilmente pelo jornal Deseret News

meios e circunstâncias pessoais. Vamos não só para realizar ordenanças por nossos parentes falecidos, mas também pelas bênçãos pessoais da freqüência ao templo, pela santidade e segurança que nos concedem essas paredes santas e consagradas. O templo é um local de beleza, de revelação, de paz. É a casa do Senhor. É santa para o Senhor. Deve ser santa para nós” (citado em Todd, *Ensign*, julho de 1994, p. 5).

ELE PRESTOU UM FORTE TESTEMUNHO DE CRISTO



Fotografia cedida gentilmente pelo jornal Deseret News

Participando de uma cerimônia de formatura no Havaí

Em sua primeira conferência geral como presidente da Igreja e que seria sua última conferência geral, o Presidente Howard W. Hunter deixou para os santos um testemunho de Jesus Cristo e da Igreja:

“Minha maior força nos últimos meses é meu firme testemunho de que esta é a obra de Deus e não dos homens. Jesus Cristo é o cabeça desta

Igreja. Ele a guia em palavras e atos. Sinto-me infinitamente honrado por ter sido chamado como instrumento em Suas mãos para presidir Sua Igreja por algum tempo. Mas sem o conhecimento de que Cristo está à frente da Igreja, nem eu nem nenhum outro homem poderia suportar o peso do chamado recebido.

Ao assumir esta responsabilidade, reconheço a mão miraculosa de Deus em minha vida. Ele poupou minha vida repetidas vezes e restaurou minhas forças, trouxe-me de volta em inúmeros ocasiões da beira da morte e me permitiu continuar em meu ministério mortal por mais algum tempo. Certas vezes, eu perguntava-me por que minha vida foi poupada. Mas agora não faço mais esta indagação e apenas peço a fé e as orações dos membros da Igreja a fim de trabalharmos juntos, eu com vocês, para cumprirmos os propósitos de Deus nesta época de nossa vida” (Conference Report, outubro de 1994, p. 6; ver *A Liabona*, janeiro de 1995, p. 6).

BUSCAR UMA VIDA CRISTÃ

Num devocional de Natal, o Presidente Howard W. Hunter incentivou as pessoas a seguirem o exemplo do Salvador: “Neste Natal, ‘desfaçam uma desavença. Busquem um amigo esquecido. Afastem a suspeição e substituam-na pela confiança. Escrevam uma carta. Dêem uma resposta branda. Incentivem os jovens.

Demonstrem sua lealdade em palavras e atos. Guardem suas promessas. Liberem-se do rancor. Perdoem a um inimigo. Peçam desculpas. Tentem compreender. Avaliem o que esperam das pessoas. Pensem primeiro no próximo. Sejam bondosos. Sejam gentis. Riam um pouco mais. Externem sua gratidão. Acolham um forasteiro. Alegrem o coração de uma criança. Tenham prazer na beleza e maravilha da Terra. Expressem seu amor e façam-no novamente’ (adaptado de um autor desconhecido)” (*The Teachings of Howard W. Hunter*, ed. Clyde J. Williams [1997], pp. 270–271).

ELE RECEBEU UM TRIBUTO FINAL



O Presidente Howard W. Hunter

foi mais intenso e profundo do que qualquer um de nós poderia imaginar. Ele desenvolveu uma grande tolerância à dor e não se queixava dela. O simples fato de ter vivido tanto tempo é um verdadeiro milagre. Seu padecimento consolou e diminuiu a dor de muitos

O Presidente Howard W. Hunter faleceu em 3 de março de 1995. No funeral do Presidente Hunter, o Presidente Gordon B. Hinckley disse:

“Uma árvore majestosa da floresta caiu, deixando um vazio. Uma força grandiosa e serena abandonou-nos.

Já se disse muito sobre o sofrimento dele. Creio que durou mais e

outros que sofrem. Eles sabem que ele compreendia como o fardo deles era pesado. Ele estendia a mão para eles com um tipo especial de amor.

Já ouvimos muito sobre sua bondade, sua consideração, sua cortesia para com as pessoas. Tudo isso é verdade. Ele entregou-se à vontade do Senhor a quem ele amava. Ele era um homem sereno e atencioso. Mas também podia ser levado a erguer a voz para externar suas opiniões fortes e sábias. (...)

O Irmão Hunter era bondoso e gentil. Mas também podia ser firme e persuasivo em seus pronunciamentos. Como já foi dito, ele era instruído na lei. Ele sabia apresentar um assunto. Apresentava as várias premissas de modo organizado e partia delas para a conclusão. Quando ele falava, todos ouvíamos. Suas sugestões quase sempre prevaleciam. Mas quando não eram aceitas, ele tinha a flexibilidade de retirar sua defesa, de aceitar a decisão do Presidente da Igreja, seu profeta e, em seguida, ia pela Igreja inteira espalhando com convicção a decisão que fora tomada e o programa determinado. (...)

Howard W. Hunter, profeta, vidente e revelador, tinha um testemunho seguro e certo da realidade viva de Deus, nosso Pai Eterno. Expressava com grande convicção seu testemunho da divindade do Senhor Jesus Cristo, o Redentor da humanidade. Falava com amor do Profeta Joseph Smith e de todos aqueles que o sucederam na linha de sucessão até a época do Presidente Hunter. (...)

Que Deus abençoe sua memória para nosso grande bem” (“A Prophet Polished and Refined”, *Ensign*, abril de 1995, pp. 33–35).

Gordon B. Hinckley

DÉCIMO QUINTO PRESIDENTE DA IGREJA

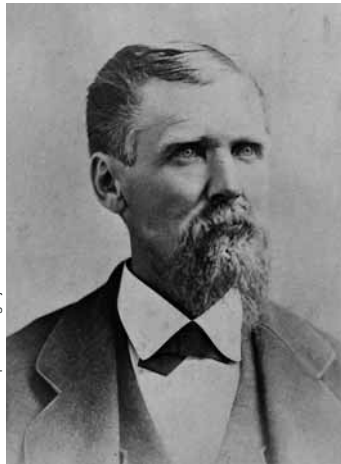


EVENTOS MARCANTES DA VIDA DE GORDON B. HINCKLEY

Idade Acontecimentos

- Nasce em 23 de junho de 1910 em Salt Lake City, Utah, filho de Bryant S. e Ada Bitner Hinckley.
- 8 É batizado por seu pai (28 de abril de 1919).
- 20 Morre sua mãe (9 de novembro de 1930).
- 21 Forma-se na Universidade de Utah (Junho de 1932).
- 22–24 Serve como missionário nas Ilhas Britânicas (1933–1935).
- 24 É designado secretário executivo do Comitê de Rádio, Publicidade e Materiais Missionários (1935).
- 26 Casa-se com Marjorie Pay (29 de abril de 1937).
- 33 Aceita um emprego na Union Depot and Railroad Company em Salt Lake City (1943).
- 41 É designado secretário geral do Comitê Geral Missionário (1951).
- 42 O Presidente David O. McKay pede-lhe que prepare apresentações do templo em idiomas que não o inglês (1953).
- 46 É chamado como presidente da Estaca East Millcreek (28 de outubro de 1956).
- 47 É apoiado como assistente dos Doze (6 de abril de 1958).
- 51 É ordenado apóstolo (5 de outubro de 1961).
- 53 Fala num programa de televisão da rede CBS, *Church of the Air* (6 de outubro de 1963).
- 69 Sob a direção do Presidente Spencer W. Kimball, lê uma proclamação da Primeira Presidência e do Quórum dos Doze Apóstolos comemorando o sesquicentenário da Igreja, transmitido via satélite de Fayette, Nova York (6 de abril de 1980).
- 71 É chamado como conselheiro do Presidente Spencer W. Kimball (23 de julho de 1981).
- 75 É chamado como conselheiro do Presidente Ezra Taft Benson (10 de novembro de 1985).
- 83 É chamado como conselheiro do Presidente Howard W. Hunter (5 de junho de 1994).
- 84 Torna-se o Presidente da Igreja (12 de março de 1995).
- 85 Lê “A Família: Proclamação ao Mundo” na reunião geral da Sociedade de Socorro (23 de setembro de 1995).
- 86 Representa a Igreja no programa de notícias *60 Minutes* (transmitido em abril de 1996); organiza quórums adicionais de setentas (que passam ao número de cinco em 5 de abril de 1997).
- 87 Anuncia a construção de templos pequenos em todo o mundo (outubro de 1997).
- 88 Dirige, via satélite, o que pode ter sido a maior reunião de missionários já realizada até então (21 de fevereiro de 1999).
- 89 A Primeira Presidência e o Quórum dos Doze Apóstolos divulgam o documento “O Cristo Vivo: O Testemunho dos Apóstolos” (1º de janeiro de 2000); dedica o Templo de Palmyra Nova York (6 de abril de 2000).
- 90 Dedicar o Centro de Conferências em Salt Lake City, Utah (8 de outubro de 2000); já viajou 400.000 quilômetros, visitou 58 países, falou a 2,2 milhões de membros e dedicou 24 templos (2000); publica seu livro *Standing for Something: Ten Neglected Virtues That Will Heal Our Hearts and Homes* (Defender uma Causa: Dez Virtudes Negligenciadas que Curarão Nosso Coração e Lar) (2000); anuncia o Fundo Perpétuo de Educação para ajudar os membros jovens da Igreja em todo o mundo a adquirir instrução (abril de 2001).
- 92 Dedicar o Templo de Nauvoo Illinois (27 de junho de 2002); publica seu livro *Way to Be!: Nine Ways to Be Happy and Make Something of Your Life* (Avante!: Nove Maneiras de Ser Feliz e Fazer Algo Positivo com Sua Vida) (2002).

ELE DESCENDE DE PIONEIROS



Cortesia dos Arquivos da Igreja SUD

Ira Nathaniel Hinckley, avô de Gordon B. Hinckley

“President Gordon B. Hinckley: First Counselor”, *Ensign*, fevereiro de 1986, p. 3).

“Um antepassado do Presidente Hinckley, Thomas Hinckley, serviu como governador da Colônia de Plymouth, Massachusetts, de 1681 a 1692. Seu avô, Ira Nathaniel Hinckley, perdeu os pais e, com seu irmão, viajou do Michigan para Springfield, Illinois, para morar com os avós. Adolescente, foi a pé para Nauvoo a fim de conhecer o Profeta Joseph Smith” (Boyd K. Packer,



Fotografia: Charles R. Savage

Ira Nathaniel Hinckley supervisionou a construção de Cove Fort em 1867.

Em 1843, aos 14 anos de idade, Ira Nathaniel Hinckley filiou-se à Igreja e em 1850 chegou ao Vale do Lago Salgado. Depois de fixar residência em Salt Lake City com sua família, voltou ao Leste do país algumas vezes para ajudar outros santos na migração para o Oeste. Em 1862, alistou-se no exército para proteger a linha telegráfica transcontinental durante a Guerra Civil. Em 1867, o Presidente Brigham Young enviou uma carta a Ira, pedindo-lhe que aceitasse uma nova designação:

“Desejamos um homem bom e responsável para morar na fazenda da Igreja em Cove Creek, Condado de Millard, e ocupar-se dela. Seu nome foi sugerido por esse encargo. Como ela se situa longe de qualquer outro povoamento, precisamos de um homem de sólido juízo prático e experiência para cumprir essa missão. Cove Creek fica na estrada principal para o sul do estado, Nevada e o sul da Califórnia, a cerca de 68 quilômetros ao sul de Fillmore e 35 quilômetros ao norte de Beaver. Se você achar que pode aceitar esta missão, deve empenhar-se para ir ao sul conosco. Esperamos começar uma semana depois da próxima segunda-feira. Não convém levar sua família antes da construção do forte. (...) Se você

resolver ir, informe-nos por meio do portador desta carta e, quando vier, traga um veículo para nos acompanhar.’

(...) Ira mandou o portador de volta com uma resposta simples: ‘Diga ao Presidente que estarei lá no dia designado e com o veículo, pronto para partir’” (Sheri L. Dew, *Go Forward with Faith: The Biography of Gordon B. Hinckley* [1996], p. 12).

SEU PAI ERA FORTE E FIEL

Ira Nathaniel Hinckley deixou sua família em Coalville, Utah, até que o forte em Cove Creek estivesse pronto para ser ocupado. Enquanto ele estava ausente, sua esposa Angeline Wilcox Noble Hinckley deu à luz um filho, Bryant Stringham Hinckley (o pai de Gordon B. Hinckley), em 9 de julho de 1867. Ira levou sua família para



Angeline Wilcox Noble Hinckley, avó de Gordon B. Hinckley

Cove Fort em novembro de 1867 e nos 17 anos seguintes eles ajudaram os viajantes de passagem pela área a encontrar abrigo, comida e segurança.

As primeiras lembranças de Bryant Hinckley foram da vida em Cove Fort, onde ele e seus irmãos aprenderam a andar a cavalo quase ao mesmo tempo em que aprenderam a caminhar. Em muitas tardes, eles ficavam no alto das muralhas do forte, segurando um binóculo, observando caubóis em pôneis ligeiros reunir os cavalos selvagens e as cabeças de gado que vagavam pelas colinas a leste. (...)

Em 1883, quando Bryant estava com 16 anos, Angeline mudou-se para Provo a fim de que os cinco filhos mais velhos de Ira (...) freqüentassem a Academia Brigham Young. Bryant estava numa idade impressionável, e a academia fez descortinar perante ele um mundo novo, até então desconhecido para um menino da zona rural de Utah. (...)

Quando se formou, Bryant foi convidado para ser professor na academia, contanto que prosseguisse seus estudos. Assim, algum tempo depois, ele foi para o Leste, para Poughkeepsie, Nova York, e freqüentou a Faculdade de Administração Eastman, onde se formou em dezembro de 1892. Passou também vários meses fazendo pós-graduação na Universidade de Administração de Rochester antes de voltar para casa no primeiro semestre de 1893 para lecionar na Academia Brigham Young e, em junho de 1893,

casar-se com Christine Johnson” (Dew, *Go Forward with Faith*, pp. 16–18).

No início de 1900, Bryant recebeu e aceitou a proposta de ser o diretor do novo LDS Business College em Salt Lake City. “Seu tino para os negócios e sua habilidade como professor e comunicador em muito ajudaram a faculdade. (...) Quando ele deixou a instituição, depois de dez anos de serviço, a faculdade era considerada uma das melhores faculdades de comércio do país” (Dew, *Go Forward with Faith*, p. 18).

Bryant e Christine Hinckley tiveram nove filhos. Infelizmente, no mesmo dia em que nasceu o quinto filho, a filha de dois anos morreu com uma forte febre e, em julho de 1908, após quinze anos de casamento, Christine ficou gravemente enferma e foi levada às pressas para ser operada em caráter emergencial. Todos os esforços dos médicos foram em vão e ela morreu pouco depois. Bryant ficou arrasado. Sua esposa partira e deixara-o com oito filhos para criar.

NASCE GORDON B. HINCKLEY



Bryant Stringham Hinckley, pai de Gordon B. Hinckley

“Foi prometido a Bryant em sua bênção patriarcal quase 15 anos antes: ‘Não só serás um grande homem, mas também tua posteridade. De seus lombos sairão estadistas, profetas, sacerdotes e reis para o Deus Altíssimo. O sacerdócio nunca partirá de tua família, jamais. Não haverá fim para tua descendência (...) e o nome Hinckley será honrado em todas as nações debaixo do céu.’



Ada Bitner Hinckley, mãe de Gordon B. Hinckley

Algum tempo depois da morte de sua esposa, Bryant Hinckley sentiu que seus filhos precisavam de uma mãe e ele, de uma companheira. Naquela época, ele era o diretor da LDS Business College, e uma das professoras era a talentosa Ada Bitner, que dava aulas de inglês e taquigrafia. Depois de um curto namoro, Bryant e Ada casaram-se no Templo de Salt Lake em 4 de agosto de 1909.



REPRODUÇÃO PROIBIDA

Gordon B. Hinckley quando jovem

No dia em que Bryant e Ada se regozijaram com a chegada de seu primeiro filho, mal podiam prever que ele cumpriria em grande parte essa profecia. Ele nasceu em 23 de junho de 1910 e recebeu também o sobrenome de solteira de sua mãe (Bitner). Ele viria a ser conhecido como Gordon Bitner Hinckley” (Dew, *Go Forward with Faith*, p. 22).

ELE APRENDEU LIÇÕES EM SUA JUVENTUDE

“Como era um menino magro e franzino, suscetível a dores de ouvido e outras doenças, Gordon era uma preocupação constante para sua mãe. À noite, era comum ver Ada esquentando dois saquinhos de sal, que ela segurava contra os ouvidos dele. (...)”

Gordon também sofria de alergias, asma e rinite, e as condições de vida da época só contribuía para aumentar seus problemas. Quase todas as pessoas de Salt Lake City queimavam carvão em fogões ou fornos, e o pó resultante pairava sobre a cidade, principalmente nos dias mais frios de inverno, como um manto sufocante. (...)”

A forte concentração de fuligem e outros poluentes era o principal problema de Gordon. Aos dois anos de idade, ele contraiu uma forma grave de coqueluche, algo tão sério que o médico disse a Ada que o único remédio seria o ar puro do campo. Bryant respondeu comprando um sítio de dois hectares na área rural de East Millcreek no Vale do Lago Salgado e construindo uma pequena casa de veraneio” (Dew, *Go Forward with Faith*, pp. 24–25).

Ao recordar algumas lições que aprendeu em sua infância, o Presidente Gordon B. Hinckley disse:

“Fui criado aqui em Salt Lake City, um menino de rosto sardento como tantos outros. (...) Meu pai era um homem instruído e talentoso. Era respeitado na



REPRODUÇÃO PROIBIDA

Gordon B. Hinckley (à direita) com seu irmão Sherman, por volta de 1913

comunidade. Tinha grande amor pela Igreja e seus líderes. O Presidente Joseph F. Smith, que era o Presidente da Igreja na época de minha infância, era um de meus heróis. Ele amava o Presidente Heber J. Grant, que se tornou o Presidente da Igreja em 1918.

Minha mãe era uma mulher talentosa e maravilhosa. Era uma educadora, mas quando se casou deixou seu emprego para tornar-se dona de casa e mãe. Em nossa opinião, ela foi um grande sucesso.

Morávamos no que eu considerava uma grande casa na Ala I. Ela compunha-se de quatro cômodos no térreo: a cozinha, a sala de jantar, a sala de estar e a biblioteca. Havia ainda quatro quartos no primeiro andar. A casa ficava na esquina de um grande terreno. Havia um amplo gramado, com muitas árvores que sempre soltavam milhões de folhas, o que nos dava enorme trabalho constantemente.



Gordon B. Hinckley, com cerca de 12 anos de idade

Em minha primeira infância, tínhamos um fogão na cozinha e outro na sala de jantar. Anos depois, instalamos um forno, e como era maravilhoso. Contudo, ele tinha um apetite voraz de carvão, e não havia grelha mecânica. O carvão precisava ser introduzido manualmente no forno e estocado cuidadosamente todas as noites.

Aprendi uma grande lição com aquele forno

monstruoso: se quiséssemos aquecimento no inverno, precisávamos trabalhar para o pôr o carvão no forno.

Meu pai sentia que seus meninos precisavam aprender a trabalhar, tanto no verão como no inverno, por isso comprou um sítio de dois hectares, que depois cresceu quando ele comprou mais terreno, perfazendo mais de 12 hectares. Morávamos lá no verão e voltávamos para a cidade no início do ano letivo.

Tínhamos um grande pomar e precisávamos podar as árvores a cada primavera. Meu pai levou-nos para assistir a demonstrações de poda feitas por profissionais da faculdade de Agronomia. Aprendemos uma grande verdade — podemos determinar muito bem o tipo de fruto que colheremos em setembro pela forma de podarmos a árvore em fevereiro. A idéia era espaçar os ramos para que as frutas fossem expostas ao sol e ao ar. Além disso, aprendemos que a madeira nova produz os melhores frutos. Isso tem muitas aplicações na vida” (Conference Report, abril de 1993, p. 68; ver *A Liabona*, julho de 1993, p. 54).

A FAMÍLIA HINCKLEY REALIZAVA A NOITE FAMILIAR

O Presidente Gordon B. Hinckley fez os seguintes comentários sobre sua infância:

“Em 1915, o Presidente Joseph F. Smith instou os membros da Igreja a realizarem a noite familiar. Meu pai disse que obedeceria, que aqueceríamos a sala em que ficava o piano de cauda de minha mãe e faríamos o que o Presidente da Igreja pedira.

Quando crianças, éramos péssimos em qualquer apresentação. Fazíamos de tudo ao brincarmos juntos, mas pedir que um de nós tentasse cantar um solo na frente dos outros era o mesmo que esperar que um sorvete não derretesse em cima do fogão. No início, dávamos risada e zombávamos do desempenho uns dos outros, mas nossos pais persistiram. Cantávamos juntos, orávamos juntos, ouvíamos em silêncio nossa mãe ler relatos da Bíblia e do Livro de Mórmon. Nosso pai contava-nos histórias de memória. (...)



Bryant e Ada Hinckley com seus filhos, Sylvia, Gordon, Ruth, Sherman e Ramona, por volta de 1928

Essas reuniõezinhas simples na sala de nossa casa antiga tiveram um resultado indescritível e maravilhoso. O amor que tínhamos a nossos pais aprofundou-se; o amor entre nós, os filhos, intensificou-se e nosso amor ao Senhor aumentou. Nasceu em nosso coração o apreço pela bondade sincera. Essas coisas maravilhosas aconteceram porque nossos pais seguiram o conselho do presidente da Igreja. Aprendi com isso algo de grande significado.

Naquela velha casa, sabíamos que nosso pai amava nossa mãe. Essa foi outra das grandes lições de minha infância. Não me lembro uma única vez de ouvi-lo falar com aspereza com ela ou sobre ela. Ele a incentivava em suas atividades individuais na Igreja, na comunidade e em suas responsabilidades cívicas. Ela era dotada de muito talento e ele a incentivava a usá-lo. Ele preocupava-se constantemente com o bem-estar dela. Nós os víamos como pessoas iguais, como companheiros que trabalhavam juntos e amavam e apreciavam um ao outro assim como nos amavam” (Conference Report,

abril de 1993, pp. 71–72; ver *A Liabona*, julho de 1993, p. 60).

A FAMÍLIA HINCKLEY VALORIZAVA O APRENDIZADO NO LAR

Ambos os pais de Gordon B. Hinckley eram educadores e queriam proporcionar aos filhos as melhores oportunidades de aprendizado. Como ex-professora de inglês, Ada era muito culta e purista no tocante à gramática. Não tolerava o linguajar descuidado, e seus filhos aprenderam a falar com precisão e apuro. Não articular bem as palavras ou usar qualquer tipo de gíria era quase imperdoável.



Bryant e Ada Hinckley

Ada tinha sido uma aluna excepcional e esperava o mesmo de seus filhos. Durante anos, Gordon guardou com carinho um pequeno dicionário Webster chamado *Handy Dictionary* que trazia a inscrição: ‘Recompensa de Ada Bitner pela Excelência, 1889’. Os livros e os estudos eram importantes para Bryant também, e ele transformara um dos maiores cômodos da casa numa biblioteca que podia ser fechada para o estudo. As estantes tinham mais de mil volumes” (Dew, *Go Forward with Faith*, p. 30).

Anos depois, o Presidente Gordon B. Hinckley falou com carinho da biblioteca da casa de seus pais:

“Quando eu era menino, morávamos numa grande casa antiga. Um dos cômodos era chamado de biblioteca. Havia uma mesa sólida e uma lâmpada de qualidade, três ou quatro cadeiras confortáveis com boa iluminação e livros em estantes ao longo das paredes. Havia muitos volumes — as aquisições de meu pai e minha mãe no decorrer de muitos anos.

Nunca fomos obrigados a lê-los, mas eles estavam guardados de modo a estarem facilmente a nosso alcance e poderem ser usados por nós sempre que desejássemos.

Havia silêncio naquela sala. Compreendíamos que era um local de estudo.

Havia também revistas — as revistas da Igreja e duas ou três outras boas revistas. Havia livros de história e literatura, livros técnicos, dicionários, enciclopédias e um atlas do mundo. É óbvio que naquela

época não existia ainda a televisão. O rádio surgiu quando eu era jovem. Mas havia um ambiente propício ao estudo e aprendizado. Não quero dar-lhes a impressão de que éramos grandes eruditos, mas éramos expostos a clássicos da literatura, a grandes idéias de pensadores de renome e à linguagem de homens e mulheres que pensavam com liberdade e escreviam com beleza” (ver “Ambiente no Lar”, *A Liabona*, outubro de 1985, p.2).

SEUS PAIS ESPERAVAM O MELHOR DOS FILHOS

“Ironicamente, apesar de toda a importância dada pela família Hinckley à literatura e ao aprendizado, quando era criança Gordon não gostava da escola. Aos seis anos de idade, quando deveria ter começado a primeira série primária, escondeu-se dos pais no primeiro dia das aulas. Como era pequeno e de saúde frágil, Bryant e Ada decidiram que seria melhor para ele esperar até o ano seguinte, quando iria com Sherman [seu irmão mais novo].

No ano seguinte, no primeiro dia de aulas, Gordon correu pela casa na tentativa de evitar sua mãe, mas Ada acabou por impor-se. (...) Gordon não demorou muito a integrar seu grupo etário na segunda série” (Dew, *Go Forward with Faith*, pp. 30–31). Foi só na escola secundária que a atitude de Gordon mudou radicalmente.



Gordon B. Hinckley



Bryant S. Hinckley (1867–1961), pai de Gordon B. Hinckley

Seus pais sempre incentivavam os outros filhos e ele a darem o melhor de si e esperavam deles certos padrões de conduta. Eles não eram extremamente rígidos no tocante à disciplina, mas tinham uma maneira de comunicar suas expectativas. Se necessário, designavam tarefas adicionais aos filhos que precisassem de incentivo. Em certa ocasião, na primeira série, “depois de um dia particularmente difícil na escola, Gordon voltou para casa,

jogou seus livros na mesa ao andar pela cozinha e deixou escapar uma palavra de baixo calão. Ada, chocada com esse linguajar, explicou que em nenhuma circunstância aquelas palavras deveriam sair de sua boca de novo e levou Gordon ao banheiro, onde colocou bastante sabão num pano limpo e esfregou-o na língua e dentes dele. Ele esperneou e debateu-se e sentiu vontade de praguejar novamente, mas resistiu à tentação” (Dew, *Go Forward with Faith*, p. 33). Posteriormente, ele disse: “A lição valeu a pena. Acho que posso dizer que tentei abster-me de usar o nome do Senhor em vão desde aquele dia. Sou grato por essa lição” (Conference Report, outubro de 1987, p. 57; ver *A Liabona*, janeiro de 198, p. 44).

ELE RECEBEU A BÊNÇÃO PATRIARCAL

Em 1995, o Presidente Gordon B. Hinckley falou de sua bênção patriarcal:

“Recebi minha bênção patriarcal quando era menino, aos onze anos de idade. Nosso patriarca era um converso à Igreja [Thomas E. Callister] que viera da Inglaterra. Ele impôs as mãos sobre minha cabeça e me deu uma bênção. Acho que nunca a li até chegar ao navio que me levou para a Inglaterra em 1933. Tirei-a do baú e li-a com cuidado. Eu a relia periodicamente durante minha missão na Inglaterra.

Não quero contar-lhes todo o conteúdo da bênção, mas aquele homem falou com uma voz profética. Disse, entre outras coisas, que eu ergueria minha voz em testemunho da verdade para as nações da Terra. Quando fui desobrigado da missão, discursi em Londres numa reunião de testemunho no Battersea Town Hall. No domingo seguinte, discursi em Berlim; no seguinte, em Paris e no seguinte, em Washington, D. C. Voltei para casa cansado, fraco, magro e esgotado (...) e disse: ‘Basta. Já viajei o máximo que gostaria. Nunca mais quero viajar de novo’. E achei que já cumprira aquela bênção. Eu discursara em quatro das grandes capitais do mundo: Londres, Berlim, Paris e Washington. Achava ter cumprido aquela parte da bênção.

Digo com gratidão e em espírito de testemunho (...) que desde aquela época tive o privilégio, devido à providência e bondade do Senhor, de testificar desta obra e do chamado divino do Profeta Joseph Smith em todas (ou pelo menos quase todas) as terras da Ásia: Japão, Coréia, Tailândia, Taiwan, Filipinas, Hong Kong, Vietnã, Birmânia, Malásia, Índia, Indonésia, Cingapura e tantos outros países. Prestei testemunho na Austrália, Nova Zelândia, ilhas do Pacífico, nações da Europa, todas as nações da América do Sul e todas as nações do Oriente sobre a divindade desta obra” (*Teachings of Gordon B. Hinckley* [1997], pp. 422–223).

ELE RECEBEU UM FORTE TESTEMUNHO DE JOSEPH SMITH



REPRODUÇÃO PROIBIDA

Gordon B. Hinckley

O Presidente Hinckley contou uma experiência que teve quando jovem, quando soube que Joseph Smith era um profeta:

“Muitos anos atrás, quando aos doze anos fui ordenado diácono, meu pai, que era o presidente de nossa estaca, levou-me a minha primeira reunião do sacerdócio da estaca. Naquela época, essas reuniões eram realizadas numa

noite da semana. Lembro-

me de que fomos à capela da Ala X em Salt Lake City, Utah. Ele dirigiu-se ao púlpito, e sentei-me numa fileira no fundo da capela, sentindo-me um pouco solitário e deslocado naquele recinto cheio de homens valorosos que tinham sido ordenados ao sacerdócio de Deus. A reunião começou, foi anunciado o hino de abertura e — como era de costume — todos nos colocamos de pé. Havia talvez quatrocentas pessoas lá. Juntos, esses homens ergueram sua voz forte, alguns com o sotaque dos países europeus de onde tinham vindo como conversos, todos cantando as seguintes palavras com um grande espírito de convicção e testemunho:

*Hoje, ao profeta rendamos louvores,
Foi ordenado por Cristo Jesus
Para trazer a verdade aos homens
Para aos povos trazer nova luz.
(Hinos, nº 14)*

Eles estavam cantando sobre o Profeta Joseph Smith e, ao fazerem-no, veio-me ao coração um forte amor pelo grandioso Profeta desta dispensação e uma crença nele. Em minha infância, fora-me ensinado muito sobre ele em reuniões e aulas em nossa ala, bem como em nossa casa; mas minha experiência naquela reunião do sacerdócio da estaca foi diferente. Eu soube naquele momento, pelo poder do Espírito Santo, que Joseph Smith era de fato um profeta de Deus.

É verdade que, nos anos que se seguiram, houve momentos em que meu testemunho vacilou um pouco, principalmente na época de meus estudos universitários de graduação. Contudo, aquela convicção nunca me

deixou por completo; e ela fortaleceu-se ao longo dos anos, em parte devido aos desafios daqueles dias que me compeliram a ler, estudar e adquirir uma certeza por mim mesmo” (ver “Hoje ao Profeta Rendamos Louvores”, *A Liabona*, maio de 1984, pp. 1–2).

NÃO HAVIA ESPAÇO SUFICIENTE NA ESCOLA SECUNDÁRIA

O Presidente Gordon B. Hinckley contou a seguinte experiência de quando entrou na escola secundária:

“O prédio [da escola secundária] não tinha espaço para acomodar todos os alunos, assim nossa turma da sétima série foi enviada para o prédio da [escola primária].

Ficamos profundamente ofendidos e furiosos. Passáramos seis anos infelizes naquele prédio e sentíamos que merecíamos algo melhor. Todos os meninos da turma se reuniram depois das aulas. Decidimos que não toleraríamos aquele tratamento. Estávamos determinados a iniciar uma greve.

No dia seguinte, não fomos à escola. Mas não tínhamos para onde ir. Não podíamos ficar em casa, pois nossa mãe nos faria perguntas. Não pensamos em ir ao centro da cidade para ver um filme, pois não tínhamos dinheiro para isso. Não podíamos ir ao parque, pois temíamos ser vistos pelo Sr. Clayton, o inspetor encarregado dos



Gordon B. Hinckley

gazeteiros. Não pensamos em ir para trás do muro da escola e contar histórias de gosto duvidoso porque não conhecíamos nenhuma. Nunca tínhamos ouvido falar de coisas como drogas ou nada do gênero. Ficamos apenas andando sem rumo e desperdiçamos o dia.

Na manhã seguinte, o diretor, o Sr. Stearns, estava na entrada principal da escola para receber-nos. Ele apresentava uma fisionomia austera. Disse algumas coisas muito diretas e em seguida nos informou que só poderíamos voltar à escola com um bilhete de nossos pais. Essa foi minha primeira experiência com um locaute. A greve, disse ele, não era a maneira de resolver o problema. Esperava-se de nós que fôssemos cidadãos responsáveis e, caso tivéssemos uma queixa, podíamos ir à sala do diretor para discuti-la.

Havia apenas uma coisa a fazer: ir para casa e pedir o bilhete aos pais.

Lembro-me de entrar em casa com relutância. Minha mãe perguntou qual era o problema. Expliquei-lhe

a situação. Disse que precisava de um bilhete dela, e ela redigiu-o. Era muito curto e constituiu a repreensão mais dolorosa que ela jamais me fez. Ela escreveu:

‘Caro Sr. Stearns,

Queira desculpar a ausência de Gordon ontem. Sua atitude foi simplesmente um impulso para seguir a multidão.’

Ela assinou a mensagem e entregou-a a mim.

Voltei à escola e cheguei na mesma hora que alguns outros meninos. Todos entregamos os bilhetes ao Sr. Stearns. Não sei se ele os leu, mas nunca me esqueci do bilhete de minha mãe. Embora eu tivesse desempenhado um papel ativo naquela iniciativa, resolvi naquele momento que nunca faria algo simplesmente para seguir as pessoas a minha volta. Decidi naquela ocasião que tomaria minhas próprias decisões com base em seus méritos e meus padrões, em vez de ser impelido numa direção ou outra pelas pessoas a meu redor.

Essa decisão abençoou minha vida em muitos momentos, às vezes em circunstâncias muito desagradáveis. Ela impediu-me de fazer algumas coisas que, caso eu houvesse feito, poderiam na pior das hipóteses ter resultado em graves danos e problemas e, na melhor das hipóteses, teriam custado meu auto-respeito” (Conference Report, abril de 1993, pp. 69–70; ver *A Liabona*, julho de 1993, pp. 59–60).

SUA FÉ TRANSCENDIA SUAS DÚVIDAS

“Gordon formou-se na LDS High School em 1928 e matriculou-se na Universidade de Utah no segundo semestre desse ano, exatamente um ano antes do início da Grande Depressão. (...)

À medida que trabalhava enquanto estudava e fazia a transição da dependência dos pais para a responsabilidade pessoal, ele, como muitos de seus colegas, começou a questionar suas visões sobre a vida, o mundo e até mesmo a Igreja. Às suas preocupações vinha somar-se o ceticismo da época. (...)

Felizmente, ele teve a oportunidade de falar de algumas de suas dúvidas com seu pai, e juntos eles examinaram as perguntas que ele levantara: a falibilidade das autoridades gerais, o motivo das dificuldades enfrentadas pelas pessoas que estão vivendo o evangelho, o motivo de Deus permitir que alguns de Seus filhos sofram e assim por diante. O ambiente de fé que



Gordon B. Hinckley

REPRODUÇÃO PROIBIDA

reinava no lar de Gordon foi vital nesse período de questionamentos, como ele explicou posteriormente: ‘Meu pai e minha mãe eram absolutamente sólidos em sua fé. Eles não tentaram empurrar o evangelho goela abaixo nem me compeliram a participar, mas tampouco deixavam de expressar seus sentimentos. Meu pai era sensato e ponderado e não era dogmático. Ele dera aulas para estudantes universitários e gostava de conversar com os jovens e ouvir seus pontos de vista e dificuldades. Ele tinha uma atitude tolerante e compreensiva e estava disposto a conversar sobre qualquer coisa que eu tivesse em mente’.

Subjacente às perguntas e à atitude crítica de Gordon, havia uma linha de fé que se tecera lentamente ao longo dos anos. Pouco a pouco, apesar de suas perguntas e dúvidas, ele percebeu que tinha um testemunho que não podia negar. E embora ele tenha começado a compreender que não havia sempre uma resposta óbvia ou fácil para todas as indagações complexas, descobriu também que sua fé em Deus transcendia suas dúvidas. Desde a noite muitos anos antes em que assistira a sua primeira reunião do sacerdócio da estaca, ele sabia que Joseph Smith era um profeta: ‘O testemunho que eu recebera quando menino permaneceu comigo e tornou-se um esteio no qual eu poderia apoiar-me durante aqueles anos difíceis’, disse ele” (Dew, *Go Forward with Faith*, pp. 45–47).

SUA MÃE MORREU

A mãe de Gordon B. Hinckley, Ada Bitner Hinckley, morreu em 9 de novembro de 1930, quando ele tinha 20 anos de idade. Ao falar da morte de sua mãe, ele disse:

“Aos 50 anos de idade, ela desenvolveu o câncer. [Meu pai] estava atento a cada uma das necessidades dela.

Lembro-me de nossas orações familiares, com as súplicas dele entremeadas de lágrimas nossas.

É claro que naquela época não havia planos de saúde. Meu pai estava disposto a gastar cada dólar que fosse preciso para ajudá-la. E de fato ele gastou muito. Levou-a para Los Angeles em busca de um tratamento médico melhor. Mas foi em vão.

Isso foi há sessenta e seis anos, mas lembro-me com nitidez de ver meu pai descer do trem com o coração partido e cumprimentar os filhos igualmente



Ada Bitner Hinckley (1880–1930), mãe de Gordon B. Hinckley

arrasados. Caminhamos solenemente pela plataforma da estação até o vagão de bagagens, de onde o caixão foi retirado e levado pela funerária. Passamos a conhecer melhor ainda a ternura do coração de nosso pai. Isso exerceu um efeito enorme sobre mim ao longo de toda a minha vida.

Também passei a conhecer um pouco sobre a morte — o pesar incomensurável dos filhos que perdem a mãe — mas também sobre a paz sem dor e a certeza de que a morte não constitui o fim da alma” (Conference Report, abril de 1993, p. 72; ver *A Liabona*, julho de 1993, p. 61).

ELE FOI CHAMADO PARA SERVIR COMO MISSIONÁRIO NA INGLATERRA



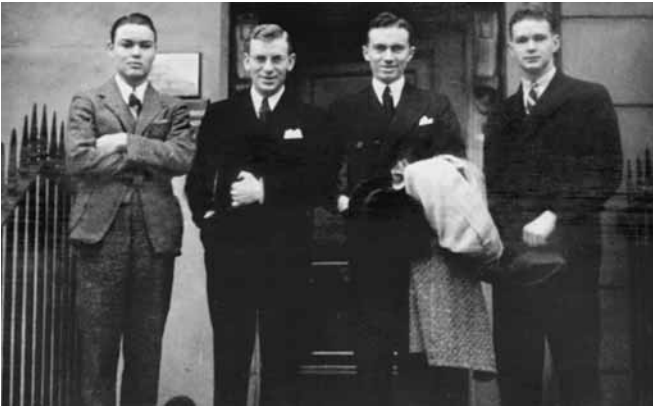
Quando missionário, discursando no Hyde Park, Londres, Inglaterra, 22 de julho de 1934

Depois de formar-se na Universidade de Utah em 1932, Gordon B. Hinckley pretendia matricular-se na escola de jornalismo da Universidade Columbia em Nova York, mas o Senhor tinha outros planos para ele. “Numa tarde de domingo não muito antes de seu vigésimo terceiro aniversário, Gordon foi convidado para a casa do Bispo Duncan. O bispo foi

direto à questão: Ele já pensara em servir como missionário? Ele ficou chocado. Naquela época de depressão econômica, a obra missionária era a exceção, não a regra. A situação financeira desoladora tornava o fardo de sustentar um missionário praticamente impossível para a maioria das famílias; de fato, poucos missionários estavam sendo chamados. Contudo, assim que o bispo tocou no assunto, ele sabia que sua resposta só poderia ser uma: ele disse ao Bispo Duncan que iria.

Contudo, a realidade do financiamento da missão parecia constituir um obstáculo. Bryant garantiu a seu filho que eles encontrariam uma maneira, e Sherman [o irmão mais novo de Gordon] prontificou-se a ajudar. Gordon planejou usar as modestas economias que ele acumulara para a pós-graduação. Infelizmente, pouco tempo depois de ele assumir o compromisso de partir, o banco onde ele depositara suas economias faliu e ele perdeu tudo. Todavia, algum tempo depois a família descobriu que Ada mantivera uma pequena caderneta de poupança durante anos com as moedas que recebia como troco ao comprar alimentos na mercearia e pretendia usar

esses fundos para o serviço missionário de seus filhos. Gordon ficou emocionado ao tomar conhecimento dos longos anos de sacrifício e da presciência de sua mãe. Mesmo depois de sua morte ela continuava a apoiá-lo e sustê-lo. Ainda mais importante era o exemplo de consagração de sua mãe, e ele considerava sagrado o dinheiro que recebera das economias dela” (Dew, *Go Forward with Faith*, p. 56).



O élder Hinckley (o segundo a partir da direita) com os missionários Angus Nicholson, Richard S. Bennett e Ormond J. Koulam

Ele recebeu seu chamado missionário para a Missão Européia, com sede em Londres, Inglaterra. O Élder Hinckley viajou para a Inglaterra num navio que chegou a Plymouth na noite de 1º de julho de 1933. No dia seguinte, ele foi designado para trabalhar em Preston, Lancashire.

Como acontece com muitos missionários, ele teve momentos de desânimo. Na época em que ele

chegou, suas alergias incomodavam-no por causa do pólen que se espalhara a partir do mês de junho. Seus olhos lacrimejavam constantemente por causa da rinite alérgica, e sua energia e resistência estavam em seu nível mais baixo. Posteriormente, ele recordou:

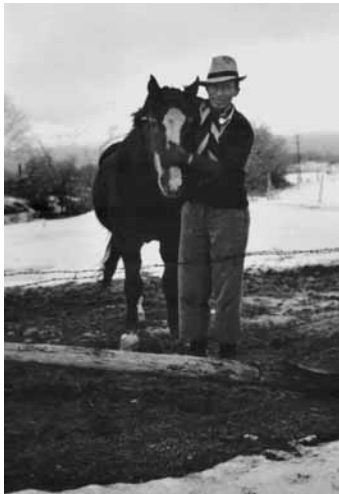
“Eu não estava bem quando cheguei. Naquelas primeiras semanas, por causa das enfermidades e da oposição que enfrentávamos, desanimei. Escrevi uma carta para meu bom pai e disse-lhe que sentia que estava desperdiçando meu tempo e o dinheiro dele. Ele era meu pai e presidente de estaca e era um homem sábio e inspirado. Respondeu com uma carta muito curta na qual dizia: ‘Querido Gordon, recebi sua carta recentemente. Tenho apenas uma sugestão: esqueça a si mesmo e trabalhe.’ Naquela mesma manhã no estudo das escrituras com meu companheiro, tínhamos lido as seguintes palavras do Senhor: ‘Porque qualquer que quiser salvar a sua vida, perdê-la-á, mas, qualquer que perder a sua vida por amor de mim e do evangelho, esse a salvará’ (Marcos 8:35).

Essas palavras do Mestre, seguidas pela carta de meu pai que me aconselhava a esquecer a mim mesmo e trabalhar, penetraram no mais profundo de meu ser. Com a carta de meu pai em mãos, fui a nosso quarto na casa na 15 Wadham Road, onde morávamos, e ajoelhei-me e fiz uma súplica ao Senhor. Fiz o convênio de que tentaria esquecer a mim mesmo e me perderia em Seu serviço.



Missionários na Inglaterra, 6 de maio de 1935. O Élder Hinckley está na segunda fileira, o segundo a partir da esquerda.

Aquele dia de julho de 1933 foi meu dia de decisão. Uma nova luz entrou em minha vida e uma nova alegria em meu coração. A neblina da Inglaterra pareceu dissipar-se, e vi a luz do sol. Tive uma experiência rica e maravilhosa na missão, pela qual serei sempre grato, ao trabalhar em Preston onde a obra estava iniciando-se e em outros locais onde ela já estava progredindo, incluindo a



No sítio de East Creek, fevereiro de 1936, pouco depois de sua missão

REPRODUÇÃO PROIBIDA

grande Cidade de Londres, onde eu servi durante a maior parte de minha missão” (ver “Uma Declaração para o Mundo”, *A Liabona*, novembro de 1987, p. 7).

“Pouco depois de o jovem Élder Hinckley ter-se lançado de corpo e alma no trabalho em Lancashire, recebeu uma carta que o chamava para Londres como assistente especial do Élder Joseph F. Merrill, membro do Conselho dos Doze Apóstolos e presidente da Missão Européia.

‘Não batizamos muitas pessoas em Londres naquela época’, lembra-se um companheiro na missão, Wendell J. Ashton, ‘mas o Élder Hinckley era sensacional nas reuniões de rua que realizávamos numa esquina do Hyde Park. Posso garantir-lhes que aprendemos a falar rápido. E o Élder Hinckley era o melhor do grupo. Sempre achei que ele adquiriu enorme experiência prática no Hyde Park de Londres fazendo o que ele faria com tanto talento no restante de sua vida — defender com coragem a Igreja e suas verdades. Ele era bom nisso naquela época e continua a sê-lo hoje.’



Com o Presidente Joseph Fielding Smith, lendo o livro *A Verdade Restaurada*, escrito por Gordon B. Hinckley

Logo o jovem Élder Hinckley estava de volta a Salt Lake City, cansado, magro e (o que é irônico se pensarmos no que se tornaria sua vida) com o desejo de ‘nunca viajar de novo para lugar nenhum’” (Jeffrey R. Holland, “President Gordon B. Hinckley: Stalwart and Brave He Stands”, *Ensign*, junho de 1995, p. 8).

ELE SERVIU NO COMITÊ DE RÁDIO, PUBLICIDADE E MATERIAIS MISSIONÁRIOS



Ele serviu como secretário executivo do Comitê de Rádio, Publicidade e Materiais Missionários em 1935, onde redigiu e desenvolveu muitos dos primeiros materiais visuais e de relações públicas da Igreja.

Depois da missão de Gordon B. Hinckley, seu presidente de missão, o Élder Joseph F. Merrill, do Conselho dos Doze, pediu que ele fizesse um relatório ao Presidente Heber J. Grant e à Primeira Presidência sobre a publicação de materiais missionários. “Foi organizado um novo comitê dos Doze para dotar a obra missionária dos mais recentes meios de comunicação. O Irmão Hinckley viria servir como produtor e secretário do Comitê de Rádio, Publicidade e Materiais Missionários. Esse foi, de fato, o início do Escritório de Comunicações Públicas da Igreja. Seus planos de frequentar a Universidade Columbia seriam deixados de lado. Sua carreira como professor do seminário — pois ele ensinou em meio período ao voltar da missão — seria substituída. O comitê incluía seis membros dos Doze, com o Élder Stephen L Richards como encarregado” (Packer, ver *A Liabona*, outubro de 1986, p. 9).

ELE ACHOU UMA COMPANHEIRA ETERNA

Gordon B. Hinckley e Marjorie Pay tinham saído juntos antes da missão e se tornado bons amigos. Ela ficou entusiasmada ao tomar conhecimento do chamado dele e incentivou-o a servir. “Marjorie era uma vizinha desde a infância’, escreveu a irmã mais nova do Presidente Hinckley, Ramona H. Sullivan, ‘Ela morava



Marjorie Pay Hinckley

do outro lado da rua. E ela era muito bonita. O que mais me lembro sobre a Marge naquela época é como era impressionante e esmerada, mesmo quando era menina, ao fazer discursos e apresentações nas reuniões e atividades de nossa velha Ala I. Todas as outras crianças apenas se levantavam e resmungavam algo, mas a Marjorie era totalmente profissional. Tinha uma excelente dicção, talento para a oratória e um gestual excepcional. Ainda me lembro dos discursos que ela fez.’



O Élder e a Irmã Hinckley, abril de 1970

Embora eles só tenham começado a namorar com seriedade depois que ele voltou da missão, foi num desses discursos na juventude que Marjorie Pay chamou a atenção dele pela primeira vez. ‘A primeira vez que a vi foi na Primária’, disse o Presidente Hinckley com uma risada. ‘Ela fez um discurso. Não sei explicar exatamente qual foi o efeito exercido sobre mim, mas nunca o esqueci. Então, ela cresceu e tornou-se uma bela jovem, e tive o bom senso de desposá-la.’

Os Hinckley casaram-se em 29 de abril de 1937 e tiveram três filhas e dois filhos. (...) A essa família extremamente unida somaram-se vinte e cinco netos e treze bisnetos” (Holland, ver *A Liabona*, junho de 1995, p. 17).

HOUVE UM PERÍODO DE AJUSTE AO CASAMENTO



Com o Presidente David O. McKay no púlpito do Tabernáculo de Salt Lake

“Enquanto ele continuava a aprender sobre a administração da Igreja, Gordon também percebeu que havia muito para mantê-lo ocupado em casa, à medida que ele e a Marjorie se ajustavam a viver um com o outro. E houve *vários* ajustes. Pouco depois de eles anunciarem seu noivado, Emma Marr Petersen, a esposa de Mark E. Petersen, advertiu Marjorie e disse-lhe que os primeiros dez anos do casamento seriam os mais difíceis. Aquele comentário surpreendeu e chocou Marjorie, que admitiu tempos depois: ‘Eu estava convencida de que os primeiros dez anos seriam pura felicidade. Mas durante nosso primeiro ano juntos, descobri que estava redondamente enganada! Havia muitas adaptações a serem

feitas. Claro que não eram o tipo de situação que me levaria a correr para a casa de minha mãe. Mas chorei em meu travesseiro algumas vezes. Os problemas quase sempre diziam respeito a aprender a viver de acordo com a agenda do outro e fazer as coisas à maneira dele. Nós nos amávamos, não havia dúvida. Mas também precisávamos acostumar-nos um ao outro. Acho que em *todos* os casamentos os cônjuges precisam habituar-se um com o outro” (Dew, *Go Forward with Faith*, p. 118).



A família Hinckley, na época em que ele foi chamado como assistente dos Doze, abril de 1958

ELE CONSTRUIU UMA CASA

“Pouco depois de casar-se, [Gordon B. Hinckley] lidou com a grande tarefa de construir uma pequena casa, prevendo aumentá-la à medida que a família crescesse. Seu filho Clark disse: ‘Meu pai sempre planejava o futuro. Na casa que ele construiu, deixou espaços nas paredes para futuras portas, pois acreditava na teoria de que à medida que ele fizesse reformas e expansões, as portas seriam necessárias para o projeto’. Dick, o filho mais velho, acrescentou: ‘Nossa casa parecia sempre levar um atraso de um ou dois anos em relação ao crescimento da família, e minha mãe precisava constantemente lidar com o aspecto não acabado de nossa casa ou jardim. Quando eles se mudaram para um apartamento anos depois’, minha mãe disse:



O Élder e a Irmã Hinckley

‘Finalmente são paredes de alvenaria que seu pai não pode derrubar ou alterar!’” (M. Russell Ballard, “Gordon B. Hinckley: Uma Âncora de Fé”, *A Liabona*, outubro de 1994, p. 11.)

ELE FOI CHAMADO PARA O APOSTOLADO



Como apóstolo recém-chamado, setembro de 1961

Durante vinte e três anos, Gordon B. Hinckley trabalhara na sede da Igreja e convivera de perto com muitas autoridades gerais. Em 1958, foi chamado para servir como assistente do Quórum dos Doze Apóstolos. No início da manhã de 30 de setembro de 1961, recebeu um telefonema do Presidente David O. McKay pedindo-lhe que fosse a seu escritório o mais rápido possível.

Menos de uma hora depois, os dois homens estavam sentados um em frente ao outro, e o Presidente McKay explicou o motivo daquela visita tão cedo, antes da sessão matutina da conferência geral: ‘Senti-me inspirado a chamá-lo para ocupar uma vaga no Quórum dos Doze Apóstolos’, disse ele com simplicidade ao Élder Hinckley, ‘e gostaríamos de apoiá-lo hoje na conferência’. Aquela notícia deixou Gordon sem fôlego, o que o impediu até mesmo de responder. Como era possível que tal chamado fosse feito a ele? Claro que ele tinha conhecimento da vaga no Quórum. Mas nunca, nem por um momento, passara-lhe pela mente a possibilidade de ocupá-la.



O Élder e a Irmã Hinckley com os filhos, outubro de 1961

REPRODUÇÃO PROIBIDA

O Presidente McKay prosseguiu: ‘Seu avô era digno desse chamado, bem como seu pai. E você também’. Com essas palavras, o Élder Hinckley perdeu de vez a compostura, pois nenhum elogio do profeta poderia ter maior significado para ele. ‘Meus olhos encheram-se de lágrimas quando o Presidente McKay me mirou com seu olhar penetrante e me falou de meus progenitores’, lembrou ele. ‘Meu pai era um homem muito melhor do que eu, mas não tivera as mesmas oportunidades. O Senhor abençoou-me com oportunidades grandiosas.’ (...)

Numa carta que datilografou em sua própria máquina manual Underwood, ele escreveu para seu filho missionário que estava servindo em Duisburg, Alemanha. ‘Gostaria de contar-lhe que fui chamado para o Quórum dos Doze Apóstolos’, disse ele para Dick. ‘Não sei por que fui chamado para tal posição. Não fiz nada de extraordinário, apenas tentei dar o melhor de mim nas missões que recebi sem me preocupar com quem ganhou o reconhecimento.’ Dick disse tempos depois: ‘Eu podia perceber na carta que meu pai ficara desconcertado com tudo aquilo. Eu mesmo fiquei surpreso com a notícia. Nunca me passara pela cabeça que ele seria chamado para os Doze’” (Dew, *Go Forward with Faith*, pp. 234, 236).

DEVEMOS LEMBRAR-NOS DA EXPIAÇÃO DE JESUS CRISTO

O Élder Gordon B. Hinckley ensinou:

“Nenhum membro desta Igreja deve jamais esquecer o terrível preço pago por nosso Redentor, que deu Sua vida para que todos os homens pudessem viver — a agonia do Getsêmani, o cruel escárnio de Seu julgamento, a medonha coroa de espinhos que Lhe dilacerou a carne, os brados da multidão que pediam Seu sangue perante Pilatos, o fardo solitário de Sua caminhada penosa rumo ao Calvário, a pavorosa



Numa conferência geral

dor que Ele sentiu quando grandes cravos perfuraram Suas mãos e pés, a impiedosa tortura de Seu corpo quando Ele foi pendurado na cruz naquele trágico dia, o Filho de Deus exclamando: ‘Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem’ (Lucas 23:34).

Ele foi posto na cruz, que foi o instrumento de Seu suplício, o terrível meio concebido para destruir o

Homem da Paz, a maligna recompensa por Sua obra maravilhosa de curar os enfermos, devolver a visão aos cegos, levantar os mortos. Foi na cruz que Ele foi erguido e morreu no solitário monte do Gólgota.

Não podemos esquecer-nos disso. Nunca devemos esquecer-nos disso, pois ali nosso Salvador, nosso Redentor, o Filho de Deus, Se ofereceu como sacrifício vicário para cada um de nós” (Conference Report, abril de 1975, p. 137; ver *A Liabona*, dezembro de 1976, p. 3).

ELE FOI CHAMADO COMO CONSELHEIRO NA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA

“Certamente um dos momentos determinantes da vida de Gordon B. Hinckley foi quando, no verão de 1981, o Presidente Spencer W. Kimball chamou o Élder Hinckley para servir como conselheiro na Primeira Presidência. Embora eles estivessem com vários problemas de saúde, a Primeira Presidência estava ‘completa’ com o Presidente Kimball, o Presidente N. Eldon Tanner e o Presidente Marion G. Romney ainda servindo. Contudo, num momento de nítida inspiração revelatória e boa saúde, o Presidente Kimball pediu ao Élder Hinckley que integrasse a Primeira Presidência como ‘conselheiro na Primeira Presidência’ — um conselheiro adicional, algo com amplos precedentes na história da Igreja.



Com o Presidente Spencer W. Kimball

não sabia se seria por alguns dias ou meses.’

No entanto, o Presidente Gordon B. Hinckley nunca mais deixou a Primeira Presidência da Igreja. Em 1982, o Presidente Tanner faleceu, e o Presidente Romney tornou-se o primeiro conselheiro e o Presidente Hinckley foi apoiado como segundo conselheiro.



Com o Presidente Howard W. Hunter

‘Quando aceitei o chamado do Presidente Kimball para juntar-me a eles, eu não sabia exatamente como iria atuar ou qual seria meu papel, e talvez nem eles soubessem naquela altura’, disse o Presidente Hinckley. ‘Mas as circunstâncias exigiam auxílio adicional, e eu estava mais do que disposto a oferecê-lo. Eu

‘Foi uma responsabilidade pesada e desconcertante’, lembra ele. ‘Era um fardo quase aterrador em certos momentos. É claro que eu conversava com nossos irmãos dos Doze.

Recordo um momento em especial em que me ajoelhei perante o Senhor e supliquei Seu auxílio em meio a uma situação muito difícil. E as seguintes palavras de paz vieram-me à mente: “Aquietai-vos e sabeis que eu sou Deus” (D&C 101:16). Mais uma vez, eu soube que aquela era a obra Dele, que Ele não permitiria que ela falhasse, que tudo que eu precisava fazer era trabalhar nela e dar o melhor de mim, e a obra seguiria avante sem nenhum impedimento” (Holland, ver *A Liabona*, junho de 1995, p. 22).



Entre 1981 e 1985, com freqüência ele presidia sozinho a conferência geral

Ao servir como conselheiro dos Presidentes Spencer W. Kimball, Ezra T. Benson e Howard W. Hunter, o Presidente Hinckley viu de perto os problemas de saúde que eles enfrentaram no fim de sua vida. Houve ocasiões em que ele presidiu reuniões às quais o Presidente da Igreja ou outros conselheiros não puderam estar presentes por motivos de saúde. A responsabilidade da liderança recaiu sobre ele para muitas decisões que garantiram o avanço da Igreja. Ele aceitou a asoerbante carga de trabalho com humildade e espírito de oração.

O Élder Thomas S. Monson refletiu sobre o papel do Presidente Hinckley durante esse período único na história da Igreja: ‘O Presidente Hinckley encontrou-se numa situação extremamente delicada, pois o Presidente Kimball ainda era o profeta. Mesmo que tenha limitações físicas, um homem pode não estar debilitado mental ou espiritualmente. O Presidente Hinckley tinha o dever não invejável de não ir longe demais rápido demais, mas de ir longe o bastante. Ele sempre tinha a fina habilidade e o bom senso de fazer o que cabia a um conselheiro, a saber, nunca se imiscuir no que competia unicamente ao presidente” (Dew, *Go Forward with Faith*, p. 401).

“NÃO PODEMOS ABANDONAR A PALAVRA DO SENHOR”

O Presidente Gordon B. Hinckley escreveu:

“O Senhor deu-nos conselhos e mandamentos em tantas áreas que nenhum membro desta Igreja jamais precisa sentir-se desorientado. Ele estabeleceu diretrizes para nós no tocante à virtude pessoal, ao relacionamento com as pessoas a nossa volta, à obediência à lei, à lealdade ao governo, à observância do Dia do Senhor, à sobriedade e abstinência do álcool e tabaco, ao pagamento do dízimo e ofertas, ao auxílio aos pobres, ao cuidado com o lar e a família, à proclamação do evangelho — para citar apenas alguns aspectos.

Não são necessárias discussões ou contendas sobre nenhum desses mandamentos. Se continuarmos num curso seguro ao aplicarmos nossa religião em nossa própria vida, faremos avançar a causa com maior eficácia do que por qualquer outro meio.

Pode haver pessoas que nos tentarão para que nos desviemos. Talvez surjam pessoas que procurarão seduzir-nos. Pode ser que venhamos a ser desacreditados, menosprezados, acusados injustamente. É possível que venhamos a ser ridicularizados diante do mundo. Há pessoas, tanto dentro como fora da Igreja, que nos compelirão a mudar de posição em alguns assuntos, como se tivéssemos a prerrogativa de usurpar autoridade que pertence somente a Deus.

Não temos a menor intenção de entrar em conflito com as pessoas. Ensinamos o evangelho da paz. Mas não podemos abandonar a palavra do Senhor conforme nos foi transmitida por homens a quem apoiamos como profetas” (*Be Thou an Example* [1981], p. 13).

O LIVRO DE MÓRMON É UMA INFLUÊNCIA TANGÍVEL



Olhando a primeira edição do Livro de Mórmon em chinês com o Presidente David O. McKay, janeiro de 1966

O Presidente Gordon B. Hinckley testificou do milagre do Livro de Mórmon: “Se há milagres em nosso meio, por certo um deles é [o Livro de Mórmon]. As pessoas incrédulas podem duvidar da Primeira Visão e dizer que não houve testemunhas para prová-la. Os críticos podem zombar de todas as manifestações divinas relacionadas ao início desta obra e

considerar que são de natureza intangível e impossíveis de serem provadas para a mente pragmática, como se as coisas de Deus pudessem ser compreendidas de outra forma que não pelo Espírito de Deus. Eles podem desdenhar nossa teologia. Contudo, se forem honestos, não podem repudiar o Livro de Mórmon. Ele está aqui.

Eles podem senti-lo. Podem lê-lo. Podem examinar sua substância e conteúdo. Podem testificar de sua influência” (*Be Thou an Example*, pp. 103–104).

USEM SEUS TALENTOS PARA SERVIR E ABENÇOAR AS PESSOAS

Ao dirigir-se a um grupo de jovens, o Presidente Gordon B. Hinckley disse:

“Quão belo seria o mundo se toda jovem tivesse o privilégio de casar-se com um rapaz bom a quem ela olharia com orgulho e alegria, como seu companheiro no tempo e eternidade, apenas dela, para amar e apreciar, respeitar e ajudar! Que mundo maravilhoso teríamos se todo rapaz desposasse uma moça na casa do Senhor, da qual ele seria o protetor, provedor, marido e companheiro!



O Presidente Hinckley ensinando

Mas isso não acontece em todos os casos. Há algumas jovens que, por motivos inexplicáveis, não têm a oportunidade de casarem-se. A vocês desejo dizer algumas coisas. Não percam seu tempo nem desperdicem sua vida vagando no deserto da autocomiseração. Deus concedeu-lhes talentos de um tipo ou outro. Conferiu-lhes a capacidade de atender às necessidades das pessoas e abençoar a vida delas com sua bondade e carinho. Estendam a mão para alguém em dificuldade. Há inúmeras pessoas nessa situação.

Adquiram conhecimento. Aperfeiçoem sua mente e suas habilidades numa disciplina. Nunca na história do mundo as mulheres tiveram tantas oportunidades profissionais, nos negócios, na educação e em todas as atividades honradas da vida. Não sintam que por estarem solteiras Deus as abandonou. Repito a promessa Dele citada anteriormente: ‘Sê humilde; e o Senhor teu Deus te conduzirá pela mão e dará resposta a tuas orações’ [D&C 112:10].

O mundo precisa de vocês. A Igreja precisa de vocês. Muitas pessoas e causas necessitam de sua força, sabedoria e talentos” (“If I Were You, What Would I

Do?” *Brigham Young University 1983–1984 Fireside and Devotional Speeches* [1984], p. 11).

ELE ENSINOU A IMPORTÂNCIA DA MATERNIDADE

Na reunião geral das mulheres em setembro de 1983, o Presidente Gordon B. Hinckley disse:



Discursando numa conferência geral

“Às mulheres que acham necessário trabalhar quando prefeririam ficar em casa, eu gostaria de deixar umas breves palavras. Sei que há muitas de vocês nessa situação. Algumas foram abandonadas e estão divorciadas, com filhos para criar. Outras são viúvas e a família depende de vocês. Honro-as e respeito-as por sua integridade e espírito de auto-suficiência. Oro para que o Senhor as abençoe com força e grande capacidade, pois vocês precisam de ambas as qualidades. Vocês acumulam as responsabilidades de provedora e dona de casa. Sei que isso é difícil. Sei que é desanimador. Oro para que o Senhor as abençoe com sabedoria especial e o notável talento necessário para conceder aos filhos tempo, companhia, amor e a orientação única que somente a mãe é capaz de dar. Oro também para que Ele as abençoe com a ajuda concedida generosamente pelos familiares, amigos e a Igreja, o que aliviará parte do peso de seus ombros e as ajudará em seus momentos de dificuldade.

Sentimos, ainda que em menor grau, a solidão que vocês devem sentir ocasionalmente e a frustração que devem experimentar ao tentarem lidar com problemas que às vezes parecem estar além de sua capacidade de suportar. (...)



Cumprimentando um grupo de moças

Contudo, àquelas que trabalham quando não é necessário e que, ao fazerem-no, deixam os filhos aos cuidados de pessoas que em geral são apenas substitutos inadequados, deixo uma palavra de advertência. Não sigam uma prática que no futuro lhes trará remorso. Se o objetivo de seu emprego é simplesmente ganhar dinheiro para um iate, um carro de luxo ou outro bem desejável, mas supérfluo, e para isso vocês perdem o convívio com seus filhos e a oportunidade de criá-los, vocês perceberão um dia que perderam a substância tentando agarrar a sombra. (...)

(...) Sei que [nosso Pai Celestial] ama Suas filhas tanto quanto Seus filhos. O Presidente Harold B. Lee certa vez afirmou que o sacerdócio é o poder pelo qual Deus atua por meio de nós, homens. Eu gostaria de acrescentar que a maternidade é o meio pelo qual Deus leva adiante Seu grande desígnio de continuidade da raça. Tanto o sacerdócio como a maternidade são essenciais para o plano do Senhor.

Um dever complementa o outro. Cada um deles é necessário para o outro. Deus criou-os macho e fêmea, cada um único em suas capacidades e potencial individuais. A mulher gera e nutre os filhos. O homem é o provedor e protetor. Nenhuma lei pode alterar o papel dos sexos. O legislador deve proporcionar a igualdade de oportunidades, de remuneração, de privilégios políticos. Contudo, qualquer legislação que vise a criar um gênero neutro quando Deus criou o homem e a mulher trará mais problemas do que benefícios. Estou convencido disso.

Desejo de todo o coração que passemos menos de nosso tempo falando de direitos e mais tempo falando de nossos deveres. Deus deu às mulheres desta Igreja um trabalho a realizar na edificação de Seu reino. Ele toca todos os aspectos de nossa grandiosa responsabilidade tríplice que é, primeiramente, ensinar o evangelho ao mundo; em segundo lugar, fortalecer a fé e edificar a felicidade dos membros da Igreja; e, em terceiro lugar, levar adiante a grandiosa obra de salvação pelos mortos. (...)

Vistam-se de suas roupas formosas, ó filhas de Sião. Vivam à altura do esplêndido e magnífico legado que o Senhor Deus, seu Pai Celestial, lhes deixou. Ergam-se acima do pó do mundo. Saibam que são filhas de Deus e que assim têm uma herança divina. Caminhem na luz do dia com a cabeça erguida, com a consciência de que são amadas e honradas, de que fazem parte do reino Dele e de que há um trabalho a ser realizado por vocês que não pode ser feito por ninguém mais” (Conference Report, outubro de 1983, pp. 114–115; ou *Ensign*, novembro de 1983, pp. 83–84).

O EGOÍSMO É UMA DAS PRINCIPAIS CAUSAS DO DIVÓRCIO

O Presidente Gordon B. Hinckley ensinou:

“Por que há tantos lares desfeitos? O que acontece com os cônjuges que iniciam o casamento com um amor sincero e o desejo de serem leais, fiéis e verdadeiros uns com os outros?”



O Presidente e a Irmã Hinckley comemorando o aniversário de casamento

Não há respostas simples. Tenho plena consciência disso. Mas parece-me que há algumas razões óbvias que são responsáveis por grande parte desses problemas. Digo isso por ter experiência ao lidar com essas tragédias. Considero que o egoísmo é a raiz da maioria desses problemas.

Estou convencido de que um casamento feliz não é tanto uma questão de romance, mas reside

na preocupação constante com o conforto e bem-estar do companheiro.

O egoísmo é com frequência o motivo dos problemas financeiros, que são um fator sério e real de instabilidade da vida familiar. O egoísmo é a razão do adultério, a violação de convênios sagrados e solenes para satisfazer a lascívia egoísta. O egoísmo é a antítese do amor. É uma expressão corrompida de ganância. Destroi a autodisciplina. Elimina a lealdade. Desfaz convênios sagrados. Atinge tanto o homem como a mulher.

Inúmeras pessoas chegam ao casamento mimadas e mal-acostumadas, achando que tudo deve ser sempre perfeito, que a vida é uma sucessão de prazeres, que os apetites devem ser satisfeitos sem a mínima atenção a princípios. Como são trágicas as conseqüências dessa mentalidade vazia e absurda! (...)

Há um remédio para tudo isso. Não se trata do divórcio. É o evangelho do Filho de Deus. Foi Ele que disse: ‘Portanto, o que Deus ajuntou não o separe o homem’. (Mateus 19:6) A solução para a maior parte do estresse no casamento não é o divórcio. É o arrependimento. Não é a separação. É a simples integridade que leva um homem a aceitar suas responsabilidades e obrigações. Trata-se da Regra de Ouro. (...)

Pode haver ocasionalmente uma causa legítima para o divórcio. Não vou dizer que o divórcio nunca se justifica. Mas digo sem hesitar que essa praga em nosso meio, que parece estar alastrando-se por todas as partes, não é de Deus, mas é na verdade a obra do inimigo da retidão, da paz e da verdade” (Conference Report,

abril de 1991, pp. 96–98; ver , *A Liabona*, julho de 1991, pp. 82–83).

O CASAMENTO DEVE SER UMA PARCERIA ETERNA

O Presidente Gordon B. Hinckley disse:

“Estou convencido de que Deus, nosso Pai Eterno, não ama Suas filhas menos do que ama Seus filhos. No plano do evangelho, a esposa não anda à frente nem atrás do marido, mas a seu lado, numa verdadeira parceria diante do Senhor.

Olho para minha própria companheira que está comigo há 52 anos. A contribuição dela é menos aceitável perante o Senhor do que a minha? Tenho certeza de que não. Ela sempre esteve serenamente a meu lado, apoiando-me em minhas responsabilidades, criando e abençoando nossos filhos, servindo em muitos cargos na Igreja e espalhando grande alegria e bondade em todos os lugares por onde passou.

Quanto mais envelheço, mais estimo — sim, mais amo — essa pequena mulher com quem me ajoelhei no altar da casa do Senhor há mais de meio século.



A Irmã Marjorie Pay Hinckley, março de 1988



O Presidente Hinckley com o presidente norte-americano Ronald Reagan e o Presidente Thomas S. Monson, setembro de 1982

Desejo de todo o coração que todos os casamentos sejam felizes. Desejo que todos sejam uma parceria eterna. Creio que esse desejo pode realizar-se se houver a disposição para isso” (“Elevai-vos à Estatura do Divino em Vós”, *A Liabona*, janeiro de 1990, pp. 107–108).

“Creio na família em que há um marido que vê sua companheira como seu maior bem e a trata como tal; em que a esposa vê o marido como sua âncora e força, seu conforto e segurança; em que os filhos têm

respeito e gratidão pelos pais; em que os pais consideraram seus filhos uma bênção e encaram o desafio de criá-los e cuidar deles como algo sério, grandioso e maravilhoso. O estabelecimento de um lar dessa natureza exige esforço, energia, perdão e paciência, amor, perseverança e sacrifício, mas vale a pena fazer tudo isso e muito mais” (“This I Believe”, *Brigham Young University 1991–1992 Devotional and Fireside Speeches* [1992], p. 80).

ELE TORNOU-SE O PRESIDENTE DA IGREJA



O Presidente Gordon B. Hinckley

Em 3 de março de 1995, o Presidente Howard W. Hunter faleceu. O Presidente Gordon B. Hinckley, por saber que o manto da presidência da Igreja recairia sobre ele, precisava da certeza e confirmação do Senhor. Ele foi ao Templo de Salt Lake para buscar a vontade Dele. Lá, na sala de reuniões da Primeira Presidência e do Quórum dos Doze Apóstolos, com a porta trancada, leu as escrituras e refletiu sobre a Expição do Salvador. Estudou o perfil dos profetas desta dispensação e sentiu que eles o estavam incentivando e que ele seria abençoado e apoiado em seu ministério. Ele escreveu:

“Eles pareciam dizer-me que tinham intercedido em meu favor num conselho realizado no céu, que eu não precisava temer, que eu seria abençoado e apoiado em meu ministério.



A Primeira Presidência numa entrevista coletiva perto da estátua de Joseph Smith no Joseph Smith Memorial Building

Ajoelhei-me e dirigi súplicas ao Senhor. Conversei com Ele longamente em oração. (...) Estou confiante

de que, pelo poder do Espírito, ouvi a voz do Senhor, não de modo sonoro, mas como um calor que senti no coração no tocante às perguntas que eu fizera ao orar.’

Depois de passar algum tempo no templo, o Presidente Hinckley sentiu paz sobre o que estava a sua frente. ‘Sinto-me melhor, e tenho uma certeza muito mais firme no coração de que o Senhor está fazendo valer Sua vontade no tocante a Sua causa e reino, a fim de que eu seja apoiado como Presidente da Igreja e profeta, vidente e revelador e sirva durante o período que o Senhor desejar’, escreveu ele tempos depois. ‘Com a confirmação do Espírito em meu coração, agora estou pronto para seguir avante e realizar o melhor trabalho que eu conseguir. Custa-me crer que o Senhor está conferindo-me esta responsabilidade extremamente elevada e sagrada. (...) Espero que o Senhor me tenha treinado para fazer o que Ele espera de mim. Vou dar-Lhe total lealdade e certamente seguirei Sua orientação.’ (...)

O Presidente James E. Faust externou um sentimento comum a muitas autoridades gerais: ‘Não conheço nenhum homem que tenha chegado à presidência desta Igreja tão bem preparado para tal responsabilidade. O Presidente Hinckley conheceu cada presidente, de Heber J. Grant a Howard W. Hunter, e trabalhou com todos eles. Foi instruído por todos os grandes líderes de nossa época face a face, de modo extremamente pessoal”’ (Dew, *Go Forward with Faith*, pp. 508, 510–511).

ELE SENTE-SE À VONTADE COM A MÍDIA

A designação do Presidente Gordon B. Hinckley para trabalhar com as relações públicas deu-lhe muita experiência com a mídia. Sua disposição para interagir com a imprensa deu à Igreja oportunidades sem precedentes de proclamar a mensagem da Restauração ao mundo, e suas entrevistas no rádio e na televisão permitiram a muitas pessoas terem contato com a Igreja pela primeira vez.

‘O Presidente Hinckley está ajudando a tirar a Igreja da obscuridade’, disse o Élder Neal A. Maxwell. ‘A Igreja não pode seguir avante como precisa se ficar-mos escondidos sob um alqueire. Alguém precisa expor-se, o Presidente Hinckley está disposto a fazê-lo. Ele é um homem de história e modernidade ao mesmo



Com o apresentador de televisão Mike Wallace, quando o Presidente Hinckley estava sendo entrevistado para um segmento do programa *60 Minutes*, dezembro de 1995

DO NOT COPY

tempo, e tem maravilhosos dons de expressão que lhe permitem apresentar nossa mensagem de modo atraente para as pessoas em todos os lugares.’ (...)



REPRODUÇÃO PROIBIDA

Sendo entrevistado no programa de televisão da rede CNN *Larry King Live*

‘O Presidente Hinckley respeita a mídia, mas não tem medo dela’, explicou o Élder Maxwell, que presenciou o desempenho dele nesse tipo de situação. ‘E ele tem uma compreensão tão sólida tanto da história como da situação atual da Igreja que não é provável que seja surpreendido por

uma pergunta que ele já não tenha ponderado ou examinado na mente. Ele tem a capacidade de dar respostas importantes, mas curtas e objetivas. Tem agilidade mental e está sempre à altura dos compromissos que surgem. E ele não se sente compelido a evitar os assuntos espinhosos e reconhece nossas falhas como povo. Ele não tenta dourar ou embelezar a realidade. Assim, os repórteres respondem a sua genuinidade. Ele tem a capacidade de relacionar-se bem com todo tipo de pessoas e, nesse aspecto, ele está eminentemente preparado para contar nossa história ao mundo’” (Dew, *Go Forward with Faith*, pp. 536, 546–547).

CREMOS EM CRISTO



A Primeira Presidência e o Quórum dos Doze Apóstolos em frente da estátua do Christus no Centro de Visitantes Norte da Praça do Templo, 1995

Em 1995, numa entrevista no rádio, o Presidente Gordon B. Hinckley explicou: “Somos cristãos. Nenhuma igreja do mundo proclama um testemunho mais forte da divindade do Senhor Jesus Cristo como Filho de Deus e Redentor do mundo do que esta Igreja, que leva Seu nome: A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. E Seu evangelho é o

evangelho que ensinamos. E o espírito de amor que exemplificamos é o espírito no qual tentamos trabalhar” (*Teachings of Gordon B. Hinckley*, p. 278).

A REVELAÇÃO CONTINUA



Em abril de 1980, A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias comemorou seu sesquicentenário. Na conferência geral, no dia 6 de abril de 1980, o Élder Hinckley apresentou a Proclamação da Primeira Presidência e do Quórum dos Doze Apóstolos na fazenda de Peter Whitmer em Fayette, Nova York.

O Presidente Gordon B. Hinckley disse: “Alguém perguntou ao Irmão Widtsoe certa vez: ‘Quando vamos receber outra revelação? Por que não tivemos nenhuma outra revelação desde a compilação de Doutrina e Convênios? Faz quanto tempo que não recebemos uma revelação?’ O Irmão Widtsoe respondeu: ‘Ah, na quinta-feira passada’. É assim que funciona. A cada quinta-feira, quando os demais membros da Igreja estão em casa, a Primeira Presidência e os Doze reúnem-se no templo, naqueles recintos

sagrados, e oramos juntos e tratamos de certos assuntos juntos, e o espírito de revelação manifesta-se aos presentes. Sei disso. Já presenciei isso. Eu estava lá naquele dia de junho de 1978 quando o Presidente Kimball recebeu uma revelação, cercado de membros dos Doze — quórum que eu integrava na época. Esta é a obra de Deus. Esta é Sua obra onipotente. Nenhum homem é capaz de detê-la ou prejudicá-la. Ela prosseguirá e continuará a crescer e a abençoar a vida das pessoas em todo o mundo” (*Teachings of Gordon B. Hinckley*, p. 555).

ELE EXPLICOU A NECESSIDADE DA PROCLAMAÇÃO DA FAMÍLIA

Em setembro de 1995, a Primeira Presidência e o Quórum dos Doze Apóstolos divulgaram “A Família: Proclamação ao Mundo”. Foi lida pela primeira vez pelo Presidente Gordon B. Hinckley como parte de sua mensagem na reunião geral da Sociedade de Socorro. Antes de lê-la, ele disse: “Com tanta sofistica apresentada como verdade, com tanto engano no que diz respeito a padrões e valores, com tanta sedução e tentação aumentando gradualmente a iniquidade do mundo, sentimos a necessidade de advertir e prevenir. Com isso em mente, nós da Primeira Presidência e do

Conselho dos Doze Apóstolos emitimos agora uma proclamação à Igreja e ao mundo como declaração e reafirmação dos padrões, doutrinas e práticas relativas à família que os profetas, videntes e reveladores desta Igreja ensinaram repetidamente ao longo de sua história”. (“Enfrentar com Firmeza as Artimanhas do Mundo”, *A Liabona*, janeiro de 1996, p. 114).

Num almoço com a mídia e uma entrevista coletiva em maio de 1996, o Presidente Gordon B. Hinckley explicou de modo mais detalhado a necessidade da proclamação: “Por que emitimos esta proclamação da família agora? Porque a família está sendo atacada. Em todo o mundo, as famílias estão desintegrando-se. O local de começar a melhorar a sociedade é o lar. As crianças fazem, na maioria das vezes, o que lhes é ensinado. Estamos tentando melhorar o mundo fortalecendo a família” (*Teachings of Gordon B. Hinckley*, p. 209).



Em visita a Nauvoo, Illinois

“QUE DEUS AS ABENÇOE, MÃES!”

O Presidente Gordon B. Hinckley disse:



O Presidente Hinckley cumprimenta os santos na África

diz a seus filhos não é ouvido pelo mundo, mas será ouvido pela posteridade’. (...)

(...) Sinto que devo incentivar as mulheres do mundo inteiro a alcançar o grande potencial que possuem. Não peço para irem além de sua capacidade.

“A verdadeira força de qualquer nação, sociedade ou família reside nas qualidades de caráter adquiridas em sua maior parte pelas crianças que receberam ensinamentos ministrados de modo sereno, simples e cotidiano pela mãe. O que Jean Paul Richter disse certa vez sobre o pai é ainda mais verdadeiro para a mãe — e vou parafraseá-lo um pouco para transmitir minha idéia: ‘O que uma mãe

Espero que não fiquem se lamuriando com pensamentos derrotistas. Só espero que simplesmente façam o melhor que puderem. Se assim fizerem, verão milagres acontecerem. (...)



REPRODUÇÃO PROIBIDA

O Presidente Hinckley com o presidente norte-americano George H. W. Bush, julho de 1992

Que Deus as abençoe, mães! Quando todas as vitórias e derrotas dos homens forem postas na balança, quando a poeira das batalhas da vida se assentar, quando tudo o que lutamos para alcançar neste mundo de labores se desfizer diante de nossos olhos, vocês estarão lá, precisam estar lá, como a força para a nova

geração, no movimento contínuo e ascendente da raça. A qualidade dela dependerá de vocês” (*Motherhood: A Heritage of Faith* [panfleto, 1995], pp. 6, 9, 13).

“CRIEM OS FILHOS NOS CAMINHOS DO EVANGELHO”



Feliz na presença de crianças

Dirigindo-se às mães solteiras, o Presidente Gordon B. Hinckley disse:

“Seja qual for a causa de sua situação atual, solidarizamo-nos com vocês. Sabemos que muitas de vocês vivem na solidão, insegurança, preocupação e medo. Para a maioria de vocês, o dinheiro nunca é suficiente. Sua preocupação e ansiedade constantes dizem respeito a seus filhos e o futuro deles. Muitas de vocês se encontram em circunstâncias

que as obrigam a trabalhar e deixar os filhos entregues à própria sorte. Contudo, se enquanto eles forem pequenos houver grande afeição, abundantes demonstrações de amor e orações em conjunto, então é mais provável que haja paz no coração e força de caráter em seus filhos. Ensinem-nos os caminhos do Senhor. Isaías declarou: ‘E todos os teus filhos serão ensinados do Senhor; e a paz de teus filhos será abundante’ (Isaías 54:13).

Quanto mais vocês criarem os filhos nos caminhos do evangelho de Jesus Cristo com firmeza, amor e esperando muito deles, mais provável será que tenham paz em sua vida” (ver *A Liabona*, janeiro de 1996, pp. 111–112).

AS JOVENS DEVEM ADQUIRIR O MÁXIMO DE INSTRUÇÃO POSSÍVEL

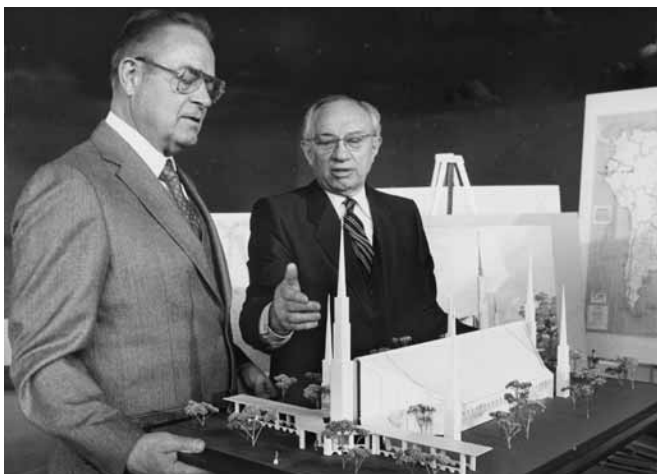


Num momento de descontração com moças da Igreja

Ao dirigir-se às moças da Igreja, o Presidente Gordon B. Hinckley disse: “Conclamo cada uma de vocês, moças, a adquirirem o máximo de estudos que puderem. Vocês precisarão disso no mundo em que ingressarão. A vida está tornando-se extremamente competitiva. Os especialistas afirmam que, em média, um homem ou mulher pode esperar ter pelo menos cinco empregos diferentes no decorrer de sua carreira profissional. O mundo está mudando, e é importantíssimo que nos preparemos para acompanhar essas transformações. Contudo, há um aspecto positivo em tudo isso. Nenhuma outra geração de toda a história ofereceu tantas oportunidades às mulheres. Seu primeiro objetivo deve ser um casamento feliz, selado no templo do Senhor e seguido da criação de uma boa família. Os estudos podem prepará-las melhor para a realização desses ideais” (ver “Permaneçam Leais e Fiéis”, *A Liabona* maio de 1996, p. 96).

“A IGREJA NÃO ESTÁ COMPLETA SEM TEMPLOS”

O Presidente Gordon B. Hinckley falou inúmeras vezes da importância dos templos:



Construtor de muitos templos; conversando com o Élder W. Grant Bangerter

“A construção e a dedicação de templos atingiu um ritmo tal nos últimos anos que algumas pessoas prestam pouca atenção a isso e não dão a devida importância.

Contudo, o adversário continua atento. A construção e a dedicação desses edifícios sagrados têm-se acompanhado de uma enorme vaga de oposição de alguns inimigos da Igreja, bem como de críticas de alguns dentro dela. Isso me trouxe à mente uma declaração de Brigham Young em 1861, na época da construção do Templo de Salt Lake. Quando um homem com experiência anterior foi chamado para trabalhar



O Presidente e a Irmã Hinckley

REPRODUÇÃO PROIBIDA

no Templo de Salt Lake, respondeu: ‘Não gosto disso, pois nunca começamos a construir um Templo sem que sejam acionadas as sirenes do inferno’.

Ao ouvir essa frase, Brigham Young respondeu: ‘Pois quero ouvi-las soar de novo (...)’ (*Journal of Discourses*, volume 8, pp.355–356) (Conference Report, outubro de 1985, p. 71; ver *A Liabona*, janeiro de 1986, p. 52).

Sempre foi meu desejo ardente construir templos em todos os lugares necessários para que nossos membros, onde quer que estejam, tenham condições, sem grandes sacrifícios, de ir à Casa do Senhor para receber suas próprias ordenanças e ter a oportunidade de realizar o trabalho vicário por seus antepassados. (...)

A Igreja não está completa sem templos. A doutrina não se cumpre por inteiro sem essas ordenanças sagradas. As pessoas não podem alcançar a plenitude daquilo a que têm direito como membros desta Igreja sem a Casa do Senhor.

O Senhor abençoou-nos com os recursos — por meio das doações consagradas e fiéis dos santos — para fazermos o que devemos e precisamos fazer. Esta é a maior era de construção de templos em toda a história do mundo. Mas isso não basta. Devemos dar prosseguimento a esse trabalho até termos dedicado templos ao alcance de nossos membros fiéis de todas as partes” (*Teachings of Gordon B. Hinckley*, p. 629).

ELE PLANEJOU A EXISTÊNCIA DE 100 TEMPLOS ATÉ O FIM DO ANO 2000

O Presidente Gordon B. Hinckley teve a oportunidade de dedicar mais templos do que todos os demais líderes desta dispensação juntos. Sob sua direção, a

Igreja fez o número de templos em funcionamento ultrapassar a casa dos 100. Na conferência geral de abril de 1998, o Presidente Hinckley anunciou a construção de templos pequenos e mencionou o plano de contarmos com 100 templos em funcionamento antes do fim do ano 2000:

“Nos últimos meses, estivemos viajando por lugares distantes para reunir-nos com os membros da Igreja. Estive com muitas pessoas que possuem bem poucos bens materiais. Mas elas têm no coração uma grande e ardorosa fé no trabalho destes últimos dias. Elas amam a Igreja. Amam o evangelho. Amam o Senhor e desejam cumprir a vontade Dele. Estão pagando o dízimo, por menor que seja. Estão fazendo sacrifícios enormes para ir ao templo. Viajam vários dias em ônibus desconfortáveis e barcos velhos. Economizam dinheiro e passam necessidade para que isso seja possível.

Essas pessoas precisam de templos pequenos, belos e úteis, próximo de onde moram.

Tendo isso em vista, aproveito esta oportunidade para anunciar a toda a Igreja o projeto de construirmos imediatamente cerca de 30 templos pequenos. (...) Terão todas as dependências necessárias para que sejam realizadas as ordenanças da casa do Senhor.

Esse será um projeto grandioso. Nada semelhante foi feito antes. (...) Teremos um total de 47 templos novos, além dos 51 que já se encontram em funcionamento. Acho melhor acrescentarmos mais dois para que tenhamos um número redondo de cem templos, no final deste século, quando se terão passado dois mil anos “depois da vinda de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo na carne” (D&C 20:1). Nesse programa, estaremos progredindo numa escala jamais vista anteriormente. (...)

Uma vez que as ordenanças do templo são parte essencial do evangelho restaurado, e eu testifico que são, devemos, então, prover os meios pelos quais elas possam ser realizadas. Todo o nosso imenso trabalho de história da família está voltado para o trabalho do templo. Não existe outro objetivo. As ordenanças do templo são as mais altas bênçãos que a Igreja tem para oferecer” (*A Liabona*, julho de 1998, pp. 98—99).

O centésimo templo anunciado (embora tenha sido o 77º dedicado) foi construído em Palmyra, Nova York, perto do Bosque Sagrado e da fazenda da família Smith, onde Joseph Smith recebeu a Primeira Visão. O Templo de Palmyra Nova York foi dedicado em 6 de abril de 2000, o 170º aniversário da organização da Igreja. Era também uma comemoração do 2000º aniversário do nascimento do Salvador. Cerca de 1.400 membros participaram das quatro sessões dedicatórias, e um número estimado de 1,3 milhão de membros acompanharam a dedicação via satélite nas sedes de estaca dos Estados Unidos e Canadá (ver Shaun D. Stahle, “A Day

of Sacred Significance”, *Church News*, 15 de abril de 2000, pp. 3, 6).

FOI CONSTRUÍDO O CENTRO DE CONFERÊNCIAS



Na conferência geral de abril de 1996, o Presidente Gordon B. Hinckley anunciou que a Igreja construiria um novo edifício de reuniões. O novo prédio seria muito maior do que o Tabernáculo, que tem assentos para 6.000 pessoas, e acomodaria melhor quem desejasse assistir à conferência geral. A cerimônia de abertura de terra para o prédio foi em 24 de julho de 1997, e a enorme estrutura foi concluída em três anos. O Centro de Conferências tem capacidade para mais de 21.000 pessoas e hoje é usado para muitos outros eventos da Igreja e da comunidade.

Na primeira conferência geral realizada no recém-terminado Centro de Conferências, em abril de 2000, o Presidente Hinckley disse:

“Somos gratos pelo entusiasmo dos santos dos últimos dias para com esta nova casa de reuniões. Espero que esse entusiasmo continue e que sempre tenhamos a casa cheia em todas as conferências futuras.

Este é o mais novo de muitos locais de reunião que nosso povo construiu. Assim que chegaram a este vale, construíram um caramanchão. Era o bastante para protegê-los do sol, mas não tinha aquecimento nem muito conforto. Então, construíram o velho Tabernáculo. Em seguida, veio o novo Tabernáculo, que nos serviu tão bem por mais de 130 anos.

Neste momento histórico, em que celebramos o início de um novo século e o começo de um novo milênio, construímos este novo e magnífico Centro de Conferências.

Cada um dos empreendimentos do passado foi uma aventura corajosa, especialmente o Tabernáculo. Tinha uma forma singular. Ninguém jamais construíra

um prédio como aquele antes. Ele ainda é singular. Que belo local foi e continuará sendo! Seguirá vivendo, pois acredito que os edifícios têm vida própria. Ainda servirá por muito tempo num futuro que não se pode prever.

A presente construção foi um empreendimento de coragem. Preocupamo-nos com ele. Oramos por ele. Buscamos os sussurros do Espírito a seu respeito. E somente quando sentimos que a voz do Senhor nos confirmava, decidimos seguir adiante” (*A Liabona*, julho de 2000, pp. 4—5).



Examinando o programa de auxílio humanitário da Igreja

REPRODUÇÃO PROIBIDA

A PORNOGRAFIA ESCRAVIZA

Entre as advertências do Presidente Gordon B. Hinckley sobre a pornografia, ele escreveu:

“A pornografia, que é o ponto de partida para atos imorais mais ofensivos, não é mais considerado algo secreto e vergonhoso. Num número demasiado grande de lares e na vida de inúmeras pessoas, ela é vista como uma forma legítima de divertimento. A pornografia priva suas vítimas de auto-respeito e da apreciação das belezas da vida. Destrói as pessoas que a ela se entregam e arrasta-as numa espiral de pensamentos vis e possivelmente atos vis. Seduz, corrói e distorce a verdade sobre o amor e a intimidade. É mais mortal do que uma doença contagiosa. A pornografia gera tanta dependência e é tão autodestrutiva quanto as drogas ilícitas e literalmente destrói os relacionamentos pessoais daqueles que ela escraviza.

Nenhum de nós pode permitir-se participar desse lixo. Não podemos correr o risco de sofrer os danos que ele provoca ao mais precioso dos relacionamentos — o casamento — e a outras interações na família. Não podemos correr o risco de sofrer os efeitos que a pornografia exercerá em nosso espírito e alma. Vídeos obscenos, números de telefone 0900, a imundície que se encontra na Internet, revistas e filmes sensuais — tudo isso são armadilhas das quais devemos fugir como a

pior das pragas” (*Standing for Something: Ten Neglected Virtues That Will Heal Our Hearts and Homes* [2000], pp. 36–37).

ELE OROU PELOS JOVENS DA IGREJA



Conversando com jovens no Chile, 1969

Numa transmissão mundial via satélite, o Presidente Gordon B. Hinckley deu seis conselhos aos jovens da Igreja:

1. Sejam gratos.
2. Sejam inteligentes.
3. Sejam puros.
4. Sejam fiéis.
5. Sejam humildes.
6. Orem sempre.

Ao fim do discurso, o Presidente Hinckley proferiu a seguinte oração e bênção sobre os jovens da Igreja:



O Élder Hinckley visitando a China continental, maio de 1980

“Ó Deus, nosso Pai Eterno, como Teu servo, curvo-me perante Ti para orar em favor dos jovens espalhados por toda a Terra que estão reunidos hoje à noite em tantos locais. Suplico que os abençoes e favoreças. Rogo que os ouças quando erguerem a voz em oração a Ti. Por favor, guia-os serenamente pela mão no rumo que devem seguir.

Peço que os ajudes a trilhar os caminhos da verdade e retidão e que os protejas dos males do mundo. Abençoa-os para que sejam alegres nos momentos certos e sérios nos momentos certos, para que apreciem a vida e a desfrutem em sua plenitude. Abençoa-os para que se portem de maneira aceitável perante Ti, como Teus filhos queridos. Cada

um deles é filho Teu, com capacidade de realizar coisas grandiosas e nobres. Mantém-nos no caminho elevado que conduz à realização. Salva-os dos erros que poderão destruí-los. Caso eles tenham pecado, perdoa-lhes as ofensas e leva-os de volta às veredas da paz e do progresso. Por essas bênçãos eu oro humildemente, com gratidão por eles, e invoco sobre eles Tuas bênçãos com amor e carinho. Em nome Dele que leva o peso de nossos pecados, sim, o Senhor Jesus Cristo. Amém” (“Conselhos e Oração do Profeta para os Jovens”, *A Liabona*, abril de 2001, p. 41).

SALT LAKE CITY SEDIU AS OLIMPÍADAS DE INVERNO DE 2002



O Templo de Salt Lake, com o Edifício de Escritórios da Igreja (na extrema direita) decorado para as Olimpíadas com a imagem de um patinador no gelo

De 8 a 24 de fevereiro, Salt Lake City deu as boas-vindas ao mundo ao sediar as Olimpíadas de Inverno de 2002. Foi um evento aguardado com grande ansiedade, que exigiu um planejamento de mais de sete anos. Milhares de voluntários mostraram ao mundo a hospitalidade dos habitantes de Utah e muito contribuíram para tecer laços de amizade com as nações de todo o mundo. Foi “uma ocasião em que pessoas de todos os países foram a Salt Lake City, algumas com desconfiança e preconceito, e partiram com apreciação e respeito” (Sarah Jane Weaver, “Olympics Earn Friends and Respect for Church”, *Church News*, 2 de março de 2002, p. 3).

Posteriormente, o Presidente Gordon B. Hinckley disse: “Acho que nos alegraremos e nos beneficiaremos com [as Olimpíadas] não só no exterior, mas aqui mesmo, nos relacionamentos que criamos nesta ocasião ao sediarmos os jogos olímpicos’ (...)

As Olimpíadas, disse ele, fazem aflorar a excelência no esporte e nas pessoas em geral. ‘É maravilhoso quando alguém se torna o melhor do mundo inteiro nesse tipo específico de evento. Essa questão da

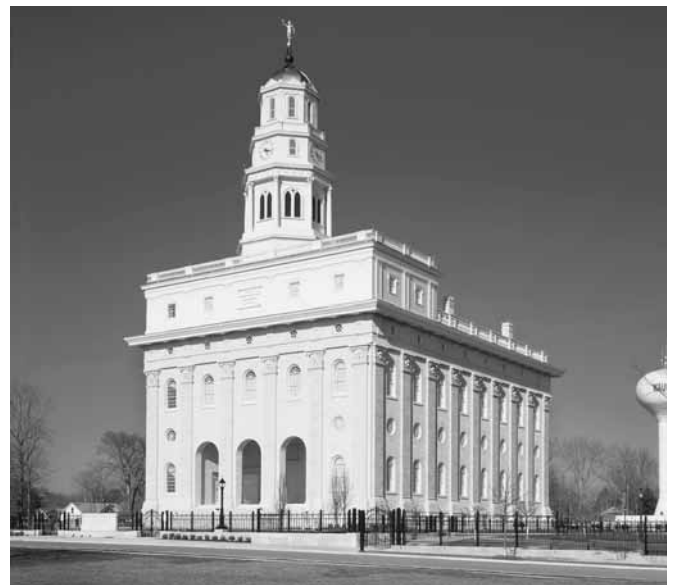
excelência é algo esplêndido. As Olimpíadas foram concebidas para cultivar esse ideal. Como foi grandioso! Com tudo isso, vocês contaram com a presença, a amizade, a estima, o respeito e os melhores sentimentos das pessoas. Não vejo como poderíamos ter-nos saído melhor.’

Um dos benefícios dos jogos olímpicos, disse ele, foi o desejo de dar às pessoas a oportunidade de conhecer os membros da Igreja e sentir sua hospitalidade e disposição para servir. ‘Fazemos parte desta comunidade. Um número enorme de voluntários serviu de modo abnegado aqui. Somos amistosos, hospitaleiros e gentis. Acho que o mundo inteiro nos viu como somos e que passaram a estimar-nos e respeitar-nos.’ (...)

Ao concluir, o Presidente Hinckley externou seu amor às pessoas de todo o mundo — muitas das quais visitaram Utah durante os jogos. ‘Amo as pessoas’, disse ele. ‘Acho que amo todas as pessoas. Reconheço que todos os homens e mulheres são filhos de Deus e que, por isso, somos todos irmãos num sentido muito real. Não há paternidade sem fraternidade. É assim que me sinto.’ (...)

‘Fico feliz ao ver tudo terminado, ao ver que tudo correu tão bem e anseio por novas oportunidades’, disse ele” (Weaver, *Church News*, 2 de março de 2002, p. 3).

O TEMPLO DE NAUVOO ILLINOIS FOI RECONSTRUÍDO



Ira Nathaniel Hinckley, o avô do Presidente Gordon B. Hinckley, morou em Nauvoo quando jovem, na época da construção do templo original, e fez parte do êxodo para o Oeste para escapar das perseguições e da destruição de Nauvoo. Em 1938, quase 100 anos depois do

povoamento inicial de Nauvoo pelos santos dos últimos dias, o filho de Ira Hinckley, Bryan S. Hinckley, o pai do Presidente Gordon B. Hinckley, que na época presidia a Missão dos Estados do Norte, escreveu na revista *Improvement Era* sobre sua visão da restauração de Nauvoo. Um ano antes, a Igreja começara a adquirir terrenos e edifícios onde os santos tinham vivido em Nauvoo. Ele sabia que chegara o momento certo de iniciar a restauração de Nauvoo. Ele declarou: “A realização deste projeto extraordinário terá um significado de longo alcance. Isso nos ajudará a compreender melhor uma das mais heróicas, dramáticas e fascinantes realizações pioneiras jamais feitas no solo americano. Revelará traços de fortaleza e auto-suficiência; de um empenho patriótico e corajoso que deve estimular a fé no coração de todos os homens, numa época em que mesmo os mais fortes hesitam e vacilam” (“The Nauvoo Memorial”, *Improvement Era*, agosto de 1938, p. 511).

No encerramento da conferência geral de abril de 1999, o Presidente Gordon B. Hinckley anunciou a reconstrução do Templo de Nauvoo.

“Em reuniões históricas e sagradas realizadas numa quinta-feira, no dia 27 de junho de 2002 — no 158º aniversário do martírio do Profeta Joseph Smith e seu irmão Hyrum — o Presidente Gordon B. Hinckley dedicou o Templo de Nauvoo Illinois, que fora reconstruído.

Após uma ausência de mais de um século e meio, uma casa do Senhor, com todas as ordenanças sagradas lá administradas, mais uma vez coroa uma colina em Nauvoo, Illinois, com vista para o rio Mississippi. O presente encontra o passado quando o tempo recém-construído, que reproduz tanto quanto possível o projeto e a estrutura do templo original, se torna o último templo numa era sem precedentes na construção de templos” (“A Temple, Again, in Nauvoo”, *Church News*, 29 de junho de 2002, p. 24).

O Presidente Hinckley decidiu realizar a primeira sessão dedicatória no 158º aniversário do martírio do Profeta Joseph Smith e seu irmão Hyrum na Cadeia de Carthage. “A primeira sessão começou às 18h no horário local. O Presidente Hinckley observou que seriam 17h na época de Joseph Smith. ‘Nesta hora, há 158 anos em Carthage, a turba assassina subiu as escadas, disparou suas pistolas e arreventou a porta da cadeia’, disse o Presidente Hinckley ao narrar os acontecimentos que culminaram no martírio. (...)

O Presidente Hinckley disse sentir a presença do Pai e do Filho ‘que Se revelaram ao Profeta Joseph, que deu sua vida por esta obra. Acho que ele deve estar regozijando-se’.

O Presidente Hinckley disse também que sentia a presença de seu avô (Ira N. Hinckley), que morara em Nauvoo quando jovem, e de seu pai, Bryant S. Hinckley,

que servira como presidente da Missão dos Estados do Norte, que incluía Nauvoo. Ele expressou a confiança de que muitos dos participantes também estavam sentindo a presença de seus antepassados. (...)

Ele comentou sobre o grande número de pessoas que estava assistindo às sessões dedicatórias em pessoa e em capelas designadas de todo o mundo. No templo, havia 1.631 membros; os procedimentos foram transmitidos via satélite a aproximadamente 2.300 localidades de 72 países. À congregação no templo, ele disse: “Tenho certeza de que há uma grande multidão invisível observando-nos, as pessoas que passaram para o outro lado do véu e vêm o edifício que dedicamos hoje como o cumprimento de suas esperanças, sonhos e, de certa forma, uma compensação por suas lágrimas e indescritíveis sacrifícios. Eles devem ter um profundo amor por nós que tornamos possível a edificação deste prédio magnífico que se ergue como memorial para eles” (Gerry Avant, “‘Crowning Objective of Joseph’s Life’”, *Church News*, 29 de junho de 2002, pp. 3–4).

Houve doze sessões dedicatórias adicionais entre 28 e 30 de junho. O Templo de Nauvoo Illinois foi o 113º templo em funcionamento.

“EU SEI (...)”



Amor pelas escrituras

O Presidente Gordon B. Hinckley prestou o seguinte testemunho:

“Aproveito esta oportunidade para deixar-lhes meu testemunho do evangelho e do Senhor Jesus Cristo e Deus, meu Pai Eterno. Sei que Eles vivem? Claro que sim, e acho que a maioria de vocês também. Espero que seja o

caso. Sei com certeza que Deus é meu Pai Eterno. (...) Não sei como Ele ouve todas as nossas orações, realmente não sei. Só sei que Ele o faz, pois minhas preces são respondidas. E o mesmo acontece com vocês. Ao pensarem nisso, acho que vocês diriam que suas orações também são atendidas. Ele é meu Pai Eterno e sei também que dia virá em que terei de prestar contas a Ele de minha vida e do que fiz com ela, da forma como a usei, do que realizei, do bem que pratiquei neste mundo. Os livros serão abertos, os registros serão claros e seremos julgados segundo o registro de nossa vida. Sei disso. Sei que Ele é misericordioso. Sei que Ele é bondoso. Sei que ama Seus filhos e filhas. Sei que deseja que todos nós sejamos felizes. Sei que deseja

que façamos algo de bom com nossa vida. Tenho certeza disso, tenho confiança nisso, sei disso.

Sei que Seu Filho Unigênito na carne, Seu Filho Amado, é meu Redentor, meu Salvador e meu Senhor Jesus Cristo, o Filho de Deus, outrora o grande Jeová, que veio à Terra, nasceu numa manjedoura num estado vassalo no meio de um povo onde havia tanto ódio e maldade. Ele foi o grande Príncipe da Paz que ensinou o amor, a bondade e a longanimidade, que fez o bem por onde andou, curando os enfermos, levantando os mortos, devolvendo a visão aos cegos. Ele foi meu Salvador que suou sangue por todos os poros por todos nós e em seguida ressurgiu no terceiro dia para tornar-se as primícias dos que dormiam. Ele é meu Salvador e meu Redentor.



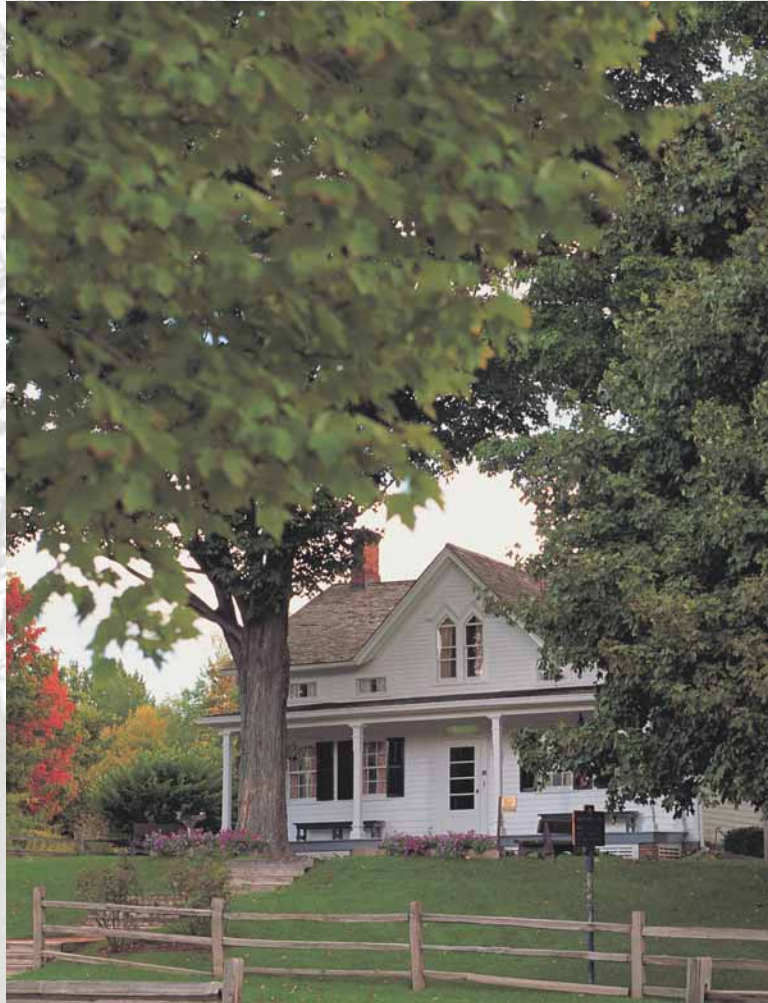
O Presidente Gordon B. Hinckley

Deus o Pai e o Senhor ressurreto apareceram ao menino Joseph Smith no bosque da fazenda de seu pai e lá lhe ordenaram que não se filiasse a nenhuma das igrejas existentes e fosse paciente, pois o Senhor o usaria a Sua maneira para cumprir Seus desígnios. Em seguida, veio o Livro de Mórmon por meio de Morôni, um ser ressurreto. Depois, veio

o Sacerdócio Aarônico, pelas mãos de João Batista, e o Sacerdócio de Melquisedeque, pelas mãos de Pedro, Tiago e João. Outras chaves do sacerdócio foram restauradas pelas mãos de Moisés, Elias e Elias, o profeta. Essas coisas são verdadeiras; de fato o são. Que Deus nos abençoe para que sejamos fiéis ao grande conhecimento que devemos cultivar no coração, o espírito de testemunho, e para que moldemos nossa vida de acordo com ele a fim de alcançarmos na vida a grande felicidade que será a bênção de cada um de nós. Esta é minha humilde oração. Em nome de Jesus Cristo. Amém“ (*Teachings of Gordon B. Hinckley*, pp. 650–651).

Presidentes da Igreja

Quadro Cronológico



Casa de Joseph Smith Sênior, Manchester, Nova York

HISTÓRIA DA IGREJA

• Nasce Hyrum Smith (9 de fevereiro)

Joseph Smith (23 de dezembro de 1805 – 27 de junho de 1844)

Brigham Young (1º de junho de 1801 – 29 de agosto de 1877)

John Taylor (1º de novembro de 1808 – 25 de julho de 1887)

Wilford Woodruff (1º de março de 1807 – 2 de setembro de 1898)

• Nasce David Whitmer (7 de janeiro)

• Joseph Smith Sênior muda-se com a família para Sharon, Vermont

• Nasce Oliver Cowdery (3 de outubro)

• Joseph Smith sofre cirurgia na perna

HISTÓRIA DOS ESTADOS UNIDOS

• Thomas Jefferson, presidente 1801–1809

• James Madison, presidente 1809–1817

• O Segundo “Grande Despertar” (reavivamento religioso) (1800–1830)

• A capital dos Estados Unidos é transferida da Filadélfia, Pensilvânia, para Washington, D.C.

População dos Estados Unidos: 5.308.483

• Aquisição do território da Louisiana negociada com a França; o território dos Estados Unidos é duplicado

• A expedição dos exploradores Meriwether Lewis e William Clark, que foi à Costa do Pacífico e voltou, começou em St. Louis, Missouri (1804–1806)

• O Ohio torna-se o 17º estado

• Robert Fulton inventa o barco a vapor

• Lewis e Clark avistam as Montanhas Rochosas pela primeira vez

• Entra em vigor decreto do Congresso que proíbe o tráfico de escravos africanos

• *The Missouri Gazette* torna-se o primeiro jornal a oeste do Rio Mississippi

• A Louisiana torna-se o 18º estado

• Início da Guerra de 1812, contra o Reino Unido (1812–1815)

• Iniciam-se as obras da Estrada Cumberland, que ligaria Maryland à West Virginia

• Tropas britânicas incendiam Washington, D.C.

• Francis Scott Key escreve o hino nacional, “Star-Spangled Banner”

7.239.881

HISTÓRIA GERAL

• Eli Whitney (EUA) inventa os mosquetes com partes intercambiáveis

• William Herschel (Reino Unido) descobre os raios solares infravermelhos

População estimada do mundo: 813 milhões

• Começam as guerras napoleônicas; duram 12 anos

• Napoleão Bonaparte é coroado imperador em Paris, França

• Richard Trevithick (Reino Unido) constrói a primeira locomotiva a vapor

• Napoleão autoproclama-se rei da Itália

• Terremoto em Nápoles, Itália, mata quase 26 mil pessoas

• O parlamento britânico aprova lei que proíbe o tráfico de escravos

• Ludwig van Beethoven (Alemanha) iniciou sua 5ª e 6ª sinfonias

• A Argentina, a Colômbia e o Chile declaram independência da Espanha; os mexicanos começam a lutar pela sua independência da Espanha

• François Appert (França) desenvolve método para enlatar alimentos

• Napoleão Bonaparte inicia sua invasão da Rússia

• Jacob e Wilhelm Grimm (Alemanha) publicam seus primeiros contos de fada

• Após várias derrotas, Napoleão é exilado na ilha de Elba

Joseph Smith
 Brigham Young
 John Taylor
 Wilford Woodruff
 Lorenzo Snow (3 de abril de 1814 – 10 de outubro de 1901)

- Joseph Smith tem a Primeira Visão (primavera)
- O anjo Morôni visita Joseph Smith três vezes numa noite e duas vezes no dia seguinte (21–22 de setembro)
- Joseph Smith visita o Monte Cumora pela primeira vez e vê as placas de ouro
- Morre Alvin Smith (19 de novembro)
- Joseph Smith faz uma segunda visita ao Monte Cumora para receber instruções
- Joseph Smith faz uma terceira visita ao Monte Cumora para receber instruções
- Joseph Smith faz uma quarta visita ao Monte Cumora para receber instruções
- Casamento de Joseph Smith e Emma Hale (18 de janeiro)
- Joseph Smith recebe as placas de ouro (22 de setembro; ver Isaías 29:11–12)
- Martin Harris visita Charles Anthon em Nova York (fevereiro)
- Martin Harris perde 116 páginas manuscritas do Livro de Mórmon (junho)
- Joseph Smith volta a receber o dom de traduzir o Livro de Mórmon (setembro)
- Fim da tradução do Livro de Mórmon; as placas de ouro foram mostradas a Três Testemunhas e às Oito Testemunhas
- A família Smith muda-se para Palmyra, Nova York, devido a três colheitas consecutivas mal-sucedidas em Vermont
- A família Smith muda-se para Manchester, Nova York
- Restauração do Sacerdócio Aarônico (15 de maio); restauração do Sacerdócio de Melquisedeque cerca de duas semanas depois, provavelmente no fim de maio; Joseph Smith é ordenado apóstolo por Pedro, Tiago e João (ver D&C 20:2; 27:12; 128:20)

- Concedida a primeira licença para ferrovia nos EUA
- Ano sem verão; as colheitas são prejudicadas na Nova Inglaterra devido à erupção vulcânica na Indonésia no ano anterior
- Indiana torna-se o 19º estado
- James Monroe, presidente 1817–1825
- O Mississippi torna-se o 20º estado
- A Espanha cede o leste da Flórida aos Estados Unidos
- O Alabama torna-se o 22º estado
- O Missouri torna-se o 24º estado
- O Maine torna-se o 23º estado
- É anunciada a Doutrina Monroe, advertindo os países europeus contra a interferência no hemisfério ocidental
- Jim Bridger descobre o Grande Lago Salgado
- Fim das obras do Canal Erie, de 584 quilômetros, que liga Albany a Buffalo, Nova York
- John Quincy Adams, presidente 1825–1829
- Jedediah Smith, pioneiro e caçador, foi o primeiro homem branco a viajar por via terrestre do Rio Mississippi à Califórnia; leva o primeiro grupo do Grande Lago Salgado até o sul da Califórnia para avaliar o potencial de caça (até 1827)
- Noah Webster publica seu primeiro dicionário
- Andrew Jackson, presidente 1829–1837
- Primeira locomotiva a vapor nos Estados Unidos; primeira linha ferroviária para passageiros

9.638.453

- O Monte Tambora entra em erupção na Indonésia, matando cerca de 10.000 pessoas; isso contribui indiretamente para a morte de mais de 80.000 pessoas no mundo todo e provoca alterações climáticas significativas
- A Argentina declara independência da Espanha
- O Congresso de Viena (1814–1815) gera realinhamentos políticos e geográficos na Europa
- Napoleão sai de Elba para reconquistar a França; é derrotado em Waterloo
- O Chile ganha a independência da Espanha
- Franz X. Gruber (Áustria) compõe a melodia de “Noite Feliz”
- Napoleão morre na ilha de Santa Helena
- Terremoto na Síria mata 20.000 pessoas
- Morre o rei George III do Reino Unido; seu filho George IV torna-se o rei
- O México torna-se uma república
- Começa a operar a primeira ferrovia com locomotivas a vapor
- John Walker (Reino Unido) cria os palitos de fósforo com enxofre
- Simón Bolívar termina sua campanha pela independência da Bolívia, Panamá, Colômbia, Equador, Peru e Venezuela

Brigham Young (Presidente da Igreja, 27 de dezembro de 1847)																								
John Taylor																								
Wilford Woodruff																								
Lorenzo Snow (ordenado apóstolo em 12 de fevereiro de 1849)																								
Joseph F. Smith													Heber J. Grant (22 de novembro de 1856 - 14 de maio de 1945)											
<ul style="list-style-type: none"> Os líderes da Igreja anunciam planos para fixarem-se no Oeste (outubro) Os santos começam a sair de Nauvoo (fevereiro) É dedicado o Templo de Nauvoo (1º de maio) A Companhia de Pioneiros de Brigham Young chega ao Vale do Lago Salgado (22-24 de julho) O Batalhão Mórmon inicia sua marcha de 3.200 quilômetros, saindo de Kanesville, Iowa (21 de julho) Os integrantes do Batalhão Mórmon são dispensados em Los Angeles, Califórnia (16 de julho) 													<ul style="list-style-type: none"> Brigham Young torna-se o segundo presidente da Igreja, com Heber C. Kimball e Willard Richards como conselheiros (27 de dezembro) Milagre das gaivotas, que salvaram as plantações 			<ul style="list-style-type: none"> Utah torna-se um território dos Estados Unidos; Brigham Young é nomeado seu primeiro governador (setembro) Pérola de Grande Valor é publicado em Liverpool, Inglaterra É estabelecido o Fundo Perpétuo de Emigração (outubro) É organizada a Escola Dominical (9 de dezembro) 			<ul style="list-style-type: none"> Primeiro anúncio público da doutrina do casamento plural (28-29 de agosto) São fixadas as quatro pedras fundamentais do Templo de Salt Lake (6 de abril) 			<ul style="list-style-type: none"> O dia de jejum acontece na primeira quinta-feira de cada mês Brigham Young e os santos tomam conhecimento da Expedição de Utah (24 de julho); Guerra de Utah (até 1858) O Exército de Johnston passa por Salt Lake City (26 de junho) Começam as companhias de pioneiros de carrinhos de mão (junho); são resgatadas as companhias Willie e Martin (outubro-novembro) 		

51.839

James K. Polk, presidente 1845-1849													Zachary Taylor, presidente 1849-1850 (morre de cólera durante o mandato)			Franklin Pierce, presidente 1853-1857			James Buchanan, presidente 1857-1861								
<ul style="list-style-type: none"> O Iowa torna-se o 29º estado A Flórida e o Texas tornam-se o 27º e 28º estados O Reino Unido cede o Território do Oregon aos Estados Unidos John Deere constrói um arado de aço 													<ul style="list-style-type: none"> O Wisconsin torna-se o 30º estado Descoberta de ouro em Sutter's Mill, Califórnia O Tratado de Guadalupe Hidalgo põe fim à Guerra do México; os Estados Unidos conquistam a maior parte do território que hoje forma os estados do Sudoeste 			<ul style="list-style-type: none"> Millard Fillmore, presidente 1850-1853 A Califórnia torna-se o 31º estado Nathaniel Hawthorne publica <i>A Letra Escarlate</i> 			<ul style="list-style-type: none"> Harriet Beecher Stowe publica <i>A Cabana do Pai Tomás</i> Herman Melville publica <i>Moby Dick</i> 			<ul style="list-style-type: none"> O primeiro jardim de infância dos Estados Unidos começa suas atividades em Waterton, Wisconsin Walt Whitman publica <i>Leaves of Grass</i> Henry David Thoreau publica <i>Walden, or Life in the Woods</i> 			<ul style="list-style-type: none"> O Minnesota torna-se o 32º estado O Oregon torna-se o 33º estado Descobre-se ouro em Cherry Creek, atualmente no Colorado (perto de Denver) Primeira grande descoberta de prata nos Estados Unidos, em Comstock Lode, no atual Nevada 		

23.191.876

<ul style="list-style-type: none"> Elias Howe (EUA) patenteia a primeira máquina de costura com pesponto Colheitas perdidas de batatas provocam fome na Irlanda 													<ul style="list-style-type: none"> O <i>Manifesto Comunista</i> é publicado por Karl Marx e Friedrich Engles 			<ul style="list-style-type: none"> Isaac Singer (EUA) patenteia a primeira máquina de costura com ponto contínuo R. W. Bunsen (Alemanha) cria o maçarico a gás 			<ul style="list-style-type: none"> Início da Guerra da Criméia (até 1856) Durante a Guerra da Criméia, Florence Nightingale (Reino Unido), redefine o papel das enfermeiras 			<ul style="list-style-type: none"> O Comandante Matthew Perry (EUA) navega até o Japão (isolado do restante do mundo por 150 anos) para negociar acordos comerciais 			<ul style="list-style-type: none"> Conclusão do primeiro cabo telegráfico transatlântico entre os Estados Unidos e a Grã-Bretanha Charles Darwin publica <i>A Origem das Espécies pela Seleção Natural</i> 		
---	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	---	--	--	--	--	--	---	--	--	--	--	--	--	--	--

População mundial estimada: 1,128 bilhão

HISTÓRIA DA IGREJA

- Brigham Young
- John Taylor
- Wilford Woodruff
- Lorenzo Snow
- Joseph F. Smith (ordenado apóstolo em 1º de julho de 1866)
- Heber J. Grant

- George Albert Smith (4 de abril de 1870 – 4 de abril de 1951)
- Fim da era das companhias de carinhos de mão (a última chega a Salt Lake em agosto)
- A Igreja começa a usar caravanas de carroções que saem do Vale do Lago Salgado na primavera com carregamentos para a imigração anual e voltam no outono com imigrantes; sistema usado até 1868 (a ferrovia chega em 1869)
- Brigham Young é preso sob acusação de bigamia (10 de março); nunca é levado a julgamento
- Inaugurado o Teatro de Salt Lake (6 de março)
- O Congresso dos Estados Unidos aprova a Lei Morrill, que proíbe o casamento plural nos territórios norte-americanos (8 de julho)
- Primeira conferência geral realizada no Tabernáculo de Salt Lake (6 de outubro)
- Chegada da última "caravana da Igreja" ao Vale do Lago Salgado
- Dedicção do terreno de St. George (novembro)
- É lançado o movimento da Ordem Unida (fevereiro); mais de 200 ordens unidas estabelecidas nos povoados santos dos últimos dias antes do fim do ano
- Início da Guerra do Falcão Negro (entre os colonizadores e os índios) no centro de Utah. (9 de abril; fim em 1867)
- Os colonizadores em muitas partes de Utah entram em conflito armado com os índios
- Início das atividades da loja de departamentos da Igreja Zion's Cooperative Mercantile Institution (ZCMI) (primavera)
- O Presidente Brigham Young organizou a Associação de Moderação das Moças (28 de novembro; posteriormente renomeada Associação de Melhoramentos Mútuos das Moças)
- O Presidente Young chamou seis conselheiros adicionais para a Primeira Presidência
- Utah torna-se um dos primeiros estados ou territórios dos Estados Unidos a conceder o direito de voto às mulheres (12 de fevereiro)

Número de membros da Igreja: 61.082

90.130

HISTÓRIA DOS ESTADOS UNIDOS

- Abraham Lincoln, presidente 1861–1865
- Andrew Johnson, presidente 1865–1869
- Ulysses S. Grant, presidente 1869–1877
- O Pony Express começa suas atividades postais na Costa Oeste
- O Kansas torna-se o 34º estado
- Linhas telegráficas transcontinentais concluídas numa junção de Salt Lake City
- O Presidente Lincoln assina a Proclamação de Emancipação
- O Presidente Lincoln é assassinado
- O Nebraska torna-se o 37º estado
- Os Estados Unidos compram da Rússia o Alasca
- O primeiro ferrovia transcontinental dos Estados Unidos é concluída em Promontory, Utah
- Incêndio em Chicago, Illinois, mata 300 pessoas, deixa 90.000 desabrigadas e destrói 18.000 prédios. Os prejuízos à propriedade elevam-se a 200 milhões de dólares
- Criado o método de cozimento sob pressão para alimentos enlatados
- É ratificada a Décima Terceira Emenda, que aboliu a escravatura
- É criada o Parque Nacional de Yellowstone
- Louisa May Alcott publica *Little Women*
- P. T. Barnum abre seu circo, "O Maior Espetáculo da Terra"
- Nevada torna-se o 36º estado

População dos Estados Unidos: 31.443.321

38.558.371

HISTÓRIA GERAL

- Jean Etienne Lenoir (França) faz demonstração do primeiro motor prático de combustão interna
- Todos os estrangeiros são expulsos do Japão
- Victor Hugo (França) publica *Os Miseráveis*
- É fundado o Comitê Internacional da Cruz Vermelha
- Louis Pasteur (França) desenvolve a pasteurização
- Alfred Nobel (Suécia) inventa a dinamite
- Gustave Doré (França) cria suas ilustrações para a Bíblia
- Fyodor Dostoyévski (Rússia) publica *Crime e Castigo*
- Johannes Brahms (Alemanha) compõe *Ein Deutsches Requiem*
- É aberto o Canal de Suez, que liga o Mar Mediterrâneo ao Mar Vermelho
- O Reino Unido concede soberania a quatro províncias canadenses
- Guerra Franco-Prussiana (até 1871)
- Desenvolve-se a fotografia colorida
- Júlio Verne (França) publica *Volta ao Mundo em 80 Dias*

Brigham Young															
John Taylor (Presidente da Igreja, 10 de outubro de 1880)															
Wilford Woodruff															
Lorenzo Snow															
Joseph F. Smith															
Heber J. Grant (ordenado apóstolo em 16 de outubro de 1882)															
George Albert Smith															
David O. McKay (8 de setembro de 1873 – 18 de janeiro de 1970)															

Joseph Fielding Smith (19 de julho de 1876 – 2 de julho de 1972)															
<ul style="list-style-type: none"> Organizada a primeira Associação de Melhoramentos Mútuos dos Rapazes (10 de junho) Dedicado o Tabernáculo de Salt Lake (outubro); o Presidente John Taylor, presidente do Quórum dos Doze, lê a oração dedicatória É fundada em Provo, Utah, a Academia Brigham Young (16 de outubro); torna-se a Universidade Brigham Young em 1903 Inicia-se a obra missionária no México 	<ul style="list-style-type: none"> Dedicado o Templo de St. George (6 de abril); primeiro templo desde da chegada da Igreja ao Oeste Morre o Presidente Brigham Young (29 de agosto) É fundada a Primária; a primeira reunião é realizada em Farmington, Utah (25 de agosto) 	<ul style="list-style-type: none"> Comemoração do ano do jubileu (6 de abril), prática remanescente do Velho Testamento (ver Levítico 25) John Taylor torna-se o terceiro Presidente da Igreja, com George Q. Cannon e Joseph F. Smith como conselheiros (10 de outubro) Pérola de Grande Valor é aceito como obra-padrão da Igreja (10 de outubro) 	<ul style="list-style-type: none"> Dedicado o Assembly Hall na Praça do Templo (8 de janeiro) John Taylor torna-se o terceiro Presidente da Igreja, com George Q. Cannon e Joseph F. Smith como conselheiros (10 de outubro) 	<ul style="list-style-type: none"> Organizado o primeiro ramo permanente da Igreja entre os maoris na Nova Zelândia (26 de agosto) Ampla perseguição aos membros da Igreja que praticam a poligamia continua com o respaldo da Lei Edmunds; o Presidente John Taylor e outros líderes da Igreja precipitam esconder-se São estabelecidas colônias da Igreja no México Centenas de membros da Igreja são presos por praticarem a poligamia É dedicado o Templo de Logan (17 de maio); é o segundo templo desde a chegada da Igreja ao Oeste 	<ul style="list-style-type: none"> A Igreja perde direitos legais e suas propriedades são confiscadas devido às perseguições decorrentes da Lei Edmunds-Tucker O Presidente John Taylor morre no "exílio" (25 de julho) É dedicado o Templo de Manti (17, 21 de maio); é o terceiro templo desde a chegada da Igreja ao Oeste Iniciam-se as colônias da Igreja no Canadá Inicia-se a obra missionária em Samoa 	<ul style="list-style-type: none"> Wilford Woodruff torna-se o quarto Presidente da Igreja, com George Q. Cannon e Joseph F. Smith como conselheiros (7 de abril) 									
133.628															

<ul style="list-style-type: none"> Rutherford B. Hayes, presidente 1877–1881 Batalha de Little Bighorn O Colorado torna-se o 38º estado Mark Twain publica <i>As Aventuras de Tom Sawyer</i> Thomas Edison inventa o fonógrafo 	<ul style="list-style-type: none"> Thomas Edison inventa a lâmpada elétrica incandescente Mais de 14.000 pessoas morrem numa epidemia de febre amarela no Sul 	<ul style="list-style-type: none"> James A. Garfield, presidente 1881 Chester A. Arthur, presidente 1881–1885 Clara Barton organiza a Cruz Vermelha Americana É assinada a Lei Edmunds, contrária à poligamia O Presidente James Garfield é atingido por um tiro em 2 de julho e morre em 19 de setembro 	<ul style="list-style-type: none"> Grover Cleveland, presidente 1885–1889 É concluído em Chicago o primeiro "arranha-céus" de estrutura de aço do mundo (de 10 andares) George Eastman produz papel fotográfico revestido 	<ul style="list-style-type: none"> Entra em vigor a Lei Edmunds-Tucker, contrária à poligamia É inaugurada a Estátua da Liberdade, um presente da França Hannibal Goodwin inventa o filme de celulóide George Eastman inventa a câmera fotográfica Kodak 	<ul style="list-style-type: none"> Benjamin Harrison, presidente 1889–1893 A Dakota do Norte, a Dakota do Sul, Montana e Washington tornam-se os 39º–42º estados Dique vaza perto de Johnston, Pensilvânia, matando 5.000 pessoas 										
50.189.209															

<ul style="list-style-type: none"> O Conde Leão Tolstói (Rússia) publica <i>Ana Karenina</i> A Coréia torna-se uma nação independente 	<ul style="list-style-type: none"> Alexander Graham Bell (EUA) patenteia o telefone 	<ul style="list-style-type: none"> Robert Louis Stevenson (Escócia) publica <i>A Ilha do Tesouro</i> A erupção do Krakatoa, vulcão na Indonésia, mata quase 36.000 pessoas nas ilhas circunvizinhas 	<ul style="list-style-type: none"> Karl Benz (Alemanha) constrói o primeiro automóvel prático com motor de combustão interna 	<ul style="list-style-type: none"> Nikola Tesla (EUA) constrói o primeiro motor elétrico de corrente alternada É inaugurada a Torre Eiffel durante a Exposição Universal de Paris 											
---	--	---	---	---	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

Joseph F. Smith

Heber J. Grant

George Albert Smith (ordenado apóstolo em 8 de outubro de 1903)

David O. McKay (ordenado apóstolo em 9 de abril de 1906)

Joseph Fielding Smith (ordenado apóstolo em 7 de abril de 1910)

Harold B. Lee

Spencer W. Kimball

Ezra Taft Benson

Howard W. Hunter (14 de novembro de 1907 — 3 de março de 1995)

Gordon B. Hinckley (23 de junho de 1910)

- O Hospital SUD Dr. William H. Groves, primeiro no sistema hospitalar da Igreja, é aberto em Salt Lake City (1º de janeiro); a Igreja repassa seus hospitais para a iniciativa privada em 1975
- São sistematizados os programas do sacerdócio e outras organizações (8 de abril)
- O escotismo é adotado oficialmente como atividade para os meninos da Igreja (21 de maio)
- A Academia Ricks, em Rexburg, Idaho, torna-se a Faculdade Ricks (outono)
- O Presidente Smith recebe uma visão da redenção dos mortos (3 de outubro; ver D&C 138)
- Dedicado o Monumento das Gaivotas na Praça do Templo (1º de outubro)
- A Primeira Presidência e o Quórum dos Doze Apóstolos divulgam a Exposição Doutrinária sobre o Pai e o Filho (30 de junho)
- Morre o Presidente Joseph F. Smith (19 de novembro); Heber J. Grant torna-se o 7º Presidente da Igreja, com Anthon H. Lund e Charles W. Penrose como conselheiros
- É dedicado o Monumento da Escola Secundária Granite, em Salt Lake City, o primeiro seminário (setembro)
- É organizado na escola secundária Granite, em Salt Lake City, o primeiro seminário (setembro)
- A revista *Relief Society Magazine*, da Sociedade de Socorro, começa a ser publicada mensalmente (janeiro)
- Publico o livro *Jesus o Cristo*, do Élder James E. Talmage (setembro)
- A conferência geral de abril é adiada para 1-3 de junho devido a uma epidemia nacional de gripe espanhola
- Dedicado o Templo de Laie Havaí, o primeiro fora da parte continental dos Estados Unidos (27 de novembro)
- O Presidente Smith anuncia que a Igreja saldou todas as suas dívidas (10 de janeiro)
- O Presidente Joseph F. Smith torna-se o primeiro Presidente da Igreja a visitar a Europa (verão)
- A Igreja compra a fazenda dos Smith perto de Palmyra, Nova York, incluindo o Bosque Sagrado
- Em resposta aos debates sobre o darwinismo e a evolução, a Primeira Presidência divulga uma declaração oficial sobre a origem do homem (novembro)
- É criado o Comitê de Correlação (8 de novembro)
- A Primeira Presidência cria o programa da "Noite Familiar" (27 de abril)
- É concluído em Salt Lake City o Edifício Administrativo da Igreja (2 de outubro)

398.478

- O terremoto de San Francisco mata 700 pessoas; 400 milhões de dólares em perdas de propriedade
- Oklahoma torna-se o 46º estado
- Henry Ford cria o automóvel Model T
- William Howard Taft, presidente 1909-1913
- William D. Boyce organiza os Escoteiros da América
- W. E. B. DuBois funda a Associação Nacional para o Avanço das Pessoas de Cor (NAACP)
- O Novo México e o Arizona tornam-se o 47º e 48º estados
- Woodrow Wilson, presidente 1913-1921
- É criado o imposto de renda federal com a ratificação da Emenda 16
- Primeiro telefonema transcontinental, entre Nova York e San Francisco
- Robert H. Goddard inicia seus experimentos com foguetes
- Os Estados Unidos entram na I Guerra Mundial
- É decretado o plano de horário de verão para a economia de combustível
- Ratificada a Emenda 18, que proíbe a fabricação, venda, importação e exportação de bebidas alcoólicas (suspensa em 1933)
- É criado o Parque Nacional do Grand Canyon

92.228.496

- Mohandas Ghandi inicia seu movimento de resistência não violenta na África do Sul
- Tufão no Taiti mata mais de 10.000 pessoas
- Sir Robert Baden-Powell (Reino Unido) inicia o escotismo
- Robert E. Peary (EUA) torna-se a primeira pessoa a chegar ao Pólo Norte
- Morre o rei Edward VII da Inglaterra; é sucedido por George V
- Sigmund Freud (Áustria) apresenta suas teorias sobre a psicanálise
- Roald Amundsen (Noruega) torna-se a primeira pessoa a chegar ao Pólo Sul
- O navio SS *Titanic* afunda após colisão com um iceberg; morrem 1.513 passageiros e tripulantes
- É aberto o Canal do Panamá
- É assassinado o arquiduque Francisco Ferdinando, do Império Austro-Húngaro — estopim para a I Guerra Mundial
- Albert Einstein (Alemanha) publica sua Teoria Geral da Relatividade
- A Batalha de Verdun, na França, resulta na morte de mais de um milhão de soldados
- A Declaração de Balfour proclama a Palestina como terra de coligação dos judeus
- Epidemia de gripe espanhola (mata 20 milhões de pessoas até 1920)
- O Tratado de Versalhes põe fim oficialmente à I Guerra Mundial
- O czar Nicolau II e sua família são executados; Revolução Russa (até 1921)

Estimativa da população mundial: 1,75 bilhão

HISTÓRIA DA IGREJA

- Heber J. Grant (Presidente da Igreja, 23 de novembro de 1918)
- George Albert Smith
- David O. McKay
- Joseph Fielding Smith
- Harold B. Lee
- Spencer W. Kimball
- Ezra Taft Benson
- Howard W. Hunter
- Gordon B. Hinckley

- O Élder David O McKay e Hugh J. Cannon partem num *tour* mundial de 90.000 quilômetros para visitar as missões da Igreja (4 de dezembro; retorno em 24 de dezembro de 1921)
 - A Igreja compra parte do Monte Cumora
 - Primeira transmissão radiofônica da conferência geral (3 de outubro)
 - É aberto em Salt Lake City o Hospital das Crianças da Primária (maio)
 - É estabelecida a primeira missão na América do Sul (6 de dezembro)
 - É dedicado no Canadá o Templo de Cardston Alberta (26 de agosto)
 - Inicia-se em Moscow, Idaho, o primeiro instituto de religião, na Universidade de Idaho (segundo semestre)
 - O Presidente Heber J. Grant inaugura a estação de rádio Deseret News e, pela primeira vez na história da Igreja, transmite uma mensagem pelas ondas do rádio (6 de maio)
 - É aberta a Casa da Missão em Salt Lake City; primeiro treinamento organizado para os missionários
 - A Igreja compra o restante do Monte Cumora
 - É organizada a 100ª estaca, em Lehi, Utah (1º de julho)
 - A Igreja comemora o centenário de sua organização (6 de abril)
 - O Coro do Tabernáculo inicia transmissões radiofônicas semanais (15 de julho)
 - É dedicado o Templo de Mesa Arizona (23 de outubro); os serviços dedicatórios são transmitidos pelo rádio
 - A Igreja inicia uma campanha contra o uso do tabaco (2 de abril)
 - É convocado um jejum especial durante a Grande Depressão em favor dos pobres. (15 de maio)
 - A Escola Dominical Júnior torna-se parte oficial da organização da Escola Dominical
- Número de membros da Igreja: 525.987
- 670.017

HISTÓRIA DOS ESTADOS UNIDOS

- Warren G. Harding, presidente 1921–1923
 - Calvin Coolidge, presidente 1923–1929
 - É ratificada a Emenda 19, estendendo o direito de voto às mulheres
 - Morre o Presidente Warren G. Harding
 - O Julgamento "Scopes-Monkey" condena John Scopes por ensinar a evolução na escola pública
 - Charles Lindberg termina um vôo transatlântico solitário de 33,5 horas de Nova York a Paris
 - Estréia *The Jazz Singer*, primeiro filme falado
 - Colapso da Bolsa de Valores de Nova York, o que dá início a uma grave depressão econômica (até 1941)
 - Philo Farnsworth desenvolve a televisão eletrônica
 - O Congresso confirma "Star-Spangled Banner" como hino nacional
 - É ratificada a Emenda 21, que põe fim à Lei Seca
 - Amelia Earhart torna-se a primeira mulher a fazer sozinha a travessia aérea do Atlântico
 - Franklin Delano Roosevelt, presidente 1933–1945
- População dos Estados Unidos: 106.021.537
- 123.202.624

HISTÓRIA GERAL

- Terremoto na China mata mais de 180.000 pessoas
 - É estabelecida a Liga das Nações
 - Mussolini estabelece uma ditadura fascista na Itália
 - É aberta no Egito a tumba do Rei Tutankamon
 - Adolph Hitler publica *Minha Luta*
 - Richard Byrd e Floyd Bennet (EUA) sobrevoam pela primeira vez num avião o Pólo Norte
 - Colapso do sistema econômico da Alemanha
 - Chiang Kai-shek derruba a dinastia Manchú; é eleito presidente da China
 - Josef Stálin inicia seu plano quinquenal na União Soviética
 - Alexander Fleming (Reino Unido) descobre a penicilina
 - Max Theiler (África do Sul) desenvolve a vacina contra a febre amarela
 - Mohandas "Mahatma" Ghandi inicia um "jejum até a morte" e incentiva boicote aos produtos britânicos como protesto contra o tratamento dispensado pelo governo britânico à casta mais baixa da Índia, os "intocáveis"; isso ajuda a provocar reformas
 - Hitler assume o título de *Führer* e o controle da Alemanha
 - Os nazistas constroem os primeiros campos de concentração na Alemanha; até 1945, de 8 a 10 milhões de prisioneiros são presos neles, e pelo menos a metade (em sua maioria, judeus) é morta
- Estimativa da população mundial: 2,07 bilhões

Heber J. Grant															
George Albert Smith															
David O. McKay															
Joseph Fielding Smith															
Harold B. Lee															
Spencer W. Kimball															
Ezra Taft Benson															
Howard W. Hunter															
Gordon B. Hinckley															

(Presidente da Igreja, 21 de maio de 1945)

(ordenado apóstolo em 10 de abril de 1941)

(ordenado apóstolo em 7 de outubro de 1943)

(ordenado apóstolo em 7 de outubro de 1943)

- É dedicado o Monumento do Monte Cumora (21 de julho)
- A Igreja lança formalmente seu programa de bem-estar, o Programa de Segurança da Igreja (abril); posteriormente chamado Programa de Bem-Estar da Igreja (1938)
- A Igreja compra uma parte do terreno do Templo de Nauvoo (20 de fevereiro)
- Os membros da Igreja recebem o conselho de fazer o armazenamento de alimentos para um ano (abril)
- Estréia do espetáculo ao ar livre no Monte Cumora, "America's Witness for Christ" (julho)
- É aberta em Salt Lake City a primeira loja das Deseret Industries (14 de agosto)
- A Igreja compra a Cadeia de Liberty, no Missouri (19 de junho)
- A Primeira Presidência retira todos os missionários da Europa (agosto—novembro)
- A Primeira Presidência retira todos os missionários do Pacífico Sul e da África do Sul
- A Sociedade Genealógica de Utah começa a microfilmar registros (novembro)
- A Primeira Presidência anuncia novas posições de Assistentes dos Doze (6 de abril)
- Os membros da Igreja são incentivados a restringir as viagens a fim de adequarem-se às restrições de guerra
- Batismo do cargueiro USS *Brigham Young* (17 de agosto)
- A Igreja anuncia a compra de Spring Hill no Missouri (Adão-ondi-Amã; março)
- Reuniões comemorativas do centenário do martírio do Profeta Joseph Smith e seu irmão Hyrum (junho)
- É lançado o navio USS *Joseph Smith*, uma embarcação de carga (22 de maio)
- Pela primeira vez desde 1942, todos os membros da Igreja são convidados a assistir à conferência geral (5-7 de outubro)
- A Igreja começa a enviar mantimentos para a Europa devastada pela guerra (janeiro)
- O número de membros da Igreja ultrapassa a marca de um milhão
- A Igreja comemora o centenário da chegada dos pioneiros ao Vale do Lago Salgado (24 de julho)
- O Coro do Tabernáculo faz seu milésimo programa de rádio transmitido nacionalmente (17 de outubro)
- Começa a transmissão televisiva da conferência geral (outubro)

862.664

• O atleta olímpico Jesse Owens ganha quatro medalhas de ouro nas Olimpíadas de Berlim	• O programa de rádio de Orson Welles <i>The War of the Worlds</i> provoca histeria entre os ouvintes	• Exibição da televisão na Feira de Nova York	• O compositor Irving Berlin lança "God Bless America"	• O dirigível alemão <i>Hindenburg</i> explode e incendeia-se ao aterrissar em Nova Jersey		• É concluído o Monumento Nacional do Monte Rushmore	• A Alemanha ataca navios norte-americanos; o Japão ataca Pearl Harbor; os Estados Unidos entram na II Guerra Mundial	• O Presidente Franklin D. Roosevelt autoriza o internamento de nipo-americanos	• Lançamento do musical <i>Oklahoma!</i> , de Rodgers e Hammerstein	• Epidemia de poliomielite mata quase 1.200 pessoas e deixa outras milhares deficientes	• Harry S. Truman, presidente 1945-1953	• Morre o Presidente Franklin D. Roosevelt	• Os Estados Unidos lançam duas bombas atômicas no Japão	• Com a "Declaração de Direitos dos Militares", mais de um milhão de veteranos de guerra matriculam-se na universidade	• O ensino religioso nas escolas públicas é considerado inconstitucional	• O avião X-1, propulsado por foguetes, faz o primeiro voo supersônico	• É criada a Comissão de Energia Atômica	• É inventado o transistor nos Bell Telephone Laboratories
--	---	---	--	--	--	--	---	---	---	---	---	--	--	--	--	--	--	--

132.164.569

• Robert Watson-Watt (Escócia) constrói equipamento de radar para detectar aeronaves	• Início da Guerra Civil Espanhola (fim em 1939)	• O rei George V da Inglaterra morre e é sucedido por seu filho Edward VIII; Edward VIII abdica em seguida e é sucedido por seu irmão George VI	• Frank Whittle (Reino Unido) constrói o primeiro motor a jato	• Lajos Biró (Hungria) inventa a caneta esferográfica	• A Alemanha invade a Polônia; começa a II Guerra Mundial (termina em 1945)	• Começam os ataques alemães em Londres; quase a terça parte da cidade está destruída ao fim da guerra	• C. S. Lewis (Reino Unido) publica <i>The Screwtape Letters</i>	• Selman Waksman (EUA) descobre a estreptomicina	• Fome na Índia mata pelo menos 1,5 milhão de pessoas	• Os Aliados lançam a invasão do "Dia-D" na Europa	• Fim da II Guerra Mundial	• A Organização das Nações Unidas realiza sua primeira sessão	• Início da Guerra Fria (até 1990); o primeiro ministro britânico Winston Churchill inventa o termo "Cortina de Ferro"	• É organizado o Conselho Mundial de Igrejas	• Israel declara-se um estado independente	• São criadas a República Democrática Alemã e a República Federal da Alemanha, dividindo a Alemanha em Alemanha Oriental e Ocidental	• Estabelecimento da República Independente da Irlanda	• Para provar as imigrações pré-históricas, Thor Hyerdahl (Noruega) faz uma expedição de balsa do Peru à Polinésia
--	--	---	--	---	---	--	--	--	---	--	----------------------------	---	--	--	--	--	--	--

Estimativa da população mundial: 2,3 bilhões

HISTÓRIA DA IGREJA

Spencer W. Kimball																		
Ezra Taft Benson (Presidente da Igreja, 10 de novembro de 1985)																		
Howard W. Hunter																		
Gordon B. Hinckley																		
<ul style="list-style-type: none"> A Igreja comemora seu sesqui-centenário (6 de abril) Inicia-se nos Estados Unidos e Canadá o programa consolidado de reuniões dominicais de 3 horas (2 de março) 	<ul style="list-style-type: none"> O número de membros da Igreja chega a 5 milhões (anúncio feito em 1º de abril) O tempo de serviço para os élderes solteiros em missão de tempo integral é reduzido para 18 meses (2 de abril); posteriormente, volta para 24 meses (26 de novembro de 1984) É publicada em inglês uma nova versão da combinação tríplice das escrituras (setembro) O Élder Gordon B. Hinckley é chamado como terceiro conselheiro na Primeira Presidência (23 de julho) É proclamada a missão tríplice da Igreja (4 de abril) 	<ul style="list-style-type: none"> É dedicado o Templo de Freiberg Alemanha, na então República Democrática Alemã, comunista (29 de junho) É dedicado o Museu de História e Arte da Igreja em Salt Lake City (4 de abril) São designadas presidências de área (24 de junho) É realizada em Londres, Inglaterra, a primeira conferência regional (16 de outubro) É organizada a 1.500ª estaca da Igreja, a Estaca Ciudad Obregon México Yaqui, 150 anos depois da organização da primeira estaca em Kirtland, Ohio (28 de outubro) 	<ul style="list-style-type: none"> É dedicada em Salt Lake City a Biblioteca Genealógica da Igreja (23 de outubro) É publicado em inglês um hinário revisado da Igreja, o primeiro em 37 anos (2 de agosto) São dissolvidos os quóruns de setentas das estacas (4 de outubro) Morre o Presidente Spencer W. Kimball (5 de novembro); Ezra Taft Benson torna-se o 13º Presidente da Igreja, com Gordon B. Hinckley e Thomas S. Monson como conselheiros (10 de novembro) O Departamento Genealógico da Igreja é renomeado Departamento de História da Família (15 de agosto) 	<ul style="list-style-type: none"> Anúncio de que a Igreja recebera o direito de fazer a obra missionária na República Democrática Alemã (12 de novembro) Os membros da Igreja da Grã-Bretanha comemoram o 150º aniversário do início da obra missionária no Reino Unido (24-26 de julho) São organizada a primeira estaca da África Ocidental, a Estaca Aba Nigéria (15 de maio) É atingida a marca de 100 milhões de investidas vicárias (agosto) O Departamento Genealógico da Igreja é renomeado Departamento de História da Família (15 de agosto) 	<ul style="list-style-type: none"> A República da Rússia, a maior da União Soviética, reconhece formalmente a Igreja (24 de junho) Comemoração do centenário da chegada da Igreja a Tonga (13-27 de agosto) Comemoração do 150º aniversário de fundação da Sociedade de Socorro (14 de março) A Igreja lança o pacote de programas FamilySearch para simplificar a pesquisa de história da família (2 de abril) É publicada a <i>Encyclopedia of Mormonism</i> (Enciclopédia do Mormonismo) pela Macmillian Publishing Co. É criado o Ramo de Talin Estônia; o primeiro na União Soviética (28 de janeiro) Anunciado programa de alfabetização promovido pela Sociedade de Socorro (15 de dezembro) 	<ul style="list-style-type: none"> O Hotel Utah é reformado, remodelado e rededicado como o Joseph Smith Memorial Building (27 de junho) É anunciado o programa de computador TempleReady (8 de novembro) Morre o Presidente Ezra Taft Benson (30 de maio); Howard W. Hunter torna-se o 14º Presidente da Igreja, com Gordon B. Hinckley e Thomas S. Monson como conselheiros (5 de junho) 	Número de membros da Igreja: 4.639.822									7.761.207		

HISTÓRIA DOS ESTADOS UNIDOS

<ul style="list-style-type: none"> Erupção do Monte St. Helens, em Washington, que matou 57 pessoas As fotografias tiradas pelo satélite Voyager 1 revelam outras luas em volta de Saturno 	<ul style="list-style-type: none"> Ronald W. Reagan, presidente 1981-1989 É derrotada a Emenda de Direitos Iguais A IBM cria o primeiro computador doméstico ou pessoal (PC) Primeiro implante permanente de coração artificial 	<ul style="list-style-type: none"> Sally Ride torna-se a primeira mulher americana a ir ao espaço A empresa de computadores Appel lança o "mouse" 	<ul style="list-style-type: none"> O ônibus espacial Challenger explode 74 segundos depois da decolagem 	<ul style="list-style-type: none"> George H. W. Bush, presidente 1989-1993 A Suprema Corte anuncia que o dinheiro doado diretamente aos missionários não pode ser deduzido dos impostos O navio petroleiro Valdez atinge um recife de corais no Alaska, causando um dos maiores derramamentos de petróleo do mundo (41 milhões de litros) 	<ul style="list-style-type: none"> William Jefferson Clinton, presidente 1993-2001 As enchentes que afetam 9 estados no centro-oeste do país deixam 70.000 pessoas desabrigadas; os prejuízos elevam-se a 12 bilhões de dólares O Decreto de Restauração da Liberdade Religiosa torna-se lei Militantes lançam bombas no World Trade Center, Nova York, matando 6 pessoas 	População dos Estados Unidos: 226.542.199									248.718.301		
--	---	---	--	--	---	---	--	--	--	--	--	--	--	--	-------------	--	--

HISTÓRIA DO MUNDO

<ul style="list-style-type: none"> Cosmonautas soviéticos voltam para a Terra após 185 dias numa estação espacial É identificada a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS) A manifestação mais severa do fenômeno El Niño provoca anomalias climáticas mundiais (1982-1983) 	<ul style="list-style-type: none"> Lançado o compact disk (CD) para uso público Vazamento de gás tóxico em Bhopal, Índia, mata mais de 2.000 pessoas É identificado o vírus da AIDS 	<ul style="list-style-type: none"> Explosão de reator nuclear em Tchernobil, Ucrânia; 133.000 pessoas são evacuadas; nuvens radioativas atingem toda a Europa Mikhail Gorbachov torna-se o primeiro ministro da União Soviética 	<ul style="list-style-type: none"> Massacre da Praça Tiananmen na China; são mortos de 300 a 400 estudantes pró-democracia Terremoto na Armênia mata mais de 40.000 pessoas É derrubado o Muro de Berlim O parlamento soviético vota a liberdade de crenças religiosas 	<ul style="list-style-type: none"> A Guerra Fria chega formalmente ao fim Guerra do Golfo Pérsico Inicia-se a era da Internet pública É aberto o Túnel da Mancha, ligando a Inglaterra e a França 	<ul style="list-style-type: none"> Nelson Mandela torna-se o primeiro presidente negro da África do Sul 	População mundial: 4,454 bilhões									5,276 bilhões		
--	--	---	--	---	--	----------------------------------	--	--	--	--	--	--	--	--	---------------	--	--

Howard W. Hunter (Presidente da Igreja, 5 de junho de 1994)

Gordon B. Hinckley (Presidente da Igreja, 12 de março de 1995)

- Morre o Presidente Howard W. Hunter (3 de março); Gordon B. Hinckley torna-se o 15º Presidente da Igreja, com Thomas S. Monson e James E. Faust como conselheiros (12 de março)
- A Primeira Presidência e o Quórum dos Doze Apóstolos divulgam "O Cristo Vivo: O Testemunho dos Apóstolos" (1º de janeiro)
- Os Setentas de Área são organizados em três novos quóruns (5 de abril)
- A maioria dos membros da Igreja mora fora dos Estados Unidos (28 de fevereiro)
- Fim do chamado de representante regional; é anunciada a nova posição de Setenta de Área (1º de abril)
- Os membros da Igreja de todo o mundo comemoram o 150º aniversário da jornada dos pioneiros mórmons para o Oeste
- Anunciada a construção de templos pequenos (4 de outubro)
- A Igreja lança o Serviço de Genealogia pela Internet FamilySearch (24 de maio)
- Última conferência geral realizada no Tabernáculo (2-3 de outubro)
- O Presidente Hinckley anuncia que haveria 100 templos em funcionamento ao fim do século XX (4 de abril)
- Primeira conferência geral realizada no novo Centro de Conferências (1-2 de abril); é dedicado o Centro de Conferências (8 de outubro)
- É dedicado o Templo de Boston Massachusetts, 100º templo em funcionamento (1º de outubro)
- A Primeira Presidência e o Quórum dos Doze divulgam "A Família: Proclamação ao Mundo" (23 de setembro)
- O número de membros da Igreja ultrapassa a marca de 11 milhões (setembro); há mais membros que não falam inglês do que membros que falam inglês
- Anunciado o Fundo Perpétuo de Educação (31 de março)
- O Templo de Nauvoo Illinois, reconstruído, é dedicado no aniversário de 158 anos do martírio do Profeta Joseph Smith e seu irmão Hyrum (27 de junho)

11.068.861

- Edifício do governo federal em Oklahoma City, Oklahoma, sofre atentado a bomba, com a morte de 168 pessoas
- Tropas americanas na Bósnia (até 1996)
- Indústrias tabagistas concordam em pagar 206 bilhões de dólares após decisão judicial relativa aos danos físicos provocados pelo fumo
- Audiências para o impeachment do Presidente William Clinton
- George Walker Bush, presidente 2001-2009
- Eleição presidencial mais disputada da história dos Estados Unidos; George W. Bush é declarado vencedor
- Depois de seqüestrarem aviões, terroristas lançam-nos contra o World Trade Center, em Nova York; o Pentágono, em Washington, D.C.; e num campo da Pensilvânia; mais de 3.000 pessoas morreram
- As Olimpíadas de Inverno realizam-se em Salt Lake City, Utah

281.421.906 (Censo de abril de 2000)

- O controle de Hong Kong volta à China
- O Panamá assume o controle do Canal do Panamá dos Estados Unidos
- Os australianos, por meio de referendo popular, optam por manter o monarca britânico como chefe de Estado, em vez de eleger um presidente
- Terremoto em Kobe, Japão, mata mais de 5.000 pessoas

6,79 bilhões



O Templo de Nauvoo, reconstruído



A IGREJA DE
JESUS CRISTO
DOS SANTOS
DOS ÚLTIMOS DIAS

PORTUGUESE



32480 059